Pe. SAINT-OMER, C. SS. R.

Escola da Perfeição Cristã

PARA

Seculares e Religiosos

Obra compilada dos escritos
de Santo Afonso Maria de Ligório,
Doutor da Igreja.

Vertida para o português segundo a edição alemã
do Pe. Paulo Leick

pelo

Pe. JOSÉ LOPES, C. SS. R.

IV EDIÇÃO

1955
EDITORA VOZES LIMITADA PETRÓPOLIS, R. J
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

PRÓLOGO

Antes de apresentar ao público esta obra inestimável do insign Doutor da Igreja S. Afonso Maria de Ligório, algumas palavras qu sirvam de introdução.

Que adianta ao homem ganhar o mundo universo se vier a per der sua alma? Esta pergunta de Cristo, a Sabedoria incriada, inculc a importância da alma humana e dá a razão e fim de nossa exis tência.

A questão que mais preocupa o homem é, foi e será sempre esta Mas por que eu vivo? Qual o fim de minha existência neste mundo Donde vim? Para onde vou? Tudo desaparece, tudo morre! E afi nal tudo é dirigido, ordenado, admiràvelmente disposto por um inteligência superior! Tudo serve a um fim, concorre para um pon to determinado, está submetido a uma vontade superior!... E eu tam bém estou sujeito a essa organização admirável do mundo e desapa recerei como tudo o mais. Mas, então?

A esta questão capital responde a razão, a filosofia: *Non omni moriar;* não, eu não desaparecerei de todo. Sinto em mim um ser eterno, uma coisa que não morre; percebo que deve existir uma vid além do túmulo, um futuro desconhecido que devo perscrutar, um sorte que me espera e que devo agora assegurar. Eis o fim da exis tência.

As fortes paixões do homem, as seduções dos bens do mundo as tentações de seu inimigo nato, o demônio, obscurecem, porém, su razão, e ele julga encontrar já aqui, neste mundo, sua pátria e sua fe licidade completa.

Daí a escola dos que dizem na teoria e ainda mais na prática: Coroemo-nos de rosas, busquemos os prazeres, as riquezas e honra deste mundo... Fujamos da pobreza, da mortificação, da humilda de... Qual sorte futura, céu, inferno, recompensa, castigo!... A vida é aqui!...

Gerações e gerações assim pensaram e já quase inteligência al guma desvendava a verdade e tinha sabedoria.

Veio então a este mundo o Verbo Eterno, para iluminar todas as inteligências. Toda a sua vida e missão pode se resumir na palavra por Ele mesmo pronunciada: *Eu vim para dar testemunho da verdade. — Eu vim para que os homens tenham a vida.*

Os mistérios todos d'além-túmulo foram-nos revelados e o nosso destino e missão na terra claramente expostos: Nossa felicidade ver dadeira está noutra vida, que só alcançaremos morrendo a esta. Com outras palavras, devemos renunciar ao velho homem, ao homem do pecado, e revestir-nos do novo homem, do homem da graça, para al cançarmos o céu, a felicidade completa e eterna.

Como, porém, se faz isto? Como deve operar-se essa transformação? Como se morre ao pecado? Como se reveste o novo homem?

A resposta a estas questões é o assunto da ASCÉTICA.

Que é ascética? O atleta emprega ascese para alcançar a *força* muscular; o budista, para chegar ao *nirvana;* o indu, para atingir o *brahma;* o estóico, para conseguir a *sabedoria;* o platônico, para chegar ao *ideal;* o neoplatônico, para se aprofundar na contemplação do *nous;* o homem moderno, para tornar-se *humanitário* ou *filantropo;* o cristão, para obter a *santidade*. Ascese é, pois, um exercício, um esforço, sujeição à disciplina; é um combate, uma guerra contra a própria natureza corrompida, contra tudo o que impede a perfeição e santificação. E' também uma exercitação ou emprego de todos os meios naturais e sobrenaturais para se alcançar a perfeição cristã.

Esses meios são sempre os mesmos. Há, porém, uma grande divergência entre os autores ascéticos na disposição e ordem em que se devem colocar esses meios para se atingir o fim, a santificação.

Como na exposição dos dogmas se nos depara uma escola agostiniana, dominicana, tomista, franciscana, jesuítica; como na explanação dos princípios da moral encontramos com uma escola rigorista, outra laxista, como o probabilismo, equiprobabilismo, probabiliorismo, etc., assim também na ascese se nos oferecem várias escolas: a de S. Inácio, a dos Sulpicianos, a de S. Francisco de Sales, a de S. Vicente de Paulo, para só citar algumas delas.

Entre esses vários sistemas, o mais perfeito e acabado, e ao mesmo tempo o mais simples e prático, nos parece ser o de S. Afonso. Não é que S. Afonso tenha uma ascese diversa dos outros santos, mas certas particularidades, disposição e sistematização que lhe são próprias. Todos têm, diz um autor muito entendido na matéria, essas mesmas coisas, não, porém, com a clareza, precisão e acentuação desse grande Doutor da Igreja.

Eis em que consiste o seu sistema:

Quase todos os escritores e escolas ascéticas assentam o edifício da perfeição cristã sobre as virtudes morais e colocam como pedra de fecho e coroa a caridade. S. Afonso procede diversamente. Ele começa com a caridade e faz seu discípulo praticar a humildade, a castidade, a paciência, a obediência, a abnegação por *amor*, sob a influência da caridade e não para alcançar essa mesma caridade.

Mas este amor de Afonso é um amor filial e não de escravo, acompanha-o por toda parte o *temor filial*, o medo de ofender a Deus e perder a caridade separando-se d'Êle. Ele diz: Eu sei que, enquanto eu amar Jesus Cristo, serei humilde, obediente, penitente, etc. Mas perseverarei nesse sentimento de amor? Daí esse cuidado meticuloso em todos os seus escritos de pedir instantemente a perseverança.

Como, porém, alcançar essa perseverança? Essa é uma graça que se não merece. A S. Afonso cabe o grande mérito de popularizar o sistema do grande luzeiro da Igreja, neste ponto, Agostinho. A perseverança alcança-se pela *oração*. Esse ensino de capital importância para a salvação foi por S. Afonso tornado prático e acessível ao povo e a toda a alma. Compenetrado do papel capital da oração

na economia da salvação, Afonso não escreve um livro, um tratado, uma carta, um sermão sem acentuar a necessidade e importância da oração, chegando a culminar seus ensinos nestas memoráveis palavras: Quem reza, se salva; quem não reza, se perde. Daí a grande esperança e confiança que suas obras fazem nascer até nos corações mais desalentados e endurecidos.

Esta confiança de salvação cresce de ponto pela introdução no seu sistema de *devoção a Maria Santíssima*, como a Mãe de misericórdia e o refúgio dos pecadores. Jesus é meu amor, Maria é minha esperança, é o refrão do Santo, o grito do filho à sua mãe. Sob as vistas de Maria, ele caminha intrépido até ao cimo da perfeição.

Este é o caminho seguido e traçado por S. Afonso para se chegar à perfeição e que o leitor achará explanado nas seguintes páginas. Começa com uma explicação do que é perfeição, fazendo-a consistir toda no amor de Deus. Mostra em seguida que esse amor é incompatível com o pecado, principalmente com o amor ao pecado, que se patenteia na tibieza e recaída nas mesmas faltas. Delineia em seguida o homem novo, enquadrando toda a perfeição em 12 virtudes principais. Remodelados assim, o homem aspira a subir mais alto e por amor a Deus pratica não só o que é de preceito, mas também o que é de simples conselho. Por isso vem um tratado próprio sobre os conselhos evangélicos. Finalmente trata o Santo dos meios auxiliares para se atingir a perfeição e santidade: a oração, a recepção dos SS. Sacramentos, as diversas devoções, a leitura espiritual, os exercícios espirituais.

E', pois, este livro um manual completo, o mais completo mesmo que conhecemos, sobre a vida espiritual, escrito em linguagem simples e clara, que satisfaz às grandes inteligências como aos simples fiéis.

O Santíssimo Redentor e a Santíssima Virgem que abençoem esta tradução e se encarreguem de sua difusão entre o povo brasileiro. Será uma mina de bênçãos e graças para todos que a lerem. Para se ver quão apreciadas são as obras deste Santo Doutor, basta dizer que sua "Prática de Amar a Jesus Cristo" só em francês, tem para mais de 151 edições; as "Visitas ao Santíssimo Sacramento" para mais de 194; as "Máximas Eternas" em italiano, para mais de 720 edições; as "Mais Belas Orações" para mais de 80, assim por diante. Essa obra traz no original o título "Pratique de la perfection mise à la portée des fidèles de toute condition", e teve imensa aceitação.

Julgamos ter prestado um grande benefício à nossa querida Pátria, vulgarizando os escritos de S. Afonso, de quem nos confessamos indigno filho e discípulo.

O Tradutor

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO PRIMEIRO

Essência da perfeição

§ I. A perfeição consiste no amor de Deus

Toda a santidade, toda a perfeição de nossa alma consiste em amar a Jesus Cristo nosso Deus, nosso Sumo Bem e Salvador. "Aquele que me ama será amado por meu Pai, pois o Pai mesmo vos ama, porque vós me amastes", diz Jesus Cristo (Jo 14, 21; 16, 27). Como nota S. Francisco de Sales, uns fazem consistir a perfeição em obras de mortificação, outros na oração, estes na recepção frequente dos Santos Sacramentos, aqueles no dar esmolas; todos esses, porém, se enganam: toda a nossa perfeição consiste no amar a Deus de todo o nosso coração. Essa é a razão por que o Apóstolo recomenda de modo especial a caridade e a denomina vínculo de perfeição: "Acima de tudo, porém, tende caridade, que é o vínculo da perfeição" (Col 3, 14); pois a caridade abrange e sustém todas as outras virtudes que aperfeiçoam o homem. E' esse igualmente o motivo da sentença de S. Agostinho: "Ama a Deus e faze o que te aprouver" (In epist. ad Parth. c. 7), pois, desde que uma alma ama a Deus, levada por esse amor, evitará tudo o que desagrada e fará tudo o que satisfaz a esse amável Salvador.

"A caridade é um grande e precioso bem", diz S. Bernardo (In Cant. 3, 8). Salomão, por sua vez, chama a sabedoria celeste que nada mais é senão a virtude do amor de Deus um tesouro inesgotável, que faz participante da amizade de Deus quem possui o amor de Deus. "Ela é um tesouro inexaurível para os homens; aqueles que dela gostam tornam-se partícipes da amizade de Deus" (Sab 7, 14). A caridade para com Deus, segundo S. Tomás é a rainha das virtudes; onde ela impera, reinam também todas as outras virtudes, que, por assim dizer, formam o seu cortejo, e das quais ela se serve para nos unir mais intimamente com Deus. A união formal, porém, de nossa alma com Deus é operada pela própria caridade, segundo as palavras de Bernardo "A caridade é uma virtude que une o homem a Deus"

Repetidas vezes atesta a Sagrada Escritura que Deus ama aqueles que o amam e que permanece neles e eles nele. "Eu amo aqueles que me amam" (Prov 8, 17). "Se alguém me ama, amá-lo-á meu Pai, e viremos a ele e nele estabeleceremos nossa morada" (Jo 14, 23). "Deus é a caridade e o que permanece na caridade permanece em

Deus e Deus nele" (Jo 4, 16). Esta é a bela união efetuada pelo amor; ele une nossa alma com Deus, isto é, com a perfeição infinita.

Além disso o amor outorga-nos a força de praticar e sofrer tudo por Deus. "Forte como a morte é o amor" (Cânt 8, 6). Para um grande amor nada há que seja difícil demais, diz Agostinho, pois, "onde há amor não há coisa penosa" (In Jo Tract. 48, 1), ou então essa mesma será amada e superada (De bon. vid., 21). Ouçamos o que diz S. João Crisóstomo a respeito dos efeitos produzidos na alma pelo amor divino: "Quando o amor divino tomou posse de uma alma, nela excita um desejo insaciável de trabalhar para o objeto amado e, mesmo que tenha praticado muitas e grandes obras, mesmo que já por muito tempo se tenha consagrado ao serviço de Deus, tudo lhe parecerá pouco, nada: sem interrupção se lastimará por ter feito tão pouco por Deus e julgar-se-ia feliz, caso lhe fosse permitido poder morrer e consumir-se inteiramente por ele. Tem-se em conta de inútil, mesmo praticando tudo o que está em suas próprias forças, visto ensinar-lhe o amor o que Deus merece. Ao brilho desta luz conhece a imperfeição de suas obras e nelas só encontra motivos de dor e confusão, considerando ser insignificante tudo o que faz por um Senhor tão grande".

Oh! se todos os homens compreendessem esta grande verdade: "Uma só coisa é necessária" (Lc 10, 42). Não é necessário possuir riquezas, ser considerado aos olhos do mundo, levar uma vida agradável, ocupar cargos honoríficos, ter fama de sábio; a única coisa necessária é amar a Deus e cumprir com a sua santa vontade. Unicamente para este fim fomos criados e Deus conserva a nossa vida; só sob esta condição poderemos conseguir a salvação, a perfeição e o céu. A cada alma que deseja unir-se a ele e tornar-se sua esposa, dirige o Senhor estas palavras: "Imprime-me como um sinete sobre teu coração, como um sinete sobre teu braço" (Cânt 8, 6), para que a mim dirijas todas as tuas ações e desejos; sobre o teu coração para que nenhum outro amor, além do meu, dele se apodere; sobre teu braço, para que em todas as tuas ações a nenhum outro alvo vises fora de mim. Oh! como se chega brevemente à perfeição, quando em todas as ações se tem em mira a Jesus Crucificado e só a ele se procura agradar.

Ninguém nos mostra melhor a excelência do amor de Deus do que S. Paulo, o grande panegirista desta rainha das virtudes: "Se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, mas não tivesse a caridade, seria como o metal, que soa, ou como o címbalo, que tine. E se tivesse toda a fé, até ao ponto de transportar montes, e não tivesse a caridade, nada seria. E se distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres e entregasse meu corpo para ser queimado e não tivesse a caridade, nada disto me aproveitaria" E em seguida dá ele os caracteres da verdadeira caridade e ao mesmo tempo indica as virtudes que implanta nos corações. "A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, e não opera levianamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga da injustiça, mas alegra-se com a verdade, sofre tudo, tudo espera, tudo suporta" (1 Cor 13, 7).

Do sobredito deduz-se que a perfeição consiste no amor de Deus. Note-se, porém, que o amor admite vários graus. O ínfimo grau, segundo S. Tomás (II-II, q. 184, a. 3, ad 2), consiste em não preferir ou mesmo igualar a criatura ao Criador. E' este o amor daqueles que observam os mandamentos de Deus, que obrigam debaixo de pecado mortal. O mais alto grau do amor consiste no consumir-se no exercício ininterrupto da caridade pela aplicação intensiva de todas as faculdades da alma. Não nos é dado, porém, alcançar esse grau de amor sobre a terra: é ele prerrogativa do céu. O grau médio consiste não na subordinação de todas as inclinações do coração à caridade, mas também no aproveitamento das mesmas na sua prática. Quem conseguir chegar a este ponto cumprirá perfeita, fácil e alegremente, em todas as suas obras, o preceito do santo amor. E' esta a mais alta perfeição possível aqui na terra e possui-a aquele cuja vontade está tão conforme com a de Deus, que se torna uma com ela.

§ II. A perfeição do amor divino consiste na conformidade com a vontade de Deus

Toda a nossa perfeição consiste em amar nosso Deus amabilíssimo. A perfeição desse amor, porém, consiste na união da nossa vontade com a vontade de Deus, pois como Dionísio Areopagita (De div. nom. 4) o declara, a ação principal do amor consiste em unir do modo mais estreito possível os corações amantes, de tal forma que só disponham de um só querer ou não querer. Portanto, quanto mais uma pessoa se unifica com a vontade de Deus, tanto mais Deus se conforma com ela. Como o ódio divorcia as vontades dos inimigos, assim o amor une as dos amantes. Assim diz S. Jerônimo que, quando uma pessoa só quer o que deseja a outra, elas se amam de fato mùtuamente. Isso leva o Sábio a dizer (Sab 3, 9) "Os que são fiéis em seu amor, obedecerão a ele". Almas que aderem a Deus com fidelidade, estão de acordo com tudo que é da vontade de Deus. Disso depreende-se a justeza da asserção de S. Francisco de Sales, que a piedade consiste na vontade firme de fazer tudo que se saiba ser agradável a Deus. O mesmo ensina S. Tomás (II-II, q. 82, a. 1) a piedade consiste na prontidão em fazer tudo que Deus de nós exige.

Para que uma coisa seja boa e perfeita, é preciso corresponder ao fim para que foi feita. Um instrumento é bom, quando serve ao operário em seu ofício; do contrário para que prestaria? Que faria um pintor com um pincel que resistisse à sua mão, seguindo para a esquerda quando o pintor o manejasse para a direita, elevando-se quando ele o abaixasse? Não seria ele imediatamente inutilizado? O homem foi colocado neste mundo ùnicamente para servir a Deus e glorificá-lo. Ora, só fazendo a vontade de Deus poderá o homem atingir o sublime destino; para que ele, pois, seja bom e perfeito, deve empregar sua existência em executar o que Deus quer. Fazer a própria vontade é seguir sua inclinação não é servir a Deus. Suponhamos que certa pessoa tem dois criados, dos quais um trabalha constantemente o dia todo, mas executando tudo conforme sua vontade; o outro faz menos que o primeiro, obedecendo pontualmente às ordens recebidas. Qual dos dois será mais estimado? Toda

a perversidade do pecado consiste justamente em se querer o que Deus detesta: é ele, no dizer de S. Anselmo, uma tentativa de roubar Deus sua coroa imperial. "Quem segue sua própria vontade contra a de Deus, rouba-lhe, por assim dizer, a coroa, diz o Santo, pois, como a coroa só compete aos reis, assim só a Deus compete seguir sua vontade independentemente de outros" Não querer se dirigir segundo a vontade de Deus, é mesmo uma espécie de idolatria, conforme as palavras de Samuel a Saul. "Não querer obedecer é como um crime de idolatria" (1 Rs 15, 23). E com razão, pois um tal homem adora sua própria vontade em vez da vontade divina. Ora, como toda a malícia da criatura consiste em opor-se a Deus, assim também toda a sua bondade está em fazer a sua santa vontade. No profeta Isaías Nosso Senhor dá o nome de "minha vontade" a uma alma que procura exclusivamente a sua complacência. "Serás chamada minha vontade nela" (Is 62, 4). Esta denominação é plenamente justificada, pois é só a vontade de Deus que vive naquele que renunciou à sua própria vontade. Quem desejar ser um cristão segundo o coração de Deus, deve executar sempre sua santa vontade. "Achei a David — diz o Senhor — homem segundo o meu coração, que fará todas as minhas vontades" (At 13, 22). De fato, este grande rei, como ele mesmo o assegura, estava sempre pronto a executar a vontade de Deus. "Pronto está meu coração, ó Senhor, pronto está o meu coração" (Sl 56, 8). Não deseja outra coisa de Deus senão que o ensine a cumprír com a sua vontade. "Ensinai-me a fazer vossa vontade" (Sl 142, 10). Feliz daquele que, com a Esposa dos Cânticos, puder dizer: "Minha alma se liquefez quando ele falou" (Cânt 5, 6). Como os corpos líquidos não têm forma própria, mas tomam a do vaso em que estão encerrados, assim as almas que amam a Deus não possuem mais vontade própria, mas se conformam em tudo com a de seu amado, ou antes, elas possuem um coração dócil, disposto a fazer tudo o que agrada a seu Senhor, em contraste com aqueles que a ele se opõe por disporem de um coração duro e resistente.

Como poderão nossas obras dar honra a Deus se não forem feitas segundo sua santa vontade? "Por acaso deseja o Senhor holocaustos e vítimas? e não antes que se obedeça à voz do Senhor?" (1 Rs 15, 22). Conforme essas palavras do profeta a Saul, a maior honra que podemos prestar a Deus é cumprir com sua vontade em todas as coisas. Foi, também, o que nos quis ensinar o Salvador com sua vinda a esta terra, onde veio estabelecer a glória de seu Pai: Rejeitastes as hóstias e oblações, porém preparastes-me um corpo.. Eis que venho, ó Deus, para fazer a vossa vontade (Heb 10, 5-7). As vítimas, que vos ofereciam os homens, vós as rejeitastes: quereis que vos sacrifique o corpo que me destes: eis-me, pois, pronto a cumprir vossa vontade" Nosso divino Salvador declarou repetidas vezes que viera ao mundo sòmente para fazer a vontade de seu Pai. "Eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 6, 38). Além disso asseverou reconhecer por seu irmão aquele que como ele fizer a vontade de seu Pai: "Todo aquele que cumprir a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão.. " (Mt 12, 50). Os santos, segundo o exemplo de seu divino Mestre, não ti-

nham outro intento em todas as suas ações, senão executar a vontade de Deus, sabendo que nisso consistia toda a perfeição. O Beato Henrique Suso dizia: "Deus não exige que tenhamos abundantes luzes, mas que nos sujeitemos em tudo à sua santa vontade". S. Teresa: "Na meditação não se deve procurar outra coisa que conformar a nossa vontade com a de Deus, inteiramente convencidos de que nisso está a suma perfeição; quem mais se assinalou neste ponto receberá de Deus as maiores graças e fará os maiores progressos na vida interior" (Cast. d'alm., trab. 2). A Beata Estefânia de Soncino, dominicana, tendo sido uma vez elevada em espírito ao céu, viu entre os serafins diversas santas que conhecera no mundo, e foi-lhe então revelado que alcançaram tão grande glória por terem perfeitamente exercido a conformidade com a vontade de Deus.

Devemos aprender dos habitantes do céu como devemos amar a Deus. O amor puro e perfeito de que estão possuídos para com Deus consiste na conformidade completa de sua vontade com a de Deus. Se soubessem os serafins ser vontade de Deus que durante toda a eternidade recolham a areia da praia do mar ou arranquem as ervas más de um jardim, fá-lo-iam com a maior alegria; precipitar-se-iam mesmo no inferno, caso fosse essa a vontade de Deus. Por isso ensina-nos Jesus Cristo pedir a graça de cumprirmos com a vontade de Deus aqui na terra como os anjos a cumprem no céu: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu" (Mt 6, 10).

Como nada possuímos que nos seja mais caro que a nossa vontade própria, o sacrificá-la é a coisa mais agradável que podemos oferecer ao Senhor, é justamente esse sacrifício que Deus sem cessar e tão encarecidamente exige de cada um de nós, quando diz: "Meu filho, dá-me o teu coração" (Sab 5, 9), isto é, a tua vontade. S. Agostinho diz: "A coisa mais agradável que podemos oferecer a Deus é dizer-lhe sinceramente: Tomai-nos a nós mesmos em possessão, a vós consagramos toda a nossa vontade; dai-nos a conhecer o que de nós exigis: estamos prontos a tudo executar". Quando a Deus se consagra a própria vontade, entrega-se-lhe tudo. Quem o faz senhor de seus bens dando esmolas, quem lhe dá seu sangue pelas disciplinas, seu sustento pelo jejum, dá-lhe só uma parte do que é seu; quem, porém, a Deus entrega sua vontade, dá-lhe tudo o que possui e pode dizer-lhe: Senhor, eu sou pobre, mas dou-vos tudo que tenho para dar; entregando-vos minha vontade, nada mais me fica de que possa dispor.

Para que, porém, este sacrifício seja completo deve ter duas propriedades: deve ser inteiro e, além disso, constante. Pessoas há que dão a Deus sua vontade, mas com certa restrição: tal dádiva não agrada muito a Nosso Senhor. Outros consagram-lhe sua vontade para mais tarde retomá-la; estes expõem-se a um grande perigo de serem abandonados por Deus. Para desviar de nós tal infelicidade, todos os nossos esforços, todas as nossas aspirações e orações devem visar a perseverança para que sempre queiramos o que Deus quer. Renovemos cada dia a consagração de todo o nosso ser a Deus e guardemo-nos de desejar qualquer coisa contrária aos desejos de Deus; desta maneira nos livraremos de toda a paixão, de todo o desejo e temor e de toda afeição desregrada. Um só ato de conformidade perfeita com

a vontade de Deus basta para nos elevar à santidade. Olhemos para S. Paulo. Na ocasião em que pretende perseguir a Igreja, é iluminado e convertido por Jesus Cristo. Que faz então Saulo? que diz ele? Uma só coisa: empenha-se em executar a vontade de Deus: "Senhor, que quereis que eu faça?" (At 9, 15) e desde logo chama-o o Senhor um instrumento escolhido para levar seu nome diante dos gentios.

Só poucos cristãos compreendem o que seja a verdadeira piedade. A maior parte segue suas inclinações: quando melancólicos, procuram a solidão; quando se sentem atraídos por uma vida ativa, se dedicam só às obras da salvação das almas; quando inclinados a uma vida austera, dão-se à penitência e mortificação; quando dispostos à generosidade, não poupam esmolas. Outros dedicam-se com todo o afinco à oração vocal ou pias romarias e fazem consistir nisso toda a santidade. Ora, todos estão enganados: as obras externas são realmente frutos do amor de Jesus Cristo, não constituem, porém, a essência da caridade, que está toda na inteira conformidade com a vontade divina: ela requer que se renuncie a si mesmo e em tudo se busque aquilo que mais agrada a Deus, e isso mesmo só porque Deus o merece e quer. Os que fazem consistir a santidade no acúmulo de penitências, na recepção frequente da santa comunhão, na recitação frequente de orações vocais, enganam-se peremptòriamente. A perfeição e santidade, mais uma vez, não consiste nessas coisas. Segundo S. Tomás (II-II, q. 81, a. 1), ela está toda na sujeição à vontade de Deus: submetendo-lhe o nosso espírito, honramo-lo sumamente e nisso consiste a nossa perfeição. Penitências, orações, comunhões são coisas boas só porque Deus as quer: não sendo conforme a sua santa vontade, longe de lhe serem agradáveis, detesta-as e pune-as. Essas coisas todas são, portanto, só meios que nos unem à vontade de Deus e não à mesma santidade e perfeição, que consiste toda na prática daquilo que Deus de nós exige, seja o que for. Numa palavra: a vontade de Deus é a norma de todo o bem e de toda a virtude; desde que ela é santa, santifica tudo, mesmo as ações mais indiferentes, contanto que sejam praticadas com o fito de agradar a Deus. Com toda a razão, pois, disse um grande servo de Deus que devemos antes nos empenhar em fazer a vontade de Deus que em procurar a honra e glória de Deus, porque, cumprindo com sua vontade, procuramos também sua glória, ao passo que, querendo trabalhar para a honra de Deus, muitas vezes nos enganamos a nós mesmos, fazendo nossa própria vontade sob o pretexto de procurar a glória de Deus.

Do sobredito deduz-se fàcilmente que se quisermos nos fazer santos devemos empregar todas as nossas forças em executar a vontade de Deus e não a nossa própria, pois todos os mandamentos e conselhos de Deus têm por fim mover-nos a fazer e padecer tudo o que Deus quiser e do modo que ele quiser. Logo, toda a perfeição pode ser resumida nas seguintes palavras: Fazer tudo o que Deus quer, querer tudo o que Deus faz e com a única intenção de contentá-lo. Não é, pois, verdade que todos podem se tornar santos, quer homens, quer mulheres, quer jovens, quer anciãos, quer virgens, quer mães de família, quer ricos, quer pobres, quer reis, quer súditos, quer pa-

trões, quer operários e criados, quer negociantes, quer soldados, quer senhores, quer empregados públicos?

Se quisermos, portanto, agradar por completo ao coração de Deus, procuremos não só nos conformar em tudo com sua santa vontade, mas nos unificar mesmo com ela. Tornamo-nos "conformes" com a vontade de Deus se dermos à nossa vontade a mesma direção que a da vontade divina; tornamo-nos "um" com ela se de ambas as vontades fizermos uma só, querendo exclusivamente o que Deus quiser, ou antes, renunciando por inteiro à nossa vontade própria de tal forma que só a vontade de Deus fique em pé, tornando-se ela a nossa. Esta é a suma perfeição a que devemos aspirar incessantemente e deve ser o fito de todas as nossas obras, desejos, meditações e orações. Para que essa nossa aspiração seja, porém, eficaz, devemos invocar a assistência de nossos santos Padroeiros, dos Anjos Custódios, de S. José e principalmente da divina Mãe. A Santíssima Virgem foi a mais perfeita criatura dentre todos os santos, porque foi a que cumpriu sempre com a vontade de Deus do modo mais perfeito possível.

O Pe. João Tauler narra a seguinte história ocorrida com ele mesmo. Durante muitos anos pedira fervorosamente ao Senhor que lhe enviasse alguém que o instruísse na vida espiritual. Um dia ouviu uma voz que lhe dizia: Dirige-te a tal igreja: lá encontrarás o que desejas. O Padre obedeceu e à porta da igreja indicada encontrou um mendigo, descalço, envolto em trapos, a quem saudou dizendo: Bom dia, amigo. — Obrigado, Sr., respondeu-lhe o mendigo, não me lembro, porém, de ter jamais tido um mau dia. — Pois então, conceda-lhe Deus uma vida feliz. — Nunca fui infeliz, graças a Deus. Ouça-me, Padre. Não foi sem razão que eu disse nunca ter tido um mau dia, pois, se tenho fome, louvo ao bom Deus; se chove ou neva, bendigo-o; se alguém me despreza, me despede, ou se tenho de suportar outros padecimentos, louvo por isso o Senhor. Disse também que nunca fui infeliz, o que é igualmente verdade, pois que estou acostumado a querer incondicionalmente o que Deus quer. Tudo o que vem sobre mim, seja agradável ou desagradável, recebo com alegria de suas mãos como a coisa melhor para mim, e isso constitui minha felicidade. — Mas se Deus quisesse condenar-te, que dirias então? — Se Deus assim o quisesse, com humildade e amor prender-me-ia tão estreitamente a ele que, precipitando-me no inferno, arrastá-lo-ia comigo e junto dele achar-me-ia tão feliz no inferno como sem ele infeliz no céu. — Onde encontraste a Deus? — Achei-o quando abandonei as criaturas. — Quem és tu? Um rei. — Onde tens teu reino? Em meu coração, onde reina a ordem, pois minhas paixões obedecem à razão e minha razão a Deus. Como conseguiste tal perfeição? Calando-me diante dos homens para me entreter com meu Salvador e conservando-me continuamente unido a Deus, em quem acho meu descanço e toda a minha felicidade. Assim, por sua conformidade com a vontade de Deus, conseguira esse mendigo uma grande perfeição e apesar de sua pobreza sentia-se mais rico que todos os príncipes do mundo e, não obstante seus padecimentos, mais feliz que todos os mundanos na posse das alegrias terrestres.

O' meu Deus, eu vos agradeço haverdes-me feito tão fácil o caminho da perfeição. Estou resolvido doravante a caminhar por ele ajudado com vossa graça. Com esta intenção me uno sem reserva à vossa vontade que é toda santa, toda boa, toda bela, toda perfeita, toda amável. O' vontade de meu Deus, como me és cara! Unido a ti, quero viver e morrer. O que te agrada deve também agradar-me, teus desejos devem ser também os meus. Meu Deus, meu Deus, ajudai-me, fazei que doravante só viva para querer o que quereis, para executar ùnicamente a vossa amável vontade. Maldigo os dias em que, com vosso desgosto, fiz a minha vontade. Amo-te, ó vontade de meu Deus, amo-te tanto quanto ao próprio Deus, pois que és o mesmo Deus.

CAPITULO SEGUNDO

Felicidade que nos procura a perfeição

Se Nosso Senhor te concede o desejo da perfeição, é um sinal de que te chama à verdadeira felicidade. Deus tem sempre em vista em todas as suas ações o nosso maior bem. Poderemos achar um amigo que nos ame mais que nosso Deus? "Ele não quer que alguém se perca, mas que todos façam penitência" (2 Ped 3, 9), para que todos se salvem, "pois esta é a vontade de Deus, vossa santificação" (1 Tes 4, 3). Deus faz consistir sua honra em nos fazer felizes, pois a bondade é a sua natureza, na expressão de S. Leão. Ora, como à essência da bondade é próprio o comunicar-se, tem Deus um desejo infinito de fazer as almas participantes de sua bondade e bem-aventurança. Sendo ele infinitamente feliz e a perfeição mesma, quanto mais intimamente uma alma se unir a ele, tanto mais perfeita e feliz se tornará. A perfeição torná-la-á feliz na vida, na morte e sobretudo na eternidade.

§ I. A perfeição nos torna verdadeiramente felizes na vida

Como já vimos, a perfeição consite na conformidade da nossa vontade com a vontade de Deus; nessa conformidade baseia-se também nossa felicidade, enquanto se pode falar de felicidade neste vale de lágrimas. Perguntado uma vez Afonso o Grande, rei de Aragão, qual o homem que julgava mais feliz, respondeu: O que se atém à vontade de Deus recebe tudo, quer agradável, quer desagradável, como um presente de sua mão. "Para os que amam a Deus todas as coisas concorrem para o bem" (Rom 8, 28). Os que amam a Deus estão sempre contentes, porque sentem prazer em executar a vontade de Deus, mesmo em coisas que os contrariam. Até os sofrimentos oferecem-lhes motivo de alegria, porque sabem que agradam a seu Senhor, suportando-os pacientemente. Nada, pois, impede-lhes a felicidade. "Nada contristará o justo, aconteça o que acontecer" (Prov 12, 21). Poderia haver maior felicidade para nós que ver realizados todos os nossos desejos? Ora, quem quer só o que Deus quer, vê a realização de todos os seus desejos, visto que tudo o que acontece é

por vontade de Deus. Lê-se na vida dos Padres do deserto que o campo de um pobre aldeão frutificava mais que o do seu vizinho. Perguntado pela causa, respondeu que era porque tinha sempre o tempo que precisava. Mas como é isso possível? Porque nunca desejo outro tempo que o que Deus me envia e porque desejo só o que Deus deseja, concede-me ele sempre os frutos que desejo.

Quando as almas que amam a Deus são humilhadas, recebem elas o que desejam, diz Salviano; quando são pobres, amam a pobreza e assim se contentam com tudo o que lhes sobrevém e isso torna-as felizes. Quando faz frio ou calor, quando chove ou venta, diz o que se conforma com a vontade de Deus: estou satisfeito com esse tempo porque Deus assim o quer. Visita-o a pobreza, a perseguição, a doença, a morte mesmo, ele se contenta com a vontade de Deus. Deseja ser pobre, perseguido e mesmo morrer, diz ele, porque Deus assim o determinou. Esta é a santa liberdade de que gozam os filhos de Deus e a qual mais apreciam do que todos os impérios e reinos deste mundo; esta é a paz bem-aventurada que é a prerrogativa das almas puras e que "excede todo o entendimento" (Filip 4, 7). Esta divina paz bem merece ser preferida a todas as festas, aos esplêndidos banquetes, às honras e alegrias terrestres de toda a espécie; ela supera imensamente todas aquelas satisfações que por momentos lisonjeiam os sentidos, mas que afligem o espírito por serem vãs e passageiras e não trazerem verdadeiro contentamento. Amargamente desiludido confessou por isso Salomão (Ecle 4, 16), depois de ter gozado de todas as alegrias terrenas, que só tinha achado nelas vaidade e aflição de espírito. "Un homem santo permanece em sua sabedoria, como o sol; um estulto, porém, muda-se como a lua" (Ecli 27, 12). O estulto, isto é, o pecador, é mutável como a lua, que ora cresce, ora decresce: hoje ri, amanhã chora; agora mostra grande mansidão, logo depois está furioso como um tigre. E por que tudo isto? Só porque seu humor depende de seu bem ou mal-estar. O justo, pelo contrário, permanece imutável como o sol, aconteça o que acontecer, porque acha o seu contentamento em se acomodar em tudo com a vontade de Deus; daí provém aquela paz inalterável que é sua partilha: "Paz na terra aos homens de boa vontade" (Lc 2, 4) ouviram os pastores os anjos cantar. Quais são esses homens de boa vontade, senão aqueles que em tudo se conformam com a vontade de Deus? (Rom 12, 2). "A vontade de Deus é boa, agradável e perfeita", pois Deus só quer o que é melhor e mais perfeito.

Os santos, conformando-se com a vontade de Deus, já na terra começaram a participar da felicidade celestial. Segundo S. Dosíteo, os Padres do deserto gozavam de uma grande paz interior, porque consideravam como vindas das mãos de Deus todas as coisas que lhes sucediam. S. Maria Madalena de Pazzi bastava ouvir a palavra "vontade de Deus" para entrar logo em êxtase, tão grande era a alegria que dela se apossava. É verdade que a virtude não nos torna insensíveis e que as contrariedades ocasionam sempre certa apreensão, mas isto só se dá na parte inferior da alma, ao passo que na superior reina a paz e tranquilidade, contanto que nossa vontade se conforme com a de Deus. "Ninguém vos roubará vossa alegria" (Jo 16, 22), disse

o Salvador a seus apóstolos, e ainda: "Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa" (Jo 16, 24). Aquele que sempre visa executar a vontade de Deus goza de uma felicidade completa e constante, porque possuirá tudo o que deseja e porque ninguém lha poderá roubar, visto que ninguém pode impedir que se realize a vontade de Deus.

Quão grande é a loucura daqueles que não querem submeter-se à vontade de Deus! Não padecerão menos por isso, pois ninguém pode frustrar os desígnos de Deus. "Quem poderá resistir à sua vontade?" (Rom 9, 19). Se Deus nos envia tribulações é em vista de um bem superior e porque isso é melhor para nós. "Para os que amam a Deus, todas as coisas cooperam para o bem" (Rom 8, 28). A virtuosa Judite nos atesta que o Senhor não nos castiga com a intenção de nos perder, mas de nos corrigir e tornar felizes: "Devemos pensar... que os flagelos do Senhor devem servir para a correção e não para a punição" (Jdt 8, 27). Para nos preservar das penas eternas, protege-nos Deus com sua boa vontade como com um escudo. "Senhor, coroastes-nos com o escudo de vossa boa vontade" (Sl 5, 13). Deus não só mostra desejo de nossa salvação, mas também cuida sèriamente disso. "O Senhor é solícito por mim" (Sl 39, 18). O que nos poderá negar esse Deus que nos deu seu Filho unigênito? pergunta S. Paulo. "Aquele que não perdoou a seu próprio Filho, mas entregou-o por nós todos, como não nos haviá de dar como ele todas as coisas?" (Rom 8, 32).

Com que confiança, pois, não nos devemos pôr à disposição da divina Providência, visto que todas as suas determinações visam o nosso bem. Digamos portanto, em tudo o que nos acontecer: "Dormirei e descansarei em paz, porque vós, Senhor, me confirmastes de um modo singular na esperança" (Sl 4, 9). Entreguemo-nos em seus braços: ele cuidará carinhosamente de nós. "Lançai nele toda a vossa solicitude, porque ele cuida de vós" (1 Ped 5, 7). Pensemos sòmente em Deus e no cumprimento de sua vontade, que ele pensará em nós e cuidará de nosso bem. "Minha filha, pensa sempre em mim, que eu pensarei sem cessar em ti", disse um dia o Senhor a S. Catarina de Sena. Digamos muitas vezes com a Esposa dos Cânticos: "Meu Bem Amado é meu e eu sou dele" (Cânt 2, 6). Meu Bem Amado ocupa-se de meu bem-estar e eu quero ocupar-me em agradá-lo e em conformar-me em tudo com sua santa vontade. "Não devemos pedir a Deus que ele faça a nossa vontade, mas que ele nos conceda a graça de fazer o que ele deseja", diz S. Nilo Abade. Se nos acontecer alguma coisa incômoda, recebamo-la das mãos de Deus, não só com paciência, mas mesmo com alegria, seguindo o exemplo dos Apóstolos, que se julgavam felizes quando padeciam pelo nome de Jesus.

Poderá uma alma sentir maior felicidade que sofrendo alguma pena? Não é certo que aceitando-a resignada causará grande alegria a Nosso Senhor? Está fora de tôda dúvida que Deus satisfaz-se com o desejo de padecermos por amor dele; segundo os mestres da vida espiritual, porém, ele dá a preferência àqueles que não desejam nem alegria nem sofrimento, mas que se entregam inteiramente à sua di-

viva vontade, não desejando outra coisa que praticá-la em todos os seus atos.

Se desejas, portanto, alma cristã, agradar verdadeiramente a Deus e gozar de uma vida feliz, permanece então sempre e em tudo unida à sua santa vontade. Pondera que todos os teus pecados de tua vida passada provinham únicamente de te haveres desviado da vontade de Deus. Procura doravante exclusivamente o beneplácito do Senhor e repete, toda a vez que te suceder algum mal: "Assim se faça, ó Pai, porque foi de teu agrado" (Mt 11, 26).

§ II. A perfeição nos torna felizes na morte

"As almas dos justos estão nas mãos de Deus e não as atingirá o tormento da morte; aos olhos dos ignorantes parecerão mortos, e sua morte será considerada uma aflição... eles, porém, estarão em paz" (Sab 3, 1). Os mundanos estultos julgam que os servos de Deus morrem tristes e descontentes como eles, mas enganam-se. Deus sabe consolar seus filhos na última hora e fá-los provar nas angústias da morte certa delícia, que é um antegozo do paraíso. Como os que morrem no pecado, já em seu leito de morte sofrem penas infernais, remorsos, temor e desespero, assim os santos, já antes da morte, começam a gozar daquela paz, que será sua partilha na eternidade, por meio de repetidos atos de amor e pelo desejo e esperança da breve posse de Deus. Para os santos é a morte antes uma recompensa que um castigo. "Quando der o sono aos seus bem amados, terão herança do Senhor" (Sl 126, 2). O fim daquele que ama a Deus é chamado sono e não morte e um tal pode dizer em verdade: "Dormirei e descansarei em paz nele mesmo" (Sl 4, 6).

O Pe. Suárez experimentou uma tal paz e sossego na sua última hora que exclamou, ao morrer: "Nunca pensei que o morrer fosse tão doce". Recomendando o médico ao Cardeal Barônio que não pensasse tanto na morte, respondeu-lhe: "Por que não? Julga que eu a temo? não, eu amo-a e não a temo". Quando o Cardeal Fisher caminhava para o patíbulo, onde devia morrer pela fé, revestiu-se com as suas melhores vestes, dizendo que ia para as bodas. Ao avistar o instrumento de sua morte, atirou fora seu bastão, exclamando: "Andai ligeiro, pés meus, andai ligeiro, pois já não distamos muito do céu". Entoou em seguida o Te-Deum em agradecimento do martírio e cheio de alegria entregou sua cabeça á espada do carrasco.

O que mais consola uma alma que ama a Deus, ao se lhe anunciar sua morte, é o pensamento de que em breve estará livre de tantos perigos de ofender a Deus, de tantas inquietações de consciência, de tantas tentações do demônio. A vida presente é uma guerra contínua com o inferno, na qual corremos, a cada instante, o perigo de perder a Deus e á nossa alma. S. Ambrósio diz que na terra só caminhamos sobre ciladas armadas por nossos inimigos a fim de nos roubarem a graça divina. Este pensamento levou S. Pedro de Alcântara a exclamar na hora da morte, ao tocá-lo um irmão: "Afasta-te, afasta-te, irmão, ainda estou vivo e, portanto, em perigo de perder a Deus". S. Teresa sentia-se consolada todas as vezes que ouvia o relógio dar ho-

ras, visto haver passado mais uma hora de combate. Por esse mesmo motivo alegravam-se os santos à notícia de sua morte próxima: nisso viam o fim de suas provações e perigos e o momento feliz da certeza de nunca mais perderem a Deus. "Alegrai-vos comigo, dizia ao morrer S. Catarina de Sena, alegrai-vos comigo por deixar esta terra de tribulações e dirigir-me à pátria da paz". Com que ânsia não deseja uma pessoa retirar-se de uma casa, cujas paredes ameaçam desabar, diz S. Cipriano. Pois bem, aqui neste mundo uma desgraça horrível ameaça de todas as partes a nossa alma: o mundo, o inferno, as paixões, nossos sentidos revoltosos, tudo nos quer induzir ao pecado e lançar-nos na morte eterna. "Quem me livrará deste corpo de morte?" (Rom 7, 24) exclama o Apóstolo. Que alegria, portanto, não sentirá a alma ao ouvir estas palavras: "Vem do Líbano, minha esposa... vem do covil dos leões. Vem, que serás coroada" (Cânt 4, 8). Vem, minha esposa, deixa esse vale de lágrimas, vem desse antro de leões que procuram engolir-te e roubar-te a minha graça.

E' para a alma um grande favor chamá-la Deus a si quando se encontra em estado de graça, tirando-a deste mundo onde poderia mudar de sentimentos e perder a amizade divina. Todo aquele que aqui vive em união com Deus é feliz. Mas como um navio, na expressão de S. Ambrósio, só se pode ter por seguro quando entrado no porto e escapo à tempestade, assim também uma alma só então se poderá julgar inteiramente feliz quando deixar esta vida em estado de graça. Se o navegante se julga feliz ao chegar ao termo de sua viagem, depois de superar grandes perigos, quanto mais feliz julgar-se-á aquele que dentro em pouco se verá seguro, na posse de sua eterna felicidade.

Os justos se regozijam com sua morte, porque ela é o fim de seu desterro. Segundo a expressão de S. Bernardo, é a morte a porta da vida. "Deve-se passar necessàriamente por esta porta para se chegar à pátria da visão beatífica". "Esta é a porta do Senhor; os justos entrarão por ela" (Sl 117, 20). S. Jerônimo se dirige à morte com as seguintes palavras: "Abre-me a porta, querida irmã; se não me abrires, não poderei passar e alegrar-me com a posse de meu Senhor". S. Carlos Borromeu, vendo em sua casa um quadro representando a morte sob a figura de um esqueleto com a foice na mão, mandou chamar um pintor, incumbindo-o de pintar uma chave de ouro, em vez da foice, para despertar em si o desejo da morte, que nos abre o céu para a visão de Deus. Este pensamento levou S. Bruno a dizer que não se deveria dar à morte o nome de morte, mas princípio de vida. Daí se origina também o costume da Igreja de chamar dia de nascimento o dia da morte dos santos, visto terem eles nascido nesse dia para aquela feliz vida que jamais terá fim.

O que, porém, coroa a felicidade do justo moribundo é a circunstância de sua breve entrada na posse do Senhor. Quanto não se alegrou o copeiro de Faraó ao ouvir de José que seria brevemente posto em liberdade e reassumiria seu antigo posto! E uma alma que ama a Deus não deveria se alegrar, ao saber que dentro em breve será libertada das cadeias que a prendem à terra e entrará na posse de Deus! "Enquanto estamos no corpo, somos peregrinos e ausentes do

Senhor" (2 Cor 5, 6). Enquanto estamos presos ao corpo, achamo-nos longe da visão de Deus e como fora de nossa pátria, em um país estranho. S. Francisco de Assis, pouco antes da morte, começou a cantar e exortou aos presentes que o fizessem também. Pai, ao morrer deve-se chorar e não cantar, disse-lhe o irmão Elias. Eu, de minha parte, não posso fazer outra coisa senão cantar, respondeu-lhe o santo, porque vejo que brevemente me acharei na posse do Senhor. S. Teresa, vendo, no seu leito de morte, que uma de suas filhas chorava, disse-lhe: Vou entrar na posse de Jesus Cristo, meu amor. Se na verdade me amais, alegrai-vos comigo. Narra o Pe. Luís de Granada que um caçador encontrou um eremita coberto de lepra, às portas da morte, mas que cantava alegremente. Como podes cantar em tal estado? perguntou-lhe o caçador. Ora, meu irmão, entre mim e Deus acha-se sòmente a frágil parede de meu corpo; vejo-a agora cair e com ela minha prisão, devendo em breve participar da visão de Deus, e não hei de alegrar-me e cantar? Levado por essa saudade e desejo da visão beatífica, S. Inácio Mártir afirma que, se os animais ferozes se negassem a devorá-lo, incitá-los-ia a isso. S. Catarina de Gênova não suportava que se desse à morte o nome de desgraça, e dizia: "O' morte querida, quão pouco te sabem apreciar. Por que não me visitas, suspirando eu por ti dia e noite?" S. Teresa desejava tão ardentemente morrer, que quase morria por não poder morrer. Da mesma maneira se exprimia S. Paulo, afirmando ser Cristo sua vida e a morte um lucro, porque só ela podia fazê-lo participante dessa sua vida: "Para mim o viver é Cristo e o morrer um lucro" (Filip 1, 21).

E, de fato, que coisa poderia prejudicar na morte a felicidade do justo? Talvez a lembrança dos pecados cometidos? Não, porque, mesmo quando atribulado por uma tal recordação, não se inquieta, porque em seu arrependimento encontrará um penhor do perdão, desde que o Senhor prometeu esquecer para sempre todos os delitos do pecador penitente. S. Basílio, à pergunta: quando poderá um cristão estar convencido que o Senhor lhe perdoou os pecados, responde: Quando ele puder dizer: eu odeio e detesto os meus pecados, pois todo aquele que odeia o pecado pode ter certeza do perdão. O coração humano não pode viver sem amar: ou ama as criaturas ou a Deus. Ora, se já não ama as criaturas, ama necessàriamente a Deus. Quem ama a Deus? O que guarda os seus mandamentos. "Aquele que conhece os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama" (Jo 14, 21). Quem, por conseguinte, morre na observância dos preceitos de Deus, morre na dileção do Senhor, e nada tem a temer. "A perfeita caridade expele o temor" (1 Jo 4, 18).

Mas nem as dores e sofrimentos que precedem a morte impedirão a felicidade do justo? Nem elas, pois que não podem roubar-lhe a paz. Os justos chegados ao termo da vida, não lhes restando mais tempo para sofrer por Deus e testemunhar-lhe seu amor, recebem alegremente todas as dores, oferecendo-as a Deus como última prova de seu amor; unem sua morte à de Jesus Cristo e assim oferecem à Majestade divina o maior e mais agradável sacrifício. S. Agostinho mui belamente o diz: A morte, que na lei natural era a pena do pecado, é na

lei da graça um sacrifício expiatório, pelo qual podemos nos certificar da remissão de nossos pecados.

E o inferno não turbará essa feliz paz? Os poderes infernais não deixarão de tentar e assaltar os santos na hora da morte, mas também Deus não deixará de assistir a seus servidores e prestar-lhes auxílio duplo nessa hora suprema. "Quanto maior for o perigo, tanto maior será o socorro", diz S. Ambrósio (De Joseph pat., c. 5). Quando o servo de Eliseu viu cercada de inimigos a cidade em que se achava com o profeta, deixou-se levar por grande temor. O santo, porém, encorajou-o, dizendo-lhe: "Não temas, mais estão conosco que com eles" (4 Rs 6, 16). Mostrou-lhe então um exército de anjos que Deus enviara para defendê-los. Não resta dúvida: os demônios virão e tentarão o moribundo, mas também virá o anjo da guarda para fortalecê-lo; virá a divina Mãe para expulsar os inimigos e tomar sob sua proteção seus servos fiéis; virá em especial Jesus Cristo para amparar sua ovelhinha remida com seu sangue. Ele infundirá no seu coração confiança e força, e, assim animada e fortalecida, exclamará ela: "O Senhor tornou-se o meu auxiliador" (Sl 29, 11). "O Senhor é minha luz e minha salvação: quem temerei?" (Sl 26, 1). Deus tem mais a peito a nossa salvação que o demônio a nossa perdição, pois maior é o amor de Deus para conosco que o ódio do demônio contra nós, diz Orígenes. "Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças", diz S. Paulo (1 Cor 10, 13). Talvez me objete alguém: Muitos santos, na hora da morte, sentiram grande temor a respeito de sua salvação. Respondo que só poucos exemplos há de pessoas que morreram com esse temor depois de uma vida piedosa. Segundo Vicente de Beauvais, Deus assim procede com alguns para purificá-los ainda mais de alguma falta. Contudo, lê-se na vida de quase todos os servos de Deus que eles morreram sorrindo.

§ III. A perfeição nos torna felizes na vida futura

Não há dúvida alguma que os santos, no paraíso, serão recompensados muito acima dos seus merecimentos, segundo se lê em S. Lucas (Lc 6, 38): "Dar-se-vos-á uma boa medida, bem cheia, recalcada e acogulada", e S. Paulo: "Tenho por certo que os sofrimentos da vida presente não têm proporção alguma com a alegria futura que se manifestará em nós" (Rom 8, 18). Apesar disso os santos não participarão, em grau igual, da visão beatífica, pois não tendo todos o mesmo grau de santidade e méritos, não podem ser recompensados igualmente. Esta verdade é confirmada pela Sagrada Escritura, na qual nos afirma o Salvador que na casa de seu Pai existem muitas moradas (Jo 14, 2). O mesmo nos diz S. Paulo: "Uma estrela difere da outra em claridade: o mesmo se dá com a ressurreição dos mortos" (1 Cor 15, 41) e em outro lugar: "Cada um receberá sua recompensa segundo o seu trabalho" (1 Cor 3, 8). No mesmo grau que uma alma ama a Deus aqui na terra o amará também no céu. Contudo, existe uma dupla diferença: na terra amamos com liberdade, no céu por necessidade; no céu, ainda que o amor em sua essência seja o mesmo que na terra, será ele muito mais intensivo e perfeito que na vida presente. Esforcemo-nos, pois, em amar a Deus com todas as nossas

forças e para isto excitemos em nós muitas vezes a caridade e conformemo-nos em tudo, mas em especial nas contrariedades da vida, com a santíssima vontade de Deus. Trabalhemos também para inflamar os corações dos outros com este santo amor. Mais que tudo, porém, peçamos incessantemente ao Senhor que aumente em nós o seu amor, pois essa graça nos será negada se deixarmos de a pedir. Digamos por isso muitas vezes: O' meu Deus, dai-me vosso amor e nada mais de vós desejo. Dai-me vosso amor e em mim aumentai-o até ao último instante de minha vida. Fazei que eu vos ame aqui na terra cada vez mais, para vos amar então por toda a eternidade. O' meu Jesus, atraí-me inteiramente a vós, para que nada busque fora de vós, nada deseje senão a vós. O' meu amado Salvador, fazei que eu pertença inteiramente a vós. Arrancai-me toda a inclinação que não se refira a vós. Concedei-me o dom de vosso puro amor, de um amor isento de todo o apego terreno. Prendei-me cada vez mais a vós com os laços de vosso santo amor.

Uma alma que aspira à perfeição deve fazer sacrifícios: deverá suportar toda a espécie de aflições, dores e perseguições. Esses sofrimentos todos cessarão, porém, uma vez. "Vossa tristeza converter-se-á em alegria" (Jo 16, 20), diz Nosso Senhor. Essa alegria será tanto maior quanto maiores tiverem sido os sofrimentos. "Segundo a multidão de minhas dores em meu coração, as tuas consolações alegraram a minha alma" (Sl 93, 19). Oh! que delícias gozarão as almas no paraíso! Segundo o testemunho de S. Paulo são elas inenarráveis: "O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais experimentou o coração do homem o que preparou Deus àqueles que o amam" (1 Cor 2, 9). Deverei dizer-vos alguma coisa do céu? pergunta S. Bernardo, e responde: Lá nada existe que desagrade, mas tudo que pode satisfazer.

Tendo a alma entrado na bem-aventurança de Deus, nada mais encontrará que a desgoste, nada mais que a possa afligir. "E Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos e não haverá mais nem morte, nem luto, nem dor alguma, porque as primeiras coisas passaram" (Apoc 21, 4). No céu não há doença alguma, nem pobreza, nem adversidade de espécie alguma. Lá não haverá mudança de dias e noites, de frio e calor; lá existirá uma primavera eterna e a todos os respeitos deliciosa. Não haverá perseguição e inveja, já que aí todos amar-se-ão ternamente; cada um se alegrará tanto com a felicidade do outro como com a própria. Lá não haverá mais temores, pois a alma confirmada em graça não poderá mais perder a Deus. "Eis que faço novas todas as coisas". Tudo é novo, tudo nos alegra e satisfaz. Os olhos regozijar-se-ão com a vista dessa cidade de incomparável beleza. Que admiração não se apoderaria de nós, se víssemos uma cidade calçada de cristal, com palácios de pura prata forrados de ouro e ornados da maneira mais aprazível com jarros das mais esquisitas flores! Oh! quanto não fica acima disso a Jerusalém celeste Que encanto ver os habitantes do céu vestidos com pompa real, pois lá haverá tantos reis quantos os moradores, segundo S. Agostinho. Que delícia ver a Santíssima Virgem, mais bela que todo o céu. Que prazer então ver o Cordeiro de Deus, Jesus, o esposo das almas. S. Teresa teve

uma vez a dita de ver uma mão do Salvador glorificado, sendo tão grande sua beleza que a santa entrou em êxtase. Perfumes esquisitos e fragrâncias paradisíacas nos deleitarão nos céus. Deliciarão nossos ouvidos harmonias sobrenaturais. Um anjo fez S. Francisco ouvir uma só melodia celeste, sentindo-se o santo desfalecer de gozo. Que será então quando se ouvir cantar os coros dos anjos e santos? Que será então ouvir a Santíssima Virgem louvar a Deus? A voz de Maria no céu assemelha-se à do rouxinol, que sobrepuja à de todos os outros pássaros, nota S. Francisco de Sales. Numa palavra: o paraíso é o complexo de todas as alegrias imagináveis.

E contudo essas alegrias todas são os menores bens do céu. O que constitui pròpriamente o céu é o Sumo Bem, é Deus. "Tudo o que esperamos está contido em duas sílabas, Deus", diz S. Agostinho (In Jo X, tract. 4). A recompensa que Deus promete não consiste pròpriamente em belezas, harmonias e alegrias para os sentidos; a recompensa principal que nos espera é Deus mesmo; ela consiste, em especial, na visão e amor de Deus. "Eu sou tua recompensa excessivamente grande", disse Deus a Abraão (Gn 15, 1). Se Deus se mostrasse aos condenados, no mesmo instante o inferno tornar-se-ia um paraíso, diz S. Agostinho.

Tudo o que a alma vir em Deus causar-lhe-á grande alegria: compreenderá quão justos foram seus juízos, quão sábia a diretiva de sua Providência, que visava em tudo ùnicamente a honra de Deus e a salvação das almas; conhecerá tudo o que lhe diz respeito, verá o amor imenso de Deus para consigo, tornando-se homem por sua causa e sacrificando-se na cruz; perceberá o excesso de bondade, o mistério da cruz, que levou o próprio Deus a fazer-se escravo e a deixar-se condenar como um malfeitor à morte da cruz; desvendará a imensidade do amor recôndito no mistério da Eucaristia, onde Deus torna-se o sustento de suas criaturas debaixo das espécies sacramentais; ser-lhe-ão apresentadas todas as graças e favores com que foi cumulada e que até então ignorava; ser-lhe-á desvendada a grandeza da misericórdia com que foi tratada pelo Senhor, já esperando sua conversão, já perdoando sua ingratidão; ser-lhe-á patenteado o número das vezes que o Senhor a chamou e a esclareceu e sua liberalidade em prestar-lhe apoio; convencer-se-á de que as adversidades, doenças, perdas de bens e parentes, em vez de duras penas, foram amorosas admoestações do Senhor para induzi-la a amá-lo perfeitamente Numa palavra, tudo o que seus olhos virem a induzirá ao conhecimento da bondade infinita de Deus e de sua infinita amabilidade.

O que faz, entretanto, a alma plenamente feliz no céu é a visão de Deus face a face. Com esta visão adquire um claro conhecimento da beleza infinita de Deus e de todas as suas perfeições que o tornam digno de um amor infinito. Assim não pode deixar de amá-lo com todas as suas forças, amá-lo incomparàvelmente mais que a si mesmo, esquecendo-se de si e nada mais desejando que ver feliz o seu Deus, o seu esposo muito amado. Sabendo que Deus, o único objeto de todas as suas afeições, goza de uma felicidade imensa, essa felicidade de seu Deus constitui seu paraíso e se ela fosse capaz de um ato infinito, sentiria com isso uma alegria infinita. Ora, como a criatura é incapaz

de experimentar uma alegria infinita, isso bastará para satisfazê-la e contentá-la de tal modo que nada mais deseja. Esta é aquela saciedade por que suspira o salmista, quando diz: "Serei saciado quando aparecer a tua glória" (Sl 16, 15). Assim se realizam as palavras do Senhor: "Entra na alegria de teu Senhor" (Mt 25, 21). Nosso Senhor não diz que a alegria deve entrar na alma, pois trata-se aqui de uma alegria infinita, de que uma criatura é incapaz; mas sim que a alma deve entrar na alegria de seu Deus para dela participar e de um modo tão abundante que se torna inteiramente cheia dessa alegria. Donde se deduz que o ato de amor perfeito na oração consiste em nos alegrarmos com a bem-aventurança infinita de Deus. Ora, sendo esta a ocupação constante dos santos no céu, uma alma que muitas vezes produz atos de tal amor, começa aqui na terra a fazer o que praticará por todo o sempre lá no céu.

O amor em que se abrasam os santos no céu é tão grande que, se pudessem temer perder a Deus ou não poder amá-lo com todas as forças, o céu se lhes transformaria num inferno intolerável. Isso, porém, não se pode dar, pois têm tanta certeza de amar a Deus com todas as suas forças e de serem amados por ele para todo o sempre, como da imutabilidade e indefectibilidade de Deus. Por maiores e mais duráveis que sejam as alegrias desta terra, causam sempre enfado quando se protraem por muito tempo; as alegrias celestes, porém, tanto mais apreciadas serão quanto mais forem gozadas e assim os santos sempre as apetecerão e sempre as gozarão, ainda que estejam sempre saciados com sua posse. O doce canto com que os santos louvam e agradecem a Deus é chamado um novo canto: "Cantai ao Senhor um novo cântico" (Sl 27, 1), e a razão é porque as delícias do céu parecem tão novas como quando se entra na sua posse.

Com toda a razão, diz por isso S. Agostinho que se requereria um trabalho infinito se se tivesse de merecer, no sentido restrito da palavra, esta felicidade. Relativamente pouco fizeram os eremitas com todas as suas penitências e orações para merecerem as alegrias celestiais, assim como tantos santos deixando suas famílias, suas riquezas, e mesmo um trono, tantos mártires sofrendo os horrores do cavalete, as couraças candentes e outras espécies de tormentos.

Procuremos nós ao menos suportar com resignação os padecimentos que Deus nos enviar, pois, ao entrarmos no céu transformar-se-ão eles em outras tantas alegrias infinitas. Se nos sobrevierem doenças, dores ou outras adversidades, levantemos os olhos para o céu e digamos: Todos estes sofrimentos terão seu termo e espero ver a Deus e gozá-lo eternamente. Animemo-nos a suportar todos os padecimentos deste mundo. Feliz daquele que, à hora da morte, puder dizer com Santa Águeda: "Senhor, recebei minha alma, vós que tirastes de meu coração o amor ao mundo e nele implantastes o vosso santo amor". Suportemos todas as cruzes e tenhamos em pouco tudo o que é transitório. Jesus nos espera com a coroa na mão para fazer-nos príncipes da corte celeste se lhe permanecermos fiéis.

CAPÍTULO TERCEIRO

Tendência à perfeição

§ I. Utilidade e necessidade dos santos desejos

O meio principal para se atingir a perfeição e viver inteiramente para Deus consiste num grande desejo de adquiri-la. Como um caçador que pretende atirar num pássaro voando precisa fazer a pontaria adiante de sua presa, assim também para se alcançar uma perfeição inferior é necessário aspirar ou visar uma perfeição mais alta, a santidade. "Quem me dará asas, como as da pomba, para voar a meu Senhor e, livre de todo o apego mundano, nele descansar?" (Sl 54, 7). Os santos desejos são essas asas com as quais se elevam acima deste mundo as almas santas e conseguem o ápice da perfeição, gozando daquela paz que não se encontra neste mundo. Mas como podem esses santos desejos elevar uma alma até Deus? Responde-nos S. Lourenço Justiniano: "Os santos desejos aumentam as forças e aliviam as fadigas do caminho da perfeição. Quem não tem mais desejos da perfeição, também nada fará para alcançá-lo. Quem vê um monte muito alto, em cujo cimo se acham escondidos grandes tesouros, mas que não lhe movem a cobiça, certamente não dará um passo para atingir seu cume, e ficará inerte ao sopé do mesmo. Assim também aquele, que nem sequer acalenta o desejo de possuir o tesouro da perfeição, por lhe parecer muito custosa a sua aquisição, viverá sempre indolente na sua tibieza e nunca dará um passo adiante nas vias do Senhor. Quem não se esforça sèriamente para progredir nos caminhos de Deus, voltará atrás e se exporá a um grande perigo de condenação eterna, como atestam os mestres da vida espiritual e a experiência o confirma. Segundo Salomão (Prov 4, 18), a via dos justos assemelha-se a uma luz resplandecente que vai crescendo cada vez mais até tornar-se dia claro; o caminho dos pecadores, pelo contrário, está coberto de trevas e os infelizes se metem cegamente por ele, sem saber em que precipício se vão arrojar. S. Agostinho diz: "Não progredir na vida espiritual é voltar para trás". Quem não se adiantar na vida espiritual, será impelido para trás, como seria arrastado para trás um barqueiro que, deixando de remar, teimasse em ficar imóvel no meio da correnteza, como nota S. Gregório. Em consequência do pecado de Adão, o homem, desde seu nascimento, é inclinado ao mal. "Os sentidos e as cogitações do coração humano são inclinados ao mal desde a sua adolescência" (Gn 8, 21). Quem não se estimula a si mesmo, quem não se esforça para se tornar melhor e mais perfeito, será arrastado pela veemência da concupiscência. "Alma cristã, não desejas progredir? — Não. — Queres voltar para trás? — De nenhum modo. — Que queres, então? — Viver e permanecer no estado em que me acho; não me tornar pior, nem melhor. — Pois queres o impossível. No caminho de Deus irás para diante, aumentando tuas virtudes, ou voltarás para trás, entregando-te aos vícios", assim se exprime S. Bernardo (Epist. 341).

No caminho do céu, portanto, nunca nos devemos deter, mas mesmo correr sem descanso no exercício das virtudes, até chegarmos ao termo, que é o prêmio da vida eterna. E' o conselho de S. Paulo: "Correi para que o alcanceis" (1 Cor 9, 24). Podemos estar certos que a culpa é toda nossa se não chegarmos ao termo, pois Deus, de sua parte, quer que todos nós sejamos santos e perfeitos. "Esta é a vontade de Deus, vossa santificação" (1 Tes 4, 3). Mais ainda, ele impõe-nos o preceito de nos santificarmos. "Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5, 48). "Sede santos porque eu sou santo" (Lev 11, 44). Deus promete e concede a todos nós seu auxílio e não manda o impossível; mandando, "excita-te a fazer o que pedes e a pedir o que não podes e auxilia-te, em seguida, para que o possas", diz o Concílio de Trento (Sess. 6, c. 11). Impondo-nos os seus mandamentos, Nosso Senhor exorta-nos a praticar o que podemos executar com o auxílio da graça comum, e a pedir a sua assistência quando for preciso, uma graça especial, que não nos será negada para a execução da obra exigida.

"Minha filha, escreveu uma vez o Pe. Torres a uma de suas penitentes, abramos as asas dos santos desejos para elevarmo-nos acima da terra e voarmos para nosso esposo, que nos espera na bemaventurada pátria da eternidade".

S. Agostinho diz que toda a vida de um cristão piedoso é um contínuo desejo da perfeição. Quem, pois, não alimenta em seu coração o desejo de se tornar santo, poderá ser um cristão, mas certamente não será um cristão perfeito. Assim como ninguém conseguiu jamais a perfeição em uma ciência ou arte, sem tê-la antes desejado ardentemente, da mesma forma nunca conseguirá alguém chegar à santidade sem antes ter tido um grande desejo dela. S. Teresa (Cam. perf. 35) diz que regularmente Deus concede suas graças extraordinárias só àqueles que têm um grande desejo de seu santo amor. "Feliz do homem que é auxiliado por vós; neste vale de lágrimas dispôs as elevações de seu coração no lugar que Deus destinou para si e se adiantará de virtude em virtude" (Sl 83, 6). Feliz do cristão que resolveu em seu coração subir de degrau em degrau até ao ápice da perfeição; receberá de Deus auxílio superabundante para progredir de virtude em virtude. Assim fizeram os santos. S. André Avelino obrigou-se por um voto a progredir no caminho da perfeição. Deus não deixará de recompensar, já nesta vida, um bom desejo, dizia S. Teresa.

Alguns santos atingiram um alto grau de perfeição por meio de piedosos desejos. S. Luís Gonzaga é um exemplo disso. Em poucos anos, pois faleceu com apenas 23, conseguiu alcançar um altíssimo grau de perfeição. Contemplando-o em uma visão, pareceu a S. Maria Madalena de Pazzi que nenhum outro santo possuía no céu uma glória semelhante à dele. Foi-lhe então revelado que essa recompensa lhe fora concedida em razão de haver sofrido o martírio de amor, sentindo sua incapacidade de satisfazer seu ardentíssimo desejo de amar a Deus como ele merece, por ser ele digno de um infinito amor.

S. Teresa nos dá muitos e belos ensinos a esse respeito. "Sejam magnânimos os nossos desejos, pois deles depende a nossa salvação.

Não devemos moderar nossos desejos, antes devemos esperar de Deus que, por esforços contínuos, conseguiremos chegar aonde chegaram os santos com o auxílio de sua graça. A divina Majestade ama as almas generosas, contanto que desconfiem de si" (Vida, c. 13). A mesma santa atestava ter feito experiência de que as almas magnânimas faziam em poucos dias mais progressos que as almas tímidas em muitos anos.

Para se revestir da coragem necessária é muito útil a leitura das vidas dos santos, especialmente daqueles que de grandes pecadores se fizeram grandes santos, por exemplo, S. Maria Madalena, S. Pelágia, S. Maria Egipcíaca, S. Agostinho, S. Margarida de Cortona. Esta viveu muitos anos na inimizade de Deus, nutrindo sempre o desejo de santificar-se, apesar de sua má vida. Converteu-se e fez tantos progressos no caminho da perfeição, que o Senhor chegou a revelar-lhe não só que estava predestinada à bem-aventurança eterna, como também que receberia um trono entre os serafins.

O demônio se empenha em nos fazer crer ser orgulho ter desejos magnânimos e a vontade de imitar os santos, diz S. Teresa. Longe, porém, de ser orgulho, é uma coisa muito louvável querer uma alma, que desconfia de si e põe em Deus toda a sua confiança, conseguir a perfeição, exclamando com o Apóstolo: "Tudo posso naquele que me conforta" (Filip 4, 13). Por mim mesmo nada posso, mas com a assistência de Deus eu posso tudo, por isso resolvo-me a amá-lo como os santos o amaram, com a assistência de sua graça.

E', pois, coisa de suma importância dirigir nossos desejos a coisas bem elevadas, por exemplo, amar a Deus mais do que os santos, padecer e perdoar pacientemente todas as ofensas, tomar sobre si todos os trabalhos e penas para salvar uma única alma e semelhantes. Apesar de se referirem esses desejos a coisas que se não realizarão, não deixam por isso de ser méritos perante Deus. Como ele detesta os maus desejos, assim compraz-se nos bons. Além disso, por meio desses desejos, que visam coisas grandes e difíceis, animam-nos a praticar coisas mais fáceis.

Ganha-se, portanto, muito, fazendo-se cada manhã a boa intenção de se trabalhar o mais que puder por Deus, de se suportar todas as adversidades, de se conservar continuamente recolhido, de se repetir muitas vezes santos afetos, etc. E' o que fazia S. Francisco de Assis, segundo o testemunho de S. Boaventura. S. Teresa diz que os bons desejos agradam tanto ao Senhor que ele os considera como realizados.

Muito mais fácil é tratar com Deus que com o mundo. Para se adquirir os bens deste mundo, riquezas, posições honrosas, louvores humanos, não basta desejá-los, pelo contrário, o desejo deles só aumenta o sofrimento de não poder possuí-los. Com Deus dá-se o contrário: basta desejar sua graça e seu amor, para que os obtenhamos imediatamente.

Dois cortesãos do imperador Teodósio achavam-se uma vez numa caçada e entraram por acaso num eremitério. Encontrando aí a vida de S. Antão Abade, um deles começou a lê-la e, ao passo que

lia, ia desaparecendo de seu coração o amor do mundo. Voltando-se então para seu companheiro, disse-lhe: Loucos que somos! que pretendemos, servindo o imperador com tanto trabalho, temor e inquietação? poderemos esperar favor maior que tornarmo-nos seus amigos? E se conseguirmos tão grande honra, só exporemos a nossa salvação eterna a um maior perigo. E quanto nos custará conseguir a amizade do imperador! Se, porém, desejamos ser amigos de Deus, podemos sê-lo imediatamente. E, abandonando tudo, deram-se à vida espiritual. Realmente, para se alcançar a amizade de Deus, basta um verdadeiro e sério desejo de adquiri-la.

Esse desejo, contudo, deve ser verdadeiro e sério, pois os desejos ineficazes das almas tíbias, que só têm veleidades e nunca dão um passo adiante no caminho da perfeição, pouco ou nada adiantam. Desses desejos fala Salomão (Prov 13, 4; 21, 25), quando diz: "O preguiçoso quer e não quer". "Os desejos matam o preguiçoso". A alma tíbia deseja a perfeição, mas não se resolve a empregar os meios necessários: de um lado deseja-a, considerando seu valor, doutro lado não a quer, refletindo nas dificuldades que acompanham a sua aquisição; assim, ela quer e não quer. Deseja, pois, a santidade, mas não eficazmente; deseja tornar-se santa, mas por meios que não convêm a seu estado; diz por exemplo: Se eu estivesse numa solidão, rezaria sempre e faria ininterruptamente penitência; se vivesse num convento, encerrar-me-ia numa cela e só pensaria em Deus; se tivesse boa saúde, faria muitas mortificações, etc. Eu faria... eu faria... entretanto, essa alma infeliz negligencia os deveres de seu estado; ora pouco, deixa de comungar, suporta com pouca paciência e resignação suas indisposições, numa palavra, ela cai todos os dias em muitas faltas voluntárias e não procura sèriamente corrigir-se delas. Que adiantarão a uma tal alma os desejos de boas obras incompatíveis com seu estado, quando deixa de cumprir com os deveres reais? Seus improfícuos desejos arrastá-la-ão à ruína, pois, detendo-se inùtilmente nos mesmos, deixa de usar os meios eficazes para alcançar a perfeição e sua salvação eterna. "Os desejos matam o pecador".

Mui acertadamente diz a esse respeito S. Francisco de Sales: "Não posso aprovar que uma pessoa, sujeita a uma vocação ou dever, se detenha a desejar um outro estado de vida diverso daquele que lhe é próprio, ou exercícios incompatíveis com seu estado presente de vida, pois isso distrai a atenção e enfraquece a vontade para os exercícios comuns". Por isso uma alma que deseja a santidade deve visar só àquela perfeição que corresponde a seu estado e obrigações efetivas e estar resolvida a lançar mão só dos meios apropriados para alcance da mesma.

Ouçamos ainda a recomendação de S. Teresa: O demônio nos faz crer que possuímos uma virtude, por exemplo, a paciência, por nos havermos resolvido a padecer muito por Deus e parece-nos então que de fato poderíamos suportar toda a espécie de adversidades. Com isso ficamos muito alegres, ainda mais que o demônio se esforça em confirmar-nos em nossa presunção. Aconselho-vos contudo que não façais muito caso dessa virtude. Ficai certos que só a conhe-

ceis de nome enquanto não tiverdes permanecido firmes na provação, pois é para temer que uma única palavra de reprovação dê cabo de toda a vossa paciência.

§ II. Alguns conselhos a respeito da tendência à perfeição

Para se trilhar o caminho da perfeição é antes de tudo necessário viver em santo recolhimento. Ora, isso será irrealizável se não se renunciar às sociedades e conversações mundanas. Basta uma ninharia para uma vida piedosa desgostar um homem que trata muito com o mundo. Um dia de distrações, uma palavra de algum amigo, uma paixão mal reprimida, um apego qualquer, é o suficiente para destruir a resolução tomada de se dar todo a Deus. Por isso devemos nos conservar em contínuo recolhimento de espírito; quem não se der a esse trabalho, pode ficar persuadido que seu zelo se arrefecerá. Oh! quantos já perderam o primeiro zelo e interesse pelo adiantamento espiritual por falta desse cuidado.

Em segundo lugar, deves te precaver contra o apego desordenado a teus parentes e pessoas estranhas. Os maiores inimigos de uma vida piedosa são muitas vezes nossos próprios parentes. Jesus diz, porém, que todo aquele que amar a seus parentes mais que a ele, não é digno dele (Mt 10, 37). Quantos não se entregariam a uma vida perfeita, se não pensassem estultamente em descontentar com isso a pessoas de sua convivência.

Alma cristã! Se teus pais te amam afetuosamente há alguns anos, Deus já muito antes amava-te incomparàvelmente mais. Há quantos anos te amam os teus pais? Talvez há 20 ou 30, enquanto Deus te ama desde toda a eternidade. Teus pais fizeram despesas e se afadigaram por amor de ti, mas Jesus Cristo deu por ti sua vida e todo o seu sangue.

Se, pois, a gratidão parecer obrigar-te a não descontentar teus pais, quando quiserem impedir-te, sem causa rezoável, o exercício da piedade, pondera então que tua obrigação de gratidão para com Deus é muito maior e que teus pais devem saber que um filho será tanto mais dedicado, obediente e amoroso, quanto maiores forem seus progressos na virtude.

Em terceiro lugar, deves renovar muitas vezes o propósito de progredir no amor de Deus, sendo para isso muito recomendável a prática de se representar cada dia de nossa vida como se fosse o primeiro em que começamos a tender à perfeição. Assim procedia o Profeta, que sempre repetia: "Eu disse: Agora começo" (Sl 16, 11). Foi essa também a última recomendação que S. Antão fez a seus monges. "Meus filhos, representai-vos cada dia como se fosse o primeiro em que começastes a servir a Deus"

Em quarto lugar, deves examinar sempre as tuas faltas, sèriamente, mas sem lisonjear tua consciência, como diz S. Agostinho: "Meus irmãos, perscrutai o vosso interior com rigor inflexível" E noutra parte: "Deves sempre sentir desgosto em ser o que és, se desejas ser o que não és, pois ficarás parado onde te comprazeres: se te contentares com o grau em que te achas, aí permanecerás, pois

que, estando satisfeito contigo mesmo, perderás o desejo de seguir por diante". Em seguida o Santo diz uma palavra digna de consideração e que deve aterrorizar todas as almas que estão contentes consigo mesmas: "Não querer adiantar é retroceder" (Ep. 25, 4).

Por isso devemos sempre pensar nas virtudes que nos faltam e não no insignificante bem que já praticamos, como nos aconselha S. João Crisóstomo. Pensar no bem já praticado só serve para nos tornar tíbios na vida espiritual, encher-nos de vaidade e arrastar-nos ao perigo de perder o que ganhamos. "Quem corre para alcançar a perfeição, não considera quanto já ganhou no caminho, mas quanto ainda lhe resta para vencer" (In Fp. hom. 22).

Almas zelosas redobram seus esforços quanto mais perto se sentem do fim, imitando os escávadores de tesouros: os que desejam desenterrar um tesouro, diz S. Gregório, tanto mais aceleram seu trabalho quanto mais perto se acham do fim, para mais depressa se apossarem do cobiçado tesouro. Do mesmo modo procedem aqueles que tendem à perfeição, para alcançarem-na tanto mais depressa quanto mais próximos estão dela.

Em quinto lugar, não te deves desanimar ao ver que ainda não adquiriste o grau de perfeição que desejas. Isso seria uma forte tentação do demônio. "Nossa santificação não é obra de um dia", costumava dizer S. Filipe Néri.

Na vida dos antigos Padres conta-se de um monge que, cheio de zelo, entrou no mosteiro, tornando-se, porém, tempos depois, bem tíbio. Desejando voltar a seu antigo zelo e achando-se muito triste por não saber como começar, aconselhou-se com um dos mais antigos monges, que o consolou e, para animá-lo, contou-lhe a seguinte história ou parábola: Um pai incumbiu seu filho de limpar um campo cheio de espinhos e ervas daninhas. Ao ver o filho a imensidade do trabalho, perdeu a coragem, deitou-se e dormiu, sem nem sequer começar o serviço. Mais tarde desculpou-se junto ao pai, dizendo que o trabalho era excessivo para ele. Meu filho, não exijo de ti senão que limpes o espaço que ocupa teu corpo. Com isto o filho começou resolutamente o serviço e dentro em pouco todo o campo estava limpo.

Quão apropriado não é este exemplo para nos excitar a prosseguir no caminho da perfeição. Basta ter um desejo ardente de se adiantar e de se esforçar: pouco a pouco chegará o dia em que, com o auxílio da graça divina, se alcançará a desejada perfeição. S. Bernardo (Ep. 25, 4) chega mesmo a dizer que a tendência contínua de uma alma à perfeição já é a mesma perfeição. Por essa razão deve-se cuidar em não deixar os exercícios costumados de piedade, como as orações, comunhões e mortificações, menos ainda no tempo de aridez, porque o Senhor prova as almas e experimenta sua fidelidade para ver se, apesar de todas as dificuldades e desgostos que sentem em suas trevas, ficam fiéis a prática das virtudes e exercícios espirituais.

Em sexto lugar, deves te resolver a abraçar todos os padecimentos que traz consigo uma vida consagrada a Deus. Quem não os recebe com amor, não alcançará aquela paz que Deus concede aos que se vencem para agradá-lo. "Ao que vencer darei o maná oculto" (Apoc

2, 17). Ele a chama o maná oculto, porque a paz que concede a seus fiéis servidores está oculta aos olhos dos mundanos, que, longe de invejar a vida dos devotos, a deploram e consideram-na desgraçada. "Eles vêm a cruz, mas não percebem a unção", diz S. Bernardo (In ded. s. 1), isto é, pressentem a mortificação, mas não saboreiam o contentamento que Deus lhe ajuntou.

E' verdade que a vida espiritual tem as suas dificuldades; mas, como nota S. Teresa, quando se abraçam resolutamente os sofrimentos, já estão em parte superados e convertem-se mesmo em alegrias. Minha filha, disse uma vez o Senhor a S. Brígida, meus tesouros parecem circundados de espinhos; mas os que não se deixam desanimar pelos ferimentos, acharão neles só delícias. E essas alegrias que Deus faz experimentar às almas suas muito amadas na santa comunhão, no retiro, na oração, essas luzes, esse fervor, essa íntima união com ele, essa paz de consciência, essa santa esperança da vida eterna, quem, a não ser o que o provou, poderá descrevê-la condignamente? "Uma só gota das consolações divinas tem mais valor que todos os regozijos e consolações terrenas reunidas", diz S. Teresa. Nosso bom e generoso Senhor, já neste vale de lágrimas, faz aqueles que sofrem por seu amor experimentarem um antegosto da glória futura.

O Senhor exige que de boa vontade soframos dores, desgostos e mesmo a morte e com isto parece-nos que ele só nos promete trabalhos e penas; na realidade, porém, as coisas são outras, pois a vida espiritual traz, ao que se entrega inteiramente a Deus, aquela paz que supera todo o entendimento (Filip 4, 7), todas as satisfações e felicidades mundanas. Já David dizia: "Finges dificuldades nos preceitos" (Sl 93, 20). Assim um religioso em sua cela vive muito mais satisfeito e contente que os maiores manarcas nos seus palácios. "Gostai a vede quão suave é o Senhor" (Sl 33, 9). Quem não o experimentou pessoalmente não o poderá compreender.

Quem se dá à piedade deve estar preparado para toda a espécie de provações da parte do demônio, do mundo e da carne; por isso é preciso que conheça as armas necessárias de combate. Duas principalmente são dignas de nota. A primeira é a oração. "Chegai-vos a ele e sereis iluminados" (Sl 33, 6). Quem recorrer a Deus vencerá infalivelmente; quem deixar de o fazer, necessàriamente sucumbirá.

Notemos, porém, que, para alcançar a vitória, não chega pedir uma só vez ou só por alguns dias a divina assistência; o Senhor permitirá talvez que a tentação perdure por semanas, meses e até anos inteiros depois da oração; podemos, contudo, ficar certos que quem continuar a se recomendar a Deus será finalmente esclarecido e coroado com a vitória, chegando então a gozar de maior paz e maior firmeza. Não te presumas seguro enquanto não tiveres superado uma tal tempestade, que se apresenta a quase todos. Nota que durante tão intensa escuridão é inútil procurar evitar sensìvelmente o zelo ou receber esclarecimentos da razão humana, já que então nada se enxerga, é tudo confusão. Contenta-te com a esperança na promessa: "Pedi e recebereis" (Jo 16, 21) e repete sempre: Senhor, ajudai-me; Senhor, ajudai-me. O' Mãe de misericórdia, amparai-me. Está fora de dúvida que quem, com a graça de Deus, sair vitorioso de tal comba-

te receberá ainda mais paz e firmeza no serviço de Deus do que tinha antes.

A segunda arma importante e necessária em tais provações é revelar a tentação ao confessor e isso logo no princípio, antes de tornar-se forte. S. Filipe Néri costumava dizer: Uma tentação revelada já está meio vencida. Nada, porém, é tão pernicioso em tais circunstâncias como ocultar a tentação. Quem não quer revelar a tentação, fica privado da luz de Deus em razão da sua infidelidade e por não ser logo repelida torna-se ela cada vez mais forte e perigosa. Aquele que for tentado a renunciar ao desejo de tender à perfeição e não revelar isso, retrocederá certamente no caminho da virtude.

Se me perguntares que caminho deves trilhar no prosseguimento da perfeição, responder-te-ei: A perfeição possível aqui na terra consiste em amar a Deus Nosso Senhor com todas as forças, para se conseguir unir nossa vontade com a vontade divina em todas as circunstâncias. Se desejas alcançar essa perfeição inestimável, deves observar o seguinte:

1. Remover tudo o que pode impedir o santo amor, isto é, deves arrancar de ti todos os pecados, evitar as ocasiões, reprimir tuas paixões, libertar-te do amor do mundo e combater as tentações.

2. Deves te esforçar por adquirir as virtudes cristãs, pelas quais são aperfeiçoadas as diversas potências da alma e postas em estado de obedecerem em tudo ao santo amor.

3. Além dessas obrigações comuns a todos os cristãos, talvez exija Deus de ti alguma coisa mais. Algumas almas são chamadas a tender a uma perfeição mais alta, à observância dos conselhos evangélicos. Se pertenceres a essa classe, deverás renunciar por amor de Deus a toda a disposição arbitrária de teus bens, a toda a satisfação dos desejos sensuais e à independência em tua conduta, ratificando esse sacrifício pelos votos de pobreza, castidade e obediência.

4. Nessa tua aspiração não é só contigo que podes contar. Deus Nosso Senhor pôs à tua disposição inúmeros e poderosos meios, com o auxílio dos quais poderás levar a cabo o que não conseguirias com tuas próprias forças. Dessas graças e auxílios deves te utilizar segundo teu respectivo estado e vocação o exigirem e isso com diligência e zelo.

Seguindo essa disposição, trataremos na presente introdução à perfeição:

I. Da purificação do coração;
II. Das virtudes cristãs;
III. Dos conselhos evangélicos;
IV. Dos meios e subsídios da graça.

PRIMEIRA PARTE

PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO

CAPÍTULO PRIMEIRO

Do pecado mortal

§ I. O pecado mortal e a perfeição

A alguns parecerá esquisito que se trate do pecado mortal em uma introdução à perfeição. E afinal, de nenhum modo se poderá afirmar ser isso uma coisa supérflua, pois, mesmo os justos, que já fizeram grandes progressos no caminho da perfeição, podem ainda cair em pecado mortal e com eles tratamos dessa matéria para que sempre viva conservem em seus corações a aversão para com ele.

Mas podem também os pecadores, depois de grandes desvarios, tornar-se verdadeiros santos, e a estes falamos do pecado mortal, para que a sua consideração os leve a se reconciliarem com Deus e possam assim começar a tender eficazmente à perfeição. Esses infelizes pecadores que se compenetrem desta verdade, que, se quiserem sèriamente converter-se, seus pecados não serão empecilhos para obterem de Deus as maiores e mais preciosas graças. Aí temos os exemplos de um S. Paulo, de um S. Agostinho, de uma S. Maria Egipcíaca, de uma S. Margarida de Cortona. Esta santa, admirada dos grandes favores que recebia de Deus, perguntou-lhe uma vez: Mas, como é possível, Senhor, que me concedais tantas graças? Já vos esquecestes dos meus pecados? E o Senhor respondeu-lhe: Não sabes então que me esqueço de todas as ofensas a mim feitas por uma alma que se arrepende de seus pecados? Estas palavras concordam com o que nos diz o Senhor pela boca de Ezequiel: "Se o ímpio fizer penitência... não me recordarei de suas iniquidades" (Ezeq 18, 21). Logo, nossos antigos pecados não nos impedirão tornarmo-nos santos se nos consagrarmos por inteiro ao serviço de Deus.

Faremos, por isso, algumas considerações sobre o pecado mortal para nos enchermos de grande ódio e profunda aversão contra o mesmo.

§ II. A malícia do pecado mortal

O pecado mortal é primeiramente uma grande ofensa feita a Deus. A grandeza de uma afronta mede-se pela consideração não só da pessoa ofendida como também da do ofensor, como diz S. Tomás. Uma ofensa feita a um camponês é certamente uma ação má, maior,

porém, o agravo dirigido a uma pessoa de posição e ainda mais se visa a um monarca.

E quem é Deus? "O Senhor dos senhores, o Rei dos reis" (Apoc 17, 14). Deus é a Majestade infinita, diante do qual todos os príncipes da terra e todos os santos e anjos do céu nada mais são do que um grãozinho de areia; assemelham-se a uma "gotazinha num balde, a um fino pó", e "todas as gentes são diante dele como um nada", na expressão do Profeta (Is 40, 15-17). Eis o que é Deus. E o homem? "Um vaso de imundícies, uma comida para os vermes", diz S. Bernardo (Med. 3). "Ele é desditoso, miserável, pobre, cego e nu", segundo o Espírito Santo no Apocalipse (Apoc 3, 17). O homem é um miserável verme que nada pode, cego que nada vê, um pobre nu que nada tem.

E esse bichinho desprezível, essa mão cheia de pó, atreve-se a ofender uma tão tremenda majestade, exclama S. Bernardo (In Cant., s. 6). Com razão nota S. Tomás (III, q. 1, a. 2), que o pecado do homem, em consideração da infinita majestade de Deus, reveste-se de uma certa malícia também infinita. S. Agostinho chama o pecado simplesmente mal infinito.

Por isso é certo que se todos os homens e anjos se oferecessem a morrer e mesmo a ser aniquilados por amor de Deus, não poderiam satisfazer condignamente por um só pecado mortal. Deus castiga o pecado mortal com as penas horrorosas do inferno; mas, por maior que seja a pena, nunca corresponderá à que merece o pecado. Que pena seria suficiente para punir equivalentemente a um verme que ousasse se sublevar contra seu senhor?

O pecado mortal é uma rebelião da criatura contra seu Criador. Deus é o senhor de todas as coisas: foi ele que criou tudo que existe. "Em teu poder estão todas as coisas... Fizeste o céu e a terra" (Est 13, 9). "Sim, todas as criaturas obedecem a Deus: os ventos e o mar lhe obedecem" (Mt 8, 27); "o fogo, o granizo, a neve, o gelo... fazem o que ele diz" (Sl 148, 8). Que faz, porém, o homem, quando peca? Diz a Deus: "Não servirei" (Jer 2, 20). O Senhor diz-lhe: Não te vingues. O homem responde: Eu ei de me vingar. — Não furtes. — Eu o farei. — Deves abster-te desse prazer impuro. — Ora, não me absterei. O pecador repete as palavras de Faraó a Moisés, quando este lhe indicou o preceito de Deus de dar a liberdade ao povo de Israel: "Quem é o Senhor para que eu ouça a sua voz?. Não sei quem seja o Senhor" (Ex 5, 2). Do mesmo modo fala o pecador: Não te conheço, ó Senhor, e faço o que me apraz.

Cometer um pecado mortal é virar as costas a Deus Nosso Senhor, pois o pecado mortal consiste pròpriamente em abandonar a Deus, o Sumo Bem, e aderir à criatura, segundo a doutrina de S. Tomás. Daqui a exortação que Deus faz ao pecador: "Abandonaste-me e me voltaste as costas" (Jer 15, 16).

Cometer um pecado mortal é declarar guerra a Deus. Quando o homem peca, ousa declarar-se inimigo de Deus, resiste-lhe em face e usa de sua força contra o Todo-Poderoso (Jo 25, 25).

Que dirias se visses uma formiga combater contra um elefante? Deus é o Todo-Poderoso que com um aceno criou o céu e a terra.

Quando o pecador consente no pecado, estende sua mão contra Deus, levanta sua cerviz orgulhosamente e se lança contra Deus; arma-se de dura cerviz, isto é, de ignorância, e diz: Que mal fiz eu pecando? Deus é sumamente misericordioso e perdoa os pecadores. — Que injúria, que ousadia, que obcecação!

O pecador, porém, vai ainda mais longe: à injúria ajunta o desprezo, recusando a graça divina e calcando aos pés a amizade de seu Deus, por uma miserável satisfação. Se o homem recusasse a amizade de Deus, para alcançar um reino ou o império do mundo inteiro, já seria isso uma horrenda perversidade, pois que a amizade de Deus é muito mais preciosa do que o mundo todo e milhares de mundos. E afinal por amor de que coisa o pecador ofende a Deus? Por um pouco de terra, para satisfazer a sua ira, por um gozo bestial, por uma vaidade, um capricho. "Eles me desonraram por um punhado de cevada e um pedacinho de pão" (Ez 13, 19).

Quando o pecador pondera se consente ou não no pecado, toma nas mãos, por assim dizer, uma balança, para ver o que pesa mais e deve ser preferido: se a graça de Deus, se a satisfação daquela paixão, daquela vaidade, daquele prazer, e, quando consente, dá a conhecer que a seus olhos mais vale essa satisfação de sua paixão que a amizade de Deus. Eis como Nosso Senhor é desprezado pelo pecador.

David, considerando a grandeza e majestade de Deus, exclama (Sl 34, 10): "Senhor, quem é semelhante a vós?" Ora, vendo-se Deus desprezado e igualado a um miserável prazer, pergunta ao pecador: "A quem, então, me quereis comparar e assemelhar?" (Is 40, 25). E esse infame prazer tem maior valor que minha graça? "Lançaste-me para trás de teu corpo!" (Ez 23, 35). Não cometerias esse crime, se te custasse uma mão, dez ducados, e até muito menos. Logo, só Deus é tão desprezível a teus olhos, só ele merece ser posposto a um ímpeto da ira ou a uma satisfação vergonhosa de tua paixão, exclama Salviano.

Todo o pecado mortal é também uma espécie de idolatria. Quando o pecador se rebela contra Deus para satisfazer sua paixão, nela coloca seu último fim e a constitui seu deus. "Todo aquele que venera o que deseja faz disso o seu deus", diz S. Jerônimo (In ps. 80). "O vício no coração é como um deus sobre o altar". No mesmo sentido se exprime S. Tomás (De dup. mart.): "Se amas a concupiscência será ela chamada teu deus". E S. Cipriano: "O homem constitui seu deus tudo o que ele prefere a Deus". Quando Jeroboão se revoltou contra Deus, procurou induzir o povo à idolatria e apresentou-lhes seus deuses, dizendo: "Eis aqui teus deuses, Israel" (3 Rs 12, 28). Do mesmo modo procede o demônio: coloca diante dos olhos do pecador um prazer ilícito e diz-lhe: Não te incomodes com Deus. Este prazer, esta satisfação de tua paixão é teu deus; submete-te a ela e afasta-te de Deus. E assim procede o pecador quando consente: em seu coração adora aquela satisfação em vez de Deus. O vício no coração é como um deus no altar.

Mas se ao menos o pecador deixasse de ofender a Deus na sua presença! Mas nem isso! Ele despreza e injuria a Deus em sua pre-

sença, já que ele está presente em toda parte. "Não encho eu talvez o céu e a terra?" (Jer. 23, 24). O pecador sabe muito bem disso e, contudo, não deixa de provocar a Deus: "Ele sempre me provoca à ira, diante de minha face" (Is 65, 3).

O pecador, pois, ofende, despreza a Deus, mas não se contenta com isso: retribui seus benefícios com ultrajante ingratidão. Nada nos causa tanta dor como a ingratidão de uma pessoa que amamos e cumulamos de benefícios. E contra quem se levanta o pecador? Contra Deus, que o criou, que em seu amor chegou a derramar por ele seu sangue e dar-lhe sua vida. E' este o Deus que o pecador expulsa de seu coração pelo pecado mortal. Em uma alma que o ama, Deus entra e aí estabelece sua morada. "Se alguém me amar, amá-lo-á também meu Pai e viremos a ele e nele estabeleceremos a nossa morada" (Jo 14, 23). Notem-se as palavras: Estabeleceremos nele morada. Deus vem a uma alma para nela sempre morar, só a deixa quando é expulso. Ele não abandona se não for antes abandonado, diz o Cancílio de Trento. Mas, Senhor, vós sabeis que essa ingrata vos expulsará um dia! Por que não a abandonais já agora? Quereis talvez esperar até que ela vos expulse? Deixai-a, Senhor, afastai-vos dela antes de receberdes uma tão grande injúria. — Não, diz o Senhor, não quero abandoná-la enquanto ela não me expulsar formalmente.

Quando, pois, uma alma consente num pecado, assim diz a Deus: Senhor, afasta-te de mim. Os ímpios dizem a Deus: "Afasta-te de nós" (Jo. 21, 1). E' verdade, não o dizem com a boca, nota S. Gregório, mas dizem-no pela ação. O pecador sabe muito bem que Deus e o pecado não podem morar juntos; sabe, por isso, que, abrindo seu coração ao pecado, obriga a Deus a se retirar dele, e assim diz a Deus: Desde que, eu pecando, não podes ficar comigo, afasta-te de mim. E repelindo a Deus de seu coração, permite ao demônio que dele se apodere. Pela mesma porta pela qual se retira Deus entra o demônio. "Então vai e toma consigo outros sete espíritos piores que ele e entrando habitam na alma" (Mt 12, 45).

No batismo diz o sacerdote ao demônio: Retira-te, espírito imundo, e dá lugar ao Espírito Santo. Pela graça santificante a alma torna-se um templo de Deus. "Não sabeis que sois templo de Deus?" (1 Cor 3, 16). O homem que consente no pecado faz justamente o contrário do sacerdote; ele diz a Deus, que estabeleceu o seu trono em sua alma: Retira-te de mim, Senhor, e cede o lugar ao demônio. De semelhante ingratidão se queixou Nosso Senhor a S. Brígida: "Eu sou qual um rei que é expulso de seu reino e cujo trono é ocupado pelo salteador mais infame" (Rev. l. 1, c. 1).

Que dor não sentirias ao ver-te injuriado por alguém que de ti recebeu muitos favores. Ora, uma tal dor causaste a teu Deus, que chegou a sacrificar sua vida por ti. O Senhor chega a convidar o céu e a terra a compadecer-se dele por uma tal ingratidão: "Ouvi, ó céus, e presta ouvidos, ó terra: eduquei e exaltei meus filhos, mas eles me desprezaram" (Is 1, 2).

Numa palavra: por seus pecados contristam os pecadores o coração de Deus. "Eles o provocaram à ira e afligiram o espírito de seu santo" (Is 63, 10). "Deus não pode sentir dor alguma, mas se

isso fosse possível, bastaria, para fazê-lo morrer de desgosto, um só pecado mortal", como diz o Pe. Medina (De satisf., 9, 1): "O pecado mortal aniquilaria o próprio Deus, se isso fosse possível, porque lhe causaria uma aflição infinita". E S. Bernardo: O pecado mataria a Deus se sua morte só dependesse dele. Cometendo o pecador um pecado mortal envenena, por assim dizer, a Deus, e só independentemente de sua vontade é que seu Criador não morre. "O pecador irrita o Senhor" (Sl 10, 4). Segundo a expressão de S. Paulo, ele "calca aos pés o Filho de Deus" (Heb 10, 9), já que despreza tudo o que Jesus fez e padeceu para a destruição do pecado.

Por isso pergunta tão sentidamente ao pecador nosso divino Salvador: "Que te fiz eu, ou em que te contristei? Responde-me. Que mal, que dor te causei para assim me ofenderes?" — O' meu Salvador, perguntais-me que mal fizestes? Destes-me a existência, e por mim morrestes: eis o mal que praticastes. Que poderei responder? Confesso que mil vezes mereci o inferno e que com razão poderíeis ter-me condenado. Recordai-vos, porém, do amor que vos levou a morrer por mim na cruz. Lembrai-vos do sangue que por mim derramastes e compadecei-vos de mim. Bem o sei, vós não quereis que eu desespere; não, afirmais até que estais à porta do meu coração, do qual vos expulsei, batendo por meio de vossas inspirações e desejando entrada: "Estou à porta e bato" (Apoc 3, 20) e pedis-me que vos abra. "Abre-me, minha irmã" (Cânt 5, 2). Pois bem, meu Jesus, quero expulsar o pecado do meu coração, detesto-o de toda a alma e amo-vos sobre todas as coisas. Voltai, meu amado Salvador, vinde ao meu coração: a porta já está aberta, vinde e não me deixeis jamais.

§ III. Desgraça do pecador

Grande é a malícia do pecado, mas grande também é a desgraça de quem o comete.

1. O pecado mortal rouba-nos a vida sobrenatural. Como a alma dá vida ao corpo, assim a graça dá vida à alma. E' a razão por que o pecado grave é chamado mortal, visto destruir a vida da graça na alma. Como a morte do corpo não pode ser suspensa a não ser por milagre da mão de Deus, assim também a morte da alma não poderá ser impedida senão por milagre da bondade divina, quando ela é atingida pelo pecado. E' verdade que Deus em sua misericórdia costuma restituir a vida da graça, perdoando a muitas almas aqui na terra. Isso dá-se, porém, só neste mundo e não no outro, pois sua providência estabeleceu como lei exercer misericórdia no tempo e não na eternidade.

2. O pecado mortal ocasiona a perda de todos os merecimentos. Se tivesses adquirido méritos semelhantes aos de um S. Paulo eremita, que viveu 89 anos em uma gruta, ou aos de um S. Francisco Xavier, que conquistou milhões de almas para Deus, ou aos de um S. Paulo apóstolo, que adquirira mais merecimentos, segundo S. Jerônimo, que os demais apóstolos juntos, tudo perderias cometendo um só pecado mortal. "Não será recordada nenhuma das obras de justiça por ele praticadas" (Ecli 18, 24).

3. Pobres pecadores! Imaginam encontrar a felicidade cometendo pecados, mas só encontram amargura e remorsos. "Em seus caminhos só há arrependimento e infelicidade e não conheçem o caminho da paz" (Sl 13, 3). Mas não procuram eles a paz? Sim, mas "para os ímpios não há paz, diz o Senhor" (Is 48, 22).

O temor do castigo divino acompanha sempre o pecado. Quando se tem por inimiga uma pessoa poderosa, não se pode comer nem dormir sossegado. Ora, como então poderá viver em paz quem se fez inimigo de Deus? "O temor é a recompensa dos que praticam o mal" (Sl 10, 29). Oh! quanto não treme um homem, que tem no coração um pecado mortal, ao sentir os abalos de terremoto, ao ouvir os trovões de uma tempestade; já o sussurro de uma folha causa-lhe terror. "O som do terror sempre ecoa aos ouvidos dele" (Job 25, 21). "O ímpio foge sempre sem que ninguém o persiga" (Prov 28, 1). Que coisa o persegue então? Seus próprios pecados. Depois de Caim ter trucidado seu irmão Abel, exclamou: "Todo aquele que me encontrar, matar-me-á" (Gn 4, 14), apesar de ter-lhe o Senhor asseverado que ninguém o mataria. Caim morou como prófugo na terra, ajunta a Escritura, fugindo de um lugar para outro. Quem o perseguia? Seu pecado.

Ao pecado sucedem-se os remorsos, aqueles vermes cruéis que não cessam de roer. Dirige-se o infeliz pecador ao espetáculo, ao baile, a um banquete; por toda a parte ouve a voz da consciência: Vives na desgraça de Deus, que será de ti se morreres? As exprobrações da consciência causam muitas vezes já nesta vida tão grande tormento, que alguns se deram à morte para dela se libertarem. Um desses foi Judas que, por desespero, se enforcou. De um homem que matara uma criança, conta-se que entrou num convento para ver-se livre dos remorsos, mas não encontrando aí a paz, procurou o juiz, confessou-lhe sua culpa e deixou-se condenar à morte.

Que é uma alma privada da graça de Deus? O Espírito Santo compara-a a um mar tempestuoso: "Os ímpios assemelham-se ao mar encapelado que não pode ficar tranquilo" (Is 57, 20). Se alguém fosse convidado para um concerto, um baile, um banquete, e lá fosse dependurado de cabeça para baixo, poderia sentir satisfação nesses divertimentos? Com um tal se parece um pecador, privado da graça de Deus, e rico em bens deste mundo. Em sua alma está tudo transtornado. Poderá comer e beber, dançar e vestir-se luxuosamente, receber demonstrações honrosas e conseguir altas colocações e grandes cabedais, paz nunca ele terá. Para os ímpios não há paz. Deus é o distribuidor da paz, ele só a concede a seus amigos e não a seus inimigos.

4. Não termina, porém, aqui a desgraça do pecador. Como afirma S. Tomás de Vilanova, uma alma que perdeu a graça de Deus não poderá passar muito tempo sem cometer novos pecados. Assim se originam aqueles hábitos fatais que tão difícilmente se deixam. O pecador habituado é comparado na Escritura (Sl 82, 14) à moinha que é levada pelo vento. Vede quão fàcilmente é a palha arrastada pelo mais leve vento, diz S. Gregório; da mesma forma notareis que alguns, antes de darem o consentimento, resistiram por algum tem-

po e combateram a tentação, mas tornando-se-lhes o mal um hábito, qualquer tentação, a menor ocasião que se lhes oferece basta para os induzir ao consentimento imediato. E por quê? Porque o mau hábito privou-os da luz.

S. Anselmo diz que o demônio procede com certos pecadores como um menino que tem um pássaro preso em um laço. Ele deixa-o voar, mas puxa-o novamente para terra. Assim também um pecador preso na rede do mau costume está sujeito ao poder de seu inimigo e, se procura alguma vez levantar e elevar-se, cai novamente nos antigos vícios. Outros vão mesmo tão longe que caem em pecados sem nenhum motivo externo, como nota S. Bernardino. Este santo compara os pecadores habituais a moinhos de vento, que são movidos por qualquer sopro do vento e que muitas vezes trabalham mesmo quando o moleiro o deseja parar e nada há mais para moer.

Certamente encontrar-se-á algum pecador habitual, que, sem nenhum motivo externo, sem gosto e quase contra a vontade, arrastado ùnicamente por seu mau costume, se demore em maus pensamentos, pois, como nota S. João Crisóstomo (Hom. ad bapt.), "o hábito é uma coisa mui violenta que muitas vezes nos arrasta a pecados sem que o queiramos". A causa disso é que o hábito torna-se uma quase necessidade ou uma segunda natureza, na expressão de S. Bernardino (Tom. 3, s. 5). Como o respirar é uma necessidade para o homem, assim para o escravo do mau costume torna-se o pecado quase que uma necessidade. Digo para o escravo, pois os escravos servem constrangidos, sem recompensa, ao passo que aos empregados se pagam seus serviços. Tão longe chegam alguns infelizes pecadores: pecam sem gosto.

A consequência imediata de uma vida tão pecaminosa é a obstinação do coração. E' a pena que Deus impõe, mui acertadamente, à resistência às suas inspirações. "O Senhor se compadece de quem quer e a quem quer endurece" (Rom 9, 18). S. Agostinho assim explica estas palavras do Apóstolo: Deus endurece singnifica que não quer se compadecer; ele não endurece o pecador habitual, no sentido próprio da palavra, mas para castigar o abuso que faz de sua graça priva-o dela e com isso fica endurecido o coração do pecador: "duro como uma pedra e resistente como uma bigorna" (Job 41, 15).

Enquanto estes e aqueles se comovem ouvindo um sermão sobre o rigor do juízo divino, sobre as penas dos condenados, sobre a paixão de Jesus Cristo, o pecador habitual não se deixa enternecer; fala e ouve falar com indiferença a esse respeito e procede como se isso tudo não lhe dissesse respeito; seu coração, sob tais impressões, torna-se ainda mais duro e resistente, como a bigorna do ferreiro.

E perdida uma vez a luz divina e endurecido o coração do pecador, será inevitável, humanamente falando, um mau fim e uma morte na obstinação. "Um coração endurecido se haverá mal no último dia" (Ecli 3, 27). Um tal infeliz parece-se com o abutre, que prefere tornar-se uma presa do caçador, a deixar o cadáver que segura em suas garras.

Numa cidade da Itália ocorreu o seguinte fato. Um jovem vivia em estado de pecado. Apesar das repetidas admoestações de Nosso

Senhor e de seus amigos, não mudou em nada o seu proceder. Certo dia morre repentinamente sua irmã. Causou-lhe isso grande temor, mas não por muito tempo; apenas enterrada a irmã, continuou no seu desregramento. Dois meses depois uma febre levou-o ao leito. Em tal estado mandou chamar um Padre e confessou-se. Isso não o impediu de exclamar um dia: Oh! quão tarde aprendo a conhecer o rigor da justiça divina; virando-se então para o médico, disse-lhe: Recuso os remédios, meu mal é incurável, e dirigindo-se aos circunstantes: Sabei que, como não há mais salvação para meu corpo, também não há esperança para minha alma; espera-me uma morte eterna; Deus abandonou-me, e eu o noto na obstinação de meu coração. Seus amigos e alguns religiosos tentaram reanimar sua esperança, lembrando-lhe a misericórdia. Debalde, ele só respondia: Deus me abandonou. Quem narra tal fato estava presente e procurou também reanimar o jovem, dizendo-lhe: Tem confiança, reconcilia-te com Deus e recebe o santo viático. Ah!, meu amigo, respondeu-lhe, falais com uma pedra, minha confissão já foi inválida, porque não tive arrependimento; não quero nem confessor nem sacramentos; só peço que não me deis o viático; cometeria coisas horrendas. O sacerdote retirou-se com o coração aflito. Noutro dia voltou à casa do doente e disseram-lhe que o enfermo falecera durante a noite, sem auxílio sacerdotal algum.

5. Mas a desgraça maior que sucederá ao pecador endurecido será a separação eterna de Deus em castigo de ter vivido apartado de Nosso Senhor aqui no mundo. Nem as trevas, nem os tormentos, nem o fogo, nem o fétido, nem os lamentos constituem pròpriamente o inferno, mas sim a pena da perda de Deus. Acumulai penas e mais penas, diz S. Bruno, nunca tereis o inferno se não estiverem os condenados privados da posse de Deus. E S. Crisóstomo: Se imaginares milhares de penas infernais, nada poderás apresentar que iguale a essa pena. S. Agostinho afirma que, se os condenados gozassem da visão de Deus, não sentiriam os outros tormentos, antes o inferno se lhes transformaria em paraíso.

Na vida presente só os santos sentem esta pena. Assim, S. Inácio de Loiola exclamava: Senhor, estou pronto a suportar todos os tormentos, só não quero ser privado de vossa posse. Os pecadores nada entendem dessa pena; esses infelizes podem viver meses e anos separados de Deus, caminhando nas trevas. Logo, porém, que a alma deixar este mundo, conhecerá também que foi criada por Deus, sentir-se-á atraída para ele e desejará ardentemente unir-se a ele; achando-se, contudo, em estado de pecado mortal, Deus a repelirá e compreenderá então o bem que perdeu.

Que esforços não faz um cão de caça atrelado, para se libertar quando divisa a lebre. Ao separar-se do corpo, a alma sente-se por sua própria natureza atraída para Deus e ao mesmo tempo repelida pelo pecado e precipitada no inferno. "Vossas iniquidades vos separaram de vosso Deus" (Is 59, 2). Todo o inferno consiste, pois, naquelas primeiras palavras da sentença da condenação: "Apartai-vos de mim, malditos" (Mt 25, 41). Apartai-vos de mim, dirá Jesus Cristo, nunca mais vereis minha face. "Se alguém coadunar mil infernos,

não nos fará ainda entrever a desgraça daquele que se tornou um objeto de aversão a Jesus Cristo", diz S. João Crisóstomo (In Mt hom. 24).

Tendo David condenado seu filho Absalão a não aparecer mais diante dele, ficou este tão aflito que disse: "Suplico que me seja permitido ver a face do rei, se não... mande matar-me" (2 Rs 14, 32). Filipe II disse uma vez a um cortesão que se comportava irreverentemente na igreja: Retira-te para sempre de diante de meus olhos. Causou isto tanta tristeza ao cortesão que faleceu de dor apenas chegado a casa. Que horror não causará então a sentença de Deus contra os condenados. "Ocultar-lhes-ei minha face... e todos os males e aflições pesarão sobre eles" (Deut 31, 17). Não pertenceis mais a mim nem eu a vós, dirá nesse dia o Senhor aos condenados, pois "vós não sereis mais meu povo e eu não serei vosso rei" (Os 1, 9).

Que dor não sentirá um filho ao ver morrer seu pai, ou uma esposa seu esposo, tendo de dizer: Meu pai, meu esposo, nunca mais te verei. Ah! se ouvíssemos um condenado chorar e lhe perguntássemos por que chora tanto, responder-nos-ia: Choro porque perdi a Deus e nunca mais o tornarei a ver. Mas se ao menos pudesse o infeliz amar a Deus e se conformar com sua santa vontade. Não, porque então o inferno deixaria de ser inferno: ele não poderá conformar-se com a vontade de Deus porque dela se fez inimigo; não poderá mais amar a Deus, tendo de odiá-lo eternamente e nisto justamente consiste seu inferno, pois reconhece que Deus é seu sumo e último bem e vê-se obrigado a odiar aquele que sabe merecedor de infinito amor.

§ IV. Avisos práticos

Visto ser o pecado mortal um mal tão grande, uma desgraça tão desastrosa, renunciemo-lo para sempre: desconfiemos, porém, sempre de nós mesmos. Se não rezarmos, se contarmos só com nossas forças, cairemos infalivelmente. Digamos por isso muitas vezes com S. Inácio: Não permitais, Senhor, que me aparte de vós. Se tivermos a infelicidade de pecar gravemente, não devemos desanimar, mas sem demora lançar-nos ao pés de Jesus e de seu sacerdote para uma boa confissão. "Eu sou pobre e carregado de trabalhos desde a minha juventude" (Sl 87, 16). Com essas palavras o divino Salvador, por boca de David, anunciava que sua vida havia de ser um contínuo padecimento. Daqui conclui S. João Crisóstomo que também nós devemos nos afligir durante toda a nossa vida por causa do pecado.

Como Jesus passou toda a sua vida em aflições por causa de nossos crimes, assim devemos nós viver compenetrados de dor, já que fomos nós que cometemos esses pecados. S. Margarida de Cortona não cessava de chorar seus pecados; disse-lhe, por isso, seu confessor que enxugasse suas lágrimas, porque Nosso Senhor já havia muito lhe perdoara. Como poderia deixar de chorar, respondeu ela, e de me arrepender de meus pecados, se meu Jesus por causa deles passou toda a sua vida em tristezas e aflições?

Para pessoas piedosas é de utilidade confessar-se em geral de um ou outro pecado grave da sua vida passada; isso não é sòmente um ato de humildade agradável a Deus, mas também um meio ex-

celente de repelir toda a inquietação quanto ao valor da confissão. Alguns, que cometeram só pecados leves, vão se confessar sem verdadeiro arrependimento e firme propósito. Ora, para evitar esse escolho é de suma importância recordar-se, no exame de consciência, de um pecado grave já confessado e arrepender-se sèriamente e em particular dele.

Antes de continuar aconselho a todos que ainda não fizeram uma confissão geral a fazê-la quanto antes. Não digo isso só para os que calaram pecados graves e se confessaram sacrìlegamente e para os que fizeram confissão inválida por falta de conveniente preparação ou verdadeiro arrependimento, mas também para os que desejam sèriamente dar-se inteiramente a Deus. A confissão geral é um meio poderoso para a verdadeira mudança de vida.

Havendo-se convertido depois de dolorosa confissão, S. Margarida de Cortona causou tanta alegria a Nosso Senhor que este começou a aparecer-lhe, chamando-a sempre: Minha pobre pecadora, minha pobre pecadora. Perguntou-lhe uma vez, cheia de humildade: Quando, Senhor, haveis de chamar-me filha? Quando fizeres uma confissão geral sobre tua vida inteira, chamar-te-ei minha filha, respondeu-lhe Jesus. A Santa a fez e desde então recebeu de Jesus essa carícia.

Estejamos sempre prontos a antes sacrificar tudo, mesmo a vida, que ofender a Nosso Senhor. Tenhamos sempre os sentimentos que S. Edmundo exprime nestas palavras: Prefiro ser lançado em um braseiro a cometer um pecado contra meu Deus, e S. Anselmo nas seguintes: Se tivesse de escolher entre o sofrer todas as penas dos sentidos no inferno e o cometer um só pecado contra o meu Deus, escolheria o primeiro.

Finalmente, devemos evitar toda a ocasião próxima de pecado, pois, apesar de serem nossos propósitos firmes e bons, não os cumpriremos se não evitarmos a ocasião próxima do pecado.

Disso trataremos no seguinte capítulo.

CAPÍTULO SEGUNDO

Da fugida da ocasião próxima

§ I. Da obrigação de evitar as ocasiões perigosas

Um sem-número de cristãos se perde por não querer evitar as ocasiões de pecado. Quantas almas lá no inferno não se lastimam e queixam: Infeliz de mim. Se tivesse evitado aquela ocasião, não estaria agora condenado por toda a eternidade.

Falando aqui da ocasião de pecado, temos em vista a ocasião próxima, pois deve-se distinguir entre ocasiões próximas e remotas. Ocasião remota é a que se nos depara em toda a parte e que raramente arrasta o homem ao pecado. Ocasião próxima é a que, por sua natureza, regularmente induz ao pecado. Por exemplo, achar-se-ia em ocasião próxima um jovem que muitas vezes e sem necessidade se entretém com pessoas levianas de outro sexo. Ocasião próxima para

uma certa pessoa é também aquela que já a arrastou muitas vezes ao pecado. Algumas ocasiões consideradas em si não são próximas, tornam-se contudo tais para uma determinada pessoa que, achando-se em semelhantes circunstâncias, já caiu muitas vezes em pecado em razão de suas más inclinações e hábitos. Portanto, o perigo não é igual nem o mesmo para todos.

O Espírito Santo diz: "Quem ama o perigo nele perecerá" (Ecli 3, 27). Segundo S. Tomás a razão disso é que Deus nos abandona no perigo quando a ele nos expomos deliberadamente ou dele não nos afastamos. S. Bernardino de Sena diz que dentre todos os conselhos de Jesus Cristo o mais importante e como que a base de toda a religião é aquele pelo qual nos recomenda a fugida da ocasião do pecado.

Se fores, pois, tentado, e especialmente se te achares em ocasião próxima, acautela-te para te não deixares embair pelo tentador. O demônio deseja que se empalhe com a tentação, porque então torna-se-lhe fácil a vitória. Deves, porém, fugir sem demora, invocar os santos nomes de Jesus e Maria, sem prestar atenção, nem sequer por um instante, ao inimigo que te tenta. S. Pedro nos afirma que o demônio rodeia cada alma para ver se a pode tragar: "Vosso adversário, o demônio, vos rodeia como um leão que ruge, procurando a quem devorar" (1 Ped 5, 8). S. Cipriano, explicando essas palavras, diz que o demônio espreita uma porta pela qual possa entrar na alma; logo que se oferece uma ocasião perigosa, diz consigo mesmo: eis a porta pela qual poderei entrar, e imediatamente sugere a tentação. Se então a alma se mostrar indolente para fugir da tentação, cairá seguramente, em especial se se tratar de um pecado impuro. E' a razão por que ao demônio mais desagradam os propósitos de fugirmos das ocasiões de pecado, que as promessas de nunca mais ofendermos a Deus, porque as ocasiões não evitadas tornam-se como uma faixa que nos venda os olhos para não vermos as verdades eternas, as ilustrações divinas e as promessas feitas a Deus.

Quem estiver, porém, enredado em pecado contra a castidade deverá, para o futuro, evitar não só a ocasião próxima mas também a remota, enquanto possível, porque um tal se sentirá muito fraco para resistir. Não nos deixemos enganar pelo pretexto de a ocasião ser necessária, como dizem os teólogos, e que por isso não estamos obrigados a evitá-la, pois Jesus Cristo disse: "Se teu olho direito te escandaliza, arranca-o e lança-o de ti" (Mt 5, 29). Mesmo que seja teu olho direito, deverás arrancá-lo e lançar fora de ti, para que não sejas condenado. Logo, deves fugir daquela ocasião, ainda que remota, já que em razão de tua fraqueza tornou-se ela uma ocasião próxima para ti.

Antes de tudo devemos estar convencidos que nós, revestidos de carne, não podemos por própria força guardar a castidade, só Deus, em sua imensa bondade, nos poderá dar força para tanto.

E' verdade que Deus atende a quem lhe suplica, mas não poderá atender à oração daquele que conscientemente se expõe ao perigo e não o deixa, apesar de o conhecer, pois, como diz o Espírito Santo, quem ama o perigo, perecerá nele.

O' Deus, quantos cristãos existem que, apesar de levarem uma vida piedosa, caem finalmente e obstinam-se no pecado, só porque *não querem evitar a ocasião próxima do pecado impuro*. Por isso nos aconselha S. Paulo (Filip 2, 12): "Com temor e tremor operai a vossa salvação". Quem não teme e ousa expor-se às ocasiões perigosas, principalmente quando se trata do pecado impuro, dificilmente se salvará.

§ II. De algumas ocasiões que devemos evitar cuidadosamente

Como queremos salvar nossa alma, é nosso dever fugir da ocasião do pecado. Principalmente devemos abster-nos de contemplar pessoas que possam suscitar-nos maus pensamentos. "Pelos olhos entra a seta do amor impuro e fere a alma", diz S. Bernardo (De modo bene viv., c. 23), e essa seta, ferindo-a, tira-lhe a vida. O Espírito Santo dá-nos o conselho: "Desviai vossos olhos de uma mulher adornada" (Ecli 9, 8).

Mas será pecado fitar pessoas de outro sexo? Se estas forem jovens, será pecado venial, pelo menos; e quando se prende nelas atenciosa e demoradamente as vistas, e isso repetidas vezes, há mesmo perigo de pecado mortal. Segundo S. Francisco de Sales, um só olhar já é prejudicial e muito mais repetidos olhares.

Para se livrar de tentações impuras um antigo filósofo arrancou os olhos. Nós, cristãos, não podemos assim proceder, mas devemos cegar-nos espiritualmente, desviando os olhos de objetos que possam ocasionar-nos tentações. S. Luís Gonzaga nunca olhava para uma mulher e, mesmo em conversa com sua própria mãe, tinha os olhos postos no chão. E' claro que o mesmo perigo existe para as mulheres que cravam seus olhos em homens.

Em segundo lugar, deve evitar todas as más companhias e as conversas e entretenimento em que se divertem homens e mulheres. Com os santos te santificarás e com os perversos te perverterás. Anda com os bons e tornar-te-ás bom, anda com os desonestos e tornar-te-ás desonesto.

O homem toma os hábitos daqueles que convivem com ele, diz S. Tomás de Aquino. Se estiveres metido em uma conversação perigosa, que não possas abandonar, segue o conselho do Espírito Santo: Cerca teus ouvidos de espinhos para que os pensamentos impuros dos outros não achem nele entrada. Quando S. Bernardino de Sena, ainda pequeno, ouvia uma palavra desonesta, sentia o rubor subir às suas faces, e por isso seus companheiros tomavam cuidado para não pronunciar tais palavras em sua presença. E S. Estanislau Kostka sentia tal asco ao ouvir tais palavras, que perdia os sentidos.

Quando ouvires alguém conversando sobre coisas impuras, volta-lhe as costas e foge. Assim costumava proceder S. Edmundo. Havendo uma vez abandonado seus companheiros por estarem conversando sobre coisas desonestas, encontrou-se com um jovem extraordinàriamente belo que lhe disse: Deus te abençoe, querido. Ao que o santo perguntou, admirado: Quem és tu? Olha para minha fronte e lerás meu nome. Edmundo levantou os olhos e leu: Jesus Nazareno, Rei

dos Judeus. Com isso Nosso Senhor desapareceu e o santo sentiu uma alegria celestial em seu coração.

Achando-te em companhia de rapazes que conversam sobre coisas desonestas e, não podendo retirar-te, não lhes dês atenção, volta-lhes o rosto e dá-lhes a conhecer que tais conversas te desagradam.

Deves também abster-te de considerar quadros menos decentes. S. Carlos Borromeu proibiu a todos os pais de família conservarem tais quadros em suas casas. Deves igualmente evitar a leitura de maus livros, revistas e jornais, não só dos que tratam ostensivamente de coisas imorais, como também dos que se ocupam de histórias eróticas, como certos poetas e romancistas.

Vós, pais de família, proibi a vossos filhos a leitura de romances: estes causam muitas vezes maiores danos que os livros pròpriamente imorais, porque deixam nos corações dos jovens certas más impressões que lhes roubam a devoção e os induzem ao pecado. S. Boaventura diz (De inst. nov., p. 1, c. 14): "Leituras vãs produzem pensamentos vãos e destroem a devoção". Dai a vossos filhos livros espirituais, como a história eclesiástica, ou vidas dos santos e semelhantes.

Proibi a vossos filhos representar um papel qualquer em comédia inconveniente e mesmo a assistência a representações imorais. "Quem foi casto para o teatro, de lá volta manchado", diz S. Cipriano. Se para lá se dirigiu aquele jovem ou aquela donzela em estado de graça, de lá voltam ambos em estado de pecado. Proibi também a vossos filhos a ida a certas festas, que são festas do demônio, nas quais há danças, namoros, canções impudicas, gracejos e divertimentos perigosos. Onde há danças, celebra-se uma festa do demônio, diz S. Efrém.

Mas que há de ruim quando se graceja? dirá alguém. Esses tais gracejos não são gracejos, mas crimes, responde S. João Crisóstomo, são graves ofensas contra Deus. Um companheiro do Pe. João Vitellio, contra a vontade deste servo de Deus, se dirigiu uma vez para um tal divertimento em Nórcia. Que lhe aconteceu? Perdeu primeiramente a graça de Deus, entregou-se em seguida a uma vida desregrada e foi finalmente assassinado por seu próprio irmão.

Poderás aqui perguntar-me se é pecado mortal namorar. Responderei a essa pergunta na segunda parte, c. 6, § IV. Aqui só direi que tais namoros tornam-se ocasião próxima do pecado. A experiência ensina que em tais casos só poucos deixam de pecar. Se não pecam já no começo, caem no decorrer do tempo. No princípio se entretêm só por inclinação mútua; a inclinação mútua torna-se, porém, em breve paixão, e a paixão, uma vez arraigada, cega o espírito e arrasta a muitos pecados de pensamentos, palavras e obras.

§ III. Fúteis objeções contra as sobreditas verdades

Objetar-me-ás: Mudei duma vez de vida; não tenho nenhuma má intenção, nem mesmo uma tentação quando vou visitar fulana ou sicrana. Respondo: Conta-se que há uma espécie de ursos que dão caças aos macacos: Ao avistar o urso, fogem estes para as árvores. Mas que faz o urso? Deita-se debaixo da árvore e faz-se de morto.

Descem os macacos com esse engano e então de um salto captura-os e devora-os. E' o que pratica o demônio: representa a tentação como morta e mal desceres, isto é, logo que te expuseres ao perigo, desperta-a, de novo, e ela te tragará. Oh! quantos cristãos, que se davam ao exercício da oração e comunhão e, mesmo, levavam uma vida santa, não caíram nas garras do demônio, porque se expuseram ao perigo.

A história eclesiástica narra que uma mulher mui piedosa se ocupava em obras de caridade e em especial em enterrar os corpos dos santos mártires. Encontrando uma vez o corpo de um mártir, que ainda dava sinais de vida, levou-o para sua casa, curou-o e o mártir restabeleceu-se. Mas que aconteceu? Por causa da ocasião próxima, esses dois santos — pois este nome mereciam — primeiramente perderam a graça de Deus e depois a fé.

Mas a visita àquela casa, a continuação daquela amizade me traz proveito, dizes. Sim, porém se notares que "aquela casa é o caminho para o inferno" (Prov 7, 27), nenhum proveito te trará, e tu a deves deixar se desejas ser feliz. Mesmo que fosse teu olho direito a causa da perdição, deverias arrancá-lo e lançá-lo longe de ti, diz o Senhor. Nota as palavras: lança-o de ti, não deves deixá-lo perto, mas repeli-lo para longe, isto é, deves evitar por completo a ocasião. — Mas daquela pessoa nada tenho a temer, pois ela é tão devota. A isso responde S. Francisco de Assis: O demônio tenta diversamente os cristãos piedosos que se deram inteiramente a Deus e os que levam uma vida desregrada. Ele não procura prendê-los com uma corda já no princípio; contenta-se com um cabelo, servindo-se então de um fio e finalmente de uma corda, arrastando-os ao pecado.

Quem quiser ser preservado deste perigo deve já no começo evitar todos os fios, todas as ocasiões, quer sejam saudações, quer presentes.

Ainda uma observação importante: Um penitente que nunca evitou sèriamente as ocasiões perigosas, nas quais tem regularmente caído em pecado mortal, apesar de todas as suas confissões, deverá fazer uma confissão geral, visto terem sido inválidas as confissões feitas em tal estado, visto a falta de propósito de evitar a ocasião próxima. O mesmo se deve dizer a respeito dos que confessam seus pecados, mas nunca deram sinal de emenda, continuando logo depois da confissão a cometer os mesmos pecados, sem empregar nenhum meio contra a queda. Só uma confissão geral poderá trazer-lhes garantia e tranquilidade, servindo de base para uma verdadeira emenda; feita a confissão, poderão encetar uma vida nova e perfeita, pois os maiores pecadores, como acima provamos, poderão, com a graça de Deus, alcançar a perfeição.

CAPÍTULO TERCEIRO

Do ódio ao mundo

"Não ameis o mundo nem as coisas que estão no mundo" (1 Jo 2, 15), nos diz S. João. "Se alguém ama o mundo, a caridade do Pai não está nele", conclui o Apóstolo. "Não sabeis que a amizade deste mundo é inimiga de Deus? Todo aquele que quiser ser amigo deste século, se constitui inimigo de Deus", diz S. Tiago (Tg 4, 4).

Que se entende por mundo, contra o qual nos precavém tão sèriamente o Espírito Santo? Por mundo se entende o século como sedutor do homem ao pecado, o século que jaz no mal, que, sujeito ao demônio, está cheio de crimes e concupiscências, o século do qual diz o discípulo amado: "Tudo o que há no mundo é concupiscência dos olhos e soberba da vida" (1 Jo 2, 16). Amar o mundo não é senão ter um apego desordenado aos bens desta terra, gozar ou desejar conseguir esses bens à custa da obediência devida a Deus e da própria salvação.

Ora, como não pode coexistir em um coração esse amor com o amor de Deus e da perfeição cristã, se desejares alcançar a perfeição ou mesmo só a tua salvação, deverás renunciar ao amor do mundo. Quero, por isso, mostrar-te que o mundo torna insensatos os seus sequazes como também perseguidores de Jesus Cristo, precipitando-os, já nesta vida, na infelicidade.

§ I. O amor do mundo torna os homens insensatos

Os mundanos, isto é, os que, por apego aos prazeres, honras e riquezas deste mundo, se descuidam do negócio mais importante, de sua eterna salvação, são por isso mesmo dignos de lástima; sua maior desgraça, porém, consiste em se terem na conta de sábios e prudentes, não passando de grandes loucos e imprudentes, e o pior é que são inumeráveis. Infinito é o número dos insensatos" (Ecli 1, 15). Este é ávido de honras, aquele de prazeres, este de riquezas perecíveis, aquele de glória e fama. E tais homens ousam chamar de insensatos os santos que, desprezando os bens deste mundo, conseguiram a salvação eterna e o Sumo Bem, Deus. Dizem ser loucura suportar os desprezos e perdoar as injúrias, renunciar às honras e riquezas e procurar a solidão para levar uma vida humilde e oculta. Não pensam, contudo, que a sua sabedoria é denominada loucura pelo próprio Deus. "A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1 Cor 3, 19).

Oh! terão eles uma vez de confessar sua loucura. Mas quando? Quando já não houver mais meios de repará-la. Exclamarão então no desespero: "Insensatos de nós, que considerávamos loucura a vida deles e seu fim desonra" (Sab 4, 4). Como fomos desgraçados! Julgávamos loucos os santos em seu modo de viver, e agora vemos que nós éramos os loucos. "Eis que eles são contados entre os filhos de Deus e sua sorte é entre os santos" A felicidade deles é eterna e a nossa sorte é arder eternamente neste abismo de tormentos como es-

cravos do demônio. "Desviamo-nos, pois, do caminho da verdade e a luz da justiça não brilhou para nós".

O negócio da nossa salvação é certamente a coisa mais importante e ao mesmo tempo mais negligenciada pelos cristãos. Quando se trata de conseguir uma posição, de ganhar um processo, de contratar um casamento, não se poupam trabalhos, não se perde tempo; quantos conselhos, quantas providências não são tomadas; não se come nem mais se dorme. Quando, porém, se trata de assegurar a salvação eterna, ninguém se importa com isso, antes emprega todos os meios para perdê-la e a maior parte dos cristãos vive como se as verdades eternas, morte, juízo, inferno e céu, fossem fábulas vãs inventadas pelos poetas e não artigos de nossa fé.

Que tristeza não nos causa a perda de um processo, uma parca colheita e com que cuidado não procuramos recuperar o perdido. Que esforços não se empregam para reaver um cavalo ou um cão. Se, porém, perdermos a graça de Deus, não deixamos por isso de gracejar, rir e dormir imperturbàvelmente.

Todo o homem se envergonha de ser desleixado nos negócios mundanos e, afinal, milhares não se envergonham de negligenciar o negócio da eternidade, do qual depende tudo. Concedem que os sábios procederam sàbiamente cuidando exclusivamente em sua salvação, mas eles mesmos pensam em tudo, menos em sua alma.

Tinha muita razão S. Filipe Néri chamando de tolo aquele que não procura salvar sua alma. Se houvesse neste mundo homens mortais e imortais e se aqueles vissem a estes ocupados ùnicamente com coisas deste mundo, só aspirando a honras, bens e prazeres transitórios, certamente dir-lhes-iam: Loucos, insensatos, podeis alcançar bens eternos e só pensais nestes bens miseráveis e passageiros; e ainda por amor destas coisas quereis vos sujeitar a penas eternas no outro mundo? Deixai a nós, miseráveis, o cuidado dessas coisas terrenas, pois para nós tudo se acaba com a morte.

Todos nós, porém, somos imortais e, afinal, tantos perdem sua alma por causa dos miseráveis prazeres deste mundo. Como é possível, pergunta Salviano, que os cristãos creiam num juízo, num inferno, na eternidade e vivam sem temor algum? Pergunta os sábios deste mundo, que se encontram agora naquele abismo de fogo, o que pensam atualmente e se estão satisfeitos por haverem gozado neste mundo. Eles vos responderão em terríveis lamentos: Nós nos enganamos! Que lhes aproveita agora reconhecer o erro cometido, pois não há mais meios de revogar a sua condenação? Que desgosto não sentiria uma pessoa que, podendo fàcilmente impedir o desabamento de seu palácio, deixasse de o fazer, vindo encontrá-lo um dia em ruínas, não lhe sendo mais possível remediar o seu desleixo?

S. Bernardo deplora a insensatez daqueles cristãos que denominam *brinquedos* os divertimentos das crianças e *negócios* seus interesses temporais. Esses seus negócios são só maiores loucuras, pois, "que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?" (Mt 16, 26). O motivo dessa loucura dos mundanos está no cuidar ùnicamente das coisas presentes e não das futuras. "Oh! fossem eles sábios e entendessem e conhecessem seu fim" (Gn 32, 29).

Quem é prudente, quem procede conforme a razão, prevê o que poderá acontecer; isto é, o que o espera no fim da vida, e encara a morte e o juízo e suas consequências, o céu ou o inferno.

Muito mais sábio que um monarca que se perde é um lavrador que se salva. "Melhor é um moço pobre e sábio que um rei adiantado em anos e estulto, que não sabe prever o futuro" (Ecli 4, 13). Não seria tido em conta de tolo aquele que, para ganhar uma pequena moeda de ouro e isso por um só instante, arriscasse todos os seus bens? E quem perde sua alma por um prazer momentâneo deixará de ser louco? De só atender aos bens e males presentes, deixando de parte os bens e males eternos, origina-se a desgraça de tantos que se condenam.

Deus não nos colocou no mundo para que nos tornemos ricos, consigamos honra e satisfaçamos os nossos sentidos, mas para que alcancemos a vida eterna. "Agora tendes por fim a vida eterna", diz o Apóstolo (Rom 6, 22), e por isso devemos nos ocupar só desta coisa. "Uma única coisa é necessária" (Lc 10, 42). Mas justamente desta coisa menos cuidam os pecadores; só pensam nas coisas presentes e entretanto a morte e a eternidade ràpidamente se aproximam sem saberem para onde vão.

Que pensarias de um navegante, pergunta S. Agostinho, que, à pergunta: para onde segues, respondesse: não sei. Não diriam todos que ele expõe o navio ao perigo? Pois assim procedem esses prudentes deste mundo, que sabem muito bem adquirir riquezas, procurar-se prazeres, conquistar elevadas posições, mas não sabem como salvar sua alma. Prudente foi o mau rico em adquirir riquezas, mas "ele morreu e foi sepultado no inferno" (Lc 16, 22). Prudente foi Alexandre Magno conquistando tantos reinos, mas dentro de poucos anos faleceu e foi talvez condenado ao inferno. Prudente foi Henrique VIII, sabendo conservar-se no trono apesar de sua rebelião contra a Igreja, mas, reconhecendo que ia perder sua alma, ele mesmo confessou: Perdemos tudo. Quantos não choram agora e exclamam no inferno: "De que nos serviu o orgulho? que nos aproveitou a ostentação da riqueza? tudo passou como uma sombra..." (Sab 5, 8) e nada nos resta a não ser o lamento e a pena eterna.

O primeiro remédio contra essa loucura é o pensamento da morte próxima. Nosso Senhor mesmo põe essa verdade diante dos olhos do avarento: "Néscio, nesta noite te exigirão tua alma; e as coisas que ajuntaste, de quem serão?" (Lc 12, 20). Ao ouvir Ezequias estas palavras da boca do profeta: "Dispõe de tua casa, porque morrerás" (Is 38, 1), estremeceu e exclamou: "Minha vida foi cortada como por um tecelão; mal tinha começado, eis que fui cortado". Quantos não há que se ocupam cuidadosamente em tecer o pano, isto é, em ordenar e executar seus planos mundanos feitos com tanta perspicácia, e eis que vem a morte e despedaça tudo.

À luz do círio mortuário desvanecem-se todas as coisas deste mundo: louvores, prazeres, pompas e magnificências. Oh! grande mistério da morte, mostras o que não vêem os amadores deste mundo; que toda a felicidade, os altos cargos, a mais esplêndida vitória nada valem nesse momento supremo. A idéia que fizemos de uma falsa

[illegible] contra nossa própria [illegible]. A sombra escura e desditosa da morte cobre e ofusca todas as dignidades sem excetuar a real. Agora as paixões fazem os bens deste mundo parecerem inteiramente diferentes do que o são na realidade; a morte, porém, patenteia sua natureza íntima e real: fumo, lodo, vaidade e miséria.

O' Deus, que valor têm na hora da morte riquezas, possessões, reinos, etc., se disso nada nos fica? só nos resta um esquife e uma simples veste para cobrir o nosso corpo. Que valem as honras, se nada mais nos fica senão um cortejo e enterro pomposo, que nenhum proveito traz à alma! Que valor tem a riqueza do corpo, se ele servirá então para pasto dos vermes e objeto de repugnância?

O segundo remédio contra a loucura do amor do mundo é o pensamento no juízo que nos espera. Que responderás a Jesus Cristo no dia de contas? Se um rei encarregasse um súdito de tratar de um importante negócio em uma cidade e este só cuidasse de assistir a festas, espetáculos e bailes, e não se importasse com a incumbência, de modo que o negócio tivesse um mau êxito, que contas não teria de dar na sua volta? Mas, ó Deus, que contas incomparàvelmente mais rigorosas exigirás de todo o homem que foi posto neste mundo, não para se regalar e enriquecer, para alcançar honras e grandezas, mas para salvar sua alma, e que, final, de tudo cuidou, exceto disso!

O terceiro remédio é o pensamento contínuo na eternidade. O Pe. Ávila converteu uma mulher que vivia afastada de Deus, dizendo-lhe: Senhora, reflita muitas vezes nestas duas palavras: sempre, nunca. O Pe. Ségneri ficou tão comovido com o pensamento da eternidade que pôde dormir por várias noites, começando então a viver com grande rigor. O Pe. Drexélio conta de um Bispo que vivia santamente por se acostumar a repetir sempre estas palavras: Estou a toda hora às portas da eternidade. Um monge recolheu-se a uma caverna e aí repetia sem interrupção: O' eternidade, ó eternidade! Quem crê na eternidade e não aspira à santidade, deveria ser conservado num hospício de alienados, dizia o Pe. Ávila.

Se é uma grande loucura amar o mundo e seguir suas máximas, em que consiste então a verdadeira sabedoria? Verdadeiros sábios são os que se aplicam em adquirir a graça de Deus e o céu. Por isso peçamos incessantemente ao Senhor que nos conceda a sabedoria dos santos, que é concedida a todos que a pedem. "Ele deu-lhe a ciência dos santos" (Sab 10, 10). Oh! que bela ciência possuiremos se soubermos amar a Deus e salvar a nossa alma.

Esta ciência consiste em trilhar o caminho da salvação eterna e saber servir-se dos meios que conduzem a este fim. A direção para a salvação da alma é a mais importante de todas as direções. Se soubéssemos tudo, exceto o operar a nossa salvação, nada nos aproveitaria e seríamos infelizes para todo o sempre; pelo contrário, seremos felizes por toda a eternidade se soubermos amar a Deus, ainda que ignoremos tudo o mais. "Feliz aquele que te conhece, Senhor, mesmo que ignore todo o resto", exclamou S. Agostinho. A S. Boaventura disse uma vez o irmão Egídio: Como és feliz, Padre Boaventura, por saberes tanto; eu, pobre ignorante, nada entendo, e assim

podes tornar-te muito mais santo que eu. — Ouve, meu irmão, respondeu-lhe o santo, se uma pobre velha ignorante souber amar a Deus mais do que eu, será mais santa que o Padre Boaventura. — Cheio de júbilo com essa resposta, exclamou o irmão: Ouve, ouve, ó velhinha! Se amares a Deus, poderás tornar-te mais santa que o Padre Boaventura.

§ II. O amor do mundo faz os homens perseguidores de Jesus Cristo

"Ai do mundo por causa dos escândalos" (Mt 18, 7). Jesus Cristo afirma que muitas almas se precipitam no inferno em razão dos escândalos. Mas será possível viver no mundo sem encontrar escândalos? Não, isso é impossível, diz S. Paulo (1 Cor 5, 10), se quiséssemos não encontrar escândalos, deveríamos sair deste mundo. O que podemos, porém, é evitar a convivência com homens de proceder escandaloso e por isso ajunta o Apóstolo: "Eu vos escrevi que não tivésseis comércio... com um tal nem comer deveis". Portanto, devemos nos abster de familiaridade com tais homens, pois, se a eles estivermos unidos por amizade íntima, nos será mui difícil mais tarde protestar contra seus maus hábitos e perversos conselhos e assim, por respeito humano e para não contrariá-lo, imitaremos seus exemplos e perderemos a amizade de Deus.

Os amigos do mundo se gloriam de sua perversidade; "eles se alegram quando praticam o mal", diz o Sábio (Prov 2, 14). Mas o que é ainda pior, é que procuram companheiros e zombam de todos que vivem como verdadeiros cristãos e querem evitar as ocasiões perigosas de ofender a Deus.

E' este um pecado que desagrada sumamente a Deus e que ele, de modo particular, nos proíbe, dizendo: "Não desprezes um homem que se aparta do pecado, nem o injuries" (Ecli 8, 6); não procures, por teus vitupérios e zombarias, demovê-lo do seu caminho, pois diz o Senhor que decretou castigos especiais, neste e no outro mundo, aos que zombam dos bons: "Para os irrisores estão preparados juízos e tormentos para os corpos dos insensatos" (Prov 19, 29).

E, de fato, nefanda é a perversidade dos que, não contentes de ofenderem a Deus, procuram também induzir outros a isso. Infelizmente muitas vezes conseguem o seu intento abominável, pois existem muitas almas vis e cobardes que, para não serem escarnecidas, abandonam a virtude e se entregam a uma vida desregrada. S. Agostinho se queixa disso, depois de sua conversão, confessando que se envergonhava, no tempo em que vivia com os sequazes de Satanás, de não ser tão impio e impudente como eles. "Eu me envergonhava do ser honesto" (Conf. 1. 2, c. 9).

Quantos não há que temem que deles se diga: E' um santo! Vede o santo! Dá-me um pedaço de teu hábito como relíquia! Seria melhor que fosses para o deserto! Por que não entras para um convento?

Quantos não há que, para não ouvirem tais caçoadas de seus perversos amigos, imitam suas aberrações? Quantos não há que, ao serem injuriados, procuram vingar-se, não só por ira, mas por respeito humano, para não parecerem cobardes? Quantos não deixam de

retirar, como deviam, uma afirmativa escandalosa que lhes escapou na conversa, só para não perderem a estima dos outros? Quantos finalmente não vendem ao demônio suas almas para não perderem as boas graças de um amigo, imitando a Pilatos, que, para não perder a amizade do imperador, condenou Jesus Cristo à morte?.

E, contudo, se quisermos ser felizes, devemos vencer o respeito humano e suportar a pequena vergonha provinda da zombaria dos inimigos da cruz e de Jesus Cristo, pois "há uma confusão que traz consigo o pecado e uma confusão que traz glória e gozo" (Ecli 4, 25). Se não quisermos suportar com paciência aquela confusão, ela nos lançará no abismo do pecado e se a sufocarmos por amor de Deus, nos trará suas graças e uma grande glória lá no céu. Como é louvável envergonhar-se por causa do mal, diz S. Gregório, também é reprovável confundir-se por causa do bem.

Talvez digas: Não faço ninguém sofrer: procuro só a salvação de minha alma e por que então ser perseguida? Ora, porque é regra que todo aquele que serve a Deus seja perseguido. "Os ímpios abominam os que andam pela via reta" (Prov 29, 27). Os que levam uma vida perversa não podem ver que outros vivam santamente, porque a conduta destes é uma reprovação perene de seu perverso proceder e dizem, por isso: "Demos cabo do justo, porque ele nos é inútil e contrário às nossas obras e vitupera nossos pecados contra a lei" (Sab 2, 12). O soberbo, que procura vingar a mínima ofensa deseja que todos se vinguem pelas ofensas recebidas; o avarento, que se apodera injustamente de bens alheios, que todos façam o mesmo; o beberrão, que todos procedem como ele; o impudico, que se gaba de suas impudências e não sabe conversar sem tocar em coisas sujas, gostaria que todos agissem e falassem como ele. E quem assim não procede é acoimado por eles de traidor, de inculto, de pessoa trivial e insociável, sem sentimento de honra, sem educação, o que não é para admirar, pois, sendo eles deste mundo, não conhecem senão a linguagem deste mundo.

Pobres cegos: o pecado cegou-os e por isso falam dessa maneira. "Cogitam estas coisas e erram, pois cegou-os a sua malícia" (Sab 2, 21).

Mas, repito com S. Paulo, não há outro remédio. "E todos aqueles que quiserem viver piedosamente em Jesus Cristo, hão de sofrer perseguições" (2 Tim 3, 12). Todos os santos foram perseguidos. — Dizes: não faço mal a ninguém; por que não me deixam em paz? — Que mal fizeram os santos, os mártires especialmente? Eles, abrasados no amor divino, amavam a todos e procuravam fazer bem a todos. E como os tratou o mundo? Foram atormentados de todos os modos possíveis: seus corpos foram dilacerados com dentes de ferro, foram queimados com ferro em brasa, e, finalmente trucidados com incrível crueldade. E Jesus Cristo, o Santo dos santos, a quem ofendeu? A todos consolava, a todos curava. "Saía dele uma virtude que curava a todos" (Lc 6, 19). E como o tratou o mundo? Perseguiu-o até à morte ignominiosa e dolorosa da cruz. E a causa dessa perseguição? As máximas de Jesus Cristo, inteiramente opostas às do mundo.

O que aprecia o mundo, Jesus reputa loucura. "A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1 Cor 3, 19). E o que Jesus preza, o mundo julga estultícia, a saber: cruzes, enfermidades, desprezo e confusão. "A palavra cruz é loucura para os que se perdem" (1 Cor 1, 18).

S. Cipriano pergunta como pode ser tido por cristão aquele que teme ser por tal considerado. Se somos cristãos, mostremo-nos tais não só no nome como também no proceder, pois, se nos envergonharmos de Jesus Cristo, ele também se envergonhará de nós e não nos colocará à sua direita no dia do juízo. Ouçamos suas palavras: "Se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele quando vier na sua majestade" (Lc 9, 26). Então dirá: De mim te envergonhaste na terra e agora sou eu que me envergonho de ter-te junto a mim no céu; afasta-te, maldito, retira-te para o inferno, para a companhia dos que contigo se envergonharam de mim.

Notemos a expressão: Quem se envergonhar de mim e de minhas palavras, pois já alguns receiam renunciar a Jesus Cristo, diz S. Agostinho, mas não temem renunciar às suas máximas. — Mas, replicarás, se eu disser que isto ou aquilo não se pode fazer com boa consciência, meus amigos zombarão de mim e me chamarão de beato. A isso responde S. João Crisóstomo: "Não queres então ser zombado por um companheiro, mas odiado por Jesus Cristo?" (In Act., hom. 41). O Apóstolo, que se gloriava de ser discípulo de Jesus, dizia: "O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gál 6, 14). Como estou crucificado aos olhos do mundo, isto é, já que sou um objeto de zombaria e ultraje, assim também o mundo me é um objeto de horror e abominação. Estejamos convencidos desta verdade: ou calcaremos aos pés o mundo ou o mundo a nossa alma.

Quem ama a Deus e deseja ser feliz, deve desprezar o mundo e todas as considerações humanas e para isso todos devem empregar forças. S. Maria Madalena teve de empregar grandes forças para vencer o respeito humano e as murmurações e zombarias do mundo, quando, num banquete concorridíssimo, lançou-se aos pés do Senhor, lavando-os com suas lágrimas e enxugando-os com seus cabelos, mas com isso tornou-se uma grande santa e alcançou o perdão do Senhor, que exaltou seu grande amor, dizendo: "Muitos pecados lhe são perdoados, porque amou muito" (Lc 7, 47).

Levando um dia S. Francisco de Borja um prato de caldo aos presos, encontrou-se com seu filho que passava com brilhante equipagem. O santo ficou algum tanto envergonhado em mostrar o que levava debaixo do manto. Que fez então para vencer esse respeito humano? Tomou o prato, colocou-o na cabeça, e assim zombou do mundo.

Quando Jesus Cristo, nosso chefe e nosso mestre, pendia da cruz, os soldados escarneciam dele, dizendo: "Se és o filho de Deus, desce da cruz"; os príncipes dos sacerdotes: "Salvou a outros, mas a si mesmo não se pode salvar". Ele, porém, não quis descer da cruz, terminando aí sua vida e assim conseguindo a vitória sobre o mundo.

Agradeço-vos, meu Deus, por ser achado digno de ser odiado pelo mundo, escreveu S. Jerônimo. E ele tem razão, pois Jesus reputa por felizes seus discípulos quando forem odiados pelo mundo. "Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem" (Lc 6, 22). Consolemo-nos, pois, se os mundanos nos amaldiçoam e repreendem, visto que então o Senhor nos louvará e abençoará. "Eles amaldiçoarão e vós abençoareis" (Sl 108, 28). Não nos daremos por satisfeitos se o Senhor nos louvar, assim como a Rainha dos céus, os Anjos e Santos e todos os homens sensatos?

Deixemos, portanto, os mundanos dizerem o que quiserem e cuidemos ùnicamente em agradar a Deus, que tanto mais nos recompensará no outro mundo quanto mais nos esforçarmos aqui em desprezar as contradições dos homens. Cada um deve se figurar só no mundo com Deus, como se ninguém mais existisse. Se os mais escarnecem de nós, devemos recomendar a Deus êsses pobres cegos que se lançam na perdição. Quanto a nós, agradeçamos a Deus por nos ter feito brilhar aquela luz que negou a esses infelizes e continuemos pacìficamente o nosso caminho. Tudo se deve superar para tudo se alcançar.

§ III. O amor do mundo torna os homens infelizes

Que é pròpriamente este mundo? Um campo cheio de espinhos, lágrimas e dores. O Mundo promete grandes recompensas a seus sequazes: divertimentos, alegrias e paz; tudo, porém, se reduz a ilusão, amargura e vaidade. As riquezas, honras e prazeres mundanos transformam-se finalmente em tormentos e aflições. E queira Deus não se eternize para muitos amigos do mundo essa aflição, pois são inúmeros, grandes e inevitáveis os perigos de perder a Deus, a alma e o céu no meio do mundo.

Os bens deste mundo não podem saciar o nosso coração. Os animais, que foram criados para a terra, contentam-se com o terrestre; mas o homem, que foi criado para Deus, só em Deus pode achar sua satisfação. E' o que nos ensina a experiência, pois, se os bens terrenos tornassem felizes os homens, seriam certamente felizes os príncipes deste mundo, que possuem em abundância dinheiro, honras e alegrias. E o que vemos? Eles vivem mais descontentes e incomodados que os outros homens, pois onde há maior riqueza e dignidade, reina também maior temor, amargura e inquietação.

Entrou uma vez o imperador Teodósio na cela de um eremita; depois de curta conversação, disse-lhe o imperador: Sabes, meu Padre, quem sou eu? Eu sou o imperador Teodósio. Feliz de ti, que aqui vives longe das penas do mundo. Sou um grande senhor da terra, sou imperador; contudo, meu Pai, não tenho um dia em que possa comer sossegado.

Como poderia, realmente, o mundo dar a paz, sendo um lugar de ilusão, cheio de invejas, temor e inquietação? E' verdade que ele oferece algumas miseráveis alegrias, as quais, contudo, mais afligem a alma que a saciam, satisfazendo por alguns instantes os sentidos, mas cravando no coração mil espinhos de amargura. Daqui provém

que os grandes sábios do mundo tanto têm de sofrer, visto que, quanto maior for sua grandeza, tanto mais tédio e temor sentirão.

O mundo, pois, não é um lugar de alegrias, antes de inquietações e tormentos, já que nele reinam as paixões da ambição, da avareza, da sensualidade e não se pode gozar de seus bens à medida e na forma que se deseja, não contentando também o nosso coração, antes o amargurando imensamente a posse de seus bens.

Por meio de tais considerações S. Inácio conseguiu ganhar muitas almas para Deus, especialmente a bela alma de S. Francisco Xavier, que se ocupava então em Paris com projetos de todo mundanos. Francisco, disse-lhe uma vez o Santo, pondera que o mundo é um traidor que muito promete e nada cumpre. E mesmo que te desse o que te promete, nunca saciaria o teu coração e concedido que te saciasse, por quanto tempo gozarás disso? talvez além de tua vida? e que levarás contigo para a eternidade? Já levou talvez um rico uma única moeda ou criado para sua comodidade? Que rei levou consigo um único fio de púrpura? — Essas palavras causaram tal impressão em Francisco que, abandonando o mundo, seguiu a S. Inácio e se fez santo.

Uma felicidade inteiramente isenta de cuidados não pode existir aqui na terra e só a encontraremos na vida futura. Neste mundo. que é o lugar de merecer e, por conseguinte, do padecimento, só viverá contente o que suportar tudo com paciência. Assim vivem os santos que gozam de tanto maior paz e tranquilidade, quanto menos bens terrestres possuem e maior paciência demonstram nas tribulações da vida presente.

Mas, para que o homem possa ser feliz nesta vida, deve também saber em que consiste a felicidade. Está fora de dúvida que mesmo a nossa felicidade natural não consiste em prazeres corporais, mas na paz da alma: esta só se alcança quando o coração se desprende dos vícios e afetos desordenados. Uma tal tranquilidade d'alma é o fruto da conformidade de nossos desejos com as nossas boas ações. Se os humores de nosso corpo estão convenientemente disseminados, acha-se ele são e forte; faltando-lhe isso, está doente e fraco. O mesmo dá-se com nossa alma: deixando-se dominar por um vício ou paixão e assim decompor-se, nem terá nem poderá encontrar verdadeira paz.

Para se gozar dessa verdadeira paz, devemos conservar, pelo exercício das virtudes cristãs, nossa alma em conformidade com Deus, com o próximo e conosco mesmos; com Deus pela caridade e obediência a seus preceitos. com o próximo pela caridade fraterna e mansidão; conosco mesmos pela mortificação de nossas paixões e abnegação do amor próprio. Portanto, devemos nos desligar das máximas do mundo, que corrompem o espírito e a vontade, e nos imbuir de princípios santos, que nos conduzam diretamente a Deus. Assim, na medida que praticarmos essas virtudes, seremos mais ou então menos felizes aqui na terra.

Estejamos convencidos que sem a virtude não pode haver nem há mesmo verdadeira paz. Muito mais feliz é um pobre virtuoso que tantos ricos e grandes da terra que, no meio de sua grandeza, são

continuamente atormentados por inúmeros e irrealizáveis desejos e inevitáveis contrariedades. A experiência o prova até à evidência que todo aquele que vive santamente em qualquer estado de vida é feliz, ao passo que quem leva vida ociosa não acha felicidade nem nas riquezas nem nas honras terrenas.

Todos os que vivem na desgraça de Deus, já na terra têm de sofrer o inferno, pois o prazer do pecado é um prazer envenenado, que deixa sempre um sabor amargo; além disso duram só alguns momentos, ao passo que os tormentos e remorsos não cessam mais. E' engano querer achar a felicidade na satisfação das paixões: quanto mais procuramos satisfazê-las, tanto maiores se tornam nossos tormentos. Que tormentos não sente um ambicioso não podendo alcançar as honras, os cargos e dignidades a que aspira. E mesmo que os alcance, desejará subir mais alto, e não o conseguindo, fica inconsolável. Que tormento não experimenta ao ver que algum outro, que, a seus olhos, lhe é inferior, lhe é preferido.

O nosso natural orgulho leva-nos a crer que somos superiores aos outros. Um bom cristão, pelo contrário, não se inquieta vendo-se posposto aos outros, ainda que esteja certo que isso é injusto, consolando-se com o pensamento na vontade de Deus.

Que martírio não suporta um avarento no meio de suas riquezas, já pelo temor de as perder, já pela perda mesma; ora porque o lucro é menor que o esperado, ora porque não pode receber o que empresta. O homem probo, porém, contenta-se com o pouco que tem e vive satisfeito.

Que horrores não sofre um vingador, desejando vingar-se e não o podendo. E se, para sua maior infelicidade, consegue o seu intento, essa inquietação aumenta em vez de terminar: o temor da justiça humana, a perseguição dos parentes da vítima, as dificuldades da fuga não lhe deixam um momento de sossego.

Que tormentos não tem de sofrer um libertino em consequência de seus amores criminosos. Que suspeitas, que ciúmes, que amarguras, se não é correspondido, ou se não há possibilidade de realizar seus intentos. E mesmo que o caminho esteja livre, como poderá impedir que os remorsos e o temor da vingança divina lhe dilacerem o coração?

Todos os bens e alegrias do mundo, portanto, não podem tornar feliz o coração do homem. Quem, pois, o poderá contentar? Deus! "Regozija-te no Senhor, e ele te dará o que pede teu coração" (Sl 36, 4). O coração do homem suspira continuamente por um bem que o satisfaça; ainda que nade em riquezas, honras e prazeres, não encontrará nesses bens finitos seu contentamento, já que foi criado para um bem infinito. Encontrando Deus e unindo-se a ele, sentir-se-á então plenamente feliz e não desejará mais nada. "Coloca no Senhor teu prazer e ele te dará o que deseja teu coração".

Enquanto S. Agostinho corria atrás dos prazeres dos sentidos, não achou a paz: tendo-se dado, porém, a Deus, encontrou o que procurava. "Inquieto, Senhor, está o nosso coração até que descanse em vós". "O' meu Deus, agora reconheço que tudo é vaidade e aflição de espírito e que só vós sois a verdadeira paz da alma; tudo acarre-

ta tribulação, só vós trazeis a paz" (Conf., l. 6, c. 16). Ensinado pela própria experiência, escreve: "Que procuras, ó homem, prendendo-te a tantos bens? Procura o único bem que em si encerra todos os outros bens" (Man. c. 35).

Achando-se o rei David em pecado, não deixava de ir à caça, de banquetear-se e tomar parte em todos os divertimentos; mas os banquetes, os bosques e as criaturas todas, em que buscava seu prazer, lhe perguntavam: David, queres tornar-te feliz por meio de nós? não, não estamos em estado de te contentar. Onde está teu Deus? Procura teu Deus, só ele poderá contentar-te. Por isso, no meio de suas alegrias, não fazia outra coisa que chorar. "Minhas lágrimas foram minha comida dia e noite, enquanto se me dizia contìnuamente: Onde está teu Deus?" (Sl 41, 4).

§ IV. Consequências práticas

E', pois, verdade que o mundo torna insensatos os seus sequazes, induzindo-os até a renunciar aos bens infinitos e eternos do céu por amor dos bens miseráveis e passageiros da terra e a sofrer as penas indizíveis e eternas do inferno para se verem livres de males pequenos e transitórios. Não é isso uma incomparável loucura?

Vê-se claramente do sobredito que o mundo torna seus sequazes também traidores de Jesus Cristo, pois não se contenta de separá-los de Nosso Senhor, mas esforça-se igualmente para afastar os outros do mesmo Senhor. Não é isso uma horrenda perfídia? E' certo também que o mundo torna infelizes seus partidários, desde que procura cegá-los para que busquem sua felicidade nos bens miseráveis da terra, onde, porém, só encontram um inferno antecipado. Não é isso fazê-los infelizes?

Daí se segue que não devemos agir segundo as máximas do mundo, mas odiá-lo, dele fugir e combatê-lo, antepondo a tudo a salvação de nossa alma, conservando-nos unidos a Jesus Cristo, custe o que custar, pois só ele pode tornar-nos felizes aqui e na eternidade.

Tomemos a resolução de antepor também a graça de Deus a todos os bens e favores deste mundo e dizer com S. Paulo: "Quem nos separará do amor de Jesus Cristo? será a tribulação? a angústia? a fome? a nudez? o perigo? a perseguição ou a espada?... Mas em tudo isso sairemos vencedores por aquele que nos amou. Pois eu estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem o que é elevado, nem o que é profundo, nem outra criatura alguma nos poderá apartar do amor de Deus, que é em Jesus Cristo Senhor Nosso" (Rom, 8, 35-39).

Jesus Cristo nos recomenda não temermos os que nos podem roubar a vida do corpo, mas sim aquele que pode lançar no inferno o corpo e a alma (Mt 10, 28). Nós temos que nos unir ou a Deus ou ao mundo; se escolhermos a Deus, devemos renunciar ao mundo. "Até quando pendereis para as duas partes? perguntou Elias ao povo; se o Senhor é Deus, segui-o; mas se for Baal, segui-o" (3 Rs 18, 21). Não se pode servir a dois senhores a um tempo. Quem quiser agra-

dar aos homens, não poderá agradar a Deus. "Se agradasse ainda aos homens, não seria eu servo de Cristo", diz o Apóstolo (Gál 1, 10).

Se vierem, pois, falsos amigos, dizendo: Que loucura! por que não fazes como os outros? responde-lhes: Nem todos procedem como vós, há também alguns que vivem piedosamente. — Mas são poucos. — Pois é a esses poucos que quero seguir, já que o Evangelho diz: "Muitos são os chamados, porém poucos os escolhidos" (Mt 22, 14). Cassiano diz: "Se queres ser feliz com os poucos, vive com os poucos" (De inst., 1. 4, c. 28). Mas não sabes que todos falam de ti e desaprovam teu modo de vida? — Basta-me que Deus o aprove, pois é melhor obedecer a Deus que aos homens. — Se agires segundo tais máximas, alma querida, não só podes esperar confiadamente alcançar a felicidade eterna do céu, como também prelibarás na terra um antegosto dessa felicidade, gozando duma paz semelhante à dos santos.

CAPÍTULO QUARTO

Do pecado venial e da tibieza

Para se restaurar um belo pomar, deve-se primeiro arrancar os espinhos e o mato e plantar árvores que dêem fruto. E' o que significa o Senhor a Jeremias ao encarregá-lo do cultivo do jardim de sua Igreja: "Eis que te constituí hoje sobre todas as gentes e sobre os reinos para que arranques e destruas... edifiques e plantes" (Jer 1, 10). Para nos santificarmos devemos primeiro purificar o nosso coração das faltas e aí plantar as virtudes. O primeiro ofício da piedade consiste na extirpação do pecado mortal: falemos agora do pecado venial e de sua consequência, a tibieza.

§ I. Malícia do pecado venial

O pecado venial, ainda que não mate a alma, fere-a, contudo; ainda que não ofenda gravemente a Deus, não deixa de o agravar; não é um mal tão grande como o pecado mortal, mas não deixa de ser maior que outros que possam pesar sobre as criaturas. Uma mentira, uma imprecação, é mal maior que a condenação ao inferno de todos os homens, santos e anjos.

Os pecados veniais ou são deliberados, ou indeliberados. Estes são os que o homem comete sem pleno consentimento e claro conhecimento; os deliberados são os que se cometem com vontade livre e com olhos abertos. Não falamos aqui dos primeiros, isto é, dos que se cometem por pura fragilidade humana; destes nenhum homem fica isento: "Em muitas coisas nós todos caímos" (Tgo 3, 2). Todos os homens, mesmo os santos, cometem faltas. "Se dissermos que não temos pecado, seduzimos a nós mesmos e a verdade não habita em nós" (1 Jo 1, 8), diz S. João. Por causa de nossa natureza corrompida pelo pecado, trazemos em nós mesmos a inclinação para o pecado, de modo que, sem uma graça especialíssima, qual a concedida à

SS. Virgem, é-nos impossível passar a vida sem pecados veniais indeliberados.

Semelhantes faltas Nosso Senhor permite até em seus servos mais fiéis, que se consagraram por inteiro a seu amor, para conservá-los na humildade e mostrar-lhes que cometeriam sem dúvida alguma pecados graves se sua mão divina não os preservasse, pois que tantas vezes sucumbem às faltas leves, apesar de seus bons propósitos e resoluções. Caindo, pois, em tais faltas, humilhemo-nos, reconhecendo nossa fraqueza, e avivemos nosso zelo, redobrando nossas orações, para que Deus sobre nós estenda seu braço poderoso e não permita cometamos pecados mortais.

Tratamos aqui, portanto, só dos pecados veniais que são cometidos com plena deliberação. Estes, com o auxílio de Deus, podemos evitá-los todos e assim procedem muitas almas santas que estão resolvidas a antes morrer que cometer um só pecado venial deliberadamente. S. Catarina de Gênova dizia que, para uma alma que está unida a Deus por um puro amor, o menor pecado é mais intolerável que o mesmo inferno e de si atestava que desejaria antes ser lançada num mar de fogo do que cometer deliberadamente um só pecado venial. E com razão falam assim os santos; pois, iluminados pela luz divina, conhecem claramente que a menor ofensa de Deus é um mal maior que a morte e a aniquilação de todos os homens e anjos. "Quem terá a ousadia de dizer: isto é só um pecado venial, e, portanto, não é um grande mal? pergunta S. Anselmo. Se Deus é ofendido, como se poderá afirmar que isso é um pequeno mal?" Se um súdito dissesse a seu rei: Em outras coisas obedecer-te-ei, mas neste ponto não, porque não é de grande importância, que castigo e repreensão não mereceria? S. Teresa dizia: Prouvera a Deus que temêssemos tanto os pecados veniais como tememos o demônio, pois eles nos podem prejudicar mais que todos os demônios do inferno. E a Santa repetia muitas vezes às suas filhas: Deus nos guarde de todo, mesmo do mínimo pecado venial deliberado.

Isto vale em especial para uma pessoa religiosa, conforme as palavras de S. Gregório Nazianzeno: Toma a peito que uma única ruga em tua alma mais te desfigura que uma grande chaga aos mundanos.

Aparecendo diante do rei uma cozinheira com as vestes todas manchadas, não a repreenderá justamente por ser uma cozinheira; mas ficará descontente e indignado vendo uma única mancha nas vestes de sua esposa, a rainha. Do mesmo modo procede Jesus Cristo com as faltas dos mundanos e de suas esposas. Desgraçado é o religioso que não se importa com os pecados veniais: nunca se tornará santo, nunca encontrará a paz.

Enquanto S. Teresa não se desprendeu de certas faltas pequenas, não fez progresso algum na piedade e sentia-se infeliz vendo-se privada de toda a consolação divina e humana.

Justamente esta é a razão por que tantas almas consagradas ao serviço de Deus levam uma vida infeliz e não acham a paz; de um lado privam-se das alegrias do mundo e de outro lado não experimentam as consolações espirituais, porque, sendo

mesquinhas para com Deus, Nosso Senhor também se mostra avaro para com elas. Entreguemo-nos sem restrições a Deus, que também se dará incondicionalmente a nós. "Eu pertenço a meu bem Amado e para mim se volta ele" (Cânt 7, 10).

§ II. Consequências do pecado venial

Talvez alguém dirá: os pecados veniais impedir-me-ão na consecução da perfeição, mas não me espoliarão da graça de Deus nem me privarão do céu, mesmo que cometa muitos, e isso me basta. Quem pensar assim, ouça o que diz S. Agostinho: Como dizes que te basta a salvação? Ao dizeres: basta-me isso, já estarás perdido.

1. Para bem entenderes essa máxima e veres os perigos oriundos dos pecados veniais deliberados e habituais, pondera que o costume de se cometer pecados veniais produz na alma a inclinação para os pecados mortais. Assim o costume de se conservar pequenas apatias é a origem dos grandes ódios; o hábito de furtar coisas pequenas leva a grandes roubos; uma afeição menos criminosa arrasta à luxúria. S. Gregório diz: A alma nunca fica detida no lugar em que caiu, rola sempre para mais baixo. Como as doenças graves não se originam de uma extravagância considerável, mas de pequenas e contínuas, assim também as faltas graves são muitas vezes resultado de pecados veniais.

O Pe. Álvarez diz: As apatias continuadas, as curiosidades repetidas, as impaciências e intemperanças amiudadas não matam imediatamente a alma, mas a enfraquecem de tal modo que, se for acometida por uma grave enfermidade, isto é, por uma forte tentação, não poderá resistir e sucumbirá.

Os pecados veniais, é verdade, não separam a alma de Deus, mas a distanciam dele e a expõem assim ao grande perigo de perdê-lo. Quando Jesus Cristo foi aprisionado no horto, S. Pedro não queria abandoná-lo; mas só de longe é que o seguiu também. Assim também não querem separar-se de Jesus pelo pecado mortal, mas seguem-no de longe, não querendo evitar os pecados veniais. A quantos, porém, não sucede o mesmo que aconteceu a S. Pedro. Apenas entrado na casa do sumo sacerdote, indigitado como discípulo do Salvador, negou-o com juramento.

S. Isidoro diz que Deus deixa, com toda a razão, cair em pecados mortais os que não evitam os veniais, em castigo de sua negligência e fraco amor. Já antes dele dissera o Sábio: "Quem despreza as coisas pequeninas, pouco a pouco sucumbirá" (Eccli 19, 1).

Não digas, portanto, que é um mal pequeno o hábito de cometer pecados veniais, diz S. Doroteu, mas considera antes suas conseqüências. O mau costume é uma úlcera que consome o coração, tornando-o fraco para resistir às tentações e roubando-lhes as energias para vencer as grandes. "Não faças pouco caso de tuas faltas por serem pequenas, escreve S. Agostinho, teme-as antes por serem muitas, pois seu número poderá causar a ruína que sua gravidade não ocasionou". E noutra parte: "Acautelas-te para não seres esmagado pelo peso de uma grande pedra, mas não cuidas que podes ser sufocado por um

monte de areia". Isso se refere aos pecados veniais que, cometidos continuamente e por costume, sem se cogitar em emenda, tiram ao homem o temor de combater pecados graves.

Quem não teme muito o pecado, está perto de cometê-lo. Por isso S. João Crisóstomo não hesitou em afirmar que devemos temer quase mais os pecados veniais habituais que os pecados mortais, porque estes inspiram por si terror, ao passo que aqueles são tidos em pouco, pelo que sucede que a alma, por já estar habituada a fazer pouco caso deles, não liga mais importância em cometer pecados graves. O Espírito Santo diz: "Prendei as pequenas raposas, que devastam as vinhas" (Cânt 2, 15). Não diz: Prendei os leões, os leopardos, mas as pequenas raposas, pois aqueles são temíveis e por isso acautela-se contra eles e previne-se o dano; no entretanto, estas são desprezadas, e, afinal, arruínam por completo as vinhas, aí construindo suas tocas e secando-lhes as raízes. Da mesma forma os pecados veniais continuados e cometidos a olhos abertos secam os desejos piedosos, que são as raízes da vida espiritual, e assim ocasionam a ruína da alma.

2. Os pecados veniais, pois, cometidos com plena reflexão e por hábito, expõem a alma ao perigo de se perder, porque criam nela uma propensão para o pecado mortal e roubam-lhe a força para resistir às tentações. Mas não é só isso: esses pecados privam-nos também do indispensável auxílio de Deus. Para que nosso espírito disponha nossa vontade para praticar o bem, necessita da luz divina, e para que ela se mostre dócil e obediente aos movimentos da graça, necessita da assistência divina.

Precisamos também do socorro ininterrupto de Deus contra as potências do inferno, senão sucumbiremos a todas as tentações do demônio, já que não possuímos nós mesmos forças suficientes para resistir-lhe. Deus é quem nos concede essa virtude ou graça e impede o demônio de nos assaltar com tentações a que não resistiríamos. Por isso Jesus Cristo nos ensinou a rezar: "E não nos deixeis cair em tentação" (Mt 6, 13). Aí pedimos a Deus se digne livrar-nos de todas as tentações às quais não poderíamos opor resistência.

Mas que fazem os pecados veniais? Eles nos privam dessas luzes, dessa assistência e proteção de Deus, e então a alma, obscurecida, fraca e árida, perde o gosto do que é celeste e mergulha-se no terrestre, com grande perigo de perder também a graça de Deus. E' igualmente em consequência dos pecados veniais que Deus permite ao demônio nos proporcione tão graves tentações. Uma alma que é avara para com Deus bem merece que Deus se mostre menos liberal para com ela. "Quem semeia pouco também pouco colherá" (De nov. rup. c. 23).

Na visão das sete rochas, o Beato Henrique Suso viu muitos que se deixaram ficar na primeira rocha. Perguntando quais eram esses, Jesus respondeu-lhe: São os tíbios, que se contentam com viver sem pecado mortal e não aspiram a mais alto. À pergunta se eles se salvariam, respondeu-lhe o Senhor: Naturalmente se salvarão se morrerem sem pecado mortal; mas eles se acham em muito maior perigo do que julgam, querendo servir a Deus e à carne, o que é simplesmen-

te impossível, e por isso ser-lhes-á extremamente difícil, em tal disposição, permanecer na graça de Deus.

O Espírito Santo aconselha-nos não vivamos sem temor dos pecados já perdoados. Por que esse temor, se já alcançamos o perdão? Porque nos resta sofrer as penas temporais, não obstante o perdão da culpa, e com esta pena costuma estar também a privação da assistência especial de Deus. Os santos, por isso, nunca cessaram de chorar seus pecados, ainda que leves, apesar de já perdoados, porque sempre temiam que Deus os castigasse, apesar de tudo, com a privação das graças que necessitavam para a aquisição da bem-aventurança eterna.

O favorito de um rei, que caiu na sua desgraça, não consegue recuperar o seu antigo prestígio, mesmo alcançando o perdão, se não der, antes, provas indubitáveis de arrependimento como também de resolução inabalável de compensar a ofensa feita, por maior zelo no serviço de seu senhor. O mesmo se dá com uma alma que ofendeu a Deus. Se ela não detestar do fundo do coração suas faltas e as fizer esquecer pela prática de boas obras, o Senhor, com toda a razão, retira sua mão, não se lhe comunicando mais tão confidencialmente como o fazia antes da queda. E tanto mais se distancia o Senhor, quanto maior for o número de vezes que repete suas faltas, e assim, a infeliz cai fàcilmente em pecados graves e perde-se, porque, de um lado, tornou-se mais fraca e inclinada ao mal, e doutro, menos sustentada pela assistência divina.

3. Os pecados veniais são, de modo particular, prejudiciais às almas que são chamadas por Deus a uma perfeição maior. S. Gregório Magno diz que quem é chamado à santidade jamais alcançará a eterna bem-aventurança, se não se tornar realmente santo. Disse uma vez o Senhor a S. Ângela de Foligno: Aqueles que eu ilumino para que sigam o caminho da perfeição e que, não obstante, teimam em trilhar o caminho comum com desprezo de sua própria alma, são por mim abandonados. Deve-se, pois, tomar bem a peito que, para se fazer santo, são necessárias muitas e especialíssimas graças.

Ora, como Deus há de conceder tão abundantes graças à alma que, chamada de modo particular para seu serviço, desonra-o em vez de glorificá-lo? Por sua vida negligente e imperfeita dá a entender que Deus não é digno de um serviço atencioso e que não acha em seu serviço a felicidade a que aspirava ou que a divina Majestade não merece tão grande amor para se antepor o seu agrado a toda a satisfação própria.

E' verdade que mesmo as almas piedosas que se consagraram ao amor divino não deixam de ter faltas, diz o Padre Álvarez, mas elas esforçam-se continuamente em corrigir sua vida e diminuir essas faltas. Como poderá, porém, uma alma, que peca por hábito e continua a pecar sem se arrepender e pensar em emenda, se libertar delas e evitar o perigo de cair em pecado grave? "Por muitos anos cometi faltas, dizia o Padre Luís da Ponte, mas nunca fiz paz com elas". Infelizes das almas que, conhecendo as faltas que cometem, fazem paz com elas. S. Bernardo diz: Apesar de uma pessoa cair repe-

tidas vezes, pode-se esperar que se emende e volte ao bom caminho, se detestar as suas faltas; mas, deixando de abominá-las e continuando a repeti-las sossegadamente, tornar-se-á sempre pior. "As moscas que estão para morrer estragam a suavidade do unguento" (Ecle 10, 1). Tais moscas são os pecados que permanecem na alma, diz o venerável Dionísio Cartusiano, como um rancor inveterado, inclinações desregradas, a vaidade, a intemperança, a imodéstia dos olhos e da língua, faltas essas que cometemos e das quais não nos arrependemos. Grandes são os estragos que causam. Põem a perder a suavidade do unguento, isto é, da devoção na santa comunhão, na oração, na visita ao SS. Sacramento, não achando a alma em tudo isso nem unção, nem consolação.

Essas faltas habituais, diz S. Agostinho, são como a sarna, que rouba à alma toda a beleza, tornando-a tão disforme que afasta o divino esposo e o impede de acariciá-la. Nesse estado a alma fará negligentemente seus exercícios espirituais, pois neles já não acha nem consolação, nem conforto, e chegará mesmo a abandoná-los por completo, e, não usando mais dos meios necessários para alcançar a salvação, fàcilmente se perderá. Ainda que continue a comungar, a rezar, a visitar o SS. Sacramento, pouco fruto ou nenhum tirará de tudo isso, porque nela se realiza a palavra do Espírito Santo: "Semeastes muito e produzistes pouco... aquele que ajuntou merecimentos, depositou-os em um saco furado" (Ag 1, 6). E' o que se dá com uma alma tíbia e imperfeita. Deposita todos os seus exercícios espirituais em um saco roto, não colhendo deles merecimento algum porque, cometendo tantas faltas, torna-se sempre mais merecedora de punição e especialmente da privação das graças que Nosso Senhor lhe preparara, caso obedecesse às inspirações anteriores. "A todo o que já tem, dar-se-á mais e terá em abundância, mas ao que não tem, tirar-se-á até o que parece ter" (Mt 25, 29). Quem, por sua fiel cooperação, conserva o lucro das graças e dos talentos recebidos de Deus, ser-lhe-á aumentada a graça e a glória; de quem faz mau uso de seus talentos, deixando-os sem proveito e sem aumento, Deus tirará o que lhe deu e não o fará participante das graças que lhe distinara.

Um cristão piedoso deve, pois, acautelar-se muito para se não deixar prender pelo demônio por meio de uma paixão ou pecado, ainda que mínimo, já que isso poderia acarretar sua eterna perdição. Deve acautelar-se, digo, porque a mínima inclinação má poderá ser a causa da sua condenação eterna. "Quem corre atrás de coisas perdidas, perder-se-á a si mesmo", dizia S. Teresa, e tinha toda a razão para falar assim, porque o Senhor lhe mostrou o lugar que lhe estava preparado no inferno, se não renunciasse a certa feição a um seu parente, apesar de nunca ter cometido um só pecado mortal.

Se o pássaro está livre, voa fàcilmente; se está preso, mesmo que seja por um fio tênue, fica preso no chão como um desprezível reptil. Do mesmo modo, uma alma livre de toda inclinação terrena se eleva sempre mais para Deus; estando, porém, presa a qualquer coisa terrena, nunca se elevará da terra, tornando-se sempre pior seu estado até sucumbir miseràvelmente.

§ III. Estado de tibieza

Do que acima se disse deduz-se que o cristão que quiser assegurar sua salvação eterna deverá evitar até as menores faltas, pois esses pequenos regatos tornam-se finalmente em rio caudaloso, no qual a alma miseràvelmente se afoga. As faltas repetidas e das quais se não faz caso, arrastam a alma pouco a pouco ao estado de tibieza. Deste estado fala o Senhor, por boca de S. João, ao Bispo de Sardes: "Tenho conhecimento de tuas obras e de que não és nem frio nem quente" (Apc 3, 15).

O cristão tíbio não ousa voltar as costas por completo a Deus, mas também não se incomoda com os pecados veniais, caindo em mil faltas todos os dias, como impaciências, mentiras, murmurações, gulodices, imprecações, apatias, loquacidade, curiosidades, vaidades, apego às honras, boa fama e vontade própria. Não liga importância a estas imperfeições e não pensa em se corrigir delas: "Oh! antes estivesses frio ou quente, mas porque estás tépido e nem frio, nem quente, começarei a vomitar-te de minha boca", conclui o Senhor. Oh! antes estivesses frio, isto é, em pecado mortal, privado de minha graça, porque sentirias melhor a necessidade de auxílio; mas porque permaneces na tibieza, morno, estás em maior perigo de condenação, aproximando-te cada vez mais, sem te aperceberes, da queda no pecado mortal, da qual dificilmente te erguerás.

S. Gregório nutre esperanças a respeito de um pecador não convertido; desespera, porém, de uma alma tíbia, que não se importa com sua tibieza. E o motivo está nas palavras do Senhor: "Porque estás morno, começarei a vomitar-te de minha boca". Fàcilmente se toma uma bebida quente ou fria, não, porém, morna, porque esta causa ânsias de vômito. A alma tíbia encontra-se nesse perigo de ser vomitada por Deus, isto é, abandonada por sua graça. Deus retira-se por completo dela, pois causa nojo tomar na boca o que se vomitou.

Como, porém, começa Deus a vomitar uma alma? Deixando de outorgar-lhe, como dantes, aquelas luzes vivas da fé, aquelas consolações espirituais, aqueles santos desejos, aqueles convites amorosos, aquele gosto sobrenatural que a tornavam fervorosa e generosa; com isso começa a deixar a meditação, a comunhão, as visitas ao SS. Sacramento, as súplicas, ou então continua a praticar esses exercícios, mas com grande contrariedade, desgosto e distração, só para ver-se livre da obrigação, sem devoção nem fervor. Assim começa o Senhor a vomitá-la.

Ora, como a infeliz então só acha enfado e tédio em seus exercícios de devoção, sem consolação alguma, deixa por fim tudo e cai no pecado mortal. A tibieza, em uma palavra, é uma febre lenta, que apenas se nota, mas que traz irremediàvelmente a morte. A alma tornada tíbia nem de longe pensa em se emendar de suas faltas; torna-se mesmo tão insensível aos remorsos que se precipita no abismo sem o pressentir.

§ IV. Meios contra a tibieza

Mas não haverá então para mim nenhuma esperança mais de salvação? perguntar-me-á uma infeliz alma que se acha no estado de

tibieza. Segundo o que foi dito ser-me-á, se não de todo, ao menos quase impossível livrar-me desta miséria. Ouve o que te diz o Senhor: "O que é impossível aos homens, é possível a Deus" (Lc 18, 27)| Quem reza e emprega os meios necessários, alcança tudo. E que meios são esses?

1. Se se trata de faltas irrefletidas, de pura fragilidade não causam, no princípio, grande dano, contanto que sejam detestadas com humildade. Deve-se, contudo, notar que há uma dupla humildade a respeito das faltas cometidas: uma santa, provinda de Deus, e uma desregrada, oriunda do demônio.

A humildade santa é aquela em virtude da qual a alma conhece suas imperfeições, envergonha-se de as haver cometido, confessa o seu nada diante de Deus, arrepende-se e detesta suas faltas, conservando-se, contudo, sempre em paz. Não perde a coragem, nem se inquieta à vista de sua miséria, mas redobra de fervor, confiada em Deus, procurando reparar por suas boas obras e fidelidade no serviço do Senhor as faltas cometidas.

A falsa humildade, porém, é a que perturba a alma, enche-a de inquietação e desconfiança, tornando-a fraca, e, por assim dizer, incapaz de qualquer boa obra.

Ouçamos o que diz S. Teresa a esse respeito:

Se bem que a verdadeira humildade leve a alma a conhecer sua miséria, não causa com isso nem perturbação nem inquietação do coração, antes o consola. Ela torna o coração pesaroso por causa da ofensa cometida contra Deus, mas o dilata também para confiar na sua misericórdia. A alma nesse caso tem bastante luz para se envergonhar de si mesma, de um lado, e doutro para louvar a Deus que por tanto tempo a suportou. A humildade que provém do demônio priva a alma da luz para todo o bem e parece-lhe que Deus leva tudo a fogo e a ferro. E' esta uma das mais finas astúcias do demônio.

Quanto, pois, a essas faltas, inevitáveis em consideração da fraqueza humana, diz muito bem S. Bernardo, que, assim como a negligência é repreensível a seu respeito, não o é menos um grande temor. Devemos detestar esses pecados, mas não perder por isso a coragem, já que o Senhor fàcilmente os perdoa. "Sete vezes cai o justo, mas torna a levantar" (Prov 24, 16). Quem cai por fraqueza, fàcilmente se levanta. S. Francisco de Sales diz que do mesmo modo como são cometidas despercebidamente as faltas, assim também, sem se notar, são reparadas. S. Tomás já dissera o mesmo, ensinando que tais pecados são perdoados indiretamente, quando a alma, com fervor, se eleva até Deus, por atos de amor, de submissão, de oferta, etc., que uma alma devota costuma fazer.

A remissão de tais pecados veniais é feita por meio dos sacramentos, como nota o doutor angélico; por exemplo, pela recitação do Padre-Nosso, pela confissão espiritual, pelo bater no peito, pela bênção de um Bispo, pela água benta, pela oração numa igreja consagrada, etc. Em especial é um efeito dos santos sacramentos e mui particular da santa comunhão, da qual diz S. Bernardino de Sena: A alma, pela comunhão, pode ser levada a uma tão grande devoção, que esta a purifica de todos os pecados veniais.

2. Se tivermos a infelicidade de cometer alguma vez pecados veniais inteiramente deliberados, não devemos por isso perder a coragem e nos perturbar. Cuidemos então em remediar o mal imediatamente pelo arrependimento e renovação do bom propósito. Se essa desgraça se der muitas vezes, outras tantas vezes devemos nos arrepender e renovar o propósito, confiados em Deus: ele sem dúvida livrará finalmente a alma de tais faltas deliberadas, se ela continuar a agir dessa forma.

Fazer-se santo não é obra de um dia, diz S. Filipe Néri. Quem não abandonar o caminho da perfeição, uma vez encetado, não desespere, que a seu tempo chegará ao têrmo. Deus permite algumas vezes que caiamos em tais faltas para que fiquemos cônscios de nossa fraqueza e dos crimes que cometeríamos se ele não estendesse sobre nós sua mão poderosa. Essas faltas, ainda que premeditadas, não nos prejudicam muito, se forem raras e, em todo caso, não ocasionam a nossa perdição.

3. As faltas, porém, que fàcilmente nos arrastam à perdição são as que se cometem com deliberação, e, ao mesmo tempo, por hábito. Ora, isso dá-se especialmente quando nascem de uma paixão ou são filhas da tibieza, isto é, quando não fazemos conta delas, não nos arrependemos, nem nos emendamos. Indiquemos, contudo, os meios para uma alma sair desse triste estado de tibieza.

I. — O primeiro meio é um sério desejo de sair desse estado. Não se tendo esse desejo, deve-se pedi-lo a Deus, confiando na sua promessa: Pedi e recebereis. Enganam-se alguns pensando que Deus não quer que todos se tornem santos. S. Paulo afirma o contrário: "Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (1 Tess 4, 3). Deus quer, pois, que todos se façam santos, mas cada um no seu estado: o religioso como religioso, o leigo como leigo, o sacerdote como sacerdote, o casado como casado, o negociante como negociante, o soldado como soldado e assim por diante.

Se desejamos sèriamente nos tornar santos, nem nossos pecados antigos nos poderão impedir. Nada posso, diz o pecador a si mesmo, mas afinal tenho de tratar com Deus, que é infinitamente bom e poderoso. Ora, ele quer que eu tenda à santidade e oferece os meios para isso; logo, posso fazer-me santo, não por minha própria força, mas pela graça de Deus, que me fortifica: "Tudo posso naquele que me conforta" (Filip 4, 13).

II. — O segundo meio é a resolução de se dar inteiramente a Deus. Muitos são os chamados à perfeição, sentem-se convidados pela graça a a ela aspirar e desejam mesmo atingi-la, mas, porque não têm energia, nunca chegam a abandonar seu modo de viver, tíbio e imperfeito. Não basta o desejo da perfeição, é preciso ter também a firme resolução de alcançá-la, custe o que custar.

Quantas almas não se contentam só com o desejo, sem nunca dar um só passo nas vias do Senhor? S. Teresa diz: O Senhor só deseja de nossa parte uma resolução decidida, o resto ele mesmo faz. O demônio não teme as almas irresolutas (Fund. 28). A oração mental nos deve levar a empregar os meios que conduzem à perfeição. Alguns se dão a longas meditações e nunca chegam a uma séria resolu-

ção. A esse respeito escreve a mesma Santa: Eu aprecio mais uma oração curta, que produz grandes resultados, a uma outra de anos, mas que não leva a alma a praticar coisa alguma digna de Deus.

a). Devemos nos resolver, antes de tudo, a empregar todos os nossos esforços para nunca cometermos um só pecado premeditado, por menor que seja, ainda que nos custe a vida. E' verdade que todos os nossos esforços, sem a assistência de Deus, são insuficientes para vencermos as tentações, mas Deus quer que nos violentemos, pois só assim nos auxiliará com sua graça, socorrerá a nossa fraqueza e nos dará a vitória.

Essa resolução enérgica nos desembaraça dos impedimentos de nosso adiantamento e nos incute grande coragem, já que nos dá a certeza de estarmos na graça de Deus. "A certeza mais absoluta possível, aqui na terra, de que estamos na graça de Deus, diz S. Francisco de Sales, não consiste nos sentimentos de amor para com Deus, mas na entrega perfeita e irrevogável de todo o nosso ser em suas mãos e na resolução firme de nunca consentir em um pecado, quer mortal, quer venial".

E' de notar, porém, que uma consciência delicada é mui diferente de uma consciência escrupulosa e perplexa. Delicadeza de consciência é indispensável para se fazer santo; ansiedade é uma falta e impedimento. Deves, pois, obedecer a teu diretor espiritual e vencer os escrúpulos, que não são outra coisa senão temores vãos.

b) Devemos também nos decidir a sempre escolher o melhor e não só o que é simplesmente agradável a Deus, mas sim o que lhe agrada mais e aí nunca devemos fazer restrições. S. Francisco de Sales diz: Devemos começar com uma resolução firme e constante, protestando que queremos, para o futuro, amar a Deus sem reserva. Essa resolução devemos então renová-la sempre (Amor de Deus, c. 12, 8).

S. André Avelino fez o voto de progredir cada dia na perfeição. Quem quiser se santificar não precisa pròpriamente a isso se obrigar por voto, basta que procure cada dia dar um passo adiante no caminho da perfeição. S. Lourenço Justiniano escreve: Quem uma vez começou a trilhar de todo o coração o caminho da perfeição, sente um desejo contínuo de se adiantar nele, desejo esse que vai crescendo à medida que se adianta na perfeição, visto que cada dia lhe traz mais luz e assim julga que ainda não possui virtude alguma e nenhum bem, e mesmo, quando vê claramente que praticou algum bem, parece-lhe isso tão imperfeito que não lhe dá valor. Daí procede seu contínuo esforço para alcançar a perfeição sem esmorecimento de espécie alguma.

c) Finalmente, devemos pôr em pronta execução as resoluções tomadas e não esperar até ao outro dia, pois quem sabe se mais tarde teremos tempo e vontade para isso? O Espírito Santo nos admoesta: "Tudo o que puder fazer tua mão, executa-o imediatamente, porque no sepulcro, do qual te aproximas, não há lugar nem para a razão, nem para a sabedoria, nem para a ciência" (Ecle 9, 10). Isto quer dizer que então não há mais tempo para agir, nem ocasião de merecer; nenhuma sabedoria para se praticar o bem, nenhuma ciência ou ex-

periência para nos aconselhar; depois da morte, o que se fez está feito. Eu o disse: agora eu começo" (Sl 76, 11).

S. Carlos Borromeu repetia muitas vezes as palavras: Hoje eu começo a servir o Senhor. Nós também devemos dizer o mesmo, como se nada de bom tivéssemos até agora feito. E, realmente, que fizemos por Deus, se só cumprimos com o nosso dever? Não olhemos para o que fazem os outros ou para o modo por que o fazem, pois pequeno, em verdade, é o número dos que se tornam santos. Renovemos cada dia o propósito de começar a viver só para Deus. "Perfeito é só aquilo que é único em sua espécie", diz S. Bernardo. Se quisermos seguir a maioria dos homens, ficaremos imperfeitos como eles mesmos.

III. — O terceiro meio para sair da tibieza é a oração mental. "A meditação põe em ordem as inclinações de nossa alma e dirige nossas ações para Deus, diz S. Bernardo; sem ela nossas tendências se voltam para a terra e nossas ações se dirigem conforme as mesmas e tudo cai em desordem". Quem não pratica a oração mental desata o laço que o prende a Deus, dizia S. Catarina de Bolonha. Não é difícil ao demônio, nesse caso, induzir uma pessoa que ele acha tão fria no amor de Deus a provar alguma fruta proibida. S. Teresa escreve (Vida, c. 8): "Se alguém perseverar na oração, ainda que o demônio o induza a cometer muitos pecados, o Senhor não deixará de reconduzi-lo ao porto da salvação". "Quem não ficar parado no caminho da oração, chegará certamente ao fim, ainda que talvez mui tarde", diz ela noutro lugar.

Quanto ao assunto das meditações, nada há mais útil que meditar sobre os novíssimos, a morte, o juízo, o inferno e o céu. Mui útil é a meditação da morte, representando-nos em nosso leito mortuário, tendo o crucifixo na mão, e às portas da eternidade.

Para quem ama a Jesus Cristo e deseja crescer sempre em seu amor, o objeto mais apropriado à meditação é a paixão do divino Salvador. Segundo S. Francisco de Sales, o calvário é o monte dos amantes. Todos os verdadeiros amigos de Jesus vivem continuamente nesse monte, onde não se respira outro ar que o do amor divino. À vista de Deus morrendo por nós, por nosso amor, é impossível que ele não seja amado ardentemente. Das chagas de nosso Salvador crucificado partem continuamente setas de amor, que ferem até corações de pedra. Feliz daquele que se detém continuamente no monte Calvário. O' bem-aventurado, ó amável, ó caro monte! Quem te abandonará jamais, ó monte que lanças fogo e abrasas as almas que moram em ti!

IV. — O quarto meio para sair da tibieza é a recepção assídua da santa comunhão. A coisa mais agradável a Jesus Cristo que uma alma pode fazer é recebê-lo muitas vezes na santa comunhão. "Para se alcançar a perfeição não há meio melhor que comungar a miúdo", diz S. Teresa. O Senhor ajuda poderosamente a uma tal alma a alcançar a perfeição. Essa mesma santa era de opinião que regularmente as pessoas que comungam repetidas vezes se adiantam muito mais na perfeição e que maior é a observância regular nos conventos onde se recebe mais a miúdo a santa comunhão. Segundo S. Bernar-

do (In cœna Dom., s. 1), a santa comunhão reprime os movimentos da cólera e da incontinência, as duas paixões que nos assaltam mais frequente e violentamente. Conforme S. Tomás (III, q. 29, a. 6), ela afugenta as tentações do demônio. S. Crisóstomo diz que a santa comunhão cria em nós uma forte propensão à virtude e uma grande prontidão em praticá-la, procurando-nos ao mesmo tempo uma grande paz, tornando-nos fácil e deleitável o caminho da perfeição. Não há sacramento que tanto abrase as almas no amor divino como a eucaristia, na qual Jesus Cristo em pessoa se nos dá todo para unir-nos a ele por meio de seu amor. Por isso dizia o venerável João Ávila: Quem desviar as almas da comunhão frequente, faz o ofício do demônio. Este realmente tem um ódio imenso a esse sacramento, do qual tiram as almas tanta força para progredir no amor de Deus. Mas meu confessor não me diz que devo comungar mais vezes, replicas. — Se ele não te diz, pede-lhe permissão; e se ele te negar, obedece, mas não deixes de pedir. — E isso não será orgulho? — Seria vaidade se quisesses comungar contra a vontade de teu confessor, mas não o é o pedires humildemente licença. Este pão divino exige fome. Jesus Cristo quer ser despejado, quer ardentemente que tenhamos sede dele, diz um pio escritor. O pensamento: hoje comunguei, ou amanhã receberei a comunhão, torna a alma mui cuidadosa em evitar as faltas e cumprir a vontade de Deus.

V. — O quinto e o mais importante meio para se libertar da tibieza é a oração. Concedendo-nos esse meio, Deus nos dá a conhecer o grande amor que nos tem. Que maior prova de amor se poderá dar a um amigo, que dizer-lhe: Pede-me o que quiseres, que eu to darei? Pois assim diz-nos o Senhor: "Pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis" (Mt 7, 7). A oração é, portanto, todo poderosa junto de Deus, e nos alcança todos os bens. Quem reza, recebe do Senhor tudo o que deseja. Mui belas são as palavras de David: "Bendito seja Deus, que não recusa minha oração, nem me subtrai a sua misericórdia" (Sl 65, 20).

Se somos pobres em bens espirituais, queixemo-nos ùnicamente de nós mesmos, já que a culpa é exclusivamente nossa e não merecemos compaixão. Que compaixão merece um mendigo que, podendo ser provido de tudo por um rico senhor, quisesse ficar na sua miséria, sòmente para não se ver na necessidade de pedir? "Deus é rico para todos que o invocam" (Rom 10, 11). Quando orarmos a Deus, lembremo-nos também em nos recomendar à SS. Virgem, a distribuidora de todas as graças. "Deus nos dispensa suas graças, mas pelas mãos de Maria", diz S. Bernardo. Busquemos a graça, mas busquemo-la por intermédio de Maria, pois o que ela busca, encontra, e não pode ser desatendida". Se Maria pedir por nós, estaremos seguros, porque todas as suas súplicas são atendidas.

VI. — O sexto meio é combater as nossas paixões e, em especial, a paixão dominante. Mas disso trataremos num capítulo próprio.

CAPITULO QUINTO

Do combate às paixões

§ I. Da necessidade de combater as paixões

Grande é o número das almas que, chamadas à perfeição, não se fazem santas porque não querem renunciar a certas inclinações terrenas, chegando assim a arriscar até a sua salvação eterna. A aspiração predominante de uma alma em seus exercícios de devoção, em suas comunhões, meditações, leituras espirituais, etc., deve ser sempre a vitória sobre suas paixões, a extirpação de todas as afeições terrenas, a remoção de tudo o que a impede do caminho da perfeição. Para esse fim devem ser dirigidos todos os seus exercícios de devoção, como todas as suas orações: pedir sempre a Deus o desapego de tudo o que é criado e a vitória sobre suas más inclinações.

Alguns cristãos são zelosos em receber a miúdo a santa comunhão, em fazer suas orações costumadas, etc., mas procuram com isso ùnicamente satisfazer um certo sentimento piedoso, contentar uma certa sentimentalidade espiritual, pondo nisso todos os seus esforços. Assim permanecem, porém, sempre retidas na terra com suas inclinações, ficam impedidas de progredir na vida espiritual, retrocedendo até cada vez mais, por esse motivo. Não raro acontece que essas almas caem miseràvelmente na desgraça de Deus.

Notemos bem que o demônio, quando tenta cristãos piedosos, não os induz, a princípio, ao pecado mortal. No começo se dá por satisfeito se consegue prender as almas por um cabelo, pois se pretendesse acorrentá-las logo no princípio com uma cadeia, causar-lhes-ia temor e fugiriam; tendo-as, porém, por um cabelo, fácil se lhe torna amarrá-las com um fio, que substitui por uma corda, prendendo-as finalmente com fortes cadeias, fazendo-as escravas do inferno.

Suponhamos que certa pessoa, depois de pequena desavença com o próximo, guarde algum rancor em seu coração: eis o cabelo. Em consequência disso não fala mais com ele, nem o saúda: eis o fio. Aumentando-se a antipatia e rancor, começa a falar mal dele e ofendê-lo, provocando-o: eis a corda. Ocorrendo qualquer outra desavença e suposta ofensa, apodera-se dela um ódio mortal: eis a cadeia que a torna escrava do demônio.

Outro caso. Uma pessoa deixa-se levar por uma inclinação ou simpatia toda natural para com outra, a entreter-se longas horas com ela, sob pretexto de atenção e gratidão; a isso seguem-se presentes mútuos, a estes, palavras afetuosas, e, finalmente, o incêndio da paixão e a ruína completa da infeliz. — Como um jogador, depois de perder muitas quantias insignificantes, exclama, desesperado: agora arrisco tudo, e, dando a última cartada, perde tudo o que possuía; do mesmo modo uma alma tíbia, depois de ter sofrido pequenas perdas na vida espiritual, sente-se sem forças para resistir às tentações, e exclama também: vou agora aventurar tudo, e, sucumbindo, perde a Deus e lança-se no abismo.

Realmente grande é o poder que tem o demônio sobre nós, quando nos vê escravos de uma paixão. Como S. Antônio o nota, o demônio primeiro observa qual a coisa que mais nos agrada; descoberta esta, põe-no-la diante dos olhos, provoca a nossa concupiscência, e assim nos arma laços para prender-nos ao seu império.

Se ouvirmos da queda de uma alma que se havia consagrado à vida espiritual, não pensemos que sucumbiu logo à primeira tentação, diz Cassiano; podemos sem temor afirmar que começou com faltas pequenas até cair em pecados graves. S. João Crisóstomo nos afirma que conheceu diversas pessoas ornadas, a seu ver, de todas as virtudes, e que, mais tarde, se precipitaram num abismo de crimes, por haverem feito pouco caso das faltas leves. A serpente, no começo, não despertou em Eva o desejo de comer o fruto, mas simplesmente de contemplá-lo; entrou então em uma conversa com ela; Eva começa a duvidar da ameaça divina de morte e, dessa maneira, foi arrastada à queda.

Segundo S. Teresa, o demônio já se dá por satisfeito se uma alma lhe abre um pouco só a porta de seu coração, pois achará meios de fazê-la abrir por inteiro. Esta é também a opinião de S. Jerônimo: "O inimigo não tenta logo no princípio ao pecado grave, mas a culpas leves, para que possa penetrar quase desapercebidamente na alma e nela estabelecer o seu domínio e então seduzi-la ao pecado grave" (Ep. 40). Um homem piedoso não se torna perverso de uma vez, diz S. Bernardo; começam com pequenas faltas aqueles que mais tarde se entregam aos maiores crimes.

Toda a alma, pois, que por Deus foi chamada à perfeição, deve precaver-se contra todo o pecado, por mínimo que seja: do contrário, cairá fàcilmente em pecado mortal e por sua queda se exporá ao perigo de ser abandonado por Deus. Seus pecados não serão, nesse caso, como os daqueles que pecam nas trevas, mas serão pecados de malícia, já que peca sob o influxo da luz recebida de tantos sermões, comunhões, meditações e conselhos de seu diretor espiritual, não podendo assim pretextar ignorância ou fraqueza, depois de ter recebido tantas luzes e tantos meios para se consolidar na virtude.

O pecado cometido por malícia é o que é praticado com perfeito conhecimento de sua gravidade, segundo S. Tomás; um tal pecado é acompanhado das mais nocivas consequências, pois, quanto maiores forem as luzes recebidas, tanto mais forte será a sua obcecação. O pecado será também tanto maior quanto maior for a ingratidão de quem o comete.

Ora, quantas graças, quantos favores não concede Deus a uma alma devota! Ele a enriquece com suas graças, com auxílios internos e externos, a fim de torná-la santa; dá-se-lhe na comunhão, fala-lhe muitas vezes confidencialmente nas meditações, leituras espirituais e visitas ao Santíssimo, numa palavra, eleva-a de um profundo vale a uma alta montanha. E, apesar de tudo isso, quer essa alma voltar as costas a seu Deus e tornar-se sua inimiga. O' infeliz, tua queda não é uma queda comum, mas um arremesso e precipitação na perdição. Quem cai na planície não se fere fàcilmente, mas quem cai de um

alto monte diz-se que rolou vertiginosamente. Deus fala pela boca de Ezequiel: "Coloquei-te no monte santo de Deus... e tu pecaste e eu expulsei-te do monte de Deus e te entreguei à perdição" (Ezeq 28, 14). Dificílima é, por isso, a conversão de uma alma que, tendo antes servido a Deus, voltou-lhe depois as costas.

§ II. Meios para refrear nossas paixões

1) O primeiro meio consiste em procurarmos conhecer e combater, antes de tudo, a nossa paixão dominante, isto é, a que nos serve de ocasião constante de pecado. "Devemos nos valer, para vencer o demônio, dos mesmos artifícios de que se serve ele para nos subjugar", diz S. Gregório. Ele se esforça por excitar em nós a paixão a que somos mais inclinados e, por isso, nós devemos também combater de modo especial contra essa paixão.

Quem vence sua paixão predominante, vence fàcilmente as demais paixões; quem, pelo contrário, se deixa subjugar por ela, sofre um dúplice prejuízo. Primeiramente, não se adiantará nã perfeição. Mui acertadamente pergunta S. Efrém: Que adiantam à águia suas grandes asas, se tiver os pés presos, sem poder levantar o voo? Quantas almas não existem semelhantes a essa águia: poderiam elevar-se até Deus, mas, presas à terra, por suas afeições, não podem voar e nem mesmo dar um passo no caminho da perfeição. S. João de Cruz diz que basta qualquer fio para reter uma alma em seu voo para Deus.

Em segundo lugar, quem se deixa dominar por uma paixão, não só não progride no bem, como também se expõe a um grande perigo de se perder eternamente, o que é ainda pior. Logo, é de grande importância que se procure combater, antes de tudo, a paixão à qual se sente mais propenso; do contrário, pouco adiantará o mortificar-se em outras coisas. Por exemplo, este não tem apego ao dinheiro, mas muito à sua honra; se ele não pocurar vencer-se nas humilhações que lhe sobrevêm, pouco lhe adiantará sua indiferença para com o dinheiro. Aquele, pelo contrário, não liga muito à sua honra, mas ama em excesso o dinheiro; se não se esforçar em mortificar sua cobiça pelo dinheiro, pouco lhe aproveitará o suportar os desprezos.

Resolve-te, portanto, alma cristã, a combater enèrgicamente a má inclinação que te governa. Uma vontade decidida tudo supera com a graça de Deus, que nunca é negada.

S. Francisco de Sales era de natural muito irascível; mas, violentando-se a si mesmo, tornou-se um modelo de mansidão e paciência. Se superaste uma paixão, cuida em combater ás outras, pois, restando uma só na alma, ela bastará para arrastá-la à perdição. "Se não domares todas as tuas paixões, nunca viverás em paz, pois uma só que te domine bastará para ta roubar", dizia S. José de Calazans. Se se deixar de tapar um pequeno buraco no fundo de um navio, escreve S. Cirilo, irá a pique, por melhor e mais forte que seja a embarcação. E' o motivo que leva S. Agostinho a dizer: Se lançaste por terra uma paixão, calca-a aos pés e procura combater, entretanto, uma outra que ainda te resiste.

Se tens o desejo de te fazeres santo, segue o meu conselho e pede a teu diretor que te guie pelo caminho que lhe parecer melhor. Dize-lhe que não te poupe por razão alguma e em tudo contrarie tua vontade, se isso te for útil. "Uma vontade reta é uma vontade perfeita", dizia um grande servo de Deus, o Cardeal Petrucci.

S. Teresa conta que um de seus confessores tinha especial cuidado em contrariar a seus desejos e afirma que foi justamente esse que mais a fez adiantar. O demônio muitas vezes a tentou a que escolhesse um outro confessor; Deus, porém, a repreendia severamente todas as vezes que dava ouvidos a essa sugestão. "Toda a vez que me resolvia a deixá-lo, escreve ela, ouvia interiormente uma repreensão que me era mais sensível que tudo o que me dizia o confessor".

2) O segundo meio consiste em nos esforçarmos para resistir às paixões e subjugá-las antes de se tornarem fortes, pois, uma vez arraigadas pelo hábito, dificílimo se torna o vencê-las. S. Agostinho diz: Para que a concupiscência não se torne forte, reprime-a enquanto é ainda pequena. Por exemplo: Em uma controvérsia desejarias dar uma resposta mordaz ou casualmente observar uma de que gostas; resiste logo no princípio a essa tendência, para que essa pequena chaga não se torne uma úlcera incurável.

A esse respeito um dos Padres antigos nos dá um conselho espirituoso. Um dia S. Doroteu disse a um dos seus discípulos que arrancasse um pequeno cipreste ali plantado. O jovem o fez num instante. Disse-lhe então que arrancasse um maior: o jovem o fez também, mas teve de empregar grandes esforços. Por fim ordenou-lhe que arrancasse um terceiro, que já tinha profundas raízes: o jovem experimentou, mas ficaram baldados todos os esforços. A mesma coisa se dá com as nossas paixões, disse-lhe então o santo; no princípio é fácil arrancá-las, mas será dificílimo extirpá-las depois de haverem lançado raízes, em consequência do mau costume.

E' também o que nos ensina a experiência. Por exemplo: quando alguém é gravemente ofendido, sente então um acesso de cólera; se afoga no mesmo instante essa faísca, calando-se e oferecendo tudo a Deus, não haverá incêndio e, em vez de sair perdendo, ganhará muitos merecimentos. Cedendo, porém, a esse sentimento, conservando-o e alimentando-o em seu interior, essa faísca, que tão fàcilmente poderia ser extinta, ocasionará um grande fogo, isto é, um ódio mortal, de tristíssimas consequências.

No coração de certa pessoa se declara uma afeição desregrada para com uma outra; havendo oposição logo no começo, esse sentimento se desvanecerá; cedendo, porém, a essa propensão, tornar-se-á ela em breve pecaminosa e nociva. Acautelemo-nos, pois, para não alimentar os animais ferozes que nos haveriam de tragar mais tarde.

3) O terceiro meio consiste em desviarmos a paixão por outro objeto, como diz Cassiano, a fim de torná-la útil e proveitosa em vez de pecaminosa e perniciosa. Se alguém, por exemplo, sente uma inclinação desregrada por outra pessoa, mude de objeto e dirija sua paixão para Deus, que é infinitamente amável e que o favoreceu mais que todas as criaturas. Se qualquer um é inclinado a agastar-se com os que o contradizem, ordene sua indignação contra seus próprios

pecados, odiando-os como a inimigos que mais o prejudicaram que todos os demônios do inferno. Se um terceiro é inclinado a granjear honras e bens temporais, transfira esse desejo para as honras e bens eternos.

4) Para cumprirmos com o sobredito devemos meditar muitas vezes nas verdades da fé, ler assiduamente livros espirituais, conversar a miúdo com os outros sobre as verdades eternas e principalmente imprimir na memória certas máximas da vida espiritual. Essas máximas são: Só Deus merece o nosso amor. — O único mal que devemos odiar é o pecado. — Tudo o que Deus quer é bom. — Nesta terra tudo terá fim. — E' melhor levantar da terra uma palha em cumprimento da vontade de Deus, que converter o mundo inteiro contra sua vontade. — Deve-se sempre praticar o que se desejaria ter praticado na hora da morte. — Devemos viver neste mundo como se nele nada mais existisse que Deus e nós.

Quem nutre seu espírito com tais pensamentos e máximas, pouco inquietado será pelas coisas terrenas e sentir-se-á bastante forte para reprimir suas más inclinações. Mui particularmente deverá o cristão cuidar em praticar atos de virtudes opostas às más inclinações que mais o atormentam e arrastam ao pecado. Quem se sentir inclinado ao orgulho, deve-se propor e esforçar-se para praticar a humildade com todos e suportar corajosamente toda a espécie de detrações. Quem sentir propensão para a sensualidade no comer e beber, deverá evitar, quanto possível, contentar esse desejo.

O mesmo vale quanto às outras faltas e paixões. Quanto a isso, será de grande importância fazer o que diz Cassiano, isto é, nos representar vivamente na meditação os casos em que nos podemos achar; por exemplo, receber uma afronta, ser visado por uma injustiça, etc., e fazer o propósito de nos humilhar e submeter à vontade de Deus nessas emergências.

Essa prática — excetue-se a impureza — contribui imensamente para que a alma esteja preparada para qualquer acontecimento inesperado. Por esse meio os santos conseguiram não estar desprevenidos e até receber com paciência e alegria todos os escárnios, injúrias, maus tratos e injustiças.

E' também mui útil fazer o exame particular de consciência sobre os defeitos principais e impor-nos uma penitência todas as vezes que cairmos nos mesmos defeitos. Não devemos desistir de combater esses defeitos antes de os havermos extirpado, animando-nos com o pensamento do auxílio divino, exclamando com David: Perseguirei os meus inimigos e os cativarei e não voltarei enquanto não os destruir" (Sl 17, 38).

Ainda que tenhas feito muitos progressos na virtude, muito te enganas se julgares que, enquanto viveres em teu corpo mortal, tuas paixões estão mortas, diz S. Bernardo; conservam-se elas por algum tempo abatidas, mas levantar-se-ão sempre de novo. Por isso nos exporta Cassiano a vigiar continuamente, para que o vício não se enraize, pois, se nos descuidarmos, reaparecerá com maior força e nos subjugará.

Devemos mui especialmente desconfiar de nossas próprias forças, se quisermos reprimir todas as nossas paixões, e depositar em Deus toda a nossa esperança, dizendo com David: "Não porei minha esperança em meus arcos; minha espada não me poderá salvar" (Sl 43, 7). Se confiarmos em nossos propósitos e zelo, em pouco tempo estaremos perdidos; procuremos, pois, sempre o auxílio de Deus, repetindo sem cessar: Meu Jesus, misericórdia! Meu Deus, assisti-me! Deus prometeu conceder graças ao que pedir e ser encontrado por quem o procurar: "Pedi e recebereis, buscai e achareis" (Lc 11, 9). Repito mais uma vez, é preciso pedir e não cessar de pedir. "Importa orar sempre e não cessar de o fazer" (Lc 18, 1). Se não cessarmos de pedir, com um verdadeiro desejo de conseguir as graças, a vitória será nossa, ainda que não seja imediatamente.

CAPÍTULO SEXTO

Das tentações

§ I. Razões por que Deus permite que sejamos tentados.

Alma cristã, dificilmente estará Deus contente com tua vida passada, e certamente tu mesma não o estás, e se a morte te viesse agora buscar, seguramente não morrerias de bom grado. Contudo, como eu espero, estarás resolvida a servir no futuro mais fielmente a Deus e a amá-lo com mais fervor, e, por isso, apresta-te para o combate às tentações. Ouve como o Espírito Santo a isso te exorta: "Filho, entrando para o serviço de Deus... aparelha tua alma para a tentação" (Ecli 2, 1). E, de fato, permite o Senhor às vezes que as almas que lhe são mais caras sejam também mais atormentadas pelas tentações.

No deserto da Palestina, entre exercícios e orações, S. Jerônimo era horrìvelmente atormentado por tentações. "Eu estava só, escreve ele, e meu coração estava cheio de amargura; meus membros macilentos e extenuados estavam cobertos com saco; minha pele estava enegrecida como a de um africano; a terra dura era meu leito, que me servia mais para tormento que para descanso; minha comida era escassa e, apesar de tudo isso, meu coração se inflamava, contra minha vontade, e ardia na mais hedionda concupiscência. Minha única consolação consistia em dirigir-me apressadamente a Jesus Cristo e pedir-lhe seu auxílio" (Ep. ad Eustoch.).

1) Se Deus Nosso Senhor permitir que nos sobrevenham tentações, é para que nos humilhemos. "Que sabe aquele que não é tentado?" (Ecli 34, 9), pergunta o Sábio. E, em verdade, nunca se aprende a conhecer melhor a própria miséria que quando se é tentado. Antes da tentação, como nota S. Agostinho, fiava-se S. Pedro muito em sua própria pessoa, chegando até a declarar que preferiria morrer a negar a Jesus. Quando, porém, lhe sobreveio a tentação, negou-o cobardemente, e assim aprendeu a conhecer a sua própria fraqueza. "Pedro que, antes da tentação, colocara sua confiança em si mes-

mo, continua S. Agostinho (In Ps. 36, s. 1), chegou a conhecer-se na tentação".

Pela mesma razão quis o Senhor que S. Paulo fosse atormentado por uma daquelas molestas tentações que, mais que as outras, humilham o homem, para que não se ensoberbecesse com as revelações celestes que lhe foram feitas. "E para que a grandeza das revelações não me ensoberbecesse, foi-me dado o estímulo da minha carne, o anjo de satanás que me esbofeteie" (2 Cor 12, 7).

2) O senhor permite também que sejamos tentados para nos enriquecer de méritos. Muitos cristãos piedosos são atormentados de escrúpulos por causa dos maus pensamentos que têm. Afligem-se, contudo, sem razão, pois não são os maus pensamentos, mas o consentimento neles que constitui o pecado.

Por maiores que sejam as tentações, não poderão manchar nossa alma se sobrevierem sem nossa culpa e nós os repelirmos. S. Catarina de Sena e S. Ângela de Foligno tiveram fortes tentações contra a pureza, mas as tentações, longe de ofuscar a pureza dessas almas castas, mais ainda a aumentaram.

Cada vez que uma alma vence uma tentação, adquire um novo grau de graça e, correspondentemente, um novo grau de glória no céu, de maneira que ganharemos tantas coroas quantas forem as tentações vencidas, afirma S. Bernardo. Nosso Senhor mesmo disse a S. Mechtildis: "Tantas serão as pérolas que uma alma engasta na sua coroa quantas forem as tentações por ela vencidas com o auxílio de minha graça". Nos anais dos Cistercienses conta-se que uma vez, durante a noite, foi um monge assaltado por tentações impuras, conseguindo, porém, sair vencedor. Ora, entretanto, um irmão leigo teve a seguinte visão: Apareceu-lhe um jovem encantador, que lhe apresentou uma coroa de pedras preciosas, dizendo-lhe: Procura tal monge e entrega-lhe esta coroa que ele conquistou esta noite. O irmão leigo relatou a visão ao Abade, que mandou chamar o referido monge e, sabendo dele da resistência que opusera à tentação, reconheceu que aquela era a recompensa que o Senhor lhe preparara no céu.

Também Nossa Senhora revelou a S. Brígida que ela haveria de receber uma recompensa especial do céu, se se esforçasse por repelir os maus pensamentos, mesmo que estes não desaparecessem de seu espírito, apesar de seus esforços. "A cada um de teus esforços corresponderá no céu uma coroa", disse-lhe a SS. Virgem.

3) Deus permite ainda as tentações, porque elas nos movem à prática das virtudes, em especial da humildade e da submissão à vontade de Deus. As penas que mais afligem as almas amantes não são a pobreza, as doenças, os desprezos e perseguições, mas as tentações e o abandono interno. Quando uma alma goza da presença amorosa de Deus, as dores, as injúrias e maus tratos que tem de sofrer dos homens, longe de a abaterem, consolam-na, por lhe permitirem oferecer alguma coisa a seu Deus, como penhor de seu amor; tudo isso serve-lhe de lenha, por assim dizer, com que alimenta o fogo do amor divino.

Um tormento, porém, imensamente atroz para quem ama a Jesus Cristo de todo o coração, é ver-se exposto ao perigo de perder a

graça de Deus, pela tentação, ou então na desolação o temor de já a ter perdido, o que lhe é ainda mais horrível.

Entretanto, esse mesmo amor dá-lhe a força de sofrer com paciência tais provações e de continuar resolutamente no caminho da perfeição.

Nenhuma tempestade é tão perigosa para um navio veleiro, escreve S. Jerônimo, como a falta prolongada de vento. Assim a tempestade das tentações obriga o homem a não ficar ocioso, mas a unir-se mais intimamente a Deus por meio da oração e renovação de seus bons propósitos, fazendo repetidos atos de humildade, confiança e resignação.

A esse respeito lê-se o seguinte fato da vida dos Padres: Um jovem era atormentado continuamente por tentações violentas contra a pureza. Vendo-o uma vez seu pai espiritual tão angustiado, perguntou-lhe: Queres, meu filho, que eu peça a Deus que te livre das muitas tentações que não te deixam nem sequer uma hora de paz? O bom jovem replicou-lhe: Não, meu pai, porque, ainda que sinta o tormento dessas tentações, não deixo de reconhecer sua utilidade; exercito-me assim continuamente na prática de todas as virtudes; agora eu rezo mais que antes, jejuo mais a miúdo, emprego maiores esforços para mortificar minha carne revoltada. E', portanto, melhor que peça a Deus que me assista com sua graça para que suporte com paciência estas tentações e por meio delas me adiante na perfeição.

Não devemos desejar as tentações contra a pureza; se, porém, formos assaltados por elas, devemos recebê-las com resignação e pensar que Deus as permite para nosso maior bem. O apóstolo S. Paulo, atormentado por tais tentações, pediu ao Senhor mais vezes que o livrasse delas, recebendo, porém, a resposta de que a graça divina lhe bastava. "Por isso roguei ao Senhor três vezes, para que o anjo de satanás se apartasse de mim. Ele, porém, me disse: Basta-te a minha graça, pois a força se manifesta mais perfeitamente na fraqueza" (2 Cor 12, 8).

Certamente dirás: Mas S. Paulo foi um santo. Ao que te responde S. Agostinho (Conf., 1. 12): "Que pensas? Foi, talvez, por própria força que os santos resistiram às tentações? Não foi antes pela graça de Deus? Era por si mesmos ou pelo Senhor que podiam eles alguma coisa? Os santos confiaram em Deus, e assim conquistaram a vitória".

O mesmo santo doutor ajunta: "Abandona-te às mãos de Deus, e não temas: ele, que te expõe ao combate, não te deixará só nem te abandonará, lançando-te na perdição. Entrega-te a ele e não temas; não se afastará de ti, abandonando-te à queda".

4) Deus permite, finalmente, as tentações para nos desprender cada vez mais do mundo e fazer-nos desejar mais ardentemente sua visão no céu. Almas devotas, vendo-se no mundo combatidas dia e noite por tantos inimigos, tornam-se desgostosas da vida e exclamam: "Ai de mim, que minha peregrinação dura tanto" (Sl 119, 5), e suspiram pela hora em que possam dizer: "Rompido está o laço e nós estamos libertadas" (Sl 122, 7). A alma desejaria subir até Deus, mas uma cadeia a retém no mundo, onde é continuamente assaltada por

tentações. As almas que amam a Deus suspiram por isso pela libertação para verem-se livres do perigo de ofenderem a Deus.

§ II. Meios para vencer as tentações

O primeiro meio de vencer as tentações e também o mais próprio é recorrer a Deus pela oração. S. Agostinho recomendou a humildade a todos os que desejam tornar-se verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, dizendo: "Se me perguntares qual a primeira coisa na escola de Jesus Cristo, responder-te-ei: a humildade. Qual a segunda, a terceira? A humildade. E todas as vezes que me interrogares, te responderei: a humildade" (Ep. a Diosc.). Da mesma forma te responderei se me perguntares quais os meios para vencer as tentações. O primeiro é a oração, o segundo a oração, o terceiro a oração, e todas as vezes que me interrogares, dar-te-ei a mesma resposta.

Com especialidade as tentações impuras só serão vencidas se nos recomendarmos a Deus. Já o Sábio o afirma: "Sabendo que não poderia ser continente a não ser que Deus mo concedesse... dirigi-me ao Senhor e supliquei-lhe..." (Sab 8, 21). S. Jerônimo escreve: "Logo que a concupiscência incitar nossos sentidos, devemos exclamar: Senhor, ajudai-me" (Ep. 22 ad Eust.).

O Abade Isaías recomendava também a seus discípulos que em tais tentações repetissem sempre: Senhor, vinde em meu socorro, afirmando que essa oração é um baluarte seguro nessas ocasiões. Deus realmente não pode faltar às promessas que fez de atender aos que o invocam: "Chama por mim, e eu te darei ouvidos" (Jer 33, 3). "Pedi e recebereis, buscai e achareis" (Mt 7, 7). "Todo o que pedir, receberá" (Lc 11, 10). "Tudo o que desejardes, pedi e vos será dado" (Jo 15, 17).

O segundo meio é desconfiar humildemente das próprias forças. Justamente para que nos tornemos humildes permite o Senhor que venham sobre nós as tentações, algumas até horrorosas. Molestados de tal maneira, devemos nos humilhar e dizer: Senhor, mereço tais coisas por causa dos pecados da minha vida passada.

Na vida dos Padres conta-se que uma anacoreta, chamada Sara, era horrendamente atormentada na solidão pelo espírito da impureza. Apesar disso não pedia ao Senhor que a libertasse dele, mas humilhava-se e só pedia forças para resistir. Quanto mais se esforçava o demônio para fazê-la cair, tanto mais se empenhava em humilhar-se diante de Deus e pedir sua assistência. Não podendo o demônio arrastá-la a esse vício, procurou induzi-la ao orgulho, e disse em alta voz: Venceste-me, Sara, venceste-me. A humilde serva de Deus respondeu: Não, espírito diabólico, não fui eu que te venci, mas meu Jesus e meu Deus.

Humilhemo-nos também nós e recorramos ao mesmo tempo a Deus, cheios de confiança, pois ele protege cada um que nele põe sua esperança. "Ele é o protetor de todos os que nele esperam" (Sl 17, 31). Ele mesmo prometeu salvar todo aquele que esperar nele: "Porque esperou em mim eu o libertarei" (Sl 30, 2). Se formos atormentados por tentações e pelo temor de perder a Deus, digamos, com toda a confiança: "Em vós, Senhor, não serei confundido eternamente".

Assim devemos exclamar com toda a coragem, pois, como nota S. Teresa, vendo o demônio que se faz pouco caso dele, perde toda a força. E se o inimigo nos representar como imensamente difícil praticar tudo o que devemos fazer para nos santificar, digamos, cheios de confiança em Deus e desconfiados de nós mesmos: "Tudo posso naquele que me conforta" (Filip 4, 13). Por mim mesmo nada posso; com o auxílio de Deus, porém, posso tudo.

O terceiro meio é declarar as tentações ao diretor espiritual. Os ladrões, vendo-se descobertos, fogem imediatamente. S. Filipe Néri costumava dizer que uma tentação revelada já está meio vencida. Contudo, procede mui acertadamente um confessor que proíbe algumas vezes a almas de consciência melindrosa e virtude provada, mas ao mesmo tempo escrupulosas, a revelação das tentações que as perseguem, principalmente se forem contra a fé e a santa pureza, porque, para dar conta disso, deveriam examinar como lhes sobrevieram esses pensamentos, como se comportaram durante a tentação, se acharam complacência ou gosto neles, se consentiram ou não, e, com essa investigação, aumentariam ou renovariam as más impressões e as inquietações tornar-se-iam maiores.

Se o confessor estiver convencido que uma pessoa não consentiu em tais sugestões, é melhor exigir dela, em virtude da obediência, que não faça delas menção alguma. Assim se deixava dirigir S. Joana de Chantal. Ela mesma conta de si que, atormentada durante muitos anos por horrendas tentações, sem se recordar de nelas haver consentido, nunca delas se confessara, seguindo o parecer de seu diretor espiritual. "Nunca estava cônscia de meu consentimento — assim se exprime ela, dando a entender que tinha inquietações e escrúpulos quanto a tais tentações — e assim tranquilizei-me com a proibição do confessor de não mais me acusar de tais tentações". Geralmente falando, porém, é muito recomendável, para vencer as tentações, revelá-las ao confessor.

O quarto meio, também muito importante, é fugir das ocasiões. "Quem se acha no combate contra sua vontade, diz S. Basílio, encontrará auxílio em Nosso Senhor; quem se lançar, porém, voluntàriamente nele, não merece compaixão e será por Deus abandonado". O mesmo já dissera o Sábio: "Quem ama o perigo, nele perecerá" (Eccli 3, 27), isto é, quem o procura e voluntàriamente se expõe à ocasião de perecer, sucumbirá, mesmo que confie em Deus, porque essa confiança não é santa, mas audaciosa e reprovável.

§ III. Outras regras para o tempo da tentação

Quem aspira à perfeição deve estar resolvido a deixar-se antes retalhar que deliberadamente dizer uma mentira ou cometer qualquer outro pecado, por menor que seja. Se, porém, chegar, por desgraça, a cometer um pecado deliberado ou indeliberado, não se deixe perturbar nem inquietar. A inquietação nunca provém de Deus, mas é uma tentação do demônio; é uma fumaça que se eleva no reino da perturbação, do inferno; o demônio no-la sugere porque, na expressão de S. Luís, gosta de pescar nas águas turvas. Primeiramen-

te inquieta-se uma alma em semelhante circunstância, por ter cometido uma falta, em seguida por se ter inquietado. Ora, em tal estado de perturbação ela não só se tornará incapaz de praticar o bem, mas até chega a cometer fàcilmente muitas faltas, como impaciências, desatenções, etc. Por isso, quando se tiver cometido uma falta, é preciso humilhar-se e recorrer imediatamente a Deus; deve-se então fazer um ato de amor de Deus, de dor e contrição, renovar o propósito de se emendar e pedir com toda a confiança a assistência divina, dizendo: Senhor, eis o que posso por mim mesmo; se me retirardes vossa mão, farei coisas ainda piores. Amo-vos, Senhor, arrependo-me do desgôsto que vos dei, não quero mais renová-lo. Concedei-me o auxílio que de vós espero.

Feito isto, a alma deve aquietar-se como se não tivesse cometido falta alguma, e se no mesmo dia tornar a cair, faça novamente o mesmo e se cair cem vezes, cem vezes deve proceder da mesma maneira: humilhar-se e reerguer-se e nunca ficar prostrada.

Devemos bem notar que não procede da humildade, mas do orgulho, o perturbar-nos depois da falta cometida; nós não nos afligimos então mais por causa da vergonha que sentimos em aparecer diante de Deus com essa mancha, do que por causa do desgosto que com ela lhe causamos. E' o motivo por que não devemos nos perturbar depois de cometer uma falta, mas humilhar-nos e julgar-nos capazes de cometer não só essas, mas também outras ainda maiores.

Façamos, portanto, um ato de amor de Deus e conservemo-nos em paz. Procedendo assim, as faltas, longe de nos separar de Deus, ainda mais nos unem a ele, segundo as palavras do Apóstolo: "Aos que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem" (Rom 8, 28), *mesmo o pecado, como ajunta o Glossa.*

Devemos aqui fazer duas observações importantes:

Primeiramente devemos saber que algumas tentações devem ser vencidas por atos positivamente contrários; por exemplo, a tentação da vingança devemos vencer procurando fazer bem àquele que nos ofendeu; a da soberba, fazendo atos de humildade; a da inveja, regozijando-nos com o bem do próximo.

Há tentações, porém, como a tentação contra a fé ou contra a castidade, as de blasfêmia, etc., que devemos combater indireta e negativamente pelo desprezo e por atos de virtude não opostos diretamente a essas tentações, como são os atos de confiança, de contrição e de amor. S. João Clímaco conta que um monge estava a ponto de desesperar, em consequência das tentações de blasfêmia, de que era muito perseguido. Recorrendo a úm Padre antigo e piedoso, narrou-lhe as execrandas blasfêmias que lhe atravessavam o espírito. Fica tranquilo, disse-lhe o ancião, eu tomo sobre mim todos esses teus pecados. De hoje em diante não te incomodes mais com isso. Ele assim procedeu e conservou a paz do coração para o resto de sua vida.

Mui particularmente, quando se trata de tentações contra a pureza, não se deve combater diretamente esses pensamentos. Nesses casos o melhor é repetir sempre: Não, de nenhum modo quero fazer isso; não quero consentir nesta tentação. Produzir atos diametralmente opostos altera a fantasia e os objetos impuros apresentam-se

mais vivamente ao espírito e o combate torna-se assim mais árduo e prolongado, com grande perigo para a alma. Em geral, o melhor é renovar a resolução de mil vezes antes morrer que ofender a Deus e recorrer incontinenti a Nosso Senhor, fazendo atos de esperança e amor, e invocar os santos nomes de Jesus e Maria.

Deve-se também notar que as tentações mais perigosas são as que se apresentam sob a aparência de bem, pois nestas tentações a alma pode se lançar num abismo, sem dar por isso. A esse perigo estão expostas, de modo particular, as pessoas piedosas, porque os bons, segundo S. Bernardo, só são enganados pelo demônio com a aparência do bem. Assim, seria uma tentação muito perigosa ter uma pessoa apego a seu pai espiritual mais do que convém ou a outra qualquer pessoa, pelo motivo de ser ela santa. Desse assunto trataremos mais amplamente na II Parte, c. VI, § 4.

Por conclusão, mais uma vez repito: o meio mais necessário e importante é recorrer a Deus. Se todos os homens recorressem a Deus nas tentações, não haveria queda alguma, pois a experiência mostra que só sucumbe quem disso se esquece, especialmente quando se trata de tentações impuras. Se quisermos, pois, vencer o inimigo, peçamos a Deus o seu auxílio em todas as tentações, e isso imediatamente.

Na vida dos Padres lê-se que um monge queixou-se a um velho eremita de ser continuamente tentado contra a castidade. Deus revelou, porém, a este, enquanto rezava por seu companheiro, que ele não se afastava logo da tentação, antes se entretinha com ela. O eremita admoestou-o por isso, e o monge, emendando-se da sua falta, viu-se também livre das tentações. Destrói o inimigo, diz S. Jerônimo, enquanto for pequeno, pois é fácil matar um leão enquanto pequeno, mas quase impossível quando grande.

As tentações contra a pureza devem ser repelidas imediatamente, como se apagam incontinenti as faíscas de fogo. O melhor modo de vencê-las é voltar-se-lhes as costas e não se lhes prestar atenção. Que faria uma rainha que fosse tentada de maneira torpe por um escravo? Certamente voltar-lhe-ia as costas sem lhe dirigir uma só palavra. Assim se deve proceder nessas ocasiões: voltar as costas ao demônio, sem lhe dar uma única resposta, e invocar os santos nomes de Jesus e Maria; procedendo-se assim, a vitória é certa. "Logo que sentires uma tentação, faze como as crianças que vêem o lobo, escreve S. Francisco de Sales, e correm imediatamente para os braços de seu pai ou de sua mãe; recorre também, com confiança filial, a Jesus e Maria, que serás socorrido". Se então, apesar disso, a tentação persistir, cuidemos em não ficar perplexos ou impacientes, porque o demônio poderia tirar proveito de uma tal confusão e arrastar-nos à queda.

Devemos nos conformar humildemente com a vontade de Deus, que permite sejamos atormentados por pensamentos tão torpes, e dizer-lhe: Senhor, mereço ser perseguido por pensamentos tão execrandos em castigo das ofensas que vos tenho irrogado, mas a vós compete auxiliar-me e libertar-me deles. Se mesmo assim a tentação perdura, não abandonemos por desespero a oração e renovemos o pro-

pósito de antes sofrer todos os tormentos e morrer mil vezes que ofender ao bom Deus, e continuemos a implorar a sua assistência. E se a tentação se tornar tão forte, que pareça não se poder mais resistir, redobrem-se as orações e súplicas, prostre-se diante de um crucifixo ou de uma imagem da SS. Virgem, peça-se ainda com maior instância, suspire-se e chore, rogando amparo, e procure-se o auxílio dos santos sacramentos.

Deus, é verdade, está sempre pronto a ouvir as súplicas que lhe são dirigidas e também é certo que não são nossos esforços, mas sua graça, que nos torna vencedores; contudo, ele exige muitas vezes que empreguemos esforços extraordinários e grandes para vir em nosso socorro, sustentar nossa fraqueza e nos conduzir à vitória.

CAPÍTULO SÉTIMO

Dos escrúpulos e perturbações de consciência

§ I. Natureza e importância dos escrúpulos. Seus caracteres

Sob a palavra escrúpulo entende-se um vão temor, proveniente de apreensões errôneas e imotivadas de se querer pecar ou de se ter pecado. No começo da conversão, isto é, da emenda de vida, esses escrúpulos são muito úteis, pois uma alma que há pouco deixou o pecado deve se purificar cada vez mais, para o que muito contribuem os escrúpulos, já fazendo que ela se precate contra os verdadeiros pecados, já tornando-a humilde, desconfiada de seu próprio parecer e obediente à direção de seu confessor.

S. Francisco de Sales diz: "Esse temor que produz escrúpulos nas almas dos que saíram há pouco do caminho dos vícios, é um presságio certo de uma futura pureza de consciência" (Fil., p. III, c. 2). Para os que tendem à perfeição e já há muito se entregaram a Deus, porém, são os escrúpulos coisa muito perniciosa. "Para essas almas os escrúpulos são uma fonte de loucura, diz S. Teresa, porque eles as reduzem a um tal estado que não sabem mais dar um só passo no caminho da perfeição". O mesmo ensina S. Francisco de Sales: "Guardai-vos das inquietações de consciência, escreve ele (Ep. 213), porque não há nada que mais impeça o progresso na perfeição".

Há, pelo contrário, pessoas que se gloriam de possuir uma consciência desembaraçada e não querem de modo algum passar por escrupulosas. São elas pouco cautelosas em seu proceder, dão plena liberdade a seus olhos, à sua língua, a seus ouvidos, para que vejam, falem e ouçam tudo o que lhes apraz, e censurando aos que são mortificados, envergonham-se de passar por tais. Dizem ser beatice, afetação e singularidade se os outros falam com voz submissa e conservam os olhos baixos, deixando-se fàcilmente arrastar por companheiros perigosos e tomar parte em seus vãos divertimentos.

Que tais pessoas deixem de gabar-se de sua independência de consciência, porque isso denota tibieza e imperfeição, para não dizer relaxamento. Prouvera a Deus que tivessem uma consciência es-

crupulosa, isto é, delicada, como seria para desejar. Tomem cuidado para que não vão parar no inferno com aqueles cujos maus exemplos seguiram, quais humildes ovelhas.

Os sinais de uma consciência escrupulosa são: 1) Temer sempre não ter dito tudo, nem ter tido verdadeiro arrependimento e firme propósito na confissão. 2) Temer sempre pecar, por motivos frívolos, em todas as ações, por exemplo, pensar que está fazendo juízo temerário, que consentiu em todos os maus pensamentos que lhe passaram pela cabeça, etc. 3) Ser inconstante em suas dúvidas, julgando com grande temor e angústia que uma ação ora é permitida, ora proibida. 4) Não se tranquilizar com o parecer de seu confessor.

De resto, pertence ao confessor decidir se uma pessoa é escrupulosa ou não. Todos os escrupulosos afirmam em suas perplexidades de consciência que aí não se trata de escrúpulos, mas de verdadeiras dúvidas e pecados, pois, do contrário, não se incomodariam com isso. Como, porém, se acham em trevas, não servem para juízes nas coisas de sua própria consciência, competindo então ao confessor decidir.

O penitente, por isso, deve seguir os conselhos de seu confessor, pois, querendo resolver o caso pessoalmente, mais se enveredará em dúvidas e inquietações, por mais que se esforce em tranquilizar-se, expondo-se talvez até ao perigo de perder-se eternamente, como adiante se verá.

Quanto às almas que tendem à perfeição, é ordinàriamente o demônio que as enche de escrúpulos e inquietações, para que, desejando ver-se livres delas, abandonem o bom caminho e se entreguem ao desespero, dando cabo da vida, como já tem acontecido. O célebre escritor Pe. Scaramelli conta que conheceu duas pessoas escrupulosas que se suicidaram, uma com um tiro, outra com uma faca. E como esses, muitos outros casos existem, que mostram as tristes consequências dos escrúpulos, quando não vencidos.

§ II. Remédios contra os escrúpulos

Os mestres da vida espiritual indicam vários remédios contra os escrúpulos. Destes o principal, senão o único eficaz, na opinião de todos, tanto teólogos como ascetas, é a cega obediência ao confessor, com desconfiança completa no próprio parecer.

S. Filipe Néri dizia que, em coisas de consciência, nada há mais perigoso do que dirigir-se cada um por seu próprio modo de ver. Uma pessoa escrupulosa, que não obedece a seu confessor, está perdida.

S. João da Cruz diz que é orgulho e falta de fé não aquiescer à decisão do confessor. E' esta uma grande verdade, já que Jesus Cristo declarou que quem obedecer aos sacerdotes, obedece a ele mesmo, e quem os desprezar, despreza a sua própria pessoa (Lc 10, 16)). E' o que faz S. João da Cruz falar em nome do Senhor: Se faltares à docilidade a teu confessor, a mim mesmo desobedecerás, porque eu disse: Quem vos despreza, a mim despreza. Pelo contrário, quem obedecer a seu confessor, não poderá se enganar, porque, segundo S. Bernardo, deve ser considerado como uma ordem de Deus

tudo o que seu delegado ordenar, a não ser que se trate evidentemente dé uma coisa perversa.

O Beato Henrique Suso assegura que Deus não nos pedirá contas das coisas que houvermos feito por obediência ao confessor. O mesmo dizia S. Filipe Néri a seus penitentes: Quem quiser fazer progresso nos caminhos de Deus, deve submeter-se a um confessor bem instruído e obedecer-lhe como ao próprio Deus; procedendo assim, poderá estar seguro de que não terá de dar contas a Deus de seus atos. E ajuntava que se deve crer em seu confessor, porque Deus não permite que ele se engane. De minha parte asseguro que, se alguém se tornasse cego, não haveria outro recurso senão procurar-se um guia fiel e se deixar conduzir por ele no caminho que tem a trilhar; ora, o mesmo deve fazer uma alma que, em razão dos escrúpulos, encontra-se em trevas e perplexidades: deixar-se conduzir pelo guia que Deus lhe deu, porque uma pessoa escrupulosa ordinàriamente deverá falar de suas dúvidas e apertos de consciência exclusivamente com seu confessor e nunca com outros, ainda que piedosos e sábios.

Um outro confessor, que não conhece com exatidão seu estado de consciência, poderia transtornar-lhe a cabeça com uma pergunta ou uma palavra aparentemente contrária ao parecer do confessor ordinário, roubando-lhe a confiança que até então nele depositara, e ei-la entregue, senão para sempre, ao menos por longo tempo, a grandes inquietações e confusão.

Obedece pontualmente ao teu confessor, alma cristã, e fica persuadida que assim não poderás errar. Dessa maneira os santos, que tantas vezes foram atormentados por dúvidas e pelo temor de ofender a Deus, acharam a paz e segurança.

S. Catarina de Bolonha foi horrìvelmente perseguida por escrúpulos, mas obedecia em tudo a seu confessor, e se, às vezes, não tinha coragem de receber a santa comunhão, bastava um só aceno seu para se dirigir incontinenti à mesa eucarística. Para movê-la a maior obediência ainda, Nosso Senhor apareceu-lhe um dia e disse-lhe que tivesse confiança, pois sua obediência muito o satisfazia. Também à Beata Estefânia de Soncino apareceu Jesus e disse-lhe: Porque depuseste tua vontade nas mãos de teu confessor, que ocupa meu lugar na terra, ser-te-á concedida toda a graça que pedires. Ao que respondeu Estefânia: Senhor, não desejo senão a vós mesmo.

S. Inácio de Loiola, no princípio de sua conversão, foi muito atormentado por escrúpulos e trevas, não podendo encontrar sossego. Tendo, porém, uma grande fé nas palavras do Senhor: "quem vos escuta, a mim escuta", disse, cheio de confiança: Mostrai-me, Senhor, o caminho que devo trilhar; se me derdes por guia um cão, segui-lo-ei fielmente, vo-lo prometo. Ele obedecia cegamente a seu diretor espiritual, e com isso não só ficou livre dos escrúpulos, como também tornou-se um guia e diretor excelente para os outros.

Quando Jesus Cristo vier uma vez para te julgar, alma cristã, e te pedir contas do que fizeste em obediência a teu confessor, dize-lhe resolutamente: Senhor, assim pratiquei para obedecer a vosso servo, como me impusestes. Se puderes responder dessa maneira, não

há razão de temeres ser condenada, pois, suposto que o confessor tenha errado, diz o Pe. Álvarez, o penitente não errou obedecendo e procedeu corretamente.

Eu não sou, porém, escrupuloso, dir-me-ás tu; meus temores são fundados e não frívolos. Respondo-te. Nenhum louco se tem em conta de louco, visto que a loucura consiste precisamente em não se reconhecer quão irracionalmente se procede. Assim também és escrupuloso justamente porque não vês a futilidade de teus escrúpulos, como te afirma o confessor; se reconhecesses que são meras apreensões, não farias caso delas e não serias escrupuloso. Tranquiliza-te, pois, e faze o que te diz o confessor, que conhece perfeitamente a tua consciência.

Mas replicas: O confessor, realmente, é prudente e bom, mas eu é que não sei expor-lhe o miserável estado da minha alma. Ora, tudo te causa escrúpulo, menos o teres teu diretor em conta de um ignorante ou sacrílego? Explico-me mais claramente. Se te confessares de tuas dúvidas a respeito de pecados graves, como dizes, o confessor estava obrigado a dirigir-te as perguntas necessárias para poder dar seu juízo quanto às tuas dúvidas; se ele, em vez disso, te impôs que as desprezasses como escrúpulos vãos, sem motivo, então ele o fez ou por ignorância ou por negligência sacrílega. Assim julgas de fato e a temeridade de teu modo de ver não te causa escrúpulo?

A todas as pessoas que ousam criticar a decisão de seus confessores se deveriam dirigir as palavras que o sábio Bispo de Gubio, Sperelli, dirigiu a uma freira escrupulosa. Havendo ela acusado seu diretor de heresia por lhe ter dito que seus pretensos pecados não eram verdadeiros pecados, respondeu-lhe o Bispo: "Dize-me, filha, em que universidade estudaste teologia, pois que pretendes saber mais que teu confessor? Cuida diligentemente de tua costura e não te ocupes mais com tais tolices". Não quero dar-te a mesma resposta, alma cristã, mas aconselho-te a aceitar tranquilamente o que te diz o confessor. Basta expores uma só vez as tuas dúvidas; se ele te disser: agora chega, não quero saber mais de tais coisas e faze o que te mando e vai comungar — então deves obedecer sem pensar em nada mais e ter por certo que *já entendeu suficientemente. Não* duvides da retidão de sua decisão: entrega-te à sua direção sem replicar nem querer saber as suas razões, porque, se quiseres saber os motivos que o levaram a dizer-te o que te aconselhou, só ficarás mais perplexa. Obedece, portanto, cegamente, isto é, sem pretender descobrir o *como* e o *porquê;* não te ponhas a refletir longamente sobre o que te ordenou.

Os escrúpulos são como o pez, que mais pega quanto mais se lida com ele. Quanto mais refletires, tanto mais confusa ficarás. Contenta-te com o andar nas trevas, recordando-te das máximas de S. Francisco de Sales: "E' preciso dar-se por satisfeito sabendo-se do diretor que se anda bem, sem querer ter disso evidentes provas e percepção". O mesmo Santo diz uma outra vez: "O melhor é andar como cego, nas trevas, com o auxílio da divina Providência, e em união com ela suportar as cruzes, as desolações e outras adversidades da vida presente". Uma outra máxima do mesmo Santo, própria

para tranqüilizar-te por completo, é que "nunca se perdeu uma pessoa verdadeiramente obediente".

Deves ter sempre diante dos olhos, alma cristã, que, obedecendo a teu confessor, obedecerás a Deus mesmo. Esforça-te, pois, por obedecer sem te importares com teus escrúpulos e persuade-te que não poderás trilhar o caminho reto se não obedeceres. Não digas, pois: se eu me condenar por causa da obediência, ninguém me tirará do inferno. Quem obedece nunca se perderá, porque a obediência é o caminho mais reto e seguro para o céu e não pode conduzir pessoa alguma para o inferno.

§ III. Dos escrúpulos mais comuns

Ordinàriamente as almas timoratas são atormentadas por duas espécies principais de escrúpulos. Uma, que se refere ao passado, provém do temor de não haverem feito uma boa confissão; a outra, que diz respeito ao presente, consiste no receio de pecar em todas as ações que praticam.

1) Quanto à primeira espécie, esperam encontrar a paz fazendo e renovando muitas vezes suas confissões gerais. Que acontece, porém? Isso piora cada vez mais o seu estado, pois cada uma dessas confissões desperta nelas novos receios de se não terem acusado claramente e mesmo de terem se esquecido de certos pecados; e, por isso, quanto mais confissões gerais fazem, mais perturbardas ficam.

A confissão geral, sem dúvida alguma, é coisa de suma utilidade para os que ainda não a fizeram; muito auxilia a alma a se humilhar à vista das desordens de sua vida passada, que, apresentando-se assim, todas de uma vez, a seu espírito, movem-na a uma contrição mais viva de sua ingratidão e a propósitos mais firmes para o futuro.

A confissão geral também facilita ao confessor um conhecimento mais exato do estado de consciência de seu penitente, das virtudes que lhe faltam, das paixões e vícios a que mais se inclina e põem-no em estado de aplicar os remédios mais convenientes e dar os conselhos mais apropriados. Feita, porém, uma vez a confissão geral, não é conveniente, geralmente falando, renová-la, e, sobrevindo uma dúvida, não se está ordinàriamente obrigado a relatá-la, a não ser que se esteja certo de se tratar de um pecado mortal ainda não acusado em confissões passadas.

— E se meu pecado foi realmente mortal e eu não o confessei, poderei salvar-me mesmo assim? pergunta. Sim, pois todos os teólogos, com S. Tomás, afirmam que, se depois de sério exame de consciência, deixar algum pecado mortal por esquecimento, fica ele perdoado indiretamente.

E' verdade que, se alguém se recordar que ainda o não confessou, ou se tiver uma dúvida razoável sobre sua declaração, está obrigado a submetê-lo à confissão, mas é também certo que não existe essa obrigação, quando, com razão suficiente, se pode julgar que o pecado já foi acusado em confissões anteriores, e isso vale para todos. A uma pessoa muito agitada por escrúpulos é até proibido falar sobre tais pecados, a não ser que possa jurar que o pecado de que se

trata foi realmente mortal e ainda não confessado, pois, se a uma tal pessoa for permitido referir novamente seus pecados, expor-se-á ao perigo de ficar por completo confusa e mesmo de se entregar ao desespero. E no caso que no exame de consciência o penitente ficasse muito agitado e perturbado, poderia o confessor dispensá-lo por completo da obrigação de confessar os pecados da vida passada, visto que em uma situação tão espinhosa cessa obrigação da integridade da confissão, já que outros inconvenientes muito menores bastam, como ensinam comumente os teólogos, para dispensar dessa integridade.

Pessoas escrupulosas devem se convencer, por conseguinte, que a confissão geral é para elas perigosa e perniciosa, apesar de útil e salutar para outros. O remédio único para sua doença é calar-se e obedecer.

Isso quanto à confissão geral. Quanto à confissão ordinária, não é preciso que pessoas que tendem à perfeição e comungam muitas vezes se confessem antes de cada comunhão; basta se receberem a absolvição uma ou duas vezes na semana ou depois de terem cometido um pecado venial com plena deliberação; mas, mesmo neste caso, segundo S. Francisco de Sales, em uma de suas cartas, não se deve deixar a comunhão se não se puder antes confessar, porque, conforme o Concílio de Trento, os pecados veniais podem ser perdoados fora da confissão, por atos de contrição, de amor de Deus e semelhantes. S. Mechtildis, não podendo se confessar uma vez de certas negligências, fez um ato de arrependimento e foi comungar; Nosso Senhor deu-lhe então a conhecer que tinha procedido muito bem assim praticando.

Dizia um sacerdote instruído que várias vezes se tira mais fruto de uma comunhão feita depois de cometer um pecado venial sem precedente confissão, que de outra feita depois de recebida a absolvição, porque, no primeiro caso, se está mais disposto a fazer contínuos atos de contrição sobre as faltas cometidas e, assim, a aproximar-se da mesa do Senhor com melhor preparação e maior humildade.

2) Quanto à segunda espécie de escrúpulos, a saber, quanto ao receio de se pecar em todas as ações, ou de consentir em todo o mau pensamento que se oferece a nosso espírito, deve-se bem distinguir o sentimento do consentimento; as comoções dos sentidos, que naturalmente se apresentam, nunca são pecados, contanto que a vontade as deteste e também não se deve inquietar com o pensamento de se ter dado ocasião a esses movimentos, se se fez qualquer coisa com boa intenção, por exemplo, por causa da necessidade ou utilidade temporal ou espiritual.

E' preciso considerar também que se requerem duas coisas para um pecado qualquer: *plena atenção do espírito e completo consentimento da vontade* — e para um pecado mortal ainda, matéria grave; faltando uma destas coisas, não há pecado mortal, e na dúvida, almas timoratas e especialmente as escrupulosas, podem ficar certas que não pecaram gravemente, se não puderem afirmá-lo com certeza absoluta!

§ IV. Dois privilégios especiais dos escrupulosos

As pessoas escrupulosas *gozam de dois privilégios, segundo* a opinião dos teólogos. O primeiro é que não cometem pecado se agirem contra o que sua escrupulosidade lhes impõe como obrigação, caso procedam por obediência. Nem é preciso que, em cada caso particular, se convençam que seu terror é simples escrúpulo. Basta, para ficarem isentas de todo o pecado, que seu procedimento se baseie sobre o juízo já formado de desprezar simplesmente seus vãos temores; isto não é agir com dúvida prática, visto que uma coisa é agir com dúvida fundada que se peca, outra agir com o simples temor de pecar. Com razão ensina Gerson que só quando, depois de maduro exame das circunstâncias, se tem por certo que sem pecado não se pode agir em tal perplexidade é a dúvida prática e a ação ilícita. Quando, porém, se acha indeciso entre toda a espécie de dúvidas e não se sabe para que lado se decidir, querendo, contudo, fazer só o que agrada a Deus, nesse caso não existe uma dúvida prática que se deva tomar em consideração, mas um simples vão temor, um escrúpulo, que se deve com toda força combater e desprezar.

Estando-se, pois, firmemente resolvido a não ofender a Deus e a agir ùnicamente para seguir a obediência, que manda desprezar o escrúpulo, não se peca, ainda que assim obrando se sinta temor e não se pense, no momento, no preceito do confessor.

O segundo privilégio é que podem ficar persuadidas que não consentiram na tentação, a não ser que estejam absolutamente certas de que conheceram plenamente a malícia do pecado e realmente quiseram cometê-lo. Enquanto estiverem em dúvida a esse respeito, essa mesma dúvida é um sinal certo de que lhes faltou o conhecimento perfeito da malícia do pecado ou o pleno consentimento, pois, se as duas condições se tivessem realizado, não poderiam duvidar mais do pecado. Logo, proibindo-lhes confessar a acusação de tais dúvidas, devem obedecer incondicionalmente, e se ele recusar com firmeza dar ouvidos a tais queixas, não devem por isso ceder à tentação de abandoná-lo.

Devo aqui notar que os confessores, que recusam ouvir as dúvidas propostas por pessoas escrupulosas, procedem muito bem, pois, deixando-lhes a liberdade de se explicarem todas as vezes que quiserem, sob o pretexto de se declararem mais abertamente, só se tornam mais inquietas e incapazes de progredir na perfeição. Isso, porém, não vale tanto para os penitentes, mas para os confessores, que devem seguir essas normas na direção das consciências; o dever único dos penitentes é submeter-se ao juízo dos confessores.

§ V. Avisos práticos

Do que foi dito, certamente concluirá uma pessoa escrupulosa que não deve querer disputar com seu diretor espiritual e aparecer diante dele como entendida. Se ele lhe proibir acusar-se de certas coisas, deverá obedecer, suposto que não esteja absolutamente certa de ter cometido um pecado mortal; assim também deverá proceder quando o confessor, depois de ouvir a causa de sua inquietação,

diz-lhe que comungue, sem lhe dar a absolvição. Deve se persuadir de que é seu dever obedecer cegamente, sem inquirir sequer a razão por que lhe foi imposto fazer isto ou aquilo.

— Mas eu quero ter a certeza que não ofendo a Deus, dizes. Muito bem; mas essa certeza nunca poderás ter em maior grau em tuas inquietações e perturbações de consciência que na obediência a teu confessor, apesar de todo o temor que sentes por desprezar os teus escrúpulos. Mesmo no artigo de morte deverás proceder assim para não te tornares um joguete do demônio. Por isso repito o que já acima disse, que deves considerar como um dever de consciência agir resolutamente contra os teus escrúpulos, segundo o parecer de teu confessor, mesmo na suposição de que não estivesses convencido de que se trata realmente de escrúpulos, pois se procederes de outro modo não te adiantarás nos caminhos do Senhor e te exporás ao perigo de perder tua alma ou, ao menos, o uso da razão.

Ora, expores-te a um tal perigo é certamente um pecado. — Concluo, repetindo mais uma vez: obedece, obedece e não consideres a Deus como um tirano. Deus odeia o pecado, sim, mas não pode odiar uma alma que detesta amargamente seus pecados e desejaria morrer mil vezes antes que pecar novamente.

Dize-me, se amasses a uma criatura com o mesmo amor com que amas a Deus, julgas talvez que ela não te corresponderia com um grande amor? E Deus será pior que uma criatura? "Oh! quão bom é o Senhor para os que têm um coração reto" (Sl 72, 1), diz o Profeta-rei. Deus não pode deixar de tratar com bondade uma alma que o procura, diz igualmente Jeremias (Jer 3, 25). O Senhor disse um dia a S. Margarida de Cortona: Tu me buscas, mas deves saber que de minha parte muito mais te procuro que tu a mim. Persuade-te, alma cristã, que Deus te diz a mesma coisa se tu o amas e procuras. Lança-te, portanto, em seus braços, como te exorta o Salmista (Sl 54, 21), e deixa-lhe todos os cuidados de tua alma; ele te conservará e te livrará de todas as tuas penas. Obedece e expele todo o temor de teu coração.

Em tuas relações com Deus não deves atormentar-te com tantas coisas insignificantes. Se verdadeiramente o amas, não deves pensar que se irrite contra ti por causa de qualquer falta pequena. "Não creiais, minhas filhas, dizia S. Teresa (Cam. perf., c. 42), que Deus atenda a tantas miudezas como pensais; não vos aperte isso o coração, pois assim perdereis muitos bens. Tende sempre uma boa intenção e firme resolução de jamais ofender a Deus". Pede sempre a Deus, em tuas orações, a graça de obedeceres sempre a teu pai espiritual, e convence-te que, se fores obediente, seguramente te santificarás e salvarás tua alma.

CAPÍTULO OITAVO

Do sacramento da penitência

Por sacramento da penitência entende-se aquele pelo qual são perdoados, em virtude da absolvição do sacerdote, os pecados cometidos depois do batismo, ao que os confessa ao sacerdote, visto Jesus Cristo haver-lhe concedido esse poder, pelas palavras: "Aos que perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e aos que os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 23). Por isso o Concílio de Trento lança a excomunhão aos que afirmarem não possuir este sacramento a virtude de perdoar os pecados.

Pelo sacramento da penitência o pecador não só recupera a graça, como também os merecimentos adquiridos pelas boas obras feitas em estado de graça e perdidos em consequência do pecado cometido. Por meio deste sacramento também adquire a alma maiores forças para resistir às tentações, pelo que o Concílio de Trento afirma que pela justificação renovamo-nos interiormente. Todas essas graças recebemos pelos merecimentos da paixão de Jesus Cristo.

Não falaremos aqui da confissão dos que vivem separados de Deus, imersos em pecados mortais, se bem que não deixaremos de tocar nas confissões sacrílegas, mas da confissão das pessoas tementes a Deus, que tendem à perfeição e por isso procuram cada vez mais purificar-se das manchas dos pecados veniais.

§ I. Da utilidade da confissão frequente

Cesário conta que um santo sacerdote obrigou ao demônio, da parte de Deus, a dizer o que mais o prejudica, respondendo-lhe ele que dentre todas as coisas o que maiores danos lhe causava e mais o descontentava era a confissão frequente.

Ouçamos o que o Senhor revelou a S. Brígida: "Quem desejar conservar o fervor, deverá purificar-se muitas vezes pela confissão e acusar-se frequentemente de suas faltas e negligências no serviço de Deus". Uma alma que aspira à perfeição, diz Cassiano, deve empenhar-se em ter uma grande pureza de consciência, pois, por este meio alcançará o amor perfeito de Deus, que só é concedido às almas puras, correspondendo a medida do amor à pureza do coração.

Deve-se notar que esta pureza, aqui na terra, entre os homens, não consiste numa imunidade completa de todas as faltas, o que jamais existiu, nem poderá existir, excetuados só Jesus e Maria SS. "Em muitas coisas faltamos todos nós", diz S. Tiago (3, 2). A pureza, que podemos aqui alcançar, consiste, primeiramente, em remover incontinenti de nosso coração qualquer pecado cometido e depois em não consentir que nele entre qualquer pecado deliberado, mesmo que só seja venial. Ora, são justamente esses dois efeitos que em nós produz a frequente confissão.

Pela confissão a alma purifica-se das faltas cometidas. A este respeito S. João Clímaco narra o seguinte: Um jovem desejava entrar num convento para se corrigir da vida pecaminosa que levara no século. O Abade, antes de recebê-lo, quis provar sua vocação, e

por isso disse-lhe que para ser admitido deveria confessar pùblicamente todos os seus pecados. O jovem, que estava sinceramente resolvido a dar-se todo a Deus, obedeceu, e, enquanto confessava, diante da comunidade, as suas faltas, um dos monges, conhecido por sua santidade, viu um homem de aspecto venerável apagando de um papel, à medida que o jovem os declarava, os pecados por ele cometidos, de forma tal que, no fim da acusação, estava o papel inteiramente branco. O que então se passou visìvelmente, dá-se ainda hoje invisìvelmente com todo aquele que, com as devidas disposições, se confessa de seus pecados.

Pela confissão não só se apagam as manchas do pecado, mas a alma adquire também novas forças para não recair mais neles. O doutor angélico diz que a confissão não só opera a destruição do pecado, mas também faz que ele não se repita.

A esse respeito S. Bernardo narra o seguinte na vida de S. Malaquias: Uma senhora tinha o costume de se irritar de tal forma, que se tornava simplesmente insuportável. Ouvindo S. Malaquias de sua própria boca que nunca se confessara de tal pecado, moveu-a a fazer uma confissão completa de suas faltas. Esta feita, tornou-se ela tão paciente e branda, que parecia quase incapaz de se irritar, mesmo quando tinha a suportar toda a espécie de contrariedades e injúrias da parte dos outros.

Muitos santos, para alcançar uma grande pureza de consciência, praticavam a confissão cotidiana. Assim, S. Catarina de Sena, S. Brígida, S. Coleta, S. Carlos Borromeu, S. Inácio de Loiola, e muitos outros. S. Francisco de Borja não se satisfazia com isso, confessava-se duas vezes por dia.

Se as pessoas do mundo se envergonham de aparecer diante dos outros com vestes manchadas ou sujas, poderá causar-nos admiração ver almas que amam a Deus cuidar tão solicitamente em purificar cada vez mais seu coração para aparecerem mais agradáveis aos olhos de seu bem Amado? De nenhum módo, porém, queremos obrigar os que comungam frequentemente a se confessarem antes de cada comunhão; contudo, muito bem procederão se se confessarem uma vez por semana e sempre que cometerem um pecado com plena advertência.

§ II. Do exame de consciência, da contrição e do propósito

E' notório que três coisas devem preceder a acusação dos pecados na confissão: o exame de consciência, o arrependimento e o bom propósito.

1) Quem recebe frequentemente os santos sacramentos, não precisa quebrar a cabeça com o exame de todos os requisitos e miudezas a respeito dos pecados veniais. Muito mais desejaria eu que se aplicasse em descobrir as causas e a raiz de suas más inclinações e tibieza. Isso vale para os que vão se confessar por costume, tendo a cabeça cheia de preocupações mundanas, nada mais fazendo que repetir mil vezes as mesmas faltas, como se fossem um realejo, sem pensar sèriamente em arrependimento e emenda.

O exame de consciência não exige muito tempo de pessoas espirituais, que se confessam a miúdo e se guardam dos pecados veniais deliberados. Essas não têm necessidade de examinar sua consciência a respeito de pecados mortais, pois se os tivessem cometido teriam disso consciência, e, quanto aos veniais, se foram feitos com plena advertência, os remorsos os denunciariam claramente. Não se está também pròpriamente obrigado a confessar todos os pecados veniais que se tem na consciência, e, por isso, não há motivo para se fazer uma inquirição exata a respeito deles, e muito menos a respeito de seu número, circunstâncias e por que foram cometidos. Basta revelar os que mais inquietam a consciência e mais se opõem à perfeição; dos outros, faz-se uma acusação geral.

No caso de não se encontrar nada que possa servir de matéria para a confissão, acusa-se algum pecado da vida passada que mais nos pesa, dizendo-se, por exemplo: Eu me acuso em especial de todos os pecados que cometi no passado contra a caridade, contra a santa pureza, contra a obediência devida, etc.

Mui consoladoras são as palavras de S. Francisco de Sales a esse respeito: "Não vos inquieteis se não vos lembrardes de todas as vossas pequenas faltas na acusação sacramental, pois assim como muitas vezes caís sem perceber, também vos reerguereis sem dar por isso, por atos de amor e de outros atos que almas fervorosas costumam fazer".

2) Em segundo lugar, para se alcançar a remissão dos pecados, requer-se arrependimento e dor. A contrição é tão necessária que Deus, sem ela, não nos pode perdoar os pecados. Não é coisa absolutamente impossível salvar-se uma pessoa sem haver examinado sua consciência e confessado seus pecados, por exemplo, em artigo de morte, fazendo um ato de contrição perfeita, não tendo tempo ou não achando um Padre para se confessar; mas é simplesmente impossível que alguém se salve sem arrependimento de seus pecados.

Para que o arrependimento *nos traga a remissão dos pecados*, é preciso ter as seguintes propriedades:

a) Deve ser verdadeira ou interna, isto é, provir do coração e não só da boca; b) sobrenatural, devendo proceder de um motivo sobrenatural, como, por exemplo, da fealdade do pecado, de havermos merecido o inferno e perdido o céu, de termos ofendido a bondade infinita de Deus; c) soberana, quer dizer, devemos nos desgostar mais da ofensa de Deus que de qualquer outro mal; d) universal, a saber, deve se estender a todos os pecados, de tal forma que não haja pecado que não se deteste mais que qualquer outro mal; e) confiante, isto é, inseparável da esperança do perdão.

Isso se refere ùnicamente aos pecados mortais; quanto aos veniais, não é preciso que o arrependimento se estenda a todos, visto que cada pecado venial detestado sinceramente pode ser perdoado independentemente dos outros. De resto, nenhum pecado, quer mortal, quer vinial, pode ser perdoado sem arrependimento sincero, de nossa parte. Daí se segue que quem se acusar de pecados veniais, sem ter arrependimento, faz uma confissão inválida, e, por isso, se quiser a absolvição, deverá se arrepender sinceramente, ao menos de um des-

ses pecados, ou, então, confessar-se de algum pecado da vida passada, de que sente verdadeira dor.

As confissões longas não são as melhores, mas as que são feitas com maior contrição. O sinal de uma boa confissão, diz S. Gregório, não está no grande número de palavras do penitente, mas no arrependimento com que se confessa. Os que se confessam muitas vezes e detestam também os pecados veniais, devem repelir toda a dúvida se tiveram ou não verdadeiro arrependimento. Alguns se afligem por não perceber seu arrependimento; desejariam que suas confissões fossem acompanhadas de lágrimas de comoção e, não podendo conseguir isso, apesar de todos os esforços, ficam desassossegados quanto ao valor de suas confissões. Essas almas devem se persuadir de que a contrição não é coisa do sentimento, mas da vontade; todo o valor e mérito da virtude está na vontade; por isso diz S. Tomás, a respeito da contrição: "A dor que se requer para a confissão consiste essencialmente na detestação dos pecados cometidos, e essa dor não está no sentimento, mas na vontade".

A dor sensível não está sempre em nosso poder, porque a parte inferior ou sensitiva da nossa alma não segue nem obedece sempre à superior. Logo, a confissão está bem feita, se a vontade experimenta mais desgosto dos pecados cometidos que de qualquer outro mal.

Por isso não te esforces para sentir o teu arrependimento: deves, sobretudo, notar que os atos interiores mais perfeitos são os produzidos com menos violência e esforços e mais doçura e sossego, pois o Espírito Santo "dispõe tudo com suavidade" (Sl 8, 1), isto é, com sossego e benignidade. O santo rei Ezequias, falando da dor que sentia de seus pecados, dizia: "Eis que minha dor mais amarga se me tornou em paz" (Is 38, 17).

Para tranquilizar almas angustiadas, que julgam haver feito sempre confissões inválidas por falta de contrição, quera expor ainda a diferença que existe entre contrição perfeita e imperfeita.

A contrição perfeita é uma dor dos pecados cometidos, que se sente, em razão da ofensa feita a Deus. A contrição imperfeita, também chamada atrição, é uma dor dos pecados que se experimenta por causa do dano que daí resulta para nós.

Pela contrição perfeita adquire-se, no mesmo instante, a graça de Deus, mesmo antes da absolvição do confessor, suposto que se tenha a intenção de receber, quanto antes, o sacramento da penitência. Esta e a doutrina do Concílio de Trento.

Os teólogos dizem que a contrição perfeita é um ato formal de caridade para com Deus, pois que quem tem contrição perfeita sente-se levado a detestar os pecados pelo amor de Deus, o Sumo Bem.

Ora, Gregório XIII condenou a proposição de Miguel Bajo, que afirmava que o amor de Deus não pode coexistir com o pecado. Bajo falava do amor que é a plenitude da lei, segundo S. Paulo (Rom 13, 10). Este é aquele amor predominante, pelo qual se ama a Deus sobre todas as coisas, pois, precisamente, quando assim amamos a Deus, cumprimos a lei de Jesus Cristo, que diz: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração.

De resto, acham-se na Sagrada Escritura vários textos que asseguram que Nosso Senhor ama aqueles que o amam. "Eu amo os que me amam" (Prov 8, 17). "Quem me ama, será amado por meu Pai, e também eu o amarei" (Jo 14, 21). "Quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele" (1 Jo 4, 16). "A caridade cobre a multidão dos pecados" (1 Ped 4, 8).

Destes textos deduz-se que todo o ato de contrição perfeita (que é um ato de amor perfeito, como foi dito), ainda que seja fraco, apaga todos os pecados mortais.

S. Tomás no-lo afirma claramente: A contrição, por menor que seja, contanto que seja verdadeiramente perfeita, apaga toda a culpa.

Pela contrição imperfeita, porém, não se alcança, sem a absolvição, a graça divina. Assim o Tridentino: "Ainda que a contrição imperfeita não produza a justificação sem o sacramento, contudo, ela o prepara para a aquisição da graça de Deus no sacramento da penitência". Quanto ao amor que deve acompanhar a atrição, não se requer que seja predominante, mas basta que seja inicial, isto é, um começo de amor, como, por exemplo, o temor das penas do inferno. "O temor de Deus é o começo de seu amor", diz o Sábio (Ecli 25, 16). Um começo de amor é também o propósito de não querer ofender mais a Deus, a esperança do perdão e da aquisição dos bens eternos, que Deus prometeu ao penitente. E' o que ensina S. Tomás, dizendo: "Começamos a amar alguém, logo que dele esperamos algum bem. Por isso fazemos bem se, quando nos confessamos, ajuntarmos ao ato de contrição um ato de esperança de obtermos o perdão dos nossos pecados pelos merecimentos de Jesus Cristo. Assim seguiremos o conselho do Tridentino, que nos diz que o penitente se deverá preparar pela esperança a alcançar o perdão de Deus.

Se a atrição basta para uma boa confissão, por que receias então, alma cristã, terem sido inválidas as tuas confissões? Note-se, contudo, o seguinte:

a) Não basta para atrição o temor das penas temporais que Deus inflige aos pecadores já nesta vida, pois, segundo os teólogos, como é eterna a pena do pecado mortal, o motivo da atrição deve ser também o temor das penas eternas.

b) Também não basta a dor oriunda de haver merecido o inferno; requer-se o arrependimento de se haver ofendido a Deus, merecendo por isso o inferno.

c) A atrição deve ser acompanhada da esperança do perdão, assim como da vontade de não pecar mais, de maneira que, se alguém se arrependesse de seus pecados por causa de haver merecido o inferno, não querendo, porém, deixar de pecar, essa atrição de nada lhe serviria, antes o tornaria digno de castigo por sua má vontade.

A contrição imperfeita se excita da seguinte maneira. O' meu Deus, visto que por meus pecados perdi o céu e mereci o inferno por toda a eternidade, arrependo-me, mais do que de qualquer outro mal, de vos haver ofendido. Contrição perfeita seria: Meu Deus, porque sois o Sumo Bem, infinitamente perfeito, amo-vos sobre todas as coisas e, porque vos amo, me arrependo, de todo o coração, de toda a ofensa contra vós cometida, meu soberano Senhor. Meu Deus, nunca

mais quero pecar; sim, prefiro mil vezes morrer a novamente ofender-vos.

Depois de haver feito com coração sincero o ato de contrição, deves receber sem receio nem escrúpulos a santa absolvição. Para expelir toda a inquietação de consciência, S. Teresa indica um outro sinal seguro de contrição: "Vê se estás verdadeiramente resolvido a não mais cometer os pecados de que te confessaste, e se tiveres esse propósito, não há motivo para duvidares da verdadeira contrição".

3) Em terceiro lugar, para uma boa confissão, requer-se o propósito de não pecar mais. Este propósito deve ser firme, universal e eficaz.

a) *Firme.* Alguns dizem: Eu desejaria não cometer mais este pecado; desejaria não ofender mais a Deus. — Esse "desejaria" mostra claramente que tal propósito não é firme. Para que seja firme, deve-se estar verdadeiramente resolvido a dizer: Não quero mais cometer este pecado; não quero mais ofender a Deus.

b) *Universal.* Deve-se tomar a resolução de evitar todos os pecados, sem nenhuma exceção, o que se entende, contudo, só dos pecados mortais, pois, quanto aos veniais, se o arrependimento e propósito se estendem só a um ou outro, a confissão, por isso, não deixa de ser válida. Almas, porém, que tendem a maior perfeição, devem resolver-se a evitar também todos os pecados veniais deliberados. Quanto aos indeliberados, visto ser impossível envitá-los todos, basta que se esteja resolvido a precaver-se contra eles tanto quanto possível.

c) *Eficaz.* Deve-se propor empregar os meios necessários para se não cometer mais os pecados de que se acusa; em particular deve-se estar resolvido a evitar a ocasião próxima da reincidência no pecado. Se se trata de pecados mortais, não basta o simples propósito de evitá-los; deve-se também ter a séria vontade de fugir da ocasião próxima do pecado. Sem isso, todas as confissões serão inválidas, ainda que se receba mil vezes a absolvição, pois já é em si um pecado mortal não querer remover a ocasião próxima do pecado.

Talvez me diga alguém: Se despachar aquela pessoa, se romper com aquelas relações familiares dará na vista e causará escândalo: todos farão suas observações a esse respeito. — Respondo: Darás verdadeiramente escândalo se não puseres termo a essa ocasião; todos já estão inteirados de tuas relações e, se em tua presença não tocam nisto, podes estar certo que pensam e falam entre si de maneira bem clara. — Mas despedir tal pessoa seria descortesia e mesmo ingratidão: ela ajuda-me, presta-me serviços e socorre-me. — Para que te ajuda ela? Para te afastares de Deus, e levares uma vida desgraçada aqui na terra e mais ainda lá na eternidade. — Descortesia e ingratidão? Antes de tudo devemos ser corteses e gratos para com Deus, que é um Senhor de infinita majestade e de quem recebemos benefícios inumeráveis.

§ III. Da confissão

A acusação dos pecados na confissão deve ser inteira, humilde e sincera.

1) *Inteira.* Para quem ofendeu a Deus com um pecado mortal, não há outro meio para escapar à condenação eterna, que a confis-

são de seus pecados. E se alguém deles se arrependesse de todo o coração e fizesse penitência toda a sua vida, se vivesse num deserto, alimentando-se exclusivamente de legumes e dormindo sobre a terra nua... nem assim obteria o perdão.

Faze o que quiseres, porém o perdão não alcançarás jamais se não te confessares dos pecados de que te lembras; digo dos pecados de que te lembras, porque, se te esqueceres de algum, sem culpa tua, ser-te-á perdoado indiretamente com os outros, caso te arrependas deles todos. Se, mais tarde, porém, te recordares dele, estarás obrigado a confessá-lo.

Se voluntàriamente calaste um pecado, deverás te acusar então não só desse pecado como de todos os pecados já mencionados na confissão ou confissões feitas neste estado, porque foram sacrílegas.

Quantas almas não se perdem eternamente por não terem feito uma confissão completa. S. Teresa não cessava de repetir aos pregadores: Pregai, pregai contra as confissões mal feitas, pois é em consequência delas que a maior parte dos cristãos se condena.

2) *Humilde.* O cristão que vai se confessar deve se considerar como um criminoso condenado à morte, que está carregado de outras tantas cadeias quantos são os seus pecados. Que apareça, pois, diante de seu confessor, que ocupa o lugar de Deus, e fale com ele com toda a humildade, já que é a única pessoa que o poderá libertar de suas cadeias e arrancá-lo das portas do inferno.

O imperador Fernando II, desejando um dia confessar-se em seu próprio quarto, foi buscar pessoalmente uma cadeira para seu confessor, o qual, admirado de tal humildade, ouviu as seguintes palavras de sua boca: Meu pai, agora sou eu vosso súdito e vós meu superior.

Há pessoas que ousam disputar com o confessor e falar com tal arrogância como se o confessor tivesse que se submeter a elas. Que proveito poderão tirar de tal confissão? Devemos testemunhar ao confessor o maior respeito, falar-lhe humildemente e executar com toda a submissão o que ele nos prescrever. Se nos repreender, devemos aceitar humildemente seus conselhos e também com toda a humildade aplicar o remédio que nos indicar.

3) *Sincera.* Deve-se confessar os próprios pecados sem ofender de nenhum modo a verdade e também sem apresentar desculpas.

a) *Sem mentir.* Mentiras, mesmo em matéria leve, na confissão, são sempre mais graves que fora dela, ainda que não sejam pecado mortal. Mentiras graves naturalmente constituem pecado grave. Se o penitente se acusasse de um pecado mortal que não cometeu, ou se calasse um pecado grave cometido, ainda não confessado, ou se negasse ter o hábito de cometer determinado pecado mortal, enganaria o representante de Deus em matéria grave, e a confissão seria incompleta e cometeria um pecado grave.

b) *Sem desculpar-se.* No tribunal da penitência não há desculpas, pois o culpado deve ser seu próprio acusador e não seu defensor. Quem se confessar sinceramente, sem diminuir sua culpa, alcançará perdão e maior misericórdia. Oh! quantos se acusam mal na confissão. Uns contam ao confessor o pouco bem que praticam e nada dizem de seus pecados: Sr. Padre, eu vou todos os dias à Mis-

sa, rezo o terço, não blasfemo, não juro, não roubo, etc.... Mas, por que dizes isso? Para seres louvado pelo confessor? Teus pecados é que deves contar. Examina-te e encontrarás mil coisas para acusar: calúnias, palavras levianas, pensamentos maus ou invejosos, etc., etc.

Outros não podem confessar um pecado sem apresentar imediatamente uma desculpa: Sr. Padre, eu blasfemei porque tenho um amo insuportável. Tive aversão a uma vizinha, porque falou mal de mim.

Que adianta uma tal confissão? Que pretendes com isso? Talvez que o confessor aprove o teu pecado? Escuta o que diz S. Gregório: "Se te desculpas, Deus te acusará; se te acusas, Deus te desculpará". O Senhor queixou-se um dia a S. Maria Madalena de Pazzi daqueles que, na confissão, desculpam suas faltas, jogando a culpa em outros, dizendo: Tal pessoa deu ocasião a isso; esta outra tentou-me e eu caí. Com semelhantes confissões só aumentam o número de seus pecados, porque, para desculpar-se, atacam sem necessidade a honra do próximo.

Toma, pois, a resolução, alma cristã, de nunca falar das faltas alheias, mas restringir-te à confissão de teus próprios pecados, dizendo: Padre, não foi nem a má companhia, nem a ocasião, nem o demônio a causa dos meus pecados: ofendi a Deus por própria maldade.

Algumas vezes, porém, devemos revelar ao confessor os pecados de nosso próximo, quer para declarar a espécie de nossas culpas, quer para que o confessor conheça melhor o perigo em que nos achamos, e, assim, possa aconselhar-nos o que devemos fazer. Se, em tal caso, puderes achar um confessor que não conheça o teu cúmplice, deves procurá-lo; não se podendo, porém, fazer isso sem grande incômodo, ou se julgares que teu confessor ordinário poderá dar-te melhores conselhos, por conhecer mais de perto teu estado de consciência, não estás obrigado a buscar um confessor estranho; deverás, contudo, poupar o mais possível o teu cúmplice.

De resto, evita toda a conversa inútil. Que adianta relatar ao confessor todas as pequenas contrariedades que te sucederam e falar tanto de tuas enfermidades e tribulações? Se deixares todas essas coisas, alguns minutos te bastarão para tua confissão. Considera e aproveita-te da confissão como do meio mais próprio para te corrigires de algum mau hábito e de te adiantares na perfeição. Muitos repetem sempre a mesma história, em todas as confissões, de cor e salteado, e isso durante um quarto de hora: Eu me acuso que tive pouco amor a Nosso Senhor, que não cumpri conscienciosamente com meu dever, etc. Essas palavras inúteis são só para encher o tempo e devem ser postas de lado. Confessa os pecados de que queres te emendar sèriamente.

Que adianta dizer: eu me acuso de todas as mentiras que fiz, de todas as conversas contra a caridade, se não se está resolvido a deixar essas faltas, afirmando até ser isso impossível? Isso é zombar de Jesus Cristo e do confessor.

Trata, portanto, de fazer um firme propósito de não recair nos pecados, ainda que veniais, de que te acusas em tuas confissões.

Finalmente, não deves interromper o confessor quando estiver falando de coisas que respeitam a direção de tua alma, mas ouve atentamente o que te diz e não te preocupes com outra coisa. Alguns falam sempre e pouca ou nenhuma atenção prestam ao que diz o confessor. S. Francisco de Sales nos recomenda fazer grande caso das palavras que nos dirige o confessor, visto que ele ocupa na confissão o lugar de Deus, que o ilumina de modo particular, para que nos diga o que mais convém a nosso bem espiritual.

4) Em muitos casos a confissão é defeituosa porque o penitente se envergonha de confessar com sinceridade os seus pecados. Algumas palavras, pois, sobre a falsa vergonha.

Tendo alguém a infelicidade de cair num pecado mortal, o demônio fecha-lhe a boca, sugerindo-lhe a idéia de que a acusação desse pecado será uma grande vergonha para ele. Quantas almas chamadas à perfeição não ardem agora no inferno, e continuarão a arder por toda a eternidade, só por causa dessa desgraçada vergonha.

Infelizmente esse caso não é raro, pois quem se deixou uma vez levar pelo respeito humano continua fàcilmente a fazer meses e anos inteiros confissões e comunhões sacrílegas.

Desde que cometeste um pecado, por que recusas confessá-lo, alma cristã? Eu me envergonho, dizes. "Ouve, desgraçada, exclama S. Agostinho, pensas ùnicamente na vergonha e não pensas na condenação eterna que te espera se te não confessares". Envergonhas-te, dizes. Mas por quê? Que loucura, continua o mesmo Santo, não te envergonhas de ferir mortalmente a tua alma e envergonhas-te de deixá-la examinar para que seja curada? Se o médico não vê a ferida e não conhece bem o mal, não poderá curá-lo.

Um discípulo de Sócrates entrou uma vez na casa de uma mulher de má vida. Querendo sair, avistou o mestre, que por aí passava, e tornou a entrar depressa, para não ser visto. Sócrates, porém, havia-o visto e, aproximando-se da casa, disse: Meu filho, é uma vergonha entrar nesta casa, não, porém, sair dela. E' também o que te digo: Meu filho, é uma vergonha cometer o pecado; não, porém, libertar-se dele pela confissão.

Escuta o que diz o Espírito Santo: "Há uma vergonha que traz consigo o pecado e há uma confusão que consigo traz a glória e a graça" (Ecli 4, 25). Devemos fugir da vergonha que nos leva ao pecado e nos torna inimigos de Deus; não, porém, da que, ligada à confissão dos pecados, nos granjeia a graça de Deus e a glória do céu.

Que desgraça para uma alma calar, por uma falsa vergonha, qualquer pecado na confissão. O que deveria destruir os tristes efeitos do pecado, diz S. Ambrósio, serve ao demônio para novos triunfos. Os soldados que na guerra saíram vencedores conduzem em triunfo as armas que tomaram ao inimigo; assim, o demônio se ufana das confissões sacrílegas como de armas tomadas àqueles que com elas o poderiam subjugar. Dignas de lástima são essas almas, que transformam em veneno o remédio que as poderia curar.

Dize-me, alma cristã, se terias a coragem de ocultar o teu pecado, se por isso tivesses de ser lançada em uma caldeira de pez ardente, vindo afinal os teus parentes e conhecidos a saber desse pe-

cado? Certamente não, especialmente se soubesses que por uma confissão sincera não só escaparias a esse tormento, como também se conservaria oculto o teu delito.

Ora, está fora de toda a dúvida que, não confessando teus pecados, arderás por todo o sempre no inferno e que, no dia do juízo, não só teus parentes e conhecidos, mas todos os homens do mundo inteiro ficarão a par de teus pecados. "Todos nós devemos manifestar-nos diante do tribunal de Deus" (2 Cor 5, 10). "Se não confessares o mal que praticaste, diz o Senhor, manifestarei as tuas ignomínias a todas as nações" (Na 3, 5).

Cometeste o pecado, se não te confessares serás condenado: Se quiseres te salvar deverás confessar-te um dia, sem dúvida alguma. "E se deves enunciá-lo um dia, por que não agora?" pergunta S. Agostinho. Queres talvez esperar a vinda da morte para não poderes mais te acusar? Quanto mais adiares a confissão de teus pecados, quanto mais confissões sacrílegas fizeres, tanto mais se aumentará tua obstinação e endurecimento de coração, segundo as palavras de Pedro de Blois: Da reticência dos pecados se origina a obstinação.

Quantas infelizes almas, que se habituaram a calar um pecado, pensando em confessá-lo no leito de morte, viram escoar-se este último termo sem se confessarem do tal pecado.

Pondera também, alma cristã, que, se não confessares teu pecado, nunca mais em tua vida encontrarás a paz. Ah! Deus, que tormentos não tem de suportar todo aquele que deixa o confessionário com a consciência carregada com um pecado mortal! Traz consigo continuamente uma víbora, que não cessa de lacerar seu coração.

Se tiveste a desgraça de calar um pecado mortal por vergonha, cobra ânimo, e confessa-te o mais depressa possível. Isso não custa tanto; basta dizer ao confessor: Padre, tenho vergonha de confessar certo pecado, ou — tenho inquietações sobre minha vida passada. Não será então difícil ao confessor arrancar o espinho mortífero e pôr em ordem a tua consciência. Que alegria sentirás então, vendo expulsa de teu coração essa víbora funesta.

A quantas pessoas deves revelar os teus pecados? A uma só e uma só vez: ao teu confessor. Para que o demônio não te engane, deves saber que estamos obrigados a confessar ùnicamente os pecados mortais. Por isso, se o pecado que te molesta não for mortal ou se ao cometeres não o tiveste em conta de mortal, não estás obrigado a confessá-lo. Por exemplo: Se uma pessoa, na sua mocidade, cometeu uma ação desonesta sem saber, nem mesmo suspeitar que era pecado, não está obrigada a confessar-se dela. Se, porém, ao praticar tal ação, duvidou se era ou não pecado mortal, deverá então confessá-la, sob pena de perder-se eternamente.

Mas o confessor poderá contar a alguém o meu pecado! — O confessor está obrigado a deixar-se antes queimar, que revelar um único pecado venial ouvido em confissão; nem sequer pode falar com o próprio penitente a respeito das coisas ouvidas no confessionário.

Temo que o confessor me trate com aspereza, sabendo de meus pecados! Tratar-te com dureza? Por quê? E' um temor irrazoável, que te inspira o demônio. Os confessores não vão ao confessionário

para ouvir narrações de êxtases e revelações, mas para ouvir a acusação de pecados cometidos, e não poderão sentir maior alegria que ouvindo a revelação do triste estado de um penitente para poderem socorrê-lo. Se, sem grandes esforços, pudesses livrar da morte uma rainha gravemente ferida por seus inimigos, que alegria não experimentarias na execução de uma tal obra? E' o que sente o confessor quando alguém lhe revela seus pecados: pela absolvição cura a alma do penitente da chaga que lhe fez o pecado, e a livra da morte eterna.

Mas não se escandalizará o confessor de mim, conservando grande horror de minha pessoa para o resto da vida? Grande erro. Longe de escandalizar-te de ti, muito se edificará com teu procedimento, vendo que, apesar da vergonha que sentes, te acusas com toda a sinceridade e confiança de teus pecados.

Esperas talvez que o confessor não tenha ouvido, em outras confissões, pecados semelhantes, e mesmo mais graves que os teus? Oh! prouvera a Deus que fosses o único que o tivesse ofendido! Também não deves pensar que o confessor te terá em horror; pelo contrário, estimar-te-á muito e cuidará em auxiliar-te em vista da confiança que lhe testemunhaste, patenteando-lhe tuas misérias.

Confessarei meus pecados, porém mais tarde. — Entretanto, queres viver na desgraça de Deus, no perigo de condenação eterna e num inferno de remorsos que te despedaçarão a alma e não te deixarão um momento de repouso, nem de dia, nem de noite? Preferes sofrer tudo isso a dizer a teu confessor: Padre, tive a infelicidade de cair num pecado; ajudai-me a sair dele.

Mais tarde confessarei meu pecado, dizes. Mas, entretanto, queres ajuntar ainda outros sacrilégios ao pecado já cometido? E não sabes quão horrendo pecado é o sacrilégio? Queres então transformar em veneno mortífero o remédio que Jesus Cristo te preparou no sacramento da penitência, com seu próprio sangue? — Mais tarde me confessarei! — E se a morte te surpreender? Tantas vezes se dá esse caso, ouvindo-se falar quase cotidianamente de pessoas que morreram repentinamente. E, nesse caso, qual seria tua sorte por toda a eternidade?

Não tenho bastante confiança no meu confessor! Pois bem, procura um outro. Suposto mesmo que não encontres um outro, dize-me, que farias se tivesses uma chaga que ameaçasse tua vida se não lhe aplicasses um pronto remédio? Não te apressarias a chamar um cirurgião, ainda que sentisses a maior repugnância contra isso, para conservares a vida? E para restituir a vida à tua alma e preservá-la do inferno, não tens a coragem de descobrir a teu pai espiritual o teu estado de alma?

Coragem, pois, alma cristã, vence magnânimamente a falsa vergonha. Logo que começares a descobrir o teu interior, desaparecerão todas as tuas apreensões e, depois da confissão, achar-te-ás mais feliz que um mundano feito rei do universo. Recomenda-te à Mãe de Deus, ela te alcançará a graça de venceres tua repugnância. Se não tiveres a coragem de confessar abertamente o teu pecado, dize a teu confessor: Padre, ajudai-me, porque preciso de auxílio; tenho um pecado na consciência, do qual não tenho ânimo de me acusar. O con-

fessor empregará então qualquer expediente para arrancar, sem muito custo de tua parte, de seu esconderijo esse monstro que ameaça tragar-te. Se de todo não te sentires com coragem de revelar de viva voz os teus pecados, escreve-os em um papel e entrega-o ao confessor, dizendo: Acuso-me dos pecados aqui escritos. — Assim te livrarás não só do inferno eterno, como também do temporal, recuperando a graça de Deus e a paz da alma.

Nota bem o seguinte: Quanto maior for o esforço que fizeres para te venceres, tanto maior será o amor com que Deus te receberá novamente. O Pe. Paulo Ségneri conta que uma freira, para se confessar de certos pecados cometidos em sua meninice, fez tantos esforços que perdeu os sentidos. Em recompensa de sua generosidade, concedeu-lhe Deus uma tão grande compunção e amor, que dessa ocasião em diante se dedicou heròicamente à perfeição de sua alma, praticando as mais austeras penitências e morrendo em odor de santidade.

§ IV. Das dúvidas a respeito da confissão

Não foi minha intenção, alma cristã, inquietar-te com o sobredito, pois tudo o que disse refere-se ùnicamente aos que estão certos de ter pecados graves na consciência e sentem por isso vergonha de declará-los na confissão. A respeito de certas dúvidas que talvez tenhas quanto a pecados que não sabes ao certo se os cometeste ou não ou quanto a confissões passadas que julgas mal feitas, farás bem em interrogar teu confessor, exceto no caso que propendas para os escrúpulos, pois os escrupulosos de forma alguma devem confessar suas dúvidas. E' bom que conheças, em todo o caso, algumas regras aprovadas pelos teólogos, que poderão livrar-te de todas as dúvidas e procurar-te tranquilidade.

1) E' sentença bem fundada de que não se está obrigado a confessar pecados mortais duvidosos, isto é, aqueles dos quais se duvida se foram cometidos com perfeito conhecimento e inteiro consentimento; os teólogos sòmente admoestam que no leito da morte está-se obrigado a fazer um ato de contrição perfeita, caso esses pecados tenham sido realmente mortais, ou então a receber-se o sacramento da confissão sem, contudo, nos obrigar a declarar os tais pecados duvidosos, bastando a acusação de outros pecados certos, mesmo só veniais. E isso tudo só no caso de se não ter ainda recebido o sacramento da penitência depois de cometido o pecado de que se duvida.

Além disso, afirmam teólogos abalizados, e com boas razões, que pessoas há que de há muito levam uma vida espiritual na dúvida se cometeram ou não um pecado mortal, podem ficar certas que não perderam a graça de Deus, pois humanamente falando é impossível que uma vontade fortalecida nos bons propósitos mude sùbitamente e consinta imperceptìvelmente num pecado mortal. O pecado mortal é um monstro tão horrendo, que não poderá insinuar-se despercebidamente numa alma que o detesta há longo tempo.

2) Quando se tem certeza que se cometeu um pecado mortal e só se duvida se já foi confessado ou não, está-se obrigado a confessá-lo, caso que a dúvida seja negativa, isto é, não se tenha uma razão suficiente para se julgar que já foi confessado. Se houver uma razão

ou suposição fundada de já se ter confessado o tal pecado, não há mais obrigação de confessá-lo mais uma vez, segundo a sentença comum dos teólogos. Donde se infere que quem empregou o cuidado necessário em suas confissões gerais ou particulares, e vem, mais tarde, a duvidar se deixou ou não de mencionar um pecado ou uma circunstância agravante, não está obrigado a se acusar disso, porque pode razoàvelmente ter por certo que fez tudo como devia fazer.

Se sentires uma certa repugnância de te confessares de tais pecados duvidosos, alma cristã, tal sentimento não é ainda pecado e por isso basta dizeres contigo mesma: Meu Deus, se eu soubesse certamente que estou obrigado a confessar-me disto, estaria pronto a fazê-lo neste instante, ainda que muito me custasse.

Seja isso dito para os que são atormentados pelo temor de não haverem exposto claramente ao confessor as suas dúvidas. Certo é, porém, que almas devotas fazem muito bem em revelar ao confessor as dúvidas que as atormentam, mesmo que seja só para se humilharem. Excetuam-se sempre as almas escrupulosas, que de nenhum modo devem falar de tais coisas, como já o vimos acima. O que seria para desejar mais é que cada um descobrisse a seu confessor as suas paixões, suas inclinações más e as causas de suas tentações, para que o confessor possa assestar o machado à raiz do mal. Se as raízes não forem cortadas, nunca cessarão as tentações e estaremos sempre em grande perigo de consentir nelas, visto que, podendo afastar as suas causas, não o fazemos.

Para alguns é muito salutar revelar também aquelas tentações que mais os humilham, como principalmente as tentações contra a castidade, mesmo que não tenham consentido. "Uma tentação descoberta já está meio vencida", costumava dizer S. Filipe Néri. Eu disse, para alguns; porque, para outros, de virtude acrisolada, que são mui tímidos nesse ponto e receiam continuamente haver consentido, é melhor que se lhes proíba a acusação de tais coisas, enquanto não tiverem a certeza do consentimento.

Tal procedimento é inteiramente justificado, porque, pela longa reflexão e inquirição, se consentiram ou não, sobre o modo de declarar ao confessor a tentação, sua fantasia ficará vivamente impressionada pela representação dessas coisas abjetas e se acharão imersos nas maiores inquietações, sentindo aumentar cada vez mais o temor de haverem realmente consentido. O sobredito basta. Obedece neste ponto, alma cristã, a teu confessor, e faze o que ele te disser.

§ V. Da satisfação

A satisfação, comumente chamada penitência, é igualmente uma parte necessária da confissão; ela não é parte essencial da confissão, desde que esta pode ser válida sem ela, por exemplo, às portas da morte, não se podendo mais cumprir com a penitência imposta, mas é parte integrante, de maneira que a confissão seria inválida se, de antemão, se estivesse resolvido a não cumprir com a penitência, pois na confissão deve-se ter a vontade de se submeter à penitência imposta pelo confessor. Tendo-se, porém, a intenção de cumpri-la e dei-

xando-se depois de o fazer, a confissão é válida, mas comete-se um pecado mortal, casó tenha sido grave a penitência imposta.

Deves saber, alma cristã, que quem peca não só se torna réu da falta cometida, mas também merecedor do castigo devido à culpa. Pela absolvição do sacerdote são remitidas as culpas e as penas eternas e, se o penitente estiver compenetrado de uma viva e perfeita contrição, ser-lhe-ão remitidas também as penas temporais; se a contrição, porém, não for tão intensa, fisa sujeito às penas temporais, que deverá satisfazer ou neste mundo ou no purgatório.

Ora, o Concílio de Trento ensina que a penitência sacramental satisfaz pela pena merecida e que, ao mesmo tempo, é ela um remédio contra os maus efeitos e consequências do pecado, contra nossas paixões, maus hábitos e dureza de coração, e que por ela, finalmente, alcançamos a força de que precisamos para não recairmos mais nos mesmos pecados.

De resto, deves saber que, se não cumprires tua penitência neste mundo, deverás sujeitar-te a uma muito maior no purgatório. Prouvera a Deus que cada um cuidasse em satisfazer já aqui neste mundo toda a dívida de seus pecados. Ordinàriamente deve-se suprir, depois da morte, o que falta. Sabe-se que diversas almas que aqui no mundo levaram uma vida santa, tiveram, apesar disso, de passar algum tempo no purgatório.

Não nos contentemos, por isso, com a penitência imposta pelo confessor, mas entreguemo-nos, além disso, à prática de boas obras, tais como dar esmolas, rezar, jejuar e semelhantes mortificações. Procuremos também ganhar todas as indulgências que pudermos, pois elas diminuem as penas que teremos de sofrer no purgatório.

SEGUNDA PARTE

DO EXERCÍCIO DAS VIRTUDES

CAPÍTULO PRIMEIRO

Da fé

§ I. Da natureza e do grande valor da fé

A fé é uma virtude infusa por Deus em nossa alma, pela qual cremos tudo o que Ele revelou à sua Igreja e que ela nos propõe a crer. S. Paulo define a fé: "a substância das coisas que devemos esperar e a demonstração das que não vemos" (Heb 11, 1). A fé é de fato o fundamento da nossa esperança; sem ela seria impossível existir uma esperança, e também um argumento firme do que não vemos. Ela possui um lado escuro, outro claro: clara é ela quanto aos sinais que nos demonstram a certeza das verdades da fé; obscura quanto às próprias verdades da fé, que estão veladas aos nossos olhos.

As provas da verdade de nossa fé são tão claras que, segundo as palavras de Pico de Mirândola, não é só imprudência, mas mesmo loucura não querer aceitá-las. "Os vossos testemunhos, Senhor, são mui dignos de fé" (Sl 92, 5). Por isso os incrédulos não têm desculpa recusando sujeitar seu entendimento aos ensinamentos da fé. "Quem não crer, já está condenado", diz o divino Salvador. Doutro lado, quis Deus que as verdades mesmas da fé ficassem envoltas em mistérios para adquirirmos merecimentos por meio da fé. A fé é pois uma ciência que sobrepuja imensamente todas as outras ciências: Vêde quão grande é o Deus que vence toda a nossa ciência", exclama Job (36, 26).

A santa fé é para nós um tesouro de valor inestimável, pois nela possuímos, primeiramente, uma luz divina que nos serve de guia seguro no caminho do céu. O que percebemos por meio de nossos sentidos nos induz muitas vezes ao erro. As verdades da fé, porém, nos foram por Deus reveladas, o qual não pode enganar-se nem enganar-nos.

A fé nos oferece, em segundo lugar, um meio excelente de prestar a Deus nossa veneração. E' conveniente e justo que sujeitemos a Deus não só nossa vontade, pelo amor, observando seus mandamentos, mas também nosso entendimento, pela fé, crendo em suas palavras. Se o homem acreditasse sòmente no que vê e compreende, não daria com isso honra a Deus. Ao passo que o honra de modo especial aceitando, como certas, coisas que não vê nem entende, só porque Deus as revelou.

A fé nos é uma fonte de merecimentos. Se todas as verdades propostas à nossa fé fossem claras e evidentes, não poderíamos negar-lhe o nosso assentimento e, com isso, a aceitação dessas verdades não seria uma obra meritória, pois o mérito está justamente em anuir à doutrina proposta, não necessária, mas livremente. E' o que exprime S. Gregório nas seguintes palavras: "A fé perde seu merecimento se a razão humana fornece os argumentos" (In evang. hom. 26). O divino Salvador reputa bem-aventurados os que abraçam as verdades da fé sem as entender: "Bem-aventurados os que não viram e creram" (Jo 20, 29).

A fé nos serve de defesa eficaz contra os inimigos de nossa salvação. S. João diz (1 Jo 5, 4): "Esta é a vitória que vence o mundo: a vossa fé". Deus Nosso Senhor criou-nos ùnicamente para trabalharmos na salvação de nossa alma e nos santificarmos. "Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (1 Tess 4, 3). Para este fim devem convergir todos os nossos atos. A fé é então que nos faz capazes de vencer todos os impedimentos que o mundo nos opõe na tendência a esse alvo, como seja o respeito humano, a concupiscência da carne ou as tentações do demônio. O demônio é muito forte e suas tentações bem próprias para nos incutirem terror. Quem possui, porém, a fé, triunfa de todos os assaltos. "O demônio nos rodeia como um leão que ruge, procurando a quem devorar... resisti-lhe fortes na fé", diz S. Pedro (1 Ped 5, 8). No mesmo sentido escreveu S. Paulo (Ef 6, 16): "Sobretudo abraçai o escudo da fé, com o qual podeis extinguir todos os dardos inflamados do maligno". Como o escudo cobre o corpo contra os projetis do inimigo, assim a fé protege a alma contra os ataques do inferno. "Meu justo vive da fé", diz o Senhor (Heb 11, 38), isto é, ele se conserva na vida da graça pelas máximas da fé. Tornando-se fraca a fé, também fracas se tornam as virtudes; perdida a fé, desaparecem também as virtudes. Por isso, logo que formos acometidos por uma tentação de orgulho, ou de concupiscência, ou de qualquer outra espécie, devemos nos armar sem demora com as máximas da fé, para nos defender, e voltar nossas vistas para a onipresença de Deus ou para as tristes consequências do pecado, ou para as contas que devemos dar no dia do juízo, ou para as penas eternas que aguardam o pecado, ou para as grandes obrigações que temos para com nosso divino Salvador. De modo especial devemos refletir nesta grande verdade da fé, que todo aquele que refletir a Deus, obterá a vitória. "Eu invocarei o Senhor, louvando-o, e serei salvo de meus inimigos" (Sl 17, 4).

A fé nos conserva a paz do coração no meio de todas as adversidades, porque nos dá a garantia de que, sofrendo com paciência as penas desta vida, alcançaremos certamente a salvação eterna. E' o que leva a S. Pedro a dizer: "Se crerdes, gozareis de uma alegria inenarrável e alcançareis o fim de vossa fé, a salvação de vossas almas" (1 Ped 1, 8).

Agradeçamos, portanto, do fundo de nossa alma a Deus por nos ter dado o precioso dom da santa fé. S. Francisco de Sales dizia: "O' meu Deus, imensamente grandes são os benefícios com que me cumulastes; como, porém, poderei jamais agradecer-vos suficientemente

por terdes iluminado com a luz da santa fé?" E, novamente: "A sublimidade de nossa fé é tão grande, que desejaria de boa mente dar minha vida por ela. Ao menos quero conservar em meu coração inflamado de devoção este tão precioso dom que o Senhor me fez". S. Teresa achava tal consolação no pensamento de pertencer à Igreja Católica, que não se cansava de repetir, na hora da morte: "Enfim, eu sou uma filha da Santa Igreja. Enfim, eu sou uma filha da Santa Igreja". Agradeçamos também nós continuamente ao Senhor esta tão grande graça e recordemo-nos sempre das palavras do salmista: "Ele não fez o mesmo benefício a todas as nações" (Sl 147, 20).

§ II. Do sacrifício do entendimento que a fé exige

Deus Nosso Senhor quer que usemos de nosso entendimento para conhecermos com certeza que foi ele quem falou; não, porém, para entendermos o que nos propõe a crer. A razão, por assim dizer, nos toma pela mão e nos conduz ao santuário da fé, permanecendo, contudo, nos umbrais do mesmo. Logo que nos convencermos que a doutrina, cuja aceitação se exige de nós, provém na realidade de Deus, devemos submeter nosso entendimento e ter por verdade tudo o que nos é proposto a crer, mesmo que nada entendamos. E' esta a humilde simplicidade das crianças de que fala S. Pedro: "Como meninos recém-nascidos... cândidamente desejai o leite para que cresçais por meio dele para vossa salvação" (1 Ped 2, 2).

Os mistérios da fé não estão em contradição com a nossa razão, excedendo, contudo, o seu alcance ou compreensão. Não devemos por isso perscrutá-los para averiguar sua exatidão, pois que poderia acontecer como àqueles espíritos orgulhosos que, tentando penetrá-los, viram seu fraco entendimento emaranhar-se em uma multidão de dúvidas, das quais só com muita dificuldade conseguiram libertar-se. "A fé não é para os orgulhosos, mas para os humildes" (Serm. 115, n. 2), diz S. Agostinho. Quem é verdadeiramente humilde não achará dificuldade em crer. S. Teresa diz: "O demônio nunca conseguiu tentar-me de forma alguma contra a fé; quer-me até parecer que mais fácil me é dar o meu assentimento às verdades da fé que, em si, são mais incompreensíveis".

Se alguém, pois, for tentado pelo inimigo contra uma verdade da fé, não olhe para as dificuldades que o demônio apresenta, mas faça um ato de fé e proteste diante de Deus que está pronto a dar a sua vida pela santa fé. Como narra S. Luís, rei de França, um sábio teólogo foi um dia atacado por fortes tentações contra a presença real de Jesus no SS. Sacramento. Ele recorreu ao Bispo de Paris, descobriu-lhe suas dúvidas e pediu-lhe com lágrimas que o ajudasse. O Bispo perguntou-lhe ùnicamente se renunciaria sua fé por qualquer coisa do mundo. Protestou o teólogo com lágrimas que por nada deste mundo sacrificaria a sua fé. Tranquilizou-o então o Bispo e mostrou-lhe o grande fruto que lhe adviria daquelas tentações.

Achando-se uma vez doente, S. Francisco de Sales foi agitado por fortes dúvidas quanto à sagrada eucaristia. Não entrou, porém, em discussão alguma com o demônio a esse respeito e venceu-as pela simples invocação do SS. Nome de Jesus. Em tais tentações o enten-

dimento deve dar-se por vencido, sujeitar-se à doutrina da Igreja e combater o demônio com suas próprias armas, dizendo: Estou pronto a dar mil vezes minha vida pela santa fé. Se assim procedermos, aquilo com que o demônio pretende perder-nos, tornar-se-á para nós uma fonte de merecimentos. Dirijamo-nos, portanto, muitas vezes ao divino Salvador, repetindo aquela súplica dos apóstolos: "Senhor, aumentai-nos a fé" (Lc 17, 5).

§ III. Como é razoável essa submissão do entendimento

Do que se disse é fácil deduzir que devemos obrigar nosso entendimento a aceitar as verdades da fé que excedem a sua compreensão, "reduzindo-o à sujeição... em obséquio a Cristo" (2 Cor 10, 5), como diz S. Paulo. Isso, contudo, não impede que consideremos as razões que demonstram a veracidade de nossa santa religião; pelo contrário, Deus quer mesmo que usemos de nossa inteligência natural para nos convencermos da racionabilidade de nossa fé, e assim, ajudados pela graça de Deus, tenhamos por certo tudo o que a Igreja nos propõe a crer e lhe ofereçamos um obséquio racional (Rom 12, 1).

A credibilidade de nossa santa religião está provada, como acima se notou, por argumentos tão claros que todo o que não perdeu seu bom senso deverá abraçá-la necessàriamente. Só alguns aqui apontaremos:

1) Em primeiro lugar, falam em favor da verdade de nossa fé as profecias que foram escritas nos santos livros muitos séculos antes e que se realizaram à risca depois. Por exemplo, a morte de nosso divino Salvador fora predita por diversos profetas e descrita exatamente não só quanto ao tempo como também quanto às circunstâncias que a acompanharam. Fora também profetizado que os judeus, em castigo de seu deicídio, seriam expulsos de seu templo e pátria e, obstinados em seu pecado, seriam espalhados no mundo universo; essa profecia vemos realizada ao pé da letra. Fora profetizado que, depois da morte do Redentor, o culto dos deuses cederia lugar ao culto do Deus verdadeiro, o que de fato se deu por meio dos apóstolos, que, não obstante sua falta de instrução e meios humanos e todos os impedimentos imagináveis, conseguiram conquistar o mundo para a fé do verdadeiro Deus.

2) Em segundo lugar, prova-se a verdade de nossa santa fé pelos milagres que, para confirmá-la, operaram o Salvador e os santos da Igreja Católica; os milagres sobrepujam a virtude da natureza; só o poder de Deus, ao qual toda a criação está sujeita, os pode operar. Donde se vê claramente que uma religião que puder apresentar verdadeiros milagres em confirmação da sua doutrina, deverá ser divina, pois Deus de forma alguma poderá favorecer uma falsa religião com a operação de milagres. Nem os judeus, nem os pagãos, nem os maometanos, nem os hereges poderão nomear um único milagre que tenha sido operado em favor de sua doutrina.

Para enganar o povo, recorreram a certas ilusões, que apresentaram como milagre; porém, dentro em pouco tempo se descobriu o engano. Inumeráveis, pelo contrário, são os milagres que Nosso Senhor operou no decurso dos séculos, por meio de seus servos, na Igre-

ja Católica. Nela realizou-se a palavra do divino Salvador: "Aquele que crer em mim, também fará as obras que faço e outras ainda maiores" (Jo 14, 12).

Não negamos que nos primeiros séculos do cristianismo houve mais milagres que em nossos dias; contudo, em tempo algum faltaram milagres na Igreja, porque foram sempre necessários para a conversão dos pagãos. Assim, S. Francisco Xavier, S. Luís Bertrand e outros grandes missionários operaram numerosos milagres nas Índias.

Se alguém ousasse rejeitar os fatos notáveis que os anais da história eclesiástica e a biografia dos santos nos relatam, perguntar-lhe-ia por que razão recusa crer em um S. Basílio, S. Jerônimo, S. Gregório e tantos outros escritores eclesiásticos, quando dá inteiro crédito a um Suetônio ou Plínio? De resto, aprouve ao Senhor conservar na Igreja constantemente alguns milagres, para mostrar quão fútil é a incredulidade dos ímpios. Faço aqui menção só do insigne milagre com o sangue de S. Januário, em Nápoles. Esse sangue, que geralmente se encontra em estado sólido, liquefaz-se várias vezes no ano ao se aproximar da cabeça do mesmo santo, fato de que cada um pode certificar-se com os próprios olhos. Os incrédulos em vão procuraram uma solução científica ou natural para explicar este milagre: até hoje não conseguiram dá-la.

3) Uma terceira prova da verdade de nossa fé é a fortaleza dos mártires, prova essa ainda mais brilhante que a dos milagres. Quinze imperadores romanos empregaram durante muitos anos todas as suas forças para exterminar a religião cristã. Sob o império de Diocleciano, que declarou a nona perseguição, foram trucidados, em um só mês, 17 mil cristãos, sem contar os milhares e milhares que foram desterrados. Segundo o cômputo de Genebrardo, o número dos mártires que perderam a vida, nas dez grandes perseguições, se eleva a 11 milhões, de modo que, distribuindo-os para cada dia do ano, teremos 30 mil mártires para cada dia.

Apesar de martirizarem a estes confessores de Cristo de toda a maneira imaginável, dilacerando-os com unhas de ferro, queimando-os em grelhas incandescentes, aplicando tochas ardentes a seus corpos, atormentando-os com outros horrores, o número dos que estavam prontos a morrer por sua fé não diminuía, antes crescia cada vez mais. Tibério, governador da Palestina, escreveu ao imperador Trajano que se ofereciam tantos cristãos ao martírio que era impossível supliciar a todos. Trajano publicou então um edito que mandava deixar em paz os cristãos.

Agora pergunto: Se não fosse verdadeira essa fé professada pelos mártires e até hoje pela Santa Igreja, e se Deus não os tivesse assistido, como poderiam suportar aqueles horrendos tormentos e submeter-se a uma morte tão cruel? — Que mártires, porém, podem apresentar as seitas separadas da Igreja Católica? Possuem elas talvez um S. Lourenço que, enquanto era assado na grelha, transbordava de alegria, oferecendo por gracejo ao tirano em pasto seus membros assados pelo fogo? Possuem talvez um S. Marcos ou Marcelino, cujos pés foram transpassados com cravos e que responderam ao juiz que os aconselhava a renunciarem à fé para verem-se livres de tal tor-

mento: Falais em tormento e nós nunca sentimos tão grande alegria como agora que padecemos por Jesus Cristo! Possuem talvez um S. Processo ou Martiniano, cujos corpos foram queimados com chapas de ferro em brasa e dilacerados com pentes de ferro e que, apesar disso, cantaram sem interrupção os louvores de Deus e exprimiram um desejo ardente de morrer por Jesus Cristo?

A estes mártires da antiguidade se associaram como gloriosos êmulos inumeráveis homens e mulheres dos últimos tempos, que ofereceram sua vida pela fé, entre os mais horrorosos tormentos que a ferocidade humana podia imaginar. Quantos não morreram no século XVI, no Japão? Entre os fatos memoráveis da horrenda perseguição havida nesse país, contam-se os seguintes: Uma mulher, chamada Mônica, que desejava ardentemente o martírio, exerceu-se dantemão na tolerância de todas as penas que os carrascos lhe poderiam infligir. Tomou uma vez nas mãos um ferro em brasa e, ao indagarlhe a irmã: Mônica, que fazes? respondeu: Preparo-me para o martírio. Já combati contra a fome, e venci; agora experimento o fogo, para que possa suportar os tormentos do mesmo se um dia tiver de sofrer os seus horrores. — Uma outra mulher disse a suas companheiras: Estou firmemente resolvida a dar a minha vida pela santa fé. Se, porém, me virdes tremer em presença da morte, arrastai-me então a força diante dos carrascos, para que possa participar também da vossa coroa. — Um menino, chamado Antônio, respondeu a seus pais, que, com lágrimas, queriam induzi-lo a renunciar à fé: Deixai de me atormentar com as vossas palavras e queixas, que estou mesmo resolvido a morrer por amor de Jesus Cristo. E, pendente da cruz, a exemplo de seu divino Mestre, entoou o salmo: Louvai, meninos, o Senhor, cantando-o até ao Glória Patri, morrendo em seguida, para ir terminá-lo no céu. — Um outro menino disse a seu pai: Prefiro sofrer a morte às mãos do carrasco, e, mesmo, por tuas próprias, que faltar com a obediência a Deus; eu não quero lançar-me no inferno para agradar aos homens. — Um criado disse a seu senhor: Eu sei quanto vale o céu, e já que o martírio é o caminho que mais diretamente a ele conduz, escolho-o com alegria, e faço tão pouco caso de minha vida como do pó que calco aos pés. — Uma mulher, chamada Úrsula, tendo visto morrer mártires seu marido e dois de seus filhos, exclamou, com lágrimas nos olhos: Agradeço-vos, meu Deus, porque me julgastes digna de oferecer-vos este sacrifício. Concedei-me também a coroa que orna os meus. Agora só tenho esta inocente filhinha que trago nos braços; eu vo-la ofereço com minha própria pessoa; recebei benignamente este último sacrifício que vos ofereço. Dizendo isto, apertou a filha ao coração e, com um só golpe, caíram as cabeças da mãe e da filha. — Uma outra mãe repetia sem cessar a seu filho, que com ela estava amarrado na cruz: Coragem, meu filho, estamos no caminho do céu. Repete sempre: Jesus! Maria! — Um fidalgo, de nome Simeão, exclamou: Que felicidade a minha de poder morrer por meu Salvador! Como mereci eu esta graça! Uma menina de oito anos, cega, apegou-se fortemente às saias de sua mãe, para poder morrer com ela juntamente na fogueira. — Um pequeno de cinco anos foi despertado do sono para ser conduzido à

morte. Sem mostrar a mínima inquietação, vestiu a sua melhor roupinha e foi levado pelos carrascos ao patíbulo. La chegado, ele mesmo ofereceu seu pescoço ao carrasco. Este, porém, à vista do menino, ficou tão comovido que não pôde desempenhar seu encargo. Veio um outro, que só depois de vários golpes tirou-lhe o fio da vida. — Estes fatos todos foram comprovados por inimigos declarados da nossa Santa Igreja.

4) Em quarto lugar, a verdade de nossa santa fé é provada, do modo mais evidente, por ter ela permanecido "imutável", desde o tempo dos apóstolos até ao presente dia. Os apóstolos e seus sucessores cuidaram sèriamente em conservar sempre em toda a sua pureza original a doutrina do divino Salvador. O próprio Senhor recomendou-lhes isso, dizendo: "Ide pelo mundo universo e ensinai a todas as gentes... ensinando-as a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado" (Mt 28, 19). Por isso S. João admoesta os fiéis: "O que ouvistes desde o princípio permaneça entre vós" (1 Jo 2, 24). E o apóstolo S. Judas escreve: "Eu vos rogo instantemente que defendais zelosamente a fé que vos foi uma vez pregada" (Jud 3). Semelhante é o conselho que S. Paulo dá aos efésios: "Sede solícitos em guardar a unidade do espírito" (Ef 4, 3), e aos coríntios: "Rogo-vos... que não haja entre vós cismas, antes sejais perfeitos em um mesmo sentir e em um mesmo julgar" (1 Cor 1, 10). Estas admoestações foram seguidas à risca pelos pastores da Igreja em todo o tempo; eles deixaram, como diz S. Agostinho (Cont. Jul. l. 2, c. 10), como uma herança a seus filhos o que seus pais lhes comunicaram e conservaram o que encontraram na Igreja.

Por isso a Igreja Católica permaneceu a mesma em todos os tempos; a doutrina que ela hoje prega, como a presença de Jesus no SS. Sacramento, a invocação dos Santos, a veneração das relíquias, a existência do purgatório, é a mesma que foi crida nos primeiros tempos de sua existência.

As diversas seitas, porém, que se separaram da Igreja Católica, nunca permaneceram firmes em suas doutrinas. Leia-se, por exemplo, a história das variações que se deram nas igrejas protestantes, escrita por Bossuet. O mesmo orgulho que levou o fundador dessas seitas a negar a obediência à Igreja verdadeira, desviou delas seus próprios adeptos e criou novos sistemas. Por esta razão é de suma importância para nós ter diante dos olhos a história das heresias. Essa consideração nos apresenta a nossa fé na mais esplêndida luz, visto que ela permaneceu em todos os tempos a mesma e imutável e alimenta em nós o espírito de submissão à Santa Igreja, estimulando-nos também a agradecer a Deus ter-nos feito nascer na religião católica.

§ IV. Da vida conforme aos preceitos da fé

Para se salvar não basta que se tenha por certo tudo o que ensina a fé, é preciso também conformar o nosso modo de viver aos preceitos da fé. Pico de Mirândola escreve: Certamente é uma grande loucura não querer crer no Evangelho, porém é ainda maior loucura crer no Evangelho e viver-se como se não se cresse nele (Ep. ad Nep.). Os incrédulos procedem em verdade mui desarrazoadamente,

fechando os olhos para não verem o precipício para o qual se dirigem; porém muito maior é a insensatez dos fiéis que, percebendo o precipício, nele se lançam de olhos abertos. "O' meus irmãos, exclama S. Tiago (2, 14), que adianta se alguém diz ter a fé e não tem as obras? Talvez a fé só o poderá salvar?" Muitos cristãos crêem que há um Deus justo, que os há de julgar; que um céu ou um inferno eterno os espera, e, contudo, vivem como se não houvesse nem um Deus, nem um juízo, nem um céu, nem um inferno. Muitos crêem que o divino Salvador nasceu por seu amor em um estábulo, que viveu 30 anos em uma pobre casinha, adquirindo o sustento com o trabalho de suas mãos; e que, finalmente, morreu em uma cruz, consumido de dores, e, apesar de tudo isso, não o amam; chegam mesmo a ofendê-lo com inúmeros pecados. A estes todos S. Bernardo dirige a seguinte recomendação (In Cant. 24, 8): "Mostrai por vossas obras que tendes fé".

O cristão deve mostrar por sua vida virtuosa que tem fé. Os pecadores que conhecem as verdades da fé, mas não vivem conforme seus preceitos, o muito que têm é uma fé mui fraca, pois se cressem firmemente que a graça de Deus é o sumo bem, e o pecado, que nola rouba, o sumo mal, mudariam necessàriamente de vida. S. Bernardo diz que quem confessa a Deus com a boca e o nega com suas ações, consagra sua língua a Jesus Cristo e entrega a sua alma ao demônio. Segundo S. Tiago (2, 17), a fé que não se externa em obras é uma fé morta. Quando em um homem não se nota mais nenhuma ação vital: não se move mais, não fala mais, não respira, nesse caso não se lhe dá mais o nome de vivo, mas de morto. Da mesma forma deve ser considerada morta a fé que não produz mais obras da vida eterna.

Há muitos cristãos que de boa vontade abraçam os ensinos da fé que ficam na alçada do entendimento, mas não querem de forma alguma aceitar as verdades que se relacionam com a vontade. E, afinal, são estas tão certas como aquelas, já que todas elas nos são propostas pelo mesmo Evangelho. Assim como cremos no dogma da SS. Trindade, da encarnação do Verbo divino e outros mistérios, devemos também aceitar os princípios estabelecidos por Jesus Cristo para as nossas ações. S. Paulo escreveu a seus discípulos: "Examinai a vós mesmos para conhecerdes se tendes fé" (2 Cor 13, 2). O divino Salvador disse uma vez: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5, 3). Ora, quem não se resigna com sua pobreza e queixa-se das disposições da Providência, não pode pròpriamente ser chamado "fiel", "crente", pois quem crê de coração não procura sua riqueza e felicidade nos miseráveis bens deste mundo, mas exclusivamente na graça de Deus e na vida eterna.

Quando ofereceram a S. Clemente Romano ouro, prata, pedras preciosas para que renegasse a Cristo, deu o santo um grande suspiro e deplorou amargamente o quererem roubar-lhe seu Deus por um preço tão miserável. — O divino Salvador disse igualmente: "Bem-aventurados os pacíficos. Bem-aventurados os que choram. Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça". Isso quer dizer: Bem-aventurados os que perdoam as injúrias. Bem-aventurados os que pacientemente suportam as enfermidades, perdas de bens e

outras adversidades. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por fugirem do pecado ou procurarem a glória de Deus. Ora, quem julga que se desonra perdoando, que só cuida em levar uma vida agradável, não se abnegando em matéria alguma, quem lastima os que renunciam às alegrias terrenas e crucificam sua carne, quem por respeito humano deixa os exercícios de piedade, negligencia os SS. Sacramentos, distraindo-se com a vida de teatros e bailes, — não pode arrogar-se o nome de cristão.

2) E' aqui o lugar de corrigir uma opinião falsa. Muitos pensam que uma vida segundo os preceitos da fé é uma vida triste e privada de toda a alegria. O demônio lhes pinta a nossa santa religião como uma tirania que impõe a seus filhos toda a espécie de penas e fadigas, obrigando-os continuamente à abnegação própria e vedando-lhes toda a espécie de satisfação de seus desejos. Não negamos que a vida conforme a prescrição da fé oferece poucos atrativos aos que querem obedecer ùnicamente a seus apetites sensuais. "Os que são de Cristo, crucificam sua carne com seus vícios e concupiscência", diz o Apóstolo (Gál 5, 24).

A lei de Jesus Cristo exige combatamos nossas inclinações, amemos nossos inimigos, mortifiquemos nosso corpo, suportemos com paciência as adversidades e ponhamos toda a nossa esperança na vida futura. Por isso, porém, não é triste a vida do verdadeiro cristão. A religião de Jesus Cristo convida-nos, por assim dizer, dizendo: "Vinde e uni-vos a mim; conduzir-vos-ei por um caminho que, considerado com os olhos corporais, parece áspero, mas que se tornará delicioso e agradável a todo aquele que tem boa vontade. Buscais alegrias e delícias? Pois bem! Dizei-me antes que alegria preferis, a que apenas libada desaparece, deixando o coração repleto de amargura, ou a que vos pode saciar e satisfazer por toda a eternidade? Buscais honras? Entendido! Mas, que preferis? uma honra vã, que se esvai como a fumaça, ou uma honra verdadeira, que vos glorificará uma vez à vista de todo o mundo? Perguntai aos que levam uma vida conforme às máximas do Evangelho, se a renúncia aos bens deste mundo os entristece! Visitai o santo eremita Paulo, em sua gruta, S. Francisco de Assis no monte Alverne, S. Maria Madalena de Pazzi em seu claustro, e perguntai-lhes se acham falta das alegrias terrenas. A uma voz vos responderão: Não, de forma alguma; só queremos a Deus e nada mais.

Se alguém afirmar que a vida conforme aos preceitos da fé é, apesar de tudo, penosa e contrária à natureza, respondo-lhe: Realmente, ela é contrária à natureza, mas à natureza corrompida; ela é de fato penosa, mas só para os que se abandonam às próprias forças. Quem confia em Deus e a ele recorre, acha fácil e agradável a observância da lei de Jesus: "Provai e vede quão suave é o Senhor", diz o salmista (Sl 33, 9), e o próprio Jesus: "Meu jugo é suave e minha carga leve (Mt 11, 30).

Prouvera a Deus que saboreassem uma vez a doçura de uma vida conforme aos ensinamentos da fé os que recuam diante de suas supostas dificuldades e tristezas: indubitàvelmente mudariam de opinião e tê-la-iam em grande apreço.

§ V. Máximas da fé dignas de frequente ponderação

1) Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma? (Mt 16, 26). — Em todas as tuas obras recorda-te de teus novíssimos, e não pecarás jamais (Ecle 7, 40). — Os sofrimentos da vida presente não têm proporção alguma com a glória futura que se manifestará em nós (Rom 8, 18). — As tribulações tão curtas e tão ligeiras da vida presente produzem em nós um peso eterno de uma sublime e incomparável glória (2 Cor 4, 17). — O reino dos céus padece força, e os que fazem violência são os que o conquistam (Mt 11, 12). — A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus (1 Cor 3, 19). — Quem quiser salvar sua alma, perdê-la-á; mas o que quer perder a sua alma, por amor de mim, salvá-la-á (Mt 16, 25). — Quem quiser vir após mim, abnegue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me (Lc 9, 23). — Os que são de Cristo, crucificaram sua carne com seus vícios e concupiscências (Gál 5, 24). — Quem ama pai e mãe mais do que a mim, não é digno de mim (Mt 10, 37). — Se procurasse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo (Gál 1, 10). — Perdoai, e ser-vos-á perdoado (Lc 4, 57). — Quem perseverar até ao fim, será salvo (Mt 10, 22). — Nenhum que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o reino de Deus (Lc 9, 62).

2) Um momento do tempo é tão precioso como o próprio Deus (S. Bernardino de Sena). — Só és tanto quanto vales aos olhos de Deus (S. Francisco de Assis). — Quem perseverar na oração, será por Deus conduzido ao porto de salvação, apesar de sua miséria própria (S. Teresa). — Quem faz pouco caso da oração, não precisa de um demônio para lançá-lo no inferno; precipitar-se-á nele por si mesmo (S. Teresa). — Nunca se perdeu uma pessoa verdadeiramente obediente (S. Francisco de Sales). — Quem obedece ao confessor, não dará contas a Deus de suas ações (Filipe Néri). — Quem não procura salvar sua alma, é um louco (S. Filipe Néri). — No combate contra a carne, vencem os medrosos, que fogem da ocasião (S. Filipe Néri). — Quem procura bens terrenos, nunca levará uma vida agradável a Deus (S. Filipe Néri). Quem toma sobre si a sua cruz, não a sente; só percebe o seu peso quem, constrangido, a arrasta (S. Teresa). — Quem se propõe a tudo sofrer por amor de Deus, nada mais sofre (S. Teresa). — As adversidades suportadas por Deus são as mais belas pérolas na coroa dos bem-aventurados. Quem confia em Deus, poderá tudo. — Todos os padecimentos tornar-se-ão em consolações para os que amam a Deus. A cruz é o navio que te conduzirá ao porto da salvação. Quem ama os bens deste mundo, torna-se escravo deles; quem os despreza, senhor, porque quem nada deseja, tudo possui. — Quem não deseja senão o que Deus quer, está sempre satisfeito, porque tem sempre o que deseja. — Quem possuir o mundo inteiro sem Deus, nada possui; quem possui a Deus, tudo possui, ainda que nada tenha deste mundo. — O pecado é o único mal verdadeiro. O amor próprio é o maior inimigo que podemos ter. — Todos os bens do mundo não satisfazem o coração do homem; só Deus o preenche. — Só Deus é fiel; o mundo é um traidor, que promete e não cumpre com sua palavra. — Só Deus nos ama em verdade: os homens, quase sem exceção, nos amam por interesse pessoal.

— Para se salvar é necessário que se viva segundo as máximas do Evangelho e não conforme os princípios do mundo. — Quem não conforma sua vontade com a de Jesus Cristo, não se poderá salvar.

Quem pede, alcança tudo. Tudo o que Deus quer é bom. Quem começa a praticar o bem, mas desiste antes da morte, não se salvará.

§ VI. Avisos práticos para o exercício de uma fé viva

Quando vires uma imagem do crucificado, dize: E', pois, verdade, meu Deus, que morrestes por amor de mim. Quando vires uma ovelha levada ao matadouro, recorda-te, com S. Francisco, do inocente Jesus, conduzido da mesma forma à morte.

Quando vires cordas, espinhos, cravos, põe diante dos olhos tudo o que Jesus sofreu durante sua paixão. Quando vires serras, martelos, machados, plainas, considera como Jesus, em sua mocidade, trabalhava como carpinteiro na oficina de Nazaré.

Quando vires uma gruta, manjedoura ou palha, pondera como o Menino Jesus, por amor de ti, nasceu em uma gruta e foi colocado em uma manjedoura, sobre palhas.

Quando atravessares uma região deserta, lembra-te dos desertos que atravessou o Menino Jesus em sua fugida para o Egito.

Quando vires altares, cálices, paramentos sagrados, ou, nos campos, as espigas de trigo e os cachos de uva, reflete no grande amor que nos mostrou Jesus, instituindo o SS. Sacramento do altar.

Quando contemplares o céu estrelado, pensa que uma vez possuirás a Deus, nessas regiões, se o amares aqui na terra.

Quando te alegrares com a vista de jardins recamados de flores, de paisagens magníficas, ou de soberbas praias do mar, pensa que Deus preparou para os que o amam delícias muito maiores.

Quando vires o mar bonançoso ou irado, vê nele a imagem de uma alma que se acha no estado de graça ou desgraça de Deus.

Quando ouvires roncar o trovão e tremeres de pavor, representa-te como os ímpios tremerão uma vez, ao escutarem os trovões da justiça divina.

Quando vires um criminoso tremer diante de um juiz, pensa no terror que se apoderará do pecador, ao aparecer diante de Jesus Cristo.

Quando vires uma daquelas fornalhas em que o bronze mais duro se torna líquido pela veemência do fogo, pondera que por teus pecados merecerias ser queimado eternamente nas chamas do inferno.

Quando encontrares uma árvore seca, representa-te o triste estado de uma alma que vive separada de Deus e que para mais nada serve que para ser consumida pelo fogo do inferno.

Quando vires um soberbo túmulo, dize contigo: Se este homem estiver condenado, que lhe aproveita esse magnífico mausoléu?

Quando vires um relógio, como sempre caminha sem voltar para trás, pensa que tua vida se aproxima cada vez mais do termo.

Quando encontrares um cortejo fúnebre, pondera que um dia também serás assim levado para o túmulo.

Quando te achares em teu quarto, ou te deitares, pensa que Jesus Cristo, talvez nesse mesmo lugar, te há de julgar um dia.

CAPÍTULO SEGUNDO

Da esperança

A esperança é uma virtude sobrenatural, pela qual, firmados nas promessas de Deus, esperamos confiadamente a salvação eterna e todas as graças que necessitamos para consegui-la. Para nos persuadirmos do grande valor desta virtude e nos estimularmos à sua prática, consideremos os motivos, os objetos, as propriedades e os efeitos da esperança.

§ I. Dos objetos da esperança

1) Objeto principal da esperança: a bem-aventurança eterna ou a posse de Deus.

O primeiro e principal objeto de nossa esperança é a posse de Deus no céu. Não devemos crer que a esperança de possuir Deus no céu seja contrária ao amor de Deus; mui pelo contrário, a esperança da bem-aventurança eterna é inseparável do amor, visto que este só no céu encontra sua satisfação e perfeição. Segundo S. Tomás, a comunicação de bens está contida na definição da amizade, pois já esta nada mais é que afeição mútua; é preciso que os amigos façam tanto bem um ao outro quanto lhes for possível para existir verdadeira amizade entre eles, pois ela não pode existir sem essa comunicação de bens (I II. q. 65, a. 5). Por isso Cristo declarou a seus discípulos que os denominaria amigos, porque lhes revelara todos os segredos: "Eu vos chamei amigos, porque vos dei a conhecer tudo que ouvi de meu Pai" (Jo 15, 15).

Segundo a doutrina de S. Tomás, pois, o amor não exclui a esperança da recompensa que Deus nos preparou no céu, porque ela é o objeto principal de nossa esperança; essa recompensa nada mais é que o próprio Deus, cuja visão constitui a felicidade dos bem-aventurados. A amizade, diz o Doutor Angélico (In III Sent. d. 29, q. 1, a. 4), exige que o amigo esteja na posse de seu amigo. Esta é aquela comunicação mútua ou entrega, da qual fala a esposa dos cânticos: "Meu Amado é meu e eu sou dele" (Cânt 2, 16). No céu a alma se dá inteiramente a Deus e Deus se entrega inteiramente à alma; porém, segundo a medida da capacidade e dos méritos de cada alma.

O amor tende naturalmente à união com o objeto amado, diz o Areopagita, ou antes, conforme S. Agostinho, o amor é uma cadeia de ouro que une os corações da pessoa que ama e da pessoa amada. E como esta união não se pode efetuar de longe, quem ama deseja sempre a presença da pessoa amada. A esposa sagrada, vendo-se separada de seu divino esposo, enlanguescia de amor e pedia a suas companheiras que o informassem de sua pena, para movê-lo a con-

solá-la com sua presença: "Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, se encontrardes o meu Amado, dizei-lhe que desfaleço de amor" (Cânt 5, 8). Uma alma que ama ardentemente a Jesus Cristo não poderá viver na terra sem um ardente desejo de se unir brevemente a ele, no céu, onde será ele mesmo sua recompensa imensamente grande.

Enquanto nossa alma não estiver unida perfeitamente a Deus no céu, não encontrará inteiro repouso. E' verdade que os que amam a Cristo encontram sua paz na conformidade com a sua santíssima vontade, mas não inteira tranquilidade, que não é possível nesta vida, mas só na outra, na posse de nosso fim último, isto é, na visão de Deus face a face e no seu amor consumado. Enquanto a alma estiver separada deste seu fim último, estará inquieta e repetirá sem cessar, em soluços: "Eis que na paz encontro uma grande amargura" (Is 38, 17). Meu Deus, vivo em paz neste vale de lágrimas, porque esta é a vossa vontade; mas não posso deixar de sentir uma inexplicável amargura pensando que ainda não estou perfeitamente unido a vós, que sois meu centro, meu repouso, meu tudo.

Assim suspiravam os santos incessantemente pela pátria celeste, porque estavam abrasados no amor de Deus. David se queixava da duração de seu exílio: "Ai de mim, que o meu exílio se prolonga tanto" (Sl 119, 5). Só o consolava a esperança da eterna felicidade: "Serei, porém, saciado, quando tua glória se me tornar visível" (Sl 16, 15). S. Paulo desejava ansiosamente deixar o mundo e unir-se a Cristo. "Desejo ser dissolvido e estar com Cristo" (Filip 1, 23). S. Francisco de Assis dizia: O bem que espero é tão grande, que toda a pena para conseguí-lo transforma-se em um prazer.

Todas essas exclamações são outros tantos atos de amor perfeito. S. Tomás ensina que o grau mais sublime da caridade que pode ser atingido por uma alma neste mundo é o desejar ardentemente o céu, para aí unir-se intimamente com Deus, possuí-lo e gozar sua presença para todo o sempre.

A maior pena que as almas sofrem no purgatório provém do desejo que sentem de possuir a Deus. Esta pena aflige particularmente as almas que, nesta vida, tiveram pequeno desejo do céu. O Cardeal Belarmino pensa mesmo que existe um lugar especial no purgatório (ao qual dá o nome de prisão honrosa), no qual as almas não são sujeitas a pena alguma dos sentidos, mas únicamente à privação da vista de Deus. S. Gregório, S. Vicente Ferrer, S. Brígida, S. Beda, o venerável, apresentam diversos exemplos de penas impostas, não em razão dos pecados cometidos, mas por causa de pouco desejo do céu.

Muitas almas aspiram à perfeição, sem, contudo, desejarem sériamente deixar a terra para poderem se unir mais depressa a Deus. Ora, sendo a vida eterna um bem infinitamente precioso, adquirido à custa da morte do Salvador, todas essas almas devem ser punidas pelo fraco desejo que tiveram do céu durante a vida presente.

2) Ainda outros objetos da esperança: as graças necessárias à salvação.

De três coisas precisamos, de modo particular, para alcançarmos a salvação: do perdão dos nossos pecados, da vitória nas tentações,

da graça de uma boa morte, que é a coroa de todas as outras graças. Estas três coisas constituem o objeto remoto da esperança.

A. *O perdão de nossos pecados.* — Pecaste, alma cristã, e certamente desejas o perdão. Pois bem, não temas, diz S. João Crisóstomo (In Act. hom. 36), pois maior é o desejo de Deus de te conceder perdão do que o teu de o alcançares. Vendo Deus que um infeliz vive no pecado, espera ocasião de poder socorrê-lo (Is 30, 18). Algumas vezes mostra-lhe os castigos que merece para que entre em si: "Destes aos que vos temem um sinal para que fujam da face do arco e assim fiquem livres os que vós amais" (Sl 59, 6); outras vezes bate à porta do coração do pecador, esperando que lha abra: "Eis que estou à porta e bato" (Apoc 3, 2); ora corre atrás dele e o chama como um pai misericordioso: "Por que queres te perder? Por que queres morrer, casa de Israel?" (Ez 18, 31); ora chega até a pedir-nos que não nos percamos, segundo afirma Dionísio Areopagita. E isto é confirmado pelo Apóstolo, quando pede aos pecadores, em nome de Jesus Cristo, que se reconciliem com Deus: "Conjuramo-vos por Cristo: reconciliai-vos com Deus" (2 Cor 5, 20). Ao que nota S. João Crisóstomo: "Cristo em pessoa vos pede, e como soa a sua súplica? Reconciliai-vos com Deus" (In 2 Cor hom. 11).

Se, apesar disto, existem corações endurecidos, que não se deixam mover, poderá ainda o Senhor fazer mais por eles? Certamente não. Contudo, estes mesmos não serão repelidos se se voltarem para ele: "Todo o que vier a mim, eu não o lançarei fora" (Jo 6, 37). Declara-se pronto a receber todo aquele que tornar a ele: "Convertei-vos a mim, diz o Senhor dos exércitos, e eu me converterei a vós" (Zac 1, 3). Promete perdoar a todo o pecador que desejar converter-se: "Se o pecador fizer penitência por todos os pecados que cometeu, e se observar todos os meus mandamentos... deverá viver, sim, viver e não morrer; não mais me recordarei de todas as iniquidades que ele operou" (Ez 18, 21). Ele vai tão longe, que chega a dizer: "Vinde e acusai-me: se vossos pecados forem como o escarlate, tornar-se-ão brancos como a neve" (Is 1, 18). O salmista diz: "Ó Deus, vós não desprezais um coração contrito e humilhado" (Sl 50, 19). O evangelista nos descreve a grande alegria com que o Senhor abraça a ovelha perdida e o amor com que recebe o filho pródigo, que se lança a seus pés. "Maior júbilo, porém, haverá no céu por um pecador que fizer penitência, do que sobre noventa e nove justos, que não precisam dela", diz o Senhor em pessoa (Lc 15, 7). O motivo, segundo S. Gregório, é que regularmente os pecadores arrependidos amam a Deus mais ardentemente que os justos, que mui fàcilmente tornam-se tíbios no seu serviço.

Sem dúvida alguma devemos dar rigorosas contas a Deus de todos os nossos pecados. Mas quem será o nosso juiz? Consolemo-nos: "O Pai entregou ao Filho todo o poder de julgar" (Jo 5, 22). Será o próprio Salvador que nos há de julgar. Por isso S. Paulo nos anima, dizendo: "Quem nos há de condenar? Jesus Cristo que morreu... e que interceda por nós" (Rom 8, 34). O divino Redentor nos há de julgar, ele que, para não se ver obrigado a condenar-nos à morte eterna, entregou-se a si mesmo à morte, e, ainda não contente com

isso, quis ser nosso intercessor permanente junto a seu Pai. "Que tens, pois, a temer, ó pecador, pergunta S. Tomás de Vilanova, se te arrependeres de teus pecados? Como te poderá condenar aquele que, para te não condenar, condenou-se a si mesmo à morte?" S. João Crisóstomo diz que cada uma das chagas de Jesus é uma boca que fala sempre pedindo a Deus o perdão de nossas culpas.

Lê-se nas revelações de S. Maria Madalena de Pazzi que Nosso Senhor lhe dirigiu um dia estas palavras: "Minha justiça transformou-se em clemência, pela vingança que tomou na carne inocente de meu Filho. Seu sangue não clama por vingança, como o de Abel, só pede misericórdia, e minha justiça não pode resistir à sua voz. O sangue de meu Jesus me liga as mãos, de forma que não posso levantá-las para castigar os pecadores, como fazia antes".

Os Santos Padres ensinam que quem detestar o mal que praticou, pode ficar certo do perdão de seus pecados. Ora, conforme as palavras de S. Teresa, pode-se afirmar de cada um, que está pronto a antes morrer do que ofender novamente o Senhor, que ele detesta sinceramente os seus pecados. Se, portanto, estiveres animada de tais sentimentos, alma cristã, por que te deixas ainda atormentar pelo temor e desconfiança? Reanima-te à vista de tantos santos que, tendo sido por algum tempo inimigos de Deus, a ele se voltaram mais tarde, arrependidos e certos de mais detestarem uma nova ofensa de Deus que a própria morte, e cheios de confiança esperavam o perdão de seus pecados. S. Afra, de Augsburgo, sendo ainda pagã, era tão imoral, que fez de sua casa um prostíbulo, onde tinha a seu serviço três criadas para seduzir os rapazes. Mais tarde, converteu-se com toda a sua família. Vê-se, dos Atos dos Mártires de Ruinart, que tinha sempre diante dos olhos a hediondez de seus crimes, dos quais sentia uma dor imensa. Logo depois de abraçar o cristianismo, cuidou em distribuir aos pobres tudo o que ganhara. Quando os cristãos recusavam aceitar esse dinheiro pecaminoso, adquirido à custa de ofensas a Deus, com lágrimas nos olhos suplicava-lhes que não o desdenhassem e a recomendassem a Deus, para que ele se dignasse perdoar-lhe os pecados. Reinava então a perseguição de Diocleciano. A santa foi presa e conduzida ao juiz, de nome Caio, que assim lhe falou: Sacrifica aos deuses, porque isso é melhor que morrer entre tormentos. A santa respondeu: Nada mais quero saber de pecado; infelizmente já cometi muitos antes de conhecer o verdadeiro Deus e por isso não posso de forma alguma fazer o que dizes e ofender novamente a meu Deus. O juiz de novo lhe disse que fosse ao templo sacrificar. Ao que ela respondeu: Meu templo é Jesus Cristo, que me está presente, ao qual confesso cotidianamente os meus pecados. E já que não posso oferecer-lhe um outro sacrifício, desejo ardentemente sacrificar-me a mim mesma em sua honra, para que este corpo, com o qual tantas vezes o ofendi, seja purificado pelo martírio que com toda a alegria sofrerei. Mas nada tens a esperar do Deus dos cristãos, respondeu-lhe Caio, já que levaste uma vida tão torpe: sacrifica, por conseguinte, aos deuses. A santa respondeu: Meu Salvador Jesus Cristo declarou que desceu do céu para salvar os pecadores. Lemos no Evangelho que uma pecadora, depois de lavar com suas lágrimas os pés de Jesus, alcançou o per-

dão de todos os seus pecados. Nunca o Salvador repeliu os pecadores búblicos, antes com eles convivia e comia. Vendo baldados todos os seus esforços, disse-lhe Caio: Se não sacrificares, mandarei martirizar-te e queimar viva. A santa respondeu corajosamente: De boa vontade submeto a qualquer espécie de martírio este corpo, que foi o instrumento de tantos pecados; nunca, porém, hei de manchar minha alma sacrificando ao demônio. Condenou-a então o juiz à morte. Afra, elevando ao céu os olhos, fez a seguinte oração: Meu Senhor Jesus Cristo, que não viestes chamar os justos mas os pecadores à penitência e que nos asseverastes que ao pecador perdoais todas as suas iniquidades se ele se voltar a vós, recebei também a mim, pobre pecadora, que, por vosso amor, me sujeito a estes tormentos, e fazei que este fogo que vai consumir meu corpo, preserve minha alma do fogo do inferno. Terminada esta oração, ao se cruzarem as chamas sobre sua cabeça, ainda rezou: Agradeço-vos, Senhor, por vos haverdes, tão inocente, sacrificado pelos pecadores; a vós, ó amado do Pai, que quisestes morrer por nós, miseráveis, carregados de pecados e maldições, agradeço e sacrifico-me a mim mesma, por vós, que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém. Com estas palavras terminou sua oração e sua vida.

B. *A vitória sobre nossas tentações.* — Para perseverarmos no bem, não devemos colocar nossa confiança nas nossas resoluções. Se contarmos com nossas próprias forças, estaremos perdidos. Para nos conservarmos na graça, devemos pôr nossa confiança nos merecimentos de Jesus Cristo; com sua assistência perseveraremos até à morte, ainda que combatidos por todos os poderes terrestres e infernais.

Sem dúvida alguma seremos assaltados algumas vezes por tantas e tão fortes tentações que nossa queda nos parecerá inevitável; guardemo-nos, porém, de perder então a coragem e de nos entregar ao desespero; recorramos com toda a pressa a Jesus Crucificado, que ele impedirá a nossa queda. O Senhor permite que até aos santos sobrevenham tais tempestades, como a S. Paulo, que afirma de si: "Nós fomos excessivamente oprimidos acima de nossas forças a ponto de nos aborrecermos da própria vida" (2 Cor 1, 8). O Apóstolo aqui mostra o que ele podia por própria força e com isso nos quer ensinar que "Deus, de vez em quando, nos deixa ver a nossa fraqueza, para que, melhor inteirados de nossa miséria, não confiemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos" (2 Cor 1, 9) e humildemente peçamos o seu auxílio para não sucumbirmos. Ainda mais claramente disso fala o Apóstolo em outro lugar, dizendo: "Em tudo sofremos tribulações, porém não desanimamos; somos embaraçados, porém não desesperamos" (2 Cor 4, 8). Sentimo-nos oprimidos pela tristeza e afligidos pelas paixões, contudo não desesperamos; somos lançados num mar tempestuoso e não vamos ao fundo, porque o Senhor nos concede com sua graça a força de resistir a todos os nossos inimigos. Mas ao mesmo tempo o Apóstolo nos exorta a que não nos esqueçamos que somos homens fracos e frágeis, que mui fàcilmente podemos perder de novo o tesouro da graça divina, que só poderemos conservar pela virtude divina e não pela própria força. "Nós,

porém, possuímos esse tesouro em vaso de barro, para que a sublimidade seja da virtude de Deus e não de nós" (2 Cor 4, 7).

Ainda que, conforme o sobredito, não possamos achar em nós a força necessária para evitar o pecado, mas exclusivamente na graça de Deus, devemos empregar todo o cuidado em nos tornarmos, por culpa própria, ainda mais fracos do que já somos. Certas faltas, de que não fazemos conta, podem ser a causa de Deus nos negar a luz sobrenatural, tornando-se assim o demônio mais forte contra nós.

Tais faltas são: o desejo de passar por sábio ou nobre aos olhos do mundo; a vaidade no vestir, a busca de comodidades supérfluas, o costume de se dar por ofendido com qualquer palavra picante ou com uma simples falta de atenção, o desejo de agradar a todo o mundo à custa do bem espiritual, a negligência das práticas de piedade por respeito humano, as pequenas desobediências, pequenas aversões contra alguém, pequenas murmurações, pequenas mentiras ou caçoadas, o tempo perdido em conversas ou curiosidades inúteis, em uma palavra, todo o apego às coisas criadas, toda a satisfação do amor próprio podem oferecer ao nosso inimigo ocasião para nos precipitar no abismo; estas faltas, cometidas com deliberação, nos roubarão, pelo menos, os socorros abundantes do Senhor, que nos preservam, sem dúvida alguma, da queda no pecado.

C. *A graça de uma boa morte.* — Grandes são as tribulações que nos esperam na nossa última hora; só Jesus Cristo nos pode conceder a graça de suportá-las com paciência e proveito espiritual. Ao aproximar-se a morte devemos temer mais que nunca os assaltos do inferno; ele se esforçará tanto mais para nos perder quanto mais perto nos vir de nosso último fim. S. Elzeário, que tinha levado uma vida extraordinàriamente pura, sendo em sua última hora tentado fortemente pelo demônio, dizia aos circunstantes: Os esforços do inferno são neste momento mui grandes, mas Jesus Cristo lhes tira toda a força pelos merecimentos de sua paixão. Por isso, na hora de sua morte, S. Francisco pediu que se lesse a história da paixão de Jesus, e S. Carlos Borromeu mandou que colocassem sobre sua cama várias imagens representando o Salvador em sua paixão, e, enquanto as contemplava, entregou sua alma ao Criador.

S. Paulo diz que Cristo quis padecer a morte "para que, por meio de sua morte, destruísse aquele que possuía o império da morte, a saber, o demônio, e libertasse os que, pelo temor da morte, estavam debaixo da escravidão" (Heb 2, 14). Por isso teve de se tornar em tudo semelhante a seus irmãos, continua o Apóstolo, para que se tornasse misericordioso para conosco. "O Senhor quis tomar sobre si a natureza humana, exceto a ignorância, a concupiscência e o pecado, para experimentar em si mesmo a nossa miséria e ter assim compaixão de nós; pois muito melhor se aprende a conhecer a miséria alheia sofrendo-a pessoalmente que considerando-a nos outros. O divino Salvador devia assim se tornar mais disposto a nos socorrer em todas as tentações que temos de suportar durante a vida e mais na hora de nossa morte.

Se o demônio, pois, nos inquietar em ambas essas ocasiões, pondo diante de nossos olhos os pecados de nossa mocidade, devemos

dizer-lhe com S. Bernardo (In Cant s. 61): "O que me falta para poder entrar no céu eu mo aproprio dos méritos de Jesus Cristo, que quis precisamente sofrer e morrer por mim, para me procurar a glória eterna, que eu não merecia".

§ II. Dos motivos da nossa esperança

Primeiro motivo: as promessas de Deus. A Sagrada Escritura oferece a cada página, por assim dizer, os mais poderosos motivos para uma confiança inabalável em Deus. Aí vemos que Deus promete a cada um, que a pede e espera, a salvação eterna, assim como todos os auxílios necessários. "Todas as coisas que pedirdes, orando, crede que as recebereis e elas vos serão concedidas" (Mc 11, 24). "Todo aquele que pede, recebe" (Mt 7, 8). "O Senhor é o protetor de todos aqueles que esperam nele" (Sl 17, 31). "Olhai para todas as nações e sabei que nenhum dos que esperam foi jamais confundido" (Ecli 2, 11). "Aqueles que confiam em vós não são confundidos" (Sl 24, 3). "Em vós, Senhor, esperei, não serei confundido eternamente" (Sl 70, 1). "Porque esperou em mim, eu o livrarei... e glorificarei" (Sl 90, 14). "Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, ele vo-la dará" (Jo 16, 23). Estas, como inúmeras outras promessas, são dirigidas a todos os homens, sem exceção. E como a Escritura o atesta, passarão o céu e a terra, mas não as promessas e palavras de Deus. "Retenhamos indeclinàvelmente a confissão de nossa esperança, pois fiel é aquele que nos prometeu" (Heb 10, 23).

Segundo motivo: a vontade de Deus de salvar todos os homens. — Deus ama todas as suas criaturas. "Vós amais tudo o que existe e não odiais nada do que criastes" (Sab 11, 23). Ora, segundo S. Agostinho (In Ps. 121), todo o amor possui sua virtude e não pode ficar inativo, donde se segue que o amor contém em si mesmo necessàriamente a benevolência e que uma pessoa que ama não pode deixar de fazer bem à pessoa amada, quando isso está em seu poder. "O amor se esforça em executar o que considera bem para a pessoa amada", diz Aristóteles (Rhet. 1. 2, c. 5). Se Deus, pois, ama a todos os homens, deve também querer que todos consigam a bem-aventurança eterna, que é o único e sumo bem do homem, já que ele é o único destino e fim para que fomos criados. "Agora... tendes por vosso fruto a santificação e por fim a vida eterna" (Rom 6, 22).

Calvino proferiu uma blasfêmia execranda, ao afirmar que Deus criou alguns homens expressamente para precipitá-los no inferno; chegou mesmo a dizer que o próprio Deus obriga tais homens a pecar, para poder condená-los. Deus quer indubitàvelmente que "todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tim 2, 4). Ele declara que deseja a conversão e salvação dos mesmos ímpios que, certamente, mereceriam a morte eterna. "Vivo eu, diz o Senhor, que não desejo a morte do ímpio, mas que se converta de sua vida e viva" (Ez 33, 11). Tertuliano faz observar que Deus, com as palavras vivo eu faz um juramento, para que creiamos nele sem hesitação. Por isso o sábio Petávio se admira que ainda se

possa duvidar dessa verdade (De Deo, l. 10, c. 15). Se é lícito, diz ele, interpretar em outro sentido um texto tão claro da Sagrada Escritura, que é confirmado por um juramento do próprio Deus, que haverá então na mesma Escritura, em matéria de fé, que não possa sofrer uma outra explicação? Mas por que deseja Nosso Senhor tanto que os homens se salvem? Porque os criou por amor e por um amor que lhes dedica desde toda a eternidade. "Eu te amei com um amor eterno, e por isso, compadecido de ti, te atraía a mim" (Jer 33, 3).

Na epístola de S. Pedro lemos que o Senhor, conhecendo a fraqueza do homem, tem paciência com os pecadores e não quer que eles se percam, mas que façam penitência por seus pecados e se salvem: "O Senhor procede com paciência por causa de vós, não querendo que alguns se percam, mas sim que todos façam penitência" (2 Ped 3, 9). Numa palavra: Deus quer salvar a todos e se há infelizes que, por seus pecados, o obrigam a lançá-los no inferno, dirige-lhes esta queixa paternal, chorando de compaixão: "Por que quereis morrer, ó casa de Israel... Convertei-vos e vivei" (Ez 18, 32). Por que quereis perder-vos, meus filhos, e lançar-vos no suplício eterno? Se fostes tão infelizes por me abandonardes antes, voltai-vos agora contritos a mim, que vos darei novamente a vida que perdestes.

Dize-me agora, alma cristã, se é ou não verdade que Deus deseja a tua salvação. Nunca, pois, deves deixar escapar de teus lábios palavras como estas: Quem sabe se Deus quer que eu me salve? Quem sabe se é sua vontade condenar-me por causa das ofensas que lhe tenho feito? Deves sempre refletir tais pensamentos, pois é certo que Deus te assiste com sua graça e te convida encarecidamente a seu amor.

Terceiro motivo: Os merecimentos de Jesus Cristo. — Já antes de aparecer neste mundo o divino Redentor, nele colocava David toda a sua esperança: "Em vossas mãos encomendo o meu espírito, vós me remistes, Senhor, Deus da verdade" (Sl 30, 6). Com quanto maior razão devemos pôr nossa confiança em Jesus Cristo, depois de ter ele vindo e consumado a obra da nossa redenção. Cheio de confiança, cada um de nós deverá dizer, e não cessar de repetir com o Rei-profeta: Senhor, em vossas mãos entrego o meu espírito: vós me remistes, Senhor, Deus da verdade.

Se temos justos motivos de temer a morte eterna por causa de nossos pecados, achamos razões ainda mais poderosas para esperar a vida eterna nos merecimentos de Jesus Cristo, que tem maior virtude para nos salvar que nossos pecados para nos perder. Pelo pecado merecemos a morte eterna, mas o Salvador veio em nosso auxílio, diz o profeta Isaías (Is 53, 4), e tomou sobre si todas as nossas culpas, para satisfazer por elas por meio de sua paixão. "Em verdade, ele sofreu as nossas enfermidades e se sobrecarregou com nossas dores".

No momento infeliz em que pecamos, escreveu Deus a sentença de morte eterna contra nós. Que fez, porém, Jesus Cristo? Tomou esse decreto de condenação, diz o Apóstolo, apagou-o com seu sangue, pregando-o na cruz, para que nunca o pudéssemos contemplar, sem, ao mesmo tempo, vermos a cruz em que o destruiu, a fim de recuperar-

mos, por essa maneira, a esperança do perdão e de nossa eterna salvação: "Destruindo o quirógrafo do decreto que nos era adverso, o pôs de lado, afixando-o na cruz" (Col 2, 14). "Aproximemo-nos, pois, com confiança do trono da graça, para alcançarmos misericórdia e obtermos graça" (Heb 4, 16). O trono da graça é a cruz, sobre a qual Jesus se assenta como sobre um trono, para conceder a todos que recorrem a ele graça e comiseração. Devemos recorrer a ele, agora que podemos achar os auxílios necessários para a salvação, porque, do contrário, chegaremos tarde e suplicaremos em vão. Corramos, portanto, à cruz de Jesus e abracemo-la com grande confiança; não nos aterrorizemos com a nossa miséria, pois em Cristo encontraremos todas as riquezas e graças. "Eu agradeço sempre a Deus por vós, diz o Apóstolo, porque em todas as coisas fostes enriquecidos nele... de sorte que nada vos falta em graça alguma" (1 Cor 1, 4). Os merecimentos de Jesus nos abriram os tesouros de Deus, conquistando-nos um direito sobre todas as graças que podemos desejar.

S. Leão nota que as vantagens que Jesus Cristo nos alcançou por sua morte são muito maiores que os prejuízos que o demônio nos causou pelo pecado. S. Paulo ensina igualmente que o dom que nos foi feito por meio da redenção é muito maior que a perda que sofremos pelo pecado. "Não acontece, porém, com o dom o mesmo que com o delito... onde abundou o delito, superabundou a graça" (Rom 5, 15). Por isso o Salvador nos exorta a esperarmos todas as graças por seus merecimentos: ele nos ensina o modo pelo qual poderemos obter tudo de seu Eterno Pai: "Em verdade, em verdade vos digo, se pedires a meu Pai alguma coisa em meu nome, ele vo-la dará" (Jo 16, 23). "Aquele que até a seu próprio Filho não poupou, mas entregou-o por todos nós, como não nos deu também com ele todas as graças?" (Rom 8, 32). O Apóstolo afirma que Deus nos deu tudo, dando-nos seu Filho, sem excetuar uma só graça: nem o perdão de nossos pecados, nem a perseverança final, nem o amor divino, nem a perfeição e o próprio céu. E' só pedir as suas graças. "Deus é rico para todos que o invocam" (Rom 10, 12).

Não nos esqueçamos, diz o venerável João d'Ávila, que entre o Padre Eterno e nós existe um mediador, Jesus Cristo, ao qual estamos unidos por laços de amor tão fortes que nada nos pode separar dele, a não ser que nós mesmos rompamos essa cadeia com um pecado mortal. O sangue de Jesus clama e pede misericórdia para nós: ele clama tão forte que o grito de nossos pecados não é ouvido.

Ninguém, pois, se perde por falta de satisfação, mas porque deixa de aproveitar da reparação feita por Jesus Cristo pela recepção dos santos sacramentos. Jesus se encarregou de remediar os nossos males, como se fossem seus próprios. Ele, que era inocente, tomou sobre si os nossos pecados e pediu perdão por eles e isso fez com tanta instância como se rogasse por si mesmo. Alcançou o que desejava. Deus quis que ficássemos tão intimamente unidos a Jesus, que não pudesse ser amado sem o sermos também, nem odiados sem que ele o seja igualmente. Ora, Jesus não pode ser odiado. Logo, nós também seremos amados enquanto estivermos unidos a Jesus pelo amor. Jesus nos pode merecer muito mais eficazmente o amor de seu Pai que

os nossos pecados a ira de Deus, já que Deus Nosso Senhor muito mais ama a seu Filho do que odeia o pecador. Jesus disse a seu Pai: "Pai, desejo que aqueles que me destes estejam comigo onde eu estiver" (Jo 17, 24).

Visto que o amor é mais forte que o ódio, ele ganhou a vitória, e nós fomos perdoados e agraciados com o amor de Deus e uma união tão forte de amor nos dá a certeza de que Deus nunca nos abandonará. "Poderá talvez esquecer-se uma mulher de seu filho?... e se ela o esquecesse, eu não me esquecerei jamais de ti", diz o Senhor no profeta Isaías (Is 49, 15). "Eis que te trago escrito em minhas mãos". O Senhor nos escreveu em suas mãos com seu próprio sangue. Nada, pois, nos poderá inquietar, já que é com essas mãos que ele ordena e dirige tudo, com essas mãos que foram pregadas no madeiro da cruz em testemunho de seu amor para conosco.

Quarto motivo: a intercessão de nossa Mãe Maria SS. — S. Bernardo diz que, como há um só acesso ao Pai, que é por seu divino Filho, o mediador de justiça, assim há um só ingresso para chegar ao Filho, que é sua Mãe SS., a mediadora da graça, que, por sua intercessão, nos obtém as graças que Jesus Cristo nos mereceu. "Por meio de vós, que achastes a graça, ó Mãe da salvação, podemos encontrar acesso junto ao Filho, para que nos acolha Aquele que, por intermédio vosso, nos foi dado" (In adv. Dom., s. 2). Assim, todos os bens que recebemos de Deus nos vêm por intercessão de Maria. E por que isso? S. Bernardo responde: Porque essa é a vontade de Deus. S. Agostinho (De s. virg., c. 6) nos indica a razão especial desse privilégio de Maria, dizendo que ela pode ser chamada, com todo o direito, nossa mãe, visto ter cooperado por seu amor para nos dar a vida da graça e fazer-nos membros de Jesus Cristo, nosso chefe. Como Maria cooperou para o renascimento espiritual dos fiéis por meio de seu amor, é vontade de Deus que ela, por meio de sua intercessão, concorra para que eles consigam a vida da graça neste mundo e a vida da glória no outro. E' esta a razão por que a Igreja quer que a saudemos precisamente como nossa vida, nossa doçura, nossa esperança.

Seguindo este princípio, S. Bernardo nos admoesta a recorrermos sempre a esta divina Mãe, visto que suas súplicas serão sempre atendidas. "Dirigi-vos a Maria, são palavras suas (Serm. de aquaed.), eu o digo sem temor: o Filho atenderá sem dúvida alguma a sua mãe. O' meus filhos, ela é a escada da salvação para os pecadores, ela é a minha maior esperança; ela é o fundamento de toda a minha confiança". Ele a chama escada dos pecadores, porque assim como numa escada não se atinge o terceiro degrau sem tocar no segundo e este sem servir-se do primeiro, também só se chega a Deus por meio de Jesus Cristo e a Jesus Cristo por meio de Maria. Além disso, o Santo a chama sua única esperança e o fundamento de sua confiança, porque, segundo sua convicção, quer Deus que passem pelas mãos de Maria todas as graças que pretende conceder-nos.

Tende, pois, sempre confiança, ó filhos de Maria, sabeis que ela recebe por filhos todos aqueles que o desejam ser. Ânimo, portanto, e confiança; pois, como podeis temer perder-vos se uma tal Mãe vos defende e protege? Quem ama a esta boa Mãe e se coloca sob sua

proteção, deve exclamar com S. Boaventura: "Eu me rejubilo e alegro, pois minha sentença depende da de Jesus, meu irmão, e de Maria, minha Mãe" (Orat. 51). O mesmo pensamento enchia de alegria e consolação a S. Anselmo: "O' feliz confiança, ó seguro refúgio, a Mãe de meu Deus é também minha Mãe; com quanta segurança posso esperar, por conseguinte, minha salvação, já que ela depende da decisão de um bom irmão e de uma Mãe misericordiosa".

§ III. Das propriedades de nossa esperança

1) *Nossa esperança deve ser firme e certa.* — A esperança da eterna bem-aventurança é, segundo S. Tomás (II. II. q. 18, a. 4), a firme expectação da mesma. E' essa também a doutrina do Concílio de Trento, que diz: "Todos devemos esperar confiadamente o socorro de Deus, pois, como com ele começou em nós a boa obra, também a completará, produzindo em nós o querer e o executar, se soubermos aproveitar-nos de sua graça" (Sess. 6, c. 18). Já o Apóstolo disse: "Eu sei em quem eu cri e estou certo que ele é bem poderoso para conservar meu depósito naquele dia" (2 Tim 1, 12). Justamente aí é que está a diferença da esperança cristã da esperança puramente humana. A esta está unido inseparàvelmente o temor de mudança de opinião ou vontade naquele que prometeu alguma coisa. A esperança cristã, pelo contrário, não tem dúvida alguma a respeito de Deus. O Senhor pode e quer inalteràvelmente nos conceder a bem-aventurança eterna e a prometeu a todos que observarem os seus mandamentos, e, para esse fim, promete também a todos que suplicarem as graças necessárias para a observância de seus preceitos. E' verdade que mesmo esta esperança é acompanhada de certo temor; mas, como S. Tomás ensina, nada temos a temer da parte de Deus, mas ùnicamente da nossa parte, desde que podemos deixar de corresponder à graça e pôr-lhe entraves com nossas faltas. Com muita razão, pois, o Concílio de Trento condenou os inovadores, que negavam a liberdade do homem, afirmando que todo o indivíduo deve ter uma certeza infalível quanto à sua perseverança na graça de Deus e de sua eterna salvação. Essa doutrina foi condenada porque, como dissemos, se requer a nossa cooperação para a consecução da bem-aventurança, que é sempre incerta.

O Senhor quer, pois, que, de um lado, tenhamos sempre receio, para não caírmos em presunção, confiando em nossas forças, e, de outro lado, que estejamos sempre certos que Deus nos quer salvar e conceder-nos as graças necessárias para isso, se lhas pedirmos, e, por isso, que nossa confiança na sua bondade seja inabalável. S. Tomás diz que, com toda a certeza, devemos esperar do poder e misericórdia de Deus a bem-aventurança eterna, crendo firmemente que Deus pode e nos quer salvar.

Às vezes acontece que nós, em razão de aridez espiritual, ou por inquietação, em razão de uma falta cometida, perdemos a confiança sensível, que tanto desejamos, na oração. Não devemos, contudo, deixar então de orar, *pois nos atenderá ainda mais depressa*, já que nesse caso oramos com mais desconfiança de nós mesmos e maior confiança na sua bondade e fidelidade. Oh! como agradamos a Deus nas

nossas inquietações, ânsias e tentações, se esperamos nele contra toda a esperança, nele confiando apesar do sentimento de desconfiança, nascido de algum embaraço ou pena interior, a exemplo do santo patriarca Abraão, que o Apóstolo louva por "ter esperado contra toda a esperança" (Rom 4, 18).

2) *Nossa esperança deve apoiar-se ùnicamente em Deus.* — O Senhor proibiu-nos colocar nossa esperança nas criaturas: "Não confies nos príncipes" (Sl 145, 2) e "Maldito o homem que confia no homem" (Jer 17, 5). Deus não quer que ponhamos nossa confiança nas criaturas, porque não quer que as amemos com amor desordenado. S. Vicente de Paulo nos recomenda que não contemos muito com a proteção dos homens, para que o Senhor não se retire de nós, pois, tanto mais nos adiantamos no amor de Deus, quanto mais nele confiamos. "Corri pelo caminho de teus mandamentos logo que libertaste o meu coração pela esperança" (Sl 118, 32).

Mas se só Deus é nossa esperança, como pode a Igreja saudar a Maria como a esperança nossa? A isso responde S. Tomás: De dois modos podemos colocar em alguém a nossa esperança. Quem espera algum favor de um rei, espera dele como do soberano, e de seu ministro ou favorito, como do intercessor. Se este lhe concede o favor impetrado, é evidente que o deve ao rei, que lho outorgou por intermédio de seu ministro. Logo, o suplicante tem razão de chamar o intercessor de sua esperança. Sendo o rei do céu a bondade infinita, deseja nos enriquecer de graças, mas como, para alcançá-las, é preciso uma grande confiança, quis dar-nos, para aumento de nossa esperança, sua própria Mãe por intercessora toda poderosa e, por isso, é desejo seu que nela ponhamos a esperança de nossa salvação e de todos os bens que podemos desejar.

Com razão são amaldiçoados os que colocam na criatura, sem atenção a Deus, suas esperanças, como fazem os pecadores que o ofendem para alcançar as boas graças e a amizade dos homens. Os que, porém, confiam em Maria, como na Mãe de Deus, já que ela tem o poder de lhes obter todas as graças e a vida eterna, são antes abençoados por Nosso Senhor. Estes causam-lhe uma grande alegria, porque ele quer ver honrada aquela sublime criatura que o amou e glorificou aqui na terra mais que todos os anjos e homens juntos. Com toda a razão, pois, damos a Maria o título de esperança nossa, porque esperamos por sua intercessão obter o que não alcançaríamos por nossas orações. "Pedimos a sua intercessão, diz Suárez, para que sua dignidade supra o que nos falta". Pondo em Maria nossa confiança, não desconfiamos de modo algum da misericórdia de Deus, só tememos a nossa própria indignidade. A Igreja tem, por conseguinte, toda a razão de aplicar a Maria as palavras do Eclesiástico (Ecli 24, 24) "Mãe da santa esperança", querendo com isso exprimir que ela desperta a esperança nos bens eternos.

3) *Nossa esperança deve ser operosa.* Para que nossa esperança não seja vã, deve ser operosa, isto é, devemos unir a uma confiança ilimitada em Deus o uso dos meios de salvação e santificação que a divina Providência nos dá; de outro modo, pertenceremos ao número das almas ociosas, que tentam a Deus. Devemos agir de tal modo

como se a consecução de nossa salvação dependesse só de nós. Não obstante isso, devemos pôr toda a nossa confiança em Deus e ficar convencidos que somos totalmente incapazes de praticar o bem por nossas próprias forças. Deus opera tudo por meio de sua graça, mas exige também a nossa cooperação. Se essa cooperação, por menor que seja, faltar de nossa parte, Deus se retirará e nos tratará como servos inúteis, que para nada servem senão para serem lançados às trevas exteriores e consumidos pelo fogo do inferno. "Por isso, irmãos, esforçai-vos de mais a mais em assegurar a vossa vocação e eleição pela prática de boas obras" (2 Ped 1, 10).

Que devemos fazer para isso? Antes de tudo rezar. E por quanto tempo? Até que ouçamos a sentença favorável, diz S. João Crisóstomo, que nos certifique de nossa salvação eterna, isto é, até à morte. E ele ajunta que quem diz: não cessarei de orar até que me veja salvo, salvar-se-á com toda a certeza. "Não sabeis que aqueles que correm no estádio, todos correm, na verdade, mas um só é que obtém o prêmio? Correi, pois, de tal modo que o obtenhais" (1 Cor 9, 24). Para a salvação, portanto, não basta que oremos, é preciso que perseveremos na oração até nos vermos na posse de Deus, que é prometida só aos que perseveraram até ao fim. Se quisermos, pois, ser salvos, devemos imitar a David, que tinha seus olhos continuamente voltados para o Senhor, a fim de implorar seu socorro e não ser vencido por seus inimigos. "Meus olhos estão continuamente voltados para o Senhor, porque ele desvencilhará meus pés do laço" (Sl 24, 15). "O demônio não se cansa de nos armar laços e procurar nos perder". "Vosso inimigo, o demônio, vos circunda como um leão que ruge, procurando a quem devorar" (1 Ped 5, 8). Por isso devemos conservar sempre as armas nas mãos para nos defender contra tal inimigo, dizendo com o rei-profeta: "Perseguirei os meus inimigos e prendê-los-ei e não desistirei até exterminá-los" (Sl 17, 38).

Como, porém, alcançarmos essa vitória tão importante e ao mesmo tempo tão difícil? Unicamente com a oração, diz S. Agostinho, e só com a oração perseverante. Mas por quanto tempo devemos perseverar na oração? Enquanto durar o combate e, como este jamais terminará, nunca deveremos cessar de pedir o socorro de Deus, de que necessitamos para não sucumbir, diz S. Boaventura (Serm. 27 de conf.). "Ai daqueles que perderam a constância nesse combate e deixaram a oração". O Apóstolo nos assegura que só nos salvaremos se conservarmos a confiança e a gloriosa esperança até ao fim, isto é, até à morte.

Com o socorro que a oração nos obtém, devemos procurar cumprir com os preceitos de Deus e nos violentar para não sucumbirmos às tentações do inferno. "O reino dos céus padece força e os violentos o arrebatam" (Mt 11, 12). Violência nos devemos fazer nas tentações, vencendo-nos e mortificando os nossos sentidos para não sermos superados pelo inimigo de nossa alma. Quando nos reconhecermos culpados de alguma falta, diz S. Ambrósio, façamos violência a Deus por meio da oração e de lágrimas para obtermos o perdão. Para nos animar, ajunta o mesmo Santo: "Oh! feliz violência, que Deus não pune com sua cólera, mas que acolhe e recompensa com sua mi-

sericórdia". Quanto maior for essa violência, tanto mais agradável será a Jesus Cristo. Devemos nos violentar, quer para podermos suportar as contrariedades e perseguições, quer para vencer as tentações e maus hábitos; sem violência, porém, não conseguiremos nem um nem outro.

4) *Nossa esperança deve ser animada pela caridade.* A esperança pode existir numa alma que vive em pecado mortal; para que ela seja, porém, meritória e perfeita, é preciso que a caridade a acompanhe, isto é, que seja animada pela caridade, que, além disso, a aumenta também. A caridade nos faz filhos de Deus e compartícipes da natureza divina, como diz claramente S. Pedro (2 Ped 1, 4). Segundo a nossa natureza, somos a obra de suas mãos; segundo a graça, isto é, pelos méritos de Jesus, somos filhos de Deus e participantes de sua natureza divina e "herdeiros de seu reino" (Rom 8, 17), pois é direito dos filhos habitar a casa de seu pai e dele receber a herança. A caridade, pois, aumenta nossa esperança dos bens eternos. E' razão pela qual as almas que amam verdadeiramente a Deus não cessam de pedir: Venha a nós o vosso reino. Deus ama aqueles que o amam (Prov 8, 17) e, por isso, quanto mais amarmos a Deus, tanto mais confiadamente podemos pôr nele nossa esperança.

§ IV. Dos efeitos da esperança

1) *A esperança nos obtém tudo.* — Parece-nos algumas vezes que Deus não quer atender às nossas orações; apesar disso, devemos continuar a orar e esperar sempre e exclamar em tais circunstâncias com o paciente Job (Job 13, 15) "Se chegar a matar-me, ainda assim esperarei nele". Meu Deus, se me expulsásseis de vossa presença, ainda assim não deixaria de vos suplicar e esperar na vossa misericórdia. Se assim procedermos, obteremos do senhor tudo o que desejamos. Foi o que experimentou a cananéia. Essa mulher, que era uma estrangeira, pagã, pediu ao Senhor que se compadecesse dela e livrasse sua filha do poder do demônio: "Compadecei-vos de mim, que minha filha é muito atormentada pelo demônio" (Mt 15, 22). Respondeu-lhe o Senhor que não tinha sido enviado aos pagãos, mas aos judeus. Ela, porém, não perdeu a esperança, mas continuou a pedir, cheia de confiança: Senhor, ajudai-me; vós podeis consolar-me; consolai-me, portanto. Não é justo tomar o pão dos filhos, disse-lhe Jesus, e lançá-lo aos cães. Ao que replicou: Assim é, Senhor; mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus senhores. Comovido por uma confiança tão grande, louva-a o Senhor e concede-lhe a graça desejada, dizendo-lhe: Mulher, grande é a tua fé; faça-se contigo como desejas. Quem jamais o invocou, pergunta o Eclesiástico (Ecli 2, 12), e foi por ele desprezado?

S. Agostinho diz que a oração é uma chavè que abre o céu. No mesmo instante que nossa oração se eleva a Deus, diz ele, nos desce a graça que pedimos (Serm. 17). O profeta-rei nos dá a entender que nossa oração e a misericórdia de Deus são inseparáveis: "Bendito seja Deus, que de mim não retirou minha oração nem sua misericórdia" (Sl 65, 20). Devemos nos convencer, diz S. Agostinho, que o Senhor

nos atenderá logo que nos dermos à oração. Quanto a mim devo confessar a verdade, que nunca me sinto mais consolado e em nenhuma ocasião tinha mais segura esperança de minha salvação que quando rezo e me recomendo a Deus. Julgo que com os outros se dará o mesmo. Todos os outros sinais de nossa salvação são incertos e podem nos enganar; mas que Deus atende todo aquele que ora é uma verdade tão certa como a que Deus não pode deixar de cumprir suas promessas.

2) *A esperança vence tudo.* — Se nos sentimos fracos e incapazes de resistir a uma tentação ou de vencer uma grande dificuldade ou paixão que nos impede no exercício dos mandamentos de Deus, digamos então corajosamente com o Apóstolo: "Tudo posso naquele que me conforta" (Filip 4, 13). S. Teresa tinha uma confiança tão grande em Deus, que tudo que empreendia para a glória de seu divino esposo, lhe saía bem, donde proveio o costume de chamarem-na — Teresa, a todo-poderosa. — As dificuldades só aumentavam a sua coragem. "Sei por experiência que o verdadeiro meio para não cair é abraçar a cruz e confiar naquele que nela se deixou pregar, escreve ela. Só ele é meu verdadeiro amigo e minha confiança nele dá-me tal força, que me julgo capaz de lutar contra o mundo inteiro". Cheia desta confiança no Senhor, não temia nem sequer o inferno, e ela mesma confessou que os demônios não lhe causavam maior inquietação que as moscas.

Não imitemos os que dizem: Eu não posso, não tenho forças para tanto. Com nossas próprias forças, é verdade, nada podemos, mas tudo nos é possível com a assistência de Deus. Se o Senhor dissesse a alguém: Toma essa montanha sobre teus ombros e transporta-a para tal lugar, que eu te ajudarei — não seria loucura e impertinência dizer: Não posso tomá-la sobre mim, porque não tenho força necessária para carregá-la?

Não percamos a coragem, se sentimos nossa miséria e fraqueza e somos atacados por fortes tentações: elevemos então nossas vistas para o céu e digamos com David: "O Senhor é minha ajuda e eu desprezarei os meus inimigos" (Sl 117, 7); com o auxílio de Deus repelirei todos os seus ataques. E se estivermos em perigo de ofender a Deus ou se, num passo importante, não soubermos o que devemos fazer, lancemo-nos nos braços do Senhor, dizendo: "O Senhor é minha luz e minha salvação, a quem temerei?" (Sl 26, 1).

Tendo o Pe. Hipólito Durazzo resolvido deixar sua posição de dignitário da Igreja romana para se dar totalmente a Deus na Companhia de Jesus, o que fez pouco depois, dirigiu a Deus a seguinte súplica, por temer tornar-se infiel por fraqueza humana: Senhor, agora que me entreguei a vós sem restrição, tende a bondade de me não abandonar. Ao que seguiu-se a voz de Deus, ouvida no interior: Com muito maior razão posso pedir-te que tu me não abandones. Então, cheio de confiança na bondade e auxílio do Senhor, exclamou: Pois bem, Senhor, nesse caso vós nunca me abandonareis nem eu a vós.

3) *A esperança conduz à perfeição.* A esperança aumenta a caridade, na qual consiste toda a perfeição. A esperança na bondade

de Deus aumenta, sem dúvida alguma, o amor de Jesus em nossos corações, pois, quando esperamos alcançar de alguém alguma coisa, diz S. Tomás (I. II. q. 40, a. 7), nos sentimos levados ou atraídos para ele e começamos a amá-lo. S. João diz que quem em Deus põe sua esperança, infalivelmente se santifica: "Todo aquele que põe sua confiança nele, faz-se santo como ele, que é santo" (1 Jo 3, 3).

Rápidos progressos faz no caminho da perfeição todo aquele cujo coração se dilata pela confiança em Deus; não só corre, mas voa, porque, posta sua confiança em Nosso Senhor, desaparece sua fraqueza e faz-se forte no Senhor, isto é, participa da virtude de Deus, dessa força que ele comunica a todos que nele esperam: "Os que esperam no Senhor, mudarão de forças; tomarão asas como as águias, correrão e não se fatigarão, andarão e não desfalecerão" (Is 40, 31).

4) *A esperança dulcifica tudo.* — Os santos todos deviam à sua confiança em Deus a paz inalterável que gozavam mesmo no meio das maiores tribulações. Porque amavam a Deus e sabiam como é generoso para com os que o amam, colocavam nele toda a sua confiança, achando nisso a sua paz. Eis a razão por que a esposa dos Cânticos gozava de tanta paz: não amando a ninguém, fora de seu Amado, nele se apoiava por inteiro e sentia-se continuamente feliz, sabendo como ele remunera liberalmente o amor que se lhe dedica. "Quem é esta que sai do deserto cercada de delícias e apoiada em seu Amado?" (Cânt 8, 5).

Se aqui na terra nos sentimos oprimidos pelo peso da cruz e dos sofrimentos, ergamo-nos e reanimemos a nossa esperança, procurando, por meio da esperança no céu, suportar pacientemente todas as tribulações. Tendo o Abade Zósimo perguntado a S. Maria Egipcíaca como pudera passar tantos anos no deserto, respondeu-lhe ela: Por meio da esperança no céu. Ao se oferecer a S. Filipe Néri o chapéu cardinalício, atirou seu barrete ao ar, exclamando: O paraíso! O paraíso! Ao ouvir o nome paraíso, o irmão Egídio, franciscano, sentia-se arrebatado em êxtases. Portanto, quando nos sentirmos abatidos pelas fadigas desta vida, elevemos nossas vistas para o céu e procuremos nossa consolação na esperança dos bens eternos. Pensemos que, se permanecermos fiéis a Deus, todas essas penas, todas essas tribulações e angústias terão um fim e que nos espera aquela pátria na qual gozaremos uma felicidade perfeita enquanto Deus for Deus. Os santos do paraíso já nos esperam, assim como a SS. Virgem e Jesus, que tem nas mãos a coroa que nos destinou desde toda a eternidade no seu reino feliz.

CAPÍTULO TERCEIRO

Do amor de Deus

§ I. Da natureza e importância do amor de Deus

1) A caridade é uma virtude sobrenatural infusa, pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas como ao sumo bem, por causa dele mesmo. A razão pela qual devemos amar a Deus é sua perfeição infinita, que por si só merece todo o nosso amor, mesmo que não houvesse recompensa para os que o amam nem castigo para os que deixam de amá-lo. Quem ama a Deus por achar nele sua felicidade própria, tem um amor interesseiro que não pertence pròpriamente à caridade, mas à esperança. Quem ama a Deus, porém, porque ele merece ser amado por si mesmo, ama-o com amor verdadeiro, amor de amizade. Os companheiros de S. Luís, rei de França, encontraram uma vez uma senhora que levava um facho numa das mãos e noutra um jarro d'água. Interrogada sobre o que significava isso, respondeu: Com este facho desejaria incendiar o céu e com esta água extinguir o fogo do inferno, para que os homens não mais amassem a Deus em razão das recompensas do céu e das penas do inferno, mas exclusivamente porque ele merece ser amado.

Contudo, a caridade perfeita não exclui a esperança do céu. Amamos a Deus porque ele merece ser amado por si mesmo e o amaríamos também mesmo que não houvéssemos de ser, por isso, recompensados; mas como sabemos que ele nos quer dar uma recompensa, e até exige que a esperemos, é nosso dever a ela aspirar com toda a confiança. Desejar o céu para possuir a Deus e amá-lo mais perfeitamente é verdadeira e perfeita caridade, já que a glória eterna é complemento desse amor. Só os santos do céu, esquecidos de si mesmos e livres de todo o amor próprio, amam a Deus com o mais puro amor, e, por isso, se diz deles que estão imersos em Deus.

2) No amor de Deus consiste toda a perfeição, porque a caridade é a virtude que nos une mais intimamente a Deus (Cf. introd.). Todas as outras virtudes não têm valor se não forem acompanhadas da caridade. Esta traz, porém, em sua companhia, todas as outras virtudes, como ensina S. Paulo: "A caridade é paciente e benigna, não é invejosa, não obra levianamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo oculta, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1 Cor 13, 4). "A caridade é o complemento da lei" (Rom 13, 10). Isso levou S. Agostinho a dizer: "Ama e faze o que queres" (In ep. ad Parth.). Quem ama a alguém, evita causar-lhe o menor incômodo, antes faz tudo que o pode satisfazer. Assim também quem ama a Deus tem a maior aversão a tudo que o possa ofender e procura agradar-lhe o mais possível.

§ II. Da obrigação de amar a Deus

1) O primeiro e principal mandamento que o Senhor nos deu exige que o amemos de todo o coração: "Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração" (Dt 6, 5). Já que Deus nos ama ternamente,

deseja que também nós o amemos sinceramente; requer mesmo com instância o nosso amor e quer possuir todo o nosso coração: "Meu filho, dá-me o teu coração" (Prov 23, 26). "Que outra coisa deseja o Senhor teu Deus de ti a não ser que o respeites, trilhes os seus caminhos, o ames e sirvas de todo o teu coração e de toda a tua alma?" (Dt 10, 12).

No Antigo Testamento mandou o Senhor que o fogo em seu altar fosse conservado sem interrupção. Esse altar, diz S. Gregório, simboliza nosso coração, no qual deve arder continuamente o fogo do amor divino, conforme o preceito do Senhor. Por isso, ao preceito de amá-lo de todo o coração, ajunta Deus a exortação: "E as palavras que hoje te dirijo, devem viver em teu coração: deves meditá-las quando estiveres sentado em tua casa e te achares em viagem, ao te deitares e ao levantares; deves trazê-las como um sinal em tuas mãos, devem pairar diante de teus olhos, escrevê-las nas portas e soleiras de tua casa" (Dt 6, 6-9), para sempre te recordares delas e não deixares de orientar por elas as tuas ações. Como recompensa de nosso amor, Deus nos promete entregar-se inteiramente a nós: "Eu sou teu protetor e tua recompensa imensamente grande", disse ele a Abraão (Gn 15, 1). Os príncipes deste mundo recompensam seus vassalos fiéis com terras, honras e privilégios; Deus, porém, dá-se a si mesmo àqueles que o amam. Já seríamos suficientemente recompensados com a só certeza de que Deus ama os que o amam, como tantas vezes atesta na Escritura: "Eu amo os que me amam" (Prov 8, 1). "Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele" (Jo 4, 16). "Quem me ama é amado por meu Pai e eu também o amarei" (Jo 14, 21), e, afinal, Ele chega até ao ponto de se dar todo a nós em recompensa.

2) Se soubéssemos que em uma terra longínqua vive um príncipe belo, santo, sábio, amável e misericordioso, certamente o amaríamos, mesmo que não nos tivesse feito bem algum. Que serão, porém, todas essas excelentes qualidades de um tal príncipe, em comparação com as de Deus? Deus possui toda a perfeição em grau infinito. Haverá talvez um objeto mais nobre, mais magnífico, mais poderoso, mais rico, melhor, mais belo, mais terno, mais grato, mais amável, e mais amoroso, mais digno do amor de nosso coração que nosso Deus? Quem é mais nobre do que Deus? Os grandes deste mundo se ufanam de sua nobreza ascende a 500 ou 1000 anos; a nobreza de Deus, porém, é eterna. Quem é superior a Deus? Ele é o senhor de todas as coisas; os anjos do céu e os grandes da terra são, diante dele, como uma gota de orvalho, como um exíguo pó (Is 40, 15). O mundo recebeu o ser com um simples aceno e com um outro será aniquilado. Quem é mais rico que Deus? Ele possui todos os tesouros do céu e da terra. Quem é mais belo que Deus? Ante a sua magnificência desaparece toda a beleza das criaturas. Quem é mais benfazejo que Deus? S. Agostinho diz que o empenho de Deus em nos fazer benefícios é maior que o nosso desejo de recebê-los. Quem é mais misericordioso que Deus? Mal um pecador se humilha diante dele e se arrepende de seus pecados, já lhe perdoa e o recebe novamente, mesmo que tenha sido o homem mais abominável do mundo. Quem é

mais reconhecido que Deus? Nunca deixa sem recompensa a mínima coisa que fazemos por seu amor. Quem é mais amável que Deus? Só sua vista já causa uma tal alegria aos santos no céu que por toda a eternidade se sentem plenamente felizes, sendo a maior pena dos condenados o não poderem amá-lo, conhecendo a sua amabilidade infinita.

3) Devemos, pois, amar a Deus de todo o coração, porque ele é digno, por si mesmo, de todo o amor. Donde se conclui ainda que Deus, pelo grande amor que nos consagra, merece toda a nossa gratidão. Se pudéssemos reunir em um só coração o amor de todos os anjos, santos e homens juntos, o amor desse coração não se poderia comparar com a mínima parcela do amor que Deus dedica a uma única alma.

S. João Crisóstomo diz que Deus nos ama mais do que nós mesmos nos podemos amar. "Com amor eterno eu te amei" (Jer 31 3), diz Nosso Senhor a cada um de nós. Os que primeiro nos amaram foram nossos pais; eles, porém, começaram a amar-nos só depois de nós existirmos. Deus nos amou já antes de possuirmos o ser; ainda não existiam nossos pais, e já Deus nos amava; amava-nos já antes de existir o mundo e desde quando? Não podemos contar os anos e os séculos, porque nos amou desde toda a eternidade, desde que ele é Deus, desde que ama a si mesmo. Tinha, pois, razão de responder, aos que pretendiam o seu amor, a heróica Inês: Um outro amante já vos precedeu. Não, ó mundo, não, ó criaturas, eu não posso vos amar; já que Deus me amou primeiro, é justo que eu lhe consagre meu coração inteiro!

Deus nos amou desde que ele é Deus. Por puro amor nos tirou do nada, nos escolheu e colocou no mundo, podendo dar a existência a uma infinidade de outras criaturas que não criou. Por nosso amor criou o céu, as estrelas, os montes, os mares, as fontes e todas as outras coisas que admiramos no mundo. Para nosso proveito foram todas essas criaturas tiradas do nada, para que possamos amar a Deus por gratidão. "Céus e terra, exclama S. Agostinho, e todas as coisas que vejo na terra e no céu, me falam e me convidam a amar-te, ó Deus; todas me dizem que as criastes por meu amor". O Abade Rancé, fundador dos Trapistas, ao considerar de sua cela as colinas, as fontes, os pássaros, as estrelas, o céu, e ao pensar que Deus tinha criado tudo isso para lhe patentear o seu amor, sentia seu coração todo inflamado de amor por ele. S. Maria Madalena de Pazzi ficava igualmente toda arrebatada de amor pela só vista de uma bela flor, e dizia: O bom Deus pensou desde toda a eternidade em criar esta flor para conquistar meu amor. S. Teresa costumava dizer, à vista de árvores, fontes, lagos ou prados floridos, que essas belas coisas a acusavam de ingratidão e a repreendiam de seu fraco amor para com seu Criador, que as criara para que ela o amasse.

4) Deus não se contentou, porém, com dar-nos bens que jaziam fora dele: seu amor para conosco não se satisfaz antes de se dar a si mesmo a nós. "Ele nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Ef 5, 2); a isso o moveu a desgraça em que nos tinha lançado o pecado. O pecado nos havia privado da graça de Deus, excluído do céu e

feito escravos do inferno. Deus nos poderia remir de diversas maneiras; quis, contudo, descer pessoalmente à terra, fazer-se homem, para nos livrar da morte eterna e nos conquistar o céu que perdêramos; certamente um milagre de amor, capaz de encher de pasmo o céu e a terra. Como não ficaríamos admirados se um rei deste mundo se fizesse escravo por amor a um escravo! Que diríamos então se se fizesse um verme por amor a um verme? Ora, infinitamente maior é o amor que o Filho de Deus nos mostrou, fazendo-se homem por amor de nós. "Ele se aniquilou a si mesmo, tomando a forma de escravo, fazendo-se semelhante aos homens, e sendo reconhecido exteriormente como homem" (Filip 2, 7). Tão grande foi o amor que nos teve, que o obrigou a revestir-se de nossa carne. "E o Verbo se fez carne" (Jo 1, 13).

Maior deve ser ainda a nossa admiração ao vermos quanto fez e padeceu por nós, miseráveis vermes da terra, o Filho de Deus, depois de encarnado. Uma única gota de sangue, uma única lágrima derramada por ele, ou mesmo uma única súplica sua, bastaria para nossa redenção, porque essa gota de sangue, essa lágrima, essa oração, oferecida pelo Homem-Deus pela nossa salvação, teria um valor infinito e suficiente para remir o mundo inteiro e até infinitos mundos. Jesus Cristo, porém, não só queria remir-nos, mas também tornar-se o único objeto de nosso amor, comprovando-nos o seu amor infinito para conosco. Para isso escolheu para si uma vida penosa e desprezada, que se findou com a mais amarga e ignominiosa morte. "Ele humilhou-se a si mesmo e fez-se obediente até à morte e mesmo até à morte da cruz" (Filip 2, 8). Se o Salvador não fosse nosso amigo, que mais nos poderia fazer que dar sua vida por nós? "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos" (Jo 15, 13).

Que dizes a tudo isto, alma cristã? Crês que Jesus morreu por amor de ti? E se crês, podes ainda amar outra coisa fora dele? Um célebre escritor diz que o homem, antes da encarnação, poderia duvidar se Deus o amava em verdade; depois de o Verbo eterno fazer-se homem e morrer por nós, não há mais lugar para essa dúvida; pois o Senhor não poderia patentear mais claramente seu amor pelo homem, que padecendo tantas dores e desprezos e, finalmente, a morte mais atroz, para nos remir e salvar.

Ah! nós estamos muito acostumados a ouvir falar da encarnação, da redenção, do nascimento de um Deus em um estábulo, de sua flagelação, coroação de espinhos, de sua crucifixão e morte! O' santa fé, iluminai-nos e fazei-nos conhecer a grandeza do amor de que Deus nos deu provas, fazendo-se homem e morrendo por nós!

Se Jesus Cristo não é amado pelos homens, provém isso do não refletirem no amor que lhes dedicou, porque seria impossível pensar nisso e viver sem amá-lo. "O amor de Cristo nos constrange", diz S. Paulo (2 Cor 5, 14), isto é, uma alma que considera o amor de Jesus Cristo para com ela, se sentirá constrangida a amá-lo. Os santos, ao meditarem a paixão do Salvador, abrasavam-se tanto em amor que, às vezes, ficavam fora de si, de pasmo e amor. S. Maria Madalena de Pazzi, em um êxtase, tomou em suas mãos um crucifi-

xo e exclamou: O' Jesus, vós vos tornastes louco de amor; eu o digo e repetirei sempre: vós vos tornastes louco de amor, ó meu Jesus!

Se a fé não nos convencesse da verdade do grande mistério de nossa redenção, quem poderia julgar possível que o criador do universo desejasse padecer e morrer por suas criaturas? Se Jesus não tivesse morrido por nós, quem ousaria exigir de Deus que ele se fizesse homem e sofresse a morte para nos remir? Quem não teria por loucura só o pensar nisso? E, de fato, os pagãos, ao ouvirem a pregação da morte de um Deus feito homem, consideravam-na uma fábula e denominavam-na de incrível loucura. "Nós, porém, pregamos a Jesus Crucificado, que é um escândalo para os judeus e uma loucura para os gentios", dizia S. Paulo (1 Cor 1, 23). Sim, diz S. Gregório, isso lhes parecia uma loucura, porque não podiam imaginar que um Deus, que de ninguém depende, que é infinitamente feliz em si mesmo, tivesse querido descer à terra, tomar a natureza humana e morrer pelos homens, criaturas suas miseráveis, a não ser que se afirmasse que o tal Deus tinha enlouquecido. E, contudo, é uma verdade da fé que Jesus Cristo, o verdadeiro Filho de Deus, por amor de nós, homens pobres e ingratos, se entregou aos tormentos, à ignomínia, à morte: "Ele nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Ef 5, 2).

E por que Jesus Cristo fez tal? "Ele o fez para que o homem conhecesse o amor inefável que lhe tem", diz S. Agostinho (De catec. rud. 4). O divino Salvador nos deu a entender a mesma coisa, dizendo: "Eu vim trazer o fogo à terra e que desejo eu, senão que ele se inflame? (Lc 12, 49). Quero acender o fogo do amor divino na terra, e não tenho outro desejo a não ser que os corações dos homens se consumam por essas santas chamas". S. Bernardo considera como Jesus Cristo, qual um criminoso, deixa-se prender pelos soldados, e exclama: O' meu Jesus, que tem vosso santo corpo com as cordas e cadeias, já que sois o rei dos céus e a santidade mesma? Nós, servos ingratos, nós merecemos ser ligados com elas. Quem vos pôs em tal estado, qual um malfeitor desprezível e perverso? Quem fez isso? Foi o amor, que se esquece da dignidade, quando se trata de ser correspondido. Deus, pois, que não pode ser vencido por ninguém, foi vencido pelo amor. Seu amor para conosco levou-o a fazer-se homem e a sacrificar sua vida em um mar de opróbrios e dores. O mesmo S. Bernardo, considerando o divino Mestre diante de Pilatos, dirige-lhe as seguintes palavras: Dizei-me, Jesus amado, que sois a inocência mesma, que fizestes para merecer a cruel sentença que vos condenou à morte da cruz? Ah! eu bem sei a causa de vossa morte; conheço o crime que praticastes; é o vosso amor para conosco; não foi Pilatos, mas sim vosso amor que pronunciou a sentença e vos deu o golpe mortal. Com toda a razão, pois, S. Francisco de Paula exclama, à vista do crucifixo: "O' amor, ó amor, ó amor!"

Oh! se ao menos pensassem os homens, à vista do Salvador crucificado, no amor que ele lhes tem! "Em que amor não nos sentiríamos abrasar, diz S. Francisco de Sales, se víssemos as chamas de amor que ardem no coração do Salvador! Que felicidade para nós, se fôssemos consumidos pelo mesmo fogo que devora o nosso Deus! Que alegria para nós, se estivêssemos presos pelos laços do amor

a nosso bom Deus". As chagas do Redentor, como diz S. Boaventura, deveriam comover os corações mais insensíveis e abrasar em amor as almas mais frias. Quantas setas de amor não partem dessas santas chagas e transpassam os corações mais duros. Quantas chamas não despede o coração ardente de Jesus, para inflamar os corações mais enregelados dos homens.

"Que é o homem para que o eleves? ou por que prendes teu coração nele?" pergunta Job. O' meu Deus, que é o homem miserável, para que tanto o honres? Que bem recebeste dele, para estares assim disposto a fazer-lhe benefícios e demonstrar-lhe tanto amor? S. Tomás afirma que o amor em que se abrasa o coração de Deus nos leva quase sempre a pensar que ele considera o homem como seu deus e que não pode ser feliz sem que o seja também o homem. Em verdade, alma cristã, se fosses o deus de Jesus, poderia ele fazer mais por ti do que fez, levando por tantos anos uma vida tão penosa e suportando uma morte tão cruel? E se se tratasse de salvar Jesus a vida de seu próprio Pai, poderia fazer mais do que fez por ti? Mas, ó meu Deus, onde está a nossa gratidão? Se o último criado nosso tivesse padecido por nós o que o nosso divino esposo quis sofrer por nosso amor poderíamos jamais esquecer-nos dele? e viver sem amá-lo? Ah! cada um de nós, ao considerar a morte de Jesus, deveria abrasar-se em amor e exclamar, sem interrupção, com S. Pascoal: Meu amor foi crucificado por mim, meu amor por mim morreu!

O que deixamos de fazer até agora, podemos ainda fazer no futuro, pois Deus nos dá tempo para isso. S. Paulo diz que Jesus morreu por nós, para dominar soberanamente em nosso coração por meio de seu amor: "Por isso morreu Cristo, para dominar sobre os mortos e sobre os vivos" (Rom 14, 9). "Cristo morreu por todos, diz o mesmo Apóstolo, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu por eles" (2 Cor 4, 15). Os santos corresponderam perfeitamente a essa intenção do divino Salvador. Julgavam fazer muito pouco por ele, quando por seu amor sacrificavam tudo o que possuíam e até sua própria vida. Quantos grandes, quantos reis, rainhas e imperatrizes, não renunciaram a suas riquezas, seus parentes e sua pátria, e mesmo ao trono, encerrando-se num claustro, para aí se dedicarem totalmente ao amor de Jesus Cristo! Quantos milhões de mártires não julgaram uma grande felicidade poderem sacrificar sua vida, no meio dos mais atrozes tormentos, por Jesus Cristo. Quantos jovens e donzelas ricas não renunciaram às mais invejáveis núpcias e, com júbilo, dirigiram-se à morte para corresponderem, ao menos de algum modo, ao amor de um Deus que se entregou à morte por amor deles.

E tu, que tens feito de grande até agora, por amor de teu divino Salvador? Que provas de amor já lhe tens dado? E' certo que Jesus tão bem morreu por ti como por uma S. Lúcia, uma S. Ágata, uma S. Inês. Quantos reis, príncipes e personagens altamente colocados nasceram em países heréticos ou pagãos? Quantos desses não hão de perder-se miseràvelmente, porque desprovidos dos sacramentos, da instrução religiosa e outros meios de salvação, ao passo que tu tiveste a felicidade de nascer no seio da verdadeira Igreja e de uma fa-

mília na qual podes operar a tua salvação com maior felicidade que inúmeros outros. Pensa, além disso, na grande misericórdia que Deus te mostrou, perdoando-te tantas ofensas que fizeste. Para movê-lo a perdoar-te, bastou pedir-lhe ùnicamente perdão. Infelizmente pagaste-lhe com ingratidão e tornaste a ofendê-lo. Ele de novo te perdoou e com o mesmo amor te cumulou de graças, luzes e inspirações, em vez de te castigar, como merecias. Até no momento em que isto lês, continua o Senhor a convidar-te a seu amor. Eia, pois, que pretendes fazer? Não queiras resistir por mais tempo. Por que adias ainda? Queres talvez esperar até que Deus não mais te chame e te abandone?

§ III. Meios para alcançar o amor de Deus

S. Teresa diz que é uma graça extraordinária ser chamado ao amor perfeito de Deus. Ora, tu pertences ao número desses felizes. Para te consagrares, porém, ao inteiro amor de teu divino esposo, deves usar magnânimamente dos meios de que necessitas para atingir esse fim.

1) O primeiro meio é um desejo ardente desse amor perfeito. Com esse desejo está dado um grande passo, pois Deus comunica suas graças com abundância só àqueles que delas sentem uma grande fome, como nos ensina a SS. Virgem, no seu cântico admirável: "Encheu de bens os que tinham fome" (Lc 1, 53). Este desejo é-nos ainda imperiosamente necessário, porque, sem ele, não nos submeteremos com perseverança aos esforços que devemos fazer para adquirir o grande tesouro do amor divino, pois pouco nos esforçamos para conseguir uma coisa que pouco desejamos, ao passo que todo o trabalho nos parece leve e doce, quando desejamos ardentemente algum bem. Por isso o Salvador denomina felizes os que têm fome, isto é, um grande desejo de santidade, "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça" (Mt 5, 6).

2) O segundo meio para alcançar o perfeito amor de Deus é renunciar a todo outro amor que não se refere a Deus. Deus quer possuir sòzinho o nosso coração, e não tolera ninguém junto a si. S. Agostinho refere que o senado romano, sem dificuldade, aprovou o culto a trinta deuses, mas não quis reconhecer ao Deus dos cristãos, por ser ele, conforme afirmava, um Deus cioso, que quer ser adorado, com exclusão de todos os outros deuses.

Ora, com toda a razão exige nosso Deus essa adoração exclusiva, porque é ele o único e verdadeiro Deus, e também o único que nos ama verdadeiramente e, por isso, não é para admirar que exija o amemos com amor indiviso. Se quisermos, pois, alcançar o perfeito amor de Deus, devemos expelir de nosso coração toda a afeição que não tenha a Deus por objeto. S. Francisco de Sales, que vivia abrasado por completo no amor divino, dizia: "Se eu conhecesse uma única fibra de meu coração que não fosse de Deus, em Deus e para Deus, arrancá-la-ia imediatamente"

Enquanto nosso coração não estiver despojado de inclinações terrestres, não pode o amor de Deus nele se alojar; logo que se desprender, porém, das criaturas, acender-se-á nele o fogo do amor divino e aumentar-se-á de instante a instante. S. Teresa costumava di-

zer: "Desapega teu coração das criaturas e procura a Deus, que imediatamente o encontrarás. O Senhor não pode retrair-se àquele que o busca". "Bom é o Senhor para a alma que o busca" (Jer 5, 25). "Ele se entrega totalmente àquele que deixa tudo por amor dele" (Lam.). Ele mesmo disse um dia a S. Teresa: "Agora, que és inteiramente minha, serei também totalmente teu". E' o que dirá também a ti, alma cristã, se te desprenderes de tudo, para pertenceres inteira e exclusivamente a ele. O Pe. Ségneri, o moço, escreveu uma vez a uma pessoa piedosa: "A caridade divina é uma ladra benfazeja que nos despoja de todas as inclinações terrestres, de tal forma que a alma pode dizer a seu amado esposo: Que desejo eu fora de ti?" S. Francisco de Sales exprime-se de modo semelhante: "O amor puro de Deus consome tudo que não é Deus, para transformar tudo em amor, pois tudo que se faz por Deus é amor" (Cartas 131, 203).

Quem, portanto, desejar ver seu coração cheio de amor divino deve, primeiramente, expelir dele todas as inclinações terrenas. Nisso deve imitar S. Paulo, que considerava todas as coisas deste mundo como lodo para alcançar o amor de Jesus Cristo: "Eu considero tudo como esterco, para ganhar a Cristo" (Filip 3, 8). Peçamos ao Espírito Santo que nos ilumine com sua graça, porque então desprezaremos todas as riquezas, alegrias, honras e dignidades deste mundo, que são a causa da perdição da maior parte dos homens e que, afinal, não passam de vaidades e ninharias.

O amor de Deus, apossando-se de um coração, este não aprecia mais o que o mundo preza. "Se o homem der todos os seus bens em troca do amor, se reputará isso como nada" (Cânt 8, 7). Quando uma casa se incendeia, diz S. Francisco de Sales, joga-se tudo pela janela fora, isto é, logo que um coração se abrasa no amor divino, procura, por si mesmo, sem admoestação alheia, desprender-se de todas as coisas terrenas e não amar coisa alguma fora de Deus. Um coração que ama sinceramente a Deus acha duro e insuportável dividir seu amor entre Deus e o mundo: e não poderá amar ao mesmo tempo a Deus e às criaturas. Segundo S. Bernardo, o amor divino é incomparável com qualquer outro amor, pois Deus não permite em um coração qualquer comparte de seu amor, mas quer possuí-lo sòzinho. Exige Deus muito talvez, querendo ser amado exclusivamente? Não, responde S. Boaventura, Deus, a suma amabilidade, a infinita bondade, que merece um amor infinito, exige, com todo o direito, que um coração, criado expressamente para amá-lo, lhe pertença de fato, sem restrição, tanto que Deus se sacrificou inteiramente por esse coração, para se tornar seu único possuidor.

Cuidemos, pois, de não prender nosso coração às criaturas, para que ele ame exclusivamente a Deus. Numa palavra, devemos nos tornar "jardins fechados", à semelhança da esposa dos Cânticos: "Es um jardim fechado, minha irmã" (Cânt 4, 12). Um jardim fechado é a alma que é inacessível a afeições terrenas. Grande, diz S. Gregório, é a felicidade de uma alma que acha intolerável todo o amor que não é de Deus. Se uma certa criatura quiser arrebatar o nosso coração, devemos impedir-lhe a entrada e dizer a Jesus: O' Jesus, vós só me bastais, não quero amar outra coisa fora de vós.

"Deus de meu coração e minha partilha por toda a eternidade" (Sl 72, 26): vós deveis ser o único senhor de meu coração e meu único amor.

3) Em terceiro lugar, para se alcançar o perfeito amor de Deus, é preciso abnegar-se a si mesmo, abraçando de boa vontade o que contraria ao amor próprio e recusando-se-lhe o que ele deseja. S. Teresa, achando-se doente, por todo um mês foi-lhe servida uma comida saborosa; ela, porém, a rejeitou e, instada pela enfermeira a prová-la, por estar muito bem preparada, respondeu-lhe a Santa: Pois é justamente por isso que me privo dela. E' o que devemos também fazer: rejeitar as coisas que nos agradam, exatamente por nos serem agradáveis. Por exemplo, devemos desviar nossos olhos deste ou daquele objeto, justamente por ser belo; abster-nos deste ou daquele divertimento, exatamente porque achamos gosto nele; prestar serviços a uma pessoa ingrata, precisamente por ser ela ingrata; tomar um remédio amargo, por isso mesmo que ele é amargo.

Segundo S. Francisco de Sales, nosso amor-próprio deseja se ingerir em tudo, mesmo nas coisas santas; ele faz-nos crer que nada é bom, se aí não encontrar satisfação. Por isso, devemos amar a própria virtude sem apego, diz o mesmo Santo. Assim, devemos amar a oração e a solidão, mas, quando a obediência ou a caridade do próximo nos põem obstáculos a uma e a outra, não devemos nos inquietar com isso, mas, conformados com a vontade de Deus, aceitar tudo o que nos sucede contra as nossas inclinações. O venerável Pe. Baltasar Álvarez costumava dizer que Deus permite muitas vezes que as criaturas nos desprezem e abandonem, para que nos voltemos a ele. Nós, porém, alma cristã, não queremos esperar até que as criaturas nos deixem; não, nós renunciamos a elas imediatamente e nos entregamos por completo a Deus.

4) O quarto meio para se adquirir um perfeito amor de Deus é a assídua meditação da paixão de Jesus Cristo. S. Madalena de Pazzi dizia que quem por completo se deu ao amor de Jesus Crucificado, deve ter, em todas as suas ações, as vistas voltadas para a cruz, ocupando-se ùnicamente com a meditação do amor infinito que Jesus Cristo lhe testemunhou. Se alguém tivesse suportado, por amor de seu amigo, injúrias, pancadas e prisão, que satisfação não sentiria, sabendo que seu amigo o reconhece e pensa muitas vezes nisso. Se, pelo contrário, esse amigo, todas as vezes que se tocasse nesse assunto, mudasse de conversa e nem sequer gostasse de pensar nessa prova de amor, que dor e desgosto não causaria a seu amigo e benfeitor uma tal ingratidão! Pois é exatamente o que fazem Jesus sofrer aquelas almas que pouco pensam nas dores e opróbrios que ele sofreu por amor delas, ao passo que muita satisfação lhe causam os que a miúdo pensam e meditam na sua paixão.

Parece que o divino Salvador quis padecer tantas e tão diversas penas e contumélias como prisão, bofetadas, flagelação, coroação de espinhos, escárnios e crucificação, para oferecer às almas que lhe são caras diversos mistérios à meditação. Por isso vemo-lo coberto de suor de sangue no Jardim das Oliveiras, preso com cordas por soldados brutos, apupado e revestido de branco, como louco, dilacera-

do pelos açoites, coroado de espinhos, como um rei de zombarias e dores, conduzido à morte, com a cruz às costas, pregado nela com três cravos e ainda traspassado com uma lança, depois da morte.

Contudo, não devemos meditar a paixão de Cristo para haurir daí consolação e doçuras espirituais, mas para nos inflamar no amor de nosso divino Salvador e nos animar a fazer o que de nós exige, e declarar-nos prontos a sofrer tudo com paciência, por amor dele, que tanto sofreu por nosso amor.

O Senhor revelou a um eremita que não há oração mais própria para acender o fogo do amor de Deus em nossos corações, que a meditação de sua dolorosa paixão. Por isso, os santos tomaram por objeto de suas meditações contínuas os sofrimentos de Jesus, e com isso tornou-se, por exemplo, um S. Francisco de Assis um serafim. Encontrou-o uma vez alguém banhado em lágrimas e soltando sentidos suspiros, e, perguntado pelo motivo de sua tristeza, respondeu: Choro por causa das dores e injúrias irrogadas a meu divino Mestre; mais, porém, me aflige o pensar que os homens, por quem tanto padeceu, nem sequer cogitam em suas dores. Ao dizer isto, mais abundante correram-lhe as lágrimas, vendo-se a tal pessoa obrigada a chorar com ele. Ao ouvir o santo um cordeiro balar ou vendo qualquer coisa que lhe trazia à memória seu Jesus padecendo, começava imediatamente a derramar lágrimas. Achando-se uma vez doente e e aconselhado a ler um livro edificante, respondeu: Meu livro é Jesus Crucificado. Exortava continuamente a seus irmãos que meditassem na paixão dolorosa de Jesus. Quem não se sentir abrasado no amor de Deus, considerando a Jesus moribundo na cruz, nunca chegará a amá-lo sèriamente.

5) O quinto meio para alcançar o grande tesouro do amor de Deus é a oração. A alma cristã deve, por isso, exclamar continuamente: O' meu Jesus, dai-me o vosso santo amor. O' Maria, alcançai-me o amor de Deus. O' santo Anjo de minha guarda, ó meus santos Padroeiros, alcançai-me o amor de Deus.

Basta que pronuncies a palavra — amor —; Deus sempre a ouvirá com gosto e te inspirará sempre um pensamento piedoso, acenderá em teu coração uma nova chama de amor e santos desejos. O Senhor é muito liberal na distribuição de seus dons; com gosto especial, porém, concede seu santo amor a quem o pede, desde que seu mais ardente desejo é vê-lo arder em nossos corações. Devemos suplicar-lhe não tanto um amor terno como um amor forte, um amor com o qual vençamos todo o respeito humano e toda a resistência do amor próprio, tornando-nos prontos a executar sem demora tudo o que lhe apraz.

Acostuma-te, portanto, alma cristã, a procurar em tudo, mesmo nas coisas mais insignificantes, o maior agrado de Deus, visto que, assim, te habilitas para grandes coisas. E se temes não possuir a força suficiente para te venceres em uma coisa grave, põe tua confiança em Deus e dize: "Tudo posso naquele que me conforta"

§ IV. Da maneira de exercer o amor de Deus

1) Quem ama alegra-se com a felicidade da pessoa amada. E' esse o amor chamado de *complacência*. Regozija-te, pois, muitas vezes, alma cristã, da felicidade infinita de teu Deus, mesmo mais do que se fosse tua, pois deves amar o teu divino Esposo mais que a ti mesma. Tua maior alegria deve consistir em pensar que nada falta a teu divino Salvador para ser infinita e eternamente feliz. Alegra-te também com o pensamento de que tantos milhões de anjos e santos, no céu, o amam do modo mais perfeito possível. Compraze-te igualmente, ouvindo que uma alma tem um grande amor a Jesus Cristo.

2) Quem ama, deseja que o objeto de seu amor seja por todos amado. E' o amor de *benevolência*, que, igualmente, deves exercer, desejando ardentemente que Jesus seja amado por todos os homens. Para isso deves falar muitas vezes do amor de Deus, para acender o fôgo do amor divino nos corações das pessoas com quem falas. Deves desejar que teu divino Esposo seja conhecido e amado por todos os que ainda não o conhecem nem amam. Deves sentir grande dor ao ver que ele é tão desprezado por tantos infelizes. Será uma esposa amante a que insensivelmente vê seu esposo injuriado e maltratado? Quanto, pois, não te devem afligir e doer as ofensas pessoais que cometeste contra teu Deus? Continuamente deves te arrepender disso, com o que exercerás o amor chamado *doloroso*.

3) Quem ama prefere o objeto de seu amor a todas as outras coisas. Este é o *amor de preferência*, que Deus de nós exige de modo especial. Devemos estar prontos a ser antes despojados de todos os bens, que perder a graça divina. Exige talvez Deus muito, se requer que o prefiramos a todos os bens deste mundo? Que são eles, em comparação com Deus? Deveríamos pròpriamente nos envergonhar de dizer: Senhor, eu vos amo mais que todas as outras coisas, desde que isso é o mesmo que declarar: Senhor, eu vos tenho em maior consideração que a palha e o lodo. E, contudo, Nosso Senhor contenta-se se o amamos mais que as criaturas, apesar de serem elas, a ele comparadas, ainda inferiores à palha e ao lodo. O Pe. Vicente Caraffa, da Companhia de Jesus, dizia que, se possuísse o mundo inteiro, só o nome de Jesus bastaria para movê-lo a tudo renunciar incontinenti. De nossa parte, devemos estar sempre prontos a antes sacrificar tudo que possuímos, nossos bens, nossa honra, nossa própria vida, que perder a Deus. Com S. Paulo devemos dizer: "Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a força, nem o que há de mais sublime ou de mais profundo, nem outra criatura alguma nos poderá separar do amor de Deus, que é em Jesus Cristo Nosso Senhor" (Rom 8, 38).

4) Quem ama não recusa padecer pela pessoa amada, antes alegra-se com isso, dando-lhe assim uma prova certa de seu amor. E' este o *amor de sofrimento* ou padecente, de que o divino Salvador é o modelo mais perfeito. Quem possui este amor, suspira sempre pelas ocasiões de padecer alguma coisa por Deus. As tribulações abrem às almas amantes o caminho da união com Deus e aumentam o amor

que a ele as prende. "Quem se entrega à vontade de Deus, no tempo das aflições, se aproxima dele com passos acelerados", diz o Pe. Baltasar Álvarez. Tudo o que sobrevém às almas amantes de Deus, quer seja alegre, quer triste, serve para uni-las mais estreitamente a ele. "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus" (Rom 8, 28). "Com o mesmo amor com que criei o homem, dirijo tudo o que lhe envio para o seu maior bem, quer seja felicidade, quer infelicidade". Ama, pois, alma cristã, a teu divino esposo, tanto nos acontecimentos tristes, como nos alegres. Segundo S. Francisco de Sales, é o Senhor tão amável e amoroso quando te envia aflições, como quando te envia consolações, visto que em tudo visa ùnicamente teu maior bem. Em particular deves cuidar em te conservar unido a Deus no tempo da enfermidade; precisamente nessa ocasião deve mostrar se alguém possui em verdade o amor de Deus.

5) Quem ama, pensa sempre no objeto amado. E' o amor *efetivo*. Uma alma, que ama a Deus, entretêm-se ininterruptamente em seus pensamentos com ele e patenteia a todo o instante o seu amor para com ele por meio de suspiros amorosos e ferventes jaculatórias. Cuida, pois, de dia como de noite, em dizer a teu Salvador, quer estejas só ou em companhia de outrem: O' meu Deus, nada desejo fora de vós; sacrifico-me inteira e irrovogàvelmente a vós. Quero tudo o que quereis. Fazei de mim o que vos aprouver. Basta dizeres: Meu Deus, eu vos amo, ou, meu amor, meu tudo.

6) Quem ama, trabalha incessantemente pela pessoa amada. E' o *amor afetivo* ou *operativo*. O amor não se contenta com simples afetos do coração, mas exige obras. Alguns são só amigos de nome; dizem sempre: Meu amigo, és senhor de tudo o que eu tenho; mas, na realidade, nada dão, ou só muitíssimo pouco. Outros, que são realmente amigos, dão antes o que possuem de melhor e ainda oferecem o restante.

Se quisermos nos entregar sem restrição a Deus, devemos nos despojar de todas as coisas terrenas, em que se prende o nosso coração, e formar o propósito de submeter a Deus todas as nossas inclinações, renunciar à nossa própria honra e consentir que sobre nós venham desprezos e zombarias. Uma alma assim disposta caminha com segurança: toda sua confiança está em Deus e está pronta a suportar todas as contrariedades, tudo faz com pura intenção, sentindo-se sempre levada a implorar o auxílio de Jesus e Maria, para a execução de seus propósitos, tendo só em vista, em todas as coisas, complacência e agrado de Deus. Se no caminho encontra dificuldades, sua resolução dá-lhe ânimo para exclamar: Só uma coisa desejo: o que agrada a Deus, ainda que isso me custe a vida. Se cai em alguma falta, essa sua disposição a reergue e a anima pela esperança de proceder melhor outra vez. Uma tal resolução, porém, de tantas consequências, deve ser renovada muitas vezes, por exemplo: de manhã, depois da meditação, da santa comunhão, durante a visita ao SS. Sacramento. De manhã, ao levantar-se, diga-se: O' meu Deus, eu me entrego de novo inteira e irrevogàvelmente a vós, prometo-vos fazer sempre o que me pareça ser-vos mais agradável. Uno

este meu sacrifício ao que fizestes de vossa própria pessoa a vosso Pai celestial; dai-me a graça de vos permanecer inviolàvelmente fiel; vossa paixão é minha esperança; deponho toda a minha confiança em vossas promessas e vosso amor. O' Maria, minha Mãe, rogai a Jesus por mim; alcançai-me a perseverança no amor de vosso divino Filho.

§ V. Sinais certos do amor de Deus

A prova mais certa de amor, que podemos dar a Deus, está insinuada nas palavras de S. Paulo a Jesus Cristo, depois de sua conversão: "Senhor, que quereis que eu faça?" (At 9, 6). E', pois, a conformidade de nossa vontade com a vontade de Deus, como já expusemos largamente no capítulo I, § 2. Alguns querem amar a Deus, mas ùnicamente da maneira que apraz às suas inclinações; esses são escravos de seu amor-próprio e não possuem o amor de Deus. Tenhamos muito cuidado em querer sempre só aquilo que Deus quer e poderemos então estar certos que o amor de Deus habita em nossos corações. Para termos disso certeza, consideremos os quatro pontos seguintes:

1) Acostumemo-nos, antes de tudo, a submeter nossa vontade à de Deus nas contrariedadezinhas que ocorrem cada dia. Suportemos, por exemplo, pacientemente uma palavra ofensiva, uma mosca impertinente, o latir de um cão, o apagar da luz e coisas semelhantes. E' de máxima importância que nos proponhamos suportar essas pequenas coisas com perfeita resignação com a vontade de Deus, já por sobrevirem mais amiudadas vezes pequenos sofrimentos, já porque de tal modo adquirimos mais depressa o costume de nos submetermos também nas coisas mais difíceis à sua santíssima vontade.

2) Conformemo-nos então à vontade de Deus nos acontecimentos desagradáveis da natureza. Quando está fazendo calor ou frio, quando chove ou faz sol, em uma carestia ou peste, de fórma alguma devemos dizer: Que calor insuportável! Que frio terrível! Que desgraça! Que infelicidade! Que tristes tempos! Evitemos tal modo de falar, que exprime nossa repugnância contra as determinações da Providência.

3) Sujeitemo-nos à vontade de Deus também no que se refere a nossos defeitos, quer corporais, quer espirituais: um entendimento vagaroso, memória fraca, miopia, surdez, etc. Se alguém te lançar em rosto tais defeitos, responde-lhe em conformidade com a vontade de Deus: "Foi o Senhor quem nos fez e não nós a nós mesmos" (Sl 99, 3). Nós somos pobres e devemos nos contentar com a esmola que o Senhor nos dá. Que dirias de um mendigo que se queixasse de não ser tão bela como ele desejava a veste que se lhe deu, ou de não ser tão saborosa como desejava a comida recebida? Fiquemos contentes com o que o Senhor nos deu, e não aspiremos a coisas mais altas, pois Deus poderia ter-nos deixado no abismo de nosso nada. Quantos não deveriam a sua salvação à falta de agudez de espírito, de beleza corporal e outros dotes naturais. Quantos, pelo contrário, não se tornaram criminosos e se perderam por causa de seus dotes extraordinários, beleza, nobreza e riqueza. Contentemo-nos com os

bens que Deus nos deu e nada mais desejemos. "Prefiro ser o verme mais abjeto seguindo a vontade de Deus, diz o piedoso Henrique Suso, a ser um serafim seguindo a minha vontade própria".

4) Pratiquemos a conformidade com a vontade de Deus também no tempo da doença e mal-estar. Quem deseja agradar a Deus, deve suspirar pelas ocasiões de adquirir suas graças. Cristãos piedosos consideram graças o que o mundo chama desgraças, e tanto mais as prezam quanto mais duras e dolorosas forem essas tais desgraças. Os enfermos que têm de padecer muito e não se conformam com a vontade de Deus, são os homens mais dignos de compaixão, não por padecerem, mas porque não sabem avaliar os tesouros que Deus lhes oferece com os sofrimentos. Eles convertem em veneno o que devia servir-lhes de remédio, já que os males do corpo são os remédios mais eficazes para a cura da alma enferma, segundo a expressão do Sábio: "Os males são expelidos pelo livor das feridas" (Prov 20, 30). "Quem no tempo da tribulação e das dores se conforma com a vontade de Deus, caminha com passos ligeiros para a união com Deus, diz o Pe. Baltasar Álvarez, ou move a Deus a unir-se a ele". Isto mesmo revelou Nosso Senhor a S. Gertrudes, dizendo-lhe que, quando vê uma alma aflita, sente-se atraído por ela, experimentando uma grande alegria em estar com os doentes e com os que sofrem. Se, pois, estivermos doentes, podemos e até devemos usar dos remédios que o médico nos prescrever, porque Deus o quer, mas devemos igualmente entregar tudo à vontade de Deus. Podemos pedir-lhe a saúde, na intenção de empregá-la em seu serviço, mas com inteiro abandono em suas mãos, para que faça conosco o que lhe aprouver: é este o melhor meio de readquirir de Deus a saúde. Quem procura, em suas orações, a si mesmo em vez de Deus, não será atendido; quem, pelo contrário, só tem em vista, nas suas orações, Deus e sua vontade, obterá tudo. "Eu procurei o Senhor, e ele me atendeu" (Sl 33, 5). Possuímos um remédio excelente contra todas as enfermidades nas palavras: Senhor, faça-se a vossa vontade.

Submete-te, portanto, quando te sobrevier alguma doença, à vontade de Deus, e mostra-te pronto a sofrer tudo que te enviar; une-te a Jesus na cruz, e não queiras descer dela enquanto lhe aprouver verte nela; resolve-te a morrer aí, se for essa a sua santíssima vontade. Deves ter sempre em vista teu Salvador crucificado; padecerás com muito maior resignação, pois, se comparares tuas dores com as que Jesus sofreu por teu amor, parecer-te-ão insignificantes e toleráveis.

Quanto não se enganam os que dizem desejarem a saúde não para se verem livres de seus sofrimentos, mas para melhor poderem servir ao Senhor, para irem à igreja, receberem a comunhão, fazerem penitência, estudarem e trabalharem. Mas por que desejas fazer essas coisas? pergunto-te. Para agradar a Deus, respondes. Mas se não é vontade de Deus que te entregues à meditação, que recebas a miúdo a santa comunhão, que pratiques obras de penitência, te consagres ao estudo ou te preocupes com qualquer outra coisa, mas sim que suportes paciente e resignadamente as doenças e dores que te envia, que queres mais? Se, presos ao leito de dores, quisermos agradar a Deus, digamos simplesmente estas palavras do Senhor: Seja

feita a vossa vontade, e tornemos a repeti-la cem, mil vezes ou, antes, sem interrupção, visto que assim agradamos mais a Deus que praticando toda a espécie de mortificações e devoções. O melhor modo de servir a Deus é conformar-se alegremente com sua vontade.

O tempo da doença é a pedra de toque dos espíritos, pois exatamente nesse tempo vem à luz quem possui na realidade a virtude. Se alguém suportar a enfermidade, sem perder a tranquilidade, sem se queixar ou desejar alguma coisa, se obedecer ao médico e aos seus superiores, se se entregar inteiramente à vontade de Deus, pode-se dizer sem perigo de errar que possui verdadeira virtude. O contrário deve-se dizer do doente que se queixa ora do mau tratamento, ora de dores intoleráveis, ora da ineficácia dos remédios, ora da ignorância dos médicos e até do próprio Deus, que o trata mui rigorosamente (Veja-se o c. 12).

5) Pode-se ouvir, às vezes, da boca de alguns cristãos palavras como estas: De boa vontade aceito todas as dores e cruzes que Deus me enviar por suas próprias mãos; mas como poderei suportar com ânimo tranquilo o mau trato da parte dos outros e suas injustas perseguições? E' certo que quem me persegue, peca, e Deus não quer o pecado. Logo, não é vontade de Deus que eu sofra isso! A isso respondo: Não sabes, querido amigo, que "tudo provém de Deus, os bens e os males, a vida e a morte, a pobreza e a riqueza?" (Ecli 11, 14). O Senhor não quer o pecado daquele que te persegue, mas quer que sofras essa perseguição injusta e, nesse sentido, é ele mesmo quem ta envia. Quando o piedoso Job foi privado de todos os seus haveres, Deus não queria o crime dos ladrões, mas que Job suportasse essa perda. Por isso exclamou Job: "O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; como aprouve ao Senhor, assim se deu; bendito seja o nome do Senhor" (Job 1, 21). A êste respeito nota S. Agostinho: "Job não diz: o Senhor mo deu e o demônio mo tirou, mas o Senhor mo deu, o Senhor mo tirou". Da mesma forma Nosso Senhor não queria o pecado dos judeus que crucificaram a Jesus, e, afinal, disse o Salvador a S. Pedro: "Não deverei beber o cálice que meu Pai me deu?" (Jo 18, 11). Com isso deu a entender que a morte que os judeus haviam de infligir-lhe era-lhe enviada por seu Eterno Pai. S. Doroteu diz que quem se vinga, por causa de agravos sofridos, assemelha-se aos cães, que correm atrás da pedra que os feriu, sem olhar para a mão que a atirou. Nos ultrajes todos que recebemos dos outros, devemos olhar para a mão de Deus, que no-los envia para que nos conformemos com a sua santa vontade.

6) De modo particular devemos nos submeter prontamente à vontade de Deus no tempo da aridez espiritual. Se em tal estado não pudermos fazer coisa alguma, procuremos ao menos, nessas trevas espirituais, nos aniquilar diante de Deus e entregar-nos por completo nos seus braços, confessando a nossa miséria, como uma pedra que se desprende de um monte para rolar morro abaixo, sem saber para onde vai. Quer envoltos em trevas, quer banhados em luz, devemos repetir sempre: Conduzi-me, Senhor, pela vereda que vos aprouver; fazei sòmente que se cumpra a vossa vontade e nada mais desejo (Veja-se c. 12).

7) O que se disse da aridez de espírito vale também das tentações. E' verdade que devemos evitar, quanto está em nosso poder, as tentações: quando Deus, porém, permite que sejamos tentados a respeito da fé, da castidade, ou de qualquer outra virtude, não devemos nos queixar disso, mas conformar-nos também então com a vontade divina. "Minha graça te é suficiente" (2 Cor 12, 9), disse o Senhor a S. Paulo, quando lhe suplicou que o livrasse das tentações impuras. Digamos também, ao ver que Deus não atende as nossas súplicas: Fazei, Senhor, tudo, e tudo permiti que vos aprouver, assisti-me ùnicamente para não perder a vossa graça, que ela só me basta.

Não é a tentação, mas o consentimento nela, que nos priva da graça de Deus. As tentações, quando lhes resistimos, tornam-nos humildes, aumentam nossos merecimentos e obrigam-nos a recorrer mais repetidas vezes a Deus, ofendendo-o assim mais raras vezes, antes progredindo no seu santo amor.

8) Mesmo quanto à medida da graça e ao grau da glória futura, devemos nos conformar com a vontade de Deus. E' verdade que devemos estar possuídos do desejo de amar mais a Deus que os mesmos serafins; mas, mesmo assim, devemos nos contentar de boa mente com o grau de amor que Deus nos destinou. Não resta dúvida que devemos empregar todos os nossos esforços para adquirir a perfeição; mas, novamente, se cairmos em alguma falta, não devemos perder a paz da alma e a conformidade com a vontade de Deus, que isso permitiu; antes, sem perder a coragem, devemos nos levantar incontinenti, arrepender-nos de nossos pecados, pedir a Deus maiores graças e continuar tranquilamente o nosso caminho.

Apesar de nos ser lícito receber no céu um lugar entre os serafins, não para gozar de uma glória maior, mas para melhor amar e glorificar a Deus, contudo, devemos nos conformar com suas santas disposições quanto à medida do amor e grau de glória que nos caberá em partilha.

Alguns, que leram livros de mística, aspiram àquela união extraordinária com Deus, chamada união passiva; porém eu desejaria muito mais que aspirassem à união ativa, isto é, à perfeita conformidade com a vontade de Deus, na qual se realiza a verdadeira união da alma com Deus, segundo S. Teresa (Fund. c. 5). Se morrermos a nós mesmos, se renunciarmos satisfazer aos nossos próprios desejos, para que a vontade de Deus viva e impere soberana em nós, realizar-se-á em nós a palavra do Apóstolo: "Vivo eu, não porém eu, Cristo é que vive em mim" (Gál 2, 20).

Seria uma grande falta desejar êxtases, visões, revelações e coisas semelhantes. Os mestres da vida espiritual chegam mesmo a dizer que quem se vê enriquecido com tais graças, deveria pedir a Deus que lhas retirasse para que o possa amar no caminho comum da fé, que é o mais seguro. Muitos santos alcançaram a perfeição sem essas graças extraordinárias; sòmente as virtudes e, em especial, a conformidade com a vontade de Deus nos tornam santos. Se, pois, não aprouver ao Senhor nos elevar a um alto grau de perfeição e glória, entreguemo-nos à sua santa vontade e roguemos-lhe nos conceda a bem-aventurança ao menos por misericórdia. Se assim procedermos, não

será pequena a recompensa que, em sua bondade, nos concederá, visto que ele ama sobremaneira as almas que se conformam com sua santa vontade.

9) Assim também devemos suportar, resignados com a vontade de Deus, a morte de nossos pais, filhos, benfeitores e amigos. Se me disseres que isso muito te custa por te parecer castigo de Deus, pergunto-te: Não são talvez os castigos que Deus nos envia nesta vida outras tantas graças e favores? Se ofendemos a Deus de qualquer maneira, devemos satisfazer a sua justiça ou nesta ou noutra vida. Digamos, pois, com S. Agostinho: "Aqui queimai, aqui cortai, não me poupeis aqui, Senhor, mas na eternidade" (Serm. 20, c. 2, n. 2). Devemos, a exemplo do piedoso Job, encontrar um objeto de consolação nos sofrimentos desta vida. "Esta seja a minha consolação, que me não poupe, afligindo-me com dores" (Job 6, 10). De fato, para quem mereceu o inferno, deve ser consolação ver que Deus o castiga desta maneira, podendo daí concluir, com toda a confiança, que Deus o quer preservar das penas eternas. Imitemos neste ponto o sumo sacerdote Heli, exclamando com ele: "Ele é o Senhor, faça o que parecer bem a seus olhos" (1 Rs 3, 18).

10) Finalmente, devemos aceitar das mãos de Deus, com toda a resignação, a nossa própria morte. O venerável Luís de Blois nos assegura que quem faz um ato de perfeita conformidade com a vontade de Deus na hora da morte, será preservado não só do inferno, mas até do purgatório, mesmo que tivesse cometido todos os pecados imagináveis; pois quem aceita a morte com perfeita resignação, alcança um mérito semelhante ao dos santos mártires, que sacrificaram voluntàriamente sua vida por amor de Jesus Cristo. Além disso, quem está inteiramente conformado com a vontade de Deus, morre tranquila e alegremente, mesmo tendo de suportar as maiores dores. Quanto à espécie de morte, devemos estar convencidos que a que Nosso Senhor nos destinou é a melhor para nós. Todas as vezes que pensarmos na morte, devemos dizer: Senhor, deixai-me morrer como vos aprouver; dai-me ùnicamente a bem-aventurança. Também quanto ao tempo de nossa morte, devemos nos submeter por completo à vontade de Deus.

Este mundo nada mais é que uma prisão na qual padecemos e nos achamos a cada instante no perigo de perder a Deus. Por isso exclamava o Rei-profeta: "Arrancai do cárcere a minha alma" (Sl 41, 8). Compenetrada dos mesmos sentimentos, sem interrupção suspirava S. Teresa pela morte e, ouvindo o relógio dar horas, alegrava-se, pensando que passara mais uma hora de sua vida e, com isso, mais uma hora de perigo de perder a Deus.

Segundo o Beato João d'Ávila, deve desejar a morte cada homem que de algum modo está preparado para ela, visto que nos achamos continuamente em grande perigo de perder a graça de Deus. Por uma morte feliz alcançamos a certeza de não perdermos jamais a amizade de Deus. Ora, que coisa existe mais preciosa e desejável que essa certeza? Talvez digas: Eu, porém, nada fiz até agora, nada adquiri para a minha alma. Respondo: Se Deus quer que morras agora, que bem poderás fazer se viveres contra sua vontade? E quem sabe se,

depois, terás uma morte tão feliz como podes atualmente esperar ter? Quem sabe se não mudarás de sentimentos, caindo em muitos pecados e perdendo-te eternamente? Devemos nos compenetrar da verdade que tudo o que nos acontece e nos sucederá no futuro nos vem da mão de Deus. Em todas as nossas ações, devemos ter diante dos olhos, como nosso fim único, o cumprimento da santa vontade de Deus. Tudo o que fizermos, deve ser feito ùnicamente porque Deus o quer. Se assim procedermos, certamente nos faremos santos.

§ VI. Aspirações amorosas

Eu vos amo, ó Jesus, que por mim morrestes.

O' Jesus, vós só me bastais.

Dai-me o vosso santo amor e fazei de mim o que vos aprouver.

A quem deverei eu amar senão a vós, ó meu Deus?

Eis-me aqui, Senhor, disponde de mim segundo o vosso agrado.

O' meu Deus, quando serei vosso inteiramente?

Quando poderei dizer: O' meu Deus, agora não posso vos perder mais?

Quem sou eu, Senhor, para que desejeis o meu amor?

O' meu Deus, só a vós quero e nada mais. Em todas as coisas só quero o que quereis.

Oh! pudesse eu sacrificar-me inteiramente por vós, que vos aniquilastes todo por mim.

Para com os outros tenho sido grato: só a vós paguei com ingratidão.

Demais vos tenho ofendido; de agora em diante nenhum pecado mais.

Se tivesse morrido no pecado, não poderia mais amar-vos.

Deixai-me morrer antes que mais uma véz vos ofender.

Tendes-me suportado com tanta paciência, para que vos ame. Pois bem: amar-vos-ei sempre.

Todo o resto de minha vida deve ser consagrado ao vosso amor.

O' Jesus, atraí-me todo a vós.

Vós não me abandonareis e eu nunca mais vos hei de abandonar.

O' Deus de meu coração, espero que permaneceremos sempre unidos no amor.

O' Jesus, fazei-me todo vosso antes de morrer.

Fazei que vos ache inteiramente aplacado no dia de Juízo.

Muito direito tendes ao meu amor. Eu vos amo, ó Jesus, sim, eu vos amo!

Não desprezeis o amor de um pecador que tão gravemente vos ofendeu.

Vós vos destes inteiramente a mim; eu também desejo ser todo vosso, sem restrição alguma.

Desejo amar-vos ternamente neste mundo, para amar-vos ainda mais ardentemente no céu.

Fazei-me conhecer que grande bem sois vós, para que vos ame de todo o coração.

Vós amais a todos os que vos amam; pois bem, eu vos amo, amai-me também vós.

Dai-me o amor que de mim exigis.

Alegro-me, porque sois infinitamente feliz.

Oh! tivesse eu vos amado sempre! Oh! tivesse eu morrido antes de vos haver ofendido!

Fazei que calque tudo aos pés para vos agradar.

Eu vos entrego minha vontade inteira; de mim disponde como vos aprouver.

Toda a minha alegria consiste em vos causar alegria, ó bondade infinita.

O' Deus eterno, espero amar-vos eternamente.

Vós me seguistes quando eu vos fugia; não me repelireis agora que eu vos busco.

Ainda me dais tempo para vos amar; agradeço-vos e vos amo por isso.

Hoje deve ser o dia em que eu me entrego inteiramente a vós.

Castigai-me como quiserdes, mas não me priveis de vosso amor.

O' Deus, eu quero vos amar sem restrição alguma.

Aceito de boa vontade todas as dores e calúnias, contanto que possua vosso amor.

Oh! pudesse eu morrer por vós, que morrestes por amor de mim.

Oxalá que todos vos amassem como vós o mereceis.

Quero fazer tudo que vos possa causar alegria.

Vosso gosto me é mais caro que todos os gozos do mundo.

O' vontade de Deus, eu vos amo de todo o meu coração.

CAPÍTULO QUARTO

Do amor do próximo

§ I. Necessidade e excelência do amor do próximo

E' impossível amar a Deus sem amar ao mesmo tempo ao próximo. O mesmo mandamento que nos obriga ao amor de Deus nos impõe o amor do próximo. "Temos este mandamento de Deus, que quem ama a Deus ame igualmente a seu próximo" (1 Jo 4, 21). S. Tomás de Aquino conclui dessas palavras do Apóstolo que a única virtude da caridade abrange não só o amor de Deus, como também o amor do próximo, pois a única e mesma caridade faz que amemos não só a Deus, como também o próximo por amor de Deus (II-II, q. 25, a. 1). Assim se explica o que S. Jerônimo (In ep. ad Gall., c. 6) narra de S. João Evangelista. Perguntado por seus discípulos por que recomendava tão repetidas vezes a caridade fraterna, respondeu: Porque é o preceito do Senhor e a sua observância só basta para a bem-aventurança eterna.

S. Catarina de Gênova disse uma vez ao Senhor: O' meu Deus, vós me mandais amar a meu próximo, e eu não posso amar senão a vós. Ao que lhe respondeu o Senhor: Minha filha, quem me ama, ama também tudo que eu amo. De fato, quando se ama uma pessoa ama-se também seus parentes, seus servos, seu retrato e até suas vestes, e por quê? Porque são estimadas pela pessoa amada.

Por que devemos amar a nosso próximo? Porque é amado por Deus. Com toda a razão o apóstolo S. João chama de mentiroso quem diz que ama a Deus, e entretanto odeia a seu próximo. Jesus Cristo disse que há de olhar como feito a si mesmo o bem que fizermos ao mínimo de seus irmãos: "Em verdade, vos digo, o que fizestes a um de meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes" (Mt 25, 40). Do que concluí S. Catarina de Gênova que, para se conhecer quanto alguém ama a Deus, basta examinar-se quanto ama ao próximo.

A caridade cristã é um dos frutos mais preciosos da redenção. O profeta Isaías a predisse com as palavras: "Então habitará o lobo com o cordeiro e o leopardo se alojará junto ao carneiro... e não prejudicará um ao outro, nem o matará" (Is 11, 6). Com isso queria dizer que os futuros discípulos de Jesus Cristo, ainda que tendo inclinações e caracteres diversos e pertencendo a várias nacionalidades, haveriam de viver em toda a paz um com o outro, já que cada um cuidaria em se amoldar, pela caridade, à vontade e inclinação do outro. E, na realidade, assim viviam os primeiros cristãos. "A multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma" (At 4, 32). Isso foi o resultado da oração do divino Salvador dirigida a seu Eterno Pai antes de sua morte: "Pai santo, conservai em vosso nome aqueles que me destes, para que sejam um, como nós o somos" (Jo 17, 11).

§ II. Da Prática da caridade em pensamento

1) Se queres praticar a bela virtude do amor do próximo, empenha-te em repelir todo o juízo temerário, toda a desconfiança, toda a suspeita infundada a respeito de teu próximo. E' uma grande falta duvidar sem razão da inocência do próximo; falta ainda maior é alimentar uma verdadeira suspeita contra ele e pior ainda ter por certo, sem motivo ou prova suficiente, que ele cometeu algum mal. Quem assim julga será, por sua vez, julgado. "Não julgueis, diz o divino Salvador, para que não sejais julgados; com o mesmo juízo que julgardes, sereis também julgados" (Mt 7, 12).

Disse eu — sem razão suficiente — porque quando há motivos ponderosos para se suspeitar ou mesmo crer algum mal de outrem, não se comete falta com tais pensamentos. Contudo, é sempre mais seguro, conforme a doutrina do Apóstolo, e mais consoante à caridade crer o bem de outrem e abster-se de qualquer juízo desfavorável e suspeita a seu respeito. "O amor não pensa mal" (1 Cor 13, 5).

Isto, porém, não vale para os que estão encarregados da direção dos outros, desde que para estes é útil e, às vezes, mesmo necessário entreter uma certa desconfiança, porque, em razão de sua familiaridade, podem fàcilmente originar-se grandes males. Se não tiveres, porém, de cuidar de outros por vocação, deves pensar sempre bem de teu próximo. S. Joana de Chantal dizia: "Quando se trata do próximo, não devemos dirigir nossas vistas para o mal, mas sòmente para o bem". E se nos enganarmos, julgando boa uma coisa em si má, não nos devemos contristar por isso, desde que "a caridade, segundo S. Agostinho, não se entristece por ter atribuído algum bem a uma pessoa má" (In Ps. 147).

2) Deves igualmente abster-te de investigar as faltas de teu próximo, como muitos o fazem. Não imites aqueles que se informam em toda a parte do que se diz deles, e enchem assim seu coração de suspeitas, amarguras e antipatias. Muitas vezes se narram as coisas de modo mui diverso do que se deram e as exageram consideràvelmente. Se, pois, ouvires que alguém se exprimiu desfavoràvelmente a teu respeito, não ligues muita importância a isso, e não perguntes de quem procederam essas afirmações. Procede assim que cada qual possa falar bem de ti e deixa então os outros dizerem o que lhes aprouver. Dize contigo mesmo, ao ouvires que outros falam de teus defeitos: isso é o menos que se pode dizer de mim; o que se não diria se soubessem tudo — ou então — Deus será quem uma vez me há de julgar.

3) Se sobrevier a nosso próximo algum sofrimento ou doença, se lhe suceder alguma desgraça ou doença, a caridade exige, nesse caso, que tenhamos compaixão dele, ao menos na parte superior da alma. Digo na parte superior da alma, pois, ouvindo que pessoas que nos são antipáticas foram atacadas por alguma desgraça, nossa natureza rebelde sente alguma complacência nisso. Se te sentires inclinado, na parte inferior da alma, a te alegrares com a desgraça de teu próximo, deixa então tua má inclinação gritar como um irracional e procura, na parte superior, compadecer-te de teu infeliz próximo.

Certamente é lícito alegrar-se do feliz resultado que se espera obter em consequência dos males temporais sucedidos a alguém. Por exemplo, se um pecador, que serve de escândalo a outros ou vive obstinado, fica doente, é lícito alegrar-se disso na esperança de que essa doença o levará a entrar em si e a converter-se ou, ao menos, a pôr fim a seus escândalos. Essa alegria, contudo, é sempre suspeita, se quem padece nos causou algum desgosto.

4) O amor do próximo exige também que nos alegremos com o bem-estar dos outros e nos abstenhamos cuidadosamente de alimentar em nós sentimentos de inveja. De quatro modos, diz o Doutor Angélico (II-II, q. 36, a. 2), pode nos desagradar o bem-estar do próximo. Primeiro, sua felicidade nos pode contristar, porque tememos que com isso nos sobrevenha um dano qualquer. Se o prejuízo que tememos é injusto, nosso temor não é inveja, nem pecado, segundo as palavras de S. Gregório: "Muitas vezes acontece que a desgraça de nosso inimigo nos causa alegria, sem que com isso faltemos ao amor do próximo, quando, por exemplo, seu infortúnio é motivo de outros ficarem livres da miséria. Também pode acontecer que o bem-estar de nosso inimigo nos aflija sem, com isso, nos tornarmos culpados de inveja; por exemplo, quando tememos que abuse de seu bem-estar para injusta opressão dos outros" (Moral. l. 22, c. 11).

Em segundo lugar, o bem do próximo pode nos contristar, não porque o próximo goza dele, mas porque nós não o possuímos. Este desgosto não é inveja; é mesmo uma virtude, quando se trata de bens espirituais.

Em terceiro lugar, o bem-estar do próximo nos entristece porque julgamos que ele não o merece. Este descontentamento é igual-

mente permitido se temos motivos de temer que o lucro, as dignidades, as riquezas que nosso próximo possui possam prejudicar a sua alma.

Em quarto lugar, o bem-estar do próximo pode nos desagradar, porque nós, por sentimentos malévolos, não o toleramos e, por isso, consideramos o seu proveito como nosso dano, no que consiste propriamente a inveja, contra a qual nos devemos precaver.

O Sábio diz que os invejosos imitam o demônio, que concitou Adão ao pecado porque lhe invejava o céu, do qual fora expulso. "Pela inveja do demônio entrou a morte neste mundo e os que são de seu partido imitam a ele" (Sab 2, 24). A caridade, pelo contrário, faz que nos alegremos pelo bem-estar do próximo, como se fosse o nosso próprio, e que consideramos a desgraça alheia como própria.

§ III. Da prática da caridade em palavras

1) Quanto à prática da caridade no falar, deves, antes de tudo, evitar toda a espécie de detração. Quem tem esse mau costume, desfigura sua própria alma, como diz o Espírito Santo (Ecli 21, 31), e será odiado por todos. E se, às vezes, encontra alguns que o aprovam e animam a falar mal do próximo para seu contentamento ,estes mesmos se afastam logo dele e o evitam, já que, com toda a razão, julgam que não os poupará também em conversas com terceiros. S. Jerônimo nota que muitos que deixaram todos os outros vícios não podem abster-se de falar do próximo. Mesmo entre os que se obrigaram a tender à perfeição, alguns há que não podem mover a língua sem ofender os outros e falar de alguém a não ser mal. Estes faladores sem caridade deveriam ser expulsos de todas as comunidades ou, ao menos, viver presos a vida inteira, pois só servem para impedir o recolhimento, a devoção e a paz dos outros. Permita Deus que não findem sua vida como aquele difamador, que, no leito da morte, num ímpeto de cólera, cortou a sua própria língua e assim expirou. S. Bernardo fala de um outro, cuja língua inchou instantâneamente, quando pretendia detrair S. Malaquias, e foi devorada por vermes, morrendo ele depois de sete dias de atrozes sofrimentos.

Sumamente estimada por Deus e pelos homens é, pelo contrário, uma pessoa que só fala bem de todos. S. Maria Madalena de Pazzi diz que consideraria como um santo todo aquele que, durante sua vida, não tivesse falado mal de seu próximo. Evita cuidadosamente falar mal de alguém, em particular de teus parentes, teus superiores, teu confessor, etc., pois quando alguém toca na honra dos superiores, torna-se culpado da falta de amor à obediência por parte dos súditos.

Tornamo-nos culpados de difamação não só quando revelamos faltas ocultas do próximo, mas também quando interpretamos mal suas obras ou lhe atribuímos uma má intenção; quando contestamos suas boas ações ou lhe negamos o louvor merecido. De que não é capaz uma língua difamante, para tornar crível o mal que afirma do próximo! Ela começa com louvor e acaba com censura, dizendo, por exemplo: fulano possui muitos dotes, mas é muito soberbo; sicrano é muito liberal, mas vingativo, e assim por diante.

Procura falar ùnicamente bem de teu próximo, alma cristã; fala de tal modo dos outros como desejarias que falassem de ti. Quanto

aos ausentes, segue o conselho de S. Madalena de Pazzi: De um ausente não se deve dizer coisas que não se diriam se estivesse presente. Ao ouvires alguém difamar o próximo, evita excitá-lo ainda mais, mostrando agrado nisso, pois assim te tornarias igualmente culpado de seu crime. A um tal deves repreender, cortar a conversa ou então abandoná-lo e não lhe dar resposta nem atenção. "Circunda teus ouvidos com espinhos e não ouças a uma língua má", diz o Espírito Santo (Ecli 28, 28). Pelo menos deves dar a conhecer, quer por teu silêncio ou semblante displicente, quer abaixando os olhos, que tal conversa te desagrada. Comporta-te de tal forma que, depois, ninguém mais ouse atacar, em tua presença, a boa reputação dos outros.

Guarda-te igualmente de relatar a teu próximo o que um outro disse dele, pois de tais mexericos originam-se, muitas vezes, rancores e discórdias que duram meses e anos. Rigorosas contas exigirá Deus das línguas que espalham intrigas. Quem ocasiona discórdia atrai sobre si a ira de Deus. "Seis são as coisas que o Senhor aborrece e sua alma detesta a sétima" (Sab 6, 16). Esta sétima coisa é a pessoa "que espalha a discórdia entre irmãos". Se alguém, no calor da paixão, diz algum mal de outrem, sofre-se com paciência. Mas como poderá Deus suportar aquele que, com sangue frio, semeia a discórdia e perturba a paz dos outros? Se ouvires alguém falar mal do próximo, faze o que te ensina o Espírito Santo: "Ouviste alguma palavra contra teu próximo? deixa-a morrer juntamente contigo" (Ecli 19, 10). Não deves dar-te por satisfeito guardando-a em teu coração, mas deves deixá-la morrer nele. Quem estiver preso em algum lugar, poderá ainda escapar; quem está morto, porém, não poderá jamais abandonar o sepulcro. Não devemos dar a conhecer nem sequer a mínima coisa do que ouvimos, pois, feita a menor alusão, ainda que seja por uma meia palavra ou aceno de cabeça, se poderá concluir das circunstâncias ou, pelo menos, suspeitar do que se trata. Há pessoas que, tendo ouvido algum segredo, parecem sofrer dores mortais por não poderem revelá-lo, como se esse segredo fosse um espinho que lhes traspassa o coração e que deve ser arrancado o mais depressa possível. Não procede assim; quando ouvires que teu próximo cometeu uma falta, cala-te a esse respeito e só a poderás revelar quando isso for necessário para o bem alheio ou do culpado.

3) Na conversa deves também abster-te de palavras ofensivas, mesmo que só sejam ditas por pilhéria, pois gracejos que desagradam ao próximo são contrários à caridade cristã e opõem-se às palavras de Cristo: "Tudo o que quereis que vos façam os homens, fazei-o também a eles" (Mt 7, 12). Sentir-te-ias satisfeito se outros zombassem e escarnecessem de ti? Certamente não: por isso evita proceder assim com teu próximo. Procura evitar, igualmente, tanto quanto possível, todas as contendas. Por causa de uma ninharia muitas vezes originam-se altercações que se transformam em rixas e agravos. Pessoas há que possuem um tal espírito de contradição, que, sem necessidade nem proveito algum, mas só para discordar, duvidam de coisas por completo insignificantes, impugnam afirmações, propõem toda sorte de perguntas capciosas, ofendendo assim a caridade.

"Não contendas por causa de uma coisa que te não diz respeito", nos aconselha o Sábio (Ecli 11, 9). Mas eu tenho razão — dizes — eu não posso ouvir tais disparates. Ouve o que te responde o Cardeal Belarmino: "Melhor é uma meia onça de amor do próximo que umas cem carradas de razões".

Se se conversa sobre algum assunto e desejas tomar parte na palestra, podes dar o teu parecer particularmente, se a coisa não é de grande monta; mas, feito isso, deves te conservar tranquilo e não defender teimosamente tua opinião: muito melhor é ceder então e contentar-te com o que afirmam os outros. Consegue-se uma brilhante vitória quando se cede em tais contendas, visto que então se dá um passo adiante na virtude e conserva-se a paz, que vale mais que ter razão.

4) Se a caridade do próximo te é cara, esforça-te por tratar afável e carinhosamente a todos os homens. A mansidão é chamada a virtude do Cordeiro, isto é, a virtude mais amada de Jesus Cristo, que, exatamente por sua causa, quis ser chamado cordeiro. Mostra-te, por isso, afável em tuas palavras e comportamento, não só para com teus superiores, como também para com todas as pessoas.

Empenha-te em praticar a mansidão particularmente com aqueles que antes te ofenderam ou que agora te olham com maus olhos ou fazem causa comum com teus inimigos. Sê afável também com os que não simpatizas, quer porque não são corteses para contigo, quer porque não se mostram gratos aos benefícios de ti recebidos. "A caridade é paciente e suporta tudo" (1 Cor 13, 4). Quem não quer suportar os defeitos de seu próximo, não tem a verdadeira caridade. Neste mundo não há pessoa sem defeitos, por mais perfeita que seja. Não tens defeitos também? e exiges que os outros te tratem carinhosamente e tenham paciência contigo. Deves, pois, também mostrar-te carinhoso para com teu próximo e suportar suas imperfeições, segundo o conselho do Apóstolo: "Levai as cargas uns aos outros" (Gál 6, 2). Quão pacientemente não suporta uma mãe as manchas de seus filhos! E por quê? Porque os ama. Se suportares pacientemente os defeitos do próximo, darás a conhecer que o amas com amor sobrenatural, que deve ser mais forte que o natural. Com que amor não suportou nosso divino Salvador os defeitos e as imperfeições de seus discípulos, durante o tempo que com eles conviveu! Com que amor não suportou a Judas, chegando até a lavar-lhe os pés para mover-lhe o coração.

Por que nos referimos, porém, aos outros? Com que paciência não nos tem o Senhor tratado. E não havemos de querer ter paciência com os outros? O médico odeia a doença, mas ama o doente. Assim também deves detestar os defeitos do próximo, mas ter amor à pessoa que os cometeu. — Que devo fazer? perguntar-me-á alguém; sinto tão grande antipatia a tal pessoa que não posso vencê-la. Respondo: Emprega todos os esforços para praticar as virtudes todas em geral e a caridade em particular, que essa antipatia desaparecerá por si mesma. Demais, não deixes de observar as regras seguintes:

Se te sentires arrastado à ira, procura te conter quanto estiver em tuas forças. Guarda-te de palavras inconvenientes e ainda mais

de um trato desdenhoso e soberbo, que desagrada, muitas vezes, mais que palavras ofensivas. Se fores atingido por uma palavra desprezível, suporta-a por amor de Jesus Cristo, que por amor de ti sofreu desprezos muitíssimo maiores. Ah! como é triste ver pessoas que fazem todos os dias meditação, comungam amiudadas vezes, mostrarem-se tão suscetíveis ao ouvirem a mais leve palavra de desacato e serem alvo da menor inadvertência. A Irmã Maria da Ascensão, quando recebia uma ofensa, dirigia-se incontinenti à presença do SS. Sacramento e dizia-lhe: O' meu divino Esposo, ofereço-vos este pequeno presente e suplico-vos que o aceiteis benignamente, perdoando a quem me ofendeu. Por que não fazes o mesmo? Para conservar-se a caridade, se deve suportar tudo.

Se alguém te dirige a palavra encolerizado ou te agrava e vitupera, responde-lhe com humildade e verás como se alcamará imediatamente. "Uma resposta branda quebra a ira" (Prov 15, 1). S. João Crisóstomo diz que, como o fogo não pode ser extinto pelo fogo, assim a ira não pode ser acalmada pela ira. Se alguém fala contigo irado, e da mesma forma lhe responderes, como poderá tranquilizar-se? Só o excitarás mais à ira e, ao mesmo tempo, faltarás com a caridade.

Narra Sofrônio que dois monges, que haviam empreendido uma viagem, perderam-se numa mata e vieram a sair num campo semeado. Aq vê-los, o campônio que fiscalizava o tal campo começou a cobri-los de injúrias. A princípio calaram-se, mas vendo que o homem enfurecia-se cada vez mais, disseram-lhe: Irmão, nós erramos perdoai-nos por amor de Jesus. Esta humilde resposta comoveu ao camponês, que não só lhes pediu perdão da ofensa, como também fez o propósito de abandonar o mundo e fazer-se religioso, vivendo com eles.

Parecer-te-á, algumas vezes, razoável e mesmo necessário, repelir em termos ásperos a impudência de certas pessoas, em especial se forem teus súditos e faltarem com o devido respeito. Acautela-te contra o engano, toma cuidado para que, nesse caso, a razão te conduza e não a paixão. Não nego que, às vezes, é lícito irar-se, contanto que não ocorra nenhuma falta, segundo as palavras do Salmista: "Irai-vos e não queirais pecar" (Sl 4, 5). A dificuldade está, porém, justamente nessa condição. Quem se entrega à ira, assemelha-se a um homem que monta um cavalo indômito, que não obedece ao freio: não sabe para onde o arrastará o animal. Por isso diz mui acertadamente S. Francisco de Sales que sempre se deve reprimir a ira, por mais justa que se seja, e ajunta: "E' melhor que se diga de ti que nunca te zangas, do que afirmar que te encolerizas com razão". Segundo S. Agostinho, só com grande esforço se poderá expelir do coração a ira, depois de se ter deixado entrada franca, e por isso diz ele que se lhe deve fechar a porta para que não entre. Um filósofo antigo, chamado Agripino, ao perder todos os seus haveres, exclamou com todo o sossego: Se perdi meus bens, não quero por isso perder também a paz de meu coração. E' o que deves igualmente pensar ao sofrer uma humilhação; já tiveste de suportar a confusão, cuida agora em não perderes o sossego d'alma pela ira. Se te irritares, te prejudi-

carás mais do que o foste pela injúria recebida e, por isso, diz S. Agostinho que quem se deixa dominar pela cólera por causa de uma ofensa recebida, castiga-se a si mesmo.

Disse que deves responder com mansidão quando alguém te ofender ou na ira te dirige a palavra; ajunto que, se te sentires irado, em tal caso farás melhor não respondendo nada, pois poderá acontecer fàcilmente que, no ardor da paixão, julgues justo e razoável o que pretendes responder e, depois de passada a irritação, tenhas de confessar que foi muito inconveniente e desarrazoado o que disseste. "A vista turvada pela ira, diz S. Bernardo, não vê mais o que é justo ou injusto". A paixão é como um véu espesso, que não nos deixa mais distinguir o direito do falso. Se quem te ofendeu entrar em si e te pedir perdão, não o trates brusca e sombriamente, com os olhos no chão ou no ar, pois, dessa maneira, pecarias sèriamente contra a caridade e poderias arrastar o teu próximo ao perigo de conceber um grande ódio contra ti e darias um grave escândalo.

Se ofendeste a teu próximo, deves empregar todos os meios possíveis para aplacá-lo imediatamente e expelir de seu coração todo o rancor contra ti. Não há meio mais próprio para reparar as faltas cometidas contra a caridade que se humilhar, diz S. Bernardo. Faze isso e esforça-te para venceres o mais depressa possível a tua repugnância interna, pois, quanto mais protraíres tanto mais difícil se te tornará e, finalmente, tudo ficará sem resultado. Sabes o que disse Jesus: "Se estás fazendo a tua oferta junto ao altar, isto é, se queres comungar ou ouvir a Santa Missa, e aí te recordas que teu irmão tem contra ti alguma coisa, deixa aí, diante do altar, a tua oferta e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois virás fazer a tua oferenda" (1 Jo 3, 18). Uma tal humilhação poderia, contudo, ser inconveniente, algumas vezes, quando se previsse, por exemplo, que ela ocasionaria ao ofendido uma nova irritação. Em tal caso deve-se esperar uma ocasião mais apropriada ou fazer a reconciliação por meio de outras pessoas e, entrementes, se esmerar em patentear especial atenção e respeito para com aquele que se deseja aplacar.

§ IV. Prática da caridade em obras

Quanto ao amor do próximo nas nossas obras, devemos estar sempre prontos a auxiliar o próximo em todas as suas necessidades. Muitos cristãos asseveram que amam a seu próximo, mas nada fazem por ele. A estes diz S. João: "Meus filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas em obras e em verdade" (1 Jo 3, 18). O amor do próximo não se contenta com palavras, mas exige também obras.

A. *Do amor aos parentes.* — Deves praticar a caridade efetiva para com todos os homens, mas em particular para com os membros de tua família. Se morasses num deserto, a caridade do próximo te seria menos necessária; bastaria, para tua santificação, que te desses à oração e à penitência; vivendo na família, porém, te sobrecarregarás de muitas faltas e te condenarás talvez se não praticares a caridade. Se um navio se acha no mar durante uma forte tempestade, os viajantes só pensam em se auxiliarem uns aos outros e assim escaparem ao naufrágio. Da mesma forma Deus Nosso Senhor colocou-

te e a teus pais e parentes em um navio, no qual vos deveis ajudar mùtuamente para escapardes do naufrágio da morte eterna e atingirdes o porto da salvação, o céu, isto é, aquele lugar feliz, onde haveis de cantar eternamente, uns com os outros, os louvores de Deus.

1) Se és pai ou mãe, pensa então continuamente em teus deveres para com os filhos que Deus te concedeu. E' certo que o bom ou mau comportamento dos filhos procede regularmente da boa ou má educação recebida de seus pais. Deus instituiu o matrimônio para que os filhos o sirvam sob a direção de seus pais e, deste modo, se salvem. Sem esta disposição de Deus ficariam os filhos entregues a si mesmos, e não teriam ninguém que os recordasse de seus deveres, os repreendesse de seus defeitos, os castigasse quando não se quisessem emendar. A experiência ensina que pais virtuosos educam filhos virtuosos. S. Catarina da Suécia teve por mãe a S. Brígida. S. Luís, rei de França, teve por mãe a grande serva de Deus, a rainha Branca. Esta piedosa mãe repetia muitas vezes a seu filho: O' meu filho, preferiria ver-te morto a cometeres um pecado mortal. Uma outra mãe que conheci, fazia também tudo o que estava em seu poder para que seus filhos vivessem santamente, e costumava dizer: Não quero ser mãe de filhos condenados.

Infelizmente, porém, existem pais que parecem não ligar a mínima importância à educação de seus filhos; que sejam bons ou maus, que se salvem ou condenem. Muitos receiam contristar a seus filhos com suas repreensões ou castigos e tornam-se, com isso, culpados de sua perdição eterna.

Esses pais são verdadeiros bárbaros. Não seria bárbaro um pai que, podendo salvar da morte um seu filho que caiu num rio, deixasse de o fazer para não causar-lhe uma pequena dor momentânea ao arrastá-lo pelos cabelos? Pois é uma crueldade muito maior deixar de corrigir ou castigar um filho culpado, para não lhe causar um aborrecimento. Não seria talvez cruel um pai que desse a seu filho uma faca afiada, pondo-o assim em perigo de ferir-se gravemente? Muito mais cruéis são, porém, os pais que dão dinheiro a seus filhos para que o empreguem a seu bel-prazer ou que eles permitem frequentar maus companheiros ou casas suspeitas.

Antes de tudo devem os pais empenhar-se em afastar seus filhos das más ocasiões do pecado, pois estas são as fontes de todos os males.

Quando não bastam as boas palavras e admoestações, deve-se empregar o castigo. Não se deve esperar até que os filhos se tornem grandes, pois, tendo chegado a uma certa idade, tornar-se-á quase impossível corrigi-los. "Quem poupa a vara, aborrece seu filho; mas quem o ama, corrige-o continuamente" (Prov 13, 24). E' odiar não castigar quando necessário. Deus castigará com todo o rigor os pais que não castigarem seus filhos. Porque o sumo sacerdote Heli deixou de castigar seus filhos, que procediam mal, enviou-lhe o Senhor a morte no mesmo dia em que seus filhos pereciam na batalha, como nos conta a Escritura.

Contudo, deve-se castigar os filhos com medida e não com ira, como costumam fazer muitos pais. Faltando a moderação, os pais não conseguirão seus fins e só induzirão seus filhos a maiores fal-

tas. Primeiramente se deve admoestar, então ameaçar, e, finalmente, castigar, mas como pai, com amor e sem imprecações. Muitas vezes bastará prender em um quarto o filho culpado, negar-lhe alguma coisa nas refeições, proibir-lhe certos brinquedos ou roupas que mais lhe agradam, etc. Se for necessário um castigo corporal, use-se uma vara e não de um pau. Tome-se como regra nunca pôr as mãos num filho enquanto dura a ira ou cólera; espere-se até que se tenha aquietado por completo.

E' obrigação dos pais vigiar também seus filhos; devem sempre saber onde se acham e com quem andam os filhos. De forma alguma, pois, se poderá desculpar aquelas mães que, para verem suas filhas em breve casadas, consentem que sejam visitadas a toda hora por seus namorados que pouco se importam que vivam em estado de pecado ou de graça de Deus. Estas são aquelas mães de que fala David, que sacrificam suas filhas ao demônio por proveitos materiais. "E imolaram ao demônio seus filhos e suas filhas" (Sl 105, 37). Algumas mães introduzem pessoalmente rapazes em suas casas, para que se entretenham com suas filhas e, finalmente, emaranhados nas redes do pecado, vêem-se obrigados a contrair casamento com elas. Essas mães infelizes não vêem que assim se acorrentam ao inferno com outras tantas cadeias quantos são os pecados cometidos nessas ocasiões. E dizem ainda: Não acontece nenhum mal, como se fosse possível não se queimar uma palha lançada no fogo.

Os pais estão igualmente obrigados a dar bom exemplo a seus filhos. Estes, principalmente quando pequenos, imitam tudo o que vêem, com a agravante de seguirem mais fàcilmente o mal, ao qual nos sentimos inclinados por natureza, que o bem, que contraria nossas inclinações perversas. Como poderão os filhos comportar-se irrepreensìvelmente, se ouvirem seus pais blasfemar a miúdo, falar mal do próximo, injuriá-lo e desejar-lhe mal, prometer vingar-se, conversar sobre coisas indecentes e defender máximas ímpias, como estas: Deus não é tão severo como dizem os Padres; ele é indulgente com certos pecados, etc.? O que se tornará a filha que ouve sua mãe dizer: E' preciso deixar-se ver no mundo e não se enclausurar como uma freira em casa? Que bem se pode esperar dos filhos que vêem seu pai o dia inteiro sentado na taberna e, depois, chegar bêbedo a casa, ou então visitar casas suspeitas, confessando-se uma só vez no ano ou só muito raramente? S. Tomás diz que tais pais, de certo modo, obrigam seus filhos a pecar. Este é um mal de que se origina a perdição de muitas almas, pois os filhos imitam o mau exemplo dos pais e dão, mais tarde, por sua vez, mau exemplo a seus filhos, e desta maneira pais, netos e gerações inteiras perdem-se miseràvelmente.

Muitas vezes queixam-se os pais que seus filhos são maus, mas como se poderá colher uvas de espinhos? pergunta o divino Salvador. Como poderão os filhos ser bons, se os pais não prestam? Só por milagre.

Um pai de família que quiser bem governar a sua família deverá, antes de tudo, cuidar em afastar o mal de sua casa e em promover o bem. Quanto ao primeiro ponto, atenda ao seguinte: 1) Impeça que seus filhos convivam com maus companheiros ou criados cor-

ruptos, ou que se empreguem em casas de pessoas que não tenham boa fama; 2) Afaste de sua casa todos os criados ou criadas que possam ser ocasião de pecados para seus filhos ou filhas. Um bom pai evita ajustar criadas moças quando tem filhos púberes. 3) Não permita em sua casa nenhum livro que contenha coisas indecentes ou histórias amorosas: tais livros são uma peste para os jovens. Certo rapaz, objeto de admiração e veneração de uma cidade inteira, leu, por acaso, um livro imoral, e tornou-se tão depravado que, para evitar escândalo público, viu-se o magistrado forçado a desterrá-lo. Um outro jovem, que se esforçava em vão por vencer a virtude de uma moça, conseguiu o seu intento dando-lhe a ler um romance amoroso. — Maior seria ainda a desgraça, se um pai de família permitisse em sua casa livros que atacam a fé e impugnam a Santa Igreja; 4) Retire de sua casa todos os quadros inconvenientes e, particularmente, os indecentes; 5) Proíba severamente a seus filhos tomar parte em divertimentos que oferecem ocasião de pecado.

Quanto ao segundo ponto, observe o seguinte: 1) Cuide que todos os que lhe são sujeitos peçam a Deus, pela manhã, a graça de não cometerem pecado algum durante o dia e que rezem, nessa intenção, três Ave-Marias, pedindo a proteção da Virgem; 2) Cuide que seus filhos se aproximem, no tempo conveniente, dos santos sacramentos. Não os obrigue, contudo, a se confessarem e comungarem amiudadas vezes, nem lhes imponha a obrigação de se confessarem com determinado confessor, para se evitarem sacrilégios.

Para que se acostumem a cumprir com o que lhes é rigorosamente prescrito, é muito útil acostumá-los a exercícios de piedade, que não são pròpriamente de preceito, como a recitação cotidiana do terço e das ladainhas de Nossa Senhora, o exame de consciência, à noite, recitação dos atos de fé, esperança e caridade, visitar o SS. Sacramento, fazer novenas em preparação às festas de Nossa Senhora, praticar pequenas mortificações e privações, como deixar de comer frutas, doces, etc., nos sábados. Não deixe de mandar à igreja seus filhos, quando há pregações ou exposição do SS. Sacramento, retiros ou qualquer outra devoção.

O Espírito Santo diz: "Tens filhos? Instrui-os e dobra-os desde a sua meninice" (Ecle 7, 25). S. Luís, rei de França, costumava fazer o sinal da cruz antes de começar qualquer ação. "Isto me ensinou minha mãe, dizia ele, quando era ainda pequeno".

Oxalá que todos os pais incutissem bons costumes a seus filhos; infelizmente cuidam eles mais em procurar para os filhos bens temporais que espirituais e eternos, e, assim, perdem uns e outros. 3) Empenhe-se em inculcar a seus filhos máximas cristãs, por exemplo, a necessidade de fugir das más companhias e ocasiões perigosas, a conformidade com a vontade divina, o paciente sofrimento das adversidades da vida, a insignificância das riquezas e prazeres terrestres, etc. Ponha muitas vezes diante de seus olhos a desgraça imensa dos que vivem em pecado mortal e a importância do negócio de nossa salvação. Previna-os contra a vaidade do mundo, lembre-lhes a hora da morte, com a qual tudo se acaba, mostre-lhes a grande importância da devoção à SS. Virgem.

Impressas no espírito ou coração dos filhos estas verdades, começarão a agir conforme elas e acostumar-se-ão a regular cristãmente sua vida.

2) Os filhos, por sua parte, devem praticar a caridade, socorrendo de bom grado a seus pais em todas as suas necessidades, quer temporais, quer espirituais. Se os pais se acham gravemente enfermos, é dever dos filhos avisá-los de seu estado perigoso e cuidar que recebam a tempo os santos sacramentos. Se os pais necessitam de apoio em seu estado físico, é obrigação dos filhos prestar-lhes todos os auxílios necessários, segundo suas forças. "Meu filho, cuida de teu pai em sua velhice e... não o contristes em sua vida", diz-nos o Sábio (Ecli 3, 14). Nossos pais nos prestaram todos os cuidados quando éramos pequenos, e, portanto, nada mais justo que encarregarmo-nos de suas necessidades, agora que são velhos.

Um rasgo comovente de piedade filial conta-se de três irmãos, que viveram pelo ano de 1604, no Japão. Por não poderem levar à sua mãe, apesar de todos os esforços, os socorros necessários, tomaram uma resolução heróica. O imperador determinara que fosse altamente remunerado quem entregasse qualquer ladrão ao juiz. Os três irmãos combinaram entre si que um deles, designado pela sorte, cometesse um furto aparente, devendo ser conduzido como ladrão, pelos outros dois, à presença do rei, recebendo em seguida a quantia estipulada, que deveria ser entregue à mãe. A sorte caiu no mais novo, que foi, de fato, lançado na prisão para ser condenado à morte, castigo reservado aos ladrões. Notou-se, porém, que os acusadores, ao se despedirem do preso, abraçaram-no e choraram amargamente. Isso foi comunicado ao juiz, que deu ordem de não se perderem de vista os dois outros rapazes. Estes dirigira-se para casa e narraram à pobre mãe o que haviam feito para socorrê-la. Imagine-se o desespero da pobre mulher, que declarou preferir morrer de fome a permitir que seu filho sofresse a morte por sua causa. Entregai novamente o dinheiro e trazei-me meu filho, disse ela, em prantos. O juiz, inteirado de tudo, comunicou-o ao imperador, que, profundamente comovido, concedeu uma pensão anual aos três generosos rapazes. Assim pagou-lhes Deus a caridade que mostraram para com a mãe.

Sobre outras obrigações dos filhos, veja-se cap. VII § 3.

B. *Da caridade para com os pobres.* — Um dever importante que temos de preencher para com nosso próximo é dar-lhe esmola, caso seja pobre, e, principalmente, se pertence à classe dos pobres envergonhados, se estamos em estado de o fazer. O Salvador nos diz: "Dai esmola do que vos sobra" (Lc 11, 41). E' peciso, porém, distinguir: Se o pobre se acha em extrema necessidade, estamos obrigados a socorrê-lo com os bens que não são de absoluta necessidade para a sustentação de nossa vida; se não se encontra em tal estado de miséria, mas em grave necessidade, devemos socorrê-lo com os bens de que não precisamos para a manutenção conveniente da nossa posição.

Enorme será o nosso lucro se socorrermos os pobres. O arcanjo Rafael disse a Tobias: "A esmola livra da morte, purifica dos pecados e faz achar misericórdia e a vida eterna" (Tob 12, 9). A esmola salva da morte, isto é, da morte eterna, pois, quanto à temporal, to-

dos lhe estão sujeitos. Purifica dos pecados, porque nos obtém o auxílio divino, que nos lava de nossas manchas. Faz que alcancemos misericórdia e a vida eterna, porque a misericórdia que exercemos com nosso próximo dispõe o Senhor a usar também de misericórdia conosco e a nos receber no céu. "Quem se compadece do pobre, diz a Escritura, dá o seu dinheiro a juro ao Senhor, que lhe retribuirá o que lhe tiver emprestado" (Prov 19, 17). Se nada pudermos fazer por nosso próximo, empenhemo-nos então em recomendá-lo a Deus e rezar ao menos uma Ave-Maria por sua alma, o que é também uma esmola, pois, sob a palavra esmola, não se entende ùnicamente dinheiro e bens, mas todo o auxílio que se presta ao próximo. "O que, tendo riquezas deste mundo, vir seu irmão em necessidade, diz S. João (1 Jo 3, 17), e lhe fechar as suas entranhas, como poderá permanecer nele a caridade?" E Jesus diz: "Com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós" (Mt 7, 2). Por isso ensina S. João Crisóstomo (Hom. 33 ad pop. Antioch.) que o dar esmolas é uma arte por meio da qual muito se ganha de Deus, e S. Maria Madalena de Pazzi dizia que se sentia muito mais feliz quando podia socorrer ao próximo que quando era elevada em êxtases. "Achando-me em êxtases, Deus é que me ajuda; socorrendo, porém, ao pobre, sou eu que ajudo a Deus", dizia ela. E, realmente, declarou o divino Salvador que prestamos a ele mesmo o bem que fazemos ao próximo. Quando prestares, porém, um serviço a teu próximo, não deves contar com alguma recompensa, com algum agradecimento, antes alegra-te se, por ele, receberes só injúrias e exprobrações, pois então dupla será a tua recompensa da parte de Deus.

C. *Da caridade para com os inimigos.* — De modo especial te recomendo o exercício da caridade para com aqueles de que não gostas. Muitos dizem: Sou bom para os que se mostram bons para comigo; mas não posso sofrer ingratidões. A estes responde o divino Salvador, que também os infiéis são gratos para com os que lhes fazem bem. Um cristão, porém, deve desejar e praticar o bem àqueles que odeiam e lhes fazem mal. "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam" (Mt 5, 44).

Triste é ver um cristão, que faz todos os dias, talvez, oração mental e comunga a miúdo, nutrir ódio em seu coração contra seu próximo, não se envergonhando sequer de patenteá-lo externamente. Quando se fala de quem ele não pode ver, procura desprestigiá-lo tanto quanto pode; não o saúda, quando se encontra com ele, volta-lhe as costas quando o outro lhe dirige a palavra. Com que vistas contemplará o Cordeiro de Deus a um homem tão hostil?

O infeliz que tolera ódio em seu coração terá de sofrer um duplo inferno; um neste mundo, tendo de viver com homens cuja vista não pode suportar, e outro na eternidade, em pena de seu ódio... Mas esse homem é por demais impudente, é impossível suportá-lo! Respondo: Exatamente nisso consiste o amor do próximo, suportar o que parece intolerável. Aquele homem te desprestigia, frustra teus planos, rouba talvez teu bom nome! Pois bem: faze como se nada soubesses; esforça-te em não lhe mostrar a mínima indiferença; conver-

sa amigàvelmente com ele em toda a ocasião; e, se ele se mostrar frio, previne-o, cumprimenta-o primeiro e procura ganhá-lo pela mansidão. Muito longe de te rebaixares com tal proceder, te elevas, porque o fazes por motivo sobrenatural e para agradar a Deus.

Se alguém te causa, de fato, algum prejuízo, vinga-te, mas à moda dos santos. Em que consiste essa vingança? S. Paulino no-la define: "Uma vingança celeste é amar a seu inimigo" (Ep. ad Server.). Consiste, pois, em amar, louvar e cumular de benefícios a quem te fez mal. S. Catarina de Sena vingou-se de uma mulher, que tinha atacado a sua honra, prestando-lhe os serviços de uma criada, durante uma longa enfermidade que a acometeu. S. Acácio vendeu seus bens para sustentar quem o havia privado de sua boa reputação. S. Ambrósio concedeu a um sicário, que atentara contra sua vida, uma pensão, com a qual podia cômodamente viver. O governador da Úmbria, Venustiano, que era um perseguidor da Igreja, mandou cortar as mãos de S. Sabino, Bispo de Spoleto, por ter destruído um ídolo, em vez de adorá-lo, conforme era sua vontade. Pois bem; aconteceu que esse tirano, atacado por agudas dores de olhos, implorou o auxílio do santo, levado pela necessidade. S. Sabino orou por ele, e não só lhe alcançou a saúde do corpo, como também a da alma, por sua conversão. S. Crisóstomo nos refere o seguinte: S. Melécio, patriarca de Antioquia, vendo que o povo queria apedrejar o tribuno que o devia conduzir ao desterro, estendeu seus braços sobre ele, que estava assentado a seu lado no carro, e livrou-o de uma morte certa. O Pe. Ségneri narra um fato ainda mais notável: Um dia foi assassinado o filho único de uma nobre senhora de Bolonha. O assassino, para fugir às mãos da justiça, fugiu para a casa da mãe do assassinado. Que fez esta? Não só o subtraiu às pesquisas da polícia, mas também o constituiu herdeiro de seus bens, em lugar do filho que já não possuía, e disse-lhe: Entretanto, toma este dinheiro e salva-te em qualquer parte, porque aqui não estás seguro. Diante de tais fatos, dirá alguém: Ora, esses todos eram santos, e eu não possuo tal virtude. Ouve, porém, o que te diz S. Ambrósio: "Se te falta força, pede-a a Deus, e ele ta concederá".

Quando se perdoam as ofensas sofridas, pode-se ficar certo de encontrar perdão junto de Deus, pois que ele disse: "Perdoai e sereis-á perdoado" (Lc 6, 27). A Beata Batista Varani, da Ordem franciscana, dizia: "Se eu ressuscitasse mortos, estaria menos certa de ser amada por Deus do que estando pronta a fazer bem àqueles que me fazem mal". Nosso Senhor mesmo disse uma vez à Beata Ângela de Foligno: "O sinal mais certo de amor mútuo entre mim e meus servos é amarem os que os ofenderam".

Se, pois, nada podes fazer, ora ao menos por aqueles que te perseguem e caluniam, segundo a recomendação do Salvador. A Beata Joana da Cruz rezava continuamente por aqueles que a tinham ofendido, de tal forma que as suas irmãs de hábito costumavam dizer: Quem quiser que Madre Joana reze por ele, basta fazer-lhe uma ofensa. S. Isabel da Hungria, quando rezava, um dia, por uma pessoa que a tinha ofendido, ouviu Nosso Senhor dizer-lhe: "Fica sabendo que nunca fizeste uma oração que mais me agradasse do que essa e,

por isso, perdoo-te todos os teus pecados". Segue o exemplo desta santa e conquistarás o amor e o perdão de teu divino Esposo.

D. *Da caridade para com os pecadores.* — As provas mais excelentes de amor são as que têm por fim o bem espiritual do próximo. Na mesma proporção de superioridade que está a alma ao corpo estão também os benefícios que visam a alma aos que se referem ao corpo, sendo, portanto, aqueles mais agradáveis a Deus. "Aos olhos de Deus tem uma alma maior valor que o mundo inteiro", diz S. Bernardo. Poderá então haver uma coisa mais sublime que trabalhar com Jesus Cristo na salvação das almas? Talvez digas: Eu não estou incumbido da cura das almas e deixo esse trabalho aos sacerdotes. S. Agostinho responde-te: "Se amas em verdade a Deus, empregarás, certamente, todos os meios para ganhares teu próximo para o amor de Deus; quem converte um pecador, não só o salva, como também a si mesmo". E noutra parte, diz o mesmo Santo: Se salvaste uma alma, predestinaste a tua própria".

Depois de Jônatas ter livrado os judeus, com grande perigo próprio, das mãos dos filisteus, foi condenado à morte por seu pai, porque, contra sua proibição, gastara um pouco de mel. O povo, porém, disse a Saul: "Pois então há de morrer Jônatas, que trouxe a salvação a Israel, e que nos livrou da morte?" (1 Rs 14, 45). E alcançaram-lhe o perdão. Todo o que conseguiu, por seus esforços, salvar uma alma, poderá esperar coisa semelhante na hora da morte. As almas salvas dirão a Jesus: "Quereis talvez lançar no inferno, Senhor, aquele que nos livrou dele?" E como Saul, em atenção à súplica do povo, suspendeu a pena de morte em favor de Jônatas, também o Senhor nos concederá seu perdão em razão das súplicas dessas almas salvas por nós. Os que trabalham na salvação das almas ouvirão, na hora da morte, o próprio Deus anunciar-lhes o descanso eterno: "De hoje em diante, que descansem de seus trabalhos, pois suas obras os seguirão" (Apoc 14, 13).

Que consolação e confiança não experimentaremos na hora da nossa morte, pensando que ganhamos uma alma para Deus. Como é doce o descanso depois do trabalho, será doce a morte para quem trabalhou para Deus. Quanto mais contribuiu um pecador por palavras e exemplos a arrancar as almas da escravidão do pecado, tanto mais depressa alcançará o perdão de seus próprios pecados, diz S. Gregório.

Quem é tão feliz de trabalhar na conversão dos pecadores, pode regozijar-se de ter um indício seguro de sua própria predestinação e de que seu nome está assinado no livro da vida. E' o que deu a entender o Apóstolo, escrevendo aos que o coadjuvaram na conversão dos pecadores: "Rogo-te também, fiel companheiro, que ajudes àquelas pessoas que comigo trabalham no evangelho... cujos nomes estão no livro da vida" (Filip 4, 3).

S. Paulo colocava uma confiança especial nos que convertera para Deus; estava inteiramente convencido que lhe trariam uma grande recompensa no céu: "Pois qual é a nossa esperança, ou nosso gozo, ou coroa de glória? não sois vós, porventura, vós, ante Nosso Senhor Jesus Cristo, na sua vinda?" (1 Tess 2, 19). S. Gregório diz que se

adquirem tantas coroas quantas as almas que se ganham para Deus. No Cântico dos Cânticos se diz: "Vem do Líbano, esposa minha... serás coroada... das cavernas dos leões, dos montes dos leopardos" (Cânt 4, 8). Esta promessa sublime se refere aos que se dedicam à conversão dos pecadores, pois as almas que, antes, se assemelhavam a animais ferozes e a monstros infernais, depois de sua conversão tornam-se agradáveis a Deus e, uma vez no céu, serão outras tantas pérolas que ornarão a coroa daqueles que as colocaram na vereda da virtude.

Doutro lado, quem vê seu próximo lançar-se no precipício, diz S. Agostinho, irando-se, ou injuriando a seu irmão, e deixa de o repreender, merece maior castigo por seu silêncio que o outro por sua injúria. Não te desculpes com tua incapacidade em corrigir defeitos alheios, já que para isso não se requer tanta sabedoria como caridade, diz S. Crisóstomo. Corrige a teu próximo em tempo oportuno, com caridade e mansidão, e conseguirás o teu intento.

Se fores superior, é teu dever repreender; a caridade, porém, já exige que o faças todas as vezes que puderes esperar um feliz resultado.

Não seria cruel o que visse um pobre cego dirigir-se para um abismo e não o avisasse do perigo iminente de morte em que se acha? Muito mais cruel ainda é quem, podendo preservar seu irmão da morte eterna, deixa de o fazer. Se puderes, com fundamento, prever que tua admoestação não dará resultado, procura alguém que possa curar o mal, participando-lhe em segredo o que sabes. Não digas, porém: Isso não é comigo. Nisso não me intrometo. Foi essa a resposta de Caim: "Sou eu, talvez, o guarda de meu irmão?" cada um, podendo, está obrigado a preservar seu próximo da perdição eterna.

Quando se trata de auxiliar o próximo, em particular nas necessidades espirituais, é mui conforme à vontade de Deus, quando necessário, se deixarmos a própria oração, diz S. Filipe Néri. Querendo, uma vez, S. Gertrudes fazer oração em vez dum ato de caridade que devia praticar, disse-lhe o Senhor: Dize-me, Gertrudes, o que mais preferes: desejas que eu te sirva ou queres servir-me? Se quiserdes chegar até Deus, esforçai-vos para não chegar sòzinhos", diz S. Gregório (Hom. 6 in Evang.). E S. Agostinho diz semelhantemente (Enar. 2 in ps. 33) "Se amais a Deus, atraí todos os homens a seu amor" Se, pois, amas ao Senhor, empenha-te em arrastar a seu amor todos os homens com quem convives, teus parentes, conhecidos e amigos.

Uma alma devota pode santificar muitas almas por suas conversas e bom exemplo, podendo também, sem escrúpulos, fazer seus exercícios de piedade com a intenção de excitar os outros a imitá-la. Isso não é orgulho ou vã glória, pois as obras, que não têm o cunho de esquisitas, mas são comumente praticadas por todos que aspiram à perfeição, devem ser feitas com a intenção de edificar os outros e movê-los a um amor sincero para com Nosso Senhor. "Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus", diz Jesus Cristo (Mt 5, 16).

Quem, por conseguinte, se mostra piedoso, mortificado, amante da oração, comunga muitas vezes para dar bom exemplo, não pratica atos de vaidade, mas de caridade, muito agradáveis a Deus.

Procura tornar-te útil a todos, tanto quanto te for possível, por palavras, obras e, especialmente, orações. O divino Salvador prometeu ouvir a todo que orar: "Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-la dará" (Jo 16, 29). Muitos teólogos, que se apóiam na autoridade de S. Basílio, afirmam que essa promessa vale não só para os que pedem, como também para aqueles por quem se pede, contanto que estes não ponham obstáculos à súplica. Nunca deixes, pois, de recomendar a Deus, em tuas orações, na ação de graças depois da comunhão e na visita ao SS. Sacramento, os pobres pecadores, os infiéis, os hereges e todos os que vivem longe de Deus. Imensamente grata a Deus é a oração feita pelos pecadores. Nosso Senhor mesmo disse um dia a soror Serafina de Capri: "Ajuda-me, minha filha, a salvar as almas por meio da oração". E a S. Maria Madalena de Pazzi: "Vê, Madalena, quantos cristãos se encontram nas mãos do demônio; se meus eleitos não os libertarem por suas orações, tornar-se-ão sua presa para todo o sempre".

E. *Da caridade para com os doentes.* — Devemos tomar bem a peito que é muito mais meritório tratar dos enfermos que servir aos sãos, por necessitarem aqueles muito mais de assistência e se acharem muitas vezes abandonados de todos e atormentados, além disso, por dores, inquietações e tédio. Não há, pois, dúvida que é uma obra muito agradável a Deus procurar consolá-los e socorrê-los em tal estado de aflição. E também por haver mais ocasiões de se padecer no tratamento dos doentes é esta obra mais meritória; não é pequena mortificação suportar o ar impuro, o desalinho de seus quartos e suas mesmas enfermidades.

Se tiveres, pois, de tratar de algum doente, terás, de fato, um encargo bem incômodo, mas tens uma ocasião de abundantíssimos merecimentos. Para isso deves ver em cada doente o próprio Jesus, que declarou aceitar como feito a si mesmo tudo o que se fizer pelos enfermos. "Estive doente e me visitastes" (Mt 25, 36). Deves, contudo, estar provido de muitas virtudes.

Em primeiro lugar, precisas de grande caridade, para tratares o enfermo o melhor que puderes. Não te inquietes se não puderes, às vezes, ouvir o sermão, assistir à Missa, ou fazer as orações de costume; alcançarás maiores merecimentos tratando de teu irmão enfermo que fazendo as tuas devoções. Compadece-te dele e procura-lhe todos os alívios corporais possíveis; se não puderes dar-lhe o que deseja, por nocivo, consola-o ao menos com boas palavras. Traze-lhe à memória, de vez em quando, um pensamento salutar, recorda-lhe a paixão de Jesus Cristo, recita-lhe alguma coisa de um livro devoto, se isso lhe apraz. Não te esqueças também de ministrar-lhe os remédios nas horas marcadas.

Em segundo lugar, deves ter uma grande humildade para cuidar de todos os doentes, mesmo dos mais miseráveis. Não reputes

como indigno de ti auxiliá-lo em todas as suas necessidades. Essas são as ações mais dignas de um cristão.

Em terceiro lugar, deves ter muita paciência para tratá-lo durante o tempo de sua doença, ainda que seja longa.

Em quarto lugar, deves ter uma grande mansidão para suportar os caprichos de certos doentes que, em vez de agradecerem, queixam-se sempre de todos os serviços que se lhes prestam, e, por assim dizer, não podem contentar-se com nada. Deves te compadecer deles, pensando no quanto devem sofrer.

Repele o pensamento de que tal pessoa não está tão doente como parece, e nunca ouses lançar-lhe em rosto que sua doença é ùnicamente fantasia. Também não deves esconder ao doente a gravidade do mal, se realmente existe, mas mesmo avisá-lo, dizendo: Amigo, não é caso para desesperar, mas devo-lhe dizer com franqueza que sua doença é mui perigosa e que Nosso Senhor parece querê-lo junto de si. Mandarei chamar o confessor. Os sacramentos não só servem para a alma, como também para o corpo. Prezarei que recupere a saúde; mas, em todo o caso, deve-se entregar à vontade de Deus.

Não receies fazer ao doente esta comunicação, mesmo que isso o contriste, pois nunca se deve esperar até desaparecer toda a esperança, como infelizmente acontece tantas vezes com os filhos do mundo. E' este um deplorável abuso, que lança tantas almas no inferno.

Logo que ouvires do médico que o estado do doente é perigoso, cuida da administração dos sacramentos ao enfermo, principalmente se tens razão de recear que não seja bom o seu estado de consciência. Um enfermeiro que desempenha assim o seu cargo é, em toda a verdade, um amigo de Deus.

Quanto mais pobres e abandonados estiverem os doentes, mais deves cuidar em prestar-lhes assistência, principalmente se as doenças durarem muito. Consola-os, então, servindo-os e socorrendo-os. Se se trata de uma doença contagiosa, ensina a teologia e o martirológio romano que são considerados como verdadeiros mártires os que sacrificam sua vida no tratamento de tais doentes.

F. *Da caridade para com os moribundos.* — Nenhuma obra de caridade é tão agradável a Deus e tão útil às almas como preparar os moribundos para uma boa morte, pois na hora da morte, que é decisiva para a salvação do homem, assalta o inferno os enfermos com duplicado furor, ainda mais que eles se acham então mais fracos para lhe oporem resistência.

O Senhor mostrou repetidas vezes a S. Filipe Néri como os Anjos punham na boca dos enfermeiros as palavras que deviam repetir aos moribundos, para mostrar-lhe quão meritória e salutar é a assistência prestada aos moribundos.

Se tiveres de tratar de algum doente, deves, em segredo, inquirir do médico se a doença é perigosa. Digo *em segredo*, porque os médicos têm o detestável costume de esconder o perigo e de enganar o doente com promessas enganadoras, quando disso se trata em sua presença.

Sabendo que a doença é perigosa, não fales logo no princípio em confissão, mas certifica-te primeiro do estado de alma do doente, interrogando-o pessoalmente, e anima-o a unir suas dores com os sofrimentos de Jesus Cristo, que pendia tão dolorosamente da cruz, e a oferecê-la a Deus em desconto de seus pecados. Anima-o a colocar em Deus sua esperança, que pode fàcilmente restituir-lhe a saúde. Mas também de um modo conveniente dá-lhe a entender que há perigo e não deve dar muito crédito aos parentes e amigos, porque costumam enganar os doentes para não aterrá-los e que, por isso, será bom fazer, enquanto está em pleno uso de suas faculdades, uma boa confissão, contanto que isso seja útil para a salvação de sua alma.

Entrementes, deves chamar o sacerdote e exortar o enfermo a recebê-lo como um enviado de Deus. Depois de o doente ter recebido os SS. Sacramentos, trata de prepará-lo para a morte. Coloca em sua cabeceira um crucifixo, uma pequena imagem de SS. Virgem, para que tenha às mãos esses objetos, beije-os e se possa munir contra as tentações do inferno.

Um meio excelente contra as tentações é a invocação contínua dos santos nomes de Jesus e Maria e o uso do sinal da cruz. Não será sem utilidade indicar aqui os meios mais apropriados para vencer certas tentações particulares.

Se o enfermo for tentado contra a fé (o que se dá em especial com os que levaram uma vida dissoluta, principalmente se forem sábios ou pessoas aferradas à sua opinião), deves exortá-lo a não fazer caso das dúvidas e sutilezas que o inimigo lhe sugere, mas a responder-lhe imediatamente com energia: Creio tudo o que crê a Santa Igreja, pois ela só crê e ensina a verdade. Exorta-o também a agradecer a Deus por tê-lo feito nascer no seio da Igreja Católica e a protestar que deseja perseverar até ao último instante de sua vida nessa santa fé. O melhor meio, porém, de expulsar tais tentações é preocupar o espírito com a prática de outras virtudes, por exemplo, com atos de contrição, de confiança, de amor de Deus, etc.

Se o doente for tentado de desespero, deves evitar falar com ele sobre a justiça de Deus, os castigos dos condenados e a gravidade dos pecados; antes, procura inspirar-lhe confiança na misericórdia de Deus, na paixão de Jesus Cristo, nas promessas divinas e na intercessão da SS. Virgem. Se falares com o doente sobre a misericórdia divina, dize-lhe então que Deus se chama "pai de misericórdia" (2 Rs 1, 2), e que, de fato, o é; que ele se deixa encontrar mesmo por aqueles que o não procuram: "Encontraram-me aqueles que me não buscaram" (Is 65, 1); que Deus tem maior desejo de conceder-nos a bem-aventurança que nós de recebê-la; que Deus "não quer a morte do pecador, mas que se converta de seu caminho e viva" (Ez 32, 33). Dize-lhe mais que um só ato de contrição basta para alcançar o perdão de inumeráveis pecados; que o publicano foi justificado apenas por pronunciar as palavras: "Senhor, sede propício a mim, pecador" (Lc 18, 13); que o filho pródigo foi abraçado por seu pai, apenas voltado a ele (Lc 15, 20) e que David mal pronunciara a palavra: Pequei, e já o profeta Natã assegurou-lhe: "O Senhor transferiu o teu pecado" (2 Rs 12, 13).

Para inspirar ao enfermo confiança na paixão de Jesus Cristo, basta dizer-lhe que Jesus "não veio chamar os justos, mas os pecadores" (Mt 9, 13), que não expele ninguém que se chega a ele (Jo 6, 37) "O que vem a mim, eu não o lançarei fora", que ele procura as ovelhas perdidas e que, tendo encontrado uma, cheio de alegria, a aperta em seus braços. Dize-lhe que não há motivo de se temer ser condenado por um Deus que, para não nos condenar, condenou-se a si mesmo à morte de cruz.

Se recordares ao doente as promessas de Deus, não te esqueças da de Jesus Cristo de ouvir a todos que lhe suplicarem (Jo 16, 23): "Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-la dará".

Se falares da intercessão dos santos, deves mencionar, de maneira especial, o poder da divina Mãe. Dize-lhe que a invocamos com a Igreja "refúgio, vida e esperança nossa", nas ladainhas e na Salve-Rainha.

Se o doente for tentado à soberba e presunção em suas boas obras, pondo nelas demasiada esperança de salvação, dize-lhe que só o pecado nos pertence, ao passo que todo o bem que praticamos vem de Deus: "Que possuis tu, que não recebeste?" (1 Cor 4, 7) e que, segundo os ensinos de nossa fé, ninguém sabe certa e infalìvelmente se é digno de amor ou de ódio (Ecle 9, 1) e que, por isso todos devemos estar cheios de receio e operar sua salvação com temor e tremor (Filip 2, 12).

Se o doente for tentado de impaciência, traze-lhe à memória quanto padeceràm os santos mártires; como um foi esfolado vivo, outro retalhado em pedaços, um terceiro assado lentamente, em fogo brando. Particularmente recorda-lhe os muitos sofrimentos suportados pelo inocente Jesus por amor de nós.

Se o enfermo for tentado de ódio, repete-lhe o preceito da lei de Deus: "Amai a vossos inimigos". Faze-lhe ver que quem não quiser perdoar não terá direito de esperar de Deus o perdão, pois, para perdoar-nos, exige Deus que perdoemos aos outros: "Perdoai, e ser-vos-á perdoado" (Lc 6, 37).

Enfim, sejam quais forem as tentações que atormentarem um moribundo, deves cuidar em movê-lo a santos afetos. Para isso *seguem aqui algumas santas aspirações:*

Em vossas mãos encomendo o meu espírito. Vós me remistes, Senhor, Deus da verdade.

Nós vos suplicamos que socorrais a vossos servos, que remistes com vosso sangue precioso.

Em vós, Senhor, esperei, não serei confundido eternamente.

O' bom Jesus, escondei-me em vossas chagas.

Vossas chagas, ó Jesus, são os meus merecimentos.

O' Jesus, não me recusareis vosso perdão, já que me não recusastes o vosso sangue e a vossa vida.

Paixão de Jesus, és a minha esperança.

Merecimentos de Jesus, sois a minha esperança.

Chagas de Jesus, sois a minha esperança.

Sangue de Jesus, és a minha esperança.

Morte de Jesus, és a minha esperança.

Maria, minha Mãe, a vós compete salvar-me; apiedai-vos de mim.

Salve, Rainha, esperança nossa, salve.

Santa Maria, rogai por mim, pecador.

Refúgio dos pecadores, rogai por mim.

Um coração contrito e humilhado não haverei de desprezar, ó Senhor.

Para reparar as ofensas que vos tenho feito, vos ofereço em sacrifício minha morte e todas as dores que tenho de suportar até ao fim.

O' meu Deus, porque vós sois a bondade infinita, amo-vos sobre todas as coisas, amo-vos mais que a mim mesmo, amo-vos de todo o coração.

O' meu Deus, porque vos ofendi, não mereço amar-vos mais; fazei, pelo amor de Jesus, que eu vos ame.

O' meu Jesus, quero padecer e morrer por vós, que tanto padecestes por mim e por meu amor morrestes.

Castigai-me, Senhor, como vos aprouver; mas não me priveis da felicidade de poder amar-vos.

Desejo o céu para vos amar por toda a eternidade com todas as minhas faculdades.

Quero padecer enquanto isso vos aprouver; quero morrer para vos comprazer.

Uni-me, Senhor, a vós, e não permitais que de vós jamais me aparte.

Fazei, ó meu Deus, que vos pertença inteiramente antes de morrer.

O' meu Deus, desejo vos amar tanto quanto mereceis.

O' Maria, atraí-me todo para Deus.

Em vossas mãos entrego a minha alma e o meu corpo, minha vida e minha morte.

Quero louvar o Senhor por toda a eternidade.

Quer me consoleis, quer me aflijais, ó meu Deus, amo-vos e quero amar-vos sempre.

O' meu Deus, uno a minha morte à morte de Jesus, e, assim unida, vo-la ofereço.

O' vontade de meu Deus, és o meu único amor.

O' complacência de meu Deus, a vós me ofereço todo.

Quando virei e apparecerei diante da face de meu Deus? Quando, Senhor, contemplarei vossa beleza infinita? Quando vos verei face a face?

Espero amar-vos sem interrupção, no céu, e vós também me amareis sempre, e, assim, nos amaremos eternamente, ó meu Deus, meu amor, meu tudo.

O' meu Deus, quando poderei beijar essas chagas que sofrestes por meu amor?

O' minha Mãe, Maria, quando me verei a vossos pés, junto de vós, que tanto me amastes, que tantas vezes me socorrestes?

O' advogada nossa, volvei esses vossos olhos misericordiosos para nós, e, depois deste desterro, mostrai-nos o fruto bendito de vosso ventre.

O' meu Jesus, não olheis para o que por vós eu fiz, mas para o que vós fizestes por mim.

Recordai-vos que também eu sou uma de vossas ovelhas, pela qual igualmente morrestes.

Estou pronto, ó meu Jesus, a ser sacrificado por vós, que vos sacrificastes incondicionalmente por mim.

O' meu Jesus, vós vos destes todo a mim e eu me entrego também sem reserva a vós.

O' meu Salvador, vós padecestes muito mais por mim do que eu por vós, e vós éreis inocente, e eu pecador.

Apresentando ao doente o crucifixo, diga-se:

Beija esses pés que tanto se fatigaram em te procurar para te trazer a salvação.

O' meu amado Salvador, abraço vossos pés como Madalena; fazei-me ouvir que estou perdoado.

O' meu Deus, perdoai-me por amor de Jesus e dai-me uma boa morte.

O' Padre Eterno, vós me destes vosso divino Filho; entrego-me todo a vós.

O' meu dulcíssimo Jesus, não permitais que eu me separe de vós. Quem me separará do amor de Cristo?.

Meu Senhor Jesus Cristo, por aquela amargura que vossa alma santíssima padeceu ao separar-se de vosso corpo sagrado, compadecei-vos de minha alma pecadora ao deixar meu corpo. — Amém.

Meu Jesus, vós morrestes por amor de mim e eu também quero morrer por amor de vós.

Se a agonia começa, continue-se a fazer com o moribundo atos de fé, de esperança, de caridade, de contrição. Deve-se aspergi-lo muitas vezes com água benta para expelir os maus espíritos. Faça-se amiudadas vezes o sinal da cruz sobre ele. Apresente-se-lhe, de tempos a tempos, o crucifixo ou a imagem da SS. Virgem para beijar. Mande-se os circunstantes rezar o terço ou a ladainha de Nossa Senhora por ele. Finalmente, aproximando-se o momento da morte, ponha-se-lhe na mão a vela benta como sinal de que quer partir deste mundo professando a santa fé católica.

G. *Da caridade para com as almas do purgatório.* A caridade exige que socorramos o nosso próximo, quando necessita de nosso auxílio e nós podemos ajudá-lo sem grande incômodo nosso. Ora, as almas do purgatório acham-se entre os nossos próximos, pois, apesar de não viverem mais neste mundo, não deixam de fazer parte da comunhão dos santos. "As almas dos falecidos em piedade não estão separadas da Igreja", diz S. Agostinho. S. Tomás exprime-se mais claramente ainda. Segundo ele, a mesma caridade que nos leva a amar o próximo aqui na terra, deve se estender também àqueles que morreram na graça de Deus. Por conseguinte, devemos socorrer com todos os meios possíveis as almas do purgatório como a nossos próximos, e porque se acham em maior necessidade que nossos irmãos vivos, parece que temos maior obrigação de auxiliá-las que a estes.

Mas em que consiste pròpriamente os sofrimentos desses pobres prisioneiros? Certo é que suas penas são atrocíssimas. Segundo S. Agostinho (In ps. 37) o fogo lhes causa um tal tormento que sobrepuja tudo o que o homem pode sofrer aqui na terra. O mesmo ensina S. Tomás, que ajunta que o fogo é o mesmo que o do inferno.

Isso quanto ao que se refere às penas dos sentidos; muito maior, porém, é a pena ocasionada pela privação da visão beatífica. Por se sentirem essas esposas amantes de Jesus Cristo, de um lado atraídas com grande veemência para seu sumo bem, em vista do ardente amor de Deus, não só natural como também sobrenatural, e, de outro lado, repelidas com força ainda maior de sua união, por causa dos pecados ainda não expiados, padecem uma dor tão intensa que, se fosse possível, morreriam a cada instante.

A privação, pois, da visão de Deus é para as pobres almas uma pena incomparàvelmente maior que todos os tormentos dos sentidos.

Por isso as santas esposas de Cristo estariam prontas a suportar qualquer outro tormento em vez da privação, mesmo momentânea, da união com Deus, pela qual suspiram ardentemente.

S. Tomás afirma que as penas do purgatório excedem a todas as penas imagináveis desta vida (In 4 sent. d. 45, q. 2, s. 2). Um morto ressuscitado por S. Jerônimo, como nos conta Dionísio Cartusiano, revelou a S. Cirilo de Jerusalém o seguinte: Em comparação com as dores mínimas do purgatório são todos os tormentos da terra refrigério e prazer, e ajunta que quem experimentou tais dores, preferiria sujeitar-se até ao fim do mundo a todos os tormentos da terra, a padecer um só dia a mínima pena do purgatório (De Quat. Nov. a. 5). Por isso escreve o sobredito S. Cirilo a S. Agostinho que as penas do purgatório, quanto à sua atrocidade, igualam as do inferno, com a única diferença de que não são eternas.

Duma parte, os sofrimentos das almas do purgatório são imensamente grandes, e doutra parte não se podem procurar o mínimo refrigério a si mesmas, porque, na expressão de Job, "se acham acorrentadas e ligadas com cordas da pobreza" (Job 36, 8). Essas almas são rainhas, mas não podem se apossar de seu trono antes de inteiramente purificadas de suas faltas. Se quisermos aceitar a opinião de alguns teólogos, que asseveram que elas podem se procurar algum alívio por meio de suas próprias orações, não podemos, contudo, negar que lhes é impossível libertarem-se de suas cadeias antes de terem satisfeito plenamente a justiça divina.

Sendo, porém, certo, e até dogma de fé, que nós podemos aliviar as pobres almas por meio de nossas boas obras e, particularmente, da oração, o que a Igreja não só nos recomenda instantemente, como também o pratica, não vejo como possa se isentar de falta quem negligencia socorrê-las, ao menos por meio da oração. Mesmo que o dever a isso não nos constrangesse, já a alegria que causamos a Jesus, libertando essas suas santas esposas e acelerando sua união com elas, nos deveria mover a correr em seu auxílio.

Além disso, que de merecimentos não adquirimos socorrendo a essas almas santas; elas certamente não serão ingratas e saberão apreciar a grandeza do benefício que lhes prestamos, abreviando, por

nossas orações, o tempo de seus sofrimentos e apressando sua entrada no céu. Se o Senhor promete misericórdia àquele que é misericordioso para com seu próximo: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia" (Mt 5, 7), pode-se, com a maior confiança, esperar a própria salvação, contanto que nos empenhemos em auxiliar essas almas, que tanto padecem e que são tão caras a Nosso Senhor. S. Agostinho nos assegura que quem mais socorrer essas santas almas do purgatório, será também mais socorrido por outros, quando se achar por sua vez no purgatório, em razão de uma providência especial de Deus.

Notemos ainda, quanto à prática desse dever de caridade, que podemos fazer-lhes um enorme bem assistindo à Santa Missa em favor delas e pedindo então por elas ao Eterno Pai, oferecendo-lhe os merecimentos de Jesus Cristo, dizendo, por exemplo: Pai Eterno, eu vos ofereço este santo sacrifício do corpo e sangue de Jesus Cristo, juntamente com todas as dores que teve de suportar durante sua vida e na sua morte. Pelos merecimentos de sua paixão, recomendo-vos as almas do purgatório, em especial a de.....

Procuremos também aplicar às almas o maior número possível de indulgências. Não precisamos temer que então não poderemos satisfazer por nossos próprios pecados. O Pe. Rossignoli conta que S. Gertrudes, no leito de morte, mostrava-se muito triste, pensando que nada tinha feito por sua alma, visto ter aplicado sempre todo o bem que praticava às almas do purgatório. Apareceu-lhe então Jesus Cristo e disse-lhe: "Não temas, Gertrudes, pois aceitei com tanto gosto o teu amor para com as almas, que serás preservada do purgatório depois de tua morte, e até te farei acompanhar ao céu por minhas amadas esposas que livraste do purgatório por tuas orações" (Marav. di Dio, p. 2).

CAPÍTULO QUINTO

Da pobreza de espírito ou do desapego de tudo o que é criado

Quando os mestres da vida espiritual falam da pobreza espiritual, tomam-na regularmente em duplo sentido: no sentido estrito, designam com essa expressão o desapego do coração de todos os bens da terra; no sentido lato, entendem o desapego de todas as coisas criadas, de qualquer natureza que sejam. Tomada neste sentido mais amplo, é a pobreza de necessidade imprescindível para todos os que aspiram à perfeição.

Nosso coração não pode viver sem amor: ou ama a Deus, ou as criaturas. Se não ama as criaturas, amará a Deus por necessidade. E' o motivo por que o Espírito Santo nos exorta a purificar diligentemente o nosso coração de todas as inclinações que não tenham a Deus por objeto, porque é "dele que procede a vida" (Prov 4, 23). Enquanto nosso coração ama a Deus, vive; se vota às criaturas o seu amor, dá-se a morte.

Para nos santificar, devemos expelir de nosso coração tudo o que não é Deus. Quando alguém procurava os antigos Padres do deserto, para ser admitido em sua companhia, dirigiam-lhe a seguinte pergunta: Trazes um coração vazio, para que o Espírito Santo o possa encher? E tinham razão: um coração em que se acha qualquer amor terrestre, não pode ser repleto do amor de Deus. Quem leva à fonte um jarro cheio de terra, não o poderá encher d'água, se não retirar antes a terra.

Donde provém que tantos homens, que se dão à oração e comungam muitas vezes, não fazem grandes progressos no amor de Deus? Provém de terem o coração cheio de terra, isto é, de amor próprio, de vaidade, de vontade própria, de apego aos pais e parentes e outras criaturas. Se não removerem essa terra, o amor de Deus nunca poderá entrar nele. Dai-me uma alma que não ama a criatura alguma deste mundo, e vereis um coração todo inflamado no amor de Deus.

Quem desejar, pois, atingir a caridade perfeita, deverá praticar a pobreza de espírito em seu sentido mais amplo. Em primeiro lugar, deverá desprender-se dos bens da terra; em segundo lugar, das honras deste mundo; em terceiro lugar, de seus semelhantes, e, em quarto lugar, de si mesmo.

§ I. Do desapego dos bens da terra

"Bem-aventurados os pobres de espírito" (Mt 5, 3), diz o Salvador, e, "Ai dos ricos" (Lc 6, 24). Que quer dizer com isso? Talvez que todos os pobres que imploram a nossa caridade são felizes e que todos os ricos são infelizes? Certamente não; ele quer com isso recomendar a todos, quer ricos, quer pobres, a virtude do desapego; pois muitos pobres há cujos corações estão apegados às coisas terrenas e muitos ricos que delas estão inteiramente desapegados.

1) Quanto ao que se refere aos pobres pròpriamente ditos, deve-se dizer que, só por sofrerem falta dos bens terrenos, não possuem ainda a pobreza de espírito: para que a possuam, requer-se que não queiram possuir nenhuma outra coisa fora de Deus. "Encontro muitos pobres, diz S. Agostinho (Serm. 14), e debalde procuro um", isto é, muitos são de fato pobres, mas poucos em espírito e no desejo. S. Teresa diz dos que são extremamente pobres, mas não em espírito, que eles enganam o mundo e a si mesmos. Para que lhes servirá sua pobreza em bens da terra? Quem é externamente pobre, mas internamente alimenta desejos de riquezas, tem simplesmente os incômodos da pobreza e não a virtude. Os pobres verdadeiramente virtuosos não desejam nada fora de Deus e são por isso imensamente ricos. A eles se podem aplicar as palavras de S. Paulo: "Não têm nada e possuem tudo" (2 Cor 6, 10), pois, se não possuem bens temporais, exclamam, cheios de consolação: "Vós só, meu Deus, me bastais".

2) Vejamos agora como os ricos e possuidores de bens temporais podem praticar a pobreza de espírito:

a) Em primeiro lugar, não devem ter nenhum apego desordenado a suas riquezas. Que são os bens deste mundo? Simples bens

aparentes, que não podem satisfazer o coração do homem, "Vós comeis e não vos fartais" (Ag 1, 6). "Em vez de matar a nossa fome, esses bens a despertam", diz S. Bernardo (De vit. cler., c. 5). Se os bens deste mundo pudessem satisfazer o homem, seriam os ricos e poderosos plenamente felizes; a experiência, porém, ensina o contrário, pois esses homens são, em geral, os mais infelizes; porque vivem continuamente atormentados por temores, ciúmes e tristezas.

Ouçamos a Salomão, que possuía em abundância os bens da terra: Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade, afirma ele (Ecle 1, 2), tudo é mentira e engano, e, mais ainda, tristeza e aflição de espírito, desde que a alma não encontra nelas satisfação, antes só aflição e amargura. A isso acresce ainda a circunstância de que aqueles que cuidam sempre em aumentar os seus bens acham-se em grande perigo de se perderem eternamente. Disso nos previne o Apóstolo, dizendo que os escravos da avareza não só são atormentados por muitos cuidados e inquietações e impedidos no seu adiantamento espiritual, como também "caem em tentações e nos laços do demônio e em muitos desejos inúteis e perniciosos" (1 Tim 6, 9), que submergem os homens no abismo da morte e da perdição.

E, de fato, a quantos desvarios, a quantos pecados contra a caridade e a justiça não arrastou a cobiça dos bens terrenos? "Quem amontoa dinheiro, diz S. Ambrósio, dissipa os bens da graça". S. Paulo equipara a avareza à idolatria, pois o avarento faz do seu dinheiro o seu deus, isto é, seu último fim e aspiração.

Se quisermos pertencer a Deus, devemos renunciar ao apego dos bens deste mundo. Quem aspira aos bens terrenos, diz S. Filipe Nérl, nunca se tornará santo. As riquezas que devemos desejar são as virtudes e não os bens temporais, diz S. Próspero; a caridade, a piedade, a humildade, a mansidão constituirão a nossa grandeza no céu, depois de nos haverem auxiliado na terra no combate contra os inimigos de nossa salvação.

Para que nos servem os bens deste mundo, se temos de abandonálos e se, mesmo agora, não são capazes de satisfazer o nosso coração? Procuremos, pois, adquirir bens que podemos levar conosco e nos farão uma vez eternamente felizes. Sigamos o conselho do Salvador (Mt 6, 19): "Não queirais entesourar para vós tesouros da terra, onde a ferrugem e a traça os consomem... entesourai tesouros no céu".

b) Os ricos podem também praticar a pobreza de espírito, dando esmolas e praticando boas obras. "Oh! feliz troca, exclama S. Pedro Damião, damos lodo, isto é, bens da terra, e por ele recebemos ouro, a saber, graças divinas e a recompensa eterna no céu". Em todos os tempos houve cristãos de alta nobreza que viveram na maior simplicidade, para poderem praticar maior número de boas obras. Violanta Palombara, uma dama nobilíssima, vestia-se grosseiramente, servindo-lhe de cobertor uma simples manta de lã e tendo seu rosário de madeira ordinária. Ora, pouco antes de sua morte, exclamou: Que vejo eu? meu vestido está todo resplendente, minha coberta parece ser de ouro, meu rosário de diamantes.

c) E' também um meio de praticar o desapego dos bens da terra suportar com resignação à vontade de Deus grandes danos temporais ou a injustiça dos que nos roubam nossos haveres. A fé nos ensina que nada sucede sem a permissão ou vontade de Deus. Portanto, se alguém nos prejudica em nossa honra, nos rouba nossos bens, Deus não quer o pecado que o próximo comete, mas quer o dano que sofremos, e isso para nosso maior bem.

Quando um mensageiro trouxe a Job a notícia que os sabeus haviam roubado todas as suas riquezas e trucidado seus filhos, exclamou o santo homem (Job 1, 21): "O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou", e não disse: O Senhor mo deu e os sabeus mo roubaram. Reconheceu que essa desgraça lhe provinha da vontade de Deus, e ajuntou: "Como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu; bendito seja o nome do Senhor".

d) Mais: é próprio da pobreza de espírito ou desapego dos bens do mundo evitarem-se, quanto possível, os processos. Cada contenda por causa de bens temporais é uma fonte de inquietações, rancores e pecados. Por isso diz o Salvador (Mt 5, 40): "Ao que quiser demandar contigo em juízo e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa". E' verdade que isso não deixa de ser ùnicamente um conselho; contudo, devemos, pelo menos, procurar evitar todos os processos de menor monta. "Prefere perder alguma coisa, diz S. Agostinho (Sermo 167), para que sirvas a Deus e não às tuas contendas". Renuncia ao mamon, para te comprares a paz.

e) Uma prova especial de desapego dos bens dêste mundo dão os que não se deixam influenciar por dinheiro e bens terrestres, mas só pela virtude, quando se trata do casamento de seus filhos. Um fidalgo, de nome Miguel Faciemon, que foi martirizado no Japão, pelo ano de 1605, deixou uma filha, que também foi condenada à morte, mas, libertada pelos cristãos, foi levada a Arima. Aí, um homem de posição queria-a para esposa de seu filho. Quando lhe disseram que a jovem estava despojada de tudo e não possuía nenhum dote, respondeu: "Basta que seja filha de um mártir".

f) Finalmente, patenteia-se o espírito de pobreza, mostrando-se pronto a antes renunciar a tudo, riquezas, honras, dignidade, cargos, numa palavra, qualquer lucro temporal, do que a ofender a Deus.

Era esse o sentimento de todos os mártires e deve ser também o nosso. Dizendo a S. Vicente, o diácono, o governador de Tarragona, Daciano: Meu filho, és ainda jovem; os favores da fortuna te aguardam; eles se oferecem por si mesmos a ti; para alcançá-los, basta que renegues a tua religião. Obedece ao imperador e não te sujeites a uma morte ignominiosa — voltou-se ele para o Bispo Falério, que fora conduzido à presença do governador juntamente com ele, e disse-lhe: "Pai, se queres, respondo em teu lugar". O santo Bispo, que estava resolvido a tudo padecer por amor de Jesus Cristo, respondeu: "Sim, meu filho, como te incumbi até hoje de anunciar a palavra de Deus, do mesmo modo te encarrego agora de professar a nossa fé". Vicente então expôs a Daciano que ambos adoravam um só Deus e não podiam adorar os demônios, que eram os deuses do império

romano. E não julgues, disse ele, que nos abalarás por meio de ameaças de morte ou promessas de recompensa. Nada do que há no mundo se pode comparar com a honra e alegria de morrer por Jesus Cristo. Furioso pela franqueza do santo diácono, exclambu Daciano: Ou sacrificais aos deuses ou pagareis com a morte o desprezo deles. Vicente respondeu: Já te disse que não nos podes causar maior alegria ou honra que infligindo-nos a morte por Jesus Cristo, e podes ficar convencido de que antes te cansarás martirizando-nos que nós deixando-nos martirizar.

3) Consideremos agora alguns meios que se devem empregar para se desprender o coração da terra:

O primeiro meio para afastar do coração o apego desordenado dos bens deste mundo consiste em pensar muitas vezes na morte. O dia da morte é chamado dia de dano, porque nesse dia se perdem as honras, riquezas, prazeres e todos os bens da terra. Por isso dizia S. Ambrósio que não deveríamos chamar — nossos — esses bens, desde que não está em nosso poder levá-los conosco para o mundo ao qual nos acompanham nossas virtudes. Tinha, pois, razão aquele homem que, depois de haver conhecido a vaidade do mundo, escreveu em uma caveira as seguintes palavras: "Ao que reflete, tudo parece desprezível".

Quem pensa na morte, não pode amar a terra. Mas como explicar então a existência de tantos amantes da terra? Porque não pensam na morte. "Pobres filhos de Adão, diz o Espírito Santo, por que não removeis de vossos corações todo o apego às coisas da terra, que vos obriga a correr atrás da vaidade e da mentira?" (Sl 4, 3). O que sucedeu a vossos antepassados se dará também convosco. Também eles possuíram habitações que agora são vossas; dormiram talvez no mesmo leito de que vos servis; agora não vivem mais e a vossa sorte será a mesma que a deles.

O segundo meio é a meditação assídua da pobreza de Jesus Cristo e do apreço em que ele tinha a virtude. Para nosso bem e para nos dar um exemplo, quis o divino Salvador levar uma vida tão pobre aqui na terra, que S. Madalena de Pazzi chamava a pobreza a esposa de Jesus. S. Bernardo diz: "A pobreza não se encontrava no céu, reinava, porém, na terra; os homens não conheciam seu valor. O Filho de Deus desceu então à terra para tomá-la por sua companheira e ensinar-nos a apreciá-la" (In vig. nat. Dni., s. 1). Este pensamento quadra com o que o Apóstolo escreveu a seus discípulos: "Vós conheceis a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por vosso amor, a fim de que fôsseis ricos por sua pobreza" (2 Cor 8, 9).

Apesar de ser o senhor de todas as riquezas do céu e da terra, o divino Salvador quis fazer-se pobre na terra para que, por seu exemplo, nos tornemos ricos: queria nos levar a amar a pobreza, como ele, para que, desprendendo-nos dos bens temporais, participássemos dos tesouros do céu.

O terceiro meio é a meditação constante da verdade que os pobres de espírito terão uma recompensa mui grande e absolutamente certa. Sua recompensa é absolutamente certa, pois o Salvador, enu-

merando, no Evangelho, as bem-aventuranças, quando trata das demais, se refere ao futuro, por exemplo: Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão Deus; mas, falando dos pobres de espírito, promete-lhes a recompensa já nesta vida: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

A recompensa dos pobres de espírito é, além disso, muito grande. Quanto menos possuímos aqui na terra, diz S. Teresa, tanto maior será nossa recompensa no céu, onde nossas moradas corresponderão exatamente ao amor com que imitamos aqui na terra a vida de Jesus. Os verdadeiros pobres de espírito gozam já na terra alegrias celestes. "Quanta felicidade não causa a pobreza voluntária", exclama S. Lourenço Justiniano (De disc. mon. c. 2); ela nada possui e nada teme, está sempre alegre, tem sempre abundância, sabendo tirar proveito espiritual de tudo o que a acabrunha". Segundo S. Bernardo, a avareza tem sempre fome de bens terrenos como um mendigo, porque não pode jamais saciar seu apetite; o pobre voluntário, porém, que nada deseja, despreza os bens da terra e é o senhor de tudo.

O quarto meio é amarmos a Deus sem restrição. Uma alma que está inteiramente compenetrada do amor divino, sente-se levada por si mesma, ainda que não seja com o auxílio da graça, a despojar-se de todas as coisas terrenas que a possam impedir de pertencer totalmente a Deus.

Um homem rico renunciou a todos os seus bens por amor de Jesus Cristo. Perguntado por que se fizera tão pobre, puxou pelo livro dos Evangelhos e disse: Olhe, foi este quem me privou de tudo. O Espírito Santo (Cânt 8, 7) nos ensina que todos os tesouros do mundo nada são aos olhos daquele que ama a Deus. Se uma alma consagra só a Deus todo o seu amor, com isso mesmo despreza as riquezas, prazeres, honras, reinos e todas as outras coisas deste mundo. Uma tal ama só a Deus e diz, incessantemente: O' meu Deus, só a vós eu quero, e nada mais.

(Mais pormenores a esse respeito vejam-se na III parte, cap. 3.°: Do voto da pobreza).

§ II. Do desapego das honras do mundo

Quem ama a Deus não procura a estima e o amor dos homens: sua única aspiração é agradar a Deus, único objeto de seu amor. S. Hilário diz: "Todas as honras do mundo são coisas do demônio" (In Mt c. 3, n. 5). E, de fato, trabalha o demônio em interesse do inferno, inspirando a uma alma o desejo de ser estimada, pois, perdendo ela a humildade, corre grande perigo de cair no abismo. Por isso dizia, com toda a razão, um grande servo de Deus que, ao ouvirmos que um Salomão, um Tertuliano, um Hósio, esses cedros do Líbano, caíram, deveríamos ver nisso uma prova de que eles não se deram sem reserva a Deus, mas alimentaram orgulho em seus corações e que, por isso, se desviaram do caminho reto. Tremamos se sentirmos em nós o desejo de brilhar diante dos outros, de ser hon-

rados por eles, e procuremos não nos alegrar com as honras do mundo, pois isso poderá ter por consequência a nossa condenação eterna.

Evitemos mui particularmente a susceptibilidade nos postos de honra, assim chamados. S. Teresa diz que quem, nesse ponto, não renuncia a si mesmo, nunca terá uma verdadeira vida interior. Muitos dos que professam a perfeição são adoradores de sua própria honra: têm uma certa aparência de virtude, mas, ao mesmo tempo, desejam ser louvados por tudo o que praticam. Se ninguém os louva, louvam-se a si mesmos, e querem, numa palavra, parecer melhores do que os outros, e quando ouvem que se ataca a sua honra, perdem toda a compostura, deixam a comunhão e todos os exercícios de piedade e não descansam até verem reparada a suposta desonra que lhes foi infligida. Assim, porém, não se comportam os que amam verdadeiramente a Deus: longe de se louvarem e se deixarem louvar, afligem-se com a consideração com que são tratados e alegram-se quando são desprezados pelos homens.

Mui verdadeiras são as palavras de S. Francisco de Assis: Sou ùnicamente aquilo que sou diante de Deus. Que nos adianta sermos apreciados pelos homens e desprezados por Deus? Que importa sermos desprezados pelo mundo, se somos agradáveis a Deus? Quem nos louva, diz S. Agostinho, não nos livra dos castigos que merecemos por nossos pecados, e quem nos vitupera não pode nos roubar os merecimentos de nossas boas obras. "O' meu Deus, dizia S. Teresa (Vid. da perf., c. 8), que importa se formos amados ou vituperados pelas criaturas, se formos grandes e irrepreensíveis a vossos olhos". Os santos só desejavam viver desconhecidos e desprezados. "Que injustiça nos fazem aqueles que têm uma má opinião de nós?" pergunta S. Francisco de Sales (Esp. S. Franc., p. 12, c. 3). Não devemos formar um tal conceito de nós mesmos? Deveríamos talvez ser tidos em conta de justos, enquanto nós mesmos não ignoramos que somos maus?"

Uma vida escondida oferece grande segurança aos que querem amar sinceramente a Jesus Cristo. O próprio divino Mestre nos ensinou por seu exemplo como devemos renunciar à estimação dos homens, vivendo trinta anos na oficina de um carpinteiro. O desejo de nos distinguirmos, de sermos tratados com toda a consideração, de sermos louvados por nosso comportamento é, segundo S. Vicente de Paulo, um grande mal, que nos faz esquecer o Senhor, que macula nossas ações mais santas e impede, mais que tudo, o nosso progresso na vida espiritual.

Para nos fazermos agradáveis aos olhos de Deus, devemos expelir de nosso coração o desejo de fazer figura aos olhos dos homens, de agradar-lhes e, particularmente, de imperar sobre os outros.

Ouçamos Pedro de Blois descrever, em uma de suas cartas, os perniciosos efeitos da ambição e o mal que ela causa às almas: "A ambição imita a caridade, mas em sentido oposto. A caridade suporta tudo, mas por causa dos bens eternos; a ambição também suporta tudo, mas só por causa das honras miseráveis deste mundo. A caridade é toda mansidão, especialmente para com os pobres e desprezados; a ambição é também cheia de mansidão, mas só para com

os grandes, que podem satisfazer as suas aspirações. A caridade sofre tudo para agradar a Deus; a ambição também, mas só para obter este ou aquele cargo ou posto de honra".

Oh! quantos espinhos, quantos trabalhos, quantas adversidades, quantos vitupérios e ultrajes não tem de suportar um mundano para adquirir um cargo honroso, ardentemente desejado! A caridade crê e espera tudo o que se refere à glória eterna; a ambição também tudo crê e espera, mas que se relaciona com as honras vãs deste mundo.

Que ganha, porém, a alma infeliz que consegue as honras apetecidas? Nada mais que um pouco de fumaça que, longe de o elevar aos olhos dos outros, o rebaixa e desprestigia. A honra desaparece em consequência do desejo que se tinha de a possuir, diz S. Teresa. Quanto maior é a honra adquirida, tanto maior a vergonha de a ela ter aspirado, pois, quanto mais se esforça alguém por conseguí-la, tanto mais indigno dela se mostra. S. Joana de Chantal dizia: "Quanto mais alguém se tem em conta de digno para um cargo, tanto menos ele o é, pois falta-lhe a humildade, que é a melhor recomendação ou habilitação para o seu desempenho". E queira Deus que a honra assim adquirida não seja a causa de nossa condenação eterna. O Pe. Carafa, visitando uma vez a um amigo seu, que se achava doente, e que tinha sido convidado para um emprego muito vantajoso, mas também mui perigoso, foi solicitado pelo enfermo a pedir a Deus a sua cura. Carafa respondeu: Não, amigo, não quero trair o amor que te dedico. Agora, que te achas em estado de graça, Deus te chama ao outro mundo, porque deseja a tua salvação; restituindo-te, porém, a saúde, não sei se te salvarás nesse emprego. Ouvindo isto, aceitou o amigo, resignado, a morte das mãos de Deus e morreu tranquilo e consolado.

§ III. Do desapego dos homens

O desapego de nossos semelhantes não consiste em não amarmos a ninguém no mundo, mas em ordenar ou regular nossas afeições segundo a vontade de Deus, tornando-as agradáveis a ele. A natureza e a religião nos impõem o dever de amarmos de coração nossos pais, benfeitores e amigos; este amor, porém, torna-se desordenado se por sua causa ofendermos a Deus ou é um impedimento a tendência à perfeição.

Muitos cristãos fariam grandes progressos no caminho da perfeição se se desprendessem de todo o apego natural; mas, porque fomentam em seu coração uma outra pequena afeição desordenada, a que não querem renunciar, permanecem sempre em seu triste estado, sem nunca dar um só passo no caminho da virtude. S. João da Cruz diz: "Uma alma que prende seu coração a qualquer criatura que seja, nunca chegará à perfeita união com Deus, mesmo possuindo muitas virtudes". Pouco importa que o pássaro esteja preso por um fio grosso ou fino, pois, por mais fraco que este seja, enquanto não for rompido, será suficiente para reter o pássaro preso e impedir-lhe o voo. E' sumamente triste ver tantas almas ricas em exercícios de piedades, virtudes e graças, nunca chegarem à perfeita união

com Deus, porque não têm coragem de renunciar a uma pequena inclinação, bastando-lhes apenas levantar um voo magnânimo para romperem o fio que as prende à terra e impede sua felicidade completa.

1) Para chegarmos a uma perfeita união com Deus, devemos nos desprender por inteiro das criaturas. Devemos renunciar, antes de tudo, ao apego desordenado a nossos parentes. Jesus declarou que quem se apegar demasiadamente a seus parentes não pode ser seu discípulo (Lc 14, 26). E por quê? Porque, muitas vezes, os maiores inimigos de nossa alma são justamente os nossos parentes: "Os inimigos do homem são os seus domésticos" (Mt 10, 36). S. Carlos Borromeu dizia que todas as vezes que voltava de uma visita a seus parentes sentia uma diminuição de fervor para o bem. Perguntando-se ao Pe. Antônio Mendoza por que não punha os pés em casa de seus parentes, respondeu: "Porque sei que os religiosos em nenhuma parte perdem mais fàcilmente o espírito de piedade que justamente na casa de seus parentes".

Quem renunciou, em verdade, ao apego desordenado a seus parentes não se contristará em demasia quando um deles, ainda que muito estimado, lhe for roubado pela morte. Muitos mostram-se inconsoláveis quando perdem algum parente ou amigo: fecham-se em seus aposentos para chorar, entregam-se a uma tristeza e impaciência tão excessivas, que ninguém mais ousa aproximar-se deles. Eu desejaria, porém, saber a quem se pretende agradar com tantas lágrimas e tão amarga tristeza! A Deus? Certamente, não, pois Nosso Senhor quer que nos conformemos com sua santa vontade. À alma do falecido? Também não, pois, se ela se achar no inferno, detesta-te e as tuas lágrimas, e se estiver salva e já no céu, quer que agradeças com ela a Deus; se ainda no purgatório, deseja ardentemente que a auxilies com tuas orações, que te conformes com a vontade divina e trabalhes na tua própria salvação, para poderes um dia te unir a ela, no céu. Para que, pois, chorar tanto? O Pe. José Caracciolo, teatino, achando-se uma vez entre parentes que choravam sem parar a morte do irmão, disse-lhes: Reservemos nossas lágrimas para um objeto melhor: derramemo-las por amor de Jesus, que é nosso Pai, nosso Irmão e nosso Esposo, que por nosso amor sofreu a morte. Nessas circunstâncias devemos imitar o piedoso Job que, inteirado da morte de seus filhos, disse, cheio de resignação: "O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; como agradou ao Senhor, assim se deu; bendito seja o nome do Senhor" (Job 1, 21).

No ano de 1624, foi condenado à morte o filho de uma piedosa japonesa. Ao despedir-se de sua mãe, disse-lhe o rapaz o seguinte: "Minha mãe, é chegada, enfim, a hora por que tanto suspirei e tanto pedi a Deus. Morrerei dentro em breve. Perdoa-me todos os desgostos que te causei e dá-me a tua bênção materna". Ajoelhou-se então para recebê-la. A mãe, abraçando-o ternamente, disse-lhe: O Senhor te abençoe, querido filho, e te conceda a graça de uma santa morte. Dói-me o perder-te, mas consola-me o pensamento de que vais morrer por Jesus Cristo. Que ele seja sempre louvado por esta graça que te concede. Em seguida, despediu-se o jovem igualmente de

sua mulher e dirigiu-se ao lugar do suplício para receber o golpe mortal. Certamente um belo exemplo de desapego dos parentes.

2) O desprendimento exige também que suportemos com resignação na vontade de Deus a perda daqueles que nos são úteis, quer na vida material, quer na espiritual. Neste ponto, notam-se muitas vezes grandes faltas nas almas devotas, por não se entregarem às disposições da vontade de Deus, como deviam, quanto à perda de seus confessores. Não é o confessor que nos torna santos, mas Deus. Se ele no-lo dá, quer que nos utilizemos de seu ministério no que se refere aos negócios de nossa consciência; se dele nos priva, quer que não fiquemos descontentes, mas aumentemos a nossa confiança em sua bondade e lhe digamos: Senhor, vós me destes esse auxílio e agora dele me privais: seja sempre feita a vossa vontade. Vinde agora pessoalmente em meu socorro e ensinai-me o que devo fazer para vos servir fielmente.

Jesus Cristo é nossa verdadeira consolação, nosso verdadeiro guia, nosso verdadeiro amor, o único amor de nossa alma; ele não quer que procuremos consolação fora dele. E' verdade que Nosso Senhor não quer que deixemos nosso diretor espiritual enquanto podemos tê-lo à disposição; mas, se ele mesmo no-lo tira, compete-lhe dar-nos um outro ou substituí-lo de qualquer modo. Quem, pois, se inquieta por ser-lhe tirado seu pai espiritual, não pratica uma virtude, mas comete uma falta e mesmo uma grande falta, porque tal inquietação provém de certo apego natural ou, ao menos, de pouca confiança em Deus.

Procura, pois, conservar teu coração livre de qualquer apego a teu diretor espiritual e conserva-te sempre pronto a renunciar a ele se for vontade de Deus ver-te privado de seu auxílio. Se teu confessor te deixar ou o Senhor o chamar a outra vida, repete novamente as palavras de Job; e segue as prescrições e conselhos dados por ele, até encontrares um outro diretor para a tua alma.

§ IV. Do desapego de si mesmo

O desprendimento mais importante e necessário é o de si mesmo, isto é, da própria vontade. Quem sabe vencer-se a si mesmo, facilmente vencerá a todas as outras dificuldades. A vitória sobre si mesmo era o que S. Francisco Xavier recomendava mui particularmente a todos os que aspiram à perfeição. E o divino Salvador a impõe como dever a todos os que desejam segui-lo: "Se alguém quizer seguir-me, abnegue-se a si mesmo" (Mt 16, 24). O compêndio de tudo o que devemos fazer para nos salvar é esta palavra única: Abnegação própria.

Nós devemos amar a Deus da maneira que lhe agrada e não como nos apraz. Deus quer que nossa alma esteja vazia de tudo, para que a possa encher com seu amor e uni-la a si. S. Teresa diz que a oração da união não é outra coisa que a indiferença a mais completa a respeito das coisas do mundo, junto com o desejo de possuir ùnicamente a Deus. E' certo que Deus tanto mais ìntimamente

nos unirá consigo e nos encherá com sua presença, quanto mais completamente renunciarmos às inclinações naturais por seu amor. Muitos desejam, sim, chegar à união perfeita com Deus, mas não querem suportar as adversidades que Nosso Senhor lhes envia; não querem sofrer nem pobreza, nem injúrias. Ora, enquanto não se entregarem sem restrição à vontade de Deus, não chegarão à união perfeita. "Para se chegar à perfeita conjunção com Deus, diz S. Catarina de Gênova, deve-se passar por tribulações. Estas são o meio de que Deus se serve para nos purificar de todas as más inclinações. As injúrias, o desprezo, as doenças, a pobreza, as tentações, as contrariedades nos são enviadas só para que tenhamos ocasiões bastantes de combater e subjugar as nossas paixões, de tal forma que desapareçam por inteiro. Não basta as adversidades nos parecerem menos desagradáveis, é preciso que o amor divino no-las torne doces e desejáveis, para chegarmos à perfeita união com Deus". Ajunto ainda o que nos recomenda S. João da Cruz, para atingirmos essa conjunção íntima e completa com Deus: "Devemos mortificar cuidadosamente os próprios sentidos e desejos. Quanto aos sentidos, devemos renunciar, por amor de Jesus Cristo, a toda a satisfação que não tem por fim a glória de Deus. Se, por exemplo, sentimos o desejo de ouvir ou ver coisas que não são próprias para nos aproximar de Deus, devemos renunciar a elas incontinenti. Quanto aos desejos, devemos procurar sempre o que é mais penoso, mais desagradável, mais pobre, sem aspirar a outra coisa que a padecer e ser desprezado".

Numa palavra: Quem ama verdadeiramente a Jesus, expele de seu coração todo o apego aos bens terrenos e procura desprender-se de tudo para unir-se mais perfeitamente com seu Salvador. Todos os seus desejos só têm a Jesus por objeto, sempre pensa nele, sempre suspira por ele, em todo o lugar e ocasião só a Jesus deseja agradar. Para se chegar, porém, a esse ponto, deve-se tratar de expulsar do coração toda a afeição que não tende para Deus. Que deve mais fazer uma alma para se entregar incondicionalmente a Deus? Primeiro, evitar tudo o que possa desagradar a Nosso Senhor e fazer tudo o que lhe é agradável. Segundo, aceitar, em santo abandono, tudo o que lhe enviar sua santa mão, por mais duro e incômodo que seja. Terceiro, preferir, em todas as coisas, a vontade de Deus à própria. Dessa forma sacrifica-se ela por inteiro e sem reserva a seu Deus e Senhor.

(Mais pormenores vejam-se no cap. IX, art. 2.°: Da mortificação interna).

CAPÍTULO SEXTO

Da castidade

§ I. Excelência da castidade

Ninguém melhor que o Espírito Santo saberá apreciar o valor da castidade. Ora, ele diz: "Tudo o que se estima não pode ser comparado com uma alma continente" (Ecli 26, 20), isto é, todas as riquezas da terra, todas as honras, todas as dignidades não lhe são comparáveis. S. Efrém chama a castidade "a vida do espírito"; S. Pedro Damião, "a rainha das virtudes", e S. Cipriano diz que, por meio dela, se alcançam os triunfos mais esplêndidos. Quem supera o vício contrário a castidade, com facilidade triunfará de todos os mais; quem, pelo contrário, se deixa dominar pela impureza, fàcilmente cairá em muitos outros vícios e far-se-á réu de ódio, injustiça, sacrilégio, etc.

A castidade faz do homem um anjo. "O' castidade, exclama S. Efrém (De cast.), tu fazes o homem semelhante aos anjos". Essa comparação é muito acertada, pois os anjos vivem isentos de todos os deleites carnais; eles são puros por natureza; as almas castas, por virtude. "Pelo mérito desta virtude, diz S. Cassiano (De coen. inst., 1. 6, c. 6), assemelham-se os homens aos anjos", e S. Bernardo (De mor. et off, ep., c. 3): "O homem casto difere do anjo, não em razão da virtude, mas da bem-aventurança; se a castidade do anjo é mais ditosa, a do homem é mais intrépida". "A castidade torna o homem semelhante ao próprio Deus que é um puro espírito", afirma S. Basílio (De ver. virg.).

O Verbo eterno, vindo a este mundo, escolheu para sua mãe uma virgem, para pai putativo um virgem, para precursor um virgem, S. João Batista, e a S. João Evangelista amou com predileção porque era virgem, e, por isso, confiou-lhe sua santa mãe, da mesma forma como entrega ao sacerdote, por causa de sua castidade, a Santa Igreja e sua própria pessoa.

Com toda a razão, pois, exclama o grande doutor da Igreja, S. Atanásio (De virg.): "O' santa pureza, és o templo do Espírito Santo, a vida dos anjos e a coroa dos santos".

Grande, portanto, é a excelência da castidade; mas também terrível é a guerra que a carne nos declara para no-la roubar. Nossa carne é a arma mais poderosa que possui o demônio para nos escravizar; é, por isso, coisa muito rara sair-se ileso ou mesmo vencedor deste combate. S. Agostinho diz (Sermo 293): "O combate pela castidade é o mais renhido de todos: ele repete-se cotidianamente e a vitória é rara". "Quantos infelizes que passaram anos na solidão, exclama S. Lourenço Justiniano, em orações, jejuns e mortificações, não se deixaram levar, finalmente, pela concupiscência da carne, abandonaram a vida devota da solidão e perderam, com a castidade, o próprio Deus".

Por isso, todos os que desejam conservar a virtude da castidade devem ter suma cautela: "E' impossível que te conserves casto, diz

S. Carlos Borromeu, se não vigiares contìnuamente sobre ti mesmo, pois a negligência traz consigo mui fàcilmente a perda da castidade".

§ II. Da vigilância sobre os pensamentos

1) A respeito dos maus pensamentos encontra-se, muitas vezes, um *duplo engano*.

a) Almas que temem a Deus e não possuem o dom do discernimento e são inclinadas aos escrúpulos, pensam que todo o mau pensamento que lhes sobrevém já é um pecado. Elas estão enganadas, porque os maus pensamentos em si não são pecados, mas só e ùnicamente o consentimento neles. A malícia do pecado mortal consiste toda e só na má vontade, que se entrega ao pecado com claro conhecimento de sua malícia e plena deliberação de sua parte. E, por isto, S. Agostinho ensina que não pode haver pecado onde falta o consentimento da vontade.

Por mais que sejamos atormentados pelas tentações, pela rebelião de nossos sentidos, pelas comoções ou sensações desregradas de nossa parte inferior, não existe pecado algum enquanto faltar o consentimento, como ensina também S. Bernardo, dizendo: "O sentimento não causa nenhum dano, contanto que não sobrevenha o consentimento".

Para consolar tais almas timoratas e escrupulosas quero oferecer-lhes aqui uma regra prática, aceita por quase todos os teólogos: Quando uma alma, que teme a Deus e detesta o pecado, duvida se consentiu ou não em um mau pensamento, não está obrigada a confessar-se disso, porque, em tal caso, é moralmente certo que não consentiu, pois, se tivesse realmente cometido um pecado mortal, não estaria em dúvida a esse respeito, porque o pecado mortal, para uma alma que teme a Deus, é um monstro tão horrendo, que não poderá ter entrada em seu coração sem o perceber.

b) Outros, que possuem uma consciência mais relaxada e são mal instruídos, julgam, pelo contrário, que os maus pensamentos nunca são pecados, mesmo havendo consentimento neles, contanto que não se chegue a praticar. Este erro é muito mais pernicioso que o primeiro. O que se não pode fazer, não se pode também desejar; por isso, o mau pensamento em si contém toda a malícia do ato. Assim como as más obras nos separam de Deus, também os maus pensamentos nos afastam dele e nos privam de sua graça. "Pensamentos perversos nos separam de Deus" (Sab 1, 3). Como as más obras estão patentes aos olhos de Deus, também sua vista alcança todos os nossos maus pensamentos para condená-los e puni-los, pois "um Deus das ciências é o Senhor, e diante dele estão patentes todos os pensamentos" (1 Rs 2, 3).

2) Logo, nem todos os maus pensamentos são pecados, nem todos os que são pecados trazem em si o mesmo cunho de malícia. E' preciso, pois, distinguir bem, quando um mau pensamento é pecado mortal, quando venial e quando não é nenhum pecado. Devemos considerar três coisas quando se trata de um pecado de pensamento, a saber: a sugestão, a deliberação e o consentimento. Alguns esclarecimentos a esse respeito:

a) Sob a palavra sugestão entende-se o primeiro pensamento que nos incita a praticar o mal que nos vem à mente. Esta instigação ou incitamento não é ainda pecado; se a vontade a repele imediatamente, é mesmo uma fonte de merecimentos. "Para cada tentação, a que opuseres resistência, se te deverá uma coroa", diz S. Antônio. Até os santos foram perseguidos por tais pensamentos. S. Bento revolveu-se sobre espinhos, para vencer uma tentação impura, e S. Pedro de Alcântara lançou-se em um poço de água gelada. S. Paulo informa-nos que também ele foi tentado contra a pureza: "E para que a grandeza das revelações me não ensoberbecesse, foi-me dado um estímulo de minha carne, um anjo de satanás para me esbofetear" (2 Cor 12, 7). O Apóstolo suplicou mais vezes ao Senhor que o livrasse desse inimigo: "Por essa causa roguei ao Senhor três vezes que o afastasse de mim". O Senhor não quis, porém, dispensá-lo do combate, e respondeu-lhe: "Basta-te a minha graça". E por que não queria o Senhor livrá-lo? Para que adquirisse maiores méritos por sua resistência à tentação: "Porque a virtude se aperfeiçoa na fraqueza". S. Francisco de Sales diz que quando um ladrão procura arrombar uma porta, é porque não está ainda dentro da casa; assim também, quando o demônio tenta uma alma, é porque se acha ela ainda na graça de Deus.

S. Catarina de Sena foi uma vez horrìvelmente atormentada pelo demônio, durante três dias, com fortes tentações impuras. Apareceu-lhe então o Senhor para consolá-la, e ela perguntou-lhe, então: — Mas onde estivestes, Senhor meu, durante estes três dias? Jesus respondeu-lhe: Dentro do teu coração, dando-te força para resistires à tentação. E o Senhor deu-lhe a conhecer que seu coração estava, depois da tentação, mais puro que antes.

b) À sugestão segue-se a deleitação. Quando não nos damos ao trabalho de repelir incontinenti a tentação, sentimos nela uma certa complacência ou prazer, que nos arrasta ao consentimento. Mesmo então, se a vontade não dá seu assentimento, não há pecado mortal; quando muito, poderá haver pecado venial. Se, porém, não recorrermos então a Deus e não nos esforçarmos por resistir à tentação, fàcilmente nos sentiremos arrastados ao consentimento e perdidos, segundo as palavras de S. Anselmo (De similit., c. 40). "Se não procurarmos impedir a deleitação, ela se transformará em consentimento e matará a alma".

Uma senhora, que tinha fama de santa, teve, um dia, um mau pensamento, que não repeliu imediatamente. Pecou por pensamento, cometendo ainda outro pecado mortal. Por vergonha deixou de confessar esse pensamento criminoso e morreu, pouco depois, em estado de pecado. Porque morreu em fama de santidade, mandou o Bispo que fosse enterrada em sua própria capela. No dia seguinte apareceu-lhe, porém, ela, toda circundada de fogo, e confessou-lhe, infelizmente já tarde demais, que estava condenada por ter consentido num mau pensamento.

c) Toda a malícia do mau pensamento está, porém, no consentimento. Havendo pleno consentimento, perde-se a graça de Deus e chama-se sobre si a condenação eterna, quer se tenha o desejo de

cometer um pecado determinado, quer se pense ou reflita com prazer no pecado, como se o estivéssemos cometendo: esta última espécie de pecado chama-se uma deleitação deliberada ou morosa, e deve-se distinguir bem da primeira, isto é, do pecado de desejo.

3) Se fores, pois, molestada por tais tentações, alma cristã, não deves perder a coragem, antes, animosamente combater, empregando os meios que te vou indicar, e não sucumbirás:

a) O primeiro é humilhar-se continuamente diante de Deus. O Senhor castiga muitas vezes os espíritos soberbos, permitindo que caiam em qualquer pecado impuro. Sê, pois, humilde, e não confies em tuas próprias forças. David confessa que caiu no pecado por não se ter humilhado e ter confiado demais em si mesmo: "Antes de me haver humilhado, eu pequei" (Sl 118, 67). Devemos temer sempre a nossa própria fraqueza e colocar em Deus toda a nossa confiança, esperando firmemente que nos preserve desse vício.

b) O segundo meio é recorrer imediatamente a Deus, sem entrar em confabulação com a tentação. Logo que se apresentar a nosso espírito um pensamento impuro, devemos elevar a Deus imediatamente o nosso pensamento ou dirigi-lo a qualquer objeto indiferente. A coisa melhor será invocar incontinenti os SS. Nomes de Jesus e Maria e não cessar de repeti-los até desaparecer a tentação. Se ela for muito forte, será bom repetir muitas vezes o seguinte propósito: O' meu Deus, prefiro morrer a vos ofender. Peça-se socorro, dizendo: O' meu Jesus, socorrei-me. Maria, assisti-me. Os nomes de Jesus, Maria e José possuem uma força especial para afugentar as tentações do demônio.

c) O terceiro meio é a recepção assídua dos SS. Sacramentos da confissão e comunhão. E' de suma importância revelar quanto antes ao confessor as tentações impuras. "Uma tentação revelada já está meio vencida", diz S. Filipe Néri. E se alguém teve a infelicidade de consentir em uma tentação, não se demore nem um instante em se confessar disso. S. Filipe Néri livrou um rapaz desse vício, induzindo-o a confessar-se logo depois de cada queda.

A santa comunhão, está fora de dúvida, confere uma grande força na resistência às tentações desonestas. O sangue de Jesus Cristo, que recebemos na sagrada comunhão, é chamado pelos santos vinho gerador de virgens (Zac 9, 17). O vinho natural é um perigo para a castidade; este vinho celestial é o seu conservador.

d) O quarto meio é a devoção à Imaculada Mãe de Deus, que é chamada a virgem das virgens. Quantos jovens não se conservaram puros e castos como anjos, devido à devoção à SS. Virgem.

e) O quinto meio é a fugida da ociosidade. O Espírito Santo diz (Ecli 33, 21): "A ociosidade ensina muita coisa má", isto é, ensina a cometer muitos pecados. E o profeta Ezequiel (Ez 16, 49), assevera que foi a ociosidade a causa das abominações e ruína final dos habitantes de Sodoma. Conforme S. Bernardo, a ociosidade motivou a queda de Salomão. Por isso S. Jerônimo exorta a Rústico (Ep. ad Rust., 2) que esteja sempre ocupado, para que o demônio não o preocupe com suas tentações. "Quem trabalha, é tentado por um

demônio só; quem vive ocioso, é atacado por uma multidão deles", diz S. Boaventura.

f) O sexto meio consiste no emprego de todas as precauções exigidas pela prudência, tais como a modéstia dos olhos, a vigilância sobre as inclinações do coração, a fugida das ocasiões perigosas, etc.

§ III. Da modéstia dos olhos

Quase todas as paixões que se revoltam contra nosso espírito têm sua origem na liberdade desenfreada dos olhos, pois os olhares livres são que despertam em nós, de ordinário, as inclinações e paixões desregradas. "Fiz um contrato com meus olhos de não cogitar sequer em uma virgem", diz Job (Job 31, 1). Mas por que diz ele — de não pensar sequer em uma virgem? não parece que deveria dizer: Fiz um contrato com meus olhos de não olhar sequer? Não, ele tem toda a razão de falar assim, porque o pensamento está intimamente ligado ao olhar, não se podendo separar um do outro, e, para não ter maus pensamentos, propôs-se esse santo homem nunca olhar para uma virgem.

S. Agostinho diz: "Do olhar nasce o pensamento e do pensamento a concupiscência". Se Eva não tivesse olhado para o fruto proibido, não teria pecado; ela, porém, achou gosto em contemplá-lo, parecendo-lhe bom e belo; apanhou-o então e fez-se culpada da desobediência.

Aqui vemos como o demônio nos tenta primeiro a olhar, depois a desejar e, finalmente, a consentir. Por isso nos assegura S. Jerônimo que o demônio só necessita de nosso começo: dá-se por satisfeito se lhe abrimos a metade da porta, pois ele saberá conquistar a outra metade. Um olhar voluntário, lançado a uma pessoa de outro sexo, acende uma faísca infernal que precipita a alma na perdição. "As primeiras setas que ferem as almas castas, diz S. Bernardo (De mod. ben. viv., serm. 23), e não raro as matam, entram pelos olhos". Por causa dos olhos caiu David, esse homem segundo o coração de Deus. Por causa dos olhos caiu Salomão, esse instrumento do Espírito Santo. Por causa dos olhos, quantas almas não se perderam eternamente?

Vigie, pois, cada um sobre seus olhos, se não quiser chorar uma vez com Jeremias: "Meus olhos me roubaram a vida" (Jer 3, 51); as afeições criminosas que penetraram em meu coração, por causa de meus olhares, lhe deram a morte. S. Gregório diz (Mos. l. 21, c. 2): "Se não reprimires os olhos, tornar-se-ão ganchos do inferno, que a força nos arrastarão e nos obrigarão, por assim dizer, a pecar contra a nossa vontade". "Quem contempla objeto perigoso, ajunta o Santo, começa a querer o que antes não queria". E' também o que diz a Sagrada Escritura (Jdt 16, 11), quando assevera que a bela Judite escravizou a alma de Holofernes, apenas este a contemplou

Sêneca diz que a cegueira é mui útil para a conservação da inocência. Seguindo esta máxima, um filósofo pagão arrancou-se os olhos para guardar a castidade, como nos refere Tertuliano. Isso, porém, não é lícito a nós, cristãos; se queremos conservar a castidade, devemos, contudo, fazer-nos cegos por virtude, abstendo-nos

de olhar para o que possa despertar em nós os maus pensamentos. "Não contemples a beleza alheia; disso origina-se a concupiscência, que queima como o fogo" (Ecli 9, 8). À vista seguem-se as representações pecaminosas, que acendem o fogo impuro.

S. Francisco de Sales dizia: "Quem não quiser que o inimigo penetre na fortaleza, deve conservar as portas fechadas". Por essa razão foram os santos tão cautos em seus olhares. Por temor de enxergarem inesperadamente qualquer objeto perigoso, conservavam os olhos quase sempre baixos, e se abstinham de olhar coisas inteiramente inocentes. S. Bernardo, depois de um ano inteiro no noviciado, não sabia ainda se o teto de sua cela era plano ou abobadado. Na igreja do convento havia três janelas e ele não o sabia, porque, durante seu noviciado, conservara os olhos baixos. Evitavam os santos, com cautela maior ainda, pôr os olhos em pessoas de outro sexo. S. Hugo, Bispo, nunca olhava para o rosto das mulheres com quem tinha de conversar. S. Clara nunca olhava para a face de um homem. Aconteceu uma vez que, levantando os olhos para a hóstia sagrada, durante a elevação, deu com os olhos no rosto do sacerdote, com o que ficou profundamente aflita.

Julgue-se agora quão grande é a imprudência e temeridade dos que, não possuindo a virtude dum desses santos, ousam passear suas vistas em todas as pessoas, não excetuando as de outro sexo, e querendo ainda ficar livres de tentações e do perigo de pecar. S. Gregório diz (Dial. 1. 2, c. 2) que as tentações que levaram S. Bento a revolver-se em espinhos provieram de um olhar imprudente sobre uma senhora. S. Jerônimo, achando-se na gruta de Belém, onde continuamente orava e macerava seu corpo com as mais atrozes penitências, foi por longo tempo atormentado pela lembrança das damas que vira tempos antes em Roma. Como, pois, poderemos ficar preservados de tentações, quando nos expomos ao perigo, olhando e até fitando complacentemente pessoas de outro sexo?

O que nos prejudica não é tanto o olhar casual como o premeditado, o mirar. Razão por que S. Agostinho diz (Reg. ad serv. Dei, n. 6) "Se vossos olhos casualmente caírem sobre uma pessoa, cuja vista vos pode ser prejudicial, guardai-vos, ao menos, de mirá-la". E S. Gregório diz: "Não é lícito contemplar ou extasiar-se com a vista daquilo que não é lícito desejar, pois, ainda que expulsemos os maus pensamentos que costumam seguir o olhar voluntário, deixam sempre uma mancha na alma". Tendo-se perguntado ao irmão Rogério, franciscano, dotado de uma pureza angélica, por que se mostrava tão reservado em seus olhares, quando tratava com mulheres, respondeu: "Se o homem foge à ocasião, Deus o protege; se se expõe a ela, Nosso Senhor o abandona e fàcilmente cairá no pecado".

Suposto mesmo que a liberdade que se concede aos olhos não produzisse outros males, impediria sempre o recolhimento da alma durante a oração; pois tudo o que vimos e nos impressionou, apresenta-se aos olhos de nossa alma e nos causa uma imensidade de distrações. Quem goza do recolhimento de espírito durante a oração, tome muito cuidado para não se ver privado dessa graça dando liberdade a seus olhos.

Está fora de dúvida que um cristão que vive sem recolhimento interior não pode praticar as virtudes cristãs da humildade, da paciência, da mortificação, como deveria. Guardemo-nos, por isso, de olhares curiosos, e só olhemos para os objetos que elevam para Deus o nosso espírito. "Olhos baixos elevam o coração para o céu", dizia S. Bernardo. S. Gregório Nazianzeno (Ep. ad Diocl.) escreve: "Onde habita Cristo com seu amor, reina aí a modéstia". Com isso não quero, porém, dizer que nunca se deva levantar os olhos ou considerar coisa alguma; pelo contrário, é até bom, às vezes, olhar coisas que elevam nosso coração para Deus, como santas imagens, prados floridos, etc., já que a beleza dessa criatura nos atrai à contemplação do Criador.

Deve-se também notar que a modéstia dos olhos é necessária não só para nosso próprio bem, como para a edificação do próximo. Só Deus vê o nosso coração; os homens vêem apenas nossas obras externas e ou se edificam ou se escandalizam com elas. "Pelo rosto se conhece o homem", diz a Escritura (Ecli 19, 26), isto é, pelo exterior se depreende o que é o homem interiormente. Todo o cristão, por isso, deve ser o que era S. João Batista, conforme as palavras do Salvador (Jo 5, 35): "Uma lâmpada que arde e alumia". Interiormente deve arder em amor divino, exteriormente alumiar, pela modéstia, a todos os que o vêem. Também a nós se podem aplicar as palavras que S. Paulo dirigiu a seus discípulos (1 Cor 4, 9): "Somos o espetáculo dos anjos e dos homens". "A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens" (Filip 4, 5).

Pessoas devotas são observadas pelos anjos e pelos homens, e, por isso, sua modéstia deve ser notória a todos, do contrário, deverão dar rigorosas conta a Deus no dia de juízo. Observando a modéstia, edificamos sumamente os outros e os estimulamos à prática da virtude.

E' célebre o que se conta de S. Francisco de Assis: Uma vez deixou ele o convento com um companheiro, dizendo que ia pregar; tendo dado uma volta pela cidade, com os olhos baixos, entrou novamente no convento. Mas quando farás o sermão? perguntou-lhe o companheiro. Já o fiz, respondeu-lhe o santo, consistiu todo no resguardo dos olhos, do que demos exemplo ao povo.

S. Ambrósio diz que a modéstia das pessoas virtuosas é uma exortação mui poderosa ao coração dos mundanos. "Quão belo não seria se bastasse te apresentares em público para fazeres bem aos outros" (In ps. 118, s. 10). De S. Bernardino de Sena se conta que, mesmo antes de entrar para o convento, bastava a sua só presença para pôr fim às conversas livres de seus companheiros; mal o avistavam, diziam uns aos outros: Silêncio, Bernardino vem vindo, e então calavam-se ou começavam a falar de outras coisas. S. Efrém, segundo o testemunho de S. Gregório de Nissa, era tão modesto que já a sua vista excitava à devoção e não se podia vê-lo sem se sentir levado a se tornar melhor. Mais admirável ainda é o que nos refere Suvio, do santo sacerdote e mártir Luciano. Só por sua modéstia moveu muitos pagãos a abraçarem a santa fé. O imperador Maximiano, que fora disso informado, temendo sentir a sua influência e obriga-

do a converter-se, citou-o à sua presença, mas não quis vê-lo e sujeitou-o ao interrogatório, ocultando-o a suas vistas uma cortina estendida entre os dois.

Nosso ideal mais perfeito, quanto à modéstia, foi, porém, o divino Salvador mesmo, pois, como nota um célebre autor, os evangelistas dizem, várias vezes, que o Redentor levantou os olhos em certas ocasiões, dando a entender, com isso, que tinha ordinàriamente os olhos baixos. Por isso exalta o Apóstolo a modéstia de seu divino Mestre, escrevendo a seus discípulos: "Rogo-vos pela mansidão e modéstia de Cristo" (2 Cor 10, 1).

Concluo com as palavras de S. Basílio a seus monges: "Se quisermos que nossa alma tenha suas vistas sempre postas no céu, filhos queridos, conservemos nossos olhos sempre voltados para a terra". De manhã, ao despertar, devemos já pedir, com o profeta: "Afastai meus olhos, Senhor, para que não vejam a vaidade" (Sl 118, 37).

§ IV. Da guarda do coração

A modéstia dos olhos pouco nos servirá se não vigiarmos sobre o nosso coração. "Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda de teu coração, diz o Sábio (Prov 4, 27), porque é dele que procede a vida". E' aqui o lugar apropriado para se dizer algumas palavras sobre as amizades e, primeiramente, sobre as santas, depois sobre as puramente naturais e, enfim, sobre as perigosas.

1) Descrevendo S. Paulo a corrupção moral dos gentios, enumerava entre seus vícios a falta de sentimentos e de susceptibilidade para a amizade. A amizade, segundo S. Tomás, é mesmo uma virtude. A perfeição não proíbe se entretenham amizades, diz S. Francisco de Sales; exige sòmente que sejam santas e edificantes, a saber, só devem ser mantidas aquelas uniões espirituais por meio das quais duas, três ou mais pessoas comunicam entre si seus exercícios de devoção, seus desejos piedosos e sentimentos nobres, tornando-se como que um só coração e uma só alma para a glória de Deus e o bem espiritual próprio ou alheio. Com toda a razão podem tais almas exclamar: "Vede quão bom e suave é habitarem os irmãos em união" (Sl 132, 1). S. Francisco de Sales diz mais que, em tal caso, o suave bálsamo da piedade destila de coração em coração, por meio dessas mútuas comunicações, e bem se pode dizer que Deus lança sua bênção sobre tais amizades por toda a eternidade (Filotéia, parte 3, c. 19).

Tais amizades são recomendadas pela Escritura mesma em termos eloquentes: "Nada se pode comparar com um amigo fiel e o valor do ouro e da prata não iguala a bondade de sua fidelidade" (Ecli 6, 16). "Um amigo fiel é um remédio para a vida e a imortalidade, e os que temem o Senhor encontram um tal" (Idem).

Mas como podeis aconselhar as amizades particulares, dirá alguém, quando elas são tão rigorosamente condenadas por todos os ascetas? Respondo: As amizades particulares são proibidas únicamente nos claustros e com toda a razão, pois é imperiosamente necessário que todos os religiosos se amem mùtuamente com amor fraterno, para que haja uma vida comum claustral. Ora, num claustro, as

amizades particulares podem fàcilmente ocasionar perturbações dessa mútua caridade, dando ocasião a invejas, suspeitas e outras misérias humanas. S. Basílio não hesitou em dizer que as amizades particulares em um convento são uma sementeira perpétua de invejas, de suspeitas, de desconfianças e inimizades. O mesmo acontece nas famílias em que o pai ou a mãe tem mais carinhos para um filho que para os outros. Os filhos de Jacob odiavam a seu irmão José, porque seu pai lhe dedicava um amor especial.

Não há, além disso, nenhum motivo de se alimentar tais amizades num estado religioso, pois, num convento, onde reinam a disciplina e a ordem, todos os membros tendem ao mesmo fim, à perfeição, e não é necessário travar amizades particulares para animar-se mùtuamente ao serviço de Deus e ao trabalho do aperfeiçoamento próprio.

Os que, vivendo no mundo, desejam dedicar-se à prática da virtude verdadeira e sólida, precisam, pelo contrário, de se unir aos outros por uma amizade santa e edificante, para poderem, por meio dela, se animar, se auxiliar e se estimular ao bem. Há no mundo poucas pessoas que tendem à perfeição e muitas que não possuem o espírito de Deus e, por isso, é preciso que os bons, quanto possível, evitem os que podem impedir seu adiantamento espiritual e travam amizade com os que os podem auxiliar na prática do bem.

2) Quanto às amizades puramente naturais, deve-se dizer que elas têm seu fundamento na nossa natureza, que nos compele a amar a nossos pais, nossos benfeitores e todos aqueles em quem vemos belas qualidades e com quem simpatizamos. Esta espécie de amizade é o laço da família e da sociedade, mas fàcilmente degenera em amizades falsas; por exemplo, se os pais, por um carinho demasiado, toleram as faltas de seus filhos, ou se um amigo ofende a Deus para agradar a seu amigo, etc. Quanto a essas amizades, devemos notar que só são agradáveis a Deus, se as santificarmos por meio da boa intenção; por exemplo, amando a nossos pais e amigos por amor de Deus.

3) Por amizades perigosas entendem-se, em particular — as sensuais — isto é, aquelas que se baseiam sobre uma complacência sensual, sobre a fruição comum de prazeres sensuais, sobre certos dotes fúteis e vãos de espírito e coração. Essas amizades são já por si perigosas, mesmo que, no começo, nada tenham de inconveniente, e devemos guardar nosso coração desembaraçado delas.

a) "Quem não evita relações perigosas, cai fàcilmente no abismo", diz S. Agostinho (Sermo 293). O triste exemplo de Salomão bastaria para nos encher de terror. Depois de ter sido amado tanto por Deus, servindo ao Espírito Santo de mão para escrever, travou relações com mulheres pagãs, já na sua velhice, e caiu tão profundamente que chegou a sacrificar aos deuses. Isso, porém, não nos deve estranhar, pois, será para admirar que alguém se queime, pergunta S. Cipriano (De sing. cler.), permanecendo no meio das chamas?

Mas em nossas conversas, graças a Deus, não ocorre nada de mal, dirá alguém. Respondo: Todas as amizades que têm sua origem

em afeições sensuais são, pelo menos, um grande impedimento à perfeição, mesmo que dessem ocasião a outras coisas. Elas, pelo menos, fazem-nos perder o espírito da oração e recolhimento interior; a alma que está presa por uma afeição natural achar-se-á corporalmente, talvez, na igreja, mas seu espírito estará se entretendo com o objeto de seu amor; perderá o amor aos SS. Sacramentos, não será mais sincera para com seu confessor, temendo que ele a obrigue a romper com essa cadeia e, envergonhando-se de lhe descobrir sua afeição, não lhe dirá a causa de sua tibieza, e assim se agrava, de dia para dia, seu estado lastimoso. Ao ouvir que se fala mal da pessoa amada, se enfurece, defende-a calorosamente; descuida-se da obediência, pois, quando o confessor a exorta a renunciar a tal amizade, procura mil desculpas para não ter de obedecer.

Não é só grande a perda espiritual que se sofre com essas amizades, baseadas sobre certos dotes externos duma pessoa, principalmente se for doutro sexo; é também enorme o perigo que se corre de se perder eternamente. No começo, tais amizades parecem indiferentes, mas tornam-se pouco a pouco pecaminosas e, enfim, arrastam a alma ao pecado mortal. "O homem e a mulher são como o fogo e a palha, diz S. Jerônimo (Euseb. ad Dam., de morte Hier.), e o demônio não cessa de soprar até irromper o incêndio".

Pessoas de diferente sexo abrasam-se por causa de grande familiaridade com a mesma facilidade como a palha atingida pelo fogo, e, em certo ponto, até com maior facilidade, porque o demônio emprega tudo quanto é apto para atiçar o fogo. S. Teresa viu-se um dia transportada ao inferno, onde Deus lhe mostrou o lugar que lhe preparara, se não rompesse com um certo apego puramente natural a um seu parente.

b) Se sentires em teu coração, alma cristã, uma tal afeição para com alguém, não há outro remédio para te libertares dela que cortá-la resolutamente de uma vez para sempre, pois, se quiseres renunciá-la pouco a pouco, crê-me, nunca chegarás a desfazer-te dela. Essas cadeias são dificílimas de se romper e só o conseguirá quem as quebrar violentamente, duma só vez. E não venhas com a desculpa de que, até agora, nada ocorreu de inconveniente, pois deves saber que o demônio não começa com o pior, mas só pouco a pouco leva as almas imprudentes às bordas do precipício e, então, com um leve empurrão, precipita-as no abismo.

E' uma máxima aceita por todos os mestres da vida espiritual de que, neste ponto, não há outro remédio que fugir e afastar-se da ocasião. S. Filipe Néri costumava dizer que, nesse combate, só os cobardes saem vencedores, isto é, os que fogem da ocasião. Podemos resistir aos outros vícios ficando na ocasião, diz S. Tomás (De mod. conf., c. 14), fazendo violência contra nós mesmos; só poderemos vencer, porém, o vício contrário à pureza, fugindo da ocasião e renunciando às afeições perigosas.

Se sentires, porém, teu coração livre e desembaraçado de tais afeições, toma todo o cuidado possível para não te emaranhares em qualquer laço, como já se tem dado com outros em razão de sua negligência. Eis o conselho que te dá S. Jerônimo (Ep. ad Eust.):

"Se, no trato com alguém, notares que alguma afeição desregrada se quer apoderar de teu coração, apressa-te em sufocá-la antes de se tornar um gigante. Enquanto o leão é ainda pequeno, pode ser fàcilmente trucidado; uma vez crescido, tornar-se-á mui difícil e humanamente impossível".

Coisa verdadeiramente lamentável e vergonhosa seria se permitisses que fizessem, em tua presença, gracejos indecentes. Não julgues que não pecas calando-te e simplesmente ouvindo tais gracejos; se não evitares o mais depressa possível a companhia de um homem tão insolente, já cooperaste com o pecado e te fizeste réu dele. Se receberes de alguém uma carta com palavras amorosas, rasga-a imediatamente ou lança-a no fogo e não lhe dês resposta. Se, por motivo grave, tiveres de responder, faze-o então em poucas e sérias palavras, e não dês a entender que notaste as tais palavras e muito menos que achaste nelas prazer.

c) Não repliques também que não há perigo, porque a pessoa de que se trata é piedosa. S. Tomás de Aquino diz (De mod. conf. c. 14): "Quanto mais santas são as pessoas pelas quais sentimos afeição particular, tanto mais devemos nos acautelar, porque o alto preço que fazemos de sua virtude mais nos excita ainda a amá-las". O Pe. Sertório Caputo, da Companhia de Jesus, diz: "O demônio, a princípio, nos inspira o amor à virtude daquela pessoa, depois o amor à própria pessoa, e, finalmente, nos lança na perdição". O doutor angélico faz notar que o demônio sabe perfeitamente esconder um tal perigo: no começo não dispara seta alguma que pareça envenenada, mas só tais que excitem a afeição, ocasionando leves ferimentos do coração; em seguida, quando o amor já está aceso, essas pessoas já se não tratam mais como anjos, mas como homens de carne e sangue: trocam repetidos olhares e palavras amorosas, desejam estar muitas vezes a sós, juntas e, por fim, a piedade espiritual degenera em amor carnal.

d) S. Boaventura indica cinco sinais, dos quais se pode deduzir se a afeição que a alguém nos prende é pura ou não. Primeiro, se se entretêm conversas inúteis; inúteis são todas as que levam muito tempo. Segundo, se ocorrem olhares e louvores mútuos. Terceiro, se se desculpam as faltas recìprocamente. Quarto, se aparecem pequeninos ciúmes. Quinto, se a separação de um causa certa inquietação. Eu ajunto ainda: Se se sente grande prazer e gosto nas maneiras ou gentileza natural da pessoa amada, se se deseja que nossa afeição seja correspondida e se não gosta que outros observem, ouçam ou falem disso.

e) Mas, mesmo as pessoas que pretendem contrair matrimônio, estarão obrigadas a sufocar a inclinação ou simpatia recíproca, suposto mesmo que seja honesta? me perguntará alguém. Se esses futuros esposos estiverem animados de tais sentimentos, que estejam prontos a empregar todos os cuidados para tornar remota a ocasião próxima do pecado e resolvidos a nunca ofender a Deus por causa de tal afeição, não precisarão romper com ela. A experiência, porém, ensina que os mais nobres sentimentos degeneram fàcilmente em paixão.

Por esses motivos os teólogos exigem muita cautela com essas pessoas. Sabendo quanto o coração humano é inclinado ao pecado e quão fraco quando dominado por uma paixão, só permitem tais relações entre os jovens quando estão em idade e têm vontade séria de se casar; além disso, que não sejam travadas sem consentimento dos pais, que não se prolonguem por muito tempo e só se namorem quando estiver próximo o casamento; também lhes interditam o trato a sós, longe das vistas dos pais, grande familiaridade e tudo o que possa manchar a pureza da alma, seja por pensamentos, olhares, palavras ou gestos.

Do filho de Tobias podemos aprender como os jovens devem se preparar para o casamento. Na cidade de Ragés, na Média, vivia uma piedosa donzela, de nome Sara, filha de Raguel. Estava profundamente aflita porque sete rapazes, que sucessivamente a tinham desposado, haviam sido sufocados pelo demônio da impureza, Asmodeu, na primeira noite depois das núpcias. Ora, o anjo Rafael, que acompanhara o jovem Tobias em sua viagem a Ragés, aconselhou-o a pedir Sara em casamento. Ele, porém, a par do ocorrido com os outros homens, temia expor-se ao mesmo perigo. O anjo, porém, tranquilizou-o, dizendo: "Ouve-me... o demônio só tem poder sobre aqueles que abraçam o estado conjugal excluindo a Deus de seus pensamentos, para satisfazerem ùnicamente a sua concupiscência, como o cavalo e a mula, que não têm entendimento. Tu, porém, quando receberes a Sara, entra com ela no teu quarto por três dias e três noites, guardando continência, e não te entregues a outra coisa que a oração, e então a receberás em matrimônio no temor do Senhor, levado mais pelo desejo de filhos que pela concupiscência, para que sejas abençoado e teus filhos sirvam e glorifiquem a Deus; então nada terás a temer do demônio". O jovem Tobias seguiu esse conselho, e seu casamento foi muito abençoado por Deus.

Notemos igualmente as quatro exortações dadas a Sara por seus pais, ao se despedirem dela: Primeiro, honra a teu sogro; segundo, ama a teu marido; terceiro, cuida em governar bem tua casa; quarto, porta-te em tudo irrepreensìvelmente. Estes avisos devem servir de norma a todos os jovens que pretendem contrair matrimônio.

f) O que dissemos até aqui se refere ao trato com pessoas de diferente sexo. O amor desregrado pode existir também entre pessoas do mesmo sexo, principalmente se são ainda moços e existe entre eles uma familiaridade por demais íntima. A este respeito S. Basílio diz o seguinte (Sermo de abd. rev.): "Vós, que sois ainda jovens, evitai a familiaridade com vossos iguais, pois, por meio dessas amizades, o demônio já arrastou a muitos para o inferno". "Alguns começaram com uma afeição, na aparência santa, continua ele, mas pouco a pouco precipitou-os o demônio num lodaçal de vícios os mais abomináveis". S. Ângela de Foligno se exprime de modo semelhante (Arnald. Vit., c. 64) "Ainda que seja o amor a fonte de todo o bem, não deixa de ser igualmente a fonte de todo o mal. Não falo do amor impuro, que deve ser evitado em todo o caso, mas da inclinação, em si inocente, que fàcilmente pode degenerar em amor desordenado. O trato ou comércio mui assíduo com outro, com pro-

testos de afeição, tem por consequência tornar nocivo o amor, visto que ele prende estreitamente um coração ao outro, obscurecendo a afeição crescente cada vez mais a razão. Em pouco tempo só quererá um o que quer outro, e então não terá mais coragem de resistir ao outro quando for convidado ao mal, e, assim, se perderão ambos".

Por isso, os que se dedicam à educação da mocidade estão gravemente obrigados a ter os olhos abertos nesse ponto, e não precisam ter escrúpulos, suspeitando mal com algum motivo. Se notarem qualquer apego ou familiaridade entre dois jovens, intervenham imediatamente e conservem-nos rigorosamente separados um do outro.

g) Aqui na terra cada um de nós anda por caminhos escabrosos e em trevas, e se, por cima, ainda um anjo mau nos persegue e impele à perdição, a saber, um mau companheiro, que é pior que o mesmo demônio, como poderemos escapar ilesos? Já Platão dizia: "Tomarás os mesmos modos daqueles com quem convives". Segundo S. João Crisóstomo, para se certificar dos hábitos de alguém, basta saber com quem ele anda, já que os amigos ou são ou fazem-se semelhantes uns aos outros. E isso por duas causas: primeiro porque um se esforça por imitar o outro, para lhe ser agradável; segundo, porque o homem, como nota Sêneca, é inclinado a fazer o que vê os outros fazerem. Dos israelitas lemos: "Eles se mesclaram com os gentios e aprenderam suas obras" (Sl 105, 35). Devemos, portanto, não só fugir do comércio com os devassos, diz o Sábio, mas também nos conservarmos longe de seus caminhos: "Meu filho, não andes com eles e não ponhas o teu pé em seus caminhos" (Prov 1, 15). Devemos evitar todo o trato com eles, suas conversas, ou presentes, com os quais procuram nos enredar em suas malhas. "Meu filho, se os pecadores te atraírem com seus afagos, não condescendas com eles" (Prov 1, 10). "Cairá uma ave talvez no laço armado na terra sem o chamariz?" (Am 3, 5). O demônio serve-se dos maus amigos como de chamarizes, segundo Jeremias, para prender as almas em suas redes de pecado. "Meus inimigos, sem motivo, prenderam-me como se prende uma ave na caça" (Jer 3, 52). Ele diz — sem motivo — porque, perguntando-se a um tal sedutor por que aliciou sua pobre vítima ao pecado, responderá: não havia motivo; eu só queria que ela fizesse como eu. E' essa exatamente a astúcia do demônio, diz S. Efrém: "Capturada uma alma em sua rede, serve-se dela como de uma armadilha ou negaça para prender a outra" (De rect. viv. rat., c. 22).

Fujamos, pois, a toda a familiaridade com tais escorpiões infernais como se foge da peste. Digo. Fujamos à familiaridade, isto é, não travemos amizade com homens viciosos, evitando tomar parte em sua mesa ou banquetes ou entretendo relações mais íntimas com eles. E' impossível evitar todo o comércio com eles, pois então deveríamos sair deste mundo, segundo o Apóstolo (1 Cor 5, 10). Contudo, é bem possível evitar um trato mais familiar, seguindo o conselho do mesmo Apóstolo: "Eu vos escrevi que não tenhais comunicação com eles... com um tal não deveis nem sequer comer". Disse ainda: Fujamos de tais escorpiões, pois o profeta Ezequiel designa assim os

sedutores: "Pervertedores estão contigo e habitas com escorpiões" (Ez 2, 6).

Não ousarias, alma cristã, habitar com escorpiões, e certamente te afastarias com toda a pressa de sua proximidade. Pois assim deves evitar os amigos que dão escândalo e envenenam tua alma com maus exemplos e conversas perversas. Quanto mais estreitamente estão ligados a nós, tanto mais perniciosos se tornam. "Os inimigos do homem são os seus domésticos" (Mt 10,36). Na Sagrada Escritura se diz: "Quem se compadecerá de um encantador mordido pela serpente e de todos os que se aproximam de animais ferozes? Assim também quem se compadecerá daquele que se torna companheiro de um homem iníquo?" (Ecli 12, 13). Se um tal homem, por motivo do perigo a que se expõe, cai em pecado e se precipita na condenação eterna, ninguém, nem Deus, nem os homens, terá compaixão dele, pois já foi advertido do perigo.

§ V. Da virgindade

S. Cipriano (De disc. et hab. virg.) denomina "a mais nobre porção da Igreja de Cristo" a multidão de virgens que se consagram ao amor de seu divino Esposo. Vários outros Santos Padres, como S. Efrém, S. Ambrósio, S. Agostinho, S. Jerônimo, S. Crisóstomo escreveram livros inteiros em louvor da virgindade.

Não é minha intenção expor aqui todos os méritos e vantagens que adquirem as pessoas que consagraram a Deus sua virgindade; disso tratarei extensamente no capítulo IV da III Parte, que trata do voto de castidade. Aqui farei, simplesmente, seguir uma pequena instrução para os que levam uma vida virginal sem terem emitido o voto de castidade.

As almas virgens são extraordinàriamente belas aos olhos de Deus: "Serão como os anjos de Deus no céu" (Mt 22, 30). Barônio conta que na morte de uma virgem, chamada Geórgia, uma multidão de pombos adejavam em redor da casa e, quando seu cadáver foi transportado à igreja, pousaram no teto, exatamente em cima do lugar em que se achava o ataúde, e daí não se retiraram até ser enterrada a piedosa virgem (An. 480). Essas pombas certamente eram anjos, que queriam prestar as últimas honras àquele corpo virginal.

As almas virginais, que renunciaram ao casamento para se dedicarem exclusivamente ao amor de Jesus Cristo, tornam-se esposas do Filho de Deus. Nos Santos Evangelhos Jesus Cristo é chamado Pai, Mestre, Pastor das almas; referindo-se às virgens, porém, dá-lhe o nome de Esposo: "Elas saíram a receber o esposo e a esposa" (Mt 25, 1). Por isso tinha razão S. Inês, respondendo, segundo S. Ambrósio, aos que lhe ofereciam a mão do filho do prefeito de Roma: "Ofereceis-me um esposo? Já encontrei um muito melhor" (De virg., l. 1). Semelhante resposta deu S. Domitila, sobrinha do imperador Domiciano, aos que queriam persuadi-la a casar-se com Aureliano: "Dizei-me, a quem deveria escolher por esposo uma jovem que se visse requestada por um monarca e por um camponês? Para casar-me com Aureliano, tenho de renunciar ao rei do céu. Ora, isso seria uma loucura inominável, que nunca praticarei". E, firme nes-

sa resolução, deixou-se queimar viva, para poder permanecer fiel a Jesus Cristo, a quem consagrara sua virgindade, pois foi a esse tormento que a condenara seu bárbaro amante.

Quem poderá imaginar a glória que Deus reserva a suas castas esposas lá no céu? Os teólogos são de opinião que no céu existe uma glória especial reservada às virgens, uma coroa ou alegria particular, de que estão privados os outros santos.

Mas, dir-me-á uma ou outra jovem: Ora, casando-me, também poderei santificar-me. Não receberás a resposta de minha boca, mas da de S. Paulo, que te dirá também a diferença que existe entre as virgens e as casadas: "A mulher virgem pensa nas coisas que são do Senhor, para que seja santa no corpo e no espírito. Mas a que é casada, pensa nas coisas que são do mundo, como agradar ao marido. Em verdade, digo isso para vosso proveito... para vos exortar ao que convém e vos facilita a orar ao Senhor sem embaraço" (1 Cor 7, 34).

Deve-se, pois, notar que as casadas, sem dúvida alguma, podem ser santas segundo o espírito, ao passo que as virgens, que amam a Deus, o são de corpo e espírito. Tome-se também em consideração estas palavras: "O que facilita servir a Deus sem impedimento". Quantos impedimentos não encontram as casadas na sua tendência à santidade; e esses obstáculos são tanto maiores, quanto mais elevada a sua condição.

Para nos fazermos santos temos de empregar os meios e, antes de tudo, nos consagrar à oração mental, receber a miúdo os SS. Sacramentos e pensar sem interrupção em Deus. Ora, quando uma senhora casada achará tempo para cuidar naquilo que é do Senhor? Ela se ocupará com as coisas deste mundo, diz S. Paulo, cuidará em agradar a seu marido, olhará para as necessidades de sua família, para o seu sustento e vestes, vigiará a educação de seus filhos, atenderá aos parentes e amigos, pensará continuamente nos seus afazeres; seu coração ficará assim dividido entre seus filhos, seu marido e Deus. Como encontrar tempo para se entregar a longas orações mentais, para receber muitas vezes a comunhão, se nem lhe resta tempo para cuidar de todas as obrigações de sua casa e estado? O marido quer ser atendido, os filhos gritam e choram, querendo mil coisas diversas. Como meditar entre tantos cuidados e perturbações? Muitas mães de família nem mesmo aos domingos podem ir à igreja. E' verdade, ela pode conservar a sua boa vontade, mas sempre lhe será custoso cuidar, como convém, do que é do Senhor. Não há dúvida também que pode adquirir muitos merecimentos em razão de tais provações, entregando-se à vontade de Deus que, em tais condições, nada mais quer que um sacrifício perene de resignação e paciência; mas, no meio de tantas distrações e tribulações, é quase impossível, é mesmo heroísmo, praticar a virtude da paciência e conformidade sem o exercício da oração e a recepção dos sacramentos... Mas, prouvera a Deus que as senhoras casadas nada mais tivessem a deplorar que a falta de tempo necessário para seus exercícios de piedade.

A má conduta do marido, os desgostos causados pelos filhos, os negócios da casa, as molestas atenções que se devem à sogra e aos cunhados, as suspeitas, as inquietações de consciência quanto à vida conjugal e educação dos filhos, tudo isso origina um mar de tribulações, no qual passam sua vida entre suspiros e lágrimas. E felizes se conseguirem salvar sua alma e alcançarem de Deus a graça de não deixarem o inferno desta vida para se precipitarem no inferno eterno. Esta é a *bela sorte* das jovens que se consagram ao mundo.

Mas, entre tantas mulheres casadas, não haverá uma só que se santifique? Sim, existem também santas casadas. Porém, quais são estas? As que se santificam pelo martírio, que sofrem tudo por amor de Deus, com uma paciência que nada abala. Mas quantas se elevarão a tal perfeição? Ah! mui poucas. E se encontrares uma tal, verás que deplora amargamente ter escolhido o partido do mundo, tendo podido, com tanta facilidade, consagrar-se a Jesus Cristo.

Verdadeiramente felizes são aquelas virgens que se consagram por inteiro e exclusivamente a seu divino Salvador. Essas estão livres dos perigos em que se acham as casadas. Seu coração está desembaraçado do apego aos filhos e maridos, aos bens transitórios, ao luxo vão ou a outras coisas do mundo.

E quando as mulheres casadas se vêem obrigadas a empregar muitos cuidados e grandes somas com seu traje para aparecer ao mundo à altura de sua posição e agradar a seus maridos, a virgem que se consagrou a Jesus Cristo se contenta com um vestido simples e desataviado, pois, do contrário, daria escândalo, vestindo-se com esquisitice. Todos os seus pensamentos e cuidados tendem a agradar a Jesus, a quem dedicou seu corpo, sua alma, seu amor todo. Assim, possui ela mais liberdade de espírito para pensar em Deus e mais tempo para se entregar à oração e receber os sacramentos.

Se não te sentes chamada, alma cristã, ao estado conjugal, nem ao religioso, mas desejas fazer-te santa no mundo, como verdadeira esposa de Jesus Cristo, toma a peito os seguintes conselhos: Para a santificação não é bastante conservar uma virgem ilibada a sua pureza e trazer o nome de esposa de Jesus Cristo; é preciso também praticar as virtudes de uma esposa de Jesus. No Evangelho é o reino dos céus comparado a umas virgens. Mas que virgens? Às virgens prudentes e não às loucas. Aquelas foram introduzidas na sala das núpcias; a estas foi a porta fechada e ouviram do esposo: Não deixeis de ser virgens, mas eu não vos conheço como esposas minhas. "As verdadeiras esposas de Jesus seguem a seu esposo para onde quer que ele vá" (Apoc 14, 4). Que quer dizer seguir o esposo? S. Agostinho explica que é prender-se a ele de corpo e alma (De s. virg. c. 7). Depois de lhe haveres sacrificado teu corpo, deves ainda consagrar-lhe todo o teu coração, de tal forma que só te ocupes em amá-lo. Para isso deves empregar os meios necessários para pertenceres exclusivamente a ele.

O primeiro é a oração mental, a que te deves dedicar com todo o zelo. Não julgues que, para isso, é necessário se recolher a um convento ou passar todo o dia na igreja. Não há dúvida que em uma casa

de família há barulho e perturbações de pessoas que entram e saem; mas quem tem boa vontade encontra sempre jeito e tempo para fazer suas orações, por exemplo, de manhã, antes de se levantarem as pessoas da casa; de noite, depois de se haverem recolhido. Também não se requer que se esteja sempre de joelhos; podem-se recitar as orações durante o trabalho ou no caminho; basta elevar o espírito a Deus, pensar na paixão de Cristo ou meditar sobre qualquer outro assunto devoto.

O segundo meio é a recepção assídua dos SS. Sacramentos da penitência e eucaristia. Quanto à confissão, deve-se escolher um diretor de consciência e seguir as suas determinações, do contrário, nunca se caminhará com segurança. Quanto à comunhão, não é muita coisa se for recebida só por obediência; não, deve-se ter desejo dela e pedi-la. Esse divino pão quer ser desejado e que se tenha fome dele. A comunhão é que faz que as esposas de Jesus permaneçam fiéis a seu divino Esposo, já que a ele devem em especial a conservação de sua pureza. Este divino sacramento conserva na alma toda a espécie de virtudes, sendo, porém, seu efeito principal conservar ilibado o lírio da virgindade, dando-lhe, por isso, o profeta o nome de "frumento dos escolhidos e vinho gerador de virgens" (Zac 9, 17).

O terceiro meio é o recolhimento e a vigilância. O divino Esposo compara sua esposa com um lírio entre os espinhos (Cânt 2, 2). Uma donzela que quer viver na sociedade, entre divertimentos e distrações mundanas, não poderá permanecer fiel a Jesus Cristo; deve, pelo contrário, estar sempre circundada dos espinhos da abstinência e mortificações, guardar, em especial no trato com os homens, a maior reserva, e rigorosa modéstia dos olhos e palavras e, mesmo, se necessário, mostrar-se austera e descortês.

Os espinhos são que protegem os lírios, isto é, as virgens; sem eles perder-se-ão em pouco tempo. O Senhor compara a beleza de sua esposa com a da pomba (Cânt 1, 9). Por quê? Porque a pomba, por instinto natural, evita a companhia de outros pássaros. Assim, uma virgem é bela aos olhos de Jesus, se leva uma vida retirada e se esconde, quanto possível, aos olhos do mundo. S. Jerônimo diz que o esposo das almas é cioso (Ep. ad Eust.). Desgosta-se muito, por isso, de uma virgem que, depois de se haver consagrado a seu amor, gosta de mostrar-se e procura agradar aos homens.

Pessoas verdadeiramente virtuosas preferem desfigurar-se a si mesmas a tornar-se objeto de amor criminoso. Se, por desgraça, acontecer tornar-se uma virgem vítima de uma violência qualquer, sem culpa sua, não deve inquietar-se com isso, já que sua pureza não fica alterada. Foi o que S. Lúcia deu a entender ao tirano que a ameaçava de entregá-la ao lupanar: "Se eu for desonrada contra minha vontade, receberei uma coroa dupla". Com razão se diz: Não o sentimento, mas o consentimento fere a alma. Além disso, podemos ficar convencidos que uma virgem modesta e reservada saberá também fazer-se respeitar.

O quarto meio é a mortificação dos sentidos. Uma virgem que quer conservar-se pura, diz S. Basílio, deve ser casta na língua, fa-

lando sempre com decoro e, se for necessário tratar com homens, só dizer o indispensável; casta nos ouvidos, evitando ouvir conversas mundanas; casta nos olhos, conservando-os fechados ou, ao menos, baixos na companhia de homens; casta no tacto, usando do máximo cuidado quanto aos outros e quanto a si própria; casta principalmente no espírito, esforçando-se por resistir aos maus pensamentos, recorrendo a Jesus e Maria.

Para conseguir isso é preciso que ela mortifique seu corpo com jejuns e outras penitências; mas só com a permissão de seu confessor deve praticar essas mortificações corporais para que não se lhe tornem perniciosas em vez de úteis, excitando-lhe o orgulho. Jesus Cristo é um "esposo de sangue" (Êx 4, 26), que desposou nossa alma na ara da cruz, e, por amor dela, derramou até a última gota de sangue. Por esse motivo, suas esposas suportam angústias, doenças, dores, maus tratos e injúrias, não só com paciência, mas até com alegria. Assim deve-se entender o texto da Escritura, que diz: "As virgens seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá" (Apoc 14, 4). Elas seguem jubilosas e cantando a Jesus, seu divino Esposo, mesmo no meio dos opróbrios e penas, a exemplo de milhares de virgens que foram ao encontro da morte e das torturas, cheias de alegria.

Finalmente, deves recomendar-te instantemente a Maria, a rainha das virgens, se quiseres perseverar no teu propósito de virgindade perpétua. Ela é que prepara e conclui a união das almas com seu divino Filho; ela que alcança para essas almas escolhidas a graça da perseverança, pois, sem a sua assistência, todas tornar-se-iam infiéis.

Vós, que lêdes estas linhas — dirijo-me àquelas que se sentem chamadas pelo divino Esposo a renunciar ao matrimônio — vós, que quereis pertencer a Jesus Cristo, não vos obrigueis desde logo por um voto, nem façais, logo no começo, o voto de castidade perpétua; fazei esse voto quando Deus vo-lo inspirar e o confessor vo-lo permitir. Aconselho-vos, porém, que agradeçais, por simples ato, que não impõe nenhuma obrigação, a Jesus Cristo vos ter chamado a seu especial amor e vos ofereçais ao Senhor como uma coisa que lhe é consagrada e própria para todo o sempre. E, por isso, dizei-lhe assim: O' meu Jesus, meu Deus e Salvador, que por mim morrestes, perdoai-me se também eu ouso chamar-vos meu esposo. Ouso porque vejo que vos agrada chamar-me a essa honra. Essa graça é tão grande, que não vo-la posso agradecer suficientemente. Eu merecia estar agora ardendo no inferno, porém, em vez de me castigar, escolheis-me para esposa vossa. Pois bem, meu divino Salvador, eu renuncio ao mundo, eu renuncio a tudo por amor de vós e a vós me entrego inteira e irrevogàvelmente. De hoje em diante sereis meu único bem, meu único amor. Vejo que quereis possuir meu coração inteiro: ei-lo, entrego-o sem restrição. Aceitai meu sacrifício e não me repulseis como eu merecia. Esquecei-vos de todas as ofensas que vos tenho feito até hoje: detesto-as de todo o coração. Ah! tivesse eu morrido antes de vos haver ofendido! Perdoai-me em vosso amor e concedei-me a graça de vos permanecer fiel e nunca mais vos abandonar. Vós, ó meu esposo, vos entregastes todo a mim; eis-me aqui, eu tam-

bém quero dar-me todo a vós. O' Maria, minha Rainha e minha Mãe, prendei meu coração ao coração de Jesus Cristo, ligai-me tão fortemente a ele, que nunca mais possa desprender-me de vosso divino Filho.

CAPITULO SÈTIMO

Da obediência

Toda a perfeição consiste na conformidade de nossa vontade com a vontade de Deus. Qual é, porém, o meio mais seguro para se conhecer a vontade de Deus e conformar a nossa vontade com ela? Esse meio é a obediência a nossos superiores e diretor espiritual. "Em caso algum se executa mais perfeitamente a vontade de Deus, diz S. Vicente de Paulo, que quando se obedece a seus superiores".

§ I. Do mérito da obediência

O maior sacrifício que uma alma pode fazer a Deus consiste na obediência a seus legítimos superiores, porque, segundo S. Tomás, nada nos é mais caro que a liberdade da própria vontade (De perf. vit. spir., c. 10) e, por isso, não podemos oferecer a Deus um presente mais agradável que nossa liberdade. Isso nos ensina o Espírito Santo nestes termos: "Obediência é melhor que sacrifício" (1 Rs 15, 22), isto é, Deus prefere a obediência a todos os sacrifícios. Quem consagra a Deus seus haveres, distribuindo-os aos pobres; sua honra, suportando com paciência os desprezos; seu corpo, mortificando-o com jejuns e penitências, dá a Deus uma parte de si mesmo. Quem, ao contrário, lhe sacrifica a sua vontade, sujeitando-se à obediência, entrega-lhe tudo o que tem e pode dizer: Senhor, depois de vos haver entregado minha vontade, nada mais possuo para vos dar. S. Gregório diz que praticando as outras virtudes damos a Deus o que é nosso, mas, pela obediência, fazemos-lhe o sacrifício de nós mesmos (In 1 Rs, 15). O mesmo Santo ensina que a obediência é acompanhada de todas as outras virtudes e as conserva na alma (Mor., l. 35, c. 12).

Segundo o venerável Pe. Sertório Caputo, semelhante ao martírio é o merecimento devido à obediência, porque, como se sacrifica a Deus, pelo martírio, a cabeça do corpo, se sacrifica, pela obediência, a sua própria vontade, que é a cabeça da alma. Pelo que, nos assegura o Sábio (Prov 21, 28) que um homem obediente vencerá todos os ataques de seus inimigos. "E' justo que os obedientes superem todos os ataques do inferno, porque, sujeitando sua vontade aos homens pela obediência, vencerão ao demônio, que caiu por causa de sua desobediência" (In 1 Rs, l. 4, c. 12). Cassiano ajunta (De coenob. inst., l. 4, c. 13) que, pela mortificação da própria vontade, se poderão fàcilmente extirpar todos os vícios, porque eles nascem da vontade própria. Promete Deus elevar da terra e assimilar aos espíritos celestes aqueles que renunciam à sua própria vontade (Is 58,

13). Segundo S. Lourenço Justiniano, torna-se tão cara a Deus uma alma que lhe sacrifica sua vontade própria, que ela alcança dele tudo o que pede (Sign. vit. Obed., c. 3).

S. Agostinho diz que, tendo Adão, pela desobediência, causado sua própria ruína e a de todo o gênero humano, o Filho de Deus fez-se homem principalmente para nos ensinar a obediência, por sua obediência. Por essa razão Jesus Cristo, já desde criança, começou a exercer a obediência, sujeitando-se a Maria e a José. Essa obediência exerceu sem interrupção durante sua vida inteira e foi "obediente até à morte, e mesmo até à morte na cruz" (Filip 2, 8). Muitos procuram subtrair-se à obediência, diz S. Bernardo (De mor. episc., c. 19), mas o Salvador procedeu mui diversamente: ele sacrificou sua vida para não faltar à obediência. A SS. Virgem revelou igualmente a uma de suas servas que Jesus Cristo sofreu a morte com um amor especial pelas almas obedientes.

Para um acréscimo de nossos merecimentos quer o Senhor que nos deixemos ferir pela fé. Por isso, em vez de pessoalmente falar conosco, nos revelou sua vontade por meio de nossos superiores. Quando Jesus Cristo apareceu a S. Paulo, no caminho de Damasco, poderia comunicar-lhe pessoalmente o que desejava dele; mas, não, ele só lhe diz: "Entra na cidade e aí te será dito o que deverás fazer" (At 9, 7). Em vista disso, afirma o Ven. Egídio que se adquirem mais merecimentos obedecendo aos homens, por amor de Deus, que obedecendo diretamente a Nosso Senhor.

A isso se deve ajuntar que temos maior certeza de cumprir com a vontade de Deus obedecendo a nossos superiores, do que se Jesus Cristo mesmo nos aparecesse e falasse conosco, porque uma tal aparição não nos daria certeza de que Jesus Cristo era realmente quem nos dirigia a palavra e poderíamos ser vítimas de uma ilusão do demônio sob a aparência do Salvador. Se, porém, nossos superiores nos mandam alguma coisa, estamos certos que, na sua pessoa, obedecemos ao próprio Jesus Cristo, que disse: "Quem vos ouve, a mim me ouve" (Lc 10, 16).

Por isso é uma ilusão quando se pensa que se pode fazer alguma coisa melhor do que aquilo que é imposto pela obediência. "Deixar as obrigações de estado para se unir a Deus pela meditação ou leitura espiritual é, segundo S. Francisco de Sales (Esp. S. Franc. 18, 19), abandonar a Deus para se unir a si mesmo e a seu amor-próprio". S. Teresa acrescenta que quem pratica uma boa obra, mas que é contra a obediência, certamente age por instigação do demônio, e não por inspiração de Deus, como ele, talvez, pense; as inspirações de Deus, diz a Santa, concordam sempre com a obediência. "De uma alma resolvida a servir a Deus, se exprime a Santa em outro lugar (Fund. c. 5), ele exige uma só coisa, a saber, que ela obedeça". Rodríguez diz: O que se faz por obediência vale mais que qualquer outra obra. E' mais meritório levantar do chão, por obediência, uma palha do que fazer, por própria vontade, uma longa meditação ou se disciplinar até ao sangue. Por esse motivo S. Maria Madalena de Pazzi antepunha à oração qualquer outro exercício prescrito pela obediência. "Fazendo o que me manda a obediência, dizia ela, es-

tou certa de cumprir a vontade de Deus, o que não se dá com as outras obras" (Cepar., c. 5).

Todos os mestres da vida espiritual concordam em afirmar que é melhor deixar, por obediência, um ato de piedade que praticá-lo contra a obediência. A SS. Virgem revelou a S. Brígida (Revel., l. 4, c. 6) que quem, por obediência, deixa de fazer uma mortificação, alcança um mérito duplo: o da mortificação, que queria fazer, e o da obediência, pela qual deixou de praticá-la.

Em vista disso S. Teresa podia afirmar com toda a razão que a obediência é o caminho mais curto para a perfeição. Por isso, alma cristã, se desejas andar com segurança, deixa-te guiar em todas as tuas ações pela obediência. Os negociantes, para não perderem suas mercadorias, asseguram-nas; do mesmo modo deves procurar a garantia da obediência para a segurança de tua salvação eterna.

Mas só quando a obediência é sobrenatural é que ela tem esse grande valor. Portanto, para obedeceres com mérito à Igreja, a teus pais, a teu confessor, em uma palavra a teus superiores espirituais e corporais, deves te convencer que, obedecendo-lhes, obedecerás a Deus mesmo e, desprezando seus preceitos, desprezas a teu divino Mestre mesmo, que disse aos superiores: "Quem vos ouve, a mim ouve, quem vos despreza, a mim despreza" (Lc 10, 16). Assim escreveu S. Paulo aos efésios: "Obedecei a vossos senhores... não os servindo à vista como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, que fazem de coração a vontade de Deus" (Ef 6, 6).

Se, pois, teus pais, teu confessor ou outros superiores te mandam fazer alguma coisa, então deves executá-la não para agradar aos homens, mas principalmente a Deus, cuja vontade te é revelada por teus superiores. E' certo que então estás mais seguro de cumprir a vontade de Deus do que se viesse um anjo do céu para ta anunciar. O que levou S. Paulo a escrever aos gálatas, que "ainda que um anjo do céu lhes pregasse coisa diversa da que lhes ensinara, não deveriam lhe dar crédito" (Gál 1, 18).

S. Bernardo diz que Deus quer, por assim dizer, equiparar a si os superiores, para nosso proveito e nossa segurança e que ele considera o respeito ou o desprezo que se lhe vota, como coisa própria.

Por isso, alma cristã, deves ter sempre diante dos olhos essa importante verdade: que obedeces ao próprio Deus quando prestas obediência a teus superiores. Se Jesus Cristo viesse pessoalmente te encarregar de algum trabalho, talvez te escusarias ou te oporias às suas ordens? hesitarias um só momento em executá-las? "Quer seja Deus mesmo que te dê um preceito, continua S. Bernardo (Scal. parad., gr. 4), quer o faça por intermédio de um homem que ocupe seu lugar, deves sempre obedecer com a mesma pontualidade".

§ II. Da obediência dos filhos a seus pais

Deve-se obedecer aos pais em tudo que é justo. "Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor", diz S. Paulo (Ef 6, 1). Os filhos, pois, são obrigados a obedecer aos pais em tudo que diz respeito ao bem da família e, principalmente, no que se refere aos bons costumes.

Não temas, alma cristã, de te entregar a um trabalho que te expõe ao perigo de muitas distrações e aí perder o recolhimento de espírito, se o fazes por obediência a teus pais; Deus te dará então, em um quarto de hora de oração mental, mais graças do que alcançarias em dez dias de recolhimento. Procura então, durante o teu trabalho, empregar na oração todo o tempo que te resta, ainda que sejam só alguns instantes. Não deves dizer que teu trabalho não te deixa nenhum tempo para a oração; os que têm zelo pelo trabalho e que amam a oração mental, encontram tempo para um como para o outro.

Contudo, devemos notar bem a última palavra do texto que citamos acima. Ela diz que se deve obedecer nas coisas que são agradáveis a Deus e não naquelas que o desagradam. Por exemplo, se uma mãe mandasse que seu filho roubasse ou ferisse alguém, estaria ele obrigado a obedecer? De forma alguma; pecaria até se o fizesse. Do mesmo modo, segundo S. Tomás, não se está obrigado a obedecer aos pais se se trata da escolha do estado. Quanto ao casamento, afirma o Pe. Pinamonti, com Sánchez, Konink e outros, que os filhos estão obrigados a aconselhar-se com seus pais, porque eles, nisso, têm mais experiência e porque, em tais circunstâncias, principalmente um pai cuida em cumprir seus deveres de pai. Quanto à vocação à vida religiosa, diz o Pe. Pinamonti, com não menos razão, o filho não tem a menor obrigação de pedir conselhos a seus pais, porque nisso não têm eles a menor experiência e, regularmente, o interesse próprio os transforma em inimigos. O mesmo afirma S. Tomás, que diz, a respeito da vocação, que nossos amigos segundo a carne muitas vêzes se opõem a nosso adiantamento espiritual. De fato, muitos pais preferem que seus filhos se percam com eles, a permitir-lhes que se salvem longe deles. Isto é, segundo S. Bernardo, uma crueldade da parte dos pais para com seus filhos.

§ III. Da obediência dos criados a seus amos

Antes de tudo deveis saber que vosso estado é um estado de humildade, e que vos santificareis principalmente pela prática da humildade. Por isso, submetei-vos a todos, em especial a vossos superiores, falai com eles com toda a humildade e prestai-lhes todos os serviços que estão em vosso poder. Se eles vos disserem uma palavra áspera, deveis ter a paciência bastante para suportá-la em silêncio e não deveis tratá-los como se fossem vossos iguais. E' próprio de vosso estado o servir; por isso, deveis fazer isso de boa vontade e com humildade, já que servir com soberba não é servir.

Se vosso estado é vil aos olhos dos homens, não o é aos olhos da fé. Isso já se deduz do Filho de Deus, o Soberano Senhor de todas as coisas, se ter aniquilado e tomado a forma de escravo, fazendo-se semelhante aos homens e sendo reconhecido na condição como homem (Filip 2, 17). "Ele lhes era submisso" (Lc 2, 52), e durante sua vida inteira obedeceu a uma humilde virgem e a um pobre artífice. Fez-se servo de todos e declarou até que não veio para ser servido, mas para servir (Mt 20, 28). E, no fim de sua vida, não se contentou

em aparecer como servo, submetendo-se aos outros, mas ele quis, como diz S. Bernardo (Sermo de pap.), passar por um servo mau e ser tratado como tal: com isso queria pagar a dívida que contraímos, tornando-nos, pelo pecado, escravos do inferno.

Sede cuidadosos em executar o que vos foi mandado, sem contradição e tardança. Não olheis se vossos companheiros trabalham ou se recreiam: cuidai só de vós mesmos; quanto mais trabalhais, tanto mais ganhais de Deus se o fizerdes com a intenção de agradar-lhe. Praticando assim, ajuntareis mais merecimentos que aqueles que ouvem muitas missas e lêem muitos livros espirituais, porque, dessa forma, cumprireis perfeitamente, em todos os vossos trabalhos, com a vontade de Deus, no que consiste toda a nossa santidade.

Não preciso notar, servo cristão, que não deves obedecer quando teus superiores te mandam uma coisa proibida por Deus. Quando o tirano Antíoco queria obrigar o velho Eleazar a infringir a lei, que proibia aos judeus o uso da carne de porco, seus amigos rogavam-lhe, apiedados de sua idade de noventa anos, que comesse só aparentemente, para se livrar da morte. O santo velho, porém, deu-lhes a sábia resposta: "Não convém à minha idade dissimular e, assim, induzir os moços a pensar que o nonagenário Eleazar passou para o paganismo" (2 Mac 6, 24).

Aceita também com humildade as repreensões e deixa a teus superiores toda a liberdade de te avisarem de tuas faltas em qualquer ocasião. Não imites aqueles que se zangam com a menor repreensão, de forma que o superior só com muita cautela é que deverá proceder e até esperar meses por um momento favorável para fazer uma advertência necessária, porque, do contrário, ele corre perigo de ver que se lhe nega o respeito devido e se põe toda a casa em revolução.

Durante o trabalho procura ocupar-te com Deus. Faze então muitos atos de amor, muitas devotas jaculatórias, dizendo, por exemplo: Meu Jesus, misericórdia! Meu Deus, ajudai-me: dai-me vosso santo amor! Recita também muitas vezes a Ave-Maria ou outras preces vocais. Busca a Deus e tu o encontrarás. Mas, para isso, deves amar o silêncio: deves falar só quando teu trabalho o requer, e evitar as alterações e as conversas inúteis. Conserva-te sempre, quanto possível, longe daqueles que não cessam de falar, e, em especial, daqueles que murmuram, difamam e têm conversas muito livres.

§ IV. Da obediência ao diretor espiritual

E' de grande importância que aqueles que tendem à perfeição tenham um diretor espiritual, que os encaminhe e guie em seus exercícios, tanto internos como externos. E' verdade que alguns santos foram dirigidos diretamente por Deus, diz S. Gregório, mas tais exemplos devem-se admirar sem querer imitar, ajunta o Santo, para que não se chegue a cair no erro, desprezando-se a direção de um homem.

A virtude segue o justo meio. Tanto a preguiça, como o zelo indiscreto, é uma falta na vida espiritual, e o diretor espiritual deve combater a primeira e refrear o segundo; para isso é absolutamente necessário um diretor. Se a alma não encontra ninguém, então Deus mesmo toma a sua direção; mas aquele que recusa tomar um minis-

tro de Deus por diretor, quando pode ter um, torna-se réu de teme ridade e extravia-se mui fàcilmente. Poderia Deus dirigir-nos dire tamente, mas, para conservar-nos na humildade, ele quer que nos su jeitemos a seus ministros e dependamos de sua autoridade.

E' para nós um grande benefício nos ter Jesus Cristo deixadc diretores espirituais no caminho para o céu, os quais nos preservam de dar passos em falso.

Alguns pensam que a santidade consiste em praticar muitas penitências. Se, porém, alguma pessoa de constituição fraca quisesse fazer penitências que a pusessem em perigo de vida, trabalharia assim para sua santificação? Não, antes pecaria. Outros julgam que a santidade consiste em empregar muito tempo na oração. Mas, se um pai de família negligenciasse a educação de seus filhos e se retirasse a uma solidão, para aí se entregar à oração, cometeria igualmente pecado, pois, ainda que a oração seja boa, um pai de família não deixa de estar obrigado a cuidar de seus filhos, tanto mais que êle pode unir as duas coisas sem viver na solidão. Pensam outros que a santidade consiste na recepção frequente da santa comunhão. Mas, se uma mãe de família quisesse comungar todos os dias, apesar da proibição de seu marido, em vista do dano que com isso sofre o governo da casa, certamente procederia mal essa mulher e teria de dar contas a Deus a esse respeito.

Em que, então, consiste a santidade? Consiste em se cumprir perfeitamente a vontade de Deus. Como, porém, podemos saber o que Deus de nós exige? Agradeçamos, sem interrupção, a Jesus Cristo, que nos deu um meio fácil para isso! Ele declarou que obedecemos a êle mesmo quando obedecemos a nosso diretor espiritual: "Quem vos ouve, a mim ouve". "A alma deve constituir seu juiz o confessor, diz S. Teresa, e então estar firmemente resolvida a não se inquietar a respeito de seu estado interior, mas a pôr toda a sua confiança nas palavras do Senhor: "Quem vos ouve, a mim ouve" (Lc 10, 16). Ela acrescenta que esse é o meio mais seguro de cumprir a vontade de Deus. Também confessou a Santa que conseguiu conhecer e amar a Deus justamente pela obediência prestada a seu confessor. S. Francisco de Sales se exprime do seguinte modo a respeito da obediência ao diretor espiritual. "O mais importante de todos os avisos nos dá o piedoso Ávila, quando nos diz: Podes procurar como quiseres, nunca encontrarás tão certamente a vontade de Deus, como no caminho daquela humilde obediência tão recomendada e praticada por todos os santos" (Filot. p. I, c. 4).

Quem age em obediência a seu diretor espiritual, agrada sempre a Deus, quer ele reze, ou se mortifique, ou comungue ou deixe de fazer esses exercícios de piedade. Ele ajunta sempre merecimentos, quer se recreie, ou coma ou beba, porque, obedecendo a seu confessor, se faz sempre a vontade de Deus. Por isso diz a Escritura (Ecle 4, 17) que a obediência é mais agradável a Deus que todos os outros sacrifícios que lhe podemos oferecer, como penitências, esmolas ou semelhantes coisas: "Obedecei a vossos superiores", diz S. Paulo (Heb 13, 17), e não tenhais receio a respeito do que praticais por obediência, porque eles, e não vós, hão de dar contas de vossas ações.

Notemos, porém, também o que o Apóstolo acrescenta: "Submeteivos a eles... para que façam isso com alegria e não gemendo", isto é, deve-se obedecer sem contradição, sem contristar o confessor e ocasionar-lhe gemidos. Ah! quanto desgosto não causam aos diretores espirituais os penitentes que não querem obedecer, apresentando certos pretextos ou desculpas e queixas injustas! Obedeçamos com toda a simplicidade a nossos diretores espirituais e não tenhamos temor a respeito daquilo que fazemos por obediência.

S. Filipe Néri dizia: Os que desejam se adiantar no caminho da perfeição devem se sujeitar a um confessor esclarecido e obedecer-lhe como a Deus mesmo; quem age assim, está seguro de não ter que responder a Deus por sua conduta. Se Jesus Cristo, pois, no dia do juízo, te pergunta: Por que escolheste esse estado? por que comungaste tantas vezes? por que omitiste estas e aquelas penitências? Poderás responder, se praticaste a obediência: Senhor, assim ordenou-me meu confessor. E o divino juiz só poderá aprovar o que fizeste.

Além disso, pela obediência ao diretor espiritual se podem deslindar todas as ilusões do demônio: O demônio, repetidas vezes, procura arrastar-nos, sob a aparência do bem, a grandes perigos ou mover-nos a empresas que parecem ser mui dignas de louvor, mas que nos podem prejudicar grandemente. O demônio, por exemplo, já induziu várias pessoas, que se entregaram à piedade, a praticar penitências rigorosas demais; com isso perderam sua saúde, deram de mão à prática do bem e, pouco a pouco, foram dar na larga estrada da perdição. O mesmo se dará conosco, se seguirmos o nosso próprio parecer: se nos deixarmos, porém, guiar por nosso diretor espiritual, não temos motivo para temer tais decepções.

Quem não obedece à voz de seu confessor, acha-se em grande perigo de se perder, porque resiste àqueles aos quais Jesus Cristo disse: Quem vos ouve, a mim ouve; quem vos despreza, a mim despreza.

O mesmo disse o Senhor a Samuel, quando ele se queixava de que o povo o desprezava, apesar de Deus mesmo lhe ter confiado a sua direção: "Eles não renunciaram a ti, mas a mim, para que eu não impere mais sobre eles" (1 Rs 8, 7). Quem, pois, menospreza o confessor ou nega-se a obedecer-lhe, despreza a Deus mesmo, cujo lugar ele ocupa.

Penitentes há que disputam com seus confessores para atraí-los a seu parecer. S. Paulo lhes afirma, no texto acima citado, que isso nenhum proveito lhes traz, pois, se o confessor vê que não se faz o que ele diz, apesar do grande esforço que faz para conduzi-lo pelo caminho reto, se cansará, afinal, de dirigir um tal penitente. Ai do navio cujo piloto abandona o leme! Ai do doente que é abandonado pelo médico! Se o doente não quer obedecer e tomar os remédios prescritos, se quiser comer só o que lhe agrada, que fará o médico? Abandoná-lo-á. Mas como se poderá esperar o restabelecimento de um tal doente? Ai do penitente que quer andar sòzinho e dirigir-se a si mesmo! Porque não encontra ninguém que o dirija e lhe mostre o caminho, se precipitará certamente no abismo.

O Espírito Santo (Ecli 9, 20) diz de cada um que vem ao mundo, que deverá transitar no meio de ciladas. Nós, pobres mortais, andamos neste mundo entre mil ciladas. Tais são as tentações do demônio, as ocasiões perigosas, as más companhias e, principalmente, nossas próprias paixões, que tantas vezes nos seduzem! Ah! quem poderá salvar-se no meio de tantos perigos? O Sábio responde: "Só será salvo aquele que evitar essas ciladas" (Prov 11, 15). Mas como evitá-las? Só se entregando à direção de um guia. Se, durante a noite, tivesses de atravessar uma mata, cheia de precipícios, e não tivesses nenhum guia que fosse adiante de ti, com uma luz, e te avisasse dos lugares perigosos, certamente estarias em grande perigo de perder a vida. E nas coisas de tua salvação eterna te deixarás levar por teu próprio parecer? Ouve a advertência de teu divino Mestre: "Atende bem, para que a luz que tens não seja trevas" (Lc 11, 35) e te conduza ao precipício.

Contudo, a escolha de um diretor espiritual não deve ser feita sem mais nem menos e influenciada pela inclinação natural. Deves escolher aquele que parece o mais apropriado para o bem de tua alma. Não basta que ele seja sábio e experimentado: deve ser também um homem de oração, que trilhe igualmente o caminho da perfeição. Um barril não pode fornecer outro vinho senão o que ele contém. "Se os diretores de consciência não são homens de oração, diz S. Teresa (Vida, c. 13), sua ciência pouco aproveitará".

Se escolheste, finalmente, um bom confessor, então não o deves abandonar levianamente. Se ele é rigoroso em suas repreensões, não tens ainda motivo para abandoná-lo, antes isso deve mover-te a permaneceres sob sua direção. A esse respeito S. Luís, rei de França, deu a seu filho, que o devia suceder no trono, o seguinte conselho: "Confessa-te muitas vezes, e escolhe homens sábios e virtuosos para teus diretores espirituais, que saibam te instruir a respeito do que tens a fazer ou evitar, e deixa a teus confessores toda a liberdade para te repreenderem e admoestarem".

Não há confessor mais incapaz que aquele que pouco repreende e que é muito indulgente com as faltas de seu penitente, visto que, assim, ele o acostuma a fazer pouco caso de suas faltas.

Se, por conseguinte, tens um confessor que te conduz por ásperos caminhos, tratando-te com rigor por causa de tuas faltas voluntárias, deves tê-lo em conta de um ótimo diretor e não o deves abandonar.

Talvez repliques que o teu confessor, a quem seguiste até agora, te dirigiu mal, como outros também to confirmam. Ao que respondo que não podias errar fàcilmente, se foste obediente. Se isso, porém, se deu, o motivo talvez estará em teres obedecido em algumas coisas e em outras não; pois Deus não está obrigado a conceder sua assistência a uma obediência tão defeituosa. Abandona-te inteiramente à direção de teu confessor, obedece-lhe em tudo, que então certamente o Senhor não permitirá que te enganes. Se teu confessor não possui a ciência necessária, Deus suprirá o que falta, pois é impossível que uma alma que quer santificar-se e que confia em Deus se engane, se ela for fiel em obedecer a seu confessor.

Além disso, deves estar convencido que nenhum confessor pode dirigir-te à santidade se não estiveres resolvido a renunciar à tua própria vontade. Quanto à paz do coração, te exorto mui especialmente que não a esperes obter do confessor, mas só e ùnicamente de Deus; porque, se depositares toda a tua confiança no confessor, Deus não permitirá a paz que desejas.

A direção, portanto, de teu confessor não te deve servir a conseguires uma paz sensível, mas a te fazer conhecer o que Deus exige de ti. Algumas vezes sentirás angústias quase mortais, se seguires as prescrições do confessor; suas palavras, muitas vezes, te causarão enfado, em vez de te consolar. Apesar disso, deves te resolver a obedecer-lhe, custe o que custar, ainda que tivesses de suar sângue. Grava profundamente em tua memória que a santidade só se adquire entre espinhos e contradições; se, portanto, a procurares entre suavidades, nunca a encontrarás.

(Sobre o voto da obediência, veja-se a II Parte, cap. 5).

CAPÍTULO OITAVO

Da humildade e mansidão

I. Da humildade

§ I. Da grande importância da humildade

A humildade é chamada pelos santos o fundamento e a conservadora de todas as virtudes. Ainda que não seja a mais excelente de todas as virtudes, contudo, como fundamento das outras, ocupa, segundo S. Tomás (II.-II. q. 161, a. 5), o primeiro lugar. Como, na ereção de um edifício, o fundamento antecede as paredes e as colunas, ainda que sejam de ouro, assim a humildade, na vida espiritual, deve estar em primeiro lugar, para expelir a soberba, que repugna a Deus. Quem, pois, quiser adquirir as outras virtudes sem a humildade, segundo S. Gregório, espalha areia ao vento.

Essa bela virtude não era conhecida nem amada na terra, antes muito desprezada; por toda a parte reinava a soberba, que ocasionara a queda de Adão e de toda a sua posteridade. Por isso desceu do céu o Filho de Deus para nos ensinar a humildade, não só com palavras, mas também com seu exemplo; para esse fim foi tão longe na sua humildade, que ele "se aniquilou a si mesmo, tomou a forma de escravo, fazendo-se semelhante aos homens e sendo tido na condição como homem" (Filip 2, 7). Quis até aparecer entre os homens como um objeto de desprezo e como "o último de todos", como Isaías (Is 53, 3) o chama.

E, na verdade, vemos nosso Salvador, em Belém, nascer em um estábulo; em Nazaré, trabalhar, pobre e desconhecido, como filho de um carpinteiro, em uma oficina; em Jerusalém, vemo-lo açoitado como um escravo, entregue à irrisão como um homem desprezível, coroado de espinhos como um rei de teatro, e, finalmente, morto na cruz como um malfeitor.

Ouçamos agora o que ele nos recomenda: "Eu vos dei um exemplo, para que façais como eu fiz" (Jo 13, 15). Com isso parece dizer: Meus filhos, suportei todos esses ultrajes para que sigais o meu exemplo. S. Agostinho diz, em relação à humildade de Jesus Cristo: "Se este remédio não cura a nossa soberba, não sei que meio nos poderá curar dela" (Sermo 77).

"Todo o arrogante é uma abominação para o Senhor" (Prov 16, 5), diz o Espírito Santo. Por que isso? Porque o soberbo é um ladrão, um cego e um mentiroso. E' um ladrão, porque se apropria do que pertence a Deus, de quem ele recebeu tudo o que tem, segundo S. Paulo (1 Cor 4, 7). Se se colocasse sobre um cavalo uma manta bordada a ouro, poderia ele gloriar-se disso, se fosse racional, sabendo que, a um sinal de seu senhor, ser-lhe-á tirada?

O soberbo é, além disso, cego, como se diz no Apocalipse (Apoc 3, 17); pois o que podemos nos atribuir, fora do nada e do pecado? Segundo S. Bernardo (In fest. omn. Sanct., Sermo 1), nós mesmos, no pouco bem que fazemos, só encontramos pecados e faltas, caso o apreciemos segundo seu justo valor.

O soberbo é, finalmente, um mentiroso, visto que todos os bens que o homem possui, tanto os da natureza, como saúde, inteligência, beleza, aptidões, como os da graça, bons desejos, um coração dócil, um espírito lúcido, são presentes de Deus. "Pela graça de Deus, diz o Apóstolo (1 Cor 15, 10), sou eu-o que sou", já que é certo, acrescenta ele, que nada podemos por nós mesmos, nem sequer ter um bom pensamento.

O Senhor deixa, às vezes, para preservar seus servos da soberba, que eles sejam atormentados por tentações vergonhosas, como as tentações contra a santa pureza; não obstante suas instantes súplicas, procede com eles como outrora com S. Paulo, que escreve: "Para que não me ensoberbecesse com as sublimes revelações, foi-me dado um aguilhão na minha carne, o anjo de satanás para me esbofetear. Por esse motivo roguei ao Senhor três vezes que ele se apartasse de mim; e então me disse: "Basta-te a minha graça" (2 Cor 12, 9). O Senhor não queria, pois, livrar o Apóstolo do tormento dessas tentações impuras para que permanecesse humilde. Às vezes chega Deus a permitir que se caia em um pecado para que se fique humilde. Isso se deu, entre outros, com David, que confessou que pecara porque não se humilhara (Sl 118, 67).

"Humilha-te, que Deus descerá para se unir a ti", diz S. Agostinho, "se porém, te ensoberbeceres, fugirá de ti" (Sermo 179). No mesmo sentido diz o profeta (Sl 137, 6): "O Senhor olha com complacência para os humildes, e só de longe para os orgulhosos", e como não se conhecem os que se vêem de longe, parece que Deus aqui quer dizer dos orgulhosos que ele não os conhece.

Os orgulhosos são mui desagradáveis a Deus: ele não os pode suportar. Apenas se tornaram os anjos do céu orgulhosos, e o Senhor já os expeliu para longe de si, no inferno. Precisa-se cumprir a palavra de Deus: "Quem se exalta será humilhado" (Mt 23, 12). Como narra S. Pedro Damião (Op. 34, De ver. mir. narr., c. 4), um homem orgulhoso ouviu ler uma vez as sobreditas palavras no

Evangelho da Santa Missa, na ocasião que se preparava para um duelo, para defender uma sua possessão. Ouvindo isso, teve a ousadia de dizer: Isso não é verdade, pois se eu me humilhasse, perderia meus haveres e a consideração dos homens. Mas que aconteceu? Ao travar o duelo com seu adversário, este, com seu punhal, atravessou-lhe a boca, rasgou-lhe a língua blasfema e prostrou-o morto por terra.

O Senhor prometeu atender a todo aquele que o invocar: "Quem pede, recebe" (Lc 11, 10). Deus, porém, não ouve os soberbos: "Deus resiste aos orgulhosos, diz S. Tiago (Tg 4, 6), mas aos humildes dá sua graça". A estes apressa-se Deus em abrir sua mão e conceder-lhe tudo que desejam. Daí a advertência do Espírito Santo: "Humilha-te diante de Deus, e espera na sua mão benéfica" (Ecli 13, 9).

"Senhor, dá-me o tesouro da humildade", suplicava S. Agostinho. A humildade é chamada um tesouro, porque o Senhor cuida que os humildes abundem em todos os bens. Se o coração do homem está cheio de si mesmo, não tem lugar para os dons de Deus; o homem deve, pois, pelo conhecimento de si mesmo, como que despojar-se de si. "Vós fazeis nascer fontes nos vales, diz David (Sl 103, 10), e as águas passarão no meio dos montes". Deus inunda os vales, isto é, as almas humildes, com graças, não, porém, os montes ou os espíritos soberbos, por sobre os quais correm as águas, sem se deter neles. E, por essa razão, diz a SS. Virgem no seu cântico: "Grandes coisas operou em mim o Poderoso, pois ele olhou para a humildade de sua serva", isto é, ele viu o conhecimento que tenho do meu nada.

S. Teresa conta de si mesma que recebia as maiores graças de Deus quando mais se humilhava diante dele no coração. "A oração do homem que se humilha, diz o Sábio (Ecli 35, 21), atravessa as nuvens, e não pára até chegar, e de lá não volta sem que o Altíssimo a ouça". Os humildes alcançam de Deus tudo o que desejam: não precisam temer, segundo o real Profeta (Sl 73, 21), que fiquem confundidos e desconsolados. Isso levava S. João Calazans a dizer: "Se queres tornar-te santo, sê humilde". O mesmo aconselhara um homem devoto a S. Francisco de Borja, quando se achava ainda no mundo: disse-lhe que, se queria tornar-se santo, deveria todos os dias pensar na sua miséria. Fiel a esse conselho, o Santo empregava todos os dias as duas primeiras horas de sua oração no conhecimento e desprezo de si mesmo.

Como o orgulho é o mais evidente sinal de reprovação, escreve S. Gregório (Mor., l. 34, c. 32), é a humildade o mais claro indício da predestinação. Quando S. Antão Abade viu o mundo cheio de ciladas do demônio, exclamou, suspirando: "Quem poderá jamais escapar a tantos perigos?" Ouviu, porém, uma voz que dizia: "Só a humildade anda segura: quem andar com a cabeça baixa, não precisa temer cair em uma emboscada" (Vita Pat., l. 3, n. 120). Numa palavra: Se não nos tornarmos crianças, não na idade, mas na humildade, como diz o Salvador (Mt 13, 3), não poderemos entrar no reino dos céus.

Na vida de S. Palemon se conta que um monge andou sobre carvões acesos, do que ele se gabara diante de seus confrades, dizendo: Dizei-me quem de vós poderá andar sobre carvões acesos sem se

queimar? S. Palemon repreendeu-o de sua vaidade; o infeliz não entrou em si, permaneceu na sua presunção, caiu em pecados mortais e terminou sua vida com uma morte triste.

Os humildes são felizes não só na outra vida, mas também nesta, conforme as palavras de nosso divino Salvador: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis paz para vossas almas" (Mt 11, 29). O orgulhoso nunca encontra paz, desde que nunca chega a ser tratado de tal modo que corresponda à alta idéia que faz de si. Se é honrado, está descontente por ver que outros o são ainda mais. Sempre lhe faltará ao menos uma honra que ele deseja e sua falta o atormenta mais do que o satisfazem as honras que se lhe prestam. Que honras não recebia Amã na corte de Assuero! Podia até assentar-se à mesa real! Mas, apesar disso, se julgava infeliz, porque Mardoqueu não o queria saudar: "Ainda que tenha tudo isso, julgo nada ter, vendo Mardoqueu, o judeu, assentado à porta do rei" (Est 5, 13).

E quais são as honras que recebem os soberbos? São honras com as quais não se podem contentar, porque são prestadas com constrangimento e por respeito humano. S. Jerônimo (Ep. 22 ad Eust.) diz que a verdadeira honra foge daquele que a busca e corre atrás daquele que a despreza, como a sombra segue aquele que dela foge e foge daquele que a quer apanhar.

O humilde, porém, está sempre satisfeito, pois se se lhe presta uma honra, parece-lhe ela mui grande para seu merecimento; faz-se-lhe uma injúria, julga que, por seus pecados, mereceu coisa muito pior, e diz, com Job: "Pequei, verdadeiramente delinqui e não recebi o que merecia" (Job 33, 27). A esse respeito S. Francisco de Borja nos dá um belo ensino. Empreendendo ele uma vez uma longa viagem, aconselharam-no a mandar alguém adiante para tratar do alojamento, a fim de evitar as dificuldades que uma chegada inesperada ocasiona. O Santo respondeu: "Oh! quanto a isso, sempre mando adiante um mestre de quartel. E' o pensamento do inferno que eu mereci e, assim, me parece um palácio real qualquer albergue, em comparação do lugar em que merecia estar"

§ II. Da humildade do entendimento

Depois de conhecer os grandes bens que a humildade traz consigo, consideremos a prática da mesma e vejamos o que devemos fazer para alcançar essa santa virtude.

A humildade se divide em humildade do entendimento e humildade da vontade. Falemos primeiro da humildade do entendimento, sem a qual não chegaremos à da vontade.

A humildade do entendimento, segundo S. Bernardo (De grad. hum., c. 1), consiste em que tenhamos uma baixa idéia de nós mesmos e nos tenhamos em conta de desprezíveis, como, na realidade, o somos. Humildade é verdade, escreve S. Teresa (Cant. dalm. Hab. 6, c. 10), e o Senhor ama tanto os humildes porque eles amam a verdade. E' pura verdade que nada somos, que somos ignorantes, cegos e incapazes de praticar qualquer bem. De um lado, nada temos de

nós mesmos, a não ser o pecado, que nos torna ainda mais desprezíveis que o nada; doutro lado, por nós mesmos só podemos praticar o mal. Todo o bem que temos ou fazemos vem de Deus e pertence a Deus. Porque o humilde tem sempre diante dos olhos essa verdade, nada se atribui senão o mal, e julga-se digno de todo o desprezo; em vista disso, não suporta que se lhe atribuam merecimentos que ele não tem; ao contrário, alegra-se, vendo-se desprezado e tratado como merece, e quanto mais desprezível se julga a seus olhos, tanto mais agradável se torna a Deus, diz S. Gregório (Mor., l. 18, c. 22).

Por isso devemos pedir incessantemente, com S. Agostinho: "Senhor, fazei que eu me conheça a mim e conheça a vós (Sol., l. 2, c. 1). Vós sois a fonte de todo o bem, e eu nada sou senão miséria, já que de mim nada possuo, nada sei, nada posso e para nada sirvo senão para praticar o mal". "Só pelos humildes é Deus honrado", diz o Sábio (Ecli 3, 21). Na verdade, só os humildes têm Deus em conta do que ele é, a saber, o único e sumo Bem.

Se, pois, queres honrar a Deus, alma cristã, deves ter sempre tua miséria diante dos olhos; reconhece humildemente que nada te podes atribuir, a não ser o nada e o pecado, e que Deus, de seu lado, é tudo. Deves estar persuadida que nada mereces senão desprezo e castigo e mostra-te pronta a abraçar todos os castigos que Deus quiser te enviar. Em conformidade com esses princípios, deves observar o seguinte:

Primeiro: Nunca te glories de tuas boas obras; os santos praticaram coisas mui diversas das tuas e nunca se vangloriaram; por isso sempre aconselho que se faça a miúdo a leitura espiritual sobre a vida dos santos, pois, à vista das grandes coisas que os santos fizeram por Deus, ao menos perderemos o orgulho e nos envergonharemos de ter feito tão pouco até agora e de ainda fazermos pouco.

Como poderemos nos gloriar de alguma coisa, sabendo que é um puro dom de Deus se temos algum bem? "Quem deixaria de rir, diz S. Bernardo (In Ct. sermo 13), se as nuvens se gloriassem de ser a causa da chuva?" Mereceríamos o mesmo escárnio se nos gloriássemos do pequeno bem que fazemos.

O Beato João d'Ávila narra que um senhor de categoria, que se casara com uma pobre camponesa, ordenou-lhe que guardasse seus humildes trajes para que não se ensoberbecesse, vendo-se cercada de criados e trajando lindos vestidos. Deves proceder do mesmo modo, alma cristã. Se achas algum bem em ti, retoma teus antigos trajes: lembra-te daquilo que eras antes e deduze daí que todo o bem que possuis é uma esmola de Deus. "Senhor, diz S. Agostinho (Conf., l. 9, c. 13), se alguém vos enumerar seus merecimentos, que enumera ele senão vossas dádivas?" Quando S. Teresa praticava ou via praticar uma boa obra, apressava-se em louvar a Deus por isso, porque pensava que esse bem vinha de Deus. Com toda a razão nota ela que a humildade de forma alguma impede que se reconheçam as graças especiais que Deus, talvez mais liberalmente, nos concedeu que a outros. Isso não é orgulho, diz ela, um tal reconhecimento favorece até a nossa humildade e gratidão, fazendo-nos ver que somos mais favorecidos que outros, apesar de sermos mais indignos que eles.

"Uma alma que não reconhece que recebeu grandes coisas de Deus, acrescenta a santa (Vid., c. 10), não fará também grandes coisas por Deus".

Tudo depende disso, que distingamos sempre o que temos de nós mesmos. S. Paulo não hesitou em dizer que ele trabalhou mais por Jesus Cristo que todos os outros apóstolos (1 Cor 15, 10), mas declarou também, logo depois, que tudo o que ele fez não era obra sua, mas da graça divina, que o auxiliara.

Segundo: Já que sabes que sem Deus nada podes, nunca confies em tuas próprias forças, mas imita a S. Filipe Néri, que sempre desconfiava de si mesmo. O soberbo confia em sua própria força e por isso tomba, como aconteceu com S. Pedro. "Se tiver de morrer convosco, protestava ele ao Salvador, não vos negarei" (Mt 26, 35); mas porque ele dizia isso confiado em suas próprias forças, apenas chegado à casa do sumo sacerdote, já negou seu divino Mestre.

Não confies, portanto, em teus propósitos e em tua atual boa vontade; põe toda a tua confiança em Deus e dize sempre: "Tudo posso naquele que me conforta" (Filip 4, 13). Então podes esperar fazer grandes coisas, pois os humildes, "que esperam em Deus", diz Isaías (Is 40, 31), "terão sempre novas forças". Porque sempre desconfiam de si, deixam de ser fracos e adquirem a força de Deus. Dizia S. José Calazans: "Quem deseja que Deus dele se sirva para grandes coisas, deve se esforçar para tornar-se o mais humilde de todos".

Deves fazer, alma cristã, como S. Catarina de Sena, que se humilhava, se era tentada pela vã glória, e punha toda a sua confiança em Deus, se era tentada de desconfiança. Um dia lhe disse o demônio, no auge do furor: Amaldiçoada sejas e amaldiçoado seja aquele que te ensinou esse meio de me venceres, pois já não sei mais como te hei de atacar. Se, portanto, o demônio se chega a ti com a sugestão de que não precisas temer, que não cairás, deves tremer ao pensar que estarás perdida no momento que Deus te deixar; e se o demônio te tentar de desconfiança, deves dizer confiadamente com David: "Em vós, Senhor, pus minha confiança, espero firmemente que nunca serei confundido", que nunca serei privado de vossa graça e um escravo do inferno.

Terceiro: Se tiveres a desgraça de cair em um pecado ou falta, não percas a coragem, mas humilha-te, arrepende-te e, porque ficaste conhecendo melhor a tua fraqueza, entrega-te ao Senhor com maior confiança ainda. Não é humildade, mas sim orgulho, ficar-se indignado depois de cometer uma falta. Porque se é orgulhoso, admira-se que se pode cometer tal falta. Esse desânimo é ao mesmo tempo uma mancha do demônio, que nos quer roubar a confiança, para nos afastar do caminho da perfeição e nos precipitar em maiores pecados.

Mas, longe de nos deixarmos enganar pelo inimigo, devemos, mais que nunca, confiar no Senhor. Assim se devem entender as palavras do Apóstolo: "Tudo serve para o bem daqueles que amam o Senhor" (Rom 8, 28), até o pecado, como ajunta a Glossa. Nesse sentido disse um dia o Senhor a S. Gertrudes: "Quando se suja a mão, lava-se e ela fica mais limpa que antes: assim a alma que se

purifica de uma falta cometida, pelo arrependimento, torna-se-me muito mais agradável que antes".

Deus permite, às vezes, que as almas que ainda não estão bem firmadas na humildade caiam em alguma falta para que aprendam a desconfiar de si e a pôr sua confiança em seu auxílio. Se, pois, caíste eu uma falta, alma cristã, não permaneças prostrada, mas levanta-te imediatamente por atos de amor e arrependimento, com o firme propósito de te emendar, e redobra de confiança em Deus. Deves então dizer com S. Catarina de Gênova: "Vede, Senhor, esses são os frutos de meu jardim: se não estenderdes vossa mão auxiliadora sobre mim, farei coisa ainda pior; mas com vossa assistência espero não tornar a cair, como firmemente proponho". Se, apesar disso, tornares a cair, levanta-te sempre de novo, da mesma forma, e não dês de mão à resolução de te tornares santa.

Quarto: Se souberes que alguém cometeu um pecado mortal, não deves te admirar muito disso, antes ter compaixão dessa alma e tremer por tua própria salvação, dizendo, com David: "Se o Senhor não me tivesse auxiliado, se acharia no inferno minha alma" (Sl 93, 17). Nunca te glories, portanto, de não ter as faltas que notas nos outros; senão o Senhor deixará, para teu castigo, que caias nas mesmas (Collat. 2, c. 13).

Cassiano narra que um jovem religioso que, há tempo, era atormentado por uma forte tentação contra a santa pureza, foi buscar socorro com um velho monge; este, porém, em vez de o animar só aumentou sua confusão e aflição, agravando-o com exprobrações. Como é possível, exclamou ele, que um religioso pense em tais imundícies? Mas que sucedeu? Por permissão de Deus, foi esse ancião atormentado pelo espírito imundo de um modo tão assombroso que ele corria, como um mentecapto, pelo mosteiro. Dirigiu-se então a ele o abade Apolo, que tivera notícia do seu imprudente procedimento, e disse-lhe: Meu irmão, Deus permitiu que te sobreviesse essa tentação porque te mostraste tão admirado daquele pobre jovem que recorreu a ti; ao mesmo tempo ele queria ensinar-te paciência com os outros em semelhantes casos. Também o Apóstolo nos exorta que não mostremos dureza ou desprezo nas repreensões: "Se alguém tiver de corrigir a qualquer um, considere então que ele próprio é tão pobre e frágil como o outro; senão permite Deus que ele seja atacado pela mesma tentação e, talvez, caia no mesmo pecado de que se admirou em seu irmão". "Irmãos, se algum homem for surpreendido em algum delito... admoestai a um tal em espírito de mansidão e considerai a vós mesmos, para que não sejais também tentados" (Gál 6, 1).

Quinto: Deves também te considerar, alma cristã, como a maior pecadora do mundo. Como as almas verdadeiramente humildes, que são mais iluminadas pela luz celeste, melhor conhecem as perfeições de Deus, também melhor vêem sua miséria e seus pecados. Daí provém que os santos, apesar de levarem uma vida tão exemplar e tão diferente dos outros, se julgavam os maiores pecadores do mundo, e isso não por exagero, mas por convicção íntima, como lemos, por exemplo, de S. Francisco de Assis. S. Tomás de Vilanova vivia em

contínuo temor por causa das contas que uma vez havia de dar a Deus, de sua vida tão má, como ele dizia. S. Gertrudes considerava um milagre que a terra não se abrisse debaixo dos seus pés para tragá-la, por causa de seus pecados. "Ai de mim, pecador, exclamava, chorando, S. Paulo, o primeiro eremita, eu tenho injustamente o nome de um monge". O Beato João d'Ávila conta de uma pessoa virtuosa que ele alcançara de Deus a graça de conhecer o estado de sua alma e achou-a tão feia e hedionda, apesar de só ter cometido pecados veniais, que exclamou: "O' Senhor, por vossa misericórdia, afastai para longe de meus olhos esse aspecto". O mesmo João d'Ávila, que levou uma santa vida desde a sua mais tenra idade, não podia ouvir que o Padre que o assistia na morte o tratasse como um grande servo de Deus e sábio distinto. Ele o interrompeu com as palavras: "Eu vos suplico, meu Padre, recitai-me as orações dos agonizantes como se faz com um criminoso, condenado à morte, já que isso é o que eu sou". Tal era a idéia que os santos tinham de si mesmos durante a vida e na morte.

Sexto: Quanto mais formos favorecidos por Deus, tanto mais nos devemos humilhar. Quando S. Teresa recebia uma graça especial, procurava pôr diante dos olhos todos os pecados que tinha cometido e então o Senhor a unia mais estreitamente consigo. Quanto mais uma alma reconhece sua indignidade, tanto mais Deus a enriquece com suas graças. Thais, que era, ao princípio, uma grande pecadora e, mais tarde, uma grande santa, se humilhava tanto diante de Deus que até se julgava indigna de pronunciar seu nome; não ousava dizer: Meu Deus, mas únicamente: Meu Criador, compadecei-vos de mim!

A respeito das graças especiais que o Senhor concedeu a S. Teresa, diz ela: Deus procede comigo como se faz com uma casa pobre, que ameaça ruína: põem-se-lhe esteios de todos os lados. Se uma alma for agraciada por Deus com muitas consolações e com inflamado amor, acompanhado de lágrimas e grande ternura de coração, não pense ela que Deus a quer recompensar por alguma boa obra que praticou. Em tal caso a alma nada pode fazer de melhor que se humilhar e se persuadir que Deus a trata tão bondosamente só para que ela não o abandone; se ela, porém, em vista dessas graças, se entregasse à vã presunção de que é preferida porque serve melhor a Deus que outros, este a privará de tais favores em razão desse orgulho.

Por isso, alma cristã, nunca te julgues mais que os outros. "Basta que te julgues melhor que os outros, diz S. Tritêmio, para te tornares pior que todos". Do mesmo modo basta acreditar que se têm maiores merecimentos, para se perder o que já se possui.

O humilde aquire o maior merecimento quando se compenetra da verdade de que não possui nenhum merecimento e que até merece censura e castigo. Os dons e graças que Deus te concedeu só te acarretarão uma sentença mais rigorosa no dia do juizo, se abusares delas para te elevares acima dos outros.

Não basta, porém, que não te anteponhas aos outros: deves também te considerar como o último e o pior de todos. E por que isso? Porque, de um lado, sabes com certeza que cometeste muitos peca-

dos e, de outro lado, que os pecados do próximo e as virtudes que possui talvez aquele a quem menos consideras, te são inteiramente desconhecidas. Além disso, deves considerar que já devias ter atingido a santidade com as inspirações e graças que o Senhor te concedeu tão liberalmente. Se Deus tivesse concedido a um infiel as graças que recebeste, talvez se teria tornado um serafim em santidade, enquanto que permaneces tão pobre e cheio de imperfeições. Esse pensamento de tua infidelidade devia te levar a te humilhares continuamente diante dos outros, porque, segundo S. Tomás, o pecado é tanto maior, quanto maior é a infidelidade daquele que o comete. Conforme isso, um só de teus pecados pode pesar mais diante de Deus que cem pecados de um outro que recebeu menos graças. Ora, tu sabes muito bem que cometeste muitos pecados e mesmo que tua vida inteira foi uma série de faltas voluntárias; as boas obras, porém, que praticaste, estavam tão cheias de imperfeições e amor-próprio, que mereceriam antes castigo que recompensa.

Depois de tudo isso, alma cristã, deves te julgar indigna até de beijar o chão que é calcado pelos outros, e, se te ultrajarem de todo o modo que imaginar se possa, e se, até, fosses lançada no inferno, debaixo de todos os condenados, deverias pensar que tudo isso ainda era pouco em vista do que merecias. Dize, portanto, sem interrupção, do fundo de tua miséria: O' meu Deus, apressai-vos em socorrer-me! Senhor, atendei em meu socorro! senão estarei perdido e vos ofenderei mais gravemente que antes e mais que todos os outros.

Essa oração deves repetir sempre e mesmo a todo o momento, quer trabalhes, quer andes, quer comas, quando te levantares ou deitares, dize sempre: Senhor, ajudai-me; Senhor, assisti-me; Senhor, tende compaixão de mim! Se deixares um só dia de te recomendares a Deus, poderás tornar-te o homem mais infeliz do mundo. Deves igualmente te precaver mais contra o orgulho, antes de cada ação, cada pensamento, do que contra a morte.

Concluo com o significativo dito de S. Bernardo: Não temos de temer que de uma humilhação se siga um mal qualquer; mas devemos temer o menor movimento da soberba, porque ele pode nos precipitar em todos os males.

§ III. Da humildade da vontade

Como vimos, a humildade do entendimento consiste na convicção de que nós não merecemos senão desprezo; a humildade da vontade, porém, consiste no desejo sincero de sermos realmente desprezados pelos outros e alegrarmo-nos quando desprezados. Justamente nisso está o mérito principal da humildade, pois se merece muito mais pelo ato da vontade que pelo do entendimento.

A humildade da vontade tinha principalmente em vista Jesus Cristo, quando disse: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29). Muitos são humildes de boca, não, porém, de coração; confessam que são maus e merecem todos os castigos; quando, porém, os admoestamos, se enfurecem e negam ter defeito que se lhes imputa.

Eis, por exemplo, uma pessoa que protesta ser a maior pecadora do mundo e merecer mil vezes o inferno; quando, porém, seus superiores ou seus semelhantes, com palavras brandas, a admoestam de uma falta ou só lhe tocam em sua tibieza ou em seu procedimento pouco edificante, ela se defende imediatamente e responde em tom arrogante: Que mal fiz eu? Que escândalo o senhor me viu dar? Vá corrigir antes a outros, que cometem faltas que eu nunca tive!

Mas que é isso, alma cristã, há pouco disseste que, por causa de teus pecados, mereceste mil infernos, e agora não podes suportar uma palavra sequer de censura? Tua humildade, portanto, é só uma humildade de boca e não aquela humildade de coração, recomendada por Jesus Cristo.

"Alguns se humilham maliciosamente", diz o Espírito Santo (Ecli 19, 23), não para serem repreendidos e humilhados, mas sim tidos em conta de humildes e louvados. Mas humilhar-se para ser louvado, diz S. Bernardo (In Cant., s. 16), não é humildade, mas antes destrói toda a humildade, pois, assim, a própria humildade torna-se objeto de orgulho. S. Vicente de Paulo dizia que a humildade é atraente na sua aparência, mas espantosa na prática; pois a verdadeira humildade consiste em se amar o desdém e o desprezo. Segundo S. João Clímaco, para se ser humilde não basta apelar-se um miserável pecador, mas deve-se também desejar ser tido por tal e desprezado: "E' bom que fales mal de ti, diz ele, mas é melhor que aproves sem descontentamento e até te alegres quando outros falam mal de ti" (Scal. par. gr. 21). O mesmo já tinha dito, antes dele, S. Gregório: "O verdadeiro humilde reconhece que ele é um pecador e não o nega mesmo quando lhe lançam em rosto seus defeitos" (Mor., l. 22, c. 14). S. Bernardo exprime o mesmo pensamento da maneira seguinte (In Cant., s. 16): "O verdadeiro humilde não quer ser louvado por isso, mas passar por um homem miserável, cheio de defeitos e desprezível; alegra-se se é humilhado e tratado como julga merecer, e, assim, a humilhação torna-o mais humilde". Por isso dizia S. José de Calazans: "Quem ama a Deus não quer parecer santo, mas ser santo" Se queres, pois, alma cristã, ser humilde de coração e vontade, então deves observar o seguinte:

Primeiro: Nunca deves dizer coisa alguma em teu louvor, quer em relação ao teu proceder, teus talentos, tuas boas obras, quer em relação à tua família, falando de sua nobreza, riqueza ou parentesco. Ouve o que te diz o Sábio: "Louve-te um outro e não a tua própria boca" (Prov 27, 2). De mais, cada um sabe que louvor próprio não traz honra, mas desonra. Quando, pois, deves falar de ti mesmo ou daquilo que te respeita, procura humilhar-te sempre e não te exaltar; se te humilhares nada terás a temer; mas se, à custa da verdade, te exaltares um pouquinho só, diz S. Bernardo (In Cant., s. 37), poderás causar-te um grande mal. Quem atravessa uma porta e abaixa a cabeça mais do que preciso, não se causará nenhum mal; mas quem a ergue, ainda que só um dedo mais alto, dará com a fronte na porta e se ferirá.

Se, pois, falas de ti, procura dizer antes mal que bem, antes descobrir teus defeitos que aquilo que te fará parecer virtuoso. O melhor,

porém, é nunca falar de si mesmo, nem bem, nem mal. Deves te considerar tão desprezível, que nem sequer mereças ser nomeado pelos outros. Mesmo quando falamos de coisas que servem para nossa vergonha, se imiscui, muitas vezes, um orgulho sutil e encoberto: a humilhação voluntária, que sofremos pela revelação de nossas faltas, desperta em nós um desejo de sermos louvados pelos outros ou, ao menos, de sermos tidos no número dos humildes.

Isso, porém, nada vale em relação ao confessor: a ele deves revelar as tuas faltas, tuas más inclinações e, geralmente, até os maus pensamentos que te sobrevêm. Pode também algumas vezes acontecer que devas revelar outras coisas que te causam confusão; faze-o então de boa vontade, seguindo o exemplo do Pe. Vilanova, da Companhia de Jesus, que não se envergonhava de dizer a todo o mundo que seu irmão era um pobre operário. De semelhante modo procedia o Pe. Sacchini, igualmente jesuíta; encontrando-se uma vez com seu pai, que era um pobre tropeiro, abraçou-o em plena rua, dizendo: Eis aqui meu pai.

Se fores louvada contra tua vontade, alma cristã, procura humilhar-te ao menos interiormente, recordando-te de teus muitos defeitos. Os muitos orgulhosos alegram-se do louvor, ainda quando não o merecem, diz S. Gregório (Mor., l. 22, c. 9; l. 26, c. 30), enquanto que os humildes coram e se entristecem, quando os louvamos, ainda que justamente. O humilde se entristece quando ouve seu louvor, acrescenta S. Gregório; pois ele sabe que não possui as qualidades que se lhe atribuem e teme perder, pela complacência em tais louvores, algum merecimento que talvez tenha diante de Deus; poderá uma vez ser-lhe dito: Não te esqueças que já recebeste tua recompensa em vida, ouvindo com prazer aqueles louvores. "Como o ouro é provado na fornalha, diz o Sábio, assim o homem pela boca do que o louva" (Prov 27, 21), isto é, o homem mostra sabedoria se ele, em vez de dar ouvidos e se vangloriar dos louvores recebidos, se confundir e entristecer por isso, como se dava com S. Francisco de Borja, com S. Luís Gonzaga e outros santos.

Se, pois, te louvam e honram, deves te humilhar profundamente e temer que essas honras não te sejam causa de quedas e ruína. Não te esqueças que a consideração por parte dos homens talvez seja a maior desgraça que te possa acontecer, visto que essa estima alimenta o teu orgulho e pode perverter teu coração e, assim, levar-te à condenação eterna. Deves ter sempre diante dos olhos as palavras de S. Francisco de Assis: "Eu sou ùnicamente aquilo que sou diante de Deus". Julgas talvez ser alguma coisa mais diante de Deus se valeres alguma coisa mais diante dos olhos dos homens? Se te comprazes no louvor dos homens e te ensoberbeces por isso e te julgas melhor que outros, podes estar certo que no mesmo tempo que os homens te louvam, Nosso Senhor te repele para longe de si. Persuade-te, portanto, que não te tornas melhor pelo louvor dos outros. "Como as ofensas e injúrias não nos roubam o merecimento das virtudes, diz S. Agostinho (Cat. Petit., l. 3, c. 7), assim os louvores dos outros não nos fazem melhores" Quantas vezes, pois, fores louvado, dize, com o mesmo santo: "Eu me conheço melhor do que esses que

dizem bem de mim"; sei que não mereço esse louvor, e "Deus sabe *melhor que eu*", *desde que ele sabe que não mereço honras, mas desprezo*, na terra e no inferno.

Por isso não tenhas inveja dos que têm mais talentos e aptidões, ou que são mais estimados que tu; deves antes invejar os que te superam em amor de Deus e humildade. Melhor que todas as honras e todo o aplauso do mundo é a humilhação. A ciência mais bela para ti consiste em aprenderes a te humilhar, te desprezar e a te alegrar quando não fazem nenhum caso de ti. Deus não te concedeu maiores talentos porque eles, talvez, trariam a tua ruína. Por isso, contenta-te com os poucos dotes que tens; eles te dão ocasião de exercer a humildade, que é o caminho mais seguro, ou, antes, o único para a felicidade e santidade.

Se outros sabem melhor que tu conquistar a estima geral, deves, conforme o conselho do Apóstolo (Filip 2, 3), procurar sobrepujá-los na humildade. Quem é honrado corre perigo de deixar-se arrastar pelo orgulho e perder as inspirações de Deus e, como diz David (Sl 48, 13), assemelhar-se aos animais irracionais, que só buscam os míseros bens desta terra e não podem pensar nos bens eternos.

Segundo: Se queres conservar a humildade, não deves te irritar nas repreensões; se, quando repreendido, te inquietas, ainda não alcançaste a humildade, e deves pedir a Deus que te conceda essa virtude tão necessária para a salvação.

Como observa o Pe. Rodríguez, alguns cristãos imitam o ouriço; mal se lhes toca, já apontam seus espinhos, isto é, irrompem logo em palavras impacientes, em invectivas e em queixas. "Muitos se dão voluntàriamente por pecadores, se ninguém os censura, diz S. Gregório (Mor., l. 22, c. 14); mas se forem censurados por causa de alguma falta, defendem-se com toda a veemência para não parecerem *repreensíveis*". Assim também procedem alguns que se obrigaram a tender à perfeição; que esses tomem a peito o que diz o Espírito Santo: "Quem aborrece a repreensão, não trilha o caminho do justo, mas o do pecador" (Ecli 21, 7), isto é, o caminho do inferno. S. Bernardo dizia: Alguns se irritam contra quem os procura curar com uma repreensão, e não se agastam com aquele que os fere com adulações" (*In Cant.*, s. 42). E, contudo, deveria cada um tremer ao ouvir o que diz o Sábio (Prov 1, 25-32), àqueles que não querem aceitar uma correção: "Porque eles aborreceram as instruções, a prosperidade dos insensatos virá a perdê-los". O aparente bem-estar dos insensatos consiste nisso, que não encontram ninguém que os repreenda ou que se importe com isso; dessa maneira se perdem miseràvelmente.

S. João Crisóstomo diz que o justo se entristece quando se nota nele um defeito. O pecador também se entristece se se descobre nele uma falta, não porque ele pecou, mas porque sua falta ficou notória; ele nem pensa em se arrepender, mas só em se defender, e se agasta com aquele que o repreende.

Dize-me, alma cristã, procedeste também tu de semelhante modo com aqueles que foram tão caridosos em te corrigir, e queres ainda fazer o mesmo no futuro?

Não, não procedas assim, te admoesta S. Bernardo; agradece antes a quem te avisou de uma falta; seria grande injustiça se te irritasses com aquele que te mostra o caminho da salvação. Farias até um grande bem se, como costumava aconselhar S. Maria Madalena de Pazzi, te procurasses um amigo que te admoestasse de todas as faltas que cometeste, talvez sem o saber.

Sabes que estás cheia de miséria e defeitos: o único meio contra isso consiste em te humilhares quando os descobrires ou os outros te apontarem. "Na nossa humildade, diz S. Agostinho (In ps. 130), consiste nossa perfeição". Desde que tão imperfeitamente praticamos a virtude, sejamos ao menos perfeitos na prática da humildade, e alegremo-nos se os outros, por meio de suas censuras, nos dão ocasião de exercê-la.

Devemos também notar que nosso orgulho suporta mais fàcilmente as correções imerecidas que as merecidas, porque o amor-próprio acha uma certa satisfação nas repreensões imerecidas. Se fores censurado com razão, apressa-te em oferecer a Deus, quanto antes, a tua confusão, e em te emendar; esmaga o escorpião na própria fer da que ele te fez, isto é, utiliza-te dessa confusão para reparar a falta cometida, e podes ficar persuadido que Deus se mostrará tanto mais pronto a te perdoar as tuas faltas quanto maior for a humildade com que receberes a correção.

Resolve-te, pois, àquele grande ato de humildade, tão agradável a Deus, que consiste em não se defender nem se desculpar nas repreensões. S. Teresa diz que uma pessoa que não se defender nem se desculpar quando é repreendida por causa de alguma falta, ganha muito mais com isso do que ouvindo dez sermões. Se, pois, te reprenderem, ainda que injustamente, por amor da santa humildade, renuncia a te justificar, exceto o caso que isso fosse necessário para evitar um escândalo.

Terceiro. Se quiseres alcançar uma humildade perfeita, alma cristã, deves te esforçar a receber com serenidade toda sorte de desprezo e maus tratos. Poderás praticar isso se creres sinceramente que em vista de teus pecados mereces todo o desprezo possível. A humilhação é a pedra de toque da santidade. O meio mais seguro para se conhecer se uma alma possui virtude, segundo S. João Crisóstomo (In Gen. hom., 34), consiste em observar se ela recebe tranquilamente as humilhações. O Pe. Crasset narra, na sua história da Igreja do Japão, que um missionário agostiniano que, por causa da perseguição, trajava à secular, recebeu, uma vez, uma bofetada sem se irritar nem por um só instante; disso concluíram os pagãos que ele era um cristão e meteram-no na prisão, convencidos de que só um cristão pode praticar uma tal virtude.

Alguns colocam a santidade na recitação de muitas orações e prática de penitências, diz S. Francisco de Sales, e não podem suportar uma palavra ofensiva. Esses não têm idéia do grande valor das humilhações. Mais se ganha suportando uma ofensa, que jejuando dez dias a pão e água.

Vês, por exemplo, que se permite a outros o que se nega a ti; o que os outros dizem é ouvido com atenção, enquanto que as tuas

observações são tomadas em ridículo; outros são louvados em tudo que fazem, são elevados a cargos honrosos, enquanto que não se tem a mínima consideração para contigo e se zomba de tudo o que fazes. Em tais ocasiões, diz S. Doroteu, deves mostrar se és verdadeiramente humilde. Se de boa mente recebes todos esses desprezos e recomendas a Deus com tanto maior amor aqueles que mais te maltratam, porque te curam do orgulho, dessa doença perigosa, então és verdadeiramente humilde, segundo o pensamento de S. Doroteu. Porque os orgulhosos se julgam dignos de toda a espécie de honras, abusam das humilhações que encontram, para aumento de sua soberba, enquanto que os humildes, que se julgam dignos de todo o desprezo, se utilizam das humilhações que lhes sucedem para aumento de sua humildade.

Humilhações que nos impomos a nós mesmos são boas, porém muito melhores são as que nos advêm de outros; por exemplo, repreensões, acusações, injúrias e zombarias, contanto que as aceitemos a boa mente, por amor de Jesus Cristo.

O Espírito Santo diz: "O ouro é provado no fogo, e os homens que Deus quer receber, na fornalha da humilhação" (Ecli 2, 5); como o ouro é experimentado no fogo, assim a perfeição dos homens é provada nas humilhações. "Uma virtude sem provação, diz S. Maria Madalena de Pazzi, não é verdadeira virtude". Quem não suporta tranquilamente o desprezo, nunca poderá alcançar a santidade. "Meu nardo espalhou o seu cheiro" (Cânt 1, 11), diz-se no Cântico dos Cânticos. O nardo é uma planta odorífera, mas que só espalha o seu cheiro agradável, quando é fendida ou moída. Oh! que cheiro agradável não difunde diante de Deus uma alma que recebe tranquilamente qualquer ultraje e se alegra vendo-se desprezada e tratada por todos como se fosse a última.

Alguns julgam-se humildes por estarem convencidos de sua miséria e se arrependerem de ter vivido mal; não querem, porém, ser humilhados e não suportam que se lhes falte com a atenção e respeito e, por isso, evitam todas as ocupações menos honrosas e tudo o que não é compatível com sua soberba.

Mas que humildade é essa? Confessam que são dignos de toda a ignomínia e não podem suportar uma falta sequer de atenção, e até procuram honras e distinções. O Espírito Santo os caracteriza com as palavras: "Alguns se humilham maliciosamente", isto é, dizem de boca que são os piores de todos, mas no coração desejam ser estimados e honrados mais que os outros "e o seu interior está cheio de dolo" (Ecli 19, 23).

Espero, alma cristã, que não pertenças a essa classe. Se, pois, te julgas pior que todos os outros, deves ficar contente se te tratam pior que aos outros; deves até amar como teus maiores amigos aqueles que te auxiliam por seu trato desdenhoso à humildade e ao desprezo das honras mundanas e que contribuem para que te unas mais intimamente com Deus e nada mais busques nesta vida que seu santo amor.

Considera-te a ti mesmo como um cadáver em putrefação que, com razão, é abominado por todos, e mostra-te pronta a suportar,

por amor de Deus, e em satisfação de teus pecados, todas as injúrias, sem nunca permitires uma queixa a teu amor-próprio. Pensa que quem teve a ousadia de desprezar a Deus, merece um tratamento muito pior, a saber, ser calcado pelo demônio no inferno. "Não conheço melhor remédio para curar as chagas do meu espírito, diz S. Bernardo, do que injúria e desprezo" (Ep. 280).

Alegra-te, pois, alma cristã, se fores desprezada, escarnecida e tida pela pessoa mais tola e desprezível de todas. Crê no que diz o Pe. Álvarez: "O tempo da humilhação é o mais próprio para ficarmos livres de nossa miséria e de ajuntarmos merecimentos". Segundo S. Maria Madalena de Pazzi, as maiores graças do divino Esposo a seus privilegiados consiste nisso, que ele lhes envia humilhações e cruzes; afirmava também que encontrava uma consolação especial podendo tratar com pessoas que eram desprezadas, por serem mui caras a Jesus Cristo. Por isso dizia a suas irmãs: "Não procureis em outra coisa vosso gosto e satisfação senão no desprezo".

Devemos, antes de tudo, ter sempre diante dos olhos as palavras do divino Mestre: "Bem-aventurados sois, se os homens vos odiarem e vos excluírem e carregarem de injúrias e rejeitarem o vosso nome como mau por causa do Filho do Homem" (*Lc* 6, 22). O apóstolo S. Pedro acrescenta: "Bem-aventurados sois, se por causa do nome de Cristo vos insultarem, porque o que há de honra, de glória e de virtude de Deus e o espírito que é dele, repousa então sobre vós" (1 Ped 4, 14).

Os santos não atingiram a santidade debaixo dos aplausos, mas sob injúrias e desprezo. S. Inácio Mártir que, como Bispo, gozava de consideração e veneração, foi arrastado como um malfeitor para Roma, para ser lançado às feras. Os guardas, durante a viagem, o cobriram de injúrias e maus tratos de toda a espécie; ele, porém, cheio de júbilo, exclamava: Agora é que começo a tornar-me um discípulo de Cristo, que foi tão desprezado por amor de mim (Ep. ad Rm).

Os mundanos sentem menor alegria nas homenagens, que os santos nos desprezos. Quando se fazia uma injúria ao Irmão Junípero, franciscano, ele suspendia o seu hábito e estendia-o no alto, como se quisesse aparar pérolas.

Meu Deus, o que entende aquele que não sabe suportar uma ofensa por Jesus Cristo! Quem não é capaz de suportar uma injúria prova que perdeu de vista a Jesus Cristo Crucificado. A venerável Maria da Encarnação disse um dia, à vista de um crucifixo, às suas irmãs: "Será possível, queridas Irmãs, que nós recusemos sofrer desprezos, quando vemos a Jesus Cristo tão desprezado?" Nosso Senhor apareceu uma vez a S. João da Cruz com a cruz às costas e a coroa de espinhos na cabeça e disse-lhe: João, exige de mim o que quiseres. Ao que o Santo respondeu: Senhor, desejo padecer e ser desprezado por amor de vós. Com isso queria dizer: O' meu Salvador, vendo-vos por meu amor tão atormentado e desprezado, que outra coisa posso desejar que padecer e ser desprezado?

Uma outra pessoa piedosa, quando recebia uma injúria, dirigia-se ao altar do SS. Sacramento e dizia: O' meu Deus, sou muito

pobre para vos oferecer alguma coisa de preço; por isso vos ofereço estas pequeninas dádivas que acabo de receber. Oh! com que amor não abraça Jesus Cristo uma alma que suportou com paciência um desprezo! Como se apressa ele em consolá-la e enriquecê-la de graças! O Pe. Antônio Torres foi acusado como propagador de falsas doutrinas e, em consequência disso, privado por vários anos da jurisdição de ouvir confissões. Ele escreveu mais tarde a respeito desse tempo: Enquanto duraram as calúnias, foram tão grandes as consolações, que posso afirmar nunca ter experimentado semelhantes consolações.

Quem suportar com coração alegre as injúrias, não só alcança grandes merecimentos para si mesmo, mas ganha também o próximo para Deus Nosso Senhor. S. João Crisóstomo diz: "O manso de coração, que suporta tranquilamente as ofensas, aproveita a si e a todos que o observam; pois nada é mais próprio para edificar o próximo do que a mansidão de um homem que com rosto sereno suporta ultrajes". O Pe. Maffei conta de um Padre jesuíta do Japão que, estando ele a pregar, um homem vil lhe escarrou no resto; ele, tomando o lenço com toda a tranquilidade, limpou e continuou a sua pregação, como se nada tivesse acontecido. Isso impressionou tanto a um dos ouvintes, que se converteu à fé cristã, "pois a religião que ensina uma tal humildade, dizia ele, deve ser verdadeira e divina". Assim também converteu S. Francisco de Sales a muitos hereges pela mansidão com que suportava todos os insultos da parte deles.

De resto, quem quiser trilhar o caminho da perfeição deve estar pronto a ser escarnecido, caluniado, injuriado, perseguido e odiado. Isso é inevitável. "Os ímpios abominam aqueles que se acham no caminho direito" (Prov 29, 27).

A vida dos bons é, de fato, uma contínua exprobração para os pecadores; pois seu desejo é que todos vivam como eles. A fugida do mundo, o desapego dos vãos prazeres, numa palavra, todos os atos piedosos de um cristão fervoroso, eles qualificam de singularidade, beatice e até hipocrisia, visto que se pratica tudo isso para se passar por santo. E se uma vez tem um bom cristão a infelicidade de cair numa falta (pois não deixou de ser frágil), gritam logo: Vede o santo: isso faz aquele que comunga todos os dias e passa o dia inteiro na igreja, para enganar os homens. Muitas vezes se acrescentam ainda mentiras.

Quem quer se santificar, deve estar resolvido a receber serenamente todas essas humilhações e oferecê-las a Deus, porque, se não quiser suportá-las, não poderá permanecer por muito tempo no caminho encetado; dentro em pouco deixará tudo e procederá do mesmo modo como a grande maioria.

Tratei a fundo deste assunto, porque me parece impossível que um cristão faça progresso na perfeição se não se sujeita de boa vontade ao desprezo, e porque tenho por certo que, em caso contrário, não se santificará.

Se queres, pois, atingir a santidade, deves ser muito *humilhado* e desprezado. Se estas palavras te assustarem, reanima-te pela promes-

sa de Jesus Cristo: "Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por causa de mim: folgai e exultai, porque vossa recompensa é copiosa nos céus" (Mt 5, 12).

II. Da mansidão

§ 1. Da grande importância da mansidão

A humildade e a mansidão formam as virtudes de Jesus Cristo e, por isso, inculcou-as de um modo especial a seus discípulos, dizendo-lhes: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29). O Salvador foi chamado "Cordeiro de Deus" não só pelo sacrifício que devia oferecer na cruz em satisfação dos nossos pecados, mas também por causa da mansidão que mostrou durante sua vida inteira e, em especial, durante a sua paixão. Ao receber uma bofetada diante de Caifás e ao ser acusado de desrespeito para com o sumo pontífice, nada mais disse, senão: "Se respondi mal, dá testemunho do mal; mas se falei bem, por que me feres?" (Jo 18, 23).

Essa mansidão praticou-a Jesus até sua morte. Estando pendente da cruz e sendo carregado de injúrias e sarcasmos por seus inimigos, orava por eles: "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23, 34).

Oh! como são caras a Jesus aquelas almas verdadeiramente mansas, que sabem suportar zombarias, calúnias, perseguições e até pancadas e maus tratos, sem se irritarem contra aqueles que as ofendem e ferem. "Sua oração é sempre agradável a Deus" (Jdt 8, 16), isto é, sempre será atendida.

O céu é mui especialmente a pátria daqueles que aqui são desprezados e calcados aos pés, diz o Pe. Álvarez. E, de fato, a estes é prometido o céu, e não aos soberbos, que são honrados e estimados pelo mundo (Mt 5, 4).

O salmista chega até a afirmar que os mansos não só alcançarão a felicidade na outra vida, mas mesmo nesta eles deleitar-se-ão na abundância da paz (Sl 36, 11); pois, longe de alimentarem ódio contra os que os maltratam, prezam-nos mais que antes e, em recompensa de sua mansidão, o Senhor aumenta-lhes a paz interior. "Quanto aos que falam mal de mim, diz S. Teresa, parece-me que, justamente por isso, sinto mais amor por eles". Lemos nos Atos de sua beatificação que justamente com ofensas se ganhava em grau especial o seu amor.

Não se pode, porém, ganhar uma tal mansidão, sem uma humildade profunda, sem uma baixa idéia de si mesmo e sem se julgar digno de todo o desprezo. O orgulhoso está sempre irado e planejando vinganças, porque tem uma grande idéia de si mesmo e se julga digno de todas as honras.

O Espírito Santo diz: "Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor" (Apoc 14, 13). Deves, pois, morrer no Senhor se quiseres ser feliz e começar já aqui a gozar daquela verdadeira bem-aventurança que é possível obter-se na terra. Se ela fica aquém da bem-aventurança do céu, contudo sobrepassa, segundo o Apóstolo, to-

dos os deleites dos sentidos: "A paz do Senhor sobrepuja todo o entendimento" (Filip 4, 7).

Repito, porém, que, para se alcançar e conservar essa paz no meio das injúrias e calúnias, deve-se estar morto no Senhor. O morto não sente nenhum agravo, nenhum mau trato; igualmente o manso, como um morto, que nada mais vê e nada mais ouve, está pronto a suportar todas as humilhações sem se opor a isso. Quem ama sinceramente a Jesus Cristo chega a esse feliz estado; porque, dirigindo-se em tudo segundo a vontade de Deus, recebe com a mesma paz d'alma e resignação a felicidade e infelicidade, consolação e aflição, injúrias e benefícios. Isso se dava com o Apóstolo, que disse: "Estou cheio de consolação, exubero de gozo em toda a minha tribulação" (2 Cor 7, 4). Feliz daquele que atinge uma virtude tão alta! Ele possui uma paz contínua, um bem acima de todos os bens. "Que são todos os bens desta vida, em comparação com a paz do coração?" (Carta 580), exclamava S. Francisco de Sales. Na realidade, que te aproveitam todos os tesouros do mundo, se não possuis a paz e a tranquilidade?

§ II. Do exercício da mansidão

O Espírito de Deus é um Espírito de mansidão, "Meu Espírito é mais doce que o mel" (Ecli 24, 27). S. Francisco de Sales, modelo e mestre da mansidão, diz: "A humilde mansidão é a virtude das virtudes, que nos foi recomendada instantíssimamente pelo divino Salvador; por isso deves praticá-la sempre e por toda a parte" (Carta 853). Achas que se pode fazer alguma coisa com amor, faze-o então; o que, porém, não pode ser feito sem altercação, deves deixar (Carta 786). Isso deve-se entender daquilo que se pode deixar sem pecado, pois, se teu dever exige que impeças uma ofensa de Deus, deves então fazê-lo sem escrúpulo.

Deve-se praticar a mansidão particularmente com os doentes e pobres; com os pobres, porque eles, em vista de sua pobreza, são tratados muitas vezes com dureza; com os doentes, porque eles sofrem com sua enfermidade e, além disso, muitas vezes não acham auxílio junto aos outros.

Com mansidão devem os superiores tratar seus súditos, e, se lhes têm de dar uma ordem, devem antes pedir que mandar. Não há melhor meio de os superiores se fazerem obedecer, diz S. Vicente de Paulo, do que a mansidão. Era esse também o parecer de S. Chantal. "Experimentei todos os modos de proceder, dizia ela; o melhor é o manso e paciente" (Mem. de la M. Chaugny, p. 3, c. 19).

De um modo especial deve-se observar a mansidão com os inimigos: "Vence o mal com o bem" (Rom 12, 21), o ódio com o amor, a hostilidade com a mansidão. Assim praticaram os santos todos e dessa maneira alcançaram a simpatia de seus mais assanhados inimigos.

"Nada causa tanta edificação como a amorosa mansidão" diz S. Francisco de Sales (Carta 605). Nos lábios desse santo pairava continuamente um amável sorriso; seus gestos, suas palavras, toda a sua pessoa respirava mansidão. S. Vicente de Paulo afirmava que nunca conhecera homem mais manso do que esse santo Bispo; julgava

até ver nele uma imagem viva da bondade de Jesus Cristo. Mesmo quando devia recusar algum pedido para não ofender sua consciência, revestia sua recusa com tão grande amor, que ganhava a afeição do requerente, que se ia satisfeito, apesar da resposta negativa. Era manso com todos, com os seus superiores, com os seus iguais, com os seus inferiores, com os seus domésticos como com os estranhos. Nunca se queixava de seus criados; raramente os repreendia e então sempre com grande mansidão. Que diferença não existe entre esse santo e aqueles que, como ele se exprimia, "na rua parecem anjos e em casa demônios" (Filotéia, 3 p., c. 8).

Também tu, alma cristã, se tiveres de repreender, deves fazê-lo sempre como o sobredito santo, com toda a mansidão. Uma coisa é falar com energia, outra coisa falar com dureza. Algumas vezes a repreensão deve ser feita com energia, principalmente se a falta é importante ou se se repetiu depois de admoestado. Mas, mesmo assim, deves te precaver para que não repreendas em tom áspero e irritado, pois, dessa forma, causarás maior mal que bem. Esse seria aquele zelo áspero que S. Tiago tanto reprova.

Alguns gabam-se por inspirarem um grande respeito a seus súditos por seu duro modo de proceder e pensam que essa deve ser a maneira de agir dos superiores. O Apóstolo, porém, pensa mui diversamente: "Se tendes um zelo amargo. não vos glorieis" (Tgo 3, 14).

Se a necessidade às vezes te obriga a falar com rigor para fazer sentir a grandeza da falta, assim mesmo deves terminar com mansidão a repreensão, empregando então palavras afáveis. Como o samaritano, deves curar as feridas com azeite; mas, como o azeite, misturado com outros líquidos, permanece em cima, assim também deve a bondade predominar em todas as nossas ações, diz S. Francisco de Sales. Se aquele a quem tens de repreender estiver irado, espera até que ele se acalme, do contrário mais o irritas. Se uma casa está a arder, não se deve lançar-lhe lenha.

"Vós não sabeis de que espírito sois" (Lc 9, 55). Assim respondeu o divino Salvador a S. João e S. Tiago, quando lhe rogavam que castigasse os samaritanos, de cujo país tinham sido expulsos. Ah! que espírito é esse? queria o Salvador dizer; não é esse o meu espírito: o meu é clemência e bondade; o Filho do Homem não veio para perder as almas, mas para salvá-las (Lc 9, 56), e vós quereis induzir-me a lançá-las na perdição! Calai-vos e não desejeis mais isso: que não é conforme o meu espírito.

E, de fato, com que indulgência não tratou Jesus Cristo a adúltera: "Mulher, disse-lhe Jesus, ninguém te condenou? Ela respondeu: Ninguém, Senhor. Então lhe disse Jesus: Também eu não te condeno: vai e não peques mais" (Jo 8, 11). Com a mesma mansidão empreendeu a conversão da samaritana e conseguiu-a. Primeiramente pediu-lhe de beber e em seguida lhe disse: "Oh! se soubesses quem é que te diz: Dá-me de beber"; finalmente descobre-lhe que ele era o Messias prometido (Jo 4, 7).

Com que atenciosa delicadeza não procedeu Jesus para com o traidor Judas, a fim de comovê-lo! Permitiu-lhe comer do mesmo prato de que comia; lavou-lhe os pés; admoestou-o no momento mesmo

em que o desgraçado consumava seu crime com as enternecedoras palavras: "Judas, com um ósculo atraiçoas o Filho do Homem?" (Lc 22, 48). Como converteu Jesus a Pedro, depois de este o renegar? (Lc 22, 26). Ele não lhe fez nenhuma exprobração, mas ùnicamente, ao sair da casa do sumo sacerdote, virou-se, lançando-lhe um meigo olhar (Lc 22, 61), e com isso converteu-o tão perfeitamente que ele, durante sua vida inteira, não deixou mais de chorar a ofensa feita a seu divino Mestre.

Com mansidão se consegue muito mais que com aspereza. S. Francisco de Sales dizia que nada há mais amargo que uma noz verde: sendo, porém, preparada, torna-se agradável e doce. Do mesmo modo as repreensões, por mais desagradáveis que sejam, serão recebidas de bom grado e produzirão ùnicamente o bem se forem administradas com amor e mansidão. Com sua mansidão S. Francisco de Sales alcançava quase tudo o que queria e conduzia para Deus até os pecadores mais endurecidos. S. Vicente de Paulo era animado do mesmo espírito e dava a seus missionários as seguintes recomendações: "Afabilidade, amor e humildade possuem uma força prodigiosa para atrair os corações dos homens e para facilitar-lhes coisas que são inteiramente contrárias à natureza".

Em todas as circunstâncias e em todo o tempo deves ser indulgente e amável para com todos. Alguns são mansos enquanto tudo corre segundo seus desejos, diz S. Bernardo, mas se uma contrariedade lhes advém ou lhes acontece alguma coisa desagradável, pegam fogo e deitam fumo como o Vesúvio. Devem ser comparados com os carvões que ardem debaixo da cinza.

Quem quiser santificar-se, deve viver como um lírio entre os espinhos, porque, por mais que seja perfurado pelos espinhos, permanece sempre lírio; com outras palavras, deve ser sempre manso e carinhoso. Uma alma que ama a Deus conserva sempre a paz e ostenta-a também externamente no seu rosto, que permanece sempre igual tanto na felicidade como na desgraça.

Se temos de dar resposta a alguém que nos maltrata, façamo-lo sempre com mansidão: "Uma resposta branda quebra a ira", diz Salomão (Prov 15, 1). Se nos sentimos irritados, é melhor calar-nos, pois, no calor da paixão, nos parece muitas vezes que devemos dizer tudo que nos vem à boca; passada, porém, a exaltação, vemos que cometemos tantas faltas quantas foram as palavras proferidas.

Se cairmos em alguma falta, devemos usar de mansidão conosco mesmos. Quem se exaspera contra si mesmo, depois de cometer uma falta, prova com isso que não tem humildade, mas um secreto orgulho: mostra que não se tem por uma criatura fraca e miserável, como todos nós o somos.

A humildade que causa desassossego não provém de Deus, mas do demônio, diz S. Teresa (Vid. c. 30). Quem perde a paciência consigo mesmo, depois de uma falta, comete uma segunda, a qual traz consigo, quase sempre, muitas outras; ela é a causa de se deixar os exercícios de piedade, a oração, a santa comunhão, etc., ou então de se praticá-los com muita negligência. S. Luís dizia que o demônio gosta de pescar em água turva, na qual não se pode distinguir mais nada. Se a alma está perturbada, torna-se muito difícil conhecer a Deus e os seus deve-

res. Depois de uma falta devemos nos voltar para Deus com humildade e confiança, pedir-lhe perdão e dizer-lhe com S. Catarina de Gênova: "Senhor, eis um fruto de meu jardim! Perdoai-me, porém, porque me arrependo de coração de vos haver ofendido; no futuro não o farei mais; dai-me para isso vossa graça"

§ III. Meios contra a raiva

Para viveres continuamente unida a Jesus Cristo, deves guardar, em tudo, a paz do coração e nunca te deixares levar à ira pelas contrariedades que te sucedem. "O Senhor não está na agitação" (3 Rs 19, 11); ele não mora em um coração onde reina a perturbação.

Ouçamos os belos ensinamentos que nos dá S. Francisco de Sales, esse modelo de mansidão: "Não nos deixemos arrastar nunca pela ira; não permitamos jamais a essa impetuosa paixão entrada em nosso coração, por melhor pretexto que tenhamos, pois, tendo entrado uma vez no nosso coração a raiva, não estará mais em nosso poder o expulsá-la ou refreá-la".

Para isso sirvamo-nos dos seguintes meios: 1º Procuremos abafar os movimentos da ira logo ao nascerem, pensando em qualquer outra coisa ou calando-nos. 2º Recorramos a Deus, como os Apóstolos, ao verem o mar encapelado, porque só a ele compete apaziguar os corações. 3º Se, em consequência de nossa fraqueza, a ira se apoderou de nosso coração, façamos todo o possível para recuperar a nossa tranquilidade e nos mostrar humildes e mansos com aqueles que foram causa de nossa excitação.

Tudo isso deve ser feito com discrição e não com ímpetos, pois é de suma importância não rasgar mais ainda a ferida.

O mesmo Santo dizia que lhe havia custado muito vencer suas duas paixões predominantes: a ira e o amor. Quanto à primeira, confessou ele que teve de combater durante doze anos para superá-la. Quanto à segunda, trocou o seu objeto, desprendendo-se das criaturas para consagrar a Deus todo o seu amor. Dessa maneira atingiu o Santo uma tão profunda paz interior, que ela se refletia mesmo no seu exterior na contínua alegria de seu rosto.

Alguns há que, quando excitados pela raiva, procuram desabafar-se e tranquilizar-se, expandindo-se em palavras ásperas; isso, porém, é engano; sua excitação só se tornará maior. Se quiseres conservar continuamente a paz, deves evitar cuidadosamente o mau humor, e quando notares que te deixaste levar por ele, esforça-te por voltares à tua paz habitual. Toma especial cuidado em não passares a noite em tal estado; procura distrair-te com um bom livro, com um cântico devoto ou com uma agradável palestra, com um amigo. O Espírito Santo diz: "A ira descansa no seio do insensato" (Ecli 7, 10), que ama pouco a Deus; se ela acha entrada no coração de um verdadeiro sábio, será logo expelida, antes de se poder firmar aí.

Uma alma que ama verdadeiramente a Deus nunca está de mau humor, pois, querendo só o que Deus quer, se realiza sempre sua vontade, permanece sempre tranquila e igual a si mesma, sua sujeição à vontade de Deus assegura-lhe a paz em todas as contrariedades que lhe advêm e, assim, é sempre amável e mansa para com todos.

Sem um grande amor a Jesus Cristo, porém, nunca poderás alcançar um tal espírito de mansidão. A experiência mostra que, quanto mais terno é nosso amor para com Jesus Cristo, tanto mais mansos e afáveis somos para com os outros.

Como, porém, nem sempre sentimos em nós esse terno amor, devemos nos preparar na meditação para todas as contrariedades que nos sucederem e fazer o propósito de suportá-las com toda a paciência. Dessa maneira acharam os Santos fácil conservar a paciência e mansidão em todas as contrariedades e agravos. Se não nos prepararmos de antemão às injúrias, no momento decisivo dificilmente saberemos o que devemos fazer para não sermos arrastados pela ira. À nossa natureza excitada pela paixão parecerá justo que nos oponhamos com violência à ousadia daqueles que nos ofendem; como, porém, nota S. João Crisóstomo, o fogo não é próprio para extinguir o fogo, em vez de acalmar a raiva do próximo, isso só provocará uma resposta mais violenta ainda.

A esse respeito diz S. Francisco de Sales: "Combate tua impaciência e pratica a afabilidade e mansidão, não só quando ela é expressamente imposta, mas também quando a impaciência parece justificada" (Carta 231). Em tais casos deves responder afàvelmente, pois "uma resposta branda quebra a ira" (Prov 15, 1). Se estiveres, porém, excitado, é melhor que te cales, pois que "o olho ofuscado pela ira, diz S. Bernardo (De Cons., l. 2, c. 11), não pode mais distinguir o que é justo e o que é injusto" Por isso devemos imitar S. Francisco de Sales, que se propusera firmemente nunca falar enquanto seu coração estivesse agitado.

CAPITULO NONO

Da mortificação

I. Da mortificação externa

§ I. Necessidade da mortificação externa

A mortificação externa consiste em se fazer e sofrer o que contraria os sentidos exteriores e em se privar daquilo que os lisonjeia. Enquanto ela é necessária para evitar o pecado, é de obrigação absoluta para cada cristão. Se se trata de coisas que lìcitamente se podem desfrutar, a mortificação não é obrigatória, mas é muito útil e meritória. Contudo deve-se aqui notar que, para aqueles que tendem à perfeição, a mortificação nas coisas lícitas é absolutamente necessária.

Como pobres filhos de Adão, devemos combater até à nossa morte, pois "a carne deseja contra o espírito e o espírito contra a carne" (Gál 5, 17). E' próprio dos animais seguir os seus sentidos, enquanto que aos anjos compete cumprir com a vontade de Deus; disso concluiu um ilustre escritor que nos tornamos anjos, esforçando-nos por cumprir a vontade de Deus, e irracionais, se procurarmos satisfazer os nossos sentidos. Ou a alma subjuga o corpo, ou o corpo escraviza a alma.

Em vista disso, devemos tratar o nosso corpo como um cavaleiro trata um cavalo bravio, puxando-lhe fortemente a rédea para que não o derrube, ou como o médico que, estando a tratar de um doente, prescreve remédios que lhe são desagradáveis e proíbe-lhe comidas e bebidas nocivas, que ele apetece. Sem dúvida alguma seria cruel um médico que permitisse ao doente deixar os remédios prescritos por serem amargos e tomar outros, nocivos, por lhe agradarem.

Quanto maior não é, pois, a crueldade de um homem sensual, que quer poupar a seu corpo todos os desgostos nesta vida, e expor, assim, sua alma e seu corpo ao perigo de ter que sofrer por toda a eternidade penas imensamente maiores.

Esse falso amor, diz S. Bernardo (Apol. ad Guil., c. 8), destrói o verdadeiro amor que devemos ter para com o nosso corpo; uma tal compaixão com o corpo é uma grande crueldade, porque, poupando-se o corpo, mata-se a alma. O mesmo Santo dirige aos mundanos, que zombam dos servos de Deus por mortificarem sua carne, as seguintes palavras: "Somos em verdade cruéis para com o nosso corpo, afligindo-o com penitências; porém mais cruéis sois vós contra o vosso, satisfazendo a seus apetites nesta vida, pois assim o condenais juntamente com vossa alma a padecer infinitamente mais na eternidade".

Se queremos, portanto, agradar a Deus e alcançar a salvação, devemos corrigir nosso falso gosto: devemos achar satisfação naquilo que a carne detesta e desprezar aquilo que ela apetece. Isso significou Nosso Senhor a S. Francisco de Assis, dizendo-lhe: "Se me desejas ter junto de ti, deves aceitar como amargo o que é doce e como doce o que é amargo". Não venhas com a objeção que alguns costumam fazer, dizendo que a perfeição não consiste na mortificação do corpo, mas na mortificação da vontade. A isso responde o Pe. Pinamonti: "Se uma videira não dá fruto por estar protegida com uma cerca de espinhos, contudo a cerca conserva os frutos", pois "onde não há cerca será roubada a feitoria", diz o Sábio (Ecli 36, 27).

S. Luís Gonzaga era de saúde muito melindrosa. Apesar disso, era tão assíduo em crucificar seu corpo, que não buscava outra coisa senão mortificação e penitências; como lhe dissessem uma vez que a santidade não consiste nessas coisas, mas na abnegação de sua vontade própria, respondeu mui sàbiamente com as palavras do Evangelho: "Deveis fazer isso e não deixar aquilo" (Mt 23, 23). Com isso queria dizer que, ainda que seja necessário mortificar sua vontade, não se deve deixar de mortificar o corpo, para refreá-lo e submetê-lo à razão. Dizia o Apóstolo: "Castigo o meu corpo e o reduzo a servidão" (1 Cor 9, 27). Sem a mortificação do corpo, é difícil submetê-lo à lei de Deus.

O mundo e o demônio são, em verdade, grandes inimigos de nossa salvação; contudo, o maior de todos é o nosso corpo, porque ele mora conosco. "O inimigo que mais nos prejudica é aquele que mora conosco em casa", diz S. Bernardo (Med., c. 13). Os mais perigosos inimigos de uma fortaleza sitiada são aqueles que se acham no seu interior, pois é muito mais difícil se defender contra estes que contra os que estão fora.

Como os mundanos só cuidam em lisonjear seu corpo com prazeres sensuais, as almas que amam a Deus só procuram mortificar sua carne tanto quanto possível. S. Pedro de Alcântara assim fala a seu corpo: "Fica certo que nesta vida não te deixarei descansar; só tribulações serão tua partilha; quando estivermos no céu, gozarás de uma paz que não terá mais fim". Nesse mesmo espírito procedia S. Maria Madalena de Pazzi, que, pouco antes de sua morte, podia afirmar que não se lembrava de ter jamais encontrado alegria fora de Deus.

Leiamos a biografia dos Santos, consideremos suas penitências e envergonhemo-nos de ser tão medrosos e comedidos na mortificação de nossa carne.

Mas eu tenho uma saúde muito fraca, me dirás, e meu confessor me proibiu todas as penitências. Pois bem, em tal caso deves obedecer; mas ao menos aceita resignadamente todos os incômodos que teu estado corporal te ocasionar; suporta alegremente todas as penas que a mudança de frio e calor consigo traz. Se não podes mortificar teu corpo com penitências, ao menos renuncia de vez em quando a um prazer lícito. Quando S. Francisco de Borja se achava na caça, fechava os olhos no momento em que o falcão se apoderava de sua presa, para se privar do prazer que essa vista lhe causava. S. Luis Gonzaga também evitava olhar para as representações a que devia às vezes assistir.

Por que não poderás também tu, alma cristã, praticar semelhantes mortificações? Se negares a teu corpo satisfações lícitas, não ousará ele reclamar outras ilícitas; se, porém, te entregares a todos os prazeres lícitos, te procurarás dentro em breve deleitações ilícitas.

Um grande servo de Deus, o P. Vicente Carafa, da Companhia de Jesus, diz que Deus nos concedeu as alegrias deste mundo, não só para que delas gozemos, mas também para que tenhamos ocasião de lhe oferecer um sacrifício, privando-nos delas por seu amor.

E' verdade que algumas inocentes alegrias são mui próprias para auxiliar a nossa fraqueza humana e nos dispor para os exercícios espirituais; contudo, deves estar persuadido que os prazeres dos sentidos por si são venenos para a alma, porque eles a prendem às criaturas; por isso se deve gostar desses prazeres como se usa fazer quando se toma veneno. As plantas venenosas, quando devidamente misturadas e tomadas em pequena quantidade, são às vezes úteis à saúde do corpo; mas são sempre e permanecem veneno. E' o que se dá com os prazeres.

Por essa razão, só com grande precaução e moderação é que se pode gozar deles sem apego, e só por necessidade, com a única intenção de se poder servir melhor a Deus.

Além disso, devemos tomar cuidado para que, com o esforço de preservarmos o nosso corpo de doenças, não deixemos desfalecer a nossa alma, que está sempre doente, não se mortificando a carne. "As doenças do corpo me causam compaixão, diz S. Bernardo (Ep. 315), porém, maior compaixão me causam as doenças da alma, que são mais perigosas e mais para temer"

Oh! quantas vezes um mal-estar do corpo não nos serve de pretexto para nos concedermos certas liberdades de que não temos nenhuma necessidade! "Um dia deixamos a oração porque sentimos dor de cabeça, diz S. Teresa (Cam. da perf., c. 10), no outro dia porque tivemos e, no terceiro dia, para que não nos volte a dor de cabeça".

§ II. Salutares efeitos da mortificação externa

A mortificação externa é de suma utilidade para o espírito.

1. Antes de tudo ela nos desprende dos prazeres sensuais, que ferem e até muitas vezes matam a alma. "As chagas do amor divino impedem que as chagas da carne nos atormentem", diz Orígenes.

2. Pela mortificação expiamos os castigos temporais devidos nossos pecados. Se depois de uma dolorosa confissão a culpa do pecado nos é tirada, não deixemos por isso de ficar sujeitos aos castigos temporais. Se não os expiarmos durante a vida presente, teremos de recuperar o que perdemos no purgatório. Mas aí os castigos são imensamente maiores. "Os que não fizeram penitência por seus pecados, se verão em grandíssimas tribulação" (Apoc 2, 22).

Santo Antônio narra que o anjo da guarda deu a escolher a um doente entre o ficar três dias no purgatório e o suportar ainda dois anos a sua doença. O doente escolheu os três dias de purgatório; apenas, porém, se escoara uma hora e já se queixava ele ao anjo que, em vez de deixá-lo por alguns dias nessas penas, já suportava durante tantos anos. Então respondeu-lhe o anjo: Que dizes? Teu corpo se acha ainda quente em teu leito mortuário e já falas de anos?

Se, pois, tiveres de padecer alguma coisa, alma cristã, dize a ti mesma: Isso me deve servir de purgatório; a alma e não o corpo deve sair vencedora!

3. A mortificação eleva a alma até Deus. Segundo S. Francisco de Sales, nunca poderá a alma chegar até Deus sem a mortificação e sujeição de carne. Sobre esse ponto S. Teresa (Fund., c. 5) nos deixou várias e belas sentença: "E' um grande engano crer que Deus admite a seu trato familiar homens efeminados" "Vida voluptuosa e oração não se harmonizam" "Almas que amam a Deus verdadeiramente não aspiram a descanso corporal".

4. Pela mortificação alcançamos uma grande glória no céu. "Se os combatentes se privam de todas as coisas que minoram suas forças, diz o Apóstolo (1 Cor 9, 25), e que poderiam impedi-los de alcançar uma coroa corruptível, quanto mais devemos nós nos mortificar para conseguirmos uma coroa inapreciável e eterna" S. João viu todos os bem-aventurados com "palmas nas mãos" (Apoc 7, 9). Daí devemos concluir que todos nós, para nos salvar, devemos ser mártires, quer o sejamos pela espada dos tiranos ou pela mortificação.

Devemos, entretanto, pensar que "as penalidades da presente vida não têm proporção alguma com a glória vindoura que se manifestará em nós" O que aqui é para nós humana tribulação momen-

tânea e ligeira, produz em nós, de um modo maravilhoso no mais alto grau, um peso eterno de glória (2 Cor 4, 17).

Avivemos, portanto, nossa fé! Curta é a nossa peregrinação aqui na terra: nossa morada duradoura é além, onde aquele que na vida mais se mortificou receberá uma glória e alegria maior. S. Pedro (1 Ped 2, 5) diz que os bem-aventurados são as pedras vivas com as quais é edificada a Jerusalém celeste. Mas, como canta a Igreja (In dedic. eccl.), essas pedras devem primeiramente ser trabalhadas com o cinzel da mortificação. Tenhamos sempre em vista esse pensamento e se nos tornará fácil todo o esforço e trabalho.

Se alguém soubesse que receberia todos os terrenos que ele percorresse num dia, quão fácil e agradável não lhe pareceria o trabalho dessa caminhada.

Conta-se que um monge planejava trocar sua cela com uma outra que se achava mais próxima da fonte d'água. Ao ir, porém, um dia buscar água, ouviu que atrás de si contavam seus passos; virando-se para trás, viu um jovem que lhe disse: Sou um anjo e conto os teus passos, para que nenhum fique sem sua recompensa. Ouvindo isso, não pensou mais o monge em mudar de cela, pelo contrário, teria até desejado que estivesse ainda mais longe, para que pudesse adquirir mais merecimentos.

5. E não são só os bens da vida futura que os cristãos mortificados têm a esperar; eles já possuem nesta vida um bem sumamente precioso na paz e na felicidade que gozam na terra. Ou poderá talvez existir uma coisa mais agradável para uma alma que ama a Deus do que o pensamento de que com sua mortificação faz uma coisa agradável a Deus? Tais almas experimentam na privação de prazeres sensuais e até em seus padecimentos uma grande alegria, não sensual, mas espiritual.

O amor não pode ficar ocioso: quem ama a Deus não pode viver sem lhe dar contínuas provas de seu amor. Ora, não pode uma alma testemunhar melhor o seu amor para com Deus do que renunciando por ele as alegrias deste mundo e sacrificando-lhe seus sofrimentos.

Uma alma que ama a Jesus Cristo nem sequer sente quando se mortifica. "Se se ama não se sente nenhuma pena", diz S. Agostinho (In Jo trat. 48). Quem poderá, de fato, ver seu Redentor coberto de chagas, afligido e perseguido, sem abraçar, a seu exemplo, os sofrimentos e até desejá-los? pergunta S. Teresa (Vida, c. 8). Por isso protestava S. Paulo que não aspirava a outra glória e outra alegria que à da cruz de Jesus Cristo: "Longe de mim o gloriar-me a não ser da cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Gál 6, 14). Segundo o mesmo Apóstolo, a diferença que existe entre os que amam a Jesus Cristo e os que não o amam é que estes lisonjeiam a carne, enquanto que aqueles cuidam em mortificá-la e crucificá-la (Gál 5, 24).

6. Pensemos, finalmente, alma cristã, que nossa morte se aproxima depressa e que muito pouco é o que fizemos para o céu. Procuremos, portanto, no futuro, mortificar-nos tanto quanto possível; não deixemos passar ocasião alguma de mortificação, conforme o conselho do Espírito Santo: "Não deixes passar uma partezinha

do bem que te é concedido" (Ecli 14, 14). Consideremos que cada ocasião de mortificação é um presente de Deus, pelo qual podemos adquirir grandes merecimentos para a vida eterna; ponderemos que não nos será possível amanhã o que hoje podemos, visto que o tempo passado não volta mais.

§ III. Prática da mortificação externa

A mortificação externa é pouco praticada porque é pouco compreendida. Muitos julgam que ela consiste em se trazer um hábito de penitência, em se flagelar rudemente, em dormir na terra nua, em jejuar rigorosamente, em uma palavra, em se martirizar a cada instante e de todo o modo possível. Como, porém, seus trabalhos ou sua fraca saúde não lhes permitem tais penitências, ou então porque seus superiores os desviam disso, julgam que a mortificação externa não é para eles. Enganam-se, porém, muito. Aquelas penitências extraordinárias podem ser praticadas por poucos cristãos, chamados por Deus para um tal modo de vida. Mas todos nós devemos manter o nosso corpo em rigoroso regime, porque somos pecadores. E, para isso, cada um de nós tem os meios. Podemos praticar a mortificação externa no uso de todos os nossos sentidos, em todas as nossas ações, em todos o passos e condições de nossa vida.

Para isso basta abraçar aquilo que é difícil à nossa natureza. Por exemplo, de manhã, levantar-se a uma hora fixa, entregando-se com pontualidade à oração, assistir ao Santo Sacrifício da Missa, renunciar a um prazer proibido ou a uma leitura perigosa, obedecer prontamente às ordens dos pais ou superiores, cumprir principalmente com fidelidade os deveres e os trabalhos cotidianos, suportar com paciência tribulações e sofrimentos: são, essas coisas, todas, mortificações que, praticadas com pura intenção, são muito agradáveis a Deus e mui meritórias para o céu.

Falaremos aqui, alma cristã, de várias mortificações pequenas a que te podes sujeitar sem perigo para tua saúde e com sumo proveito para tua alma.

I. Mortificação da vista

As primeiras setas, que ferem uma alma casta e às vezes a matam, entram pelos olhos. Por meio dos olhos entram no espírito os maus pensamentos. "Não se deseja o que não se vê", diz S. Francisco de Sales. Não leias, por isso, nunca livros proibidos ou perigosos. Renuncia, de vez em quando, ao prazer de ver coisas extraordinárias, ainda que sejam inteiramente decorosas.

Segundo S. Jerônimo (Ep. ad Fur.), é o rosto o espelho da alma e os olhos castos dão testemunho da castidade do coração.

II. Mortificação do ouvido

Evita ouvir conversas inconvenientes ou difamações, e até mesmo conversas mundanas, sem necessidade; pois elas, pelo menos, enchem nossa cabeça com uma multidão de pensamentos e imaginações que nos distraem e perturbam mais tarde nas nossas orações e exercícios de piedade. Se assistires a conversas inúteis, procura quanto possível dar-lhes outra direção, propondo, por exemplo, uma

importante questão. Se isso não der resultado, procura retirar-te, ou, ao menos, cala-te e baixa os olhos para mostrar que não achas gosto em tais conversas.

III. Mortificação do olfato

Renuncia a todos os vãos perfumes, sejam quais forem; suporta antes, de boa vontade, o mau cheiro que reina em geral nos quartos dos doentes. Imita o exemplo dos santos que, animados pelo espírito de caridade e mortificação, sentiam tanto gosto no ar corrompido das enfermarias, como se estivessem em jardins de flores odoríferas.

IV. Mortificação do tacto

Quanto ao tacto, esforça-te por evitar qualquer falta, pois cada falta neste sentido contém um perigo de morte eterna para a alma. Emprega toda a modéstia e cuidado não só a respeito dos outros, mas também de ti mesmo, para conservar a bela jóia da pureza. Procura, quanto possível, refrear pela mortificação esse sentido.

S. João da Cruz dizia que se alguém ensinasse que a mortificação do tacto não é necessária, não se lhe deveria dar crédito, ainda que operasse milagres. Jesus Cristo mesmo disse uma vez à Madre Maria de Jesus, carmelita: "O mundo precipitou-se no abismo, por causa do gozo, e não da mortificação".

Se não temos a coragem de crucificar a nossa carne com penitências, ao menos esforcemo-nos por suportar com paciência as pequenas contrariedades que Deus mesmo nos envia, como doenças, calor, frio, etc. Digamos com S. Bernardo (Medit., c. 15) "O desprezador de Deus deve ser esmagado; ele merece a morte: deve ser crucificado". Sim, meu Deus, é justo que quem vos desprezou seja castigado; eu mereço a morte eterna; seja eu, pois, crucificado neste mundo, para que não sofra eternamente no outro mundo.

V. Mortificação do paladar

Quanto à mortificação do paladar, será bom desenvolver mais a fundo a necessidade, como a maneira, de nos mortificarmos nesse sentido.

1. S. André Avelino diz que quem deseja alcançar a perfeição deve começar com uma séria mortificação do gosto. Antes dele já o afirmara S. Gregório (Mor., l. 30, c. 26): "Para se poder dispor para o combate espiritual, deve-se reprimir a gula". O comer, porém, satisfaz necessàriamente ao paladar: não nos será, pois, lícito comer coisa alguma? Certamente devemos comer: Deus mesmo quer que, por esse meio, conservemos a vida do corpo para o servirmos enquanto nos permite ficar no mundo. Devemos, porém, cuidar de nosso corpo do mesmo modo, diz o P. Vicente Caraffa, como o faria um rei poderoso com um animal que ele, com as próprias mãos, tivesse de almofaçar mais vezes durante o dia; seguramente cumpriria o seu dever: mas, como? Contrariado e desgostoso e o mais depressa possível. "Deve-se comer para viver, diz S. Francisco de Sales, e não viver para comer"

Parece, contudo, que muitos vivem só para comer, como os irracionais. O homem assemelha-se ao animal, diz S. Bernardo, e deixa de ser espiritual e racional se ele gosta da comida como o animal. Assim assemelhou-se aos animais o infeliz Adão, comendo do fruto proibido. Se os animais tivessem tido o uso da razão, acrescenta o mesmo Santo (In Cant., s. 35), ao verem Adão se esquecer de Deus e de sua salvação eterna por causa do miserável desejo de uma fruta, certamente haveriam de exclamar: "Vede, Adão se tornou um animal, como nós!" Isso levou S. Catarina de Sena a dizer: "E' impossível que aquele que se não mortifica no comer, conserve a inocência, visto que Adão a perdeu em razão de seu gosto de comer". Como é triste ver homens "cujo Deus é o ventre" (Filip 3, 19).

Tomemos cuidado para que não sejamos subjugados por esse vício animal. E' verdade que nos devemos alimentar para conservarção da vida, diz S. Agostinho; mas devem-se tomar os alimentos como os remédios, isto é, só tanto quanto necessário e nada mais. A intemperança no comer prejudica a alma e o corpo. Quanto ao corpo, é fora de dúvida que grande número de doenças provém desse vício; apoplexia, dor de cabeça, dores de estômago e outros males provêm muitas vezes do muito comer. As doenças do corpo, porém, são o menor mal; um mal muito pior são as doenças da alma que disso se originam.

Primeiramente obscurece esse vício o entendimento, como ensina S. Tomás, e o torna imprestável para os exercícios espirituais, particularmente para a oração. Como o jejum dispõe a alma para a meditação de Deus e dos bens eternos, assim a intemperança a retrai disso. Segundo S. João Crisóstomo, aquele que enche o estômago com comidas é semelhante a um navio muito carregado, que apenas se pode mover do lugar; ele se acha em grande perigo de afundar, se uma tempestade de tentações lhe advém.

Além disso, quem concede toda a liberdade a seu paladar, fàcilmente estenderá a mesma liberdade aos outros sentidos; pois, se o recolhimento de espírito desapareceu, fàcilmente se cometem ainda outras faltas por palavras e obras. O pior é que, pela intemperança no comer e beber, expõe-se a castidade a um grande perigo. "Excessiva saciedade produz lascívia", diz S. Jerônimo (Adv. Jovin., l. 2). E Cassiano afirma que é simplesmente impossível ficar livre de tentações impuras, enchendo-se o estômago com comidas.

Os santos, justamente porque queriam conservar a castidade, eram tão rigorosos na mortificação do gosto. "Se o demônio é vencido nas tentações à intemperança, diz o Doutor Angélico, não continua a nos tentar à impureza"

Os que cuidam em mortificar o paladar fazem contínuos progressos na vida espiritual. Adquirem mais facilidade em mortificar os outros sentidos e em praticar as outras virtudes. Pelo jejum, assim se exprime a Santa Igreja em suas orações, concede o Senhor à nossa alma a força de superar os vícios, de se elevar aci-

ma das coisas terrenas, de praticar a virtude e adquirir merecimentos infinitos (Praef. Quadrag.).

Os homens sensuais objetam que Deus criou os alimentos para que nos utilizemos deles. Mas os cristãos fervorosos são da opinião do venerável P. Vicente Caraía, que diz, como notamos acima, que Deus nos deu as coisas deste mundo não só para nosso gozo, mas também para que tivéssemos ocasião de lhe fazer um sacrifício. Quem é dado à gulodice e não se esforça por se mortificar nesse ponto, nunca fará um notável progresso na vida interior. Regularmente se come muitas vezes durante o dia; quem, pois, não procura mortificar o desejo de comer, cometerá cotidianamente muitas faltas.

2. Vejamos agora o modo como devemos mortificar o nosso paladar.

a) Quanto à qualidade das comidas, diz S. Boaventura que não se devem escolher comidas esquisitas, mas contentar-se com pratos simples. Segundo o mesmo Santo, é sinal de alguém estar muito atrasado na vida espiritual não ficar contente com as comidas que se lhes apresentem e desejar outras que agradam mais ao paladar, ou requerer que sejam preparadas de um modo particular. Mui diversamente procede quem é mortificado: contenta-se com o que se lhe dá e se diferentes pratos são trazidos, certamente escolherá aqueles que menos satisfazem ao paladar, contanto que não lhe façam mal.

E' muito recomendável privar-se, por mortificação, de temperos desnecessários, que só servem para lisonjear o paladar. O tempero de que usavam os santos era a cinza e o absinto. Não exijo de ti, alma cristã, tais mortificações, nem tampouco muitos jejuns extraordinários. Como não vives ùnicamente para ti, em uma solidão, mas na sociedade, com outros homens, deves geralmente evitar tudo o que dá na vista, segundo o conselho de Cassiano, porque isso é perigoso para a humildade. "Quando se está à mesa em companhia dos outros, dizia S. Filipe Néri, deve-se comer de tudo". Por isso dizia aos membros de sua Congregação: "Fugi da singularidade como de uma fonte de orgulho de espírito"

De resto, quem é animado pelo espírito de mortificação, acha fàcilmente meio de se mortificar sem que se note externamente. S. João Clímaco comia de tudo o que se lhe servia, mas provava apenas cada prato, e, assim, praticava a mortificação sem perigo para a sua humildade.

Não sou, de forma alguma, contrário a que jejues com todo o rigor em certos dias particulares, como na sexta-feira ou no sábado ou nas vésperas das festas de Nosso Senhor ou em dias semelhantes, pois isso costumam fazer os cristãos verdadeiramente piedosos. Se, porém, não possuis tanta piedade ou se tuas enfermidades não te permitem guardar rigorosos jejuns, deves ao menos te contentar com o que te servirem e não te queixar das comidas.

b) Quanto à quantidade das comidas, diz S. Boaventura: "Não deves comer mais, nem mais vezes do que é necessário para sustentar e não para agravar teu corpo" Por isso é uma regra, para todos os que querem levar uma vida devota, não comer nunca até à

saciedade, como S. Jerônimo aconselhava a Eustoquium, escrevendo-lhe: "Sê sóbria no comer e nunca enchas o estômago". Alguns jejuam num dia e comem demais no dia seguinte; é melhor, segundo S. Jerônimo, tomar regularmente a alimentação necessária, do que comer demasiadamente depois do jejum. Com razão dizia um Padre do deserto: "Quem come mais vezes, tendo, apesar disso, sempre fome, receberá uma recompensa maior do que aquele que come raras vezes, mas até à saciedade".

Se alguém quer reduzir seu sustento à justa medida, convém que o faça pouco a pouco, até que conheça pela experiência até onde pode ir na mortificação sem se causar sensível dano.

Para se livrar, porém, de toda a dúvida e inquietação a respeito do jejum e das privações, deve-se sujeitar ao parecer de seu diretor espiritual. Segundo S. Bento e S. Bernardo, as mortificações que praticamos, sem a permissão de nosso diretor espiritual, são antes atos de uma temeridade condenável do que obras meritórias. Contudo, todos devem tomar como regra o comer pouco à noite, mesmo quando lhes parecer que necessitam de mais; a fome de noite é, muitas vezes, só aparente e se passa um pouco só da justa medida, sente-se muito incômodo na manhã seguinte: sente-se dor de cabeça, dores de estômago, está-se indisposto e até incapaz de qualquer trabalho espiritual.

Quanto à medida que se deve guardar no beber, sem perigo algum para tua saúde, podes te impor a mortificação de nada beberes fora da refeição, a não ser no caso que devas ceder a um especial impulso da natureza, para não te causares algum dano, como pode acontecer no verão. S. Lourenço Justiniano, porém, nunca bebia coisa alguma fora da refeição, mesmo nos dias de maior calor, e quando se lhe perguntava como podia suportar a sede, respondia: "Como poderei suportar as chamas do purgatório, se não puder suportar agora esta privação?"

Referindo-se ao vinho, diz a Sagrada Escritura: "Não dês vinho aos reis" (Prov 31, 4). Sob essa expressão de reis não se entendem os que reinam sobre nações, mas todos os homens que domam suas paixões e as submetem à razão. Infelizes daqueles que são dados ao vício da embriaguez, diz a Sagrada Escritura (Prov 23, 29). E por quê? Porque o vinho torna o homem luxurioso (Prov 20, 1). Por isso escreveu S. Jerônimo à virgem Eustoquium: "Se quiseres permanecer pura, como deve ser uma esposa de Jesus Cristo, evita o vinho como veneno: vinho e mocidade são duas iscas que inflamam o desejo para os prazeres proibidos" (Ep. 22 ad Eust.).

De tudo isso devemos deduzir que aqueles que não possuem virtude ou saúde suficiente para renunciar por completo ao vinho, devem ao menos servir-se dele com grande sobriedade, para não serem atormentados por mui fortes tentações impuras.

c) Sobre a questão quando e como se deve comer, S. Boaventura nos ensina o seguinte: Primeiro, não se deve comer fora de hora, isto é, fora da hora da refeição comum. Um penitente de S. Filipe Néri tinha esse defeito. O Santo o corrigiu com as palavras: "Meu

filho, se não te emendares dessa falta, nunca chegarás a ter uma vida espiritual".

Segundo, nunca se deve comer desregradamente, isto é, com avidez, por exemplo, enchendo a boca demais, com tal pressa, que antes de se engolir um bocado já se leva outro à boca. "Não sejas glutão em banquete algum" (Ecli 37, 22), diz-nos o Espírito Santo. Além disso, devemos tomar os alimentos com a boa intenção de conservar as forças do corpo, para podermos servir ao Senhor.

A justa medida no comer exclui também um jejum imoderado, pelo qual se torna incapaz de cumprir com seus deveres de estado. Cometem muitas vezes essa falta os principiantes; levados por aquele zelo sensível que Deus costuma conceder-lhes no princípio, para animá-los no caminho da perfeição, impõem-se privações e jejuns excessivos, que têm por resultado transtornar-lhes a saúde e fazê-los abandonar tudo. O patrão que entrega seu cavalo a um criado para que o trate, certamente o repreenderá não só se nada der ao cavalo, como se der demais, pois o dono não se poderá utilizar dele quando quiser. "Uma temperança constante e regrada, diz S. Francisco de Sales, é melhor que um rigoroso jejum de vez em quando, ao qual se faz seguir uma falta de mortificação" (Philoth. P. 3, C. 23).

Um tal jejum também nos expõe ao perigo de nos julgarmos mais piedosos do que aqueles que não nos imitam no jejum. De um lado, pois, devemos nos precaver contra um zelo insdiscreto, e, de outra parte, não nos esquecer do que diz um grande mestre na vida espiritual, a saber, que o espírito raramente nos leva a excedermo-nos na mortificação, ao passo que o corpo muitas vezes nos induz a uma falsa compaixão e faz que o eximamos daquilo que o desagrada.

II. Da mortificação interna

§ I. Da mortificação do amor-próprio

Devemos distinguir bem o amor-próprio desordenado do amor-próprio regulado: este nos estimula a tendermos à vida eterna, para a qual Deus nos criou; aquele, porém, nos induz a buscarmos os bens desta vida, com dano para a nossa alma e desprezo de Deus. "A cidade celeste, diz S. Agostinho (De civ. Dei, L. 1, c. 1), é edificada pelo amor de Deus, por quem nos desprezamos a nós mesmos; a cidade terrestre é edificada pelo amor a nós mesmos, pelo qual nós desprezamos a Deus". Por essa razão disse Jesus Cristo: "Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo" (Mt 16, 24).

Toda a perfeição de uma alma consiste, de fato, nessa abnegação própria; pois, como diz S. Agostinho (De div. quaest., q. 36), "quanto menos procura o homem satisfazer às suas paixões, tanto mais ama ele a Deus, e se ele nada mais deseja fora de Deus, ama-o então perfeitamente"

No estado atual, porém, de nossa natureza corrompida pelo pecado, é impossível permanecer inteiramente isento aos movimentos do amor-próprio; só Jesus Cristo entre os homens, e a Virgem Mãe entre as mulheres, foram inteiramente livres dele; quanto aos ou-

tros santos, é certo que todos eles tiveram de combater contra suas más paixões. Por isso, todos os esforços de um cristão devem convergir a reprimir os movimentos desregrados de seu amor-próprio: nisso consiste principalmente a mortificação interna, como ensina S. Agostinho (Sermo 106), dizendo que a mortificação interna ordena os movimentos da alma.

Oh! como é digno de compaixão aquele que se deixa governar por suas paixões! Atrozes inimigos de nossa alma são o mundo e o demônio; o mais atroz, porém, segundo S. Bernardo, é o nosso amor-próprio, porque esse inimigo mora conosco na mesma casa. S. Maria Madalena de Pazzi diz: "O amor-próprio é para a alma o que é para as plantas um verme que as ataca em suas raízes e não só as priva de seus frutos, como também de sua força vital". E acrescenta: "O inimigo que mais devemos temer é o amor-próprio; pois ele nos trai, como Judas, com um ósculo. Quem o vencer, terá vencido tudo. Se não o puderes matar com um golpe, mata-o com veneno". Portanto, deves orar ao Senhor sem interrupção, como o Sábio (Ecli 23, 6): "O' Senhor, não me abandones ao ímpeto de minhas loucas paixões, que me querem privar de teu santo temor e até de minha razão".

"A vida do homem sobre a terra é uma guerra contínua" (Job 7, 1). Quem, porém, na guerra enfrenta o inimigo, deve ter sempre as armas nas mãos para se defender; se se pára de combater, está-se perdido. Ainda que tenhamos alcançado muitas vitórias, não podemos cruzar os braços, visto que nossas paixões, apesar de todas as suas derrotas, nunca serão inteiramente aniquiladas. Parecem-se com a má erva, diz S. Bernardo, que torna sempre a crescer, por mais que tenha sido cortada; mesmo quando se julga que foi exterminada por completo, não tarda a reaparecer.

Por isso, no combate com as nossas paixões só podemos conseguir que elas não nos ataquem tantas vezes e tão impetuosamente e que as possamos vencer mais fàcilmente.

A um monge que se queixava de não ter conseguido ainda extirpar umas paixões, contra as quais já combatia há oito anos, deu-lhe o Abade Teodoro a seguinte resposta: "O' meu irmão, tu te queixas de uma guerra de oito anos, e eu já vivo há bem sessenta anos no deserto, e, durante todo esse tempo, não se passou um dia sem que eu não fosse atormentado por uma paixão". As paixões, portanto, nos hão de incomodar sempre; contudo, como nota S. Gregório (Mor., l. 6, c. 16), "é coisa muito diversa ver esses animais ferozes andar em redor de nós e ouvi-los uivar, que tê-los em nosso coração e permitir-lhes que nos devorem".

Nosso coração é um jardim, no qual crescem continuamente ervas más e prejudiciais; devemos, pois, ter sempre na mão a enxada da mortificação, para remover toda essa cizânia, porque doutro modo nossa alma se parecerá em breve com um malagal de cardos e espinhos. "Vence-te a ti mesmo" era a divisa de S. Inácio de Loiola. Essa exortação tinha-a o santo continuamente na boca, e em todas as alocuções aos membros de sua Ordem ele a aduzia: "Vencei ao amor-próprio, quebrai vossa vontade própria, lhes dizia, pois

o motivo principal por que só poucos homens que praticam a oração mental se tornam santos, está nisso que só poucos cuidam em se vencer a si mesmos". "De cem pessoas que praticam a oração, são palavras suas; mais de noventa seguem a sua própria cabeça". Por isso o santo liga maior importância a um único ato de abnegação própria do que a uma oração de uma hora, cheia de consolação espiritual. "Que adianta a uma fortaleza ter todas as suas portas fechadas, diz o Abade Gilbert (In Cant. s. 26), se o inimigo interno, a fome, põe todos os habitantes em desespero?" Ele quis dizer: Que aproveita mortificar os sentidos externos e praticar muitos exercícios de piedade, se se conserva no coração uma paixão, se não se quer renunciar à sua própria vontade, alimentando no seu interior a ambição, a vingança ou outros inimigos que devastam tudo?

S. Francisco de Borja diz que a oração introduz o amor divino no nosso coração, mas que a mortificação do amor-próprio lhe prepara o caminho, removendo a terra que impede ao amor a entrada em nosso coração. Deves tirar toda a terra que se acha na vasilha que queres encher de água, pois, do contrário, em vez de água terás só barro.

Quanto à relação que existe entre a mortificação interna e a oração, nos deixou o Pe. Baltasar Álvarez a importante sentença: "Oração sem mortificação ou é engano ou dura pouco". Segundo S. Inácio, uma alma mortificada se une mais intimamente com Deus em uma oração de um quarto de hora, que uma imortificada em uma oração de uma hora. Se esse santo ouvia que se louvava alguma pessoa por ela rezar muito, dizia logo: "E' um sinal de que ela é muito mortificada".

Alguns cristãos praticam muitos atos de piedade, recebem muitas vezes a sagrada comunhão, jejuam, empregam muito tempo na oração, etc., mas deixam de combater certos movimentos de paixão, certos sentimentos de vingança, apatias, curiosidades, inclinações perigosas, etc.; não são capazes de suportar contrariedades, de se separar de certas pessoas, de submeter sua vontade à obediência e à vontade de Deus. Que progressos poderão fazer tais almas, dignas de lástima, no caminho da perfeição? Conservam sempre as mesmas faltas e acham-se sempre fora do caminho direito, segundo S. Agostinho: "Correm bem, diz o Santo, mas fora do caminho" (In ps. 31, 4); lisonjeiam-se de correr bem por continuarem a praticar suas devoções, mas permanecem sempre fora do caminho da perfeição, porque este consiste na abnegação própria, como ensina Tomás de Kempis: "Adiantar-te-ás na prática do bem, à medida da violência que empregares contra ti mesmo" (Im. Cti., P. I, c. 26).

Não quero reprovar, nem por sombra, a oração vocal, as penitências e os outros exercícios espirituais; mas deves praticá-las com a única intenção de alcançar a vitória sobre tuas paixões. Todos os exercícios de piedade não são senão meios para se alcançar a virtude; por isso devemos pedir sempre a Deus, na santa comunhão, na meditação, na visita ao SS. Sacramento e nos outros exercícios

de piedade, a graça de nos tornarmos humildes, mortificados, obedientes e conformados com sua santa vontade.

A satisfação do amor-próprio é uma falta para cada cristão; é porém, uma falta muito maior para aquele que recebeu mais graças e, por isso, está obrigado a tender com maior zelo à perfeição. "Por meio da abnegação própria, diz S. Lactâncio, Deus chama os homens para a vida eterna, por meio da satisfação do amor-próprio o demônio os chama para a morte eterna".

Mesmo quando praticamos coisas santas, devemos fazê-las sem apego, de tal modo que, se nossa empresa não der resultado ou for proibida pela obediência, não nos cause isso perturbação. Todo o apego desordenado a nós mesmos nos impede a união com Deus. Por isso devemos estar resolvidos a combater nossas paixões e a não nos deixar arrastar por elas.

Tanto a mortificação externa como a interna é necessária para a perfeição, mas com a diferença de que devemos praticar a mortificação externa com medida, e a interna sem medida e com zelo infatigável. Para que serve a mortificação dos sentidos exteriores sem a mortificação das paixões do coração? "Que aproveita emagrecer o corpo com um jejum rigoroso, diz S. Jerônimo, se entumecido pela soberba não se pode suportar uma palavra ofensiva, uma resposta negativa? Que adianta abster-se do vinho, e embriagar-se de furor por causa de uma contrariedade ou contradição?"

Se nos entregarmos com zelo à mortificação de nosso amor-próprio, poderemos nos santificar em pouco tempo, sem que tenhamos a temer a ruína da nossa saúde, ou o orgulho, porque só Deus será testemunha de nossa mortificação.

Se nós abafarmos já no nascimento aqueles vãos desejos, aquelas inclinações, aquela sentimentalidade, aquela curiosidade, numa palavra, todos aqueles movimentos provenientes do amor-próprio, que bela colheita de virtudes e merecimentos não faremos então!

Se, pois, te contradisserem, alma cristã, cede imediatamente, a não ser que a glória de Deus exija outra coisa; oferece a Jesus Cristo esse sacrifício de abnegação própria. Se receberes uma carta, reprime a tua curiosidade; espera um pouco e não a abras logo. Se na leitura de um livro estás desejosa de saber o fim de uma história, refreia tua curiosidade e deixa a conclusão para depois. Advém-te o desejo de dizer um chiste, de apanhar uma flor, de ver este ou aquele objeto, renuncia a isso por amor de Jesus Cristo.

Por tais exercícios de virtude se oferecem muitas ocasiões durante o dia. S. Leonardo de Porto Maurício conta que uma serva de Deus praticou uma vez oito atos de mortificação enquanto comia um ovo, pelo que alcançou oito graças e outros tantos títulos de glória, como lhe foi revelado mais tarde. S. Dosíteo atingiu em pouco tempo, por tais atos de mortificação interna, a um alto grau de perfeição. Apesar de ser moço, não podia nem jejuar nem praticar os outros atos de piedade com a comunidade, em vista de suas doenças. Alguns monges se admiravam como podia ele viver tão unido a Deus, sem a prática desses atos, e perguntaram-lhe, por isso, que

virtude praticava em particular. O Santo respondeu que punha todo o seu esforço em mortificar em tudo as inclinações de seu coração.

S. José de Calazans costumava dizer: "O dia que se passa sem uma mortificação é um dia perdido". Nosso Senhor mesmo, para nos mostrar a necessidade da mortificação, quis levar uma vida toda mortificada, uma vida sem consolação sensível alguma, uma vida cheia de dores e opróbrios, de tal forma que Isaías o chamou "o homem das dores" (Is 53, 3).

O divino Salvador podia remir o mundo entre honras e alegrias; quis, porém, fazê-lo só entre dores e desprezos. "Foi-lhe proposto o gozo, diz o Apóstolo (Heb 12, 2), mas, para nos dar o exemplo, escolheu a cruz". "Percorrei a vida toda de Jesus, diz S. Bernardo, sempre o encontrareis sofrendo na cruz".

Nosso Senhor mesmo revelou a S. Catarina de Bolonha que, já no seio materno, começou ele a padecer as dores de sua paixão. Para seu nascimento escolheu uma estação, um lugar, uma hora que eram os mais próprios para lhe causarem sofrimentos; além disso, escolheu para si um modo de vida o mais pobre, desconhecido, desprezado; finalmente, quis sujeitar-se à morte mais dolorosa, degradante e amarga que poderia haver. S. Catarina de Sena diz: "Como uma mãe, para curar seu filho doente, toma um remédio amargo, assim Jesus Cristo quis beber, durante sua vida terrestre, o cálice de todas as dores, para nos salvar a nós, pobres doentes".

§ II. Da mortificação da vontade própria

Nada é mais prejudicial para aqueles que tendem à perfeição do que contentar a sua vontade própria. "Faze que os homens não tenham mais vontade própria, diz S. Bernardo (Sermo 3, temp. pasch.), e não haverá mais inferno para eles". Segundo S. Pedro Damião, a vontade própria destrói todas as virtudes. "Como a vontade de Deus é a fonte de todo o bem, diz S. Anselmo (De similit., c. 8), assim a vontade do homem é a origem de todo o mal". Como poderia ter um bom fim aquele que se entregasse a um preceptor insensato? Um tal preceptor insensato é, porém, a vontade própria. "Todo aquele que se constitui a si mesmo por mestre e segue o que lhe dita sua vontade própria é um louco", diz S. Bernardo (Epist. 87). S. Antão, Abade, exprime o mesmo pensamento, dizendo que nossa vontade própria é um vinho inebriante, que faz com que não conheçamos nem o valor da virtude, nem a fealdade do vício.

O demônio tornou-se o que é só por sua vontade própria, nota S. Agostinho (Conf., l. 7, c. 3). Por isso serve-se ele, na guerra contra as almas piedosas, principalmente de sua vontade própria, para precipitá-las na ruína. Cassiano conta (Vit. Pat., l. 5, libell. 10, n. 62) que o santo Abade Aquiles respondeu a um de seus discípulos, que lhe perguntara de que armas os demônios se serviam para combater as almas consagradas a Deus: "Contra os grandes deste mundo servem-se eles da soberba; contra os comerciantes, da ambição; contra jovens, da impureza; contra aqueles, porém, que se entregam à piedade, empregam como arma a mais poderosa a sua vontade própria; com essa arma os assaltam e muitas vezes os fazem sucum-

bir". O Abade Pastor costumava até dizer: "Se seguimos a nossa vontade própria, os demônios nem sequer nos combatem mais; pois, em tal caso, nossa vontade própria ocupa o lugar dos demônios e mesmo dos mais péssimos que existem". Pelo contrário, sem a nossa vontade própria, ninguém nos pode separar de Deus, nem os homens na terra, nem os demônios no inferno.

Por isso o Espírito Santo admoesta a cada um de nós: "Não vás atrás de tuas concupiscências e aparta-te de tua própria vontade" (Eccli 18, 30). O maior valor de uma ação consiste em que ela seja feita por obediência e o maior defeito em que seja o resultado da vontade própria. Do que conclui Tritêmio que o demônio nada odeia tanto como a obediência. S. Teresa, compenetrada da mesma verdade, diz: "O demônio sabe que sobre a obediência repousa a salvação de nossa alma, e por isso se esforça tanto para pôr-lhe obstáculos". S. Filipe Néri costumava inculcar a seus penitentes antes de tudo a abnegação de sua própria vontade, e dizia, apontando para a testa: "Em quatro dedos de largura está toda a santidade", isto é, ela está toda na mortificação da vontade própria. S. Jerônimo escreve: "Tanto ajuntas à virtude quanto subtrais à tua vontade própria". E o Espírito Santo declarou, pela boca de Samuel, que é uma espécie de idolatria seguir a vontade própria, com desprezo da obediência (1 Rs 15, 23).

Por isso os penitentes que, confiados em si mesmos, desprezam os conselhos de seu confessor e seguem as sugestões de sua vontade própria, cometem, por assim dizer, um pecado de idolatria, pois eles adoram sua vontade própria como se fosse seu deus. Diante de Deus a renúncia à vontade própria é mais meritória do que a renúncia a todos os bens do mundo, dizia S. Coleta.

Deve-se notar que a renúncia à vontade própria não é só então necessária quando se trata de coisas más ou indiferentes, mas também em todos aqueles casos em que uma boa obra em si, como a oração, esmola, etc., é contra a obediência. Cassiano chega até a dizer que a desobediência que cometemos praticando boas obras, contra a vontade de nossos superiores, em geral, é mais prejudicial que qualquer outra desobediência, porque custa-nos mais purificar-nos de faltas que têm a aparência de virtude. Essas almas que querem se santificar a seu modo serão aquelas que no dia do juízo hão de dizer a Jesus Cristo: "Senhor, por que jejuamos e fizemos penitência e não olhaste para nós?" (Is 58, 3). E lhes será respondido que por suas obras não mereceram recompensa, porque as praticavam para satisfazer sua inclinação própria e não para cumprir com a vontade de Deus: "Vede, no dia de vosso jejum se encontrava a vossa vontade"

"Oh! que grande mal é a vontade própria, exclama S. Bernardo, pois que ela faz que as melhores obras deixem de o ser e até se tornem más, porque não correspondem à obediência" (In Cant. s. 71). E a prova mais forte do agrado que causam a Deus as nossas obras é se foram feitas por obediência. Mesmo às coisas santas nos devemos dedicar sem apego à nossa vontade própria. "Eu desejo só pouca coisa, dizia S. Francisco de Sales, e esse pouco eu

o desejo muito pouco". Ele queria dizer que não era sua vontade própria que o levava a querer o pouco que desejava, mas ùnicamente a vontade de Deus, estando ele pronto a deixar tudo, logo que soubesse que isso não era conforme à vontade de Deus.

Oh! que doce paz não goza aquele que nada mais deseja senão o que a obediência dele exige! S. Doróteo, que pusera sua vontade inteira ao serviço da obediência, gozava de uma paz inalterável. Temendo, porém, uma cilada do demônio, perguntou ao Abade João: "Dizei-me, pai, donde provém que eu, na vida que sigo, sinto uma paz que não permite desejar nada mais no mundo?" "Meu filho, respondeu-lhe o Abade, essa paz é o fruto da obediência" (S. Doroth. Doctr., 5). De fato, que poderá existir de mais tranquilizador para aquele que ama a Deus do que o pensamento de que ele faz a vontade de Deus em todas as ações que pratica? Com razão pode se julgar feliz e exclamar, com o profeta: "Felizes somos, ó Israel, porque as coisas que agradam a Deus nos são manifestas" (Bar 4, 4); sou sobremaneira feliz, porque eu sei que cumpro com a vontade de Deus em tudo o que pratico por obediência. "Oh! que doçura nas palavras: Vontade de Deus", exclamava S. Madalena de Pazzi. S. Lourenço Justiniano escreve: "Aquele que renuncia à sua própria vontade, arroja de si uma pesada carga" (Hom. de S. Bened.). Isso experimentam principalmente aqueles que vivem em família ou estão ao serviço de outros. Se eles se atêm à sua vontade própria, vivem em uma perturbação contínua e têm muitas vezes um inferno em seu coração.

Ouçamos o que S. Maria Madalena de Pazzi disse uma vez em um êxtase sobre o dano que causa às almas piedosas a vontade própria: "Vejo diante de mim uma multidão de almas, entre as quais uma que, durante a santa comunhão, está profundamente recolhida, mas muitas vezes não passa uma hora sem que ela se exaspere se alguma coisa não corre conforme seu desejo. Vejo uma outra, toda inflamada no amor de Deus durante a Santa Missa, mas quando se chama a sua atenção para alguma falta sua, não quer acreditar que tenha essa falta e mostra-se cheia de vaidade e amor-próprio. Vejo uma outra, que parece querer igualar a um S. Antão na aspereza de vida, mas quando a obediência lhe proíbe essa austeridade, opõe-se a isso e não quer sujeitar-se. Uma outra é, no refeitório, mortificada e séria; mas compraz-se em sua mortificação e deseja passar por mais santa que as outras; se a tratam com atenção, julga ser demasiada em vista de sua pessoa, mas se lhe falta alguma coisa, pensa que é menosprezada. Uma outra se esforça sèriamente para ostentar a sua sabedoria, que se julga que ela quer superar um S. Agostinho; doutro lado, observa-se em seus discursos uma certa reserva, para ser tida em conta de perfeita, etc. Uma outra, quando se trata de praticar a caridade com o próximo, está gostosamente pronta a renunciar a todas as comodidades para auxiliar a seu semelhante; mas depois ela quer que lhe agradeçam e que todos a louvem.

Volvamos, entretanto, nossos olhos para nós mesmos, alma cristã. Se queres te santificar e gozar de uma paz inalterável, procura,

quantas vezes puderes, mortificar tua vontade própria; nada faças por satisfação própria, mas tudo para contentar a Deus; para isso renuncia a todos os vãos desejos e a todas as inclinações desregradas. Os mundanos se esforçam quanto podem para contentar sua vontade própria; os santos, pelo contrário, para mortificá-la, e procuram ocasião para isso. S. André Avelino, como se diz no Breviário, fez o voto de se opor sempre à sua vontade própria. Quanto a ti, propõe-te ao menos praticar cotidianamente um certo número de atos de abnegação própria. Não te entristeças se teus pais ou superiores ou teu confessor te negam alguma coisa ou te impõem outra que contraria a teu amor-próprio; podes estar certo que, em tais casos, adquires mais merecimentos por tua obediência que praticando por própria vontade muitos atos de penitência e exercícios de piedade.

Concluo com as palavras que o Pe. Torres escreveu a uma pessoa piedosa, para animá-la a renunciar-se a si mesma e a todas as coisas criadas, para amar ùnicamente a Deus: "Pois que o Senhor vos deu uma boa ocasião para padecerdes e para vos excederdes no desapego, procurai também aumentar o amor do vosso coração para com Ele, esse amor, do qual se diz que é forte como a morte. Oh! possa esse amor vos desprender de todas as criaturas, de todas as atenções humanas, de tudo que é apreciado pelo mundo, de vossas inclinações, de todo o vosso ser, para que nada vos impeça de prender-vos a vosso amado Salvador com todos os vossos pensamentos, desejos e inclinações. Por ele deve suspirar o vosso coração, só a ele prender-se vossa vontade, só com ele ocupar-se o vosso espírito. Se vossa mão trabalha, se vosso pé dá um passo, fazei tudo isso por vosso muito amado Jesus e em união com ele... Para alcançar esse amor, deveis renunciar, cotidianamente, diante de Jesus crucificado, tudo pelo que sentis ainda apego: honras, comodidades, consolações, parentes. Deveis protestar que não aspirais a nenhuma outra honra do que à ignomínia de Jesus Cristo, a nenhuma outro tesouro que ao seu amor, a nenhuma outra comodidade que à sua cruz, a nenhum outro objeto que a ele só, que é o vosso muito amado esposo. Se, por exemplo, vos dirigis ao jardim ou olhais para o céu, deveis muitas vezes convidar a todas as criaturas, com a voz de vosso coração, a amarem a vosso amado Jesus. Eu desejo que fujais de qualquer conversa que não exale o odor de vosso Salvador, que abandoneis qualquer ação que não pode servir para glorificar a vosso esposo divino".

CAPÍTULO DÉCIMO

Do recolhimento do espírito

Três coisas se requerem para se guardar o recolhimento do espírito ou a contínua união da alma com Deus: a solidão, o silêncio e o andar na presença de Deus. Essas são aquelas três coisas que um anjo inculcou a S. Arsênio, dizendo-lhe: "Foge, cala-te e repousa"; com outras palavras: busca a solidão, guarda o silêncio e descansa em Deus, tendo sempre diante de ti o pensamento da sua presença.

Nos capítulos seguintes exporemos mais a fundo cada um desses três pontos.

§ I. Do amor à solidão

I. — 1. Todas as almas que amam a Deus sentem em si um forte atrativo para a solidão, porque sabem que Deus trata com muita familiaridade aqueles que evitam quanto possível o tumulto do mundo. "O' feliz solidão, exclama S. Jerônimo, na qual Deus se entretém com grande amor, familiaridade e afabilidade com as almas que ama". Deus não faz ouvir sua voz onde se passa o tempo em gargalhadas e inúteis palestras. "O Senhor não está na agitação" (3 Rs 19, 11). Ele mesmo diz por boca de Oséias: "Levá-la-ei à solidão e aí falarei a seu coração" (Os 2, 14). Deus fala com a alma na solidão e de um modo especial a seu coração, fazendo-lhe ouvir palavras que a inflamam em seu santo amor. "Minha alma derreteu-se quando me falou o meu Amado" (Cânt 5, 6), diz a esposa dos sagrados Cânticos.

Como conta S. Euquério, perguntou uma vez uma pessoa que tendia à perfeição a um diretor espiritual o que deveria fazer para alcançar seu fim. Este deu-lhe a seguinte resposta: A solidão é o lugar onde se acha Deus. Na solidão fàcilmente se guarda a virtude; no trato com o mundo, porém, fàcilmente a perdemos. S. Bernardo diz que aprendeu mais a respeito de Deus e das coisas divinas na solidão, entre carvalhos e faias, do que nos livros e nas escolas dos sábios. Por essa razão sentiam-se os santos tão irresistivelmente atraídos a fugir do tumulto do mundo e a buscar a solidão; por esse motivo amavam tanto as grutas, os montes e os bosques. Isso já fora profetizado pelo profeta Isaías, quando disse: "A terra deserta e ínvia se alegrará, e a solidão exultará, e florescerá como a açucena; lançando germes copiosamente brotará e com intensa alegria e muitos louvores saltará de prazer.. os seus mesmos habitantes verão a glória do Senhor e a magnificência de nosso Deus" (Is 35, 1-2). Com outras palavras: A solidão é uma fonte inesgotável de alegrias para as almas interiores: pela pureza e inocência de seus habitantes floresce a solidão como um lírio e dá frutos de todas as virtudes; essas almas felizes receberão a graça de contemplar a majestade de Deus e sua infinita beleza.

Para permanecermos unidos a Deus devemos continuamente lembrar-nos dele como dos bens infinitos com que compensa a seus fiéis sequazes. Pelo comércio com o mundo, porém, se apagam es-

sas verdades espirituais, pelas coisas terrenas que nos entram pelos olhos, e os bons sentimentos desaparecem de nosso coração. Por isso é impossível que se tenha uma vida verdadeiramente piedosa, não se amando a solidão e só encontrando gosto no trato com os homens, no fazer sempre visitas e recebê-las e em conversações mundanas.

Consequentemente, ninguém é mais digno de lástima do que uma pessoa que quer levar uma vida devota e que, para isso, já fez muitos sacrifícios e, contudo, passa uma grande parte do dia em vãs diversões, em gargalhadas e tagarelices e talvez até em conversações contra a caridade. Em vez de pôr toda a sua satisfação em se entreter em seu Deus, busca sua consolação em uma vida cheia de distrações e no convívio com homens mundanos, que não deixarão de envenenar seu coração com as máximas depravadas do mundo.

Ela abusa, pois, do tempo que Deus lhe concede para sua santificação. Infeliz dela, como pode desperdiçar esse tempo precioso? Os santos estavam prontos a comprar pelo preço de seu sangue uma pequena parcela desse tempo! Oh! o que não dará ela uma vez, quando a morte estiver próxima, por um só dia, por uma só daquelas muitas horas que agora desperdiça com tanta leviandade!

2) Os mundanos fogem da solidão, e isso com toda a razão, porque no recolhimento são atormentados pelos remorsos de sua consciência. Eles procuram a sociedade e o tumulto do mundo, para que o rumor que ali existe os preocupe e encubra a voz de sua consciência. Os que, porém, têm a consciência em paz, gostam da solidão e se, às vezes, não podem evitar o borborinho do mundo, sentem-se incomodados, como o peixe fora d'água.

Não deixa de ser verdade que o homem preza o trato com os outros; mas existe talvez coisa mais bela que o comércio com Deus? Não se sente nenhuma amargura e nenhum enfado se se afasta da companhia dos homens para se entreter com Deus, nosso Criador. "A sua conversação nada tem de desagradável e a sua companhia nada de fastidioso, mas o que nela se acha é satisfação e prazer" (Sab 8, 16).

Sem razão alguma se diz que a vida solitária é uma vida triste; ela é antes um antegozo do paraíso, é um começo da vida dos santos, que acham uma satisfação indizível em se ocupar ùnicamente com o amor e o louvor de Deus. Isso nos ensina expressamente S. Jerônimo, que fugiu de Roma para se recolher a uma gruta em Belém, para aí gozar da solidão. "A solidão é meu paraíso", escrevia ele depois.

O venerável Pe. Carafa, geral da Companhia de Jesus, dizia que não desejava coisa alguma deste mundo: mas se tivesse de desejar alguma coisa, seria então uma pequena gruta, um pedaço de pão e um livro de devoção, para que pudesse passar sua vida na mais rigorosa solidão.

Pode parecer-nos que os santos, na solidão, se acham inteiramente sós; mas não é assim: Nunca estou menos só que quando estou só, diz S. Bernardo, porque então estou na companhia de Deus,

que mais me contenta do que a companhia de todas as criaturas juntas. Os santos parecem estar tristes e, contudo, não vivem na tristeza. Porque o mundo os vê afastados de todas as alegrias terrenas, tem-nos em conta de infelizes e desconsolados, mas o contrário é a verdade: eles gozam de uma paz imensa e contínua, segundo a expressão do Apóstolo (2 Cor 6, 10).

3) Para gozares dessa deliciosa solidão, alma cristã, não é preciso que te retires para uma caverna ou para um deserto: no meio de tua própria família a poderás achar. Ocupa-te com o mundo exterior só tanto quanto o exigem teus deveres de estado, a obediência ou caridade, e, dessa forma, viverás naquela solidão que convém a teu estado e que Deus de ti requer. O rei David sabia criar-se essa solidão no meio das mais importantes ocupações de seu governo: "Eis que me retirei fugindo e premaneci na solidão" (Sl 54, 8). S. Filipe Néri alimentava por algum tempo o pensamento de se retirar para um deserto; Deus, porém, recomendou-lhe que não abandonasse a cidade de Roma, mas que aí vivesse como se estivesse em um deserto.

Se, conforme o exposto, não é necessário que vivas contìnuamente na solidão, deves, contudo, cuidar em buscá-la todas as vezes que te for possível; ao menos deves amá-la, conforme as palavras de S. Lourenço Justiniano: "A solidão deve sempre ser amada, ainda que não sempre praticada" (De cast. con., c, 6). Se uma pessoa devota é obrigada a deixar a solidão para cumprir com os deveres de seu estado, que o faça então com toda a liberdade de espírito, sem se inquietar de forma alguma, pois, do contrário, mostraria um certo apego à sua vida recolhida, o que seria uma falta notável.

II. — 1. Até aqui só falamos da solidão corporal; vamos agora falar da espiritual, que é mais necessária que aquela, pois S. Gregório diz: "Que aproveita a solidão do corpo, se falta a do espírito?" (Mor., l. 30, c. 23). Que adianta, quer o santo dizer, habitar corporalmente um deserto, se a alma se apega às coisas deste mundo? "Uma alma livre de apego às coisas terrenas, diz S. Pedro Crisólogo, encontra a solidão até nas ruas e praças públicas".

Doutro lado, que adianta permanecer sòzinho em casa ou em uma igreja, se nosso coração se ocupa com as coisas deste mundo, que, com seu barulho, nos impedem de ouvir a voz de Deus? Disse uma vez o Senhor a S. Teresa: "Oh! com quanto gosto não falaria eu com muitas almas! o mundo, porém, faz tanto barulho em seus corações, que elas não ouvem a minha voz! Oh! se elas se afastassem um pouco do mundo!"

2. Procuremos, por isso, conhecer em que consiste a solidão do coração. Ela consiste nisso, que arranquemos de nosso coração todas as afeições que não se referem a Deus e que em todas as nossas ações tenhamos em vista o seu santo agrado.

O salmista exprime essa verdade da seguinte forma: "Que tenho eu no céu? E fora de ti, que desejo eu sobre a terra?... Vós sois o Deus do meu coração e minha partilha, Deus, para sempre"

(Sl 72, 25). Em uma palavra, a solidão do coração consiste em se dizer: "Meu Deus, só a vós eu quero e nada mais".

Alguns se queixam que não podem achar a Deus; a estes responde S. Teresa: "Desprendei o vosso coração de todas as coisas e buscai a Deus, que vós o encontrareis". Para se buscar e achar a Deus, deve-se primeiro conhecê-lo. Como, porém, se poderá conhecer a Deus e sua beleza infinita, se se tem o coração preso às criaturas? Em um vaso de cristal, que está cheio de terra, não poderá penetrar a luz do sol; do mesmo modo não pode brilhar a luz divina em um coração que está cheio de amor pelas alegrias, riquezas e honras deste mundo. Isso nos dá Cristo a entender pela parábola da porta fechada: "Quando rezares, busca teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai em segredo" (Mt 6, 6). Com outras palavras: Para se poder unir a Deus na oração, deve-se recolher a seu próprio coração, que, segundo S. Agostinho (Manual, c. 30) é o quarto de que fala o Senhor, e fechá-lo a todas as afeições terrenas.

Esforça-te, pois, para viveres em solidão espiritual, se não te for possível a corporal, diz S. Bernardo. Mesmo quando te achares na companhia de outros para trabalhar ou te recrear, esforça-te por te conservar na solidão, isto é, recolhido em Deus; e ainda que corporalmente não te possas furtar à conversação, faze-o ao menos no desejo e intenção, permanecendo ùnicamente por ser isso agradável a Deus.

III. — 1. Deve-se aqui notar que, por solidão, não se deve entender a ociosidade, como se no recolhimento não se tivesse de fazer nada ou de pensar em coisa alguma. Deus quer que procurem a solidão os que o amam; não deseja, porém, que vivam ociosos. Alguns há que levam uma vida recolhida, mas, em sua solidão, não se ocupam com nada ou então com leituras frívolas ou outras coisas inúteis. Esses tais vivem na solidão, mas deverão dar contas um dia a Deus de sua solidão ociosa, como diz S. Basílio.

A solidão ociosa é-nos comum com os irracionais; a solidão em que nos ocupamos com estudos inúteis e trabalhos supérfluos é mundana; a solidão religiosa não é nem ociosa nem inútil, mas mui santa e proveitosa. As almas piedosas devem imitar as abelhas, que não se cansam de preparar o mel em suas células; não devem perder nenhum instante, mas estar sempre ocupadas ou com a oração ou com a leitura de qualquer livro útil ou com qualquer serviço correspondente a seu estado.

"A ociosidade é o princípio de todos os vícios". Este provérbio se funda sobre uma sentença do Espírito Santo: "A ociosidade ensina muita malícia" (Eccli 33, 29). S. José Calazans costumava dizer: "O demônio sai à caça das almas ociosas". Conforme S. Boaventura, o ocioso é atormentado com mil tentações, enquanto que quem está ocupado tem uma só a combater.

E' impossível que se esteja sempre a rezar; por isso é preciso se dedicar também ao trabalho. Salomão louva sobremaneira a mulher forte, porque trabalhava em lã e linho (Prov 31, 13). S. Maria Madalena de Pazzi se sujeitava a todos os trabalhos do claustro, apesar de sua fraqueza corporal; era vista ora a varrer, ora a car-

regar água, ora a ajudar na cozinha. Seu biógrafo diz que ela sòzinha trabalhava mais que quatro irmãs leigas juntas.

2. Seria um erro acreditar que o trabalho prejudica a saúde; pelo contrário, ele muito auxilia a sua conservação. Muitas vezes procuramos subtrair-nos ao trabalho não tanto por temor de prejudicar a saúde, como por medo do incômodo; quem, porém, olhar para Jesus crucificado, não temerá a fadiga. Uma freira chamada Francisca se queixava que suas mãos, pelo muito trabalho, estavam todas estragadas. Mas logo ouviu que o Salvador crucificado lhe dizia: Francisca, olha para as minhas mãos! poderás ainda te queixar?

3. O trabalho é, de resto, um meio precioso contra o enfado na solidão, assim como contra as tentações a que se está sujeito no recolhimento. Sentia-se uma vez S. Antão Abade tão horrìvelmente atormentado por pensamentos impuros e desgosto da vida solitária, que já não sabia mais que fazer. Então apareceu-lhe um anjo e o conduziu a um jardim próximo; aí tomou uma enxada e começou a cavar a terra; em seguida orou por algum tempo; recomeçou depois disso o seu trabalho e novamente pôs-se em oração. Disso aprendeu o santo o que deveria fazer par se conservar contente na solidão e livrar-se das tentações, a saber, alternar a oração com o trabalho.

4. O trabalho, além disso, não impede, de forma alguma, o exercício da oração, se for empreendido sem cuidados excessivos e sem paixões. Vendo uma vez S. Bernardo a um monge que, mesmo durante o trabalho, não cessava de rezar, disse-lhe: Continua assim, meu irmão, e tem confiança, pois agindo assim ficarás livre do purgatório, depois da morte. Esse modo de proceder observa o mesmo S. Bernardo, como se conta em sua vida. Sem negligenciar os trabalhos externos, vivia contìnuamente recolhido em Deus. Dessa forma deve-se ocupar cada um internamente com Deus, enquanto externamente faz o seu trabalho; doutra maneira essas ocupações externas serão sem proveito para a vida espiritual e cheias de imperfeições. Nos Cânticos diz o esposo à alma: "Põe-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre o teu braço" (Cânt 8, 6). Primeiramente quer que o ponhamos sobre seu coração e então sobre seu braço, pois, se não se tem a Deus no coração, não se poderá tê-lo no braço, isto é, as obras externas não lhe agradarão. Se, porém, as obras externas procedem do amor, serão sumamente perfeitas, como diz S. Teresa.

5. Por isso estão em erro os que menosprezam o trabalho e querem se restringir ùnicamente à solidão; mas também erram os que se sobrecarregam com trabalhos externos de tal modo que não lhes resta mais tempo para o recolhimento de espírito. "Meu filho, diz o Sábio (Ecli 11, 10), não te empenhes em muitas coisas, pois, se multiplicares os negócios, não ficarás imune de culpa"

Alguns há que se entregam de tal maneira ao trabalho começado, que não pensam em nada mais. Não resta dúvida que devemos executar com toda a diligência o que nos foi imposto, mas sempre com sossego e sem paixão, de forma que o nosso espírito possa

se elevar a Deus de tempos a tempos. S. Antão diz que em todas as nossas ocupações externas, por mais urgentes que sejam, devemos conservar em nosso interior um quarto escondido, ao qual possamos nos recolher, estando cansados do trabalho, para aí nos unir com Deus. Por isso é de grande utilidade, ao começar o trabalho, elevar o nosso coração a Deus, por meio de atos de amor, de oferecimento, de resignação ou de qualquer outra oração e repetir isso muitas vezes no decurso do trabalho. S. Catarina de Sena sabia achar a Deus no meio dos inúmeros trabalhos que lhe impunham seus pais para demovê-la de seus exercícios de devoção; enquanto fazia externamente seu trabalho, guardava em seu coração, que ela chamava a sua cela, o mais perfeito recolhimento e se entretinha aí sem interrupção com seu mui amado Salvador.

(A este respeito v. ª p. VI, c. 13: Dos exercícios ou retiros espirituais).

§ II. Do silêncio

1. O silêncio é um meio excelente para se alcançar o espírito da oração e para se habilitar para o trato ininterrupto com Deus. Dificilmente se encontrará uma pessoa verdadeiramente piedosa que fale muito. Todos que possuem o espírito de oração amam igualmente o silêncio, que é justamente chamado o conservador da inocência, um baluarte contra as tentações e uma fonte de oração, pois que o silêncio favorece o recolhimento e excita no coração bons pensamentos: ele obriga de certo modo a alma a pensar em Deus e nos bens celestes, como diz S. Bernardo (Ep. 78). Por essa razão todos os santos e mesmo aqueles que não viveram como anacoretas eram especiais amantes do silêncio.

O profeta Isaías diz: "O silêncio cultivará na alma a justiça" (Is 32, 17). De um lado ele nos preserva de muitos pecados, removendo a ocasião de altercações, de difamações, rancor e curiosidade; de outro lado, nos auxilia a adquirir muitas virtudes. Como não se pratica admiràvelmente a humildade quando se ouve modestamente e se guarda o silêncio, enquanto falam os outros; a mortificação, quando, desejando-se narrar algum episódio ou dizer algum chiste se abstém disso, calando-se; a mansidão, quando nada se responde sendo-se injustamente repreendido ou injuriado!

O muito falar, pelo contrário, traz consigo muitos danos. Como se conserva a devoção pelo silêncio, assim também se perde pelo muito falar. Por mais que se esteja recolhido durante a oração, se depois não se vencer no falar, estar-se-á logo distraído como se não tivesse feito oração. Abrindo-se a tampa de uma estufa, o calor se evapora em curto prazo. "Evita o muito falar, admoesta S. Doroteu, porque ele expele os bons pensamentos e o recolhimento em Deus" (Doct. 24). E' fora de dúvida que uma pessoa que fala muito com os homens pouco se entretém com Deus, e que Deus, por sua parte, pouco fala com ela; segundo suas próprias palavras, ele conduz a alma à solidão quando lhe quer dirigir a palavra: "Eu a conduzirei à solidão e lhe falarei ao coração" (Os 2, 14).

Além disso, nos admoesta o Espírito Santo (Prov 10, 19) "No muito falar não faltará pecado". Ainda que durante a conversação,

que se protrai sem necessidade, não se pense que se está cometendo falta, contudo, depois, em um sério exame de consciência, se descobrirá qualquer falta, quer por indiscrição, ou por curiosidade, ou, ao menos, por inútil tagarelice.

Mas, que digo eu? Não é só de uma ou outra falta que nos tornamos culpados, quando falamos muito, mas de grande número delas. Segundo S. Tiago (Tg 3, 6) é a língua "um mundo de injustiças"; pois, como nota um sábio escritor, o maior número de pecados é ocasionado pelo falar ou pelo ouvir falar. Ah! quantas almas não se acharão, no dia de juízo, entre os condenados porque não guardaram sua língua! O pior é que aquele que se entrega à distração pelo intenso trato com as criaturas e pelo muito falar, não conhece suas faltas e, por isso, cai sempre mais profundamente. "O homem que fala muito, diz o salmista (Prov 139, 12), não será dirigido na terra", e seguirá por mil desvios, sem que se possa esperar a sua emenda.

Parece que alguns não podem viver sem prosear desde a manhã até à tarde: querem saber tudo o que acontece, incomodam-se com tudo e ainda perguntam que mal fazem com isso. A esses respondo: Deixai de falar tanto, procurai recolher-vos um pouco e conhecereis quantas faltas cometestes com vosso imoderado prosear.

"Quem guarda a sua boca, guarda a sua alma", diz o Sábio (Prov 13, 3). E S. Tiago escreve: "Quem não peca por palavra é um homem perfeito" (Tgo 3, 2). Quem, por amor de Deus, pratica o silêncio, fará também com diligência a leitura espiritual, a meditação e a visita ao SS. Sacramento. Oh! quanto ama Deus a uma alma que observa o silêncio! principalmente se se mortifica no falar naquelas ocasiões em que sente um desejo especial para falar, por exemplo, depois de um longo retiro, em acontecimentos agradáveis ou desagradáveis. Quem costuma, porém, se difundir em conversas estará contìnuamente distraído e deixará fàcilmente a oração, a meditação e outros exercícios de devoção e perderá assim, pouco a pouco, o gosto por Deus e pelas coisas divinas. E' impossível que aquele que não ama o silêncio, diz S. Maria Madalena de Pazzi, ache gosto nas coisas divinas; ele se lançará, mais cedo ou mais tarde, nos braços das alegrias mundanas.

2. Contudo, a virtude do silêncio não consiste em nunca se abrir a boca para uma conversa, mas em se calar quando não há motivo razoável para se falar. Por isso diz Salomão (Ecle 3, 7): "Há tempo para se calar e tempo para falar". Nota S. Gregório de Nissa que se fala primeiramente do tempo de se calar, porque pelo silêncio é que se aprende a arte de falar bem.

Quando, pois, se deverá calar e quando deverá falar um cristão que deseja santificar-se? Ele deve calar-se quando não for necessário falar, e deve falar quando a necessidade ou a caridade o exigir. S. Crisóstomo (In ps. 140) estabelece a seguinte regra: "Só quando o falar for mais proveitoso que o calar-se é que se deve falar". Com isso se harmoniza o conselho dado pelos mestres espirituais: "Cala-te ou fala de tal modo que o falar seja preferível ao

silêncio". S. Arsênio confessou que se arrependeu muitas vezes de ter falado e nunca de ter guardado o silêncio. Por isso S. Efrém aconselha a cada cristão: "Fala muito com Deus e pouco com os homens" (Encom. in ps.).

Pelo que farias muito bem, alma cristã, se guardasses o silêncio em certas e determinadas horas do dia e, para não encontrares ocasião de falar, te retirasses, durante esse tempo, para um lugar solitário. Se a obediência ou a caridade não to permitir, procura ao menos achar alguns momentos livres para te recolheres e reparares as faltas que cometeste em tuas conversações, pois o Sábio diz (Ecli 14, 14): "Não deixes passar uma partezinha do bem que te é concedido". Se não puderes empregar para o Senhor mais tempo, consagra-lhe ao menos os curtos instantes que te estão à disposição e procura cortar toda conversação inútil sob qualquer oportuno pretexto.

Se alguma vez em tua presença se pronunciar alguma palavra indecente, foge então sem demora ou, ao menos, abaixa os olhos e não dês resposta ou então dirige a conversa para outro assunto. Conversas mundanas deves procurar cortá-las quanto antes. S. Francisca Romana recebeu certa vez uma bofetada de seu anjo da guarda porque não deu outra direção a uma conversa de algumas senhoras que falam sobre coisas fúteis.

Para não faltares neste ponto, deves, antes de tudo, mortificar a tua curiosidade. O Abade João costumava dizer: Quem quiser refrear sua língua, deve tapar seus ouvidos, reprimindo o desejo de saber novidades.

3. Se estiveres obrigada a falar, alma cristã, pondera bem primeiramente o que queres dizer: "Coloca tuas palavras na balança" (Ecli 28, 29), te diz o Espírito Santo. S. Bernardo diz que as palavras deveriam passar duas vezes pelo crivo da apuração antes de chegarem à língua, para que não se diga o que não é útil declarar. S. Francisco de Sales exprime o mesmo pensamento com outras palavras: "Para não se faltar, na conversa, se deveria ter a boca como que abotoada, para que se pudesse refletir, enquanto se desabotoasse, no que se vai falar".

Antes de falar deves, pois, ponderar: 1º o que queres dizer; se, por exemplo, com isso não ofendes a caridade, a modéstia ou qualquer outro mandamento de Deus; 2º com que intenção falas; algumas vezes se diz alguma coisa boa, mas com má intenção, para se aparecer virtuoso ou então espirituoso; 3º com quem falas; se com um superior, ou com um igual, ou inferior; se na presença de adultos ou de crianças, que talvez poderiam escandalizar-se com tuas palavras; 4º como deves falar; pois é teu dever falar com simplicidade cristã, sem afetação; com humildade, evitando toda a expressão orgulhosa ou vaidosa; com mansidão, sem mostrar impaciência ou ofender o próximo; com discrição, sem querer ter sempre a primeira palavra, principalmente se fores mais moço que os outros; com modéstia, evitando interromper os mais.

Além disso, deves falar com voz moderada e evitar todas as expressões e gestos que são próprios de um mundano. Finalmente,

deves te abster de rir imoderadamente, pois isso de forma alguma está bem a uma pessoa que deseja viver piedosamente, como nota S. Basílio. Um riso moderado, porém, que denota a alegria do coração, não é nem contra a civilidade nem contra a piedade. Modéstia e alegria é o que deve luzir no procedimento de um bom cristão, e não melancolia e desalento, pois isso desonra a piedade e induz a crer que uma vida dedicada a Deus ocasiona, em vez de paz e alegria, ùnicamente tristeza e tribulações.

§ III. Do andar na presença de Deus

A. *Benéficos efeitos do andar na presença de Deus*

O andar na presença de Deus é chamado, com razão, o fundamento da vida espiritual. Consiste ele nisso: que se evite o pecado, se pratique a virtude e se una mais intimamente possível com Deus. Ora, são justamente essas três coisas que opera o andar na presença de Deus; ele conserva a alma afastada do pecado, excita-a à prática da virtude e faz que ela se una a Deus por meio de seu santo amor.

1. Quanto ao primeiro efeito, a preservação do pecado, não há meio mais eficaz para refrear as paixões, para resistir às tentações e, consequentemente, para evitar o pecado do que a lembrança da presença de Deus. S. Tomás diz: "Se pensássemos sempre na presença de Deus, nunca faríamos, ou então só raramente, coisa alguma que lhe desagradasse" (Opusc. 58, c. 2). Segundo S. Jerônimo, a recordação da presença de Deus fecha a porta a todos os pecados. E, de fato, se os homens não ousam transgredir, em presença de seus príncipes, de seus pais ou superiores, os seus preceitos, como poderiam infringir os mandamentos de Deus se pensassem que ele os vê?

S. Ambrósio conta que, durante um sacrifício que Alexandre Magno oferecia no templo, um pajem preferiu deixar-se queimar a mão a cometer a irreverência de deixar cair a tocha que sustinha. Ora, se o respeito para com seu rei pôde fazer que esse jovem, para não faltar com ele, vencesse a natureza, quanto mais poderoso, ajunta o santo doutor, não será o pensamento da presença de Deus para levar uma alma crente a vencer todas as tentações e a suportar antes todos os tormentos do que ofender a seu Deus e Senhor diante de seus próprios olhos.

Os homens, só por isso, caem em pecado, porque perdem de vista a presença de Deus. "A causa de todo o mal, diz S. Teresa, está em que não pensamos na presença de Deus, mas antes o julgamos muito longe de nós" (Cam. da perf., c. 29). Antes dela já o dissera David: "Não há Deus diante dele: por isso seus caminhos são manchados em todos os tempos" (Sl 10, 5). O Abade Dioclés chega até a dizer que aquele que perde da memória a presença de Deus, torna-se um animal ou um demônio. E ele tem razão: porque um tal homem será sempre assaltado por seus desejos sensuais ou diabólicos e não terá a força para resistir-lhes.

Doutro lado, os santos acham nesse pensamento, de que Deus os está vendo, a força para resistir a todos os ataques do inimigo. Esse pensamento outorgou à casta Susana a coragem para repelir os dois libertinos que a queriam seduzir ao pecado, apesar de a terem ameaçado com a morte. "Prefiro antes cair, sem esse pecado, nas vossas mãos, disse ela com inabalável constância, do que pecar na presença de Deus" (Dan 13, 23).

Esse pensamento converteu a uma mulher depravada, que não se envergonhara de tentar S. Efrém ao pecado. O Santo dissera-lhe que, se quisesse pecar, deveria ir com ele no meio da cidade. "Mas como se poderá cometer um tal pecado na presença de tanta gente?" perguntou-lhe ela. "E como se poderá pecar na presença de Deus, que vê tudo?" respondeu-lhe o santo. Ouvindo essas palavras, rompeu em pranto a pobre pecadora, pediu perdão ao santo e adjurou-o a que a auxiliasse no caminho da salvação. S. Efrém internou-a em um claustro, onde levou uma vida edificante e chorou até à morte os seus pecados (Metaphrast., Vit. Sti. Ephr.).

Coisa semelhante se deu com o santo Abade Pafúncio a respeito de uma outra pecadora chamada Tais, que lhe dissera que ninguém haveria de ver seu pecado, além de Deus. O santo respondeu-lhe, com voz muito grave: "Crês, portanto, que Deus te vê, e queres entretanto pecar?" Tais sentiu-se ferida por essas palavras, entrou em si e começou a detestar sua vida vergonhosa: trouxe seus móveis, seus vestidos e jóias, que adquirira por sua vida escandalosa e, amontoando tudo isso em uma praça pública, ateou-lhe fogo, e dirigiu-se em seguida para um convento, onde jejuou durante três anos a pão e água, repetindo as palavras: "O' vós que me criastes, tende piedade de mim!" Decorridos esses três anos, teve uma santa morte. Logo após sua morte, foi revelado a um discípulo de S. Antão, Paulo, o Simples, que essa feliz pecadora recebera um trono de glória entre os santos do céu (Vita Pat., 1. 1).

O pensamento na presença de Deus nos ajuda, pois, a evitar o pecado. Digamos, portanto, ao Senhor, com o piedoso Job: "Ponde-me, Senhor, junto de vós, e arme-se contra mim a mão de quem quer que for" (Job 17, 3). O' meu Deus, fazei-me lembrar de vossa presença, fazei-me pensar por toda a parte que vós me vedes; que venham então os meus inimigos, que eu certamente os vencerei. S. João Crisóstomo diz: "Se nos conservarmos sempre na presença de Deus, não só não pensaremos em coisas más, mas também não as diremos, nem as faremos, porque estaremos persuadidos que Deus observa todas as nossas ações, ouve todas as nossas palavras e vê todos os nossos pensamentos" (In Filip h. 8).

2. Quanto à prática das virtudes cristãs, é a recordação da presença de Deus igualmente um poderoso meio para isso. Com que valentia não combatem os soldados na presença de seu rei! O pensamento de que os observa o príncipe, que os pode recompensar ou punir, aviva sua coragem e força em alto grau. Se igualmente pensássemos que, em tudo que fazemos, o olho de Deus está voltado para nós, certamente nos esforçaríamos para fazer tudo bem e com

pura intenção, sem buscar outra coisa que o exclusivo agrado de Deus e sem nos importar com os homens.

S. Basílio diz: "Se alguém se achasse na presença de seu rei e de um simples camponês, certamente procuraria agradar ao rei, sem se incomodar muito com o que agradasse ao camponês; da mesma forma se esforça aquele que anda na presença de Deus a agradar ùnicamente a Deus, seu Senhor, que observa todos os seus atos e não às criaturas"

3. Quanto ao terceiro efeito, a união com Deus, é verdade incontestável que o amor é alimentado pela presença do objeto amado; isto se dá até com os homens, apesar de descobrirem tanto mais faltas em nós quanto mais convivem conosco. Muito mais se aumentará, pois, o amor de Deus na alma, se ela o tiver continuamente diante dos olhos porque, quanto mais se trata com ele, tanto mais brilha sua beleza e amabilidade.

Para se permanecer em união contínua com Deus não basta fazer uma meditação, de manhã e à noite. Se se retira do fogo a água fervendo, diz S. Crisóstomo, retoma logo a sua natural frieza. Por isso deve-se estar atento a conservar, fora da meditação, o fogo do amor por meio da recordação contínua da presença de Deus. O venerável Henrique Suso se dedicou com especial zelo a este santo exercício e chegou a tal grau de perfeição, que se entretinha sem interrupção com Deus por meio de aspirações amorosas. S. Gertrudes alcançou também tal perfeição nesse ponto que o Salvador, referindo-se a ela, disse a S. Mechtildes: "Essa alma, minha muito amada, anda sempre na minha presença e se esforça sempre por cumprir a minha vontade e fazer todas as suas ações para minha maior glória" (Insin., l. 1, c. 12).

S. Bernardo quando, nos seus primeiros anos de vida religiosa, se sentia desanimado ou tíbio, pensava em alguma pessoa piedosa, quer ausente, quer mesmo falecida, e isso bastava, como ele mesmo conta, para que a alegria e o fervor no amor de Deus voltassem imediatamente à sua alma. Quanto mais útil não será, pois, para uma alma que ama a Deus o pensamento de que Deus está perto dele e deseja o seu amor. David sentia-se cheio de alegria e consolação ao só pensar em seu Deus: "Lembrei-me de Deus e me deleitei" (Sl 76, 4).

Por mais aflita e desconsolada que se ache uma alma, se ela ama a Deus, se sentirá certamente consolada logo que pensar em seu mui amado Senhor. Por isso, aqueles que estão cheios do amor de Deus conservam a tranquilidade e a paz, porque, assim como o girassol se volta sempre para o sol, também eles, em tudo que lhes sucede e em tudo o que fazem, se esforçam por ter a presença de Deus diante dos olhos. "Quem ama verdadeiramente, diz S. Teresa, pensa sempre no objeto amado" (Vida, c. 13).

B. *Diversos modos de se pôr na presença de Deus*

Quero explicar-te agora, alma cristã, como podes te transportar à presença de Deus. Esse ato se exerce em parte pelo entendimento, em parte pela vontade: por meio do entendimento deve-se represen-

tar a Deus presente; por meio da vontade deve-se unir a ele, fazendo-se atos de humildade, adoração, amor e semelhantes.

I. — Tendo-se em vista o entendimento, podemos nos pôr na presença de Deus de diversas maneiras.

1. O primeiro modo consiste em nos representar que Jesus Cristo, nosso Salvador, nos acompanha e nos vê por toda a parte. Podemos no-lo representar ora neste, ora naquele mistério; por exemplo, ora como um menino no presépio de Belém, ora como pobre exilado na fugida para o Egito, ora como operário na oficina de Nazaré, ora como homem de dores, que é condenado à morte como um criminoso, flagelado, coroado de espinhos e pregado na cruz.

S. Teresa aplaude muito esta maneira de se colocar na presença de Deus. Devo, contudo, notar que, se ela é boa, não é, contudo, a maneira melhor e nem sempre é útil, e isso por dois motivos: primeiro, ela não corresponde inteiramente à verdade, porque Jesus Cristo não nos está continuamente presente ao mesmo tempo como Deus e homem, mas só depois da comunhão ou no SS. Sacramento; segundo, essa maneira de se pôr na presença de Deus pode dar fàcilmente ocasião a enganos ou, ao menos, cansar muito a cabeça pelo grande esforço da fantasia. Querendo-se servir dela, faça-se, pois, com cuidado, sem se querer representar forçosamente os traços, a cor do rosto ou a fisionomia do divino Salvador: basta que o julguemos presente em uma figura indeterminada e nos representemos que ele vê tudo o que fazemos.

2. O segundo modo de se colocar na presença de Deus é muito seguro e preferível, pois que se baseia sobre uma verdade da fé. Consiste em vermos, com os olhos da fé, a Deus presente em toda a parte e nos compenetrarmos vivamente da verdade que ele está continuamente conosco e observa todas as nossas ações.

Não importa que não o vejamos com os olhos do nosso corpo. Também não vemos o ar e, contudo, nem de longe duvidamos que ele nos circunda de todos os lados, pois, do contrário, não poderíamos respirar, nem viver.

Não vemos a Deus, mas a fé nos ensina que ele nos está continuamente presente. "Porventura não encho eu o céu e a terra?" (Jer 23, 24), diz ele pela boca do profeta. Nós estamos em Deus de um modo semelhante ao de uma esponja no mar, que está circundada pela água e toda impregnada dela. S. Paulo diz: "Nele vivemos, nos movemos e existimos" (At 17, 28). Ele, que é nosso Deus, diz S. Agostinho, observa todas as ações, todas as palavras, todos os pensamentos de cada um de nós com tal cuidado, como se tivesse esquecido todas as outras criaturas, para nos dispensar toda a sua atenção. Mas Deus não só vê todas as coisas que fazemos, dizemos e pensamos, como também regista tudo, para exigir contas de nós, no dia do juízo, e nos recompensar ou castigar segundo os nossos méritos.

Este segundo modo de pensar na presença de Deus não cansa o espírito, pois basta excitar um ato de viva fé, dizendo-se interiormente: O' meu Deus, creio firmemente que estais aqui presente.

Pode-se também juntar, a esse, atos de amor, de resignação, boa intenção e outros semelhantes.

3. O terceiro modo de conservar a recordação da presença de Deus consiste em considerar a Deus nas criaturas, que dele recebem seu ser e foram destinadas para o nosso uso. Deus está na água que nos purifica, no fogo que nos aquece, no sol que nos ilumina, na comida que nos sustenta, em todas as coisas que criou para nossa utilidade. Se, por isso, virmos qualquer objeto belo, como um magnífico jardim, uma delicada flor, pensemos que nossa criatura se reflete um fraco raio da infinita beleza de Deus, daquele Deus que deu o ser a essas coisas. Se falamos com um santo ou com um sábio, pensemos que é Deus que lhe comunicou uma partezinha de sua santidade ou sabedoria. Se ouvimos uma música deleitosa, se certos perfumes nos agradam, se comidas e bebidas nos satisfazem, pensemos que é Deus que nos distribui esses dons com o fim de elevar nosso coração para ele por meio dessas coisas e fazê-lo aspirar às alegrias eternas do céu.

Acostumemo-nos, pois, alma cristã, a ver em todas as coisas a Deus, que se nos apresenta nelas, e façamos amiudados atos de agradecimento e de amor, lembrando-nos que Deus, desde toda a eternidade, pensou em operar tantos milagres de onipotência para ganhar os nossos corações. "Apressa-te a amar na criatura o Criador, diz S. Agostinho, e não prendas o teu coração naquilo que Deus fez, para que não percas, pela entrega de ti mesmo às criaturas, aquele que te criou" Conforme isso procedia esse grande santo; à vista das criaturas elevava seu coração a Deus, e, inflamado em amor, exclamava: "Céu e terra e tudo o que neles existe me clama que eu devo vos amar". Se eu considero o céu, as estrelas, os campos, os montes, queria dizer o santo, então parece-me que me clamam: "Agostinho, ama a teu Deus, porque ele nos criou ùnicamente para que o possas amar"

À vista de encantadoras campinas, lagos, regatos ou outras belas coisas, S. Teresa parecia ouvir as repreensões dessas criaturas acusando-a de ingratidão para com seu Deus. S. Maria Madalena de Pazzi ficava cheia de admiração e inflamada em amor quando tinha nas mãos uma bela flor ou fruta, e dizia consigo mesma: Deus, pois, pensou desde toda a eternidade em criar esta flor e esta fruta, para ganhar o meu amor!

Um santo homem, chamado Simeão Saulo, costumava bater com seu bordão nas flores e plantas quando atravessava os campos, dizendo: Calai-vos, já basta; calai-vos, pois me lançais em rosto que amo pouco a esse Deus que vos fez tão belas por amor de mim e para me atrair a ele por meio de vós. Já entendo o que quereis dizer: basta, calai-vos!

4. O quarto meio, que é o mais perfeito, para conservar sempre viva em nós a recordação da presença de Deus, consiste em vermos a Deus em nós mesmos.

Não é preciso subir ao céu para achar a Nosso Senhor; precisamos só nos recolher um pouco e o encontraremos em nós mesmos. Quem se representa a Deus na oração, como muito distante,

se cria assim uma fonte de muitas distrações. S. Teresa diz: "Nunca fiquei sabendo perfeitamente o que era rezar bem, até que Deus mesmo me ensinou o verdadeiro modo de conversar com ele. Eu comecei então a me aprofundar no meu interior e isso se evidenciou como muito útil para minha alma" (Cam. da perf., c. 30).

Deus está presente em nós de um modo mui diferente do que nas outras criaturas: em nós mora o Senhor como em seu templo, em sua casa: "Não sabeis que vós sois templos de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?" (1 Cor 3, 16). Por isso nos diz o divino Salvador que ele, com o Pai e o Espírito Santo, faz sua entrada na alma que o ama, para aí permanecerem, não um momento, mas para sempre. "Se alguém me amar, meu Pai também o amará e nós viremos e faremos nele a nossa morada" (Jo 14, 23).

Os reis desta terra moram em grandes palácios; mas neles possuem aposentos especiais, nos quais geralmente habitam. Coisa semelhante se dá com Nosso Senhor: ele está por toda a parte, sua presença enche o céu e a terra; mas, de um modo especial, habita nas nossas almas, onde se demora com especial gosto, como em outros tantos jardins de delícias. "Eu habitarei neles, assim fala Deus pela boca do Apóstolo, e andarei entre eles e serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (2 Cor 6, 16).

Ele mora nos nossos corações e aí quer ser amado de nós e por nós invocado, pois ele está no meio de nós, cheio de amor e bondade, para atender às nossas súplicas, receber provas de nosso amor, para proteger-nos e iluminar-nos, dirigir-nos e comunicar-nos seus bens, para axiliar-nos em tudo que pode servir para nossa salvação.

Procuremos, pois, avivar a nossa fé nessa verdade e humilhemo-nos diante de tão sublime majestade que se digna morar em nós. Façamos muitas vezes atos de confiança, de entrega de nós mesmos e de amor para com a infinita bondade de Deus; demos-lhe graças por seus favores; alegremo-nos com sua glória; peçamos-lhe conselhos em nossas dúvidas e consideremo-nos muito felizes por possuirmos nele o sumo bem, sem precisarmos temer que poder algum criado no-lo possa roubar jamais, ou que ele mesmo nos abandone, a não ser que nós mesmos o expulsemos de nosso coração.

S. Catarina de Sena, como ela mesma nos conta, edificou no seu interior uma cela e aí se entretinha sem interrupção em amorosas conversações com seu Deus e Senhor; aí se indenizava da proibição imposta por seus pais de não se recolher a seu quarto para rezar. E nessa pequena cela encontrou ela muito mais do que poderia achar no seu quarto, desde que deste teria ela de sair repetidas vezes, ao passo que nunca teve de abandonar aquele santuário interior, mas, antes, permaneceu sempre nele cheia de recolhimento e devoção.

Falando uma vez S. Teresa dessa presença de Deus em nosso coração, disse: "Aqueles que desse modo se recolhem ao pequeno céu de sua alma, onde impera aquele que o criou, podem estar certos que trilham um caminho seguro; dentro de pouco tempo terão vencido uma grande parte do caminho" (Cam. da perf., c. 20).

5. Se me perguntares, alma cristã, quantas vezes no dia deves te pôr na presença de Deus, respondo-te com S. Bernardo (De int. dom., c. 27), que o deves fazer todos os instantes, pois, como não há um momento, diz o Santo, em que não gozemos dos benefícios de Deus, assim também não devemos deixar passar um instante sem pensar em Deus e lhe testemunhar nossa gratidão. Se alguém soubesse que seu rei sempre pensava nele e em seu bem-estar, certamente haveria de amar ternamente um tal príncipe e nunca se esqueceria dele, mesmo no caso que essa afeição não lhe trouxesse nenhum proveito.

E', porém, fora de dúvida que Deus se ocupa constantemente contigo e te beneficia sem cessar, ora com inspirações, ora corroborando tua vontade, ora com outras provas de ternura. Não serias talvez réu de uma grande ingratidão se te esquecesses dele, ainda que por pouco tempo? Devemos, pois, nos esforçar para pensarmos na presença de Deus sem interrupção ou, ao menos, quantas vezes nos for possível.

Nosso Senhor dirigiu ao patriarca Abraão estas palavras: "Anda diante de mim e sê perfeito" (Gn 17, 1), o que quer dizer, procura andar sempre na minha presença, e serás perfeito. Semelhante conselho deu a seu filho o piedoso Tobias: "Meu filho, nunca percas a Deus de vista durante tua vida inteira". Perguntando Dositeo a seu mestre, S. Doróteo, o que se devia fazer para se santificar, recomendou-lhe também êle que andasse sempre na presença de Deus: "Lembra-te sempre, lhe disse, que Deus está ao pé de ti". Dositeo, que fora antes um soldado depravado, seguiu esse conselho e atingiu, em cinco anos, um tal grau de perfeição que foi visto, depois de sua morte, entre os mais santos anacoretas.

II. — Até aqui só falei do ato do entendimento; quero agora mostrar-te, alma cristã, como tua vontade deve participar nesse santo exercício da presença de Deus. Antes de tudo deves notar que só aos santos, no céu, é dado permanecer sem interrupção diante de Deus em sua incessante visão; aqui na terra é humanamente impossível se conservar incessantemente na presença de Deus; apesar disso, devemos tender a isso tanto quanto possível, não como desassossego de ânimo e excessivo esforço, mas com calma e resignação.

De três modos pode a nossa vontade cooperar nesse empenho:

1. Primeiramente podemos elevar o nosso coração a Deus muitas vezes por meio de orações jaculatórias e aspirações amorosas, curtas mas fervorosas. Tais atos se podem praticar em qualquer lugar e a qualquer hora. Seja qual for a tua ocupação, poderás sempre, de tempos a tempos, elevar teu coração a Deus e dizer:

O' meu Deus, só a vós desejo e nada mais.
A nada mais aspiro que pertencer inteiramente a vós.
Disponde de mim e de tudo que me pertence como vos aprouver.
Sacrifico-me por completo a vós.
Amo-vos mais que a mim mesmo.
Sacrifico-me por completo a vós.
Só quero o que quereis.

Por amor de vós renuncio a tudo o mais.
Eu vos agradeço todas as graças que me concedestes.
Ajudai-me, tende piedade de mim.
Dai-me o vosso santo amor.
Senhor, merecia arder agora no inferno.
Alegro-me com a vossa felicidade.
Desejo que todos vos amem.
Não permitais que vos seja outra vez infiel.
Coloco em vós toda a minha esperança.
Quando vos verei face a face?
Tudo que eu fizer ou padecer seja por vós.
Faça-se em tudo a vossa santa vontade!

Há momentos em que, de um modo especial, se deve esforçar para se avivar a fé na presença de Deus, a saber: de manhã, ao despertar, se deve dizer: Meu Deus, eu creio que estais aqui presente, e que estareis ao pé de mim em toda a parte em que hoje estiver; protegei-me sempre e não permitáis que vos ofenda diante de vossos olhos; — no começo da meditação ou da oração vocal, pois quem reza distraído, diz o Cardeal Caracciolo, Bispo de Aversa, prova que foi negligente em excitar a fé na presença de Deus; — nas tentações contra a santa castidade ou a paciência; por exemplo, se fores acometido por uma dor veemente, se fores gravemente ofendido ou se um objeto desagradável te cair diante dos olhos, deves então imediatamente recordar-te da presença de Deus e te fortalecer com o pensamento de que ele te vê.

2. Um segundo meio para se conservar na presença de Deus pelos atos da vontade consiste em renovar repetidas vezes durante o trabalho a intenção de querer fazer tudo ùnicamente para agradar a Deus. No começo de todos os teus atos, quer comeces um trabalho, quer te dirijas à mesa, ou à recreação, ou ao descanso, deves sempre dizer contigo mesmo: Senhor, não quero fazer isto para minha satisfação, mas ùnicamente para cumprir a vossa vontade. Durante a ação mesma deves te esforçar para renovar a miúdo essa boa intenção, dizendo: Meu Deus, tudo para vossa glória.

Dessa maneira te conservarás perfeitamente e sem grande esforço na presença de Deus, visto que só o desejo de agradar a Deus já é uma recordação amorosa de sua presença.

Será igualmente bom se estabeleceres certos sinais ou ocasiões para te recordares mais fàcilmente da presença de Deus; por exemplo, ao bater do relógio, à vista do crucifixo, ao entrares ou ao saíres do quarto. Costumam alguns colocar em seu quarto um sinal especial, que os deve recordar da presença de Deus.

3. Um terceiro meio consiste em empregarmos ao menos alguns momentos para nos recolhermos em Deus, quando nossas ocupações nos distraem ou cansam muito. Se teu corpo não resistisse mais, por fraqueza, visto que o esforçaste muito ou jejuaste por longo tempo, não tomarias imediatamente um reconfortante, para que pudesses continuar teu trabalho? Quanto mais, pois, deves assim proceder para com tua alma, quando seu zelo ou o amor de Deus diminui,

porque ela jejuou por muito tempo, isto é, descuidou-se da oração e do recolhimento.

Como costumava dizer o Pe. Álvarez, a alma sem a oração deve se sentir incomodada, como uma pedra fora de seu ponto de apoio ou um peixe fora d'água. Por isso se se passou longo tempo ocupado em trabalhos que distraem, deve-se procurar tomar novamente fôlego na solidão, recolhendo-se em Deus por meio de afetos e orações.

A bem-aventurança do céu consiste na visão e no amor de Deus. Nossa felicidade na terra deve consistir igualmente em amar a Deus e contemplá-lo, não face a face, como no céu, mas pela fé, considerando-o sempre presente. Quem assim proceder alcançará uma grande confiança e um ardente amor de Deus, seu sumo bem. Para um tal começa já aqui neste vale de lágrimas a vida dos bem-aventurados no céu, que sempre vêem a Deus e, por isso, não podem deixar de amá-lo. Um tal homem despreza todas as coisas terrenas, porque sabe perfeitamente que tudo o mais desaparece em comparação de Deus; ele começa já aqui na terra a possuir aquele sumo bem que, mais que todos os outros bens, contenta os corações.

CAPÍTULO UNDÉCIMO

Da oração

A religião, segundo a doutrina de S. Tomás, ocupa o primeiro lugar entre as virtudes morais, porque ela se ocupa mais com Deus e se aproxima mais dele que todas as outras virtudes morais. Para cada cristão que tende à perfeição, deve ser de interesse vital adquirir no mais alto grau possível essa virtude. O meio mais fácil para praticá-la, um meio de que podemos usar à hora e ao tempo que quisermos, é-nos oferecido na oração. Quer pratiquemos a oração de louvor, de agradecimento, de impetração ou propiciação, sempre praticamos com isso, de maneira eminente, a virtude da religião, visto que qualquer oração é uma humilde confissão da grandeza e soberania ou da bondade, fidelidade e misericórdia de Deus.

Na oração podemos externar os sentimentos de nosso coração em voz alta ou baixa, ou então restringir-nos à simples aplicação das faculdades internas de nossa alma. Daí a distinção entre oração vocal ou meditação. Falaremos de ambas essas orações. De uma espécie particular da oração vocal, da suplicação, se falará mais extensamente na Parte IV, capítulo I.

I. Da oração vocal

§ I. Excelência da oração vocal. Seus requisitos

A oração vocal é muito agradável a Deus, porque ela glorifica a infinita majestade de Deus. "O sacrifício do louvor me honra, diz o Senhor por boca de David, e nele está o caminho por onde lhe mostrarei a salvação de Deus" (Sl 49, 23). S. Madalena de Pazzi

ficava cheia de alegria se a campainha a chamava para a oração no coro; deixava então tudo de lado para se entregar a essa santa ocupação e se representava preencher o ofício dos anjos que, sem cessar, anunciam os louvores de Deus.

Para a oração vocal, porém, servir de fato para a glorificação de Deus e para a nossa salvação, deve ser recitada com atenção e devoção.

S. Gregório diz (Mor., l. 22, c. 18) que, para a verdadeira oração, não basta a recitação das palavras, mas é necessária a atenção do coração; pois, aos olhos de Deus, valem muito mais os nossos bons sentimentos do que o som de nossa voz. Por isso, se quisermos agradar a Deus, devemos rezar não só com a boca, mas também com o coração.

"Como poderá o Senhor ouvir as súplicas daquele que não sabe o que está pedindo e nem sequer deseja ser ouvido?" (Ap. S. Thom. 2-2. q. 83, a. 13) pergunta S. Gregório. E como podes esperar ser ouvido de Deus, ajunta S. Cipriano, se tu mesmo não te ouves? O Apóstolo diz (1 Cor 14, 4) que não devemos esperar nenhum resultado de uma oração que é feita só com os lábios, sem nenhuma atenção do espírito.

Como a oração, recitada com atenção e devoção, se assemelha a um incenso oloroso, sumamente agradável a Deus, e que nos impetra tesouros de graças, assim, a oração em que falta a atenção e o recolhimento de espírito se assemelha a um vapor fétido, que excita a ira de Deus e atrai sobre nós os seus castigos.

Como não seria grande a indignação de um rei que visse um dos seus súditos, no momento mesmo em que lhe pede um favor, se entregar a toda espécie de distrações, conversando com outros, ocupando-se de coisas alheias, chegando até a não saber mais o que está dizendo! Por isso S. Tomás ensina (Suma Teológica, 2-2, q. 83, a. 13) que não se pode escusar de um pecado aquele que, durante a oração, ainda que não seja de obrigação, deixa seu espírito vaguear, pois quem procede assim parece querer desprezar a seu Deus.

Com toda a razão poderia Nosso Senhor dizer de muitos cristãos o que disse dos judeus: "Êles me honram com os lábios, mas seus corações estão longe de mim" (Mt 15, 8). Enquanto sua boca ora, seu coração está preocupado com meios de satisfazer sua vaidade, sua gulodice, seus ciúmes, seus vis desejos de dinheiro e de bens terrenos. Rezar com a boca orações e com o espírito vagar por todos os lugares imagináveis, pelas ruas e pelas praças públicas, é enganar o próximo, porque com isso é induzido a crer que se está louvando a Deus, quando está zombando dele. Ou não é talvez uma zombaria de Deus falar lhe com os lábios, enquanto que o espírito se ocupa com tudo o mais, exceto com a oração que se lhe dirige? Por essa razão diz S. Basílio (Const. mon., c. 2): "Se é verdade que se deve rezar com fervor e atenção, para alcançar o auxílio de Deus, aquele, cujo espírito, durante a oração, se ocupa com outras coisas, excitará Deus à ira em vez de alcançar suas graças.

Depois disso, é fácil de entender por que o demônio tanto se esforça para trazer-nos à memória, durante a oração, toda a cópia de coisas mundanas: de um lado, quer ele privar-nos das vantagens que podemos tirar da oração, e, de outro lado, tornar-nos culpados de pouco respeito para com Deus. Mas justamente por isso devemos nos esforçar sèriamente para recitar nossas orações, com a devida atenção. Antes de entrarmos na igreja, devemos despedir todos os pensamentos terrenos, segundo o conselho de S. João Crisóstomo (In Is. hom. 2). A isso também nos exorta o Espírito Santo, dizendo: "Antes da oração prepara a tua alma" (Eccli 18, 23).

Reflete que queres louvar ao Senhor para conseguires misericórdia para ti e para outros. Pondera igualmente que os anjos olham para ti e, como o venerável Hermann José uma vez viu, com turíbulos de ouro nas mãos, estão prontos a oferecer a Deus tuas orações e piedosas aspirações como um agradável incenso (Sl 40, 2). Assim também os anjos que apareceram a S. João Evangelista traziam em suas mãos redomas de ouro cheias de perfumes, que eram as orações dos santos (Apoc 5, 8).

Em uma palavra, pondera, antes da oração, que vais falar com Deus e tratar com ele sobre teus negócios: então te olhará o Senhor com vistas amorosas e atenderá benignamente às tuas súplicas. Oferece-lhe antes a oração que vais fazer e suplica-lhe que te preserve das distrações, isto é, que te conceda a necessária luz e assistência para o louvares devidamente e orares da maneira conveniente.

Acautela-te para não rezares muito depressa, como alguns o fazem para acabarem quanto antes. Isso é um disparate, pois faz-se questão de rezar, mas para não se empregar um pouco mais de tempo na oração, ofende-se a Deus e priva-se de graças e merecimentos que se poderiam obter se se rezasse da maneira que convém.

Para maior devoção será muito bom se recitares tua oração diante da imagem de Jesus Crucificado ou de sua SS. Mãe, e se olhares, de tempos a tempos, para ela. Durante a oração deves cuidar em reavivar, de vez em quando, tua atenção e devoção. "A diligência diminui pouco a pouco, diz S. Agostinho, e desaparece por inteiro, se não se toma a peito renová-la muitas vezes" (Epist. 130).

A atenção na oração deve ser interna e externa. A atenção externa requer que se abstenha de qualquer ação incompatível com o recolhimento interno. Por isso, durante a oração vocal, não se deve escrever, conversar, ouvir voluntariamente uma conversa, ou fazer coisas semelhantes, que exigem um esforço maior ou menor do espírito. A atenção interna é tríplice: ela pode se estender às palavras, ou ao sentido das palavras, ou a Deus.

Está-se atento às palavras quando se empenha em pronunciá-las bem. Atende-se ao sentido quando se procura compreender a significação das palavras, para, ao pronunciá-las, produzirem-se as aspirações correspondentes. Finalmente, dirige-se a Deus a atenção (e este é o melhor modo), quando se ocupa interiormente com Deus durante a oração, adorando-o, agradecendo-lhe, amando-o e pedindo-lhe suas graças.

Por mais que te devas esforçar por guardar a devida atenção durante a oração, não precisas te inquietar por causa das distrações involuntárias; enquanto não consentires nelas, não poderão te prejudicar. Nosso Senhor tem compaixão de nossa fraqueza. Muitas vezes nos sobrevêm distrações sem que tenhamos dado o mínimo motivo para isso; essas não podem impedir o resultado de nossas orações. Segundo S. Tomás, mesmo as almas elevadas à contemplação não podem conservar-se sempre nessas alturas; o peso da miséria humana as abate algumas vezes e as envolve em alguma distração involuntária. Mas também não se pode escusar de pecado, segundo o mesmo Santo, aquele que se detém voluntária e propositadamente, isto é, conscientemente nas distrações, e sua oração não poderá ser meritória. S. Cipriano repreendeu muito uma tal desonra de Deus e diz que, aos olhos de Deus, é uma infâmia, quando alguém pensa em outras coisas no mesmo tempo em que está rezando, como se houvesse para ele coisa mais importante do que falar com Deus e pedir-lhe suas graças. "Como a boa vontade torna os nossos pensamentos dignos de adquirir frutos espirituais, diz S. Bernardo, uma vontade indolente os torna indignos de Deus e, consequentemente, não merecem ser recompensados com graças, mas sim castigados".

As crônicas de Citeaux nos referem a seguinte visão que teve S. Bernardo, quando rezava seu ofício em coro, com seus confrades. Viu ao lado de cada um de seus monges um anjo que escrevia. Desses anjos uns escreviam com ouro, outros com prata, outros com tinta, outros com água, e outros, finalmente, tinham a pena na mão, sem escrever. Ao mesmo tempo deu-lhe Deus a entender o que isso significava: O ouro denotava que rezavam com grande fervor; a prata, que a oração deixava alguma coisa a desejar; a tinta, que pronunciavam bem as palavras, mas sem devoção; a água, que pronunciavam mal as palavras e não prestavam atenção ao que diziam com a língua; os anjos que nada escreviam indicavam aqueles que não se importavam de se entregar a distrações voluntárias.

"As palavras pias que a boca pronuncia, diz o Doutor Angélico (2-2, q. 83, a. 12), excitam a devoção no coração". Justamente por isso o Senhor nos ensinou a rezar vocalmente para que peçamos interiormente o que a boca exprime exteriormente.

A respeito das palavras de David: "Eu clamei ao Senhor com minha voz" (Sl 141, 2), escreve S. Agostinho (Enar. in Ps. 141): "Muitos clamam ao Senhor, mas não com sua voz, isto é, não clamam com a voz interna da alma, mas ùnicamente com a voz do corpo. Clama com os teus pensamentos, clama com o teu coração, acrescenta o Santo, que então o Senhor te ouvirá seguramente".

§ II. Das fórmulas mais usuais da oração vocal

E' de grande importância que se recitem com devoção especial aquelas orações que se repetem mais vezes, como o Padre-Nosso, a Ave-Maria, o Gloria Patri.

Ao recitar o Gloria Patri, podemos fazer muitos atos de fé, de louvor, de agradecimento, de complacência na felicidade e per-

feição de Deus. S. Maria Madalena de Pazzi fazia a intenção de oferecer sua cabeça ao carrasco em profissão de sua fé, todas as vezes que a inclinava ao recitar essa invocação.

Quanto à Ave-Maria, sabemos que foi trazida do céu pelo arcanjo Gabriel e que foi como que a aurora de nossa redenção. Nossa Senhora mesma declarou a S. Mechtildes que nenhuma outra saudação lhe era tão agradável como essa.

Quem saúda a Maria será também saudado por ela. S. Bernardo ouviu uma vez como Maria respondia à sua saudação, dizendo: Ave, Bernardo. A saudação de Maria, segundo S. Boaventura, é sempre uma graça especial, com que responde cada vez à nossa saudação. Nossa Senhora mesma prometeu a S. Gertrudes assisti-la de um modo especial na hora da morte, à medida das vezes que ela recitasse a Ave-Maria.

Mas a oração que devemos rezar com mais devoção é o Padre-Nosso, que nos foi ensinado pelo divino Salvador em pessoa.

Somos tão miseráveis e nosso espírito tão limitado, que nem sequer sabemos que graças devemos pedir a Deus para nossa salvação. Conhecendo, porém, Jesus a nossa pobreza e impotência, ditou-nos ele uma súplica ou uma lista do que devemos pedir, e manda-nos dizer o seguinte:

"Pai Nosso que estais no céu". S. João nos faz notar o amor que o Pai celeste nos testemunhou querendo "que fôssemos chamados e o fôssemos na realidade de filhos de Deus" (1 Jo 3, 1). E' certamente o efeito de um amor indizível que nós, vermes da terra, sejamos chamados e sejamos em verdade filhos de Deus, ainda que adotivos; e essa imensa graça no-la adquiriu o Filho de Deus fazendo-se homem, como diz S. Paulo: "Recebestes o espírito de adoção de filhos, segundo o qual clamais: Abba, Pai" (Rom 8, 15). Poderá haver coisa mais ditosa para uma criatura do que ser adotada como filha por seu Criador? Pois isso fez Deus a nosso respeito, e ele quer que, com confiança filial, lhe digamos:

1. "Santificado seja o vosso nome" Deus não pode tornar-se mais santo do que já é desde toda a eternidade, visto que sua santidade é infinita. O que desejamos, nessa súplica, é que Deus se digne difundir por toda a parte o conhecimento de seu nome, para que todos os povos o amem, tanto os pagãos, que ainda não o conhecem, como os hereges, que o não conhecem devidamente, e os pecadores, que o conhecem, mas não o amam.

2. "Venha a nós o vosso reino" Deus impera sobre a nossa alma, tanto no reino da graça, como no reino da glória. Suplicamos, na segunda petição, que a nós venham ambos esses reinos, isto é, que a graça divina impere sobre nós aqui na terra e nos dirija e governe para que um dia sejamos achados dignos da eterna glória e alcancemos a felicidade de possuir e pertencer a Deus para todo o sempre.

3. "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu" Toda a perfeição de uma alma consiste no fiel cumprimento da vontade de Deus, como a cumprem os santos no céu. Por isso Jesus Cris-

to quer que peçamos a graça de cumprirmos na terra a vontade de Deus como os santos e anjos a cumprem no céu.

4. "O pão nosso de cada dia nos dai hoje". Nesta súplica pedimos a Deus os bens temporais que precisamos para a conservação de nossa vida atual. Com as palavras "o pão nosso de cada dia" nos é dito que devemos pedir esses bens com moderação, como Salomão, que pediu só o que lhe era necessário: "Dai-me só o que preciso para alimentar-me" (Prov 30, 1). Além disso, deve-se notar que no evangelho de S. Mateus, em vez de pão nosso "de cada dia", se lê "que é sobre toda a substância", sob o que se entende, segundo o Catecismo romano, Jesus Cristo no SS. Sacramento do altar. Pedimos cotidianamente esse pão porque, segundo o conselho do Concílio de Trento, cada cristão deveria receber todos os dias a santa comunhão, ao menos espiritualmente.

5. "Perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores". Para comermos dignamente esse pão divino devemos estar isentos de pecados mortais; se formos réus de algum pecado mortal, devemos antes nos purificar no sangue do cordeiro, no sacramento da penitência. Quanto aos pecados veniais, se deve dizer que quem alimenta em seu coração um apego formal a um tal pecado, é, ao menos de certo modo, indigno da sagrada comunhão: em todo caso, não se tem a disposição devida para se aproximar a miúdo da santa mesa (Isso é inteiramente conforme o decreto de Pio X).

6. "E não nos deixeis cair em tentação". Com isso pedimos a Deus que não permita incorramos em tais ocasiões de pecado em que hajamos de ofendê-lo. Segundo a admoestação do Salvador, devemos vigiar sempre e orar, para que não caiamos em tentação. Cair em tentação e achar-se na ocasião próxima de pecado é uma e a mesma coisa; donde a necessidade de se repetir muitas vezes: Não nos deixeis cair em tentação.

7. "Mas livrai-nos do mal". Há três espécies de mal, dos quais devemos pedir a Deus que nos livre: os males temporais do corpo, os males espirituais da alma, e os males eternos da outra vida. Quanto aos males temporais desta vida, devemos estar sempre prontos a receber de sua mão, com inteira aquiescência, todos aqueles que Deus enviar à nossa alma para nosso bem, como pobreza, doenças, abandono, etc. Quando, portanto, pedimos a Deus que nos livre dos males temporais, devemos fazê-lo sempre com a condição de que não sejam necessários ou úteis para a nossa salvação. Os verdadeiros males, porém, dos quais devemos pedir incondicionalmente que Deus nos livre, são os males espirituais, os pecados, e, como consequência deles, os males eternos no outro mundo. De resto, devemos nos convencer da verdade inconcussa de que, no atual estado de nossa natureza corrompida, não podemos nos salvar senão passando por muitas tribulações (At 14, 21).

Conclui-se a oração dominical com a palavra "Amém" Essa palavra contém todas as petições juntas; a repetição dessas súplicas é muito agradável ao Senhor; quanto mais instantemente lhe suplicarmos as suas graças, tanto mais depressa nos atende. Os

grandes deste mundo se irritam quando se vêem importunados com súplicas: Deus, porém, acha gosto nisso e até deseja essa importunação.

§ III. Das orações jaculatórias

A maneira mais fácil de fazer oração vocal consiste na recitação das chamadas jaculatórias. Esses piedosos desabafos do coração não estão ligados a nenhum lugar e a nenhuma ocasião. Podem ser praticados sempre e por toda a parte, no trabalho, à mesa, no recreio e podem consistir em atos de benevolência, de desejo, de resignação, de oferecimento, de amor, de abnegação própria, de agradecimento, de súplica, de humildade, de confiança e semelhantes. Os santos ligavam grande importância a essas orações jaculatórias, pelas quais nos podemos conservar mais fàcilmente na presença de Deus, que por longas orações. S. João Crisóstomo (Hom. 4, de Anna) diz que quem as recita muitas vezes, fecha a porta ao demônio e impede-o de o atormentar com maus pensamentos.

O que mais agrada a Deus são os atos de amor, de conformidade, de oferecimento próprio e a invocação dos santíssimos nomes de Jesus e Maria.

1. Quem ama pensa sempre no objeto amado. Uma alma, portanto, que ama a Deus, pensa sempre nele e procura provar-lhe o seu amor em todo o tempo por meio de fervorosos suspiros e jaculatórias.

Esforça-te, pois em repetir sem cessar a teu divino Salvador, de dia como de noite, em companhia ou só: O' meu Deus, só a vós desejo e nada mais; dou-me todo a vós; quero tudo o que quereis; disponde de mim como vos aprouver. Estas únicas palavras já bastam: Meu Deus, eu vos amo, ou então: Meu Deus e meu tudo.

Sem palavras também poderás fazer um ato de amor, elevar teu espírito a Deus ou teus olhos para o céu, lançar um olhar amoroso para o SS. Sacramento ou para o Crucifixo. Esses atos em silêncio são muito recomendáveis, principalmente porque nada custam, podem ser exercitados muitas vezes e, às vezes, até com maior fervor do que as outras jaculatórias. De resto, os melhores atos de amor são aqueles que nascem de alguma inspiração do Espírito Santo ou do fundo de nosso coração.

2. A perfeição do amor de Deus está na união da nossa vontade com a vontade de Deus. Por isso nunca devemos querer outra coisa do que aquilo que Deus quer, porque assim ele nos contemplará cheio de amor e nos unirá intimamente consigo.

Se nós cumprirmos com a sua vontade, certamente chegaremos àquele estado a que o Senhor nos chamou, à santidade. Procuremos, pois, nos familiarizar com algumas sentenças da Sagrada Escritura que nos excitem a uma união cada vez mais íntima com a vontade de Deus. Digamos, por exemplo, muitas vezes com o Apóstolo: "Senhor, que quereis que eu faça?" (At 9, 6). Se nos sucederem graves contrariedades, mortes de parentes, perda de bens, etc., digamos então com o divino Salvador: "Meu Deus e meu Pai, assim seja, porque vós o quereis" (Mt 11, 26). Recitemos principalmente aquela oraçãozinha que Nosso Senhor nos ensinou: Seja fei-

ta a vossa vontade, assim na terra como no céu" Nosso Senhor recomendou a S. Catarina de Gênova que atendesse de um modo especial a essas palavras, todas as vezes que rezasse o Padre-Nosso para pedir-lhe a graça de cumprir perfeitamente com sua santa vontade, como o fazem os santos no céu. Façamos o mesmo e certamente nos tornaremos santos.

3. Também aquelas jaculatórias, pelas quais nos entregamos por inteiro a Nosso Senhor, pertencem às melhores. Cada uma delas é como uma seta que atinge o Coração de Deus. Quão bela não é a expressão de S. Bernardo a esse respeito: "Aprendamos a disparar os nossos corações a Deus".

Se uma alma se entrega sem restrição a Deus, dispara, por assim dizer, seu coração como uma seta ao Coração de Deus, que se considera como que um prisioneiro e uma presa daquela alma. As almas que amam a Deus verdadeiramente se consagram por completo à ele e renovam continuamente sua entrega com estas ou semelhantes ardentes jaculatórias: O' Senhor, sacrifico-me por inteiro a vós, e como não posso me entregar tão perfeitamente a vós como devo, apoderai-vos de mim. Quero pertencer-vos inteiramente; a vós compete fazer que eu seja todo vosso.

4. Entre todas as jaculatórias a invocação dos doces nomes de Jesus, Maria e José deve ocupar o primeiro lugar, porque ela contém em si tudo o que devemos amar, desejar e possuir.

a) O nome de Jesus, primeiramente, nos enche de consolação, pois, se invocarmos a Jesus, acharemos alívio em todas as nossas tribulações. Esse nome divino é chamado pelo Espírito Santo "óleo derramado" (Cânt 1, 2). E com toda a razão; porque, como o óleo serve para a luz, para a comida e para remédio, assim também, segundo a explicação de S. Bernardo, o nome de Jesus é, primeiramente, luz: sendo ele pregado, brilha, pois nesse nome nos tornamos felizes filhos da verdadeira luz, isto é, da Santa Igreja. O nome de Jesus é então uma comida, que alimenta nossas almas: sendo "meditado no coração, alimenta"; pois este nome fortalece os crentes e fá-los gozar de paz e consolação no meio da miséria e das perseguições deste mundo. Ele é, finalmente, uma medicina para aquele que o invoca: "sendo invocado, alivia e cura". Levantando-se a luz desse nome, diz o mesmo Santo, desaparecem as nuvens e resplandece novamente o céu azul". Se uma alma se encontra na tristeza e perturbação, basta invocar o nome de Jesus, e imediatamente amaina a tempestade e volta a tranquilidade. Se um infeliz tiver a desgraça de cair num pecado e faltar-lhe a confiança no perdão, invoque esse nome de vida e logo renascerá em seu coração a esperança do perdão.

O nome de Jesus nos protege, além disso, contra todas as ciladas e ataques de nossos inimigos. O Messias é chamado "o forte" pelo profeta Isaías (Is 9, 6), e o Sábio diz: "O nome do Senhor é uma torre fortíssima" (Prov 18, 10). Disso devemos aprender que quem se põe debaixo da proteção desse poderoso nome não tem a temer os ataques do inferno. Segundo S. Pedro, "não há outro nome debaixo do céu, dado aos homens, pelo qual nos possamos salvar"

(At 4, 12), fora do nome de Jesus. Jesus Cristo não nos salvou uma vez sòmente, mas ele continua a nos salvar por seus merecimentos, livrando-nos, todas as vezes que o invocarmos, do perigo de pecar, segundo a sua promessa: "Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, eu o farei" (Jo 14, 11). Por isso S. Paulo nos aconselha que não façamos pouco caso desse grande meio de salvação e nos dá a certeza de que: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo" (Rom 10, 18). Repito, pois, com S. Lourenço Justiniano (Sermo in Circ. Dom.) "Nas tentações do demônio ou dos homens, que te incitam ao pecado, invoca a Jesus, e sairás vencedor; e se a tentação perseverar, não cesses também de invocar a Jesus, certamente não sucumbirás".

O nome de Jesus inflama em santo amor todos aqueles que com devoção o pronunciam. Jesus ou Salvador é um nome que exprime amor, pois esse nome nos lembra tudo o que Jesus Cristo fez e padeceu para nos salvar, segundo nota S. Bernardino de Sena. Sabia isso perfeitamente um devoto escritor que, cheio de amor, exclamava: "O' meu Jesus, quanto não vos custou o tornar-vos meu Jesus, isto é, meu Salvador". "Ninguém poderá dizer (com devoção): Senhor Jesus, a não ser no Espírito Santo" (1 Cor 12, 3). Conforme isso, o Espírito Santo se comunica a todos que com devoção pronunciam o nome de Jesus. Os santos tinham sempre na boca esse nome de salvação e de amor.

Qué felicidade para nós se pudermos pronunciar o nome de Jesus na morte! Se, porém, desejamos que na morte paire em nossos lábios o doce nome de Jesus, devemos nos acostumar a pronunciá-lo muitas vezes durante a vida e sempre com amor e confiança.

b) Unamos sempre ao nome de Jesus o belo nome de Maria. Esse nome também vem do céu e é tão poderoso que o inferno treme diante dele. E' ao mesmo tempo um nome dulcíssimo, porque designa aquela soberana rainha que é a Mãe de Deus e nossa Mãe, mãe de misericórdia e mãe do belo amor. Como o respirar é um sinal de vida, diz S. Germano, assim também a repetida invocação do nome de Maria é um sinal de que a graça está conosco, ou, ao menos, renascerá brevemente em nós; pois esse poderoso nome possui a força de alcançar, para todos aqueles que o invocam, o auxílio de Deus e a vida da graça. Principalmente nos ajuda ele a vencer as tentações contra a santa pureza. "Feliz daquele que ama o vosso doce nome, ó Maria, diz S. Boaventura (Psalt. B. M. V.). Esse nome é sumamente glorioso e portentoso; todos que procuram pronunciá-lo na hora da morte, nada terão a temer dos ataques do inferno".

c) Finalmente, não nos devemos esquecer de unir aos santos nomes de Jesus e Maria o nome de José, pois nós devemos honrar quanto está nas nossas forças aquele a quem o rei do céu e da terra concedeu a sublime dignidade de pai nutrício de seu divino Filho e de protetor da virgindade de Maria.

II. Da oração mental

§ I. Necessidade da oração mental para alcançarmos a salvação [1]

O divino Salvador não precisava buscar um lugar solitário para se entregar à oração, como nota S. Ambrósio, pois, como sua bendita alma gozava sempre da união de seu Pai celestial, pensava nele em todos os lugares e em todas as circunstâncias e suplicava continuamente por nós. Apesar disso, como narra S. Mateus (Mt 14, 23), despedia ele o povo e subia ao monte para rezar na solidão. Fazia isso para nos persuadir da necessidade da oração mental ou meditação. Quem quiser operar sèriamente a sua salvação, não deve deixar de forma alguma a oração mental.

1. A alma que não faz oração mental está primàriamente privada de luz. Quem conserva os olhos fechados, diz S. Agostinho, não poderá ver o caminho que conduz à pátria. As verdades eternas são coisas completamente espirituais, não podem ser vistas com os olhos do corpo, mas ùnicamente com os olhos do espírito, isto é, podem ser apreendidas só pela reflexão e meditação. Aqueles, pois, que não praticam a oração mental, não vêem essas verdades e, consequentemente, não conhecem a importância de sua salvação eterna e os meios a empregar para assegurá-la.

A perdição de muitas almas provém ùnicamente da falta de reflexão das verdades eternas como do caminho que conduz ao céu. "Toda a terra está cheia de desolação porque não há ninguém que considere em seu coração" (Jer 12, 11). Ao contrário, nos assegura o Senhor que quem tem as verdades da fé diante dos olhos, principalmente as da morte, do juízo e da feliz ou desgraçada eternidade que nos espera, nunca cometerá um pecado. "Recorda-te de teus novíssimos, e jamais pecarás" (Eccli 7, 40). Por isso o divino Salvador nos admoesta que tenhamos sempre nas mãos nossas lâmpadas acesas. "Estejam cingidos os vossos rins e lâmpadas acesas nas vossas mãos" (Lc 12, 35). Essas lâmpadas, diz S. Boaventura, são as meditações piedosas, pois, na oração mental, o Senhor fala conosco e nos ilumina. "Vossa palavra é uma luz para meus pés" (Sl 118, 105).

S. Bernardo compara a meditação com um espelho, e com toda a razão: Quando se tem uma mancha no rosto e se coloca diante de um espelho, vê-se a mancha e tira-se: quando, porém, não se olha para o espelho, fica a mancha no rosto, porque, como não se vê, não se pensa em removê-la. O mesmo se dá com a oração mental: quando se tem um defeito ou se encontra em uma ocasião perigosa e se vai à meditação, como a um espelho, descobre-se imediatamente a falta que se tem, como a ocasião em que se acha, e, vendo-as, removem-se.

---

1) Se S. Afonso inculca com tanta eficácia a necessidade da meditação, com isso não quer dizer que todos os cristãos que vivem no mundo devem fazer necessàriamente uma meditação conforme todas as regras dadas pelos mestres espirituais. Muitos tiram tanto proveito de uma prática, ou de uma leitura devota, ou de uma cerimônia religiosa, como outros de uma meditação, elevando por esse meio seu espírito a Deus, fazendo piedosos afetos e bons propósitos. Isso indica o mesmo Santo Doutor no fim do § 4.

S. Teresa escreveu ao Bispo de Osma: "Ainda que nos pareça que não temos imperfeição alguma, contudo, descobrimos um grande número delas quando Deus nos abre os olhos da alma como costuma fazê-lo na meditação" (Carta 8). Quem não medita, diz S. Bernardo, dificilmente descobrirá suas faltas e, por conseguinte, não terá aversão a elas. Um tal não conhece igualmente os perigos a que está exposto a respeito de sua salvação e, por isso, não pensa também em precaver-se contra os mesmos. Mas aquele que se dá à meditação conhecerá logo suas faltas e os perigos a que está exposto e, por esse conhecimento, será levado à aplicação dos meios necessários. Pela meditação se excitava David ao exercício da virtude e à emenda da vida. "Pensei nos dias antigos e tive na mente os anos eternos e meditei de noite no meu coração e me exercitava e purificava o meu espírito" (Sl 76, 67). Nos Cânticos assim se exprime o divino Esposo: "As flores apareceram na nossa terra; o tempo da poda já chegou; ouviu-se na nossa terra a voz da rola" (Cânt 2, 12). Quando a alma, qual pomba solitária, se afasta do tumulto do mundo para falar com Deus na oração, então aparecem as flores, isto é, os bons desejos e é o tempo da poda, quer dizer, tempo de se purificar das faltas descobertas na oração. "Pondera que o tempo de podar já chegou, diz S. Bernardo (De Consid., l. 1, c. 7), quando bater a hora da meditação, pois ela ordena as nossas inclinações, dá a justa direção às nossas ações e nos corrige de nossas faltas".

2. Sem oração mental não temos, em segundo lugar, a força necessária para resistir aos ataques de nossos inimigos e para praticar as virtudes cristãs. A meditação produz em nossas almas o mesmo efeito que o fogo sobre o ferro: estando o ferro frio, é duro, e não se deixa trabalhar; sendo posto ao fogo, torna-se mole e se sujeita à vontade do ferreiro; por isso é ele incandescido antes de ser trabalhado. "Só o ferro incandescido é que o ferreiro procura manejar com repetidas pancadas", diz o venerável Bartolomeu dos Mártires.

Para guardar os mandamentos e conselhos de Deus deve-se ter um coração mole, isto é, dócil, que fàcilmente receba as impressões das inspirações divinas e imediatamente se dirija conforme elas; Salomão pedia ao Senhor tal coração, dizendo: "Senhor, dai ao vosso servo um coração dócil" (3 Rs 3, 9). Em consequência do pecado, nosso coração atualmente é duro e indócil por natureza: inteiramente inclinado ao gozos sensuais, resiste à lei do espírito, por cuja causa lamentava o Apóstolo: "Vejo outra lei em meus membros, que resiste à lei de meu espírito" (Rom 7, 23). Contudo, sob a influência da graça que recebemos na meditação, tornamo-nos moles e dóceis: na consideração da bondade, do grande amor que Deus nos demonstrou e dos imensos benefícios com que nos cumulou, sentimo-nos inflamados, comovidos, e, por isso, também mais prontos para obedecer à voz do Senhor. Pelo contrário, o coração, sem oração mental, permanece duro, rebelde e desobediente, e perde-se miseràvelmente: "O coração duro será opri-

mido de males, no fim da vida, e o que ama o perigo, perecerá nele" (Ecli 3, 27).

Por esse motivo exortava S. Bernardo ao Papa Eugênio II a que nunca deixasse a oração mental por causa dos trabalhos externos: "Eu temo, meu Eugênio, que deixes a oração e a meditação por causa dos muitos trabalhos e que, assim, teu coração se endureça, porque então não terá mais horror de si mesmo e se tornará insensível" (De Consid., l. 1, c. 2).

Muitos consideram como perdido e inútil o tempo considerável que as almas devotas empregam na oração mental, visto que, segundo eles, esse tempo poderia ser muito melhor empregado na prática de boas obras. Não pensam, porém, que a alma adquire na meditação a força para vencer seus inimigos e para praticar a virtude, conforme a sentença de S. Bernardo: "Desse ócio provém a força". Justamente por isso proíbe o Senhor despertar a sua esposa do sono: "Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém... que não desperteis nem façais levantar-se minha amada até que ela o queira" (Cânt 3, 5); pois o sono ou o descanso que a alma goza na meditação é de suma necessidade para a vida espiritual. Quem não pode dormir também não tem força para trabalhar, nem para andar, e desfalece necessàriamente no caminho. Do mesmo modo uma alma que deixa de descansar, isto é, de renovar suas forças na oração mental, torna-se incapaz de praticar o bem e de resistir às tentações; ela cai de uma falta em outra.

3. Em terceiro lugar, sem a meditação não praticamos como devemos a oração de petição, que é indispensável para a salvação eterna. Se negligenciamos a suplicação, Deus não nos assiste mais; sem a assistência de Deus, porém, não podemos guardar seus mandamentos. Por isso S. Paulo exorta os fiéis a rezar sem interrupção: "Orai sem interrupção" (1 Tess 5, 17). Nós todos somos uns pobres mendigos, como dizia de si mesmo David: "Eu sou mendigo e pobre" (Sl 39, 18). O único recurso dos pobres consiste em pedir esmolas aos ricos.

Do mesmo modo devemos nós empregar esse meio na nossa pobreza espiritual e procurar alcançar de Deus, pela oração, as graças que precisamos. S. João Crisóstomo diz: "Sem oração é simplesmente impossível viver virtuosamente" (De orat. Dom., l. 1). Donde provém a grande depravação dos costumes que se vê por toda a parte, pergunta o sábio Bispo Abelly, a não ser do abandono da meditação? Quando não se medita e se vive continuamente nas distrações que consigo trazem os negócios seculares, não se conhecem as próprias necessidades espirituais nem os perigos que ameaçam a alma, nem os meios que se devem empregar para vencer as tentações, nem mesmo a necessidade de rezar que pesa sobre cada homem.

Em consequência dessa cegueira deixa-se a oração de petição e assim se perde infalìvelmente. O célebre Bispo Palafox diz, nas suas anotações às cartas de S. Teresa: "Como poderemos perseverar no amor de Deus, se Deus mesmo não nos der a perseverança? Como, porém, nos concederá o Senhor a perseverança se não lha

pedirmos? Como lha pediremos, se não praticarmos a oração mental? Sem a oração mental não temos nenhum comércio com Deus e não podemos nos conservar na virtude" (Carta 8). O Cardeal Belarmino exprime o mesmo pensamento, dizendo que é moralmente impossível viver isento de pecado se não se pratica a oração mental.

Talvez aqui objete alguém: De minha parte eu não faço meditação, mas também não deixo a oração vocal. A isso se deve responder com S. Agostinho que, para alcançar as graças de que se precisa, não basta rezar só com a boca, mas deve-se rezar também com o coração. As orações vocais muitas vezes são feitas com muitas distrações e só com a voz do corpo e não com a do coração, principalmente quando são mui compridas e recitadas por aqueles que não sabem meditar; por isso Deus apenas as ouve e raramente as atende.

Muitos rezam o terço, ou o ofício da SS. Virgem ou outras devoções externas e, contudo, vivem em pecado mortal. Dedicando-se, porém, à meditação, é impossível perseverar no pecado. Um grande servo de Deus dizia: "Oração e pecado não podem estar juntos". A experiência ensina que aqueles que se consagram à meditação não caem na desgraça de Deus; e se, por infelicidade, lhes acontecer isso, se não abandonarem a oração mental, entrarão brevemente em si e se converterão a Deus. "Por mais imperfeita que seja uma alma, diz S. Teresa, se perseverar na oração mental, o Senhor a conduzirá finalmente ao porto da salvação" (Vida, c. 8).

§ II. Da importância da oração mental para alcançarmos a perfeição

Todos os santos atingiram a perfeição pela oração mental. Essa oração é aquela feliz fornalha na qual as almas se abrasam no amor divino. "Na minha meditação se acendeu o fogo" (Sl 38, 4), diz o salmista. Conforme S. Vicente de Paulo, seria um milagre um pecador ouvir as práticas de uma missão sem se converter; e, afinal, quem prega ou dirige os exercícios é um simples homem, ao passo que quem fala à alma, na meditação, é Deus mesmo. "Conduzi-lo-ei à solidão e falarei ao seu coração", diz o Senhor pelo profeta (*Os* 2, 14). *A alma que não se consagra à oração mental*, diz S. Catarina de Bolonha, não está unida intimamente com Deus; achando-a o demônio assim desamparada, é-lhe muito fácil subjugá-la. Como se poderá achar o amor de Deus em uma alma que mostra pouco gosto em se entreter com Deus? ajunta ela. Com razão dizia S. Luís Gonzaga que quem não medita muito nunca chegará a um alto grau de virtude.

S. Lourenço Justiniano escreve: A oração mental dissipa a atenção, afugenta a tristeza, restabelece a virtude lesada, faz reviver o zelo arrefecido e aumenta a chama do amor divino. Uma alma que ama a oração, diz o real Profeta, é como uma árvore plantada junto às correntes das águas: frutifica a seu tempo e todas as suas ações são meritórias diante de Deus. "Bem-aventurado o homem, cuja vontade está posta na lei do Senhor e que medita na sua lei dia e noite. Será como a árvore que está plantada junto às correntes das águas, e que a seu tempo dará o fruto e cujas fo-

lhas não cairão e todas as coisas que fizer serão prósperas" (Sl 1, 2-3). Notemos as palavras: que dá a seu tempo o fruto, isto é, no tempo em que tiver de suportar dores, injúrias e outros desgostos.

S. João Crisóstomo compara a oração mental com uma fonte que nasce no meio de um jardim. Que viço não ostentam as flores e plantas de um jardim regadas continuamente por uma água refrigerante! Coisa semelhante se dá com uma alma que se dedica à meditação: vê-se que ela continuamente aumenta em santos desejos e em frutos de virtude. Donde lhe provêm esses frutos? Da oração mental, que rega seu coração com as águas salutares e fertilizantes para torná-la um jardim de delícias. Estancai, porém, essa fonte, que as flores cairão, as plantas secar-se-ão, e tudo murchará!

Enquanto alguém praticar a meditação, será um modelo de modéstia, de humildade, de piedade e de mortificação. Deixando, porém, a oração mental, notar-se-á imediatamente imodéstia em seus olhares e suscetibilidade a cada palavra ofensiva que se lhe disser; tornar-se-á negligente na recepção dos SS. Sacramentos, irá só raras vezes à igreja e não pensará mais em mortificação; mostrará, pelo contrário, grande inclinação às vaidades mundanas e conversações, aos pessatempos e divertimentos. E por quê? A água não corre mais sobre ele: falta-lhe a vida. A ele se referem as palavras do salmista: "Como uma terra sem água, minha alma tem sede de vós... meu espírito enlanguesce" (Sl 142, 67). Abandonou a oração mental, o jardim secou e o mal tornar-se-á maior de dia a dia.

"A meditação é a raiz da videira frutífera", diz S. João Crisóstomo (De orat. Dom., l. 1). Segundo S. João Clímaco, "a oração mental é um baluarte contra o ímpeto das tribulações, uma fonte de virtudes e um canal de graças" (Scala par., gr. 28). Rufino atesta que "todo o progresso vem da oração mental" (In ps. 36). O sábio Gerson chega até a afirmar que quem não medita, sem milagre não pode viver cristãmente.

Segundo S. Inácio de Loiola, a oração mental é o caminho mais curto para a perfeição. Em uma palavra: quanto mais se adianta na oração mental, tanto mais se progride também na perfeição. Durante a meditação a alma enche-se de santos pensamentos, afetos, desejos, propósitos e amor de Deus; aí sacrifica ela ao Senhor suas paixões, suas inclinações, seu apego ao mundo e a tudo o que lisonjeia o amor-próprio.

Na meditação podemos auxiliar também muitos pecadores na sua salvação, pedindo por eles, seguindo o exemplo de uma S. Teresa, de uma S. Maria Madalena de Pazzi e de todas as almas verdadeiramente santas. Quem ama a Deus de coração nunca deixará de recomendar ao Senhor, na meditação, os infiéis, os cismáticos e os pobres pecadores, suplicando-lhe que lhes envie sacerdotes cheios de zelo, que os convertam.

§ III. Dos diversos fins da oração mental

Para dedicarmo-nos como convém à oração mental e dela tirarmos os maiores proveitos possíveis para nossa alma, devemos ter sempre diante dos olhos aqueles fins pelos quais nos devemos entregar à oração.

1. Em primeiro lugar, devemos praticar a oração mental para nos unirmos mais estreitamente com Deus. O que, porém, nos une com Deus não são tanto os belos pensamentos que nosso entendimento excogita, como os bons sentimentos e santos afetos de nossa vontade. Por isso, durante a meditação, devem-se fazer muitos atos de humildade, de confiança, de abnegação, de conformidade e, mui especialmente, de amor e contrição. Os atos de amor, diz S. Teresa, alimentam o fogo do amor divino em nossos corações.

A perfeição deste amor, porém, consiste na conformidade de nossa vontade com a vontade de Deus, pois, segundo Dionísio Areopagita, o efeito principal do amor consiste em uma íntima união dos que se amam mùtuamente, de tal forma que constituam um só coração e uma só vontade. Por isso diz S. Teresa (Cast. da alma, 2, 1): "Na meditação devemos cuidar ùnicamente em conformar nossa vontade com a vontade de Deus; e devemos estar firmemente persuadidos de que nisso consiste a mais alta perfeição".

Muitos se queixam que não encontram a Deus na meditação; isso, porém, provém de se darem a ela com um coração cheio de afetos terrenos. "Desprende teu coração de tudo o mais e busca a Deus, que o encontrarás certamente", diz S. Teresa. O profeta Jeremias exprime o mesmo pensamento com as palavras seguintes: "Bom é o Senhor para aqueles que nele esperam; bom para a alma que o procura" (Lam 3, 25). Portanto, para que uma alma ache a Deus na meditação, deve procurar ùnicamente a ele, mortificar em si todas as propensões terrenas; em tal caso Deus lhe falará. "Eu a atrairei docemente a mim e a conduzirei à solidão e lhe falarei ao coração" (Os 2, 14).

Oh! com quanto gosto não se comunica Deus durante a meditação a uma alma verdadeiramente desprendida de si mesma! Quão claramente não lhe mostra então seu amor para com ela. "Então essa alma se inflamará em amor, diz S. Lourenço Justiniano; ela não fala, mas quanta coisa não diz o seu silêncio! O silêncio de seu amor diz mais a seu Deus e Senhor que tada a eloquência humana poderia exprimir: cada suspiro lhe descobre todo o seu interior. Nesses momentos venturosos não cessa de exclamar: Meu amado é meu e eu sou dele".

2. Em segundo lugar, devemos praticar a oração mental para obtermos de Deus as graças de que precisamos no caminho do céu, principalmente aquelas que nos auxiliam a evitar os pecados e empregar os meios para alcançar a perfeição.

O fruto mais excelente da meditação é o exercício da oração de impetração. Como já se disse acima, Deus regularmente concede suas graças só àqueles que lhas pede. Para se obterem certas graças maiores não basta um pedido único: deve-se perseverar na oração e, de certo modo, obrigar a Deus, pela importunação das su-

plicações, a conceder as graças. Deus, é verdade, está disposto a toda a hora a nos atender; mas, vendo-nos muito recolhidos durante a meditação, se mostra muito mais liberal na distribuição de suas dádivas.

De modo particular nos devemos empenhar na meditação em pedir a Deus a perseverança e o seu santo amor. A perseverança até ao fim não é uma graça única, mas uma série de orações de nossa parte; se paramos de rezar, Deus também cessa de nos auxiliar e nós nos perdemos. Quem não praticar, porém, a oração mental, também não praticará a oração de petição ou impetração da maneira divida e, consequentemente, só com grande dificuldade perseverá na graça de Deus até ao fim.

Além disso, devemos pedir a Deus constantemente o seu amor. S. Francisco de Sales diz que todas as virtudes estão ùnicamente no amor de Deus. "Com ele me vieram juntamente todos os bens" (Sab 7, 11). Rezemos sem interrupção, para alcançarmos de Deus a perseverança e o seu santo amor; e, para que o façamos com maior confiança, recordemo-nos da promessa que nos fez Jesus Cristo, quando disse: "Em verdade, eu vos digo, se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-la dará" (Jo 16, 23). Eu o repito: Rezemos sem interrupção, se quisermos que Deus nos cumule de graças. Rezemos por nós mesmos e, se temos zelo pela glória de Deus, rezemos também pelos outros. Agradamos muito a Nosso Senhor rezando pelos infiéis, hereges e pobres pecadores. Digamos-lhe, por isso, muitas vezes: "Fazei Senhor, que os povos vos glorifiquem, e que vos glorifiquem todas as nações" (Sl 66, 4). Lemos, na vida de S. Teresa e de S. Madalena de Pazzi, que Deus lhes recomendou instantemente que rezassem pelos pecadores. À oração pelos pecadores devemos unir também a oração pelas almas do purgatório.

3. Em terceiro lugar, devemos praticar a oração mental para inteirarmo-nos do que Deus deseja de nós e não para experimentarmos consolações espirituais. Com o piedoso Samuel devemos dizer: "Falai, Senhor, que o vosso servo vos escuta" (1 Rs 3, 9). Fazei-me conhecer o que quereis de mim: eu quero executá-lo alegremente.

Alguns praticam a oração mental enquanto nela encontram consolações espirituais; se estas cessam, abandonam também o exercício da meditação. Deus concede comumente especiais consolações na oração mental às suas queridas almas e concede àqueles de quem é amado um antegosto das alegrias que lhes preparou no céu. Os amantes do mundo, em verdade, nada entendem disso, porque jamais gozaram de outras alegrias senão das sensuais, desprezando as espirituais. Mas se eles uma única vez as provassem, certamente renunciariam a todos os gozos animais.

A oração mental não é mais que um entretenimento da alma com Deus; a alma lhe apresenta seus sentimentos, seus desejos, seus temores e seus pedidos, e Deus lhe responde dando-lhe a conhecer sua bondade e amor e mostrando-lhe o que deve fazer para lhe ser agradável.

Mas não se gozam sempre tais satisfações na oração; as almas piedosas sofrem, pelo contrário, muita secura durante ela. S. Teresa escreve: "Deus prova seus amigos por meio da secura e tentações" E acrescenta: "Se uma alma tivesse de passar a vida inteira na secura, por causa disso não deveria deixar a oração mental; virá um tempo em que sua fidelidade será ricamente recompensada" (Vida, c. 11). *Justamente durante a secura se acumulam mais merecimentos.*

(Mais extensamente se trata deste ponto no § 6º: Das provações na oração mental).

§ IV. Dos assuntos principais de meditação. Lugar e tempo da mesma

I. Quanto ao assunto da meditação, note-se principalmente o seguinte:

1. O Espírito Santo diz: "Recorda-te de teus novíssimos e tu não pecarás" (Ecli 7, 40). Quem reflete muitas vezes sobre os novíssimos, isto é, sobre a morte, o juízo, o inferno e o céu, será preservado da queda no pecado. Mas quem deixa de meditar sobre essas verdades perdê-la-á finalmente por completo de vista e se precipitará na perdição. Quando os prazeres sensuais atraem, os que não pensam em seus novíssimos deixam-se fàcilmente arrastar para as satisfações proibidas. Justamente nisso está a razão por que tantos infelizes se entregam aos vícios e se perdem. Todos os cristãos o sabem e crêem que deverão morrer e ser julgados, mas porque *não refletem suficientemente nisso, vivem afastados* de Deus.

2. Devemos então meditar muitas vezes e sèriamente sobre a obrigação que temos de amar a Deus. Para esse fim devemos meditar a miúdo sobre suas infinitas perfeições, os benefícios que dele recebemos e o grande amor que nos mostrou; diversàmente, ser-nos-á difícil desprendermo-nos das criaturas e consagrarmos-lhe por inteiro o nosso coração. Durante a oração mental nos faz Deus conhecer o nada das coisas terrenas e o valor das celestes e inflama nossos corações com seu santo amor, se não resistirmos a seus amorosos convites.

3. De resto, a regra é que tomemos por objeto de nossa meditação de preferência aquelas verdades e mistérios que nos causam maior impressão e oferecem mais alimento à nossa alma. Para os que tendem à perfeição é a paixão de Cristo o assunto mais próprio para sua meditação. Segundo S. Francisco de Sales, todos os cristãos devem meditar ordinàriamente só sobre esse mistério. Que belo livro não é a paixão de Jesus Cristo! Em que livro se conhece melhor a malícia do pecado e a misericórdia e o amor de Deus para com os homens? O divino Salvador quis certamente padecer diferentes tormentos, como a flagelação, a coroação de espinhos, o levantamento da cruz, também para que tivéssemos nesses diversos mistérios dolorosos outros tantos objetos de meditação, dos quais pudéssemos tirar motivos de gratidão e amor.

II. Pode-se praticar a oração mental em qualquer lugar, em casa ou fora dela, mesmo quando se anda ou se trabalha. Muitos que não têm tempo para outros exercícios de devoção, elevam sua men-

te a Deus e dão-se à oração mental, sem com isso interromper seu trabalho. Quem busca a Deus encontra-o por toda a parte e em todo o tempo.

A condição essencial para entreter-se com Deus é a solidão de coração. Para se ter essa solidão não é necessário viver em um deserto; basta que se esteja livre de pensamentos e inclinações terrenas. Mesmo nas ruas, em praças públicas, e na azáfama de negócios pode-se guardar a solidão de coração, caso se esteja livre de apegos terrenos.

Se nos for, porém, possível retirarmo-nos para um lugar solitário, a fim de nos entregarmos à oração, devemos então fazê-lo. "Quando orares, entra em teu quarto, diz o divino Salvador, fecha a porta e ora escondido a teu Pai" (Mt 6, 6). S. Bernardo diz: "Sossego e afastamento de todo o barulho do mundo obrigam, de certo modo, a alma a pensar nos bens do céu" (Ep. 78).

Contudo, o lugar mais próprio para a meditação é a igreja. Jesus Cristo certamente atenderá com especial benevolência àquela oração que for feita diante do SS. Sacramento, e comunicará em maior abundância suas luzes e graças àqueles que ai o visitem.

III. — A meditação, como pode ser feita em qualquer lugar, assim também poderá ser feita a qualquer hora. Mas, segundo S. Boaventura, as horas mais próprias são as da manhã e da tarde. S. Gregório de Nissa afirma que a manhã é o tempo mais próprio para isso, porque, "se a meditação preceder as ocupações cotidianas, o pecado não encontrará entrada no coração" (De orat. Dom. s. 1). O venerável Pe. Carlos Carafa nota que um só ato de amor na meditação da manhã basta para conservar a alma o dia inteiro no fervor.

Mas também de tarde não se deve deixar a meditação. S. Jerônimo diz: "Não se entregue o corpo ao descanso antes de se ter fortificado a alma com seu alimento, isto é, com a meditação" (Ad Eust., ep. 22). Afinal, como já foi dito, pode-se meditar a qualquer hora e em todos os lugares; basta elevar o espírito para Deus e excitar atos piedosos, pois nisso está pròpriamente a essência da oração mental.

§ V. Método para fazer meditação

Na meditação se distinguem três partes: a preparação, a meditação pròpriamente dita e a conclusão.

I. Preparação

Antes de tudo procura dispor-te de espírito e de corpo para a meditação. Dispõe à porta do lugar em que queres te entreter com Deus tôdos os pensamentos vãos, e dize, com S. Bernardo: Esperai aqui, pensamentos; depois da meditação podemos nos entreter novamente. Procura prender tua atenção em Deus e impedir que teu espírito vagueie à vontade.

A posição mais conveniente durante a meditação é ficar de joelhos; se ela, porém, nos custar muito e nos ocasionar assim mui-

tas distrações, podemos ficar assentados modestamente durante a nossa meditação.

Na preparação devemos fazer três atos:

a) um ato de fé na presença de Deus, juntamente com um ato de adoração à sua infinita Majestade;

b) um ato de humildade e arrependimento;

c) um ato de petição, implorando a luz divina. Podem-se fazer esses atos da seguinte maneira:

1. Ato de fé e adoração: O' meu Deus, eu creio firmemente que estais aqui presente; eu vos adoro do fundo de meu coração.

Neste ato a nossa fé deve ser muito viva, pois a recordação da presença de Deus é um meio muito eficaz contra as distrações. O Cardeal Caracciolo, Bispo de Aversa, dizia que as distrações na oração demonstram que não se reavivou a fé como se devia, no começo da oração.

2. Ato de humildade e arrependimento: Senhor, por meus pecados devia estar a arder agora no inferno; arrependo-me de todo o coração de vos haver ofendido; tende compaixão de mim.

3. Ato de petição da luz divina: O' Padre Eterno, por amor de Jesus e Maria, iluminai-me durante esta meditação para que tire fruto dela.

Finalmente, devemos nos recomendar à SS. Virgem Maria com uma Ave-Maria, a S. José, ao Anjo da guarda e ao Santo Padroeiro.

Estes atos, diz S. Francisco de Sales, devem ser feitos com grande fervor, mas sem se deter muito tempo neles, para que se possa passar logo para a meditação pròpriamente dita.

II. Meditação

Quando se faz a sós a meditação, é bom, ao menos no princípio, servir-se de um livro e demorar-se mais naqueles passos que causarem mais impressão. S. Francisco de Sales diz que aqui se deve imitar as abelhas, que se detêm em uma flor enquanto nela acham mel, voando em seguida para uma outra. S. Teresa seguiu esse método durante dezessete anos: primeiramente lia um pouco e depois refletia sobre o que havia lido. Deve-se fazer como a pomba quando bebe: tendo tomado um pouco d'água, eleva sua cabeça e olhos para o céu.

Contudo, devemos notar que o proveito da oração mental consiste mais nos afetos, petições e propósitos, que na consideração; esses são os principais frutos dessas piedosas considerações. "O proveito para nossa alma, diz S. Teresa, não consiste em que pensemos muitas vezes em Deus, mas que o amemos muito; chegamos, porém, a esse amor tomando firmes resoluções de fazer muito por ele" (Fundac., c. 5). Por isso os mestres da vida espiritual comparam a meditação com uma agulha que deve trazer consigo um fio de ouro de afetos, propósitos e petições, como agora vamos explicar.

1. *Afetos:* Tendo feito tua consideração sobre algum ponto e sentindo-te estimulado por algum bom pensamento, eleva teu coração a Deus e produze fervorosos atos de humildade, de confiança e

de agradecimento, mas principalmente muitos atos de arrependimento e de amor, pois estes formam aquela corrente de ouro que liga a alma a Deus. Um único ato de amor perfeito basta para nos alcançar a remissão de todos os nossos pecados. "A caridade cobre a multidão dos pecados" (1 Ped 4, 8). O Senhor declarou que não pode odiar aqueles que o amam: "Eu amo os que me amam" (Prov 8, 17).

A venerável Irmã Maria da Cruz viu uma vez um globo de fogo que consumia imediatamente todas as palhazinhas que o atingiam. Por essa visão foi-lhe dado a entender que são perdoados todos os pecados daquêles que faz verdadeiro ato de amor. Além disso, S. Tomás (I. II. q. 114, a. 7) nos ensina que cada ato de amor corresponde a um novo grau de glória. Tais atos podem-se fazer da seguinte forma:

Meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração, vos estimo mais que todas as coisas.

Alegro-me porque sois infinitamente feliz.

Desejaria ver-vos amado de todos os homens.

Fazei-me conhecer o que desejais de mim: estou pronto a fazer tudo.

Disponde de mim e de tudo o que é meu como vos aprouver.

Este último ato de entrega de si mesmo a Deus é-lhe sumamente agradável. S. Teresa repetia-o cotidianamente ao menos cinquenta vezes.

O ato de amor mais perfeito que se pode fazer na meditação consiste em se alegrar da infinita felicidade de Deus. Justamente esses atos constituem a ocupação incessante dos bem-aventurados no céu: pois eles se alegram mais da felicidade de Deus que da sua própria, porque o amam incomparàvelmente mais que a si mesmos. Por conseguinte, aquele que faz repetidos atos de alegria da felicidade de Deus, começa a praticar na terra o que ele espera poder fazer por toda a eternidade no céu.

2. *Petições:* — Depois disso é muito útil, talvez até mais importante que todo o resto, fazer muitos pedidos durante a meditação e suplicar a Deus com humildade e confiança suas graças, a saber, as luzes necessárias, a conformidade com sua santíssima vontade, a perseverança no bem, etc., e, mui particularmente, seu santo amor. S. Francisco de Sales diz que com o amor de Deus recebem-se todas as outras graças. E, de fato, uma alma que ama verdadeiramente a Deus de todo o seu coração evitará, por isso mesmo, cuidadosamente, sem que se lho recomende, tudo o que pode causar o mínimo desgosto a Deus e se esforçará o mais possível para ser-lhe agradável.

Se estiveres sofrendo de uma tal secura e trevas de espírito que te sintas incapaz de fazer tais atos, basta que digas: Meu Jesus, misericórdia. Meu Redentor, tende compaixão de mim e assisti-me.

Uma meditação feita em tais condições talvez te seja mais proveitosa que outras.

O Pe. Paulo Ségneri, antes de estudar teologia, se ocupava na meditação especialmente com a reflexão e afetos: "finalmente abriu-

me Deus os olhos, diz ele mesmo, e desde então apliquei-me a fazer pedidos a Deus, e se existe algum bem em mim, devo-o a esse costume de suplicar a Deus" Imita esse exemplo, alma cristã, pede em nome de Jesus Cristo todas as graças que desejas e serás atendida, porque nosso divino Salvador não pode ser infiel à sua promessa: "Em verdade, em verdade eu vos digo, se pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, ele vo-la dará" (Jo 16, 23).

Portanto, toda a meditação consiste essencialmente em afetos piedosos e súplicas. Com toda a razão a venerável Irmã Maria da Cruz denominava-as a respiração da alma, pois, como ao respirar ora se sorve ora se expele o ar, assim também na meditação a alma, de um lado, pela petição, atrai sobre si a graça de Deus e, de outro lado, se dá a si mesma a Deus pelos atos de oferecimento e amor.

3. *Propósitos:* No fim da meditação pròpriamente dita, devemos fazer o propósito particular de evitar uma falta em que se costuma cair, de praticar uma virtude com maior diligência, por exemplo, de suportar com paciência o que se tiver de sofrer dos outros, de obedecer mais pontualmente do que até ao presente a um superior, de se mortificar em tal ou qual coisa. Mas, depois da meditação, deve-se tomar cuidado de pôr em prática os propósitos feitos logo que se apresentar a primeira ocasião.

III. Conclusão

A meditação toda encerra-se com os seguintes atos: Primeiramente, se agradece a Deus pelas luzes recebidas; segundo, propõe-se executar os propósitos feitos; terceiro, pede-se ao Eterno Pai, pelo amor de Jesus e Maria, que faça que se lhe permaneça fiel.

Não se deve igualmente deixar de encomendar a Deus, no fim da meditação, as almas do purgatório e os pecadores. "Nada prova melhor o nosso amor a Jesus Cristo, diz S. João Crisóstomo (Cont. Anom. h. 6), do que o zelo em rezar por nossos irmãos".

Finalmente, S. Francisco de Sales nos aconselha que guardemos sempre de nossa meditação um ramalhete espiritual, com cujo aroma podemos nos deleitar durante o dia, isto é, devemos imprimir na memória alguns pensamentos que nos incitaram, durante a meditação, de um modo especial, à devoção, para nos estimular à prática do bem durante o dia.

§ VI. Das provações na oração mental

I. Distrações

Não poucos, que deixam a oração mental e se desculpam, dizendo: Eu não faço oração mental porque só encontro nela distrações e tentações; tendo um espírito muito inconstante, é-me impossível conservar-me recolhido; por isso devo renunciar à meditação.

A isso responde S. Francisco de Sales: Se durante toda a meditação se estiver ocupado em repelir as distrações e as tentações, será ela muito bem feita. O Senhor vê com satisfação a boa intenção e os esforços que se fazem para se perseverar até ao fim da medi-

tação, e ele recompensa esses esforços com muitas graças. Devemos nos entregar à meditação para agradarmos a Deus e não para buscarmos nossa satisfação. Por isso, se, apesar de nossa boa preparação para a meditação, uma ou outra tentação nos sobrevier, não devemos nos perturbar por isso, nem procurar desviá-las com violência e impaciência: basta que as desviemos tranquilamente e concentremos em Deus novamente toda a nossa atenção.

O demônio se esforça muito para nos distrair durante a meditação, a fim de nos levar à deixá-la finalmente por completo. Quem, pois, renuncia à meditação porque padece distrações durante ela, satisfaz plenamente ao demônio. Cassiano diz que é impossível evitar toda a distração durante a meditação.

Sejam da espécie que forem as distrações, por esse motivo nunca devemos deixar a meditação.

"As distrações involuntárias, diz S. Tomás (II-II. q. 83, a. 13), não nos privam dos frutos da oração". Cuida de te voltares para Deus, alma cristã, logo que perceberes que estás distraída, mas faze isso com toda a serenidade da alma. Procura unir-te a ele pela vontade, mas sem nenhum esforço do espírito. Lê um pouco e, então, pondo de lado o livro, contenta-te com trilhar o caminho da fé, que é o mais seguro para a salvação. Não queiras compreender a Deus com os sentidos; é bastante se te prenderes a ele pelo amor puro e pela vontade.

Se, porém, notares que estás distraído voluntàriamente, entra em ti e emenda-te: repele as distrações, mas não deixes por isso a oração mental.

II. Secura do espírito

E' certamente o maior tormento para aqueles cristãos que amam a oração mental ter de se dedicar a ela, às vezes, sem sentimento algum de devoção, sem o menor gosto, sem nem sequer um desejo sensível do amor de Deus. Submersas nas mais profundas trevas, tais almas atribuladas não vêem nenhum meio de se livrar delas e toda a saída lhes parece fechada. Muitas vezes as atormenta o temor de se acharem na desgraça e abandonadas de Deus por causa de seus pecados, ou, então, se imaginam incapazes de levar uma vida espiritual e, por isso, deixam a meditação e perdem logo tudo o que tinham adquirido.

Em tais circunstâncias a alma deve mostrar se serve fielmente a Deus e o ama verdadeiramente, isto é, se não o ama sòmente por causa das consolações sensíveis com que, muitas vezes, a piedade já é recompensada neste mundo.

Não quero dizer que não nos deve causar nenhum desgosto a privação da presença sensível de Deus. E' impossível não sentir um tal tormento e não doer uma tal privação. Mas, por maior que seja a nossa amargura, não devemos deixar, por isso, a oração mental. Achando-se uma vez o monge Paládio muito triste por não achar gosto na oração, recorreu a S. Macário, que lhe deu o seguinte conselho: "Se o demônio te sugerir o pensamento de deixar a meditação, deves responder-lhe: Eu me contento de ficar aqui de guarda às paredes desta cela, durante a hora de meditação, por

amor de Jesus Cristo" (Hist. lausiaca, c. 20). Assim deves tu também responder, alma cristã, quando fores tentada a deixar a meditação e te parecer que só perdes o tempo, dize então: Quero ficar aqui para agradar a Deus. S. Francisco de Sales costumava dizer que meia onça de meditação, no tempo de secura, pesa mais, diante de Deus, do que um quintal da mesma no tempo das consolações. As estátuas imóveis, que se acham nos palácios dos príncipes, servem também para sua glorificação. Do mesmo modo, se o Senhor quiser que perseveremos como estátuas na sua presença, devemos nos contentar de honrá-lo como estátuas inanimadas; basta que digamos então a Deus: Senhor, aqui estou para vos agradar. Tauler chega até a afirmar que se nós perseverarmos na oração mental, apesar da secura espiritual, Deus nos concederá uma graça maior do que quando rezamos por longo tempo com uma grande e sensível devoção.

O Pe. Rodríguez conta que um homem piedoso, durante quarenta anos de oração mental, nunca sentiu a menor consolação; apesar disso, sentia-se forte para praticar todas as virtudes nos dias que se dava à oração mental, e quando deixava a meditação não era capaz de praticar bem algum. Segundo S. Boaventura (De prof. rel., l. 2, c. 76) e Gerson (De monte cons. c. 43), muitos servem a Deus melhor quando estão privados do desejado recolhimento de espírito do que quando gozam dele, porque, por falta dele, permanecem zelosos e humildes, ao passo que, em caso contrário, se ensoberbecem e, consequentemente, tornam-se tíbios, julgando já terem atingido seu fim.

Para se praticar a oração mental com perseverança e zelo, deve-se armar de paciência e coragem, pois de outro modo, abandonála-emos no tempo da secura. Mui belos são os ensinos que S. Teresa nos dá a esse respeito: "O demônio sabe, diz ela, que a alma que se dedica com perseverança à oração mental está perdida para ele".

Se uma pessoa é perseverante na meditação, eu não duvido que o Senhor a conduza ao porto da salvação, apesar de todos os esforços do demônio. Quem não se apartar do caminho da oração mental, chegará, cedo ou tarde, seguramente ao termo. O amor de Deus não consiste em ternos afetos, mas em servir a Deus humilde e generosamente.

S. Tomás ensina que a verdadeira devoção não está no sentimento, mas no desejo e firme resolução de se submeter prontamente à vontade de Deus. De que natureza era a oração de Jesus no jardim das Oliveiras? Cheia de secura e desgosto! Apesar disso, foi a mais devota e meritória que jamais houve sobre a terra. Ele dizia: "Pai, não como eu quero, mas como vós quereis" (Mc 14, 36).

No tempo da secura não devemos jamais omitir a oração mental. Se notamos que estamos privados de zelo sensível, de piedosos desejos e quase na impossibilidade de fazer um ato de virtude, devemos nos humilhar e conformar com a vontade de Deus. Uma tal oração nos aproveitará mais que qualquer outra. Se, porém, um sumo desgosto da meditação te dominar, contenta-te com ler alguma coisa e recitar um determinado número de afetos e súplicas,

por exemplo, cinquenta atos de amor, cinquenta atos de oferecimento de ti mesmo a Deus, cinquenta pedidos do amor perfeito e de conformidade com a vontade de Deus; para isso não é preciso uma devoção sensível. Não deixes de te dirigir com semelhantes afetos e súplicas à SS. Virgem Maria. Bem-aventurado aquele que, na desolação, não abandonou a oração. Deus o enriquecerá de graças.

CAPÍTULO DUODÉCIMO

Da paciência

§ I. Da paciência em geral

"Na paciência está uma obra perfeita", diz o Apóstolo (Tgo 1, 4). Pela paciência oferecemos a Deus um sacrifício perfeito, pois, sujeitando-nos voluntàriamente às tribulações e contrariedades, desaparece a nossa atividade própria e abraçamos ùnicamente a cruz que o Senhor nos envia com toda a resignação. A paciência é preferível ao heroísmo, diz o Sábio: "O homem paciente vale mais que o valoroso" (Prov 16, 32). Muitos mostram grande coragem quando se trata de compreender e executar uma obra piedosa; mas não têm suficiente paciência para suportar as contrariedades. Seria melhor que um tal fosse mais constante no padecer do que corajoso nas empresas.

Estamos no mundo para ajuntar merecimentos; portanto, a terra não é um lugar de descanso, mas de trabalho e sofrimento, já que não se colhem merecimentos do descanso, mas do trabalho e esforço. Todos os homens, justos e pecadores, devem sofrer na terra; a um falta isto, a outro aquilo; este é nobre mas não é rico; aquele, rico, mas sem a prerrogativa da nobreza; este outro é nobre e rico, mas não tem saúde. Numa palavra, até os reis têm de sofrer e quanto mais alto estão aqui na terra, tanto maiores são os seus sofrimentos.

Por isso só então poderemos gozar de uma verdadeira paz, quando levarmos com paciência a nossa cruz. O Espírito Santo, em vista disso, nos aconselha que não façamos como os irracionais, que se exasperam quando não podem satisfazer seus instintos: "Não vos torneis como o cavalo e o mulo, que não têm entendimento" (Sl 31, 9). Que adianta, de fato, perder a paciência nas contrariedades? com isso só se aumenta o mal. Os dois ladrões, que foram crucificados com o divino Salvador, morreram nos mesmos tormentos; mas o bom se salvou, porque os suportou com paciência, e o mau perdeu-se para sempre, porque não sofreu com paciência. A mesma provação, diz S. Agostinho (Sermo 52), conduz os bons para a felicidade eterna, porque se submetem a ela com resignação, e os maus para o fogo eterno, porque a sofrem com impaciência.

Quando evitamos uma cruz que Deus nos envia, depara-se-nos, não poucas vezes, uma outra muito mais pesada. "Os que temem a geada, ver-se-ão cobertos pela neve", diz o piedoso Job (6, 16). Afastai de mim sòmente esta cruz, qualquer outra eu levarei. Oh!

quão insensata é esta expressão! Uma outra cruz te acabrunhará ainda mais e terás só pequeno merecimento e talvez nenhum com isso. Toma, pois, sobre ti de boa vontade toda a contrariedade ou dificuldade que Deus te enviar; alcançarás assim merecimentos e terás menos a padecer; ao menos conservarás a paz, sabendo que fazes a vontade de Deus e não a tua.

Estejamos convencidos que S. Agostinho tem razão quando diz (Sermo 52) "A vida inteira do cristão deve ser uma ininterrupta cruz" Isso vale especialmente para aquelas almas que aspiram à santidade. S. Gregório Nazianzeno diz que para essas almas generosas a riqueza consiste na pobreza, a honra, no desprezo, e a alegria, na privação de tôdos os gozos terrenos. À pergunta: Quem tende verdadeiramente à perfeição? responde S. João Clímaco (Scal. parad., gr. 1): "Aquele que se violenta continuamente". E quando cessará a necessidade de se violentar? Com a morte sòmente, pois, como diz S. Próspero (De vit. cont., l. 1, c. 1), "só então terminará o combate, quando estivermos certos da vitória, isto é, quando entrarmos no céu".

Para nos animarmos a suportar pacientemente todos os padecimentos desta vida, consideremos sèriamente os seguintes pontos:

1. *Os sofrimentos são um meio excelente de expiarmos os nossos pecados.* — Se tens de confessar, alma cristã, que ofendeste a Deus e, apesar disso, queres te salvar, então deves te alegrar quando Deus te envia sofrimentos.

O pecado é uma úlcera da alma, diz S. João Crisóstomo, se não vier alguma tribulação para extrair o pus, a alma estará perdida. Oh! como é digno de lástima o pecador que não quer ser castigado nesta vida por seus crimes. "Reconhece que Deus, enviando-te sofrimentos, procede como médico, diz S. Agostinho (In ps. 21, en. 2), e que a tribulação que te envia não é um castigo para tua perdição, mas um remédio para tua salvação" Por isso deves agradecer a Deus se ele te enviar sofrimentos, porque isso é um sinal de que ele te ama e te considera como filho. "O Senhor castiga os que ele ama e açoita a todo que recebe por filho" (Heb 12, 6). Segundo isso, diz S. Agostinho: "Se tudo te corre bem, reconhece o Pai que te acaricia; se tens de sofrer, reconhece o Pai que te castiga. És muito digno de lástima, continua ele, se Deus te poupa aqui na terra, apesar de teus pecados" (Sermo 46, c. 6).

Se, portanto, tiveres de padecer, não digas que Deus se esqueceu de ti; dize antes que te esqueceste de teus pecados. Quem ofendeu a Deus deve dizer-lhe, com S. Boaventura: "Apressai-vos, Senhor, apressai-vos e feri a vosso servo com golpes de amor e de salvação, para que não nos atinjam os golpes da vossa ira e da morte eterna"

Deus certamente não nos envia padecimentos para nossa perdição, mas para nossa salvação se não nos aproveitamos deles, a culpa é nossa. "Nunca está Deus mais irritado com o pecador do que quando não se irrita contra ele e não o castiga", diz S. Bernardo (In Cant. sermo 42). Por isso o Santo suplicava a Deus: "Eu vos peço, ó Senhor, que vos mostreis para comigo como pai de

misericórdia, isto é, que vos digneis castigar-me aqui na terra, por meus pecados, para preservar-me das penas eternas na outra vida". Tu dizes que não pussuis a força para suportar esta ou aquela cruz; se te falta, porém, a força, por que não a pedes ao Senhor? Ele mesmo prometeu sua assistência a todos que lha pedirem: "Pedi e vos será dado" (Mt 7, 7).

2. *Os sofrimentos são uma fonte de merecimentos.* — Consolate em teus sofrimentos com a esperança do céu. S. José Calazans dizia: "Para se ganhar o céu deve-se considerar como insignificante toda a espécie de pena". Antes dele já dissera o Apóstolo: "Eu tenho para mim que as penalidades da vida presente não têm proporção alguma com a glória futura que se manifestará em nós" (Rom 8, 18). Seria pouca coisa se tivéssemos de sofrer todos os padecimentos deste mundo para gozarmos das alegrias celestiais; quanto mais, pois, não devemos abraçar com coração alegre todas as cruzes que Deus nos envia, sabendo que os padecimentos momentâneos desta vida nos alcançam uma felicidade eterna no céu. "O que aqui é para nós de uma tribulação momentânea e ligeira, produz em nós, de um modo todo maravilhoso, no mais alto grau, um peso eterno de glória" (2 Cor 4, 17). Em vez de nos entristecermos, devemos nos alegrar de coração quando o Senhor nos visita aqui na terra com sofrimentos.

Quem entrar com mais merecimentos na outra vida, receberá também aí uma recompensa maior, e é esse o motivo por que Deus nos envia tribulações aqui na terra. As virtudes, que são a fonte dos merecimentos que se adquirem ùnicamente pelo exercício; quando, por exemplo, tem-se mais ocasião para a paciência, fazem-se mais atos de paciência; quando se sofrem mais injustiças, fazem-se mais atos de mansidão. Por isso S. Tiago nos anima com as palavras: "Bem-aventurados os homens que sofrem tentação, porque, depois que tiver sido provado (depois de ter superado a tentação), receberá a coroa da vida" (Tgo 1, 12).

Confortado por esse pensamento, S. Agapito, um jovem de quinze anos, mostrou um admirável heroísmo em suportar o martírio. Mandando o tirano que lhe pusessem carvões acesos sobre a cabeça, disse o jovem mártir: Pouco importa que esta cabeça seja queimada, desde que será coroada de glória no céu. O mesmo pensamento levou o piedoso Job a dizer: "Se recebemos o bem da mão de Deus, por que não deveremos receber também o mal?" (Job 2, 10). Queria ele dizer: Se recebemos com alegria bens temporais da mão de Deus, por que não deveríamos receber com alegria ainda maior males transitórios, que nos alcançam alegrias eternas no céu? Foi também este pensamento que pôs na boca de S. Francisco estas palavras: "O bem que eu espero é tão grande, que todo o sofrimento me é um prazer" Em uma palavra: os santos se alegram se têm de padecer tribulações aqui na terra e se entristecem, de certo modo, quando tudo lhes corre bem.

3. *Os sofrimentos são um sinal de predestinação.* Ser visitado aqui na terra por tribulações é um sinal especial de predestinação. Isso diz S. Gregório (Mor., l. 26, c. 18) nestes termos: "Os

escolhidos, destinados à bem-aventurança eterna, terão de viver em aflições aqui na terra". De fato, lemos na vida dos santos que eles todos, sem exceção, viveram cercados de cruzes. S. Jerônimo escreve à virgem Eustoquium: "Examina a vida dos santos e verás que todos tinham de sofrer tribulações; só Salomão viveu no meio das alegrias e se perdeu talvez eternamente em consequência disso". S. Paulo diz que todos os escolhidos devem ser semelhantes a Jesus Cristo. "Os que conheceu na sua paciência também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho" (Rom 8, 29). Ora, a vida de Jesus Cristo foi um sofrimento contínuo e, por isso, para sermos glorificados com Jesus Cristo, ajunta o Apóstolo, devemos sofrer com ele: "Se padecermos com ele, também com ele seremos glorificados" (Rom 8, 17).

Padecer com Jesus Cristo quer dizer padecer resignadamente como nosso Salvador padeceu: "que não amaldiçoava quando o amaldiçoavam, que não ameaçava quando padecia" (1 Ped 2, 23). S. Gregório diz que, como a paciência no padecimento é um sinal de predestinação, assim a impaciência é um sinal de perdição. Por isso nos indica o Senhor que acharemos a bem-aventurança eterna só no sofrer com paciência. "Na vossa paciência possuireis as vossas almas" (Lc 21, 19).

4. *Os sofrimentos nos desprendem das coisas terrenas.* — Se Nosso Senhor nos envia sofrimentos, é sua intenção nos desprender das alegrias mundanas, que nos poderiam ocasionar a perda da bem-aventurança eterna. "O mundo é amargo, diz S. Agostinho (Sermo 289), porque todas as suas alegrias, longe de satisfazerem o coração do homem, se transformam em desgostos e remorsos; e, apesar disso, ama-se o mundo; imagina agora quanto mais o seria se ele fosse doce, como então nos esqueceríamos de nossa alma, de Deus e do céu". Se uma mãe quer desmamar seu filho e desgostá-lo do leite, esfrega alguma coisa amarga no peito. De semelhante modo procede Deus para conosco; ele transforma as alegrias deste mundo em aparguras, para que nos desprendamos delas e aspiremos às alegrias celestiais que ele preparou no céu àqueles que o amam. Para esse fim fez ainda mais Nosso amável Redentor: veio a este mundo e padeceu por nós, para que nós, animados por seu exemplo, tivéssemos menos temor dos sofrimentos, devendo simplesmente seguir os seus vestígios. Ouçamos como ele nos chama à sua imitação: "Se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me" (Mt 16, 24). Parece querer dizer: Quem não quiser padecer e carregar sua cruz, renuncie a ser meu discípulo e a acompanhar-me ao céu.

5. *Os sofrimentos são a pedra de toque de nosso amor.* — Existem pessoas que são amigas só no tempo da prosperidade, diz o Sábio, e que abandonam o amigo quando a infelicidade o atinge. "Tal é amigo enquanto nisso acha sua conveniência, mas não permanece no dia da tribulação" (Eccli 6, 8). A prova mais certa do verdadeiro amor consiste em padecer voluntàriamente pelo amigo. Por isso o mais agradável sacrifício que se faz a Deus é abraçar de boa vontade todas as cruzes que nos enviar. "A caridade é paciente. ela

sofre tudo" (1 Cor 13, 4, 7), ela suporta voluntàriamente tanto cruzes externas, como a perda da saúde, de bens, da honra, dos parentes e amigos, como internas, por exemplo, tribulações, dores e secura espiritual.

Pela paciência fica provada a virtude; por isso se costuma fazer sobressair na vida dos santos a sua paciência nas adversidades. O demônio nos tenta para nos perder; Deus, pelo contrário, tenta-nos para provar nossa paciência. "Como o ouro na fornalha, assim ele os prova" (Sab 3, 6), isto é, assim como se prova o ouro por meio do fogo, do mesmo modo, por meio das chamas da tribulação, prova Deus o amor dos seus. Se uma alma, portanto, tem de suportar muitas adversidades, é um sinal de que Deus a ama, como o anjo assegurou a Tobias: "Porque eras grato a Deus foi necessário que a tentação te provasse" (Tob 12, 13). E S. João Crisóstomo diz: "Se Deus dá a alguém ocasião de sofrer muito, concede-lhe uma graça maior do que se lhe desse poder de ressuscitar mortos, porque, quando operamos milagres, somos devedores a Deus, mas quando sofremos com paciência, torna-se Deus, por assim dizer, nosso devedor".

Como é possível que olhemos para o crucifixo e vejamos um Deus morrendo em um mar de dores e desprezos sem querer suportar pacientemente, por amor desse Deus, todos os sofrimentos e evitar e abraçar com alegria todos eles? S. Maria Madalena de Pazzi dizia: "Toda a dor, por maior que seja, torna-se doce quando se considera a Jesus na cruz" Sentindo uma vez o sábio Justo Lípsio grandes dores, um dos circunstantes o exortou à paciência apresentando-lhe o exemplo de alguns filósofos pagãos; o paciente, porém, levantou seus olhos para o crucifixo e disse: "Aqui está a verdadeira paciência". Queria dizer com isso que o exemplo de um Deus que tanto padeceu por amor de nós era um estímulo suficiente para padecer por amor dele todas as dores. "Quem ama o Crucificado ama igualmente as dores e o opróbrio", diz S. Bernardo (In Cant. s. 25). Perguntando S. Delfina a S. Elziário, seu marido, como podia ele suportar sem impacientar-se tantas ofensas da parte de homens incultos, respondeu: "Não deves julgar que sou insensível a tais ofensas; muito as sinto; mas volto-me para Jesus Crucificado e não cesso de contemplá-lo até meu espírito estar inteiramente tranquilo". Depois de ter sido ferida pelo amor de Deus, S. Catarina de Gênova dizia que ela nem sabia mais o que era sofrimento; apesar de sofrer imensas dores, não se perturbava nem um instante por isso, pois ela considerava essas penas como enviadas por Aquele que ela amava tão ternamente, e isso a consolava.

Nós todos devemos padecer, queiramos ou não; procuremos por isso sofrer de modo meritório, isto é, com paciência. A paciência é um escudo que nos preserva de toda a tribulação, que as perseguições, doenças, perdas e outros males trazem consigo. Sem esse escudo estamos entregues sem proteção alguma a todos os males. Cuidemos, portanto, de pedir a Deus, antes de tudo, a paciência, pois não alcançamos essa grande graça sem a pedir.

Se nos sobrevierem adversidades, empreguemos esforços para não rompermos em palavras de impaciência e queixas; privando-se o fogo do ar, extingue-se ele imediatamente. Experimentaremos também brevemente os frutos da vitória: "A quem vencer darei a gostar o maná escolhido" (Apoc 2, 17). Se nos violentarmos nos sofrimentos e adversidades e tomarmos sobre nós de boa mente a cruz que Nosso Senhor nos enviar, ele nos fará sentir uma doçura inefável nas tribulações, uma doçura que é desconhecida dos mundanos, mas que é muito conhecida daqueles que amam a Jesus Cristo. "E' mais doce sofrer tribulações com uma boa consciência, diz S. Agostinho, do que gozar todas as alegrias com uma consciência má" (De catech. rud., c. 16).

6. *Os sofrimentos fizeram a delícia dos santos.* — Para quem se decide a padecer por Deus, não existem mais cruzes: achará até alegria no seu padecer. Percorramos a vida dos santos e veremos como eles amaram os sofrimentos.

S. Gertrudes dizia que os sofrimentos lhe ocasionavam uma tal alegria que, para ela, não havia tempo mais triste que aquele em que nada tinha de sofrer. S. Teresa afirmava que não podia viver sem padecer e, por isso, exclamava muitas vezes: "Ou padecer ou morrer". S. Maria Madalena de Pazzi ia ainda mais longe, sendo sua senha: "Padecer e não morrer".

O mártir S. Procópio dizia ao algoz que lhe aplicava sempre outros tormentos: "Atormenta-me quanto quiseres, mas fica sabendo que quem ama a Jesus Cristo nada deseja tão ardentemente como sofrer por seu amor" Sendo S. Górdio ameaçado com uma morte atroz se não renunciasse a seu divino Mestre, respondeu: "Sinto poder morrer uma só vez por meu Salvador": dizendo isto, caminhou intrèpidamente para a morte. O Pe. Spínola escreveu de seu cárcere, onde muito teve de sofrer: "Oh! como é doce padecer por Jesus Cristo. Já tive notícia de minha condenação; peço-vos que agradeçais à divina Bondade pela grande graça que me concede". A assinatura dizia: Carlos Spínola, condenado à morte por amor de Jesus Cristo. Logo depois foi ele queimado a um fogo lento. Ao ser amarrado ao poste começou a cantar o salmo: *Louvai ao Senhor, todos os povos*, em ação de graças, e, cantando, rendeu o espírito a Deus.

Mas como podiam os santos mártires padecer com tanta alegria? perguntar-me-á alguém; não eram eles de carne e sangue como nós, ou tornou-os Deus insensíveis à dor? S. Bernardo (In Cant. s. 61), responde: "Não foi a insensibilidade, mas o amor de Jesus Cristo que os fez padecer com tanta paciência e alegria. A dor não lhes faltava, mas eles a venciam e desprezavam por amor de seu divino Mestre" Um grande servo de Deus, o Pe. Hipólito Durazzo, da Companhia de Jesus, dizia: "Por mais que Deus nos custe, nunca o compraremos caro demais" Quem não sabe padecer por Jesus Cristo, dizia S. José Calazans, também não sabe ganhar Jesus Cristo. As almas que entendem a linguagem do amor, encontram na cruz o cumprimento de todos os seus desejos, pois sabem que agradam a Deus quando a abraçam de boa vontade.

§ II. Da paciência nas enfermidades

Antes de tudo deve-se praticar a paciência nas enfermidades. Elas são a pedra de toque de nossos sentimentos e dão a conhecer se eles são ouro puro ou só ouropel. Muitos têm bom humor, são pacientes e devotos enquanto gozam de boa saúde; atacados, porém, por alguma doença, cometem mil faltas e ficam inconsoláveis; mostram-se impacientes para com todos, mesmo aqueles que os assistem por caridade; queixam-se da menor dor, da menor indisposição; queixam-se de todos, do médico, de seus pais, daqueles que os tratam, etc. Isso mostra que o ouro aparente é cobre.

Mas eu padeço tanto, dirá alguém, e nem sequer me poderei queixar, ou comunicar aos outros o que sofro? Não te proíbo externar tuas dores quando são muito fortes; quando, porém, são insignificantes, é uma fraqueza te queixares a cada um e desejar que todos tenham dó de ti. Quando os remédios não ajudam, deves praticar a paciência e te entregar inteiramente nas mãos de Deus.

"Se conhecêssemos o grande tesouro escondido nas doenças, diz S. Vicente de Paulo, as receberíamos tão alegremente como quando se recebem os maiores favores". Esse Santo suportou, sem uma palavra de queixa, as mais violentas dores que lhe ocasionavam suas enfermidades contínuas, as quais eram tão grandes que, muitas vezes, não tinha descanso nem de dia, nem de noite, e, contudo, guardava sempre uma tal serenidade que parecia que nada tinha a sofrer. Oh! como é edificante guardar sempre a tranquilidade e a resignação no tempo da doença. Era o que se dava com S. Francisco de Sales, que, quando estava doente, expunha simplesmente seu estado ao médico, obedecia-lhe pontualmente, tomando todos os remédios prescritos, por mais repugnantes que fossem, e ficava então inteiramente tranquilo, sem se queixar de suas dores um instante só.

Que belo exemplo para aqueles que não cessam de queixar-se do menor mal-estar e que devem ter continuamente ao redor de si parentes e amigos para se compadecerem de seu estado. "Aprendei a padecer por amor de Deus, dizia S. Teresa, e não queirais que cada um o saiba" (Cam. da perf., c. 12). Por uma graça especial do divino Salvador, o venerável Pe. Luís da Ponte foi uma vez, em sexta-feira santa, atacado por tantas dores corporais, que tinha de sofrer um tormento especial em cada parte de seu corpo. Isso comunicou a um de seus amigos, mas apenas o fez se arrependeu tanto que fez o voto de nunca mais confiar a pessoa alguma o que tivesse de sofrer no futuro. Disse eu acima, por uma graça especial de Deus, porque os santos recebem as doenças e sofrimentos que Deus lhes envia como favores especiais de sua mão.

Alguns doentes clamam talvez em sua impaciência: Onde está a caridade? Vede como se esquecem de mim e me abandonam neste leito de dores! Pobres doentes! Eu vos lastimo não por causa de vossa doença, mas por causa de vossa falta de paciência, que vos torna duplamente doentes, a saber, no corpo e na alma. Os outros se esqueceram de vós, mas vós vos esquecestes de Jesus Cristo, que, abandonado por todos, morreu numa cruz por amor de vós. Por

que vos queixais destes ou daqueles? queixai-vos de vós mesmos por terdes tão pouco amor a vosso divino Salvador e, por isso, tão pouca paciência.

A uma senhora piedosa, que sofria violentas dores, deram uma vez um crucifixo e aconselharam-na que pedisse ao Senhor que a libertasse de suas dores. A isso respondeu: Como podeis pretender que eu deseje descer da cruz, tendo nas mãos meu Salvador crucificado? Quero padecer de bom grado por amor daquele que, por amor de mim, quis padecer dores muito maiores que as minhas. Foi igualmente isso o que disse uma vez Jesus Cristo a S. Teresa, achando-se ela doente e sentindo grandes dores. Ele apareceu-lhe coberto de chagas e disse-lhe: Contempla estas feridas, minha filha, nunca tuas dores serão tão grandes. Por isso a Santa, quando padecia alguma enfermidade, costumava dizer: "Quando eu considero de quantos modos padeceu o Salvador, ele que era tão inocente, não sei como poderei me queixar de minhas dores". "Muitos nunca se teriam santificado, se tivessem tido uma boa saúde", diz Salviano. E, de fato, lemos dos santos que eles todos, com pequena exceção, estavam sujeitos a várias doenças. Por isso continua Salviano: "Aqueles que se consagraram ao amor de Jesus Cristo são doentes e querem ser doentes".

Outros dizem: Eu não me queixo de estar doente, mas dói-me não poder ir à igreja, nem comungar, nem rezar e ser pesado aos outros. Permite-me que responda a cada uma dessas queixas em particular. Dize-me, por que desejas ir à igreja receber a santa comunhão? Para guardares a Deus, não é? Muito bem; mas se agora é do agrado de Deus que não vás à igreja e não comungues, mas que estejas presa a teu leito de dores, que motivo tens então para te lamentares? Ouve o que escreveu uma vez o bem-aventurado João d'Ávila a um sacerdote enfermo: Meu amigo, não penses agora no que havias de fazer se estivesses são, mas resigna-te em estar doente enquanto for isso agradável a Deus. Se buscas a vontade de Deus, que te importa estar doente ou não?

S. Francisco de Sales afirma que melhor se serve a Deus quando se padece do que quando se trabalha.

Dizes também que não podes rezar. Por que não? Concedo que não possas meditar; que te impede, porém, volver tuas vistas a Jesus Crucificado e oferecer-lhe as dores que sofres? Fazes a mais bela oração se, no meio de teus sofrimentos, te conformares com a vontade de Deus, unires tuas dores com os sofrimentos de Jesus Cristo e os ofertares em sacrifício a Deus. Assim procedia S. Vicente de Paulo quando se achava gravemente doente. Transportava-se plàcidamente à presença de Deus e não se esforçava muito em fixar sua atenção em um ponto determinado, mas contentava-se com excitar, de tempos a tempos, um ato de amor, de confiança, de agradecimento ou resignação, principalmente quando seus sofrimentos aumentavam. S. Francisco de Sales dizia: "Quando se consideram as tribulações em si, causam elas assombro: consideradas, porém, em relação com a vontade de Deus, produzem alegria e contentamento" (Amor de Deus, l. 9, c. 2).

Dizes, finalmente, que nesse estado não podes trabalhar e és pesado aos outros. Mas, como te submetes à vontade de Deus, deves supor o mesmo dos outros: eles vêem que não é por tua culpa que te tornas a eles pesado, mas porque Deus assim o quer. Todos esses desejos e queixas não nascem do amor de Deus, mas do amor-próprio; queremos servir ao Senhor, não como lhe apraz, mas como nos agrada.

Que tesouro de merecimentos não se podem adquirir só pela resignação na vontade de Deus durante o tempo da doença! O Pe. Baltasar Álvarez teve um dia a felicidade de ver a grande glória que Deus tinha preparado a uma freira, em recompensa da sua paciência em suportar uma enfermidade. Ele afirma que essa piedosa religiosa recolheu maiores merecimentos nos oito meses de sua doença que outras religiosas fervorosas em vários anos. Com a paciência com que suportamos as doenças e mal-estar merecemos uma grande recompensa e talvez a maior que Deus nos preparou no céu. Isso foi revelado a S. Liduína. Apesar de todos os seus sofrimentos, nutria a Santa ainda o desejo de sofrer a morte de mártir. Sentindo ela uma vez um ardente desejo de receber essa graça, viu uma coroa sumamente brilhante mas ainda incompleta e conheceu que lhe estava destinada. Desejando, porém, que ela ficasse acabada, rogou a Deus que aumentasse seus sofrimentos. O Senhor a atendeu e enviou-lhe soldados que não só a acabrunharam com insultos, mas também a espancaram bàrbaramente. Logo depois apareceu-lhe um anjo com a coroa acabada e disse-lhe que seus últimos sofrimentos tinham acrescentado as pedras preciosas que ainda faltavam; pouco tempo depois deixou ela esta vida pela eterna.

Mui particularmente devem os doentes se conformar com a morte, se está próxima sua última hora, seja qual for a espécie de morte que Deus lhes envia. Afinal, que é a vida senão uma contínua tempestade, em que nos achamos continuamente em perigo de nos perder para sempre? S. Luís Gonzaga, que morreu na flor da idade, recebeu alegremente a morte, dizendo: "Agora acho-me, como espero, na graça de Deus; porque não sei o que acontecerá mais tarde comigo, quero morrer agora, se aprouver a Deus chamar-me desta vida"

Mas S. Luís foi um santo, dirás, e eu sou um pecador. Ouve o que te responde o Beato João d'Ávila: "Se nossa alma se achar em um estado mediocremente bom, devemos desejar a morte para escapar ao perigo de perder a graça de Deus, ao qual estamos aqui na terra incessantemente expostos. Oh! quão desejável é obter a segurança, por meio da morte, de que não se pode mais perder a Deus".

Mas até agora, dirás, não recolhi ainda merecimento algum para minha alma: desejo viver mais tempo para poder fazer algum bem antes de morrer. Quem, porém, te diz que não te tornarás pior no futuro? que não cairás em pecado mortal e te perderás para sempre? Aqui no mundo ninguém vive sem pecado, ao menos sem pecado venial. Por isso diz S. Bernardo: "Por que desejas vi-

ver, visto que *tanto mais pecamos quanto mais vivemos?*" (*Medit.*, c. 2). Além disso, se amamos a Deus, devemos desejar vê-lo no céu face a face e amá-lo; se a morte, porém, nos abrir a porta, não podemos entrar na pátria feliz. Por essa razão exclamava S. Agostinho, abrasado de amor para com Deus: "Senhor, fazei que eu morra, para que chegue à vossa visão" (Sol. anim. ad Deum, c. 1).

§ III. Da paciência nas injúrias e perseguições

Outra ocasião de praticar a paciência nos oferecem as injúrias e perseguições a que, às vezes, estamos expostos. Não cometi falta alguma, dizes, por que deverei suportar pacientemente essa ofensa ou perseguição? Deus, certamente, não exige tanto! Mas não sabes o que Jesus Cristo respondeu a S. Pedro Mártir, quando ele se queixava de ter sido encarcerado injustamente? Senhor, que mal fiz eu para ter de sofrer esta perseguição? perguntava o Santo. E Jesus crucificado lhe respondeu: E que mal fiz eu para ser pregado nesta cruz?

Se, depois, teu Salvador, alma cristã, por amor de ti, quis sofrer a morte, não é muito se tu, por amor dele, receberes ultrajes. E' verdade que Deus não quer o pecado daquele que te ofende ou persegue, mas ele quer que suportes pacientemente, por amor dele e para teu próprio bem, essas adversidades. "Se não temos o defeito que nos atribuem, diz S. Agostinho (In ps. 68, s. 1), temos, contudo, outros; temos os nossos pecados, que nos tornam merecedores não só desses castigos, mas de outros muito maiores".

S. Teresa nos deixou em seus escritos a seguinte memorável máxima (Cam. da perf., c. 14); "Quem tende à perfeição nunca deverá dizer: Fizeram-me uma injustiça. Se não quiseres levar nenhuma outra cruz além daquela que mereceste, a perfeição não é para ti" Insultos e injúrias constituem a única alegria procurada pelos santos. S. Filipe Néri suportou, durante trinta anos, em sua residência, na igreja de S. Jerônimo, em Roma, muitíssimos maus tratos de um miserável; apesar disso, não queria abandonar esse lugar, não obstante os convites de seus filhos espirituais, que o queriam junto de si, em seu Oratório, recentemente fundado; afinal, só obrigado por uma ordem expressa do Papa consentiu em habitar com seus irmãos de Ordem.

Todos os santos tiveram de sofrer perseguições aqui na terra. S. Basílio foi acusado de heresia junto ao Papa S. Dâmaso. S. Cirilo de Alexandria foi condenado como herege em um Concílio de quarenta Bispos e deposto de seu Bispado. S. Atanásio foi acusado de magia e S. João Crisóstomo, de impureza. S. Romualdo, depois de ter cem anos, foi acusado de um horrendo crime, de forma que se dizia que ele merecia ser queimado vivo. De S. Francisco de Sales inventaram que ele tinha comércio ilícito com uma mulher, e essa calúnia pesou por muito tempo sobre ele; só depois de três anos é que veio à luz sua inocência. Entrou uma vez no quarto de S. Liduína uma mulher, que começou a dirigir à santa as mais abomináveis palavras que imaginar se possam. Conservando Liduína a tranquilidade de costume, aquela miserável se enfureceu tanto que

escarrou na face da santa; apesar disso, permaneceu ela inabalável em sua paciência.

Não pode ser de outra forma: "Todos os que quiserem seguir a Jesus Cristo sofrerão perseguição" como diz o Apóstolo (2 Tim 3, 12). Portanto, se não quiseres sofrer perseguição, nota S. Agostinho, é para temer que ainda não começastes a imitar a Jesus Cristo.

Quem foi mais inocente e santo do que nosso Salvador? Apesar disso, foram os homens tão longe na sua perseguição que o pregaram na cruz, na qual expirou, saturado de chagas e opróbrios.

Para nos ensinar a suportar pacientemente as perseguições, São Paulo nos exorta a pensar constantemente em nosso Salvador Crucificado. Estejamos convencidos que, se suportarmos com paciência todas as injúrias, Deus mesmo tomará a si nossa justificação; e se ele permitir que levemos uma vida desprezada, o faz únicamente para recompensar com mais glória, no outro mundo, a nossa paciência.

Em uma palavra: humilhação, pobreza, dores, toda a espécie de tribulações são, para uma alma que não ama a Deus, uma ocasião para se afastar ainda mais dele; para uma alma, porém, que está cheia de amor de Deus, são elas uma razão para mais estreitamente se ligarem a ele e mais perfeitamente amá-lo. "Muitas águas não puderam extinguir a caridade", diz o Espírito Santo (Cânt 8, 7); sim, as tribulações, por maiores e mais numerosas que sejam, não podem apagar, em um coração que nada mais ama além de Deus, a chama do amor, antes, pelo contrário, a avivam cada vez mais.

§ IV. Da paciência na desolação espiritual

Devemos, finalmente, praticar a paciência no desamparo espiritual. E' este o sofrimento mais doloroso e atroz que pode atingir uma alma que ama a Deus. Quando um cristão piedoso goza de consolações espirituais, todas as injúrias, todas as dores, todas as perdas e perseguições são capazes de o perturbar; antes aumentam a alegria de seu coração por lhe darem ocasião de oferecer ao Senhor esses padecimentos e unir-se mais intimamente com ele. Ao contrário, causa a uma alma que ama a Deus o mais atroz tormento não sentir mais em si nenhuma devoção, nenhum zelo, nenhum santo desejo, mas só frieza e aridez na oração e na santa comunhão. E, contudo, diz S. Teresa que uma tal alma dá a Deus a mais segura prova de seu amor quando continua no seu caminho, sem nenhum estímulo sensível e até sentindo repugnância interna e tormento de espírito.

"O Senhor prova aqueles a quem ama por meio de secura de espírito e tentações", diz a Santa (Vida, c. 11).

Achando-se uma vez a beata Ângela de Foligno em um tal estado, queixou-se ao Senhor de a ter abandonado. "Não, minha filha, lhe respondeu o Senhor, amo-te, agora, mais que antes e tenho-te mais unida a mim do que nunca"

E' um engano, diz S. Francisco de Sales, querer medir a piedade segundo o grau de consolação que se sente no serviço de Deus. A verdadeira devoção, diz ele, consiste na firme vontade de

fazer tudo o que agrada a Deus. Pela aridez espiritual une-se Deus mais intimamente com as almas que ele ama de modo particular. O que nos impede de unir-nos verdadeiramente a Deus é o apego às nossas inclinações desregradas; por isso, quando Deus quer levar uma alma a amá-lo com perfeição, procura libertá-la de todo o apego às coisas criadas. Para conseguir isso, priva-a, pouco a pouco, dos bens terrestres: riquezas, honras, parentes, saúde do corpo, etc. Envia-lhe toda a espécie de adversidades: desgostos, humilhações, perda de pessoas amadas, doenças, etc. São esses outros tantos meios de que Deus se serve para desprender as almas das criaturas, a fim de que lhe dedique todo o seu amor.

No começo da conversão, Deus concede algumas vezes à alma muitas consolações interiores, para lhe inspirar o desejo dos bens espirituais, e o comove tanto, que ela derrama uma torrente de lágrimas. Assim, a alma abandona, aos poucos, as criaturas e se entrega a Deus, ainda que mui imperfeitamente, desde que o faz mais em vista daquelas consolações do que para agradar a Deus. Mas ela, pelo contrário, julga amar tanto mais a Deus quanto mais gosto experimenta em seus exercícios de piedade. Quando, por isso, tem de deixar esses seus exercícios de predileção, para cumprir com as exigências da obediência ou da caridade ou, então, com seus deveres de estado, se exaspera e se entristece, e também quando não acha mais as mesmas consolações nesses exercícios, abandona-os ou, então, encurta-os cada vez mais, até que, afinal, não se incomoda mais com eles.

Isso se dá com muitas almas que Deus chama a um amor especial: trilham, no princípio, o caminho da perfeição, mas só enquanto acham nele consolações sensíveis; quando, porém, cessam os doces sentimentos, tornam-se negligentes e recomeçam o seu antigo modo de vida. E' um defeito geral de nossa natureza corrompida que nós procuramos, em tudo o que fazemos, a nossa própria satisfação.

Por isso precisamos nos convencer que o amor de Deus ou a perfeição não consiste em doces sentimentos e consolações sensíveis, mas em vencer o amor-próprio e cumprir com a vontade de Deus.

Enquanto duram as consolações interiores, não é preciso muita virtude para se renunciar aos prazeres sensuais e suportar com paciência injúrias e adversidades. Uma alma, que é favorecida de Deus com aquele gozo sensível, suporta pacientemente tudo que lhe ocorre; mas sua paciência provém mais do atrativo daquelas consolações do que do verdadeiro amor de Deus.

Para que a alma se firme na virtude, afasta-se Deus dela para curá-la de seu amor-próprio, que se compraz naquelas doçuras. Assim, nos atos de oferecimento próprio, de confiança e de amor de Deus, acha frieza e desgosto em vez da antiga alegria com que os praticava; sente fastio em todos os exercícios de devoção, na oração, na leitura espiritual, até na santa comunhão; mais ainda: chega mesmo a encontrar trevas e aflições, e parece-lhe que, para si,

to as ama e lhes prepara no céu um lugar onde encontrarão consolações perfeitas e eternas; quanto mais atribuladas viveram nesta terra, tanto mais consoladas serão no seio dos bem-aventurados, onde não cessarão de agradecer ao Senhor e dizer, com o salmista (Sl 93, 19): "Segundo as muitas dores que experimentou o meu coração, alegraram a minha alma as tuas consolações".

S. Joana Francisca de Chantal sofreu durante quarenta anos toda a sorte de tribulações internas, principalmente tentações e o temor de se achar na desgraça de Deus e de estar abandonada por ele. Seus padecimentos eram tantos e tão veementes, que ela dizia que só o pensamento da morte lhe podia trazer um alívio. Apesar disso, seu rosto estava sempre alegre, mostrava-se sempre afável na conversação; sua vista estava sempre voltada para Deus e ela descansava confiadamente no seio de sua santa vontade. S. Francisco de Sales, que era seu diretor espiritual, e sabia perfeitamente com que agrado Deus a olhava, dizia que se dava com seu coração o mesmo que com um cantor surdo que, por mais bela que seja sua voz e seu canto, não encontra nisso nenhuma satisfação. Em uma de suas cartas à Santa, dá-lhe o seguinte conselho: "Deveis mostrar uma fidelidade inabalável ao Senhor e só cuidar do cumprimento de sua santa vontade; deveis servi-lo não só sem consolação alguma, mas também no meio desse dilúvio de tristeza e aflição em que vos achais presentemente".

Todos os santos passaram a maior parte de sua vida em desolação espiritual e trevas. "Oh! que insensibilidade de coração não sinto eu, exclamava S. Bernardo; não encontro mais gosto nem na leitura espiritual, nem na meditação, nem na oração vocal" (In Cant., s. 54). Deus reserva o gozo que deve ser a nossa recompensa para a vida futura. A terra é um lugar de sofrimentos e de merecimentos; o céu é a mansão da recompensa e da alegria. Por isso os santos não procuravam nem desejavam, durante a sua peregrinação aqui na terra, consolações sensíveis, mas fervor interior. "E' muito melhor combater contra as tentações e a aridez segundo a vontade de Deus, diz o Beato João d'Ávila, do que querer elevar-se à contemplação contra a vontade de Deus. Para dizer a verdade, segundo as experiências que fiz, conto pouco com as almas que nadam em consolações espirituais, se antes disso não passaram por tribulações internas, pois, muitas vezes, tais pessoas trilham o bom caminho enquanto dura a consolação, e abandonam tudo e entregam-se à tibieza, quando são provadas por aridez espiritual".

Talvez alguém me replique: Quero suportar essa tribulação se for a vontade de Deus que eu a sofra: o que me aflige, porém, é o pensamento de que essa desolação poderia ser um castigo de minha infidelidade para com Deus. Concedo que pode ser um castigo e, se pecaste por apego às criaturas, te asseguro que Deus, que é zeloso dos corações dos que se dedicaram a seu serviço, se afastou com toda a razão de ti. Posto que seja um castigo, é justo que te submetas a ele. Não és o primeiro a afirmar que mereceste o inferno? por que te queixas então? Podes exigir que Deus te cumule de consolações? Contenta-te, pois, com o tratamento que Deus te dá; abraça-

o tranquilamente e procura afastar quanto antes a causa de teu desamparo interior; rompe com aquele amor às criaturas, com aquelas dissipações de espírito, com aquele desejo excessivo de ver, de falar, de ouvir, e oferece-te de novo inteiramente ao Senhor; então esquecerá ele as tuas faltas e te receberá novamente em sua graça. Não deves, porém, exigir que ele te faça sentir tuas antigas consolações; suplica-lhe ùnicamente que te conceda a força de lhe permaneceres sempre fiel e convence-te que Deus permite que nos sobrevenha essa desolação espiritual ùnicamente para nosso bem e para provar o nosso amor.

Nosso Senhor revelou a S. Gertrudes que ele ama extremamente as almas que o servem à própria custa, isto é, em secura espiritual e sem consolação sensível.

Mostramos menos amor seguindo alguém que nos acaricia, do que seguindo a um outro que se retrai de nós. Ouçamos as consoladoras palavras de S. Bernardo: "Não receies, alma amante de Deus, se teu divino Esposo te esconde sua face por algum tempo; isso é ùnicamente para teu bem. Ele se retrai para assegurar melhor tua felicidade, para que a abundância de suas graças não te leve a desprezar teu próximo e a te julgar melhor do que os outros. Ele o faz também para que o desejes com maior ânsia e o busques com maior fervor" (Scal. claust., c. 8). Deverias, pois, perseverar em todos os teus serviços de piedade, ainda que tivesses com isso de sofrer uma agonia mortal; muito mais atroz foi a agonia que teve de sofrer teu divino Salvador no jardim de Getsêmani, quando se preparava para sua dolorosa paixão e suplicava por ti. "E, posto em agonia, orava com mais insistência"

Não cesses jamais de procurar a teu Jesus; ele não tardará a vir a ti para te consolar. Se, porém, não te der nenhum sinal de seu amor, contenta-te com a coragem e força que te der, para o amares sem o atrativo de suas consolações. Deus prefere o amor forte ao carinhoso.

§ V. Alguns avisos a respeito do exercício da paciência

Concluímos com alguns avisos práticos, que devem mostrar como se pode praticar e conservar a paciência em todas as provações possíveis.

S. Tomás diz que, para se submeter generosamente às tribulações, é muito útil representá-las antes que se sucedam e preparar-se para elas. Daí a exortação de Jesus Cristo a seus discípulos: "Vós haveis de ter aflições no mundo; mas tende confiança, eu venci o mundo" (Jo 16, 33). A razão disso é clara: se prevemos um sofrimento e propomo-nos suportá-lo pacientemente, não nos parece mais um mal, mas um bem, em relação com a vida eterna, e isso nos tira o receio e o medo que os sofrimentos costumam incutir. Assim praticaram os santos: abraçavam antecipadamente a cruz e estavam assim preparados para suportá-los pacientemente, quando lhes sobrevinham inesperadamente.

Por isso deves te acostumar, alma cristã, a abraçar na oração todas as tribulações que provàvelmente te sobrevirão. Deves te

oferecer sem restrição a Jesus Cristo e estar sempre pronta a suportar contradições, doenças, escrúpulos e desamparo espiritual; com o cinzel da tribulação e, em particular, dos sofrimentos internos, que são os mais dolorosos, esculpe Deus as imagens que deverão um dia ornar o seu paraíso.

Quando a adversidade que tens a suportar parece exceder às tuas forças, pede ao Senhor que te auxilie e confia firmemente que ele te assistirá; dize muitas vezes com o Apóstolo: "Tudo posso naquele que me conforta" (Filip 4, 13). Fazendo assim, a oração certamente te procurará a força que te falta. Onde hauriram os mártires a coragem para suportar pacientemente tantos tormentos e uma morte tão ultrajante? Onde mais, senão na oração? Nosso Senhor mesmo nos diz: "Invoca-me no dia da tribulação e eu te salvarei e tu me louvarás" (Sl 49, 15).

Se uma alma se recomenda a Deus, ele a livrará do mal que sofre ou lhe concederá a graça de suportá-lo com paciência, dando assim grande glória ao Senhor. S. Inácio dizia que a maior tribulação que lhe poderia suceder neste mundo seria a dissolução de sua Companhia; apesar disso, esperava que um quarto de hora de oração, em tal caso, lhe bastaria para se tranquilizar inteiramente.

Além disso, deves receber mais vezes a santa comunhão no tempo da tribulação. Pela frequente recepção da santa comunhão se preparavam os primeiros cristãos, no tempo das perseguições, para o martírio.

Não deixes igualmente de consultar repetidas vezes teu confessor ou outra pessoa experimentada na vida espiritual; uma palavra de animação te poderá auxiliar poderosamente a carregar com paciência a tua cruz. Não descubras, porém, teus sofrimentos a uma pessoa imperfeita; uma tal poderia te inquietar ainda mais e perturbar-te, principalmente se se tratar de uma injúria ou de uma perseguição de que és atualmente o objeto.

Quanto ao objeto de tua oração mental, medita, no tempo da adversidade, particularmente sobre a paixão de Cristo: a vista do divino Salvador padecendo por amor de nós exerce um grande império sobre nossos corações. Se na meditação da dolorosa paixão receberes de teu Senhor algum sinal de amor, deves te mostrar grato por isso; mas se não sentires nenhuma devoção, deves ficar convencido que receberás por isso abundantes graças. Seguindo o exemplo de S. Teresa, transporta-te com predileção ao jardim de Getsêmani, onde encontrarás a Jesus abandonado por todos; considera-o sob a pressão daquela tristeza extrema, que lhe ocasionou uma agonia mortal e suor de sangue e o levou a confessar que sua tristeza bastava para fazê-lo morrer; certamente carregarás mais fàcilmente tua cruz, ponderando que Jesus padece tudo isso por teu amor. E se considerares como ele se dispõe a suportar a morte por ti, prepara-te também a morrer por amor dele. Quando tua desolação e aflição atingir o último grau, dize então, com o Apóstolo S. Tomé: "Vamos nós também para morrer com ele" (Jo 11, 16). Transporta-te também, em espírito, ao Calvário, onde verás teu Salvador, consumido de dores, entregar seu espírito; a essa vista

cobrarás ânimo necessàriamente para suportar de boa mente todos os sofrimentos de um Deus que morre por amor de ti.

Se temes que Deus te abandone, em vista de tua ingratidão, imita o exemplo dos dois discípulos aos quais Jesus apareceu no caminho de Emaús sob a forma de um forasteiro. Ao chegarem perto da aldeia, fingiu Jesus que seguia para diante, mas eles o obrigaram e disseram-lhe: "Fica conosco, porque já começa a escurecer o dia a inclinar-se" (Lc 24, 28). Ele entrou em sua casa. Do mesmo modo deves também tu obrigar a Jesus a ficar contigo, quando te parecer que ele te vai abandonar, dizendo-lhe: O' meu Jesus, ficai comigo, não vos afasteis de mim; se me deixardes, a quem irei para achar consolação e auxílio? "Senhor, para quem iremos?" (Jo 6, 69). Continua a importunar dessa maneira ao Senhor com amor e confiança e não percas a coragem: ele não te abandonará de forma alguma.

Finalmente, repito mais uma vez: recorre à oração, volta-te para o divino Salvador no SS. Sacramento do altar e suplica-lhe a graça de te conformares em tudo com sua santíssima vontade. Ele prometeu consolar todos os aflitos que recorrerem a ele. Não deixes igualmente de refugiar-te junto a Maria, quando perturbações internas e desamparo espiritual te visitarem; pois ela foi designada por Deus para ser a consoladora dos aflitos.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

Curto resumo das principais virtudes

1. *Fé.* — Agradece incessantemente ao Senhor por ter-te iluminado com a luz da santa fé e feito nascer em um país católico. Que seria de ti se tivesses nascido no meio de pagãos ou de hereges? Mostra-te, portanto, reconhecido a Deus por essa graça e suplica-lhe que aumente em ti a fé, te assista para que correspondas a um tão grande favor, qual é da vocação à verdadeira fé, pois aumentarás tua culpa no dia das contas, à medida que não viveres conforme a fé.

Quando uma tentação te assaltar, arma-te, para tua defesa, com as máximas da fé: considera a presença contínua de Deus por toda parte; a desgraça que causa o pecado; as contas que devemos dar a Deus no dia do juízo; o castigo eterno, resultado do pecado; a gratidão que devemos a Jesus Cristo, etc...

2. *Esperança.* — Crê firmemente "que ninguém esperou no Senhor e foi confundido" (Eccli 2, 11). Pondera que Deus te ama mais do que tu a ti mesmo. David achava consolação no pensamento: "O Senhor cuida de mim" (Sl 39, 18). Dize também tu ao Senhor: Senhor, lanço-me nos vossos braços; só quero pensar em amar-vos e agradar-vos; vós não só desejais o meu bem, mas cuidais igualmente de mo assegurardes. Em vós, pois, confio, porque quereis que ponha em vós só toda a confiança. "Ponde no Senhor toda a vossa solicitude, porque ele tem cuidado de vós" (Ped 5, 7).

Para te firmares mais na confiança em Deus, lembra-te muitas vezes da maneira carinhosa com que te tratou até agora e dos meios compassivos de que usou para ganhar-te a seu amor. Agora que estás resolvido a amar a Deus quanto possível, deves temer ùnicamente mostrar pouca confiança no trato com Deus. Sua misericórdia para contigo é a mais segura prova de seu amor para contigo. A falta de confiança naquelas almas que o amam ternamente e são por ele amadas, o desagrada sumamente. Se queres, pois, agradar seu amoroso coração, mostra-lhe então, no futuro, a maior e mais íntima confiança que te for possível.

Um ato especial de confiança, que agrada de um modo todo particular a Deus, consiste em lançar-se a seus pés e pedir-lhe perdão logo depois de se ter cometido uma falta. Pondera que Deus está tão inclinado a perdoar, que ele deplora vivamente a desgraça do peçador que vive longe dele, privado de sua graça. Se caíres, pois, em algum pecado, eleva imediatamente teus olhos a Deus, espera confiadamente o perdão, e dize: "Senhor, aquele a quem amais está doente" (Jo 11, 3). "Curai a minha alma, porque contra vós pequei" (Sl 40, 5). O mal está feito; que devo fazer?-Não quereis que eu desespere; amais-me ainda, apesar de meu pecado. Arrependo-me de todo o coração de vos ter desagradado; perdoai-me, pois, e fazei-me ouvir as palavras que dissestes a Madalena: "Teus pecados te são perdoados" (Lc 7, 48).

Ainda que recaias cem vezes no dia no mesmo pecado, não deves deixar de recorrer a Deus depois de cada queda. Se tua alma permanecer abatida e pusilânime, teu amor arrefecerá dentro em breve; se, porém, recorreres a Deus imediatamente pedindo-lhe perdão e prometendo-lhe emenda, tuas faltas te servirão para maior progresso no amor de Deus.

3. *Amor de Deus.* — Persuade-te que nem teu pai, nem tua mãe, nem homem algum te dedica maior amor que Deus, teu Senhor. Consequentemente, não deves amar a ninguém mais do que a Deus. Deves dizer-lhe: Meu Deus se deu inteiramente a mim; também eu me entrego a ele sem restrição. Ele escolheu minha alma para sua amiga; eu o escolho dentre todos para meu único amigo. O' meu Deus, por que me amais tanto? Que bem vedes em mim? Já vos esquecestes das ofensas que vos fiz? Visto que me tratastes tão amorosamente, em vez de me condenardes ao inferno, e me concedestes tantas graças, como poderei amar, no futuro, outra coisa fora de vós, meu Deus e meu tudo?

Além disso, deves nutrir um grande desejo de progredir cada vez mais no amor de Deus. Os santos desejos são as asas com que nos elevamos a Deus. Pede muitas vezes ao divino Salvador seu santo amor. Logo que despertares, de manhã, faze um ato de amor a Jesus e, de noite, não te esqueças de fazer, antes de dormir, um ato de contrição. Deves igualmente desejar e te esforçar para que outros amem também a Jesus e, para isso, deves falar muitas vezes a teu próximo do amor de Deus.

Quem muito ama a um amigo, sente, muitas vezes, maior alegria com seu bem-estar do que com o próprio. Por isso deve cau-

sar-te especial consolação o pensamento de que Deus é infinitamente feliz. Dize-lhe muitas vezes: Meu Senhor e Deus, alegro-me de vossa felicidade, muito mais do que meu bem-estar, porque eu vos amo mais do que a mim mesmo.

Não te esqueças também de suspirar muitas vezes pelo céu. Anela por deixar este lugar de desterro, esta região de pecado e de perigo para a alma e entrar na pátria do amor, onde amarás a Deus com todas as tuas forças. Dize-lhe muitas vezes: O' Senhor, enquanto eu vivo, estou no perigo de tornar-me infiel a vós e perder o vosso amor; quando poderei deixar esta vida, na qual vos ofendo incessantemente, para vos amar de toda a minha alma? Esforça-te continuamente para conformares perfeitamente tua vontade com a vontade de Deus; esse deve ser o fim de todas as tuas ações, desejos, meditações e orações. Oferece-te, pois, a Deus a miúdo durante o dia, dizendo-lhe: Senhor, eis-me aqui: fazei de mim o que vos aprouver. Que devo fazer? Dizei-me, que estou pronto para tudo.

4. *Amor do próximo.* Esforça-te sempre em guardar a caridade para com todos os homens, quer em pensamentos como em palavras e obras. Olha como aquele que ama apaixonadamente uma pessoa pensa e fala bem dela; alegra-se quando tudo lhe corre bem; entristece-se quando lhe acontece alguma desgraça; defende-a com calor, desculpa-a e louva-a. O mesmo deve operar em ti a santa caridade para com o próximo. Esforça-te, pois, para tirar logo do sentido todo o mau juízo e toda a dúvida temerária a respeito de teu próximo. Alegra-te se tudo corre bem a teu próximo e compadece-te dele se lhe suceder alguma adversidade. Procura nunca falar mal dele, e se alguém, na tua presença, difama a outros, corrige-o ou, ao menos, dá a conhecer por teu silêncio ou por tua seriedade que uma tal conversa te desagrada. Mostra-te caridoso para com todos no falar e proceder, principalmente para com aqueles que te ofenderam. Se alguém te desprestigiar na opinião dos outros ou trabalhar contra ti, faze como se de nada soubesses: mostra-te atencioso para com teu adversário e procura ganhá-lo por tua amabilidade. Querendo vingar-te, vinga-te, mas como os santos o fizeram, pagando o mal com o bem.

Se, porém, foste tu que encolerizaste a teu próximo, deves empregar todos os meios para o aplacares quanto antes. Mostra-te sempre pronto a auxiliar o teu próximo em todas as suas necessidades; mas não exijas um agradecimento por lhe ter prestado algum serviço, alegra-te antes quando te pagar com ingratidão, porque, em tal caso, teu merecimento diante de Deus será muito maior.

Não deixes de visitar, de vez em quando, os doentes, em especial aqueles que estão mais abandonados. Consola-os, trata-os, auxilia-os à medida de tuas forças, anima-os a oferecer a Deus tudo o que tiverem de sofrer. Se puderes dar esmolas, faze-o, lembrando-te das palavras da Sagrada Escritura: "O que tiver riquezas deste mundo e vir a seu irmão em necessidade e lhe fechar as suas entranhas, como estará nele a caridade de Deus?" (1 Jo 3, 17).

Presta igualmente a tua ajuda aos outros no trabalho, enquanto te for possível, e, se te cansares muito com isso, olha para teu divino Salvador, que levou com tanta paciência a sua cruz.

A melhor obra de caridade, contudo, é o zelo pelo bem espiritual do próximo. Por isso toma por tua regra de conduta recomendar a Deus em tua oração mental e vocal, na santa comunhão, na visita ao SS. Sacramento, os pobres pecadores, os infiéis, os hereges e demais homens que vivem afastados de Deus. Não deixes também de suplicar pelas almas do purgatório; oferece-lhes de vez em quando algum sacrifício, no comer, ou qualquer outra mortificação, em sufrágio de suas penas.

5. *Pobreza. Desapego dos bens da terra.* Não invejes os grandes do mundo, suas riquezas e honras. Feliz de quem nada mais deseja senão Deus só, podendo dizer, com S. Paulino: "Tenham os ricos suas riquezas, os reis os seus reinos: para mim toda a minha riqueza, todo o meu reino é Cristo". Podes estar certo de que ninguém vive no mundo mais contente do que aquele que menospreza todas as coisas terrenas e só cuida em cumprir com a vontade de Deus.

Não poucos ricos, não poucos príncipes não encontram a paz no meio da abundância dos bens terrenos, enquanto que muitos irmãos leigos, que vivem recolhidos, pobres e escondidos em sua cela, gozam de uma indescritível satisfação. "Experimentai e vede quão doce é o Senhor" (Sl 33, 9).

Quando, pois, quiserem as criaturas entrar em teu coração para participar daquele amor que deves inteirinho a Deus, repele-as imediatamente, fecha-lhes a porta e exclama: Afastai-vos de mim e procurai aqueles que vos desejam: eu entreguei meu coração inteiro e sem reserva a Jesus Cristo, de forma que não há nele mais lugar para vós.

Desapega-te de toda a afeição às coisas terrenas; toda a tua riqueza consiste na virtude, que te protegerá aqui na terra contra os inimigos de tua salvação e além constituirá tua glória no céu. Dize, por isso, muitas vezes ao divino Salvador: Ó' Deus de minha alma: sois um bem infinitamente maior do que todos os outros bens; sois o único objeto de todo o meu amor. Nada desejo aqui na terra; mas se me fosse permitido desejar alguma coisa, quereria possuir todos os tesouros deste mundo para renunciá-los imediatamente por amor de vós. Destruí em mim toda a inclinação que não tiver a vós por objeto e fazei que eu viva únicamente para vos agradar.

6. *Castidade.* — Quanto à santa pureza, nunca tenhas em conta de demasiada toda e qualquer precaução. "O sábio teme e foge, diz a Sagrada Escritura; só o louco confia em si mesmo e sucumbe" (Prov 14, 16). Quem se expõe voluntàriamente à ocasião de pecado, dificilmente se preservará da queda. Evita, por isso, toda a familiaridade com pessoas de outro sexo, por mais piedosas que sejam elas, pois o demônio sabe prender entre si as pessoas piedosas por uma certa inclinação natural, que é contrária à pureza do coração; ele não as incita ao princípio a grandes pecados, mas

condu-las, se elas não se acautelam, pouco a pouco, à beira do abismo. Por isso, logo que notares qualquer inclinação desregrada no teu coração, procura sufocá-la imediatamente, porque, se a deixares crescer, será, mais tarde, dificílimo arrancá-la e destruí-la.

Guarda cuidadosamente tuas vistas, para que não sejas obrigado a exclamar, um dia, chorando e suspirando: "Meus olhos perderam minha alma" (Lam 3, 51).

No falar observa a maior modéstia, e se tiveres de ouvir conversas inconvenientes, foge quanto antes e, se isso não te for possível, segue o conselho do Espírito Santo: "Circunda teus ouvidos de espinhos e não queiras ouvir a língua perversa" (Ecli 28, 28). Corrige aquele que entretém tais conversas ou, ao menos, dá mostras de que uma tal conversa te desagrada.

Procura repelir de teu coração todos os pensamentos desonestos logo que os perceberes. Não entres em questão alguma com o demônio, mas arma-te imediatamente com a oração. A experiência ensina que aquele que recorre a Deus nas tentações não cai, ao passo que consente no pecado quem então deixa de rezar. Por isso, logo que fores atacado por uma tentação impura, invoca os santos nomes de Jesus e Maria; esses nomes têm o poder de afugentar o inimigo e apagar o fogo da impureza. Se a tentação perdura, não te perturbes por isso. Entrega-te então com toda a humildade à vontade de Deus, que permite essa provação, e dize: Senhor, por meus muitos pecados mereço ser molestado por tentações tão horrorosas; a vós compete, porém, auxiliar-me. Renova o propósito de antes morrer que ofender a Deus; persigna-te repetidas vezes com o sinal da santa cruz e toma a água benta; recebe os santos sacramentos, ajoelha-te aos pés de teu crucifixo ou de uma imagem de SS. Virgem e pede e suplica até que venha o auxílio.

Habitua-te a rezar, de manhã, ao levantares, três Ave-Marias em honra da pureza imaculada da SS. Virgem e faze o mesmo de noite, ao te acomodares.

7. *Obediência.* Se queres andar seguro no caminho da perfeição, deixa-te guiar por teus superiores, quanto às coisas externas, e obedece, em tudo que diz respeito a teu interior, a teu diretor espiritual.

Os negociantes, para se assegurarem de seus negócios, exigem que outros prestem fiança; do mesmo modo, para assegurar teu eterno ganho, deves procurar a fiança da obediência para tuas obras todas.

Persuade-te, por isso, vivamente de que é a Deus que obedeces quando obedeces a teus superiores. Se Jesus viesse pessoalmente para te encarregar de algum negócio ou ofício, recusar-te-ias talvez a obedecer-lhe ou desculpar-te-ias? Ora, é muito mais certo que é Deus mesmo quem te fala, quando teus legítimos superiores te mandam alguma coisa, do que quando Jesus, aparecendo-te, te incumbisse de alguma coisa, porque essa aparição poderia basear-se em um engano, ao passo que está fora de dúvida que Deus disse, em relação aos superiores: "Quem vos ouve, a mim ouve" (Lc 10, 16).

Esforça-te, portanto, para obedeceres em tudo que não for claramente pecado, com toda a prontidão, alegria e simplicidade. Não te faças muito rogar: um verdadeiro obediente não demora, não se desculpa, não mostra sua repugnância interna por um rosto enfadado, mas começa a executar imediatamente o preceito com alegria, nem sequer espera a ordem expressa do superior: basta saber que é sua vontade dirigir-se conforme isso.

Não desejes igualmente saber as razões por que te mandaram fazer isto ou aquilo, pois assim tua obediência seria muito imperfeita. Se quiseres ser muito agradável a Jesus Cristo, suplica a teus superiores que te tratem inteiramente conforme o seu parecer e sem consideração alguma por ti; o merecimento da obediência será então muito maior. Esforça-te para que tua obediência se origine sempre da intenção de cumprir com a vontade de Deus, porque, se a praticares com outra intenção, por exemplo, para granjear a benevolência de teus superiores, satisfarás aos homens, mas não a Deus.

Em casos duvidosos, faze aquilo que julgas que teus superiores ordenariam; e se não puderes resolver de forma alguma, faze aquilo que é mais oposto à tua inclinação.

8. *Humildade e mansidão.* — Dize, muitas vezes, com S. Agostinho: "Senhor, fazei-me conhecer quem sois vós e quem sou eu, para que vos ame e me despreze". Sabes quantos pecados cometestes; sabes que tua vida inteira é uma cadeia ininterrupta de faltas e que merecestes talvez mais castigo do que recompensa por tuas boas obras, visto estarem cheias de imperfeições. Persuade-te, pois, que ignomínia e desprezo é que mereces e alegra-te quando os tiveres de suportar.

Nunca fales coisa alguma em teu louvor, quer se trate de teus talentos, de tuas boas obras, de teres ilustre descendência ou de qualquer outra prerrogativa. Quando, porém, fores louvado por outros, humilha-te interiormente, lançando uma vista a teus pecados. Sendo criticado, não te irrites com isso, agradece antes a quem te repreende, pois seria muito injusto, como diz S. Bernardo, se quisesses te irritar contra aquele que te mostra o caminho da salvação. Mesmo sendo a repreensão injusta, deves, por amor à santa humildade, renunciar à tua defesa, a não ser que a tua justificação seja necessária para evitar um escândalo público. Convence-te que, para chegares à perfeição, deves ser humilhado sensivelmente.

Ainda que todos que te circundam fossem santos, Deus saberia dispor as coisas de tal maneira que encontrarias toda a espécie de contradição, e serias desprezado, criticado e posposto aos outros. Por isso toma a peito a bela admoestação que o Pe. Torres dava a seus penitentes: "Rezai todos os dias um Padre-Nosso e uma Ave-Maria em louvor da vida desprezada de Jesus e oferecei-vos para suportar não só com calma, mas até com alegria, toda a adversidade e desprezo que Deus vos enviar; pedi-lhe ao mesmo tempo seu auxílio para que possais executar a vossa resolução"

Não te deixes dominar jamais pela ira, aconteça o que acontecer. Se às vezes te sentires internamente irritado, encomenda-te

quanto antes a Deus, reprime tua língua e nada faças antes de se acalmar por completo tua irritação.

Se tiveres de dar alguma ordem a alguém, faze-o mais suplicando do que mandando. Se tiveres de agir com severidade, acautela-te contra todo o azedume, tão desaprovado por S. Tiago; ajunta sempre à séria exortação algumas palavras de bondade.

Mostra-te benévolo e caridoso para com todos, em toda a ocasião e lugar, mas especialmente quando encontrares alguma contradição. Para esse fim prepara-te na oração para todas as contrariedades que te poderão suceder; assim praticaram os santos e essa prática levou-os a suportar com paciência todas as ofensas, e até pancadas e maus tratos. Não percas igualmente a coragem à vista de teus próprios defeitos, mas ergue-te com toda a tranquilidade de tua queda, humilha-te diante de Deus e continua resolutamente o teu caminho.

9. *Mortificação.* Nunca percas de vista esta bela sentença de S. Teresa: Quem julga que Deus admite à sua amizade pessoas que amam a comodidade, engana-se redondamente. "Os que são de Cristo, crucificaram sua carne com seus vícios e concupiscência", diz o Apóstolo (Gál 5, 24). Por isso considera como uma dádiva divina toda a ocasião de te mortificares e não deixes passar nenhuma sem te aproveitares dela.

Reprime teus olhos e não os detenhas em coisas que satisfazem ùnicamente a curiosidade. Evita toda conversação em que se trata ùnicamente de novidades ou de outras coisas mundanas. Esforça-te sempre em mortificar o paladar: nunca comas e bebas ùnicamente para contentar tua sensualidade, mas só para sustentar teu corpo. Renuncia voluntàriamente aos prazeres lícitos e dize generosamente, quando ouvires falar das alegrias do mundo: "Meu Deus, só a vós eu quero e nada mais".

Faze com fervor todas as mortificações externas que a obediência e as circunstâncias permitirem. Se não puderes mortificar teu corpo com instrumentos de penitência, pratica ao menos a paciência nas doenças, suporta alegrèmente toda incomodidade que consigo traz a mudança do calor e do frio; não te queixes quando te faltar alguma coisa, alegra-te antes quando te faltar até o necessário.

Mas principalmente a mortificação interna é que deves praticar, reprimindo tuas paixões e nunca agindo por amor-próprio, por vaidade, por capricho, ou por outros motivos humanos, mas sempre com a única intenção de agradar a Deus. Por isso, enquanto possível, deves te privar daquilo que mais te agradar e abraçar o que desagrada a teu amor-próprio. Por exemplo: quererias ver um objeto: renuncia a isso justamente por te sentires levado a contemplá-lo; sentes repugnância por um remédio amargo: toma-o justamente por ser amargo; repugna-te fazer benefícios a uma pessoa que se mostrou ingrata para contigo: faze-o justamente porque tua natureza se rebela contra isso. Quem quer pertencer a Deus, deve se violentar incessantemente e exclamar sem interrupção: Quero renunciar a tudo, contanto que agrade a Deus.

10. *Recolhimento de espírito.* Se quiseres entreter-te continuamente com Deus, ama a solidão. Toma a peito as palavras que o Senhor disse um dia a S. Teresa: "Com que gosto não falaria eu com muitas almas; mas o mundo faz tanto barulho em seus corações, que elas não ouvem mais a minha voz" Por isso ocupa-te com o mundo só tanto quanto o exigirem teus deveres de estado, a obediência ou a caridade. Prepara no íntimo de teu coração uma câmarazinha escondida para aí te recolheres em Deus. Para isso tem em grande apreço o silêncio, pois quem não o ama nunca achará a solidão. Segue o conselho de S. Efrém: "Fala muito com Deus e pouco com os homens".

Marca uma hora certa do dia para o silêncio e retira-te durante ela para um lugar solitário. Se isso não te for possível, procura ganhar de vez em quando alguns momentos livres para o recolhimento interior.

Compenetra-te bem da verdade de que Deus está a teu lado em toda a parte e observa todas as tuas ações. "Nele vivemos, nos movemos e somos" (At 17, 28). Esse pensamento te ajudará a evitar todo o pecado e ter em vista ùnicamente o beneplácito de Deus em tudo que fizeres. Acostuma-te a dirigir tuas vistas das criaturas a Deus, que lhes deu a existência e destinou-as ao nosso serviço. Faze então atos de agradecimento e amor, recordando-te que Deus, desde toda a eternidade, pensou em obrar tantas maravilhas para ganhar teu coração. Procura, além disso, avivar a tua fé na verdade de que Deus mora de um modo especial em tua alma. "Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós?" (1 Cor 3, 16). Ele habita em ti cheio de amor e bondade para te iluminar, te dirigir e te assistir em tudo que pode servir para tua eterna salvação. Acostuma-te por isso a falar com ele da maneira mais íntima, cheio de confiança e amor como com teu melhor amigo. Ele gosta que te entretenhas mui familiarmente com ele. Os amigos, no mundo, têm suas horas marcadas, em que se entretêm mùtuamente e as em que estão separados uns dos outros; mas não há hora de separação entre Deus e ti, contanto que queiras. Ele não se separa de ti, mesmo quando descansas.

Fala, portanto, com ele tanto quanto te for possível; se amas, sempre terás alguma coisa a dizer-lhe. Trata com ele a respeito de teus negócios, teus planos, teus sofrimentos e tudo o que te diz respeito. Ele acha satisfação se lhe comunicas tudo, mesmo as mínimas coisas, até as mais vulgares. Entretém-te repetidas vezes com ele por meio de curtas mas fervorosas jaculatórias e suspiros de amor. Se te ocupaste por mais tempo com negócios que distraem, cuida em te recolher novamente em Deus por meio de piedosas aspirações.

11. *Oração.* Jamais duvides que é só por meio da oração que podes alcançar a tua salvação e chegar à perfeição. Para vencer as tentações, praticar as virtudes e guardar perfeitamente os mandamentos da lei de Deus, precisas no momento decisivo de um especial auxílio da graça, o qual Deus te concede ùnicamente por meio da oração, e da oração perseverante. Especialmente no tem-

po da tentação deves recorrer a Deus, pedindo-lhe seu auxílio, ao menos pela invocação dos santíssimos nomes de Jesus e Maria.

Antes de rezar prepara teu coração. Pondera que vais falar com Deus para obter sua misericórdia; que os anjos olham para ti com turíbulos de ouro nas mãos e estão prontos a oferecer a Deus tua oração como um agradável incenso. Esforça-te, por isso, para rezar não só com os lábios, mas também com o coração, pois, contràriamente, em vez de obteres graças, só provocarias a ira de Deus contra ti. Procura rezar com especial devoção aquelas orações que mais se repetem, como o Padre-Nosso, a Ave-Maria e o Glória Patri. Dedica-te com grande zelo à prática das jaculatórias que não estão ligadas a lugar algum, nem a nenhum tempo.

Faze tuas orações com humildes sentimentos e com uma firme, constante e inabalável confiança. Se te parecer que Deus não quer te atender, continua a rezar e a confiar apesar disso, porque é certo que Deus ouve a todos que lhe suplicam com confiança e perseverança.

Alimenta também um amor especial pela oração mental e consagra-lhe cotidianamente tanto tempo quanto te for possível. Liga toda a importância aos atos da vontade: faze atos de humildade, de confiança, de abnegação própria, de arrependimento e principalmente de amor. Não permitas que teus pensamentos vaguem a seu bel-prazer, mas, se involuntàriamente sofreres distrações, não te inquieles por isso, não deixes a oração.

Igualmente não deves abandonar a oração por causa da aridez espiritual, ainda que ela dure toda a tua vida. Humilha-te então e dize, cheio de resignação na vontade de Deus: Senhor, estou plenamente resignado com me privares das vossas consolações, não as mereço e não as reclamo. Basta-me saber que não repelis uma alma que vos ama. Estou satisfeito com tudo se puder dizer, em toda a verdade: O' Deus, eu vos amo e quero amar-vos sempre.

12. *Paciência.* Pondera que nesta vida, quer queiras, quer não, terás necessàriamente de padecer. Procura por isso padecer de maneira meritória, isto é, pacientemente; violenta-te e evita romper em queixas e lamentos. Se te venceres, Deus te fará experimentar durante a tribulação uma doçura desconhecida dos mundanos, mas muito conhecida daqueles que amam a Deus.

Se Deus te visitar com doenças, pobreza, perseguições e outras adversidades, humilha-te diante dele, e dize com o bom ladrão: "Recebemos o que merecíam nossas ações" (Lc 23, 41). E mesmo que não tenhas perdido a inocência batismal, certamente já terás merecido um longo purgatório. Por isso alegra-te se fores castigado neste mundo e não no outro.

Consola-te também nos sofrimentos internos com a esperança do céu. Recorda-te das palavras de S. Paulo: "Os padecimentos deste mundo não têm comparação com a glória futura que será manifestada em nós" (Rom 8, 18). "O que aqui é para nós uma tribulação momentânea e ligeira produz em nós, de um modo maravilhoso no mais alto grau, um peso eterno de glória" (2 Cor 4, 17).

Se tua vida te parecer insuportável, olha para teu divino Salvador, que te precede, carregando a cruz. Ouve o que ele diz: "Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo e tome todos os dias a cruz sobre si" (Lc 9, 23). Teu Salvador vai sempre adiante, e só pára ao chegar ao monte Calvário, para aí morrer por ti.

Acostuma-te a submeter-te já antecedentemente na oração a todos os sofrimentos que talvez te sobrevirão; assim procederam os santos e por isso estavam sempre prontos a abraçar todas as cruzes, mesmo as que lhes sobrevinham inesperadamente.

Suplica, finalmente, ao Senhor instantemente que te conceda a graça da paciência, pois, sem a oração, nunca obterás essa grande graça. Justamente na oração encontraram os santos mártires a coragem para suportar os mais atrozes tormentos e a morte mais ignominiosa. Se recorreres ao Senhor com confiança, ele te livrará dos teus padecimentos ou então te concederá a graça de suportá-los com paciência. Ele mesmo disse: "Vinde a mim todos que andais em trabalhos e vos achais carregados e eu vos aliviarei" (Mt 11, 28).

TERCEIRA PARTE

DOS CONSELHOS EVANGÉLICOS

Advertência

Todo o cristão, sejam quais forem o seu estado e condições de vida, pode, com a graça de Deus, chegar à perfeição tanto quanto ela é atingível neste mundo. Contudo, o caminho mais seguro para alcançá-la é a observância dos conselhos evangélicos, isto é, da pobreza voluntária, da castidade perpétua e da obediência perfeita a um superior espiritual.

S. Tomás de Aquino exprime essa verdade da seguinte maneira: "Se o homem evita colocar nas coisas temporais o fim de sua vida, pode então usar delas sem se tornar com isso infiel ao seu destino superior. Entretanto, mais fàcilmente atingirá seu fim eterno se se desprender por completo dos bens deste mundo. Para esse fim foram dados os conselhos evangélicos. Os bens deste mundo são de três espécies, a saber: as riquezas externas, compreendidas sob a concupiscência dos olhos; as satisfações da carne, compreendidas sob a concupiscência da carne; as honras do mundo, compreendidas sob a soberba da vida. Renunciar por completo a essas três espécies de bens, diz-se observar os conselhos evangélicos, e nisso baseia-se toda e qualquer sociedade religiosa, que aspira ao estado da perfeição: renuncia-se às riquezas pela pobreza; aos deleites da carne pela castidade perpétua e à soberba da vida pelo culto da obediência" (I-II, q. 108, a. 4).

A observância dos conselhos evangélicos pressupõe, porém, uma vocação especial e graças extraordinárias, como indica o divino Salvador, dizendo a respeito da castidade virginal: "Quem puder compreender, compreenda" (Mt 19, 12). A muitos, que se sentem fortemente levados a observar esses conselhos, não permite, por exemplo, a caridade, a sua observância. Quem tiver de sustentar a seus pais ou filhos a educar, não pode vender tudo o que possui para dar o produto aos pobres.

Deus mesmo não quer que todos os cristãos sigam os conselhos evangélicos; ele quer que os guardem aqueles que, para isso, foram chamados. Isso se dá particularmente com os religiosos. E' dever deles servirem-se dos meios aconselhados pelo evangelho para alcançarem mais fácil e seguramente a perfeição cristã. Para esse fim se obrigam eles, diante de Deus e da Igreja, por voto, a observar a pobreza voluntária, castidade perpétua e obediência perfeita a seus superiores espirituais. Segundo isso o estado religioso é definido

pelos teólogos como um estado de fiéis que fazem os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência, em uma sociedade aprovada pela Igreja e que, pela observância dos mesmos, tendem à perfeição.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Das prerrogativas do estado religioso

Depois de ter o povo de Israel sacudido o jugo de Faraó e abandonado o Egito, dirigiu Moisés as seguintes palavras ao Senhor: "Vós fostes, na vossa misericórdia, o guia do povo que resgatastes e o conduzistes, por vossa fortaleza, à vossa santa habitação" (Êx 15, 13). O mesmo se poderá dizer, com toda a razão, dos religiosos. Como os israelitas, no Antigo Testamento, eram em relação aos egípcios o povo querido de Deus, assim são os religiosos os favoritos do Senhor no Novo Testamento, em oposição aos mundanos. Como os israelitas se retiraram do Egito, país da tribulação e escravidão, onde Deus não era conhecido, assim os religiosos abandonam o mundo, que paga a seus servidores com amargura e aflição, e onde Deus é tão pouco conhecido. Como os israelitas, finalmente, foram conduzidos pelo deserto por uma coluna de fogo, assim no Novo Testamento são conduzidas almas privilegiadas pela luz do Espírito Santo ao estado religioso, que é comparável à terra da promissão.

Mas o estado religioso não é só comparável à terra da promissão aqui no mundo, como também à pátria bem-aventurada do céu. No céu não há desejo de bens terrestres e prazeres sensuais, e também não há vontade própria; no estado religioso se impede a entrada a esses desejos perniciosos pelos votos de pobreza, castidade e obediência. No céu ocupa-se sòmente com o louvor de Deus; o mesmo se dá no estado religioso, onde tudo que se faz visa o louvor de Deus. "Louvas a Deus, diz S. Agostinho ao religioso, se tratas dos negócios do convento; se estás ocupado na sacristia ou portaria; louvas a Deus quando comes ou bebes, quando te acomodas e dormes; numa palavra, louvas a Deus em tudo o que fazes" (In Ps. 146). No céu, finalmente, goza se de uma paz perpétua, porque os bem-aventurados acham em Deus todos os bens; no estado religioso também, porque se procura a Deus, se goza de uma paz que sobrepuja imensamente todas as delícias e gozos que o mundo pode oferecer.

Tem, pois, razão S. Maria Madalena de Pazzi, quando diz que o religioso deve ter uma grande estima a seu estado, porque a vocação à vida religiosa é a maior graça que, depois do batismo, pode Deus conceder a uma alma. Donde se segue que os religiosos devem prezar mais o seu estado do que todas as grandezas e reinos do mundo. Ele preserva-os dos pecados que cometeriam no mundo; ele entretém-nos incessantemente com exercícios de piedade; ele os faz merecer cotidianamente coroas inarcescíveis e, finalmente, assegura-lhes um trono magnífico, por toda a eternidade, depois desta

curta vida. Os religiosos seriam certamente ingratos se não agradecessem todos os dias a Deus de todo o coração esse grande favor.

As grandes vantagens que oferece a vida no estado religioso, ninguém melhor que S. Bernardo as soube descrever: "Não é esse um santo estado no qual vive o homem mais puramente, mais raramente cai, mais depressa levanta, anda mais precavido, sendo mais a miúdo refrigerado pelo orvalho, goza de uma paz mais segura, mais confiadamente morre, sendo mais depressa purificado e recompensado?"

Consideremos essas palavras uma por uma e vejamos que tesouros de graças cada uma encerra:

1. Primeiramente *se vive mais puro no estado religioso.* A pureza das obras consiste em praticá-las com a única intenção de agradar a Deus. Quanto maior é a influência que exerce sobre nossas ações a vontade de Deus em relação à vontade própria, tanto mais agradáveis são elas ao Senhor. Ora, essa pureza das obras se encontra em grau muito mais elevado nos religiosos que nos seculares:

Por mais fervorosa e santamente que alguém viva na mundo, encontra-se sempre mais vontade própria em suas ações que nas de um religioso. Uma pessoa devota, no mundo, dedica-se à oração quando ela quer, comunga quando quer, ouve a Santa Missa quando quer, faz a leitura espiritual, recita seu ofício quando quer. O religioso, porém, faz esses atos quando a obediência, isto é, Deus mesmo o quer, pois é o próprio Deus que lhe fala por seus superiores. Por conseguinte, um religioso que observa suas regras e obedece a seus superiores obtém merecimentos não só quando se ocupa com a meditação e outros exercícios de piedade, mas também quando trabalha, quando serve na portaria, quando come, se recreia ou descansa, porque, não sendo por próprio impulso mas por obediência que faz tudo isso, cumpre, em tudo, a vontade de Deus e acumula merecimentos para o céu.

Por isso diz o Abade Gilberto que as maiores obras dos religiosos são mais meritórias que as maiores obras dos seculares. S. Bernardo afirma que, se um secular fizesse a quarta parte do que faz um religioso, seria venerado como um santo. E, de fato, já se viu que vários daqueles que luziam no mundo como sóis, entrados no convento, perderam todo seu brilho junto dos religiosos com quem conviviam. Um religioso faz em tudo a vontade de Deus e pode dizer em verdade que pertence a Deus por completo.

A venerável Maria de Jesus, fundadora de um convento em Toulouse, costumava dizer que apreciava sumamente sua vocação por duas razões: primeiramente, porque o religioso está sempre ao pé de Jesus, que habita sob o mesmo teto com ele, no SS. Sacramento; em segundo lugar, porque pertence inteiramente a Deus pelo voto de obediência, tendo-lhe sacrificado com isso toda a sua vontade e toda a sua pessoa.

2. Em segundo lugar, *cai-se mais raramente, no estado religioso.* Visto que o religioso só raramente entra em contacto com o mundo, está por isso, menos exposto ao perigo de cair em pecado. S. Antão Abade viu o mundo cheio de ciladas e já antes delé o vira

S. João Apóstolo; por isso dizia ele que no mundo só há cobiça de prazeres sensuais, de riquezas e de honras (1 Jo 2, 16). Os votos que se fazem em religião secam essas fontes envenenadas: pelo voto de castidade, se impede a entrada aos prazeres sensuais; pelo voto de pobreza, se extermina a cobiça das riquezas, pelo voto de obediência se suprime a ambição de honras vãs.

E' verdade que se pode viver no século sem apego aos bens temporais; mas é sempre difícil, como se costuma dizer, lidar com pez sem se manchar. "O mundo está sob o poder do maligno", diz o apóstolo S. João (1 Jo 5, 19). S. Ambrósio assim explica estas palavras: "Todos os homens no mundo vivem sob o triste e tirânico jugo do pecado". O ar do mundo é contagioso e prejudicial para a alma; quem o respira, fàcilmente contrai uma enfermidade espiritual. As atenções humanas, os maus exemplos, as más companhias são um poderoso incentivo que arrasta os homens a se apegarem aos bens da terra e se afastarem de Deus. Todos sabem que as más ocasiões de que o mundo está cheio lançam inumeráveis almas na perdição: Essas ocasiões faltam por completo a um religioso que vive no convento. Por isso S. Maria Madalena de Pazzi beijava às vezes as paredes de sua cela, dizendo: O' queridas paredes, de quantos perigos vós me preservais! A Beata Maria Madalena Orsino, ao ver uma de suas irmãs rir, costumava dizer: Fazes bem em rir, querida irmã; tens toda a razão para estares alegre, visto que estás protegida contra os perigos do mundo.

3. Em terceiro lugar, *se levanta mais depressa no estado religioso.* Se um religioso tem a infelicidade de cair em um pecado, tem à sua disposição poderosos meios auxiliares para se erguer novamente; a regra, que o obriga à confissão, a meditação, que lhe traz à memória as verdades eternas, o bom exemplo dos outros, as admoestações dos superiores, todas essas coisas são excelentes meios de emenda. "Ai daquele que está só, diz o Espírito Santo, porque, se cair, não encontra quem o erga" (Ecle 4, 10). Quando os seculares pecam, raramente encontram quem os admoeste e repreenda, e, por isso, acham-se em grande perigo de se perderem. No estado religioso a coisa é inteiramente outra: se cai, o outro o auxilia a erguer-se.

4. Em quarto lugar *se anda mais precavido no estado religioso.* Um religioso possui meios muito mais eficazes para conseguir a vida eterna, do que todos os príncipes e reis de todo o universo. Estes não têm falta de grandes riquezas, prazeres, honrarias, exércitos e cortesãos que os sirvam; mas não encontram ninguém que ouse dirigir-lhes uma palavra séria para recordar-lhes os seus deveres; todos temem perder as boas graças dos príncipes se os avisarem de alguma falta: alguns até louvam e aprovam seu viver desregrado, para crescerem em suas boas graças. Um religioso, pelo contrário, é observado incessantemente por muitos olhos e, se comete alguma falta, não faltam pessoas que o repreendam, para que entre em si; os superiores, os zeladores marcados por eles, todos os confrades se interessam por ele e o admoestam ou lhe apontam os perigos a que está exposto; além disso os bons exemplos dos compa-

nheiros são outros tantos avisos e admoestações. Esses auxílios em relação à salvação eterna, que é o negócio mais importante deste mundo, são, aos olhos de qualquer cristão fervoroso, maiores bens que todas as grandezas e riquezas da terra.

Enquanto aos seculares se deparam muitos impedimentos quando querem fazer o bem, encontram os religiosos muitos empecilhos para praticar o mal. Antes de tudo, o cuidado com que se procura no convento evitar até as menores faltas é um dique poderoso e uma forte muralha contra os pecados mortais. O religioso vence as tentações para o pecado venial e adquire assim maiores forças para resistir às tentações para o pecado mortal. Se for, porém, uma vez vencido por fraqueza em coisas pequenas, então pede-se uma obra exterior de fortaleza, mas a fortaleza mesma fica de pé; essas pequenas perdas servem às vezes até para que se tome maior cautela dentro da fortaleza e se fortifique ainda mais.

Por essas pequenas quedas um religioso vê melhor sua fraqueza, humilha-se por isso ainda mais, desconfia igualmente mais de si mesmo e aprende a recorrer mais vezes e com maior confiança a Jesus Cristo e sua santa Mãe. Essas quedas, pois, não prejudicam o religioso porque o Senhor lhe estende a mão e o auxilia logo depois de se humilhar; elas até são proveitosas para sua vida espiritual, como vimos, porque o levam a desconfiar mais de si e ter maior confiança em Deus. O Beato Egídio, franciscano, costumava dizer que é melhor possuir um grau de graça no convento, onde esse grau fàcilmente cresce e difícilmente é perdido, do que dez graus no mundo, onde é difícil aumentá-los e mui fácil perdê-los.

Em quinto lugar, *no estado religioso se é mais amiúde refrigerado pelo orvalho da graça.* O divino Salvador agracia os religiosos com muitas luzes, consolações interiores, entretenimentos amorosos, quer na meditação, quer na santa comunhão, quer no coro, diante do SS. Sacramento, quer na cela, diante do crucifixo. As almas que vivem no século são semelhantes a árvores plantadas em terra seca, sobre as quais o orvalho do céu cai não só escassa mas raramente, porque lhes faltam os meios de atraí-lo. Quereriam rezar por mais tempo, comungar mais vezes, ouvir mais amiúde a palavra de Deus; quereriam retirar-se às vezes à solidão para se recolherem e se unirem mais estreitamente a Deus; isso, porém, não lhes é possível; os negócios seculares, os parentes, as visitas de seus amigos, as atenções humanas ou as exigências sociais não lhes permitem nada disso. Os religiosos, porém, se assemelham àquelas plantas felizes que se acham em uma terra fértil e são abundantemente regadas pelo orvalho celeste.

Nosso amante Senhor e Salvador concede às suas esposas nos claustros, incessantemente, luzes, inspirações, consolações espirituais nas meditações, sermões, leituras espirituais e a vista dos bons exemplos dos outros. Com toda a razão, pois, dizia a Madre Catarina de Jesus, carmelita, quando lhe recordavam as tribulações que lhe custou a fundação de seu convento: "Deus indenizou-me copiosamente por tudo isso com uma só hora que passei no estado religioso e na casa de sua santa Mãe"

Se está fora de toda a dúvida, como afirma S. Pedro Damião, que Maria, nossa Mãe celeste, ama todos os homens tão ternamente que só Deus a pode nisso superar ou igualar, que amor então não consagrará essa grande rainha aos religiosos que dedicaram ao amor de Jesus Cristo sua liberdade, sua vida e tudo o que possuem! Ela vê que a vida deles é em tudo semelhante à sua e à de seu divino Filho. Ela ouve seus louvores apregoados tantas vezes pelos religiosos. Ela sabe que eles se esforçam continuamente em render-lhe culto por meio de novenas, visitas às suas imagens, recitação do rosário, jejuns e outros atos de devoção. Quantas vezes não ajoelham os religiosos a seus pés, invocam-na com todo o fervor e pedem-lhe graças que correspondam inteiramente a seus desejos, como a graça da perseverança no serviço de Deus, a força de resistir às tentações, o desapego das coisas criadas, o amor de Deus.

Como poderíamos, pois, duvidar que Maria empregue todo o seu poder e toda a sua misericórdia em favor dos religiosos? Essa poderosa rainha é grata e não pode deixar de amar os que a amam (Prov 8, 19); ela é até tão generosa que, como diz S. André de Creta, costuma retribuir as menores homenagens com grandes graças. Ela promete livrar do pecado ao que a honra e se esforça para que os outros também a venerem. "Os que operam por mim não pecarão" (Ecli 24, 30). Além disso, lhes promete a bem-aventurança eterna: "Aqueles que me fazem conhecida terão a vida eterna" (Ecli 24, 31).

Os religiosos devem ser gratos a Nosso Senhor pela graça da vocação e também pelo motivo de serem tantas vezes admoestados e como que constrangidos pelos exercícios da Comunidade e pelo exemplo dos confrades a recorrer a Maria e a venerar incessantemente essa amorosa Mãe, que é chamada, com toda a razão, a alegria, a esperança, a vida e a salvação de todo aquele que a venera e invoca.

6. Em sexto lugar *goza-se de uma paz mais segura no estado religioso.* A paz da alma é um bem mais precioso que todos os reinos do mundo. Que nos aproveita a posse do mundo inteiro, sem a paz interior? E' preferível viver como um pobre lavrador e gozar da paz da alma, do que ser senhor do universo, mas sem a paz do coração. Quem nos poderá dar essa paz? Talvez o mundo? Não, a paz é um bem que só de Deus nos pode vir: "O' Deus, assim reza a Santa Igreja, concedei a vossos servos aquela paz que o mundo não pode dar". Por isso o Senhor é chamado por S. Paulo "o Deus de toda a consolação" (2 Cor 1, 2).

Se, porém, é só Deus que pode dar a paz, a quem deverá ele concedê-la senão aos que abandonaram tudo e se desprenderam de todas as criaturas, para se dedicarem inteiramente a seu Criador? Por isso é que vemos que os religiosos que vivem segundo as prescrições de sua Regra, estão mais contentes em suas estreitas celas, apesar de suas mortificações, desprezo e pobreza, do que os grandes do mundo, com suas riquezas, honras e prazeres.

Feliz daquele religioso, pois, que ama a Deus e sabe avaliar a graça que ele lhe fez, arrancando-o do mundo para o convento.

Aí gozará ele, se procurar vencer suas paixões pela mortificação e morrer a si mesmo, aquela paz que, segundo a expressão do Apóstolo, sobrepuja toda a compreensão. Debalde se procurará entre os mais felizardos do mundo, entre os príncipes e as princesas, entre os reis e as rainhas, alguém que viva mais contente e feliz do que um religioso que, livre de todo o apego mundano, procura agradar a Deus.

A pobreza não oprime o religioso, pois é ela uma jóia preciosa que escolheu e ele se alegra quando sente seus efeitos. A mortificação dos sentidos não o aterroriza desde que entrou no estado religioso para os crucificar. O jugo da obediência não lhe pesa, porque quis fazer a Deus o maior sacrifício, oferecendo-lhe sua vontade própria. Não se entristece vendo-se humilhado, porque para isso foi que veio à casa de Deus. "Prefiro ser antes o último na casa de Deus a morar nas tendas dos pecadores" (Sl 83, 11). Não o incomoda a clausura; antes lhe causa consolação, porque o preserva das inquietações e perigos do mundo. Não acha pesado ter de servir a Comunidade, ver-se desprezado, estar doente ou sofrendo, porque tudo isso torna-o mais agradável a Jesus Cristo. Finalmente, não o aflige o ter de observar a Regra, porque se a observância da Regra traz consigo incômodo e trabalho, contudo, isso não é outro peso que o das asas de que precisa, para voar para Deus e unir-se a ele.

Que consolação não deve sentir um religioso, sabendo que se encontra em um estado em que seu coração pertence por inteiro a Deus e em que pode exclamar, com S. Francisco: "Meu Deus e meu tudo".

Contudo, têm os religiosos também as suas cruzes, pois a terra é um lugar de merecimentos e, por conseguinte, um lugar de sofrimentos. As dificuldades da vida comum custam muito ao homem; as repreensões dos superiores, assim como as suas respostas negativas, doem sempre; a mortificação dos sentidos é penosa; o amor-próprio queixa-se quando se tem de sofrer injustamente desgostos e humilhações de seus confrades. Mas todos esses sofrimentos transformam-se em consolação e alegria para um religioso que quer pertencer inteiramente a Deus.

Segundo S. Boaventura, o amor de Deus é um mel que dulcifica as coisas mais amargas. O venerável César de Bustis escreveu certa vez a seu sobrinho, que era religioso, as seguintes palavras: "Querido sobrinho. Se contemplares o firmamento, pensa no céu; se lançares teu olhar sobre a terra, pensa no inferno, onde se padece sempre, sem um instante de descanso; se vires teu convento, pensa no purgatório, onde se sofre, mas também onde se goza de paz e se está seguro da eterna bem-aventurança". E poderíamos nós, talvez, fazer uma coisa mais bela do que padecer com uma consciência tranquila, na graça de Deus e com certeza de que todos os nossos sofrimentos se transformarão um dia em pedras preciosas para a nossa coroa celeste? As mais belas pérolas que brilham nas coroas dos santos no céu são os sofrimentos que, nesta vida, suportaram com paciência e resignação na vontade de Deus.

Nosso Senhor é, contudo, tão grato e fiel que ele, muitas vezes, recompensa já aqui com consolações internas o que se padece com paciência por amor dele. A experiência ensina que aqueles religiosos que procuram satisfação e consolação nas criaturas não são tão felizes como aqueles que se mortificam generosamente.

Fiquemos convencidos que só Deus pode contentar o nosso coração, e não os prazeres sensuais, as honras, as riquezas e o mundo com todos os seus bens. Por isso, dizia S. Escolástica que, se os homens soubessem que paz experimentam os religiosos, o mundo inteiro se transformaria em um convento, ou, como dizia S. Madalena de Pazzi, os homens assaltariam os conventos para serem neles admitidos, e renunciariam alegremente a todos os prazeres que o mundo lhes oferece. S. Lourenço Justiniano diz: "Deus oculta propositadamente aos homens a felicidade do estado religioso, porque, se todos conhecessem, quereriam todos fazer-se religiosos".

Para uma alma que ama a Deus já a solidão unida com o silêncio e a tranquilidade que aí se encontram é um antegosto da bem-aventurança celeste. O Pe. Carlos de Lorena, sacerdote da Companhia de Jesus, descendente de linhagem imperial, costumava dizer que Deus o indenizava com um momento da paz que gozava em sua cela de tudo o que deixara no mundo; muitas vezes era tão grande a alegria que experimentava na sua querida solidão, que não podia conter-se de saltar de alegria. S. Serafim de Ascoli, capuchinho, dizia que não trocava um palmo de seu cordão por todos os reinos do mundo. O irmão cisterciense Arnoldo, ao comparar as riquezas e honras da corte que ele abandonara com as consolações que sentia no seu convento, exclamava: O' meu Jesus, cumpris exuberantemente a vossa promessa para com aquele que por vós abandona tudo, recompensando-o cem vezes mais. Os religiosos de S. Bernardo levavam uma vida mui rigorosa, mas Deus concedia-lhes em sua solidão tantas consolações, que temiam com isso já terem recebido sua recompensa aqui na terra, pelo pouco que tinham feito.

7. Em sétimo lugar, *morre-se com maior confiança no estado religioso.* Alguns não ousam entrar no convento, de medo de se arrependerem mais tarde. Desejava eu, entretanto, que todos os cristãos, na escolha de estado, pusessem diante dos olhos a hora da morte, da qual depende seu destino eterno, e não a hora da vida. Em tal caso os interrogaria onde poderiam esperar morrer com maior contentamento, em uma casa secular, rodeados de seculares, aflitos pelos filhos que têm de deixar, cheios de pensamentos seculares e atormentados por mil escrúpulos de consciência, ou na casa de Deus, no meio de piedosos irmãos de Ordem, que lhes falam continuamente de Deus, que por eles rezam e os preparam e fortalecem para a grande viagem da eternidade. Representa-te de um lado uma princesa que morre em uma sala de seu palácio suntuosamente ornamentado, rodeada de muitos criados e criadas, de seus filhos, de seu esposo e seus parentes; de outro lado uma freira, que morre em uma pobre cela de seu convento, mortificada, humilhada, longe de seus parentes, desprendida do mundo, sem bens terrenos, sem

vontade própria, e dize-me então, qual das duas morrerá mais contente? a rica princesa ou a pobre freira?

Ah! as riquezas, as honras, os prazeres que desfrutamos no mundo não são próprios para nos causarem consolação na hora da morte, antes muito servem para nos ocasionarem aflição e desconfiança a respeito de nossa salvação eterna. Pelo contrário, a pobreza, as humilhações, as penitências, o desapego do mundo tornam a morte doce e amável e aumentam a esperança daquela bem-aventurança que é a única verdadeira felicidade e que não terá fim.

Nosso Senhor prometeu que todo aquele que abandonar por seu amor sua casa e seus parentes alcançará a vida eterna. "Deus não pode mentir, escreve S. João Crisóstomo a uma religiosa; ora, ele prometeu a vida eterna àquele que abandona o mundo por seu amor. Tu o abandonaste; como poderás, pois, duvidar da realização dessa promessa?" (De Provid., l. 1).

S. Bernardo chama fácil o caminho da cela para o céu; pois é incrível que um religioso que morrer em sua cela não se salve, diz ele, porque dificilmente perseverará em sua cela aquele que não foi predestinado para o céu (De vit. solit.). Essa mesma convicção levou S. Lourenço Justiniano a dizer que o estado religioso é uma porta para o céu; pois a vocação para ele deve ser considerada como um sinal evidente de que se foi predestinado a fazer parte da companhia dos bem-aventurados no céu. Com toda a razão, pois, Gerardo, irmão de S. Bernardo, ao morrer em seu convento, entoou um cântico de alegria, desde que Deus mesmo diz: "Felizes os mortos que morrem no Senhor" (Apoc 14, 13). Que mortos são esses, que morrem no Senhor, senão os religiosos, que, por seus votos, principalmente pelo da obediência, morrem ao mundo e a si mesmos, renunciando por completo a sua vontade própria?

O Pe. Januário Sarneli, pouco antes de sua morte, dirigiu estas palavras ao Senhor: "Senhor, vós sabeis que tudo o que fiz, tudo o que pensei visava a vossa glória; agora anelo ver-vos face a face, se isso vos aprouver; por isso, espero ter uma agonia tranquila". Começou então a entreter-se em doces colóquios com Deus e, pouco depois, faleceu com um doce sorriso nos lábios. Seu corpo começou a espalhar imediatamente um suave cheiro, que por vários dias impregnou o quarto em que jazia. Com razão, pois, exclama S. Bernardo referindo-se ao estado religioso: "O' vida feliz, em que se espera a morte sem temor e que até se deseja e abraça com amor".

8. Em oitavo lugar, *se abrevia o seu purgatório no estado religioso*. S. Tomás ensina que é remetida aos religiosos, no dia de sua profissão, toda a culpa e a pena devida a todos os pecados que cometeram no mundo (II-II. q. 189, l. 3). A razão que ele dá é de que, pela entrada no convento, se consagra inteiramente ao serviço de Deus. E acrescenta que se lê na "vida dos Padres" que os religiosos recebem nesse dia a mesma graça que se recebe no santo batismo. Quanto às faltas que os religiosos cometem depois da profissão, eles as expiam fàcilmente durante a vida, por meio de suas orações, santas comunhões, mortificações e outros exercícios piedosos que prati-

cam todos os dias. E mesmo que um religioso não tenha expiado inteiramente seus pecados antes de sua morte, ainda assim não permanecerá por muito tempo no purgatório, porque as muitas missas que serão oferecidas em seu sufrágio, as orações da Comunidade e dos religiosos em particular o libertarão em pouco tempo de seus sofrimentos.

9. Em nono lugar, *um religioso será recompensado mais largamente*. Os seculares são o mais das vezes cegos e não conhecem o valor da vida eterna, em comparação da qual a presente vida é como que um momento. Se conhecessem claramente a importância da vida futura, certamente abandonariam suas casas e chegariam até a descer do trono para se fecharem em um convento e se ocuparem ùnicamente com o grande negócio de sua salvação eterna, na qual, no mundo, só com grande esforço se poderá trabalhar como se deve.

Louvai, portanto, a Deus e agradecei-lhe sem interrupção, vós a quem ele deu a luz necessária e a força requerida para abandonardes o mundo e vos refugiardes em sua casa. Mostrai-lhe vosso reconhecimento, servindo-o com fidelidade e com um zelo que corresponda a tão grande graça. Ponde em paralelo todos os bens que o mundo tem e a bem-aventurança eterna, que Deus prepara aos que por seu amor renunciam àqueles bens, e vereis que existe maior semelhança entre um grãozinho de areia e a terra inteira, do que entre os bens desta terra, que logo passam, e os bens celestes, que duram eternamente.

Jesus Cristo prometeu àquele que abandona tudo por seu amor o cêntuplo neste mundo e a vida eterna no outro. Quem poderá duvidar desta verdade? Ora, é certo que Jesus Cristo cumpre sua palavra; além disso, ele é mais liberal na recompensa das boas obras do que rigoroso no castigo das más. Se ele prometeu não deixar sem recompensa um copo d'água que se dá a um sedento por amor dele, como poderá deixar de recompensar abundantemente tantas boas obras, tantos atos de amor, tantas mortificações no comer e beber, tantas orações mentais e vocais, tantas leituras espirituais que pratica um religioso que aspira à perfeição?

Além disso, deve-se notar bem que as obras feitas por obediência e em cumprimento fiel dos votos de religião são muito mais meritórias do que as boas obras dos seculares. Um irmão leigo da Companhia de Jesus, chamado Lacei, apareceu a certa pessoa, depois de sua morte, e disse-lhe que tanto ele como o rei Filipe II de Espanha se tinham salvado, mas que sua glória no céu excedia à do rei Filipe muito mais que a grandeza do rei à sua aqui na terra.

E' muito mais meritório sofrer a morte pela santa fé; contudo, parece que o estado religioso contém em si alguma coisa ainda mais excelente e meritória. O mártir submete-se aos tormentos para não perder sua alma; o religioso, porém, suporta-os para tornar-se mais agradável a Deus; se aquele é, pois, um mártir da fé, este é um mártir do amor perfeito de Deus. Pode-se afirmar sem temor que as almas mais agradáveis a Deus, aquelas que trilham o caminho da mais alta perfeição e edificam a Igreja com o perfume de suas

virtudes, se acham, em geral, nos conventos. E de fato, se considerarmos mesmo os mais piedosos dentre os seculares, quantos existem entre eles que se levantam à noite para se entregar à oração e cantar os louvores de Deus, que empregam cinco ou seis horas do dia nesses ou em semelhantes exercícios de piedade, que jejuam com tanto rigor e fazem tantas mortificações, guardam tão constantemente o silêncio e são tão solícitos em submeter sua vontade própria à dos outros, como se dá no convento?

Com razão, pois, diz S. Cipriano que as almas consagradas a Deus são as flores do jardim da Igreja e constituem a parte mais nobre do rebanho de Jesus Cristo. De modo semelhante se exprime S. Gregório Nazianzeno, que diz que os religiosos são as primícias do rebanho do Senhor, as colunas e a coroa da fé e as pérolas da Igreja. Tenho por certo que a maior parte dos lugares dos Serafins, perdidos por Lúcifer e seus desgraçados sequazes, serão ocupados pelos religiosos. Dos sessenta servos de Deus que a Santa Igreja colocou no número dos santos ou bem-aventurados, no século dezessete, só cinco ou seis não eram religiosos. "Infeliz do mundo se não houvesse religiosos", disse uma vez Jesus Cristo a S. Teresa.

Segundo S. Rufino, o mundo deve aos religiosos o existir ainda. Quando o demônio, portanto, quiser te atemorizar, apresentando a teus olhos a observância da Regra, a abnegação própria e a vida mortificada que deves levar para atingires teu sublime fim, eleva tuas vistas para o céu, e a esperança da bem-aventurança eterna te dará coragem e força para suportares tudo. Todas as mortificações, todos os trabalhos e penas desta vida terão um fim, e então seguirão as alegrias do céu, que nada deixam a desejar e duram eternamente, sem que se precise temer que elas uma vez hajam de terminar ou diminuir.

CAPÍTULO SEGUNDO

Da perfeição que se exige dos religiosos

Cada cristão está obrigado a tender à perfeição. Essa obrigação segue-se do mandamento, obrigatório para todos, de amar a Deus com todas as forças. Além disso, por estarmos obrigados a nos conservar em graça, estamos também obrigados a nos aperfeiçoar cada vez mais no amor de Deus, porque é certo que quem não progride no caminho do Senhor, retrocede e se expõe ao perigo de cair no pecado. Se isso vale para todos os cristãos, vale muito mais para os religiosos. Estes têm uma obrigação maior de tender à perfeição, não só por causa das maiores graças e dos auxílios divinos mais eficazes que para santificarem, como também por causa dos votos e das regras que se obrigaram a observar.

Quanto ao modo como os religiosos devem tender à perfeição, diz S. Tomás (II. II. q. 189, a. 2) o seguinte: "O religioso não está obrigado a praticar todos os exercícios próprios para se adiantar na perfeição, mas está obrigado a praticar aqueles que estão preseri-

tos pela Regra por ele professada". Portanto, além das obrigações que lhe são impostas pelos votos, está ele obrigado à oração em comum, às comunhões e mortificações prescritas pela Regra, ao silêncio e a todos os outros atos da Comunidade.

Para se alcançar a perfeição, deve-se desejá-la incessantemente, como mostramos na primeira parte desta obra. Além disso, deve-se recomendar muito aquele meio que empregava S. Bernardo para reavivar o seu zelo; ele se perguntava muitas vezes: Bernardo, a que fim vieste aqui? Do mesmo modo todo o religioso deve dizer-se muitas vezes: Abandonei o mundo e tudo o que ele me oferecia para entrar no convento e tornar-me santo; porém, que faço eu? eu, não tendo bastantemente a santidade, por minha tibieza exponho-me a perder-me.

S. Jacinta Mariscotti levava, a princípio, uma vida muito tíbia, no convento de S. Bernardino, em Viterbo. Veio uma vez o Pe. Bianchetti, franciscano, como confessor extraordinário desse convento e, querendo Jacinta confessar-se, disse-lhe o bom Padre, em tom severo: "Sois uma freira? Então ficai sabendo que o céu não é para freiràs vaidosas e soberbas". Jacinta respondeu: Então abandonei eu o mundo para ir ao inferno? Pois não, disse-lhe o Padre, o inferno é o lugar para pessoas como vós; lançam-se nesse precipício aquelas freiras que vivem no convento como pessoas do século. Essas palavras fizeram a Irmã Jacinta entrar em si. Confessou-se, chorou amargamente sua vida passada e começou, desde esse momento, a trilhar o caminho da perfeição.

O pensamento de que se abandonou o mundo para se tornar santo, é muito próprio para despertar um religioso tíbio, reavivar seu zelo e fazê-lo vencer todos os impedimentos que obstam o seu esforço à perfeição. Se achares, pois, difícil, alma cristã, executar uma ordem de teus superiores, dize a ti mesma: Não vim ao convento para fazer a minha vontade; se quisesse isso, teria ficado no mundo; eu vim para cumprir a vontade de Deus pela obediência a meus superiores, e isto quero fazer custe o que custar. Se a pobreza te incomoda, dize: Eu não vim para viver na abundância e comodidade, mas para viver pobre por amor de Jesus Cristo, que, por amor de mim, quis viver ainda muito mais pobre. Se te suceder uma humilhação ou receberes uma repreensão, dize: Entrei na Ordem ùnicamente para ser humilhado, como mereço por meus pecados, e para agradar, assim, a meu divino Esposo, que foi na terra tão desprezado.

Eis aqui o que é amar a Deus e morrer ao mundo. Dize, por isso, muitas vezes a ti mesmo: Que me aproveitará ter deixado o mundo e me fechado entre quatro paredes e me privado de minha liberdade se, em vez de tornar-me santo, me expuser ao perigo de perder-me eternamente por minha tibieza?

E' muito útil a um religioso considerar e renovar os santos desejos e zelo que tinha ao entrar no convento. Sendo o Abade Agatão perguntado por um monge como deveria portar-se na Ordem, respondeu-lhe: Considera como estavas no dia em que abandonaste o mundo, e permanece assim tua vida inteira.

Recorda-te, pois, ó privilegiada esposa do Senhor, da firme resolução que uma vez fizeste de buscar ùnicamente a Deus, de nada mais querer do que o exigido pela obediência, de suportar todos os desprezos e penas por amor de Jesus Cristo. Uma tal recordação bastou para fazer voltar ao seu zelo primitivo um jovem religioso de que fala a vida dos Padres do deserto. "Querendo consagrar-se ao estado religioso, sua mãe procurava fazê-lo desistir, querendo provar-lhe com muitas razões que ele não a devia deixar. O jovem, porém, respondia sempre: Eu quero salvar minha alma. Ele permaneceu inabalável e realizou o seu projeto. Depois de algum tempo arrefeceu o seu zelo e entregou-se a uma vida muito tíbia. Sua mãe faleceu, o jovem também adoeceu gràvemente e viu-se um dia, em sonho, citado diante do tribunal de Deus; aí estava também sua mãe, que lhe fez a seguinte censura: Meu filho, como cumpriste a tua palavra? Disseste que querias salvar a tua alma. Para esse fim entraste no estado religioso, e que vida levas tu? O jovem entrou em si, em consequência dessa visão, recuperou sua saúde, e nunca mais se esqueceu do sublime fim de que sua mãe lhe falou; começou uma vida verdadeiramente piedosa e praticou tais penitências, que os outros o aconselharam que se poupasse; ele, porém, respondia: Não pude suportar a repreensão de minha mãe, e como poderei suportar a censura que Jesus Cristo me fará no dia do juízo, se eu não cumprir com os deveres de minha vocação?"

O religioso não se deve contentar com uma santidade vulgar, ele deve procurar tornar-se um grande santo e amar o mais ternamente possível a Jesus Cristo. Nosso Senhor quer que todos os homens o amem de todo o coração; mas esse mandamento de amor obriga de modo todo especial as almas que lhe são consagradas. Ouvindo o Pe. João José da Cruz um de seus confrades dizer que entrara no convento para salvar a sua alma, disse-lhe: Não, meu filho, não dizes bem: dize antes que entraste para te tornares santo.

O esforço de um religioso deve colimar em atingir o mais alto grau de amor de Deus. O' meu Deus, se os religiosos não amarem a Jesus Cristo de todo o coração, quem o fará?

Considera, alma cristã, quantas vezes o Senhor devia fazer uma seleção em teu favor antes de te tornares sua esposa. Primeiramente devia escolher-te, entre tantos outros seres que poderia criar, para te tirar do nada; em seguida, devia escolher-te entre tantos que nasceram no meio dos infiéis ou hereges, para te fazer uma filha da Santa Igreja, logo depois de teu nascimento, por meio do santo batismo; finalmente, escolheu-te entre tantos homens que vivem no mundo, onde estão expostos aos maiores perigos, e te concedeu uma imensidade de luzes e inspirações, e outras preciosas graças, para mover-te a entrar no estado religioso. Ora, se não amares a teu Deus de todo o teu coração, se não te entregares inteiramente a ele, quem então o fará? Vendo-se, porém, moços e moças, que poderiam gozar mais fàcilmente que outros das alegrias do mundo, em vista de seu nascimento e fortuna, abandonar tudo para se fecharem em um convento e viverem em pobreza, não se deverá dizer então com

o salmista: "Esta é a geração daqueles que, fora de Deus, nada mais buscam"? (Sl 23, 6).

Uma alma que se consagrou a Jesus Cristo não deve desejar outra coisa senão amor, viver de outra coisa senão de amor, buscar outra coisa senão crescer cada vez mais no amor; deve suspirar incessantemente pelo amor, quer esteja no coro, quer na cela, no dormitório, no jardim ou em outro qualquer lugar; a veemência de seu amor deve ser tão grande que suas chamas devem se espalhar não só por todo o convento, como também, fora dele, por toda a parte.

Um religioso que vive em uma comunidade acha um meio poderoso para a perfeição, dirigindo suas vistas para aqueles que se salientam por seu zelo e imitando-os nas virtudes em que se assinalam. Como a abelha colhe o seu mel de diversas flores, do mesmo modo, diz S. Antão, deve um religioso, que quer fazer-se santo, tirar proveito dos exemplos de virtude daqueles com quem vive. Um edifica com sua modéstia, outro com sua caridade, este com sua oração ininterrupta, aquele com seu zelo em receber a miúdo a santa comunhão, etc.

Todo o bom religioso deve se esforçar por imitar e até exceder os outros nas virtudes em que se distinguem. Os mundanos porfiam uns com os outros quem mais obtém riquezas, honras e prazeres terrestres; os religiosos, porém, devem rivalizar uns com os outros na humildade, na paciência, na mansidão, na caridade fraterna, no desejo do desprezo, na observância da pobreza, no amor à pureza e à obediência, em uma palavra: sua contenda deve sempre ter por fim: amar a Deus cada vez mais e procurar agradar-lhe mais de dia a dia. Os religiosos, pois, em todos os seus atos, devem procurar agradar a Deus e dar um bom exemplo ao próximo, para que este também aproveite e seja Deus mais glorificado.

Para se tender à perfeição na maneira conveniente, não basta desejá-la simplesmente ou alimentar um desejo ineficaz dela; deve esforçar-se também e empregar resolutamente os meios necessários à sua aquisição. Para isso não é necessário praticar coisas extraordinárias e sumamente difíceis; basta que se façam com aplicação e atenção os exercícios comuns, que se observe fielmente a Regra e se pratiquem as virtudes cristãs.

Contudo, um religioso que quer santificar-se não deve contentar-se com o que a Regra prescreve para todos, desde que a Regra deve atender também aos mais fracos. Devem-se praticar, com permissão do diretor espiritual, outros exercícios de oração, de caridade, de mortificação. "Não há nada perfeito que se não afaste de qualquer modo do vulgar", diz S. Bernardo. Um religioso que quer fazer unicamente o que vê os outros fazerem, nunca chegará a um alto grau de perfeição. Por isso deves te violentar, alma cristã, e empregar generosamente os meios que conduzem à perfeição. Para esse fim observa especialmente os pontos seguintes:

1. Tem um grande desejo de te fazeres santo.

2. Tem uma grande confiança no divino Salvador e em sua Mãe Santíssima.

3. Evita todo o pecado, toda a ofensa deliberada; tendo, porém, cometido uma falta, não percas a coragem, mas levanta-te de novo por meio de um ato de contrição e continua teu caminho tranquilamente.

4. Despe-te de todo o apego às criaturas, à tua vontade própria, à tua própria honra.

5. Procura agir sempre em oposição às tuas inclinações.

6. Observa a Regra de tua Ordem com toda a fidelidade, por mais insignificantes que pareçam alguns pontos.

7. Pratica o mais perfeitamente possível teus exercícios cotidianos.

8. Procura comungar muitas vezes, com licença de teu confessor, dedicar-te muito à oração e praticar a miúdo mortificações corporais.

9. Prefere sempre aquela ação que sabes ser mais agradável a Deus e mais contrária a teu amor-próprio.

10. Recebe de boa vontade das mãos de Deus todas as adversidades que te sucederem.

11. Ama aqueles que te perseguem e faze-lhes o bem.

12. Procura empregar todo o instante para o serviço de Deus.

13. Oferece a Deus todas as tuas ações com os merecimentos de Jesus Cristo.

14. Procura, de modo particular, oferecer-te a ti mesmo em sacrifício a Deus, para que ele disponha de ti e tudo o que te pertence como lhe aprouver.

15. Protesta incessantemente diante de Deus que nada mais desejas do que ser-lhe agradável e amar a Jesus.

16. Finalmente, pratica antes de tudo e sem interrupção a oração e recomenda-te, cheio de confiança, a Jesus Cristo e à SS. Virgem; tem uma confiança especial e uma devoção terna a Maria.

Concluo com as palavras que o Pe. Antônio Torres dirigiu, depois de um êxtase, a uma religiosa, que era sua penitenta. "Minha filha, ama a teu divino Esposo, que é o único que merece ser ternamente amado".

CAPÍTULO TERCEIRO

Do voto de pobreza

As máximas do mundo são diametralmente opostas às máximas de Jesus Cristo. Aos olhos do mundo as riquezas constituem o fundamento da grandeza; diante de Deus a pobreza é a base sobre a qual se apóia a santidade. Por isso todos os fundadores de Ordem procuram estabelecer firmemente em suas Ordens a pobreza perfeita, que reconheciam ser a condição essencial de uma vida claustral bem regulada. S. Inácio de Loiola chamava a pobreza um baluarte que circunda a fortaleza da vida espiritual e assegura a disciplina da Ordem (Const., p. 10, § 5). E, de fato, a experiência mostra que naquelas Ordens em que a pobreza é observada também se

observa a Regra, enquanto que lá onde a pobreza é infringida também o zelo e a observância da Regra cessam. Por isso dizia S. Teresa às suas irmãs: "Tende um grande amor à pobreza; enquanto reinar entre vós a pobreza, florescerá também a observância regular". Com razão é chamada a pobreza pelos Santos Padres a guarda das virtudes, pois ela é que conserva nos religiosos a mortificação, a humildade, o desapego e, especialmente, o recolhimento interior.

§ I. Noção e importância do voto de pobreza

Pelo voto de pobreza, os religiosos obrigam-se a nada possuir como próprio, fora dos limites demarcados por suas Regras, e a não se utilizar de coisa alguma sem permissão dos superiores. Sob a denominação de bens, aos quais os religiosos devem renunciar, ao menos quanto ao seu uso independente, entendem-se todos aqueles que podem ser reduzidos a um valor pecuniário, por exemplo, terrenos, móveis, pensões vitalícias, os rendimentos anuais de qualquer uma coisa, etc. Quanto aos bens espirituais, como honras, a boa fama, o direito de eleger ou apresentar alguém para um benefício regular, etc., não caem debaixo do voto de pobreza e o religioso não precisa renunciá-los. Isso vale também das relíquias, porque não podem ser reduzidas a um valor pecuniário.

Conforme isso, mesmo quando for permitido em tua Ordem ter propriedade, não podes ter para teu uso próprio outra coisa além daquilo que teus superiores te entregarem para esse fim. Aqui deve-se notar que a licença dos superiores é inválida se se refere a uma coisa injusta, pois os superiores não têm o poder de dar uma licença cuja concessão em si contenha uma injustiça. Além disso, deves saber que Deus exigirá severas contas dos religiosos a respeito da pobreza; por isso os superiores zelosos nunca deixam de castigar severamente todas as faltas contra a pobreza.

Conta-se do prior dos dominicanos, Reginaldo de Bolonha, que ele castigou severamente a um irmão leigo que tomara, sem licença, um pedacinho de pano de lã para consertar seu hábito e mandou queimar esse pano na sala do Capítulo, diante da Comunidade. O demônio toma rigorosa nota das faltas que cometem os religiosos contra a pobreza e apresentá-las-á um dia diante do tribunal de Jesus Cristo. S. Gertrudes viu o demônio coligir todos os flocos de lã que ela deixou cair por falta de atenção. Dionísio Cartusiano narra que uma freira, que se apossara, sem licença, de uma agulha com um fio de seda, viu, pouco depois, em uma visão, esses objetos nas mãos do demônio.

Para te preservares cuidadosamente de todas as faltas contra o voto de pobreza, nota que um religioso falta contra ela:

1. Quando emprega para outro fim aquilo que recebeu para um uso determinado.

2. Quando em casa ou fora dela recebe, conserva, troca, dá, empresta ou se utiliza de alguma coisa, mesmo referente à alimentação ou vestuário, sem licença do superior; mais, se inutiliza ou perde, ou deixa de entregar, por sua negligência, alguma coisa.

3. Quando, sem licença do superior, perdoa ao devedor alguma coisa daquilo que possui como propriedade.

4. Quando dispõe das coisas do convento de que está encarregado, de um modo que não corresponde à vontade do superior.

5. Quando esconde alguma coisa para subtraí-la à disposição do superior.

Para que um religioso possa receber ou dar alguma coisa, dentro dos limites de sua Regra, não necessita sempre de uma licença expressa de seu superior; basta uma licença tácita. Por exemplo, quando o superior vê o súdito dar ou receber alguma coisa e não o impede, podendo fazê-lo fàcilmente, ou quando existe em uma região o costume conhecido ou permitido pelos superiores de dar ou receber alguma coisa sem licença do superior.

Deve-se bem distinguir da licença tácita a licença presumida ou suposta, isto é, quando se julga que o superior atualmente ausente concederia, em tal caso, a licença se o súdito a pedisse. Quando essa suposição é realmente razoável, é lícito servir-se dessa licença sem faltar ao voto; contudo, deve-se comunicar a coisa mais tarde ao superior. Deve-se, porém, notar que não se pode fàcilmente supor uma permissão, a não ser que se tenha a convicção bem fundada de que ela seria concedida pelo superior, sendo-lhe pedida; pois deve precaver-se bem de supor alguma coisa que não deve ser suposta.

Deve-se finalmente notar que os religiosos que faltam em coisas graves contra o voto da pobreza não só cometem pecado mortal contra a justiça, estando obrigados à restituição, mas também são todas as vezes culpados de sacrilégio. Contudo, não cometem pecado mortal e não estão obrigados a restituir:

1. Se tomarem para seu uso, mesmo repetidas vezes, comestíveis, contanto que não tenham valor especial e a defraudação não cause dano considerável ao convento.

2. Se, ao tirarem alguma coisa, tiverem a intenção de restituí-la depois de algum tempo, ou se concedem para uso alheio alguma coisa que receberam para seu próprio uso, contanto que estejam certos de reentrega. Nesses casos, porém, cometem um pecado venial.

§ II. Grande valor da santa pobreza

Apesar de possuir todas as riquezas do céu e da terra, quis o divino Salvador viver em pobreza neste mundo, para que nós ficássemos ricos. Por seu exemplo, queria ele nos ensinar a amar a pobreza, para que nós, por meio dela, isto é, por meio do desapego dos bens perecíveis, adquiríssemos os bens eternos. Ele, o Filho de Deus, foi sempre pobre nesta terra. Pobre no nascimento, não tendo outro palácio senão um frio presepe, outro berço senão uma manjedoura, outra cama senão um pouco de palha. Pobre durante sua vida inteira e pobre em todas as coisas: pobre em sua morada, que consistia num único quarto, que servia de quarto de trabalho e de dormir; pobre em suas vestes, pobre em sua mesa. Pobre, finalmente, em sua morte, pois que nada mais deixou senão suas pobres

vestes, que os soldados repartiram entre si antes de sua morte, de forma que na sua sepultura foi preciso dar-lhe por esmola uma mortalha e um sepulcro estranho.

Disse uma vez o Senhor à Beata Ângela de Foligno: "Se a pobreza não fosse um tão agradável bem, não a teria escolhido e deixado como partilha a meus escolhidos" Os santos amaram tanto a pobreza, justamente porque viam a Jesus tão pobre.

Conversando um dia Luís de Granada e João d'Ávila e tratando da questão por que S. Francisco de Assis amou tanto a pobreza, opinava Luís de Granada que foi porque o Santo queria desprender-se por meio dela de tudo o que o podia impedir na união perfeita com Deus. João d'Ávila deu, porém, um melhor motivo, dizendo que S. Francisco amou tanto a pobreza porque amava ternamente a Jesus Cristo. E, de fato, uma alma que ama a Jesus Cristo não pode deixar de exclamar com o Apóstolo: "Todos os bens do mundo considero como esterco e renuncio a todos para ganhar a Jesus Cristo" (Filip 3, 8).

Aqueles que são verdadeiramente pobres de espírito, terão um dia a honra de julgar o mundo com Jesus Cristo, como o declarou o mesmo Senhor, quando Pedro lhe disse: "Eis que nós abandonamos tudo e vos seguimos; que receberemos pois por isso?" (Mt 19, 27), Jesus respondeu-lhe: "Vós, que me seguistes, na regeneração, quando o Filho do Homem assentar-se em seu trono de glória, assentar-vos-eis também sobre doze tronos para julgar as doze tribos de Israel". Deus prometeu, além disso, que retribuirá cem por um àquele que, por seu amor, renunciar aos bens terrestres, e isso não na outra vida, mas ainda nesta. "Quem abandonar sua casa, diz ele, seus irmãos, suas irmãs, etc., por amor de meu nome, receberá o cêntuplo e a vida eterna" (Mt 19, 29). Isso confirma o Apóstolo (2 Cor 6, 10), dizendo que os pobres voluntários, justamente por nada quererem possuir nesta terra, possuem tudo. Oh! como é rico um religioso que aqui nada possui de próprio e também nada deseja. Ele goza da verdadeira paz, que é mais preciosa que todos os bens do mundo, pois eles não podem contentar o coração do homem, que só em Deus encontra sua inteira satisfação.

§ III. Caracteres da verdadeira pobreza

Aqueles que praticam a santa pobreza, como já vimos, serão largamente recompensados tanto nesta vida como na futura. A única dificuldade consiste em encontrar almas que possuam em realidade o espírito de pobreza. Vejamos, por isso, quais devem ser os sentimentos de um religioso a respeito dos bens terrenos, para que possa ser chamado em toda a verdade pobre de espírito.

Não basta, em primeiro lugar, para que se seja pobre de espírito, não possuir nada, mas é preciso que igualmente não se deseje nada fora de Deus. Quem nada possui, mas deseja possuir riquezas, não tem a virtude da pobreza, mas sim os seus incômodos. Alma cristã, abandonaste o mundo e renunciaste a tudo; por que queres te expor agora, por causa dos míseros bens da terra, ao perigo de te condenares para sempre ou, ao menos, de não te san-

tificares? Contenta-te com um alimento simples e vestes pobres: "Tendo com que nos sustentarmos e nos cobrirmos, contentemo-nos com isso" (1 Tim 6, 8), diz S. Paulo. Procura santificar-te e, por causa de bens miseráveis, não te exponhas ao perigo de perder tua felicidade eterna, pois os que querem fazer-se ricos, diz o Apóstolo, caem na tentação e no laço do demônio e em muitos desejos inúteis e perniciosos, que submergem os homens no abismo da morte e da perdição (Id. v. 9).

Em segundo lugar, a pobreza de espírito requer que se desprenda não só das coisas importantes, mas também das insignificantes. Uma pena à qual está pegado um poucochinho de terra não pode elevar-se ao ar; assim também é impossível que um religioso, que possui a mínima coisa contra a pobreza, possa se unir perfeitamente a Deus e achar a verdadeira paz. Por menores que sejam os espinhos, isto é, as riquezas, sempre ferem e impedem o viajor de andar apressadamente.

Para que um religioso se torne perfeito, não é preciso que tenha deixado grandes riquezas; basta que renuncie ao pouco que abandonou, contanto que o faça também no desejo. S. Pedro deixou pouca coisa; mas renunciou a esse pouco de todo o coração. Por isso, dizendo a Jesus Cristo que tinha abandonado tudo para segui-lo, mereceu ouvir da boca do Salvador que no dia do juízo havia de sentar-se a seu lado para julgar o mundo com ele. Há religiosos que não gostam de preciosos adornos, mas que prendem seu coração a coisas insignificantes, em um livro, em um quarto ou em semelhantes coisas; esses não se libertaram do apego aos bens da terra, mas o transferiram das coisas grandes para as pequenas, e, por isso, essas insignificâncias lhes ocasionam tanta inquietação como as coisas importantes.

Em terceiro lugar, exige a pobreza de espírito que se ame a pobreza, e não só que se seja pobre, porque, como escreve S. Bernardo (Ep. 100), "não é aquele que é pobre que deve ser tido por virtuoso, mas aquele que ama a pobreza". O amor à pobreza consiste em suportar com alegria os efeitos dela: a fome, o frio, e, em especial, o desprezo que ela traz consigo, pois os pobres de espírito, diz S. Tomás, terão a honra de julgar o mundo em razão das humilhações que acompanham a pobreza. Dizia S. José Calazans que se não é pobre quando se sentem os incômodos da pobreza. Do mesmo modo se exprime a Beata Salomé, da Ordem de S. Clara: "E' ridicularizar-se aos olhos dos homens e dos anjos, não querer ser pobre, mas queixar-se quando falta alguma coisa". Quando S. Jacinta Mariscotti deu de mão a sua tibieza, entregando-se toda a Deus, começou imediatamente a retirar de sua cela tudo o que era supérfluo e a entregá-lo à superiora; deu-lhe até o seu hábito e vestiu um outro todo rasgado e consertado, que usara uma irmã pouco antes falecida.

§ IV. Diferentes graus da pobreza perfeita

I. — O primeiro grau da pobreza perfeita consiste em que um religioso nada possua como próprio, por isso deve considerar como emprestado tudo o que tem, e estar pronto a entregar tudo ao pri-

meiro aceno dos superiores; deve ser como uma estátua, que não se ensoberbece quando está vestida com gosto e não se entristece quando se lhe tiram novamente as vestes. Quem se aflige quando deve privar-se de alguma coisa por obediência, demonstra que não a possuía no verdadeiro espírito de pobreza. Quando, por isso, notares, alma consagrada a Deus, que teu espírito está preso a alguma coisa terrena, imita então a grande serva de Deus, irmã Maria da Cruz, carmelita descalça, que, ao sentir o primeiro apego a alguma coisa, privava-se imediatamente daquilo ou entregava-a à superiora rogando-lhe que dispusesse daquilo como entendesse. Deve-se conservar o coração inteiramente desprendido até daquelas coisas que se podem possuir sem faltar com a obediência.

II. — O segundo grau da pobreza perfeita consiste em não se ter em uso nada que seja supérfluo, pois toda a coisa supérflua é um impedimento para a união perfeita com Deus. S. Maria Madalena de Pazzi retirou todos os enfeites de seu pequeno altar de quarto e deixou lá ùnicamente o crucifixo. S. Teresa conta de si mesma que, quando possuía alguma coisa que lhe parecia supérflua, não havia possibilidade de recolher-se na oração enquanto não se privava dessa coisa: ela sabia perfeitamente como Deus é zeloso pela pobreza claustral. Se, por acaso, não existir uma vida perfeitamente comum na Ordem a que pertences, procura ao menos guardar a pobreza do modo como o fazem os mais zelosos e exemplares membros de teu convento a respeito do vestuário, da alimentação e do mobiliário.

Talvez me objetes: O que possuo, possuo-o com permissão dos superiores. — Respondo-te: Porque pediste, recebeste a permissão de usar tais coisas supérfluas; é certo que não as possuis como propriedade, mas perdes o merecimento da pobreza perfeita. — Mas eu não tenho apego ao que possuo, me replicarás ainda. Respondo-te: Se não precisas daquilo que possuis, em todo o caso a sua posse prejudica a pobreza perfeita.

Portanto, alma consagrada a Deus, se quiseres agradar a teu divino Esposo, cuida em privar-te de todo o supérfluo e se não souberes discernir o que deve ser tido por tal, pede a teus superiores que visitem a tua cela e retirem todo o desnecessário. Se amas verdadeiramente a pobreza, não precisas sobressair por tua particularidade, mas procurar que ninguém em teu convento seja mais pobre que tu. Deves, pois, te esforçar para ser pobre a todo respeito, pobre nas vestes, pobre no mobiliário de teu quarto, pobre na alimentação.

1) A respeito do vestuário, pratica a pobreza conforme o uso existente no teu convento. A veste deve servir à necessidade e não à vaidade: Todo o enfeite supérfluo indica uma alma vã. Não digo que deves trazer vestes rasgadas e sujas. Uma veste rasgada não convém: uma veste consertada, porém, está bem a um religioso que fez voto de pobreza. Desagrada-se muito a Deus quando se menospreza a pobreza no vestuário. Apareceu Jesus Cristo uma vez à irmã Constância da Imaculada Conceição, carmelita, por ter ela posto de lado um véu já rasgado, e disse-lhe: Assim desprezas o sinal que

te dei como à minha esposa? A filha do imperador Maximiliano II, irmã Margarida da Cruz, da Ordem das Carmelitas descalças, apareceu diante de seu irmão, o arquiduque Albrecht, com um hábito remendado; mostrando o príncipe sua admiração por isso, disse-lhe ela: Com estas pobres vestes sinto-me mais feliz do que todos os monarcas com sua púrpura.

2) Deves também guardar a pobreza no mobiliário de tua cela. Uma grande serva de Deus, a irmã Maria Madalena Carafa, no mundo duquesa de Andria, e depois freira no convento Sapienza, de Nápoles, não queria em seu quarto nem quadros nem muitos livros. Um só livro basta, dizia; nele se acham mais coisas do que as que se podem praticar. S. Teresa revistava todos os dias a sua cela para ver se não encontrava alguma coisa supérflua, e, deparando-se-lhe alguma, retirava-a imediatamente.

3) Quanto à alimentação, nunca conserves em tua cela frutas ou outros comestíveis. A venerável Madre Joana da Anunciação de Maria, a quem ordenaram os médicos uma certa espécie de doce, não permitiu que se guardasse isso em sua cela, mas que lhe trouxessem todas as tardes o estrito necessário.

III. — O terceiro grau da pobreza perfeita é não se queixar nem sequer quando falta o necessário. Disse uma vez a SS. Virgem a uma irmã franciscana: Minha filha, se tivesses tudo o que precisas, não serias verdadeiramente pobre; a pobreza consiste em possuir menos do que se precisa.

S Joana de Chantal dizia: "Nunca me considero mais feliz do que quando noto em mim um sinal da pobreza" S. Maria Madalena de Pazzi afligia-se quando a superiora lhe dava alguma coisa que lhe faltava. Faltando-lhe uma vez o pão na mesa, tanto se alegrou com isso que depois se acusou, julgando ter-se entregado a uma alegria descomedida. Às vezes exclamava ela: "Como seria eu feliz, se não encontrasse alimento sentando-me à mesa; se, querendo repousar, não encontrasse cama; se, querendo vestir-me, não encontrasse roupa. Oh! se eu tivesse de sentir falta de tudo!"

IV. — O quarto e o mais alto grau da pobreza perfeita consiste nisso que o religioso não só esteja contente com as coisas pobres, mas também que escolha para si o que há de mais pobre: a cela mais incômoda, a pior cama, o mais usado hábito, a mais pobre alimentação. S. Maria Madalena de Pazzi escolhia com predileção os alimentos deixados por suas irmãs; servia-se de um hábito tão gasto que sua superiora devia ordenar-lhe sob obediência que o trocasse por outro. O Pe. Antônio Torres deu os seguintes conselhos a uma freira, sua penitente: "Ama a pobreza, como um grande bem, pois o vosso divino esposo estimou-a sobremaneira. Praticai-a em todas as coisas e ornai-vos com ela como se fosse o vosso mais belo adereço. Não deveis descansar enquanto existir em vosso convento uma irmã, leiga ou corista, de adornos ou de outras coisas que não sejam rigorosamente necessárias; escolhei os mais grosseiros e mais consertados véus e fazei brilhar a pobreza até no rosário que trazeis a vosso lado. Alegrai-vos quando trouxerdes um hábito deteriorado e consertado e não o deponhais senão quando estiver realmente imprestável. Evitai, quanto possível, ter mais vestes ou roupa

branca do que a última das irmãs leigas. Não possuais coisa alguma e também não procureis nada. Quando, porém, julgardes que alguma coisa vos é de necessidade absoluta, considerai antes vosso esposo pendente da cruz e de tudo privado, e então pedi permissão de vos proverdes do necessário. Não façais presente algum e nada aceiteis, nem a mínima coisa, sem a permissão da superiora. Na vossa cela exista únicamente uma cama em mau estado, com os mais pobres lençóis e cobertas, duas cadeiras de palha, um crucifixo, quatro estampas de papel, os poucos livros recomendados por vosso diretor espiritual e outros objetos indispensáveis e mais nada. Examinai-vos muitas vezes diante do crucifixo sobre a observância da pobreza e, achando alguma coisa supérflua em vosso uso, levai-a imediatamente à superiora. Nada peçais a vossos parentes para vosso uso, ainda que seja lícito descobrir-lhes as necessidades de vosso convento, sem, contudo, requerer coisa alguma para vós mesma"

Concluo com as palavras de S. Maria Madalena de Pazzi: "Felizes os religiosos que, pelá santa pobreza, estão desapegados de tudo e podem exclamar com o salmista: "O Senhor é minha partilha" (Sl 15, 5); Deus é tudo o que eu desejo nesta e na outra vida"

CAPÍTULO QUARTO

Do voto de castidade

§ I. Excelência do voto de castidade

Uma alma que consagra a Deus a sua virgindade torna-se uma esposa de Jesus Cristo, e por isso o Apóstolo não hesita em escrever (2 Cor 11, 2) "Eu vos desposei com um esposo, com Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura". Jesus Cristo mesmo se dá como esposo das virgens, na parábola dás dez virgens: "Saíram ao encontro do esposo. e entraram com ele para as núpcias" (Mt 25, 10). O divino Salvador deixa-se chamar pelos outros fiéis mestre, pastor e pai; quer, porém, ser chamado esposo pelas almas virgens. Esses esponsais com o divino Salvador se realizam por meio da fé: "Eu me desposarei contigo pela fé" (Os 2, 20). A virtude da virgindade é um fruto especialíssimo dos merecimentos de Jesus Cristo, e por isso se diz, no Apocalipse (Apoc 14, 4), que as virgens formam o cortejo do Cordeiro. A SS. Virgem revelou a uma alma devota que uma esposa de Jesus Cristo deve, acima de todas as virtudes, amar a pureza, porque ela a torna de modo especial semelhante a seu divino Esposo. S. Bernardo diz que todas as almas justas são esposas do Senhor, "mas de um modo particular vale isso das almas virgens" como nota S. Antônio de Pádua. Por isso S. Fulgêncio chama a Jesus Cristo o esposo de todas as virgens consagradas a Deus.

Uma virgem que quer permanecer no mundo e dar sua mão a um homem, se é prudente, se informa, com todo o cuidado, a respeito dos que solicitam a sua mão para conhecer o mais digno e mais capaz de torná-la feliz aqui na terra. A pessoa religiosa, de seu

lado, desposa-se, pela profissão, com Nosso Senhor Jesus Cristo. Procuremos a esposa dos Cânticos, que sabe perfeitamente avaliar as qualidades desse Esposo divino, e perguntemos-lhe: "Quem é o vosso Amado, ó santa Esposa? Quem é aquele que possui todo o vosso coração e tornou-vos a mais feliz das mulheres?" Ela responde: "Meu Amado é branco e vermelho; é branco por sua pureza, e vermelho pela chama do amor em que se abrasa por sua esposa; em uma palavra, ele é tão belo, tão perfeito em todas as virtudes, tão bondoso e amável, que não há, nem pode haver um outro esposo mais nobre ou mais amoroso que ele" "Nem quem o iguale em sua grandeza, nem em sua beleza, nem em sua generosidade", diz S. Euquério. Por isso escreve S. Inácio mártir: "Aquelas bem-aventuradas virgens, que se consagraram a Jesus Cristo, podem estar certas que não encontrarão nem no céu nem na terra um esposo tão belo, tão nobre, tão rico, tão amável como aquele que lhes coube em parte, Jesus Cristo".

S. Clara de Montefalco dizia que prezava tanto sua virgindade, que antes queria sofrer durante sua vida inteira as penas do inferno do que perder esse valioso tesouro. Com toda a razão, pois, muitas virgens virtuosas renunciaram a casamentos principescos para permanecerem esposas de Jesus Cristo. S. Joana, infanta de Partugal, renunciou à mão de Luís XI, rei de França; a Beata Inês de Praga, à do imperador Frederico II; Isabel, filha do rei da Hungria e herdeira do reino, à de Henrique, arquiduque da Áustria, e muitas outras procederam do mesmo modo.

Uma virgem que se consagra ao Senhor, diz Teodoreto, está livre de todo o cuidado inútil. Não tem outra coisa a fazer senão entreter-se contínua e familiarmente com Deus. Isso indica o Apóstolo, quando diz que a virgem é "santa no corpo e na alma" (1 Cor 7, 34); santa no corpo pela castidade, santa no espírito por seu comércio íntimo com Deus. "Se ela não tivesse a esperar outra recompensa, diz S. Anselmo, só por isso, que está livre dos cuidados seculares e não tem outra obrigação do que ocupar-se com Deus, deveria ser tida por sumamente feliz" Do que se vê que as virgens não só receberão uma imensa glória no céu, mas já serão recompensadas antecipadamente aqui na terra com uma paz inalterável.

As virgens que se consagram ao amor de Jesus Cristo, ofertando-lhe o lírio da pureza do coração, tornam-se tão agradáveis a Deus, como os santos Anjos, — certamente um efeito sublime da castidade virginal. Todas as virgens que tendem à perfeição são esposas queridas de Jesus Cristo, porque lhe consagraram seus corpos e suas almas e nada mais buscam nesta vida que agradar-lhe. S. João foi o discípulo amado de Jesus, porque guardou a virgindade. Justamente por esse motivo amava-o Jesus mais que aos outros discípulos, como a Igreja o insinua quando diz: "Foi escolhido como virgem pelo Senhor, e mais amado que todos os outros".

As virgens são chamadas, na Sagrada Escritura, as primícias de Deus: "São virgens; esses seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá. Esses foram comprados dentre os homens para serem as primícias para Deus e para o Cordeiro" (Apoc 14, 4). Mas por que

são chamados primícias de Deus? O Cardeal Hugo responde: "Como os primeiros frutos não são mais agradáveis que os outros, assim também as virgens consagradas a Deus agradam mais ao coração de Deus e constituem o objeto de seu especial amor".

Diz-se ainda, na Sagrada Escritura, que o Esposo divino se apascenta entre os lírios" (Cânt 2, 16). Esses lírios representam as virgens que conservam sua pureza por amor de Deus. Um expositor nota o seguinte nessa passagem dos Cânticos: "Enquanto o demônio procura a imundície da impureza, Jesus Cristo se apascenta entre os lírios da castidade"

O que, porém, deve aumentar consideràvelmente a nossos olhos o valor da virgindade é o louvor extraordinário que lhe tece o Espírito Santo, dizendo: "Tudo o que se aprecia não é comparável a uma alma continente" (Ecli 26, 20). Isso mesmo nos deu a entender a SS. Virgem, quando disse ao arcanjo que lhe anunciava a divina maternidade: "Como se dará isso, se eu não conheço varão?" (Lc 1, 14). Maria, com essas palavras, mostrou que preferia renunciar à dignidade de mãe de Deus a perder o tesouro de sua virgindade.

Segundo S. Cipriano, a pureza virginal é a rainha de todas as virtudes e o complemento de todos os bens. S. Efrém escreve que as virgens que guardam a sua pureza, por amor de Jesus Cristo, serão favorecidas por ele em todos os respeitos. S. Bernardo acrescenta que a virgindade habilita de um modo todo especial a alma a ver o divino Esposo nesta vida pela fé e, na outra, pela luz da glória.

Imensa é a glória que Jesus Cristo prepara no céu às suas esposas que na terra lhe consagraram sua virgindade. Nosso Senhor mostrou um dia à sua grande serva Lucrécia Orsini os sublimes tronos que ocuparão aqueles que serviram a Jesus Cristo em pureza virginal. Ao que exclamou ela: "Oh! quão agradáveis não são a Jesus e Maria as virgens!" Os teólogos afirmam que as virgens receberão no céu uma auréola especial, sendo ornadas com uma luzente coroa de honra e glória, pois se diz, na Sagrada Escritura, a respeito das virgens: "Ninguém podia cantar esse cântico, senão aqueles cento e quarenta e quatro mil que foram comprados na terra" (Apoc 14, 3). Explicando essa passagem, diz S. Agostinho que a glória que Jesus Cristo concede às virgens não confere aos outros santos.

§ II. Da entrega incondicional de si que almas consagradas a Deus devem a seu Esposo

Grande é a satisfação de Jesus Cristo, quando uma alma se associa ao número de suas esposas. Isso declaram aquelas palavras dos Cânticos: "Vinde, ó filhas de Sião, e vede o rei Salomão com o diadema com que o coroou sua mãe no dia de suas núpcias, no dia da alegria de seu coração" (Cânt 3, 11). Isso, porém, vale só daquelas almas que consagraram sem restrição ao amor do Esposo divino. Desposando Jesus uma tal alma, quer que todo o céu se alegre com ele e entoe hinos de regozijo: "Alegremo-nos e exultemos e demos-lhe glória: porque são chegadas as bodas do Cor-

deiro e sua esposa está ornada" (Apoc 19, 7). Os ornatos com que Jesus quer ver ataviadas suas esposas são as virtudes, particularmente o amor e a pureza, que são apresentadas nos Cânticos como colares de prata e ouro: "Nós te faremos umas cadeias de ouro marcheladas de prata" (Cânt 1, 10). São essas as vestes pomposas e as jóias com que o Senhor atavia suas esposas, e das quais fala S. Inês: "Ele circundou minha direita e meu pescoço com um colar de pedras preciosas, revestiu-me com um vestido bordado a ouro e ornado com artísticos relevos e deslumbrantes adornos".

Os seculares buscam coisas terrenas, mas as esposas de Jesus Cristo nada mais querem senão Deus; por isso delas se pode afirmar ao pé da letra: "Esta é a geração dos que buscam a Deus" (Sl 23, 6). "O' esposas do Redentor, exclama S. Tomás de Vilanova, não deveis considerar qual de vós sobrepuja as outras por seu nascimento, seus talentos ou fortuna; examinai antes quem é mais agradável ao Esposo divino, quem vive unida mais intimamente com ele, quem é mais humilde, pobre e obediente". Ouçamos também o que diz o Espírito Santo: "Filho, entrando ao serviço de Deus, prepara tua alma para a tentação" (Ecli 2, 1), para sofreres com humildade e paciência, pois "o ouro e a prata se provam no fogo e os homens que Deus quer receber, na fornalha da humilhação" (Id. v. 5). "Ninguém pode servir ao mesmo tempo a dois senhores" (Mt 6, 24), a Deus e ao mundo. Quem, portanto, quiser consagrar-se a Deus deverá renunciar ao mundo, e quem quiser tornar-se esposa de Jesus Cristo deverá exclamar incessantemente: "Deus só é todo o meu tesouro e meu único bem"

S. José Calazans diz que se não se der a Jesus todo o seu coração, nada se lhe dá. Isso é inteiramente verdade, porque nosso coração já é em si muito pequeno para amar dignamente a um Deus que merece um amor infinito; e esse pequeno coração deveria ser ainda dividido entre Deus e as criaturas?

Como poderás, pois, tu, alma cristã, incomodar-te ainda com o mundo, depois de te consagrares a Deus? Esquece tudo o mais e procura guardar teu coração inteiro para o teu divino Esposo, que escolheste para lhe dedicares todo o teu amor. Eu disse: teu coração inteiro, porque Jesus Cristo quer que sua esposa seja "um jardim fechado e uma fonte selada" (Cânt 1, 12); um jardim fechado, porque não deve receber em seu coração a ninguém mais senão a seu divino Esposo; uma fonte selada, porque esse Esposo é zeloso e não permite que encontre entrada no coração de sua esposa outro amor que o amor por ele. Por isso diz-lhe: "Quero que me coloques como um selo sobre teu coração e sobre o teu braço" Cânt 8, 6), para que a ninguém mais ames senão a mim, e para que todos os teus atos sejam feitos com a única intenção de me agradares. O amado é colocado como um selo sobre o coração e braço, diz S. Gregório, quando a alma mostra por sua vontade (isto é, o coração) e por suas ações (isto é, o braço) quanto ama a seu celeste Esposo.

Quando o amor divino reina em uma alma, expulsa toda a afeição que não se refere a Deus, pois "o amor é forte como a morte" (Id ii.). Como nada há que possa resistir à veemência da morte quan-

do é chegada a sua hora, assim também não há nenhum impedimento e nenhuma dificuldade que não seja superada pelo amor divino, quando ele se apodera de um coração. "Se um homem der todas as riquezas de sua casa, ele as desprezará como se nada tivesse dado" (Id., v. 7). Um coração, que ama a Deus, despreza tudo que lhe oferece e pode oferecer o mundo; numa palavra, ele despreza tudo o que não é Deus. S. Bernardo diz que Deus, como nosso Senhor, exige de nós temor; como Pai, respeito; como Esposo, porém, ùnicamente amor.

A venerável Francisca Farnese não conhecia meio mais eficaz para excitar a si e às suas companheiras a tender à perfeição, do que a recordação de que eram esposas de Jesus Cristo. Está fora de dúvida, dizia ela, que cada uma de vós foi escolhida por Deus para se tornar santa, pois que vos concedeu a grande honra de fazer-vos suas esposas. E, de fato, é essa uma graça inapreciável, que exige uma fiel cooperação. S. Agostinho escreveu a uma virgem consagrada a Deus: "Tens um esposo que é mais belo que tudo o que existe no céu e na terra, e que te deu um penhor seguro de seu amor, escolhendo-te para sua esposa. Podes concluir disso quão obrigada estás a pagar o seu amor". O' esposa de Jesus Cristo, não te ocupes mais contigo e com o mundo; não pertences mais ao mundo, nem a ti mesma, mas a Deus, e cuida ùnicamente em viver para esse Esposo que escolheste.

Escolheste a Deus por esposo, mas primeiramente te escolheu o Senhor para sua esposa. Quantas almas não deixou ele no mundo, não lhes concedendo os favores que a ti fez? O Salvador preferiute a todas essas almas, não por seres mais digna, mas por te amar mais que às outras. Por isso te diz o Senhor, pela boca do Profeta (Ez 16, 8), que o tempo que te resta de vida é "um tempo para amar"; deves ligar-te a Jesus, teu Esposo, com toda a tua confiança e com todo o teu amor, prender-te a ele, que te amou desde a eternidade, que te criou por sua bondade e te chamou a seu santo amor por meio de tantas graças especiais. Por isso, se o mundo solicitar o teu amor, ó esposa de Jesus Cristo, dize-lhe com S. Inês: "Aparta-te de mim, pábulo da morte. Desejas o meu amor, mas eu não posso amar a mais ninguém do que a meu Deus, que me amou primeiro" "Porque és a esposa de um Deus, diz S. Jerônimo, reveste-te de um santo orgulho". Os seculares se orgulham de sua união com pessoas nobres e ricas; tu, porém, podes te gloriar de uma sorte muito melhor, porque te tornaste esposa do rei celeste. Dize, pois, cheia de alegria e santo orgulho: "Achei a quem meu coração ama; prendê-lo-ei com meu amor e não o largarei mais" (Cânt 3, 4).

De fato, é uma imensa felicidade para uma virgem quando ela pode gloriar-se e dizer: "Aquele a quem os anjos do céu desejam servir é meu esposo. Meu criador escolheu-me para sua esposa, e como ele é o rei e senhor do mundo, cingiu-me igualmente com uma coroa de rainha"

Deves, entretanto, saber, ó esposa do Senhor, que lês esses louvores, que não possuis irrevogàvelmente essa coroa enquanto permaneceres aqui na terra; poderás perdê-la novamente por tua culpa;

para que ninguém ta roube, segura-a fortemente (Apoc 3, 11). Renuncia às criaturas, une-te cada vez mais intimamente a Jesus Cristo pelo amor e pela oração e suplica-lhe sem cessar que não permita que te tornes outra vez infiel. O' Jesus, meu divino Esposo, deves dizer-lhe muitas vezes, não permitais que me separe de vós.

E quando as criaturas quiserem apoderar-se de teu coração e daí expulsar Jesus Cristo, dize desassombrosamente com o apóstolo, confiada na assistência divina: "Quem nos separará do amor de Jesus Cristo? Nem a morte, nem a vida, nem criatura alguma será capaz de nos separar do amor de Deus" (Rom 8, 35).

CAPÍTULO QUINTO

Do voto de obediência

§ I. Mérito do voto de obediência

S. Tomás ensina (II-II, q. 186, a. 8) que o voto de obediência é que constitui a essência do estado religioso. Por isso S. Teresa (Cam. perf., c. 19) costumava dizer que uma freira, que não é obediente, nem sequer merece o nome de freira, e que, pelo contrário, aquela que pratica a obediência acha-se no caminho mais curto para a perfeição. "O' virtude da obediência, exclama ela, tu podes tudo". S. Catarina de Bolonha dizia que a obediência por si só é mais agradável a Deus do que todas as outras boas obras. Sendo instantemente rogado por seus discípulos para lhes dar uma regra escrita, S. João Leonardo, fundador dos Clérigos Regulares da Mãe de Deus, escreveu em uma folha de papel esta única palavra: *Obediência.* Com isso queria ele dar a entender, como nota o Pe. Sertório Caputo, que no estado religioso obediência e santidade são uma e a mesma coisa. Compenetrado dessa verdade, S. Anselmo, depois Bispo de Cantuária e, como tal, superior de todos, alcançou do Papa que seu capelão fosse nomeado seu superior, e obedecia-lhe em tudo.

Um religioso deve amar a obediência acima de todas as virtudes, porque, segundo S. Boaventura, toda a perfeição do estado religioso consiste na abnegação da vontade própria. A obediência às regras e às prescrições dos superiores é o maior sacrifício que uma alma pode oferecer a Deus, porque nada nos é mais caro, diz S. Tomás (De perf. vit. sp., c. 10), do que a liberdade de nossa vontade, e, por isso, não podemos oferecer ao Senhor um presente que lhe seja mais agradável do que a nossa vontade própria.

Pela obediência nos dedicamos sem restrição ao Senhor e com isso conseguimos tornar meritórias todas as nossas ações, até as mais insignificantes. E' fora de dúvida que um religioso que obedece pontualmente adquire, por meio de cada uma de suas ações, preciosos tesouros de merecimentos, pois ele faz em tudo a vontade de Deus, e nisso está todo o nosso merecimento. Justamente essa é uma das maiores vantagens do estado religioso, que nós adquirimos tesouros celestiais por tudo o que fazemos por obediência; mesmo com aquelas ações que correspondem às nossas inclinações, adquirimos gran-

des merecimentos, se as praticarmos com a intenção de obedecer.

S. Luís Gonzaga compara o estado religioso com um navio a vela, no qual se fazem grandes viagens sem precisar remar. De fato, um religioso ajunta merecimentos não só quando jejua, reza o ofício ou faz meditação, mas também quando descansa, toma suas refeições ou se entretém com os outros, visto que faz tudo isso por obediência e assim cumpre em tudo com a vontade de Deus. Que grandeza, pois, obedecer aos superiores em todas as coisas que se referem à nossa conduta!

Por isso, alma cristã, se quiseres te tornar santa e em pouco tempo, consagra-te, no futuro, à obediência; renuncia à tua vontade própria e procura obedecer, em tudo o que diz respeito a tuas ações externas, às tuas regras e superiores, e, quanto às internas, ao teu confessor.

Conta-se na vida dos Padres do deserto que um deles viu uma vez dois coros de bem-aventurados no céu: um era formado por aqueles que abandonaram o mundo e viveram no deserto, entregues a uma oração ininterrupta e a penitências rigorosas; o outro era constituído por aqueles que se submeteram, por amor de Jesus Cristo, à obediência e viveram ininterruptamente conforme a vontade de seus superiores. Ora, estes últimos gozavam de uma glória muito maior que os primeiros, porque, ainda que os eremitas agradassem a Deus com seus exercícios espirituais, não deixavam, contudo, de seguir sua própria vontade, ao passo que os outros, pelo voto de obediência, tinham entregado a Deus sua vontade própria, com o que tinham feito a Deus o sacrifício que mais lhe agrada. Coisa semelhante conta S. Doróteo de seu discípulo S. Dosíteo. Tendo ele uma saúde muito débil e, por isso, não podendo seguir os atos da comunidade, dedicou-se inteiramente à obediência, renunciando por completo à sua vontade própria. Depois de cinco anos deixou esta vida. Revelou Deus a S. Doróteo que esse jovem recebera no céu uma recompensa semelhante à de S. Paulo eremita e à de S. Antão. Os monges se admiraram de Dosíteo ter alcançado uma tão grande glória, pois ele nem sequer fizera tanto como os demais monges. Deus, porém, deu-lhes a entender que esse jovem fora grandiosamente recompensado em vista da sua obediência.

§ II. Obediência aos superiores

Se me perguntares qual é o meio mais excelente e eficaz de obedecer aos superiores meritória e convenientemente, responder-te-ei: Persuade-te que obedeces a Deus quando tiveres de obedecer aos superiores e que desprezas ao divino Salvador mesmo, quando desprezares as ordens de teus superiores, pois o Senhor disse a respeito dos superiores: "Quem vos ouve, a mim ouve, e quem vos despreza, a mim despreza" (Lc 10, 16). Como narra S. João Clímaco, "durante a reza, o superior de um convento chamou certa vez a si um monge octogenário e ordenou-lhe (para dar aos outros um exemplo de obediência) que ficasse duas horas inteiras em pé, sem fazer nada. Perguntaram depois ao monge com que sentimento suportou ele essa mortificação; e ele respondeu: Representei-me estar

diante de Jesus Cristo e que ele mesmo me impunha aquela humilhação e, assim, nem sequer me veio um só pensamento contra a obediência".

Se quiseres, pois, ser verdadeiramente obediente e um religioso perfeito, deves observar o seguinte:

1. Considera teus superiores como representantes de Jesus Cristo; esforça-te em prestar-lhes a todo o tempo o devido respeito e amor, não por interesse, por exemplo: para que sejas estimado por eles e preferido a outros, ou para que não sejas castigado, etc., mas ùnicamente para agradar a Deus. Deves te portar da mesma forma para com aqueles que estão revestidos de qualquer cargo no convento, e aos quais se deve obediência, segundo a Regra, por exemplo: ao enfermeiro, ao ecônomo, ao sacristão, etc.; pois, quando se obedece aos superiores mais altos, fàcilmente se pode deixar levar pelos respeitos humanos, ao passo que a sujeição a superiores inferiores demonstra mais claramente o verdadeiro espírito de obediência. S. Francisco de Assis agradecia ao Senhor de um modo especial por lhe ter concedido a graça de estar pronto a obedecer de boa mente até ao último noviço em tudo o que este lhe ordenasse como superior; ele costumava dizer que quanto menos renome possui o superior, quanto menos se distingue por virtudes ou outras prerrogativas, tanto mais meritória é a obediência a ele prestada, porque, em tal caso, ela nasce ùnicamente do desejo de agradar a Deus.

2. Aceita humildemente as repreensões, sem te desculpares, e deixa à discrição de teus superiores repreender-te em qualquer ocasião.

Expele de ti qualquer pensamento de aborrecimento ou desconfiança de teus superiores, do mesmo modo como deves fazer com os pensamentos contrários à santa pureza. Quanto a falar de algum defeito deles, procura desculpá-los quanto possível. Quando, porém, se tratar de um defeito evidente, que não se pode negar, por exemplo: de acessos de cólera a que eles não resistem, podes ficar certo que Deus permite essa falta para teu bem e não para teu dano. S. Gertrudes suplicou uma vez ao Senhor que fizesse com que sua abadessa não se irritasse tantas vezes; Deus, porém, respondeu-lhe que deixava esse defeito na abadessa não só para seu aproveitamento próprio, para que ela permanecesse sempre humilde, como também para vantagem das freiras, para que elas pudessem adquirir mais merecimentos. "Quanto maior é a carga que carregas, diz S. Bernardo, tanto maior é o merecimento que adquires" (Ep. 73).

3. Quanto aos cargos no convento, segue a máxima de S. Francisco de Sales: "Nada desejar e nada recusar". De resto, deves preferir aquilo que está sujeito a maiores incômodos e menor honra. Os religiosos adquirem grandes merecimentos pelo desempenho de seus cargos, cantanto que os exerçam com a única intenção de obedecer e agradar a Deus. Quando começares a desempenhar o cargo que te foi imposto, faze-o com espírito de obediência e não deixes prevalecer a tua inclinação, nem tenhas em vista tua comodidade ou honra, mas ùnicamente a obrigação de obedecer. Deves,

doutro lado, tomar posse de teu cargo com uma santa confiança, sem prestar ouvidos ao demônio, que quererá talvez representar-te que és incapaz para tal cargo; se creres na força da obediência, Deus suprirá aquilo que te falta. Não metas na cabeça que em um cargo em que te expões a muitas distrações, perderás o recolhimento e o zelo; se o desempenhares únicamente por obediência, Deus te concederá, em uma meditação de um quarto de hora, mais graças do que em dez dias de exercícios em outras condições. Não deixes, contudo, no exercício de teu cargo, de te arranjar alguns momentos livres para empregá-lo na oração. Não digas que teu cargo te rouba todo o tempo; os religiosos que têm zelo pelo trabalho e amam a oração, sabem achar tempo tanto para um como para outro. Mas também toma cuidado para não te sobrecarregares demais com trabalhos, de forma que apenas possas te recolher um instante com Deus.

Finalmente, deves ainda saber que a obediência perfeita de forma alguma proíbe que o religioso, que recebeu um cargo ou uma incumbência qualquer, descubra ao superior, que talvez o ignore, as dificuldades que encontra no seu desempenho, por exemplo: uma doença especial, um mal-estar sobreveniente, evidente incapacidade ou outro qualquer impedimento, pois, não sendo o superior um anjo, mas um homem como qualquer outro, deve ser inteirado daquilo que ignora.

Aqui, porém, devem-se observar duas coisas. Primeiramente, não se deve dizer ao superior o que ele já sabe; deve-se mesmo supor que ele por si mesmo pensa no que é necessário, sem que seja preciso recordar-lhe isso. Em segundo lugar, um religioso deve sujeitar-se tranquilamente à decisão de seu superior, depois de ter-lhe exposto suas dificuldades, e isso também externamente, para que o superior não fique preocupado e os demais súditos vejam o bom exemplo. Por isso, convém que o religioso antecipadamente se familiarize com o pensamento de que o superior manterá a sua ordem, apesar de suas representações; assim se lhe tornará mais fácil o sujeitar-se sem réplica à sua determinação.

§ III. Da obediência às Regras

S. Francisco de Sales estabeleceu a seguinte e importante máxima: "A predestinação dos religiosos está ligada à observância de suas regras". S. Maria Madalena de Pazzi costumava dizer que a obediência às regras é o caminho mais direito para a salvação e a santidade. Realmente, a observância das regras é o único meio de santificação dos religiosos; nenhum outro caminho os conduz a seu termo. Um religioso, pois, que transgredir habitualmente qualquer prescrição da Regra, por menor que seja, não adiantará nem um passo no amor de Deus, ainda que pratique as maiores penitências e se dedique constantemente à oração e a outros exercícios de piedade. Todo o esforço de tais religiosos é vão e cumpre-se neles as palavras do Espírito Santo: "Infeliz é aquele que rejeita a disciplina; vã é a esperança dele, sem fruto os seus trabalhos e inúteis as suas obras" (Sab 3, 11).

As regras não deixam de ser uma carga, mas uma carga como a das asas, pois por meio delas podemos voar até Deus. "O jugo de Jesus Cristo tem asas que nos elevam acima da terra", diz S. Agostinho (In ps. 59). As regras são prisões, mas prisões de amor, que nos ligam ao Sumo Bem. Não são elas prisões vergonhosas, mas nobres e desejáveis, que nos preservam das cadeias do inferno.

Se achas, pois, difícil privar-te daquilo que a Regra te veda e que teu amor-próprio deseja, dize alegremente, com o Apóstolo: "Estou prisioneiro, mas alegro-me de minhas prisões, porque ligam-me estreitamente a Deus e asseguram-me a coroa eterna". A isso se refere também S. Agostinho, quando diz: "O Senhor não te daria o colar áureo da eterna glória, se te não prendesse antes com as cadeias da santa Regra" (In ps. 149).

Se não puderes praticar grandes coisas por Deus, fazer rigorosas penitências, empregar muitas horas na oração, observa ao menos pontualmente as Regras e podes estar certo que isso só basta para fazeres, em pouco tempo, grandes progressos no caminho da perfeição. S. Boaventura diz: "O melhor modo de tender à perfeição é observar tudo o que é prescrito". À medida da fidelidade do religioso neste ponto se mostrará Deus liberal para com ele. S. Teresa diz que os religiosos que observam a Regra até nas menores coisas, voam e não andam para o cume da perfeição.

Com razão chama S. Agostinho a Regra o espelho dos religiosos, porque, do zelo com que observam a Regra, podem deduzir qual o seu estado de alma. Um religioso, ao examinar como ele observa a Regra, pode conhecer se ama a perfeição ou não, se faz progresso ou regresso, se agrada ou desagrada a seu divino Esposo. Por isso, convence-te profundamente que para te fazeres santo não precisas praticar muitas coisas, mas únicamente observar fielmente a tua Regra. Quando a Regra prescreve, por exemplo, o trabalho ou o recreio o religioso procederia mal se fosse então ao coro a rezar ou quisesse então praticar penitências. Dedicar-se a tais exercícios intempestivos de piedade é, segundo o Pe. Álvarez, oferecer a Deus coisas furtadas, isto é, um sacrifício que Deus não aceita. "E' melhor ser um dedo e estar ligado com o corpo (da comunidade), diz um sábio escritor, do que ser um olho, mas estar separado do corpo". O olho separado do corpo nada mais é senão uma presa da corrupção. Assim pode bem ser que uma boa obra em si, mas contrária às prescrições da Regra, desagrade muito a Deus e que, longe de ser para o religioso um meio para a perfeição, seja até um impedimento, porque todos os exercícios de piedade e boas obras contrárias à Regra são passos fora do caminho e impedimentos na vida espiritual, diz S. Agostinho.

Aos olhos do mundo muitas Regras parecerão insignificâncias; consideradas, porém, à luz da fé, tornam-se muito outra coisa. Nós devemos considerar todas as Regras como muito importantes, parte porque todas elas foram dadas por Deus e aprovadas pela Igreja como meios para a perfeição cristã; parte porque a transgressão delas, mesmo das mais pequenas, faz perigar a disciplina da Ordem e traz consigo a confusão à Comunidade toda. Como narra o Pe.

St. Jure, o Pe. Oviedo, sendo Reitor do colégio dos Jesuítas, em Nápoles, insistia muito para que todas as Regras, mesmo as menores, fossem observadas pontualmente. O Pe. Bobadilla, porém, era de opinião de que não convinha incomodar os religiosos com tantas insignificâncias, e tanto fez que desistiram do antigo rigor. As consequências mostraram que ele não tinha razão, porque, pouco a pouco, desapareceu o zelo e muitos não se importavam mais com as Regras pequenas nem com as grandes e abandonaram, finalmente, a Ordem. Sendo disso inteirado, S. Inácio ordenou que todas as Regras deviam ser rigorosamente observadas e, assim, se restabeleceu novamente a disciplina.

Os que transgridem as Regras, sem necessidade, não encontram senão aridez e desgosto na oração, na santa comunhão e em todos os exercícios de piedade. Por causa de um só olhar curioso que S. Gertrudes lançou sobre uma irmã, contrário a uma inspiração interna, foi ela castigada por onze dias com aridez espiritual. E' justo que se colha pouco, quando se semeia pouco. Como poderia ser o Senhor liberal para com um religioso, concedendo-lhe graças e consolações celestes, se ele o serve tão mesquinha e negligentemente? Talvez lhe concederia uma graça preciosíssima, se observasse este ou aquele ponto da Regra; mas, por causa de sua negligência, fica mui merecidamente privado dela. "Por uma pequena negligência, diz o Beato Egídio, pode-se perder uma grande graça".

Mas, dirá alguém: Ora, as Regras não obrigam sob pecado. A isso deve-se responder: Se bem que as Regras em si não obriguem debaixo de pecado, contudo, ensinam os teólogos que a violação de uma Regra, por menor que seja, é ao menos um pecado venial, sempre que falte um motivo suficiente para a sua transgressão, porque é necessàriamente por paixão ou por preguiça que se transgride voluntàriamente e sem motivo uma Regra qualquer, e, por isso, essa transgressão nunca pode ficar isenta de um pecado ao menos venial. S. Francisco de Sales (Entret. 1) diz, por isso, em seus entretenimentos espirituais, que, apesar de as Regras da Ordem da Visitação não obrigarem debaixo de pecado, ele não saberia como isentar de um pecado venial a violação delas, pois, quando um religioso transgride a Regra, diz ele, desonra a Deus, renuncia a seu estado, traz a confusão à Comunidade e frustra o bom exemplo que devia dar aos outros. Segundo esse Santo, pois, comete-se ainda o pecado de escândalo quando se transgride a Regra na presença dos outros.

Eu disse que essa violação da Regra é, pelo menos, um pecado venial; pois, quando ela traz consigo um grande dano ou causa um grande escândalo à Comunidade, por exemplo: se se violasse habitualmente o silêncio prescrito, se se entrasse nos quartos dos outros, etc., não deixaria de ser pecado grave.

S. Tomás ensina que depois da emissão dos votos a violação das Regras e Constituições, mesmo aquelas que não se referem aos votos, não poderá estar isenta de um pecado venial. Será, porém, um pecado mortal se a transgressão for feita por desprezo formal da Regra. Ora, é impossível que alguém transgrida voluntàriamente e constantemente uma Regra, sem desprezá-la, porque é justamen-

te o desprezo a causa das transgressões voluntárias, nota S. Bernardo. Pode-se objetar que esse desprezo não é patente e formal; porém, mesmo assim, não se pode negar, como nota o mesmo Santo, que há um desprezo oculto e tácito, que, sem dúvida alguma, basta para que se cometa um pecado venial. Por isso, não é necessário, de forma alguma, segundo Suárez, examinar mais de perto se a Regra obriga debaixo de um pecado ou não, desde que é quase impossível trangredi-la voluntàriamente sem pecar.

Que as violações voluntárias da Regra em si incluem pelo menos um pecado venial, está fora de dúvida: primeiro, porque o religioso que infringe a Regra despreza a tendência à perfeição, à qual ele está obrigado; segundo, porque ele não cumpre a promessa feita na emissão de seus votos de observar a Regra; terceiro, porque perturba a boa ordem da Comunidade por seu mau exemplo; quarto, finalmente, e este é o motivo mais poderoso, porque, transgredindo a Regra, faz a sua própria vontade e se afasta da vontade de Deus.

A violação da Regra certamente não é uma ação virtuosa; e também não é uma ação indiferente, pois como poderia sê-lo, se ela procede do amor-próprio, é um mau exemplo para os outros e perturba a ordem do claustro? Ora, quando uma ação não é nem boa nem indiferente, é má. Isso vale não só para os jovens religiosos, mas também para os mais idosos. Estes até estão mais obrigados à observância perfeita do que aqueles, e por duas razões. Primeiramente, porque passaram mais tempo na Ordem; quem mais estudou, deve ser mais sábio; assim também o religioso que esteve mais tempo no convento, na escola do Crucificado, deve estar mais adiantado na ciência dos santos, isto é, na perfeição cristã. Em segundo lugar, porque o exemplo dos mais velhos arrasta os mais novos a observar ou a violar a Regra. Os religiosos mais velhos são os fachos que iluminam a Comunidade; são as colunas que sustentam a observância; se eles observam a Regra, observam-na também os mais moços; se estes, porém, vêem que os mais velhos pouco se importam com a Regra, também eles pouco se incomódarão com ela. Que aproveita os velhos exortarem com palavras os moços à observância da Regra, se os demovem disso com seu exemplo? "Mais podem os exemplos que vemos com os nossos olhos, diz S. Ambrósio, que as exortações que ouvimos com os nossos ouvidos".

Para observar rigorosamente a Regra, deves lê-la muitas vezes e examinar em que faltaste e em que deves te emendar; é essa uma das melhores leituras espirituais que podes fazer. Também é bom fazer cotidianamente um especial exame de consciência sobre aqueles pontos contra os quais mais vezes faltas. Não deixes de te acusar diante do superior todas as vezes que cometeres uma falta e de lhe pedir por isso uma penitência.

Se quiseres observar perfeitamente a Regra, deves ter como motivo de tuas ações o amor e não o temor, diz S. Inácio de Loiola, isto é, deves observar a Regra, não para te livrares das repreensões de teus superiores ou seres louvado pelos outros, mas ùnicamente agradares a Jesus Cristo. Pondera que só viveste aquele dia

em que renunciaste à tua vontade própria e não transgrediste nenhum ponto da Regra, diz S. Euquério de Lião, isto é, considera só um tal dia como verdadeiramente proveitoso.

S. Maria Madalena de Pazzi nos dá os seguintes conselhos quanto à observância das Regras: 1. Estima tua Regra tanto quanto estimas o próprio Deus. 2. Representa-te que a observância da Regra inteira foi confiada a ti, ùnicamente a ti. 3. Quando os outros faltarem contra as prescrições da mesma, procura reparar essas faltas com tua fidelidade.

§ IV. Dos quatro graus da obediência perfeita

Um religioso que quiser atingir à perfeição na obediência, deverá obedecer *pronta e exatamente, alegre e simplesmente;* são esses os degraus pelos quais se chega à obediência perfeita.

1. O primeiro grau consiste em obedecer com prontidão, isto é, em executar o que manda a obediência, prontamente, sem contestação e sem demora. "Quem é verdadeiramente obediente, diz S. Bernardo, não tarda em obedecer, mas, ouvindo o preceito que lhe é dado, estende imediatamente suas mãos e põe em movimento seus pés para executar a obra prescrita" (Sermo 41, de obed.). O Senhor recompensa largamente essa obediência. Muitas vezes provou até com milagres quanto lhe era agradável uma tal obediência. O monge Marco, sendo uma vez chamado por seu Abade Silvano, enquanto escrevia, obedeceu tão depressa, que deixou incompleta uma palavra começada, e eis que, ao voltar, achou aquela palavra escrita com letras de ouro. Blósio narra que o Menino Jesus apareceu a uma freira na ocasião em que a Regra a chamava para um exercício determinado; ela deixou tudo para seguir a prescrição da Regra. Voltando depois, encontrou Jesus não mais como menino, mas como moço, o qual lhe disse: "Minha filha, por tua pronta obediência, cresci tanto assim em teu coração". Um religioso, a quem apareceu igualmente o Menino Jesus, deixou-o logo que ouviu o sinal para as vésperas e dirigiu-se ao coro; voltando para a sua cela, encontrou novamente o Menino, que lhe disse: "Porque me deixaste, encontrasme de novo; senão tivesses obedecido, eu te teria deixado" (Chron. S. Franc., c. 38). Não deixou também o Senhor de mostrar várias vezes como lhe desagrada a obediência tardia. Estando uma vez o irmão Junípero ocupado no jardim em plantar um pé de zimbro, foi chamado por S. Francisco; ele não obedeceu imediatamente, mas só depois de ter plantado o pé de zimbro que tinha nas mãos. Para fazer o irmão chegar ao conhecimento da falta que cometera, S. Francisco amaldiçoou o pé de zimbro e proibiu-lhe, em nome de Deus, crescer mais: ele obedeceu e não cresceu nem mais uma polegada sequer. O escritor que narra este fato acrescenta que se podia ver, ainda em seu tempo, esse pé de zimbro, no convento de Carínula, onde se deu esse acontecimento: estava ainda verde, mas sempre tão pequeno como na ocasião em que fora plantado.

2. O segundo grau da obediência perfeita consiste em obedecer com exatidão, isto é, com a maior atenção possível e sem murmuração alguma.

Deve-se, pois, primeiramente, obedecer com a maior atenção possível, isto é, deve-se empregar todo o tempo e esforço necessários para executar bem o preceito recebido. S. Maria Madalena de Pazzi costumava dizer: "O religioso não ofertou aos homens, mas a Deus, sua vontade, e não parcialmente, mas sem restrição. Deve-se então obedecer sem murmuração"

Achando-se uma vez S. Tomás de Aquino em Bolonha, chegou aí um irmão leigo de outro convento. Como esse irmão devia sair imediatamente para tratar de um negócio importante, recebeu do prior a licença de levar como companheiro ao primeiro que encontrasse; encontrou-se por acaso com S. Tomás, a quem não conhecia, e convidou-o a acompanhá-lo, conforme a ordem do superior. O santo obedeceu imediatamente; e, como ele tinha um passo pesado e lento, o irmão, que andava ligeiro, instava repetidas vezes com ele que apressasse o passo, porque o negócio era urgente. Quando o irmão ficou sabendo quem fora seu companheiro, foi-lhe pedir instantemente perdão. S. Tomás, porém, nem de longe se mostrou descontente ou aborrecido pelo ocorrido. O Santo poderia muito bem ter interpretado a ordem do superior e ter pensado que ela não o visava; mas preferiu obedecer sem contradição e sutilezas, e quando, depois, lhe disseram que poderia ter-se desculpado, respondeu que um religioso deve cuidar ùnicamente em obedecer com pontualidade.

Cassiano narra que o Abade João encarregou uma vez a dois jovens religiosos que levassem um cesto de figos a um velho monge que morava em uma ermida muito distante; eles, porém, perderam o caminho e erraram vários dias pelo deserto, sem terem nada que comer. Em tais circunstâncias poderiam certamente pensar que lhes era lícito comer o que levavam, sem faltar com a obediência. Eles, porém, não tocaram naquilo e foram encontrados mortos ao pé do cesto de figos. Não quero dizer com isso que se deve obedecer sempre ao pé da letra e que não é permitido interpretar a vontade do superior quando isso é justo e necessário; só digo que algumas interpretações sutis e forçadas pouco diferem da desobediência formal. Enquanto não se pode admitir com certeza que o superior pensa doutro modo, deve-se obedecer. S. Aberto Magno diz: O Verdadeiro obediente não opera pela ordem expressa do superior; basta-lhe conhecer sua vontade e ele a cumpre como se tivesse recebido sua ordem. S. Tomás, o anjo das escolas, ensina também que se deve considerar a vontade dos superiores, logo que nos é conhecida, como uma ordem tácita, se se quiser ter uma obediência perfeita.

3. O terceiro grau da obediência perfeita consiste em obedecer com alegria. Obedecer contrariado, murmurando contra seus superiores, é antes um pecado que uma virtude, diz S. Bernardo (Sermo 3, de circ.). Como se poderá dar a alguém o nome de religioso obediente, se só se deixa impor aquelas coisas que lhe agradam e que só com repugnância executa as outras? S. Inácio diz que quem assim procede e ainda pensa que pratica a obediência, engana-se a si mesmo. Ele cita a respeito as palavras de S. Bernardo:

"Quem procura de um modo dissimulado ou às claras induzir o superior a mandar-lhe qualquer coisa que ele mesmo quer, engana-se muito pensando que é obediente, porque, em tal caso, não é ele que obedece ao superior, mas o superior que lhe obedece" "Deus ama ao que dá com alegria", diz o Apóstolo (2 Cor 9, 7). Deus ama aquele que faz com alegria o que ele pratica por amor de Deus.

Os religiosos verdadeiramente obedientes executam com alegria justamente aquelas ordens que mais se opõem às suas inclinações, porque estão em tal caso mais seguros de cumprirem com a vontade de Deus e não com a sua. De fato, que maior alegria poderá haver para uma alma que puder dizer: Fazendo isto, eu agrado a Deus. Se quiseres ser muito agradável a Jesus Cristo, alma cristã, suplica a teus superiores que te dêem ordens à sua vontade e sem consideração alguma de ti, pois então terão eles mais liberdade em ocupar-te no que for necessário e tu alcançarás maiores merecimentos cumprindo as suas ordens; poderás então ficar certa que no cumprimento das coisas que forem de teu agrado adquirirás tantos merecimentos como na execução daquelas que forem contrárias a teu amor-próprio.

A obediência é chamada, por alguns mestres espirituais, a morte da vontade própria. Mais acertadamente ainda a denomina S. João Clímaco o sepulcro da vontade própria, pois um falecido, que se acha fora do sepulcro, apesar de estar morto, é ainda visto por nós; uma vez, porém, no sepulcro, desaparece por completo às vistas dos homens. Alguns religiosos põem sua vontade em um estado de morte, sujeitando-a à obediência; deixam-na, porém, aparecer ainda externamente. A vontade dos religiosos perfeitos, porém, não só está morta, mas também sepultada, de modo que não se vê mais nada dela.

S. Margarida de Pazzi assinalava-se na prática da obediência; nunca dava a conhecer às suas superioras para o que tinha gosto e do que não gostava. Procede também assim; mostra-te sempre inteiramente indiferente a respeito de todas as cargas e trabalhos que te poderão ser impostos pela obediência. Quando te forem realmente entregues, dedica-te a eles com toda a alegria e, se quiseres que essa alegria seja perfeita, entrega-te a esses trabalhos com a única intenção de agradares a Deus. Se o fizeres com uma outra intenção, como de adquirires as boas graças de teus superiores, ou de obrigá-los a ti, para que eles, de sua parte, não te negúem o que lhes pedires ou para que não sejas repreendido e tido por desobediente, então contentarás a teus superiores, mas não a Deus; sujeitar-te-ás a todos os incômodos da obediência e viverás, apesar disso, descontente. Se não tiveres outra intenção senão agradar a Deus, obedecerás com alegria não só quando os superiores te mandarem alguma coisa com palavras brandas e afáveis, mas também quando te falarem áspera e imperiosamente: justamente então ajuntarás os maiores merecimentos.

4. O quarto grau da obediência perfeita consiste em obedecer com simplicidade, ou, na expressão do Apóstolo (Ef 6, 5), "na

simplicidade do coração" A simplicidade do coração exige que se submeta o próprio parecer ao juízo do superior e que se tenha por bom e reto tudo o que ele manda. Ouçamos como o Espírito Santo ensina à sua esposa a obediência: "Se tu não te conheces, ó minha bela dentre as mulheres, isto é, se não sabes como podes tornar-te agradável a mim, por meio de tuas obras, eu to direi: sai de ti mesma e segue as pegadas dos rebanhos"; considera que quando são levados ao pasto não pensam em perguntar por que se faz isso nessa hora e nesse lugar: eles obedecem ao seu pastor sem contradição. Assim também deve proceder um religioso devoto: deve obedecer sem querer saber por que se lhe manda isto ou aquilo.

Um grande servo de Deus, o Pe. Pavone, da Companhia de Jesus, costumava dizer que a obediência, para ser perfeita, deve andar com os dois pés. Tinha com isso em vista designar o entendimento e a vontade. Quando se obedece só com a vontade sem o entendimento, isto é, quando se tem outra opinião que o superior, a obediência não é perfeita, mas manca. A obediência perfeita, diz S. Maria Madalena de Pazzi, exige uma alma sem vontade e uma vontade sem parecer; por isso essa Santa, para obedecer de uma maneira perfeita, procurava prender primeiramente seu parecer e então executava a ordem recebida.

S. Tomás ensina que o religioso deve procurar executar a ordem dos superiores mesmo quando a coisa prescrita lhe parecer impossível, visto que não lhe compete decidir se ela é possível ou não. A obediência perfeita, diz S. Bernardo, não admite nenhum arrazoamento da parte do súdito, e um noviço, diz ele em outro lugar, que quiser ao obedecer seguir sua prudência própria, não poderá perseverar na Comunidade religiosa. E o motivo que ele dá é que arrogar a si alguma coisa que compete ao superior, é um orgulho insuportável. Ora, só ao superior compete decidir o que se deve fazer; o súdito só tem de obedecer. S. Inácio disse uma vez que se o Papa lhe dissesse que atravessasse o mar em uma canoa sem mastro, sem remo, sem velas, ele obedeceria imediatamente. Disseram-lhe então que era certamente imprudência expor-se voluntàriamente ao perigo de morte. O Santo, porém, respondeu mui sàbiamente que a prudência se requer ùnicamente nos superiores e que nos inferiores ela consiste em obedecer sem prudência.

O súdito deve ser, nas mãos de seu superior, "como o barro na mão do oleiro" (Ecli 33, 13). Porventura dirá o barro ao oleiro que o maneja: Que fazes? pergunta Isaías. Se se desse isso, responderia o oleiro: Cala-te, não te compete perscrutar o que eu faço; deves ùnicamente obedecer, deixando-me o direito de dar-te a forma que me aprouver. Essa é a resposta que merecem aqueles religiosos que querem saber por que se lhes deu esta ou aquela ordem, este e não aquele cargo. Por isso escreveu S. Jerônimo a Rústico: "Teu dever é obedecer; por isso não queiras criticar o que os superiores mandarem".

E' esta a cega obediência tão exaltada pelos santos. Para possuí-la, deve-se crer que tudo o que fazem os superiores é bem fei-

to, e isso por quatro razões: 1. Porque ninguém deve confiar no seu próprio parecer quanto ao que lhe diz respeito. 2. Porque o súdito sabe ùnicamente o que se refere a ele próprio, enquanto que o superior tem muitas outras coisas diante dos olhos, e, por isso, pode julgar muito melhor. 3. Porque o súdito, muitas vezes, olha ùnicamente para seu proveito próprio, enquanto que o superior tem em vista o bem comum. 4. Porque os superiores, segundo S. Maria Madalena de Pazzi, têm uma especial assistência de Deus e luzes particulares para a direção da Comunidade, privilégio de que não gozam os súditos.

S. Bernardo diz que se nós, em vez de obedecermos cegamente, quisermos saber por que o superior manda isto ou aquilo, mostramos com isto que nossa vontade é muito imperfeita. Dessa maneira a serpente tentou Eva e conseguiu arrastá-la à queda: "Por que vos proibiu Deus comer de todas as árvores do paraíso?" (Gn 3, 1) perguntou-lhe a serpente. Eva não teria caído no pecado, se tivesse respondido: Não vos compete perscrutar o motivo da proibição; nós temos ùnicamente de obedecer. Mas a infeliz começou a refletir sobre a razão da proibição e respondeu: Podemos comer de todas as frutas; só o fruto de uma única árvore nos é vedado, para que não morramos talvez. Vendo a serpente que desse "talvez" Eva começava a duvidar do castigo prometido, disse-lhe ousadamente: Não temais; de forma alguma morrereis. E desse modo conseguiu induzir Eva a transgredir o preceito de Deus.

Diz-se de S. Paulo que, na sua conversão, tinha ele os olhos abertos, mas nada via, de forma que foi preciso conduzi-lo pela mão. Os religiosos verdadeiramente obedientes não examinam o motivo do preceito; eles têm os olhos abertos, como S. Paulo, isto é, têm um entendimento para julgar, mas eles nada vêem, porque, por obediência, submetem seu próprio juízo ao parecer daquele que os governa. Para provar essa cega obediência mandam, às vezes, os superiores coisas que parecem absurdas e contrárias à razão humana. S. Francisco mandou uma vez a um de seus irmãos que plantasse um pé de couve com as folhas para baixo e as raízes para cima. Mas para que isso? perguntará alguém. Respondo, perguntando também: Por que se faz um cavalo novo galopar sem necessidade, depois parar, e voltar novamente atrás? Ùnicamente para torná-lo obediente à rédea. Do mesmo modo se ordenam aos religiosos coisas que parecem desnecessárias e absurdas, para acostumá-los a contrariar sua vontade e sujeitar seu entendimento à obediência.

S. José Calazans dizia: Não é obedecer, se ao obedecer se segue seu próprio parecer. Por isso evita confiar em teu próprio juízo, quando ele é contrário ao preceito de teus superiores. Segundo S. Filipe Néri nada há mais perigoso do que a aspiração de se dirigir conforme seu próprio juízo. E, antes dele, Pedro de Blois já o dissera: "Não conheço maior mal para uma alma, do que a confiança em seu próprio juízo", pois, conforme Cassiano, aquele que confia em seu próprio juízo será seguramente enganado pela astúcia do demônio: "Nada é mais próprio para destruir a Igreja de Deus, diz

S. Crisóstomo, do que o modo de ver dos discípulos diferente do de seu divino Mestre" Eu acrescento que uma Comunidade está no maior perigo de se perder, se os súditos têm idéias que não são conforme às de seus superiores.

CAPÍTULO SEXTO

Da perseverança no estado religioso

Não basta entrar no estado religioso; deve-se também perseverar nele. Por isso é preciso que as pessoas consagradas a Deus conservem sempre em si aqueles sentimentos que constituem um penhor e igualmente uma condição indispensável da perseverança. O presente capítulo deve nos pôr diante dos olhos esses sentimentos e também recapitular tudo o que foi dito até agora.

O fim de toda a vida religiosa consiste em imitar da maneira mais perfeita possível ao divino Salvador, que levou na terra uma vida toda mortificada e toda desprendida das comodidades, uma vida cheia de padecimentos e humilhações. Quem se consagra, pois, a este santo estado, deve resolver-se ao mesmo tempo a padecer e a renunciar-se em todas as coisas, segundo as palavras de Jesus Cristo: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me" (Mt 16, 24).

Muitos, ao entrarem numa Ordem fervorosa, não tomam o caminho direito que os conduz à paz e à santidade; eles só pensam nas comodidades que aí se encontrarão, por exemplo: na solidão, no silêncio, na isenção de negócios desagradáveis de família, de contendas e outros desgostos, de cuidados de morada, alimentação e vestuário. Certamente todo aquele que entra em uma Ordem é devedor de uma grande gratidão a ela, porque o livra de tantos cuidados e contrariedades e lhe torna tão fácil o servir ao Senhor de maneira perfeita, com paz e sossego. A Ordem lhe oferece incessantemente os mais poderosos meios para seu adiantamento espiritual: tantos bons exemplos da parte de seus confrades; tantas admoestações da parte dos superiores, que têm sempre em vista seu bem; tantos exercícios de piedade, tão proveitosos para a vida espiritual. Tudo isso é verdade; para que, porém, não se percam essas vantagens, deve-se também estar resolvido a abraçar com alegria todas as penas que o estado religioso traz igualmente consigo; quem não as abraça de boa mente, não poderá chegar a essa abundância de paz e a esse maná escondido, que o Senhor, segundo sua promessa (Apoc 2, 17), só dá a fruir àqueles que se vencem para o agradar. A paz que o Senhor promete a seus fiéis servos está oculta aos olhos dos seculares, que, à vista da vida mortificada pelos religiosos, em vez de invejá-los, lamentam-nos e julgam-nos infelizes, "eles bem vêem suas privações e seus sofrimentos, diz S. Bernardo, mas não vêem a paz interior que Deus lhes dá a gostar"

Não se pode negar que se tem de padecer no estado religioso; mas quando se está decidido a padecer, diz S. Teresa, não se sen-

tem mais padecimentos: as mesmas dores transformam-se em alegrias. O Senhor disse, um dia, a S. Brígida: "Minha filha, meus tesouros parecem circundados de espinhos; tornam-se, porém, eles em rosas para aquele que suporta a primeira picada". Só aquele que as experimentou pode compreender as satisfações que Deus concede às almas que ele ama, na oração, na santa comunhão e na solidão; que luzes, que santos desejos, que íntima união com Deus, que paz de consciência, que doce esperança da vida eterna não lhes concede ele! "Uma só gota das consolações espirituais vale mais que todas as alegrias e gozos do mundo", dizia S. Teresa. Nosso bom e generoso Senhor outorga àqueles que sofrem por amor dele, já neste vale de lágrimas, um antegosto da glória celeste. Realizam-se neles as palavras de David (Sl 93, 20): "Teus mandamentos ocasionam aparentes incômodos".

Porque Deus permite que no estado religioso nos sobrevenha toda a espécie de penas e trabalhos, poderia parecer que aí ele só nos visita com tribulações; mas, na realidade, não é assim, pois a vida claustral alcança, a quem se consagra inteiramente a Deus, aquela inefável paz que, segundo S. Paulo (Filip 4, 7), sobrepuja todo o entendimento, todas as alegrias do mundo e dos mundanos. A experiência ensina que os religiosos vivem muito mais satisfeitos em sua pobre cela do que os príncipes da terra em seus palácios. "Experimentai e vede quão doce é o Senhor" (Sl 33, 9); só aquele que a experimentou poderá compreender essa verdade. Contudo, deve-se também estar persuadido que, no estado religioso, nunca se chegará a essa paz verdadeira, se não se estiver resolvido a padecer e a vencer-se em tudo que contraria a natureza. "Quem vencer, receberá o maná escondido" (Apoc 2, 17).

Os religiosos devem, pois, antes de tudo, cuidar em renunciar a si mesmos e afastar de seus corações todas as inclinações e desejos que não vêm de Deus e não tendem para Deus. Devem desprender-se de tudo e, em especial, de quatro coisas: 1. de suas comodidades; 2. de seus parentes; 3. da estima de si mesmos; 4. de sua vontade própria.

1. A vida religiosa exige primeiramente que se desprenda de todas as comodidades. Depois de terminado o noviciado, faz-se, nas Ordens religiosas, o voto de pobreza, além dos votos de castidade e obediência, conforme o qual não se pode possuir coisa alguma fora dos limites marcados pela Regra, ainda que seja um alfinete. A Ordem dá a cada um aquilo de que ele precisa. O voto de pobreza, porém, não poderá tornar-nos semelhantes a Jesus Cristo, se não abraçarmos com alegria as dificuldades que a pobreza traz consigo. "Para possuirmos a virtude que nos torna perfeitos, diz S. Bernardo, não basta que sejamos pobres; devemos amar também as consequências desagradáveis da pobreza" Oh! quantos desejariam ser pobres e semelhantes a Jesus Cristo, diz Tomás de Kempis, mas sem que nada lhes falte! Querem ter a honra e a recompensa da pobreza, mas não as suas privações.

E' claro que em uma Ordem religiosa não se recebem coisas desnecessárias, como vestes de seda, comidas finas, preciosos mó-

veis e coisas semelhantes; deve-se estar contente quando se recebe o necessário e até esse poderá às vezes faltar. Mas justamente então se mostra se um religioso ama verdadeiramente a pobreza, conservando também então a alegria e tranquilidade, ainda que lhe faltem as coisas mais indispensáveis, como as vestes necessárias, a alimentação, etc. Quantos merecimentos poderemos adquirir pela prática da pobreza, se nada nos falta? Para amar a pobreza verdadeiramente devem-se amar também as suas consequências, diz o Pe. Baltasar Álvarez, como o frio, a fome, a sede, a humilhação, etc.

No estado religioso devemos não só estar contentes com aquilo que recebemos, mas também estar prontos a sofrer às vezes a privação até daquelas pobres coisas que a Regra permite. Se, pois, acontecer faltar-nos alguma coisa quanto ao vestuário, à alimentação, etc., devemos nos contentar com o pouco que nos foi dado, sem nos queixar ou desanimar.

2. O estado religioso, em segundo lugar, requer que se desprenda inteiramente de seus parentes e se siga à risca a doutrina de Cristo: "Eu não vim trazer a paz, mas a espada, porque eu vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe, etc." (Mt 10, 34). O divino Salvador dá também a razão disso, acrescentando: "Os inimigos do homem são os de sua carne" (Id v. 36). Quando se trata da vocação para o estado religioso e de abandonar o mundo, geralmente não há maiores inimigos do homem do que os parentes, que procuram desviar seus filhos da vocação, quer por interesse próprio, quer por paixão, e preferem incorrer na desgraça de Deus a dar o seu consentimento para que sigam o chamamento de Deus. Oh! quantos pais e parentes não estarão no vale de Josafat entre os condenados, porque foram os culpados de seus filhos ou parentes não terem seguido a sua vocação! E quantos filhos não terão de arder eternamente no inferno porque se tornaram infiéis à sua vocação e perderam a sua alma para contentar a seus pais e não ter de se separar deles! Por isso o divino Salvador dirige as sérias palavras: "Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, não pode ser meu discípulo" (Lc 14, 26).

Seria uma falta grave e um grande escândalo no estado religioso, se se visitassem parentes sem a licença expressa de seus superiores. S. Carlos Borromeu dizia que todas as vezes que visitava sua família voltava de lá mais tíbio na vida espiritual. Por isso, um religioso que visita seus parentes movido por sua vontade própria e não em obediência a seus superiores, pode estar certo que, voltando, será atacado por tentações ou então terá de combater contra a tibieza. S. Vicente de Paulo pôde ser levado uma única vez a visitar sua pátria e seus parentes, e isso só por necessidade. Ele costumava dizer que o apego à pátria e à casa paterna é um grande impedimento para a vida espiritual. "Não poucos, continuava ele, ao visitarem seus parentes, tomaram demasiada parte em seu bem-estar, em suas tristezas ou alegrias e se embaraçaram nisso como as moscas em uma teia de aranha, da qual não se podem desprender mais. Eu mesmo sou testemunha dessa verdade. Passando uma vez oito ou dez dias com meus parentes para conduzi-los pelo caminho da salvação e curá-los dos desejos dos bens terrenos, senti uma tal

dor no dia da partida por ter de deixá-los, que, durante todo o caminho, nada mais fiz que chorar. A essas lágrimas seguiu-se o pensamento de que eu devia ficar junto deles para melhorar sua posição. Assim sofri durante três meses. Roguei a Deus que me livrasse dessa tentação e não cessei de pedir até que ele se apiedou de mim" (Abelly, l. 3, c. 30).

Finalmente, seria uma grande falta em um religioso se, em caso de enfermidade, exigisse ou, mesmo, só mostrasse ardente desejo de voltar para sua família, para ser melhor tratado e gozar de ares pátrios. O ar da casa paterna é quase sempre prejudicial e contagioso para os religiosos. Se alguém, porém, me objetasse que desejava restabelecer sua saúde em sua casa sòmente pelo motivo de não se tornar pesado ao convento pelas despesas com os remédios, eu lhe diria então que no convento se tem com os doentes todo aquele cuidado, que a mais generosa caridade pode inspirar, e, por isso, se o clima do lugar onde se acham lhes é prejudicial, os superiores cuidarão em removê-los, se possível for, para um outro convento. Quanto aos remédios necessários aos doentes, certamente não se duvidaria, se fosse necessário, em vender os próprios livros do convento, para arranjá-los aos enfermos. O religioso, portanto, não precisa temer ser abandonado pela Providência em suas enfermidades. Se o Senhor, porém, não quiser que o doente sare, deverá ele conformar-se com a vontade de Deus, sem falar nem uma palavra da casa paterna. Ao religioso deverá ser sempre a coisa mais desejável findar sua vida quando aprouver ao Senhor, na casa de Deus, rodeado de seus irmãos espirituais, e não em uma casa secular, circundado por seus parentes.

3. Em terceiro lugar, deve-se estar desprendido inteiramente da estima própria. Muitos renunciam às suas comodidades, à sua pátria e a seus pais, mas ficam presos nos laços da estima própria, e assim conservam justamente aquele apego que é o mais pernicioso. O maior sacrifício que podemos oferecer a Deus consiste em renunciar não só às riquezas, aos prazeres e à nossa família, mas também inteiramente a nós mesmos. Essa é aquela abnegação própria que Jesus Cristo recomendou antes de tudo a seus discípulos. Para se renunciar, porém, a si mesmo, deve-se antes calcar aos pés toda a estima própria e desejar e abraçar todo o desprezo possível; deve-se, por exemplo, estar contente quando se é posposto a um outro que talvez tenha menos merecimentos, ou se é considerado como imprestável ou empregado só nos mais inferiores cargos e penosos trabalhos.

Deve-se estar persuadido que na casa de Deus os mais altos e honrosos cargos são aqueles que a obediência impõe. Jamais procure um religioso conseguir um cargo a que está ligada uma primazia. Uma tal aspiração deve ser banida por completo de uma Ordem religiosa; quem assim procedesse se mostraria orgulhoso e ambicioso e mereceria ser mortificado sensivelmente nesse mesmo ponto. Seria talvez melhor dissolver uma Ordem do que deixar entrar nela essa maldita peste da ambição, que desfigura as mais florescentes sociedades e as mais belas obras de Deus. Deve-se até alegrar-se interiormente quando se for o objeto de mofa e escár-

nio da parte de seus confrades. Digo interiormente, porque nossa natureza sensível nunca se familiarizará com a humilhação; e isso nem é necessário; basta que nossa vontade a receba e nos alegremos na parte superior de nossa alma. Se um religioso fosse repreendido e mortificado continuamente não só por seus superiores, mas também por seus iguais e inferiores, deveria agradecer aos que assim o tratam, de todo o coração e com toda a paz da alma e dizer-lhes que se esforçará mais no futuro para não recair nas mesmas faltas.

Foi sempre um dos mais íntimos desejos dos santos, na terra, serem desprezados por amor de Jesus Cristo. Um tal desejo tinha, por exemplo, um S. João da Cruz. Apareceu-lhe um dia o Salvador com a cruz aos ombros e perguntou-lhe o que desejava dele. "Padecer e ser desprezado por amor de vós, Senhor", respondeu-lhe o Santo. O mais alto grau de humildade, como dizem os teólogos com S. Francisco de Sales, consiste em se alegrar com o aviltamento e a humilhação. Com isso se adquirem também imensos merecimentos diante de Deus. Uma injúria, que se suporta pacientemente por amor de Deus, vale mais do que muitas flagelações e jejuns rigorosos.

No estado religioso, mesmo nas mais santas Comunidades, se terá sempre humilhações, ora dos superiores, ora dos confrades. Para se convencer disso basta ler a biografia dos santos. Quantas mortificações não teve de aturar um S. Francisco Régis, um S. Francisco Jerônimo, o Pe. Torres e tantos outros! Deus permite às vezes que haja mesmo entre pessoas santas antipatias e certas diferenças de caracteres entre os homens mais virtuosos, com o que têm de sofrer muitas contrariedades. Não poucas vezes se dão deploráveis equívocos em consequência dos quais se têm por certas coisas que não o são: Deus mesmo o permite, para que os religiosos se exerçam na paciência e na humildade.

Quem não suporta pacientemente desprezo e contrariedades, tirará pouco proveito do estado religioso, antes até dano. Quem entra no estado religioso para se dar todo a Deus, deveria se envergonhar de se entristecer por causa de uma humilhação, pois que Jesus Cristo, por amor de nós, quis ser saciado de opróbrios. Olhemos bem para nós e façamos o firme propósito de suportar de boa mente, na casa do Senhor, toda a sorte de desprezos e contrariedades. Preparemo-nos para muitas humilhações, porquanto não deixarão mesmo de vir; se não estivermos prontos para isso, poderão elas nos ocasionar uma tal perturbação que poderá pôr em perigo a nossa perseverança na Ordem. Oh! quantos já perderam a vocação por sua impaciência nas humilhações! E como poderá alguém pretender o nome de religioso, se não souber suportar uma injúria por amor de Deus? Poderá um religioso dizer que está morto a si mesmo, conforme a promessa feita a Jesus Cristo à sua entrada no convento, se se mostrar ainda muito sensível às humilhações, perdendo a calma? Para longe do convento aqueles que têm tão grande apego à sua própria reputação! Que esses vão quanto antes embora, para que não contaminem os outros com seu orgulho. Quem quiser viver no estado religioso deve morrer inteiramente a si mes-

mo e, antes de tudo, à sua própria reputação; se não quiser isso, é melhor não entrar, e se já deu esse passo, voltar novamente atrás.

4. Em quarto lugar, o religioso deve renunciar absolutamente à sua própria vontade e sacrificá-la por completo à santa obediência. Esse é o mais necessário de todos os requisitos. Que adiantaria renunciar às comodidades, aos parentes, à ambição, se se conservasse na Ordem a vontade própria? Justamente na renúncia da vontade própria consiste a abnegação própria, a morte espiritual e a entrega completa a Jesus Cristo. O sacrifício para o qual o Senhor olha com maior agrado e que ele exige, antes de tudo, dos religiosos é o sacrifício do coração ou da vontade. Todas as mortificações, todas as orações, todas as privações teriam pouco valor, se não se renunciasse sem restrição à sua vontade própria. Está fora de dúvida que nisso consiste o maior merecimento que podemos adquirir diante de Deus e que é o único e o mais seguro meio de lhe agradarmos em todas as coisas. Quem tem esse sentimento, pode dizer com seu Salvador: "Faço sempre o que é de seu agrado" (Jo 8, 29). De fato, o religioso que não tem vontade própria pode dizer, em todos os seus atos, confiadamente, que faz sempre a vontade de Deus, pois no estado religioso não há quase um só movimento ou respiração que não seja feito por obediência às Regras ou aos superiores.

As pessoas do mundo e, entre essas, as que levam uma vida espiritual, não compreendem quão preciosa é uma tal vida de obediência em uma Comunidade religiosa. E' verdade que há muitas pessoas, fora dos conventos, que sofrem muito e fazem talvez mais que aqueles que vivem debaixo da obediência: mortificam-se, rezam, jejuam; mas, em tudo isso, sua vontade própria tem uma grande parte, talvez a maior, e praza a Deus que elas não tenham de lamentar, no dia do juízo, como aqueles que dirão então a Deus: "Por que jejuamos e não olhastes para nós? humilhamos as nossas almas e nos desconhecestes?" E o Senhor lhes dirá: "Foi porque no dia de vosso jejum se achava a vossa vontade" (Is 58, 3).

"Oh! que grande mal é a vontade própria, exclama S. Bernardo; ela faz que o bem que operas não seja um bem para ti". Isso se dá sempre quando não se busca a Deus em suas obras, mas a si mesmo; quem, porém, faz tudo por obediência, está certo de agradar a Deus em tudo. O religioso deve estar, por conseguinte, resolvido a renunciar por completo à sua própria vontade e a querer ùnicamente aquilo que quer a santa obediência. Não permita Deus que um religioso diga as palavras: Eu quero, ou, eu não quero. Em todos os casos, mesmo quando os superiores lhe perguntarem o que deseja, deve responder invariàvelmente: Eu quero o que a obediência quer.

Para bem praticar, porém, esta virtude da obediência, de que tudo depende, devemos estar sempre prontos a executar tudo o que nos for imposto, mesmo que sintamos a maior repugnância nisso, e a aceitar a denegação de tudo aquilo que pedimos ou desejamos. Dar-se-á, por exemplo, o caso que, quando desejarmos ficar na solidão para dedicar-nos à oração e ao estudo, teremos de nos

ocupar com muitos negócios externos. Pois se se vive recolhido no estado religioso, se muitas horas do dia são consagradas ao recolhimento do espírito e se fazem todos os anos exercícios espirituais no mais rigoroso silêncio, contudo, deve-se contentar com as orações de costume e os exercícios da Comunidade, quando se é empregado pela obediência em contínuos trabalhos; deve-se até estar pronto, se a obediência o exigir, a deixar também esses exercícios, e isso sem contestação e sem inquietação interna. S. Maria Madalena de Pazzi diz muito bem: "Tudo o que é feito por obediência é oração".

Quem entrou no estado religioso não se imagine que ficará então livre de todas as tentações e provações. Sabemos que até os santos, que estimavam sumamente sua vocação, algumas vezes se achavam imersos nas mais profundas trevas a esse respeito. Entre outros S. Teresa, S. João da Cruz, S. Francisca de Chantal. Tais provações envia o Senhor justamente àquelas almas que mais ama, conforme as palavras ditas ao piedoso Tobias: "Porque eras agradável a Deus foi preciso que a tentação te provasse" (Tob 12, 13), e aquelas do Deuteronômio: "O Senhor, vosso Deus, vos tenta para se fazer manifesto se o amais ou não" (Deut 13, 3). Por isso, cada religioso deve estar preparado para tais provações. Parecer-nos-á, às vezes, que poderemos suportar o rigor da vida religiosa, que nunca poderemos alcançar a paz, nem mesmo nos salvar. Contra essas tentações existem dois meios principais:

a) O primeiro é a oração. "Chegai-vos a ele e sereis iluminados" (Sl 33, 6), diz o salmista. Quem recorrer a Deus, alcançará infalìvelmente a vitória; quem, pelo contrário, deixar de o fazer, sucumbirá sem dúvida alguma à tentação. Entretanto, deve-se notar que não basta recomendar-se a Deus uma só vez ou alguns dias em seguida; o Senhor permitirá que a tentação perdure depois da oração várias semanas, vários meses, talvez até anos inteiros. Tenhamos, porém, a certeza de que quem pede ao Senhor com perseverança, será finalmente iluminado e coroado com a vitória e alcançará então maior paz e será confirmado na sua vocação. Enquanto não se travou esse combate, do qual quase ninguém fica livre, não se julgue que se está em segurança.

b) O segundo meio, igualmente importante e necessário em tais tentações, é revelar a tentação a seu superior, ou a seu confessor, e isso já no princípio, antes de se tornar ela forte. Segundo S. Filipe Néri, uma tentação revelada já está meio vencida. E não há coisa mais perigosa em tais casos, do que ocultar a tentação, porque, de um lado, Deus nega suas luzes a um tal, em castigo de sua falta de sinceridade, e, de outro lado, a tentação tornar-se-á cada vez mais forte, se não for descoberta. Por isso, aquele que sofre de tentações contra a vocação e não as revela com sinceridade, perderá certamente sua vocação. Um religioso, porém, que perdeu sua vocação é um homem sumamente infeliz. Será logo atormentado pelos remorsos da consciência, que não lhe deixarão mais descanso. Além disso, se tornará tão tíbio e desanimado a respeito do bem que poderia fazer que não terá mais a coragem de elevar seus olhos para o céu. Por isso não é para admirar se ele deixa por completo

a oração, porque todas as vezes que se der a ela terá de suportar um inferno de remorsos de consciência. No fundo de seu coração ressoa uma voz que o repreende e lhe diz: Desgraçado, que fizeste? abandonaste a Deus, perdeste a tua vocação, e por que razão? Sua vida inteira terá de ouvir essas exprobrações, principalmente na hora da morte, e permita Deus que elas não o atormentem por toda a eternidade, no inferno, no qual tão fàcilmente se cai, quando se perde a vocação por própria culpa.

Finalmente, todo aquele que se consagrou à vida religiosa deve estar decidido a fazer-se santo e a padecer todos os sofrimentos, tanto externos como internos, para permanecer fiel a Deus e à sua vocação. Quem procede diversamente prejudica a si mesmo e à Ordem, porque se acha em grande perigo de abandoná-la e, então, sua reputação está perdida diante dos homens; torna-se réu de uma grande infidelidade para com Deus, perde a esperança de progredir no caminho do amor de Deus e só Deus sabe que males lhe sobrevirão ainda! Pelo contrário, como é belo o aspecto daquelas almas que se consagraram inteiramente ao Senhor no estado religioso e vivem nesta terra como se não fossem deste mundo, visto que não têm outra aspiração senão agradar ao Senhor. No estado religioso cada um deve viver ùnicamente para a eternidade! Oh! como somos felizes, consagrando a Deus estes poucos dias de nossa existência! E isso devem fazê-lo em especial aqueles que consumiram no mundo uma boa parte de sua vida! Reflitamos muitas vezes na eternidade, porque então suportaremos com resignação e até com alegria toda a espécie de tribulações.

Agradeçamos a Deus pelas muitas luzes e meios que nos concedeu para o amarmos perfeitamente. Entre tantos outros escolheu-nos a nós para o servirmos no estado religioso e, para esse fim, nos comunicou com profusão os dons de seu amor. Pratiquemos, por isso, com todo o fervor, as virtudes cristãs para lhe sermos gratos. Ponderemos que, depois de termos abandonado o mundo com seus bens todos, já temos talvez feito a coisa mais difícil, com a graça de Deus, para a nossa santificação; o mais fácil reta-nos a fazer; assim costumava dizer S. Teresa às suas filhas espirituais. Eu tenho por certo que Jesus Cristo tem preparado um lugar proeminente àqueles que morrem no estado religioso. Aqui na terra somos pobres e desprezados, e somos tidos por loucos; na outra vida, porém, tudo se mudará.

Recomendemo-nos sem cessar a nosso amado Salvador, oculto no SS. Sacramento do Altar, como à SS. Virgem Maria, pois, como religiosos, devemos ter um amor especial a Jesus no SS. Sacramento e à Virgem Imaculada. Tenhamos também uma grande confiança; o Senhor nos admitiu entre os mais nobres de sua corte, que temos, pois, a temer?

Senhor, completai a vossa obra! Fazei que nós pertençamos inteiramente a vós, para vossa glória! Fazei que todos os religiosos vos agradem perfeitamente até ao dia do juízo, e, por suas orações, seus padecimentos, trabalhos e bons exemplos, ganhem muitas almas para vós!

QUARTA PARTE

DOS MEIOS E SUBSÍDIOS DA GRAÇA

CAPÍTULO PRIMEIRO

Da prece

Nada é tão instantemente inculcado na Sagrada Escritura e nas obras dos Santos Padres como a necessidade da súplica. E, apesar disso, a maior parte dos fiéis pouco se empenha em utilizar-se desse grande meio de salvação. Em muitos livros de devoção também não se liga a devida importância ao mesmo, e, contudo, nada deveria ser recomendado com tanta instância e calor pelos escritores, pregadores e confessores do que a súplica. Por isso lê, alma cristã, com toda a atenção, o seguinte tratado, e fica profundamente persuadida que Deus te pôs à disposição, dando-te à oração, o mais importante meio de salvação.

Para aprendermos a apreciar e amar a prece em todo o seu valor, devemos considerar, antes de tudo, a imprescindível necessidade que temos dela e quanto ela é apta para atrair-nos todas as graças que desejamos alcançar de Deus, contanto que as saibamos pedir na devida maneira. Trataremos por isso primeiramente da necessidade da prece e, depois, da eficácia da mesma e, finalmente, das propriedades que a oração deve ter para ser atendida.

§ I. Necessidade da prece

S. Teresa dizia que desejava subir a um alto monte, donde pudesse ser ouvida por todos os homens, para lhes dizer: "O' homens, orai, orai, orai". Ela sabia que nossa salvação depende da oração. Quem reza será certamente salvo; quem não reza, se perderá seguramente. Os santos todos salvaram suas almas e se santificaram, porque rezaram, e os condenados todos se perderam porque não rezaram.

Encontramos exposta na Sagrada Escritura, em palavras formais, a necessidade da oração para alcançar a eterna salvação. "Importa orar sempre e não cessar de o fazer" (Lc 18, 1). "Vigiai e orai para que não sucumbais à tentação" (Mt 26, 41). "Pedi e recebereis" (Mt 7, 7). As expressões "importa", "orai", "pedi", significam, segundo o ensino comum dos teólogos, uma necessidade e estabelecem uma obrigação. O douto Leonardo Lessio opina que não se pode negar, sem pecar contra a fé, que a oração, para os adultos, é necessária para que se salvem, porque, segundo a doutrina da Sa-

grada Escritura, é evidentemente o único meio pelo qual podemos alcançar as graças necessárias para a nossa salvação (De just., l. 2, c. 37, d. 3). A razão desta doutrina é de fácil compreensão. Sem o auxílio da graça não podemos praticar nem o mínimo bem. "Sem mim, nada podeis fazer", diz o divino Salvador (Jo 15, 5). S. Agostinho faz notar nesta passagem que Jesus Cristo não disse: nada podereis concluir, mas, simplesmente, nada podeis fazer; o Salvador queria com isso nos dar a entender que sem a graça não podemos nem sequer começar uma boa ação (Cont. ep. Pelag., I, 2, c. 28). Segundo o Apóstolo, não podemos, por nós mesmos, nem ao menos ter o desejo de praticar algum bem; pois ele escreve (2 Cor 3, 5): "Não somos capazes de ter algum pensamento como de nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus".

Ora, se não podemos nem sequer pensar o bem, muito menos poderemos desejá-lo. A mesma coisa nos dizem outras passagens da Sagrada Escritura: "Deus é quem opera em nós", lemos em S. Paulo (1 Cor 12, 11) e no profeta Ezequiel: "Eu farei que andeis pelos meus preceitos e guardeis as minhas leis e opereis segundo elas" (Ez 36, 27). Nós só fazemos aquele bem que Deus opera conosco por meio de sua graça, como se exprime o Concílio de Orange (Conc. Arausic., 2, c. 20). E por isso o Concílio de Trento, em sua sexta sessão, estabeleceu o cânon seguinte: "Se alguém afirmar que o homem, sem a inspiração prévia do Espírito Santo e seu auxílio, pode crer, esperar, amar ou fazer penitência como deve, para que lhe seja dada a graça da justificação, seja anátema" (Trid. Sess. 6, c. 5).

Deus, nota o autor do *Opus imperfectum*, deu aos irracionais tudo o que necessitavam para a conservação de sua existência: a uns, a velocidade, a outros, as unhas, e a outros, as asas; o homem, porém, foi criado de tal maneira que ele, o Criador, constituí toda a sua força (Op. imp. in Mt hom. 18). O homem é, pois, absolutamente incapaz de operar sua salvação por própria força; por determinação de Deus, tudo o que ele tem ou possa ter, deve-o única e exclusivamente à graça de seu Criador. Daí o célebre dito de Genádio: "Nós cremos que ninguém trilha o caminho da salvação sem que Deus o chame; que ninguém, mesmo depois de chamado por Deus, opera a sua salvação, se Deus não o assistir; que ninguém alcança o auxílio de Deus sem a oração" (De eccl. dogm., c. 26).

Se, de uma parte, é certo que nada podemos sem o auxílio da graça, e, de outra, que Deus concede em geral esse auxílio só àquele que pede, então é fácil concluir daí que a oração é absolutamente necessária para a salvação. As primeiras graças, como a vocação para a fé e o estímulo para a penitência, nos são concedidas sem a nossa cooperação. Deus as concede, como nota S. Agostinho (De don. persev., c. 16), mesmo àqueles que não as pedem; as outras, porém, e particularmente a graça da perseverança, são dadas únicamente àqueles que as pedem, como tem por certo o mesmo Santo.

De acordo com S. Agostinho, a quem se associam S. Basílio, S. Crisóstomo, Clemente de Alexandria e outros, ensinam igualmente os teólogos que a oração é necessária aos adultos, não só devido

ao preceito divino, mas também por sua propriedade de ser um meio indispensável para a salvação; em outras palavras, que, segundo o modo geral de proceder da Providência, é impossível que se salve um cristão que não pede a Deus as graças necessárias para a sua salvação. O mesmo ensina S. Tomás (III, q. 39, a. 5): "Depois do batismo, o homem precisa incessantemente da oração para alcançar a eterna salvação, escreve ele; pois, ainda que os pecados sejam perdoados no batismo, fica sempre em nós e concupiscência que sempre nos ataca internamente, enquanto o mundo e o demônio nos atacam de fora" A conclusão que, segundo o Doutor Angélico, nos deve convencer da necessidade da oração, é, em poucas palavras, a seguinte: "Para nos salvar, devemos combater e vencer, pois quem combate na arena não é coroado senão depois que combateu conforme a lei" (2 Tim 2, 5).

Ora, nós não podemos resistir ao ímpeto de tantos e tão poderosos inimigos, sem a ajuda de Deus, auxílio esse que só nos será concedido se o pedirmos. Logo, sem oração não há salvação. Em outro lugar afirma S. Tomás, em termos ainda mais claros, que a oração ordinàriamente é uma condição indispensável para se obterem graças de Deus. Ele diz (II-II, q. 83, a. 2), que Deus estabeleceu que todas as graças a nós destinadas, segundo seus conselhos eternos, nos devem vir ùnicamente por meio da oração. O mesmo ensina S. Gregório (Dial l. 1, c. 8) Pela oração tornam-se os homens dignos de receber o que Deus determinou dar-lhes desde toda a eternidade. A oração, como diz S. Tomás (II-II, q, 83, a. 2, ad 1 et 2), não é exigida para que Deus conheça as nossas necessidades, mas para que nós cheguemos ao conhecimento de que estamos inteiramente dependentes de Deus a respeito de todos os meios necessários para nossa salvação e tenhamos de reconhecer que Deus é, portanto, o autor de todo o bem que possuímos. Do mesmo modo como Deus determinou que tenhamos o pão de plantação da semente do trigo, o vinho pela cultura da vinha, assim também quis ele que alcançássemos as graças para a salvação por meio da oração "Pedi e recebereis, disse ele, buscai e achareis" (Mt 7, 7).

Nós não passamos, pois, de miseráveis mendigos e temos só aquilo que Deus nos dá por esmola. "Eu, porém, sou pobre e mendigo", diz o salmista (Sl 39, 18). Nosso Senhor tem grande desejo de nos conceder suas graças, diz S. Agostinho (In ps. 102); mas ele só no-las concede se nós lhas pedirmos. "Pedi e dar-se-vos-á", diz Jesus Cristo mesmo. Quem, pois, não pede, diz S. Teresa, também não receberá. Conforme S. João Crisóstomo, a oração é tão necessária aos homens para que se salvem, como a humidade às plantas para que elas cresçam e não sequem. O mesmo Santo diz que assim como a alma conserva a vida do corpo, assim a oração conserva a vida da alma. "Como o corpo, sem alma, não pode viver, diz ele (De orat. Domini, l. 1), assim a alma, sem a oração, está em estado de morte e espalha o mais fétido cheiro". O Santo fala do mau cheiro porque o homem, apenas deixa a oração, começa a exalar o cheiro cadavérico do pecado

A oração é também chamada o alimento da alma, porque, assim como o corpo não pode subsistir sem alimento, assim também a alma, segundo as palavras de S. Agostinho (De sal. doct., c. 28), não pode conservar sua vida sem a oração. Dessas comparações todas dos Santos Padres se vê claramente que a oração é absolutamente necessária para todo aquele que deseja se salvar.

A oração nos é também uma arma indispensável no combate contra nossos inimigos; quem não se utiliza dela, diz o Doutor Angélico, está perdido. O Santo é de opinião que Adão sucumbiu unicamente porque não recorreu a Deus no tempo da tentação (I, q. 94, a. 4). O mesmo afirma S. Gelásio dos anjos que caíram: "Eles receberam em vão a graça de Deus; eles não rezaram e, por isso, não puderam perseverar no bem" (Tr. adv. pelag. haer.). S. Carlos Borromeu, em uma de suas pastorais, afirma que a oração foi o meio de salvação mas encarecidamente recomendado por Nosso Senhor, dentre todos os que ele nos indica no Evangelho; ele até quis que ela servisse de nota característica para distinguir a Igreja por ele fundada da dos hereges, e por isso a denominou casa de oração. "Minha casa será chamada casa de oração" (Mt 21, 13). O Santo, nessa pastoral, chega à conclusão que da oração depende o princípio, o desenvolvimento e a perfeição de todas as virtudes (Lit. past. de or. in comm.).

Por isso, toda a nossa esperança em nossas dúvidas, necessidades e perigos se apóia sobre a oração, pois, por meio dela, alcançamos de sua misericórdia a nossa salvação. "Mas, como não sabemos o que devemos saber, exclama o rei Josefat (2 Par 20, 12), não nos fica outro recurso que voltar para vós os nossos olhos". O mesmo fazia o rei David: ele não descobria outro meio de escapar a seus inimigos, senão pedindo incessantemente a Deus que não o deixasse cair nas suas mãos: "Meus olhos estão sempre voltados para o Senhor; ele livrará meus pés de seus laços" (Sl 24, 15). Sem cessar dizia ao Senhor: "Olhai para mim e tende misericórdia de mim; salvai-me, porque nada posso por mim mesmo, e, fora de vós, ninguém me poderá ajudar"

E, de fato, se não tivéssemos a oração, por meio da qual podemos obter luz e força para o cumprimento dos preceitos de Deus, ser-nos-ia simplesmente impossível observá-los, visto que inimigos tão poderosos combatem contra nós, e nós mesmos somos tão fracos e frágeis em consequência do pecado de nosso primeiro pai Adão. Lutero afirmava que a observância dos mandamentos de Deus é uma coisa impossível em absoluto depois do pecado de Adão. Uma tal asserção é uma blasfêmia. Jansênio ensinava que o homem, ainda o justo, não pode guardar, de forma alguma, com suas forças atuais, certos mandamentos. Essa afirmação em si poderia ser explicada de um modo correto; foi, porém, justamente condenada pela Igreja devido à sua conexão com a seguinte sentença, que dizia que o homem não tem a graça de Deus de que ele necessita para o cumprimento desses mandamentos. E' verdade, diz S. Agostinho, o homem fraco não pode guardar com suas forças atuais certos preceitos, nem mesmo com o auxílio da graça co-

mum, que é concedida a todos; está, porém, em seu poder alcançar, por meio da oração, aquelas graças eficazes que precisa para observar esses mandamentos. "Deus não impõe nada que seja impossível, mas quando manda, nos exorta a fazer o que podemos e a pedir o que não podemos, e ele mesmo nos ajuda para que possamos fazer também isso".

E' esta aquela célebre passagem do Santo que foi, mais tarde, confirmada e elevada a dogma pelo Concílio de Trento (Sess. 6, c. 11). Logo em seguida ajunta o Santo Doutor: "Donde procede isso? (que o homem pode fazer o que sobrepuja a suas forças). Por meio de remédios fica ele habilitado a praticar aquilo que ele não podia fazer em razão das feridas de sua natureza" (De nat. et grat., c. 34). Ele quer dizer: pela oração alcançamos o remédio para a nossa fraqueza, porque, se nós rezamos, Deus nos dá a força de executar aquilo que não podemos por nós mesmos.

Não podemos crer, continua S. Agostinho; que Deus, que nos obriga a guardar a sua lei, nos tenha imposto preceitos que não podemos observar; se ele, pois, nos dá a entender que não podemos observar todos os seus mandamentos, quer com isso exortar-nos ùnicamente a que, nos casos difíceis, nos procuremos uma graça mais poderosa, que podemos obter por meio da oração, e a que guardemos os mandamentos mais fáceis com o auxílio da graça comum, que ele nos dá por si mesmo (De nat. et grat., c. 69).

Mas, por que nos ordena Deus certas coisas que sobrepassam nossas forças? perguntará alguém. A isso responde o mesmo Santo: Justamente para que rezemos com toda a solicitude e, por meio da oração, obtenhamos a força de praticar aquilo que não podemos por nós mesmos" (De grat. et lib. arb., c. 16). S. Bernardo se exprime do modo seguinte: "Que somos nós, ou que força temos, pergunta ele, para que possamos resistir a tantas tentações? Sem dúvida quis Deus que nós, à vista de nossa fraqueza e inteiro desamparo, recorramos com toda a humildade à sua misericórdia" (In quad., s. 5).

O Senhor sabe como a necessidade da oração é própria para conservar em nós a humildade e nos exercer na confiança. Por isso ele permite que nos ataquem inimigos que não podem ser vencidos por nossa própria força, para que busquemos junto de sua misericórdia os meios para a resistência.

Deve-se notar, antes de tudo, que ninguém pode vencer as tentações da carne, se no momento do ataque não recorrer a Deus. A carne é um terrível inimigo que nos priva, por assim dizer, de toda a luz, quando nos ataca, porque nos faz esquecer de todas as meditações e bons propósitos, nos incute pouco caso pelas verdades da fé e até procura exterminar em nós o temor dos juízos de Deus. Esse inimigo tem um aliado na nossa inclinação natural, que nos incita com toda a veemência para os prazeres sensuais.

Quem, portanto, não recorrer a Deus nessas tentações, está perdido. A oração é então a nossa única arma, diz S. Gregório de Nissa (De or. Dom., Or. 1). E já antes dele o dissera Salomão: "Sabendo que só poderia ser continente se Deus mo concedesse, dirigi-me ao

Senhor e fiz-lhe a minha súplica" (Sab 8, 21). A castidade é uma virtude que só então podemos praticar, se Deus nos der a força para isso e essa força Deus só concede àqueles que lha pedem; mas também, pedida, será infalivelmente concedida.

Não podemos, portanto, de forma alguma, afirmar, como ensina S. Tomás (I-II, q. 109, a. 4, ad 2), contra Jansênio, que é impossível guardar o preceito da castidade ou outro qualquer mandamento, porque, se o não podemos por própria força, podemo-lo pela graça de Deus. Por isso é também inadmissível a objeção de que não é justo pretender de um coxo que ele ande direito. Uma tal exigência, diz S. Agostinho (De perf. justif., c. 3), não é, de forma alguma, injusta, se o coxo possui o meio de curar seu defeito, e se, apesar disso, continua a mancar, é por sua própria culpa.

Esse mesmo Santo afirma, finalmente, que quem não souber rezar bem, nunca saberá viver bem. Pensa também S. Francisco de Assis que nunca se devem esperar bons frutos de uma alma que não reza. Os pecadores que dizem que não têm força para vencer as tentações, servem-se de um vão pretexto e, por isso, são admoestados por S. Tiago: "Não tendes o que pretendeis, porque não pedis" (Tgo 4, 2). Não há dúvida alguma que somos fracos para resistir aos ataques de nossos inimigos; mas também está fora de dúvida que Deus é fiel, como diz o Apóstolo, e não permite que alguém seja tentado acima de suas forças. "Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima de vossas forças, mas fará que tireis vantagem da mesma tentação para a poderdes suportar" (1 Cor 10, 13), isto é, segundo a explicação de Primásio, ele vos fará vencer a tentação pelas armas de sua graça.

Nós somos fracos, mas Deus é forte: se lhe pedirmos auxílio, ele nos comunicará sua força e estaremos aparelhados para tudo. O Apóstolo podia confiar com razão nessa força: "Tudo posso naquele que me conforta", escreve ele aos Filipenses (Filip 4, 10). E por isso, como nota S. João Crisóstomo, quem deixa a oração não tem desculpa, se cai, porque, se tivesse rezado, não teria sucumbido a seus inimigos.

Tirem de tudo isso a conclusão: "Todo aquele que reza, certamente se salvará; todo aquele que não reza, seguramente se perderá". Todos os bem-aventurados (com exceção das crianças), entraram no céu por meio da oração; e todos os condenados se acham no inferno porque não rezaram; se tivessem praticado a oração, não se teriam perdido. Por isso causará o mais terrível desespero a esses infelizes, durante toda a eternidade, o pensamento de que poderiam tão fàcilmente se ter salvado, sendo, para isso, ùnicamente necessário pedir a Deus as graças de que precisavam e de que o tempo da oração já se passou para eles.

§ II. Eficácia da prece

Nossas orações agradam tanto a Deus que ele as faz chegar, por meio dos anjos, à sua presença logo depois de as recitarmos. "As orações dos fiéis são confiadas aos anjos, diz S. Hilário (in Mt c. 18); estes as levam cotidianamente diante do trono de Deus"

As orações dos justos formam aquela nuvem misteriosa que S João viu subir das mãos dos anjos (Apoc 8, 3). Segundo o mesmo Apóstolo, são semelhantes a turíbulos áureos que em si contêm perfumes preciosos e sumamente agradáveis a Deus (Apoc 5, 8).

A oração, segundo S. Bernardino de Sena, é um fiel embaixador, muito conhecido do Rei do céu, e que tem entrada no mais íntimo de seus aposentos e, por seus instantes rogos, move o seu compassivo coração a prestar toda a espécie de auxílio a nós, desgraçados, que gememos neste vale de lágrimas, sob tantas aflições e misérias (Trat. 4, Sermo in dom. 5, p. pasch.). Isaías também nos assegura que Deus, ao ouvir nossas orações, se comove e não nos deixa muito tempo a chorar, mas nos responde imediatamente com a concessão de nossa súplica. "Não haverás mais de chorar, com muita comiseração se compadecerá de ti; logo que ouvir a voz de teu clamor, te responderá" (Is 30, 19). O Senhor se queixa de nós, pela boca de Jeremias, dizendo: "Porventura tenho eu sido para Israel um deserto, ou terra tardia? por que, pois, tem dito o meu povo: Nós nos retiramos, não tornaremos mais para ti?" (Jer 2, 31). *Com outras palavras:* Por que dizeis que não quereis recorrer mais a mim? E' talvez minha misericórdia para vós uma terra infrutífera, que não pode dar frutos de graça? Que é ela talvez uma terra tardia, que só tarde produz seus frutos? Nosso amável Senhor nos dá aqui a entender que ele atende sempre às nossas súplicas, e isso sem tardar; ao mesmo tempo queixa-se ele da desconfiança daqueles homens que, por temor de não serem atendidos, deixam a oração.

Se Deus nos permitisse apresentar-lhe uma só vez por mês nossas súplicas, já seria isso um grande favor. Os reis da terra dão audiência só algumas vezes por ano; para Deus, porém, temos sempre entrada franca. S. João Crisóstomo (*in Mt hom.* 55) diz que Deus está sempre pronto a atender nossas súplicas e nunca se dá o caso de que ele não preste ouvidos ao suplicante que o invoca como convém. Em outro lugar, diz ele que Deus nos atende mesmo antes de termos concluído nossa súplica. E' o que Deus mesmo prometeu, dizendo: "Estando eles ainda falando, eu os ouvirei" (Is 65, 24). Conforme o Salmista, está o Senhor junto de quem ora, atende suas súplicas e salva-o. "O Senhor está perto de todos que o invocam; de todos que o invocam em verdade (isto é, de modo que convém); ele faz a vontade dos que o temem, ouve seus rogos e salva-os" (Sl 144, 18-19).

Para se conhecer, entretanto, quanto nossas orações podem junto de Deus, basta ler na Sagrada Escritura as inúmeras promessas que Deus fez, tanto no Antigo como no Novo Testamento, a todos que o invocam. Por exemplo: "Invocai-me e eu vos ouvirei" (Sl 49, 15). "Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á" (Mt 7, 7). "Vosso Pai celeste concederá favores àqueles que lhe pedirem" (Mt 7, 11). "Todo aquele que pede, recebe, e quem busca, achará (Lc 11, 10). "Tudo o que pedirdes a meu Pai, vos será dado" (Mt 18, 19). "Tudo o que pedirdes na oração, crede, recebereis, e vos será dado" (Mc 11, 24). "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (Jo 14, 14). "Podeis pedir o que quiserdes, tudo

vos será concedido" (Jo 15, 7). "Em verdade, em verdade, vos digo, se pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, vos será concedida" (Jo 16, 23). Inúmeras outras passagens, que afirmam o mesmo, devemos deixar por brevidade.

"Como podemos temer, pergunta S. Agostinho, não ser atendidos em nossas orações, se Deus, que é a verdade mesma, prometeu ouvir aquele que o invoca?" Diz ainda o Santo: "Como é possível que Deus se negue a atender às nossas súplicas, se ele mesmo nos exorta tantas vezes, na Sagrada Escritura, a rezar? Não é isso impossível? acrescenta ele; pois, desde que o Senhor prometeu, está ele obrigado a conceder-nos as graças que lhe pedimos".

Deus quer, em verdade, que nos salvemos; para nosso próprio bem, porém, quer ele que alcancemos a nossa salvação por meio de um combate vitorioso. Por isso, aqui no mundo, vivemos em guerra incessante e, para nos salvar, devemos combater e vencer. "Ninguém será coroado, diz S. Crisóstomo (De mart., s. 1), se não tiver vencido". Nossos inimigos, porém, são numerosos e poderosos e nós fracos demais. Como, pois, combater, como vencer? Cobremos, porém, coragem, e digamos com o Apóstolo: "Tudo posso naquele que me conforta" (Filip 4, 13). Com a oração podemos tudo; ela nos alcança de Deus a força que não temos por nós mesmos. Teodoreto chama esse meio todo-poderoso e diz que ele, por si só, pode realizar tudo (Ap. Rodrig., p. 1, tr. 5, c. 14). S. Boaventura também afirma que "a oração nos alcança todo o bem e nos preserva de todo o mal" (In Lc 11). Segundo S. Lourenço Justiniano, pela oração constituímos uma fortaleza que nos protege contra toda a astúcia e ímpeto do inimigo (De cast. con., c. 22).

O poder do inferno, sem dúvida, é grande, mas a oração supera todos os demônios, diz S. Bernardo (De mod. bem. viv., s. 49), porque esse meio nos assegura o auxílio de Deus, que é mais poderoso que toda a força criada. Por isso David se animava nas suas tribulações, dizendo (Sl 17, 4) "Invocarei o Senhor e serei salvo de meus inimigos". S. João Crisóstomo (Hom. in ps. 145) chama a oração "uma arma, um baluarte, um porto de salvação e uma tesouraria". Ela é uma arma poderosa com a qual podemos repelir todos os ataques dos espíritos maus; é um baluarte, atrás do qual estamos protegidos contra todos os perigos; é um porto que nos oferece abrigo contra todas as tempestades; é um tesouro que nos provê de todos os bens.

Tanto quanto agradamos ao Senhor, recorrendo a ele em todos os perigos, tanto lhe desagradamos mostrando-nos negligentes na oração. S. Boaventura (Diact. sal. 2, c. 5) diz que, do mesmo modo que um rei teria em conta de infiel um comandante que, assediado em uma fortaleza por um exército inimigo, não lhe pedisse socorro, assim também Deus considera como traidor aquele que, no furor das tentações, não recorre a ele, apesar de saber que Deus deseja isso e só espera uma súplica para lhe enviar um auxílio eficaz. "Vinde todos a mim, que andais em trabalhos e vos achais carregados, e eu vos alentarei" (Mt 11, 28). Meus necessitados filhos, nos diz o Salvador com aquelas palavras, não percais a coragem; se vos-

sos inimigos vos assaltam e o peso dos pecadores vos abate, voltai-vos para mim na oração e eu vos darei força, com a qual podereis resistir; curarei todas as vossas misérias.

Segundo S. João Crisóstomo, a oração é uma âncora de salvação para os que estão à mercê da tempestade, um tesouro inesgotável para os pobres, um remédio poderoso para os doentes, um seguro preservativo para os sãos (Hom. de consubst. contra Anom.). S. Lourenço Justiniano diz que a oração reconcilia com Deus, satisfaz todos os desejos, vence todos os inimigos e transforma os homens (De perf., c. 12). Ela aplaca a ira de Deus, pois o Senhor perdoará imediatamente a todo aquele que lhe suplica com humildade; ela nos alcança todas as graças que pedimos, ela vence todas as potestades inimigas; ela transforma, finalmente, os homens, de forma que os cegos ficam vendo, os fracos ficam fortes e os pecadores tornam-se justos.

Se alguém precisa de luzes, peça-as ao Senhor, que as receberá. Apenas voltei-me para o Senhor, diz o rei Salomão, concedeu-me ele a sabedoria. "Invoquei-o e o espírito da sabedoria desceu sobre mim" (Sab 7, 7). Se alguém precisa de força, peça-a ao Senhor, que ele lha concederá. Apenas abri meus lábios na oração, diz o Salmista, já concedeu-me o Senhor seu auxílio. "Abri a minha boca e atraí o alento" (Sl 118, 131). Não foi a oração que deu aos mártires a força para resistirem aos tiranos? A oração fazia-os fortes, de maneira que tinham ânimo para vencerem os tormentos e a morte.

S. Pedro Crisólogo diz: "Quem se utiliza da poderosa arma da oração, não experimentará a morte; foge da terra, voa para o céu e vive em Deus" (Sermo 43), isso quer dizer, ele não cai no pecado, perde o apego às coisas criadas, habita no céu com o pensamento e começa já neste mundo a gozar do comércio com Deus. Por que, pois, se perguntar, cheio de aflição: Estarei inscrito no livro dos escolhidos? conceder-me-á Deus sua graça eficaz e a santa perseverança? "Não tenhais cuidado de coisa alguma, nos admoesta S. Paulo (Filip 4, 6), mas, com muita oração e rogos, com ação de graças, sejam manifestadas as vossas petições diante de Deus". Para que todos esses temores e preocupações?, quer dizer o Apóstolo: expeli de vós esses cuidados demasiados, porque só servem para abalar vossa confiança e tornar-vos tíbios e preguiçosos no caminho da salvação; pedi e suplicai sem cessar; apresentai vossas petições à Deus, e agradecei-lhe sempre pela bondade com que prometeu atender-vos todas as vezes que o invocardes, e conceder-vos graças eficazes, perseverança, bem-aventurança eterna, numa palavra, tudo o que desejardes.

Nós não temos absolutamente nada; se rezarmos, porém, não somos mais pobres, porque, se nós nada possuímos, Deus é rico e sumamente liberal para com todos que lhe pedem auxílio. "Ele é rico para todos que o invocam" (Rom 10, 12), diz o Apóstolo. Desde que temos que tratar com um Senhor que é sumamente poderoso e imensamente rico, não lhe peçamos coisas insignificantes e miseráveis, mas antes uma coisa de grande valor. "E' ao Onipo-

tente que diriges tua petição, diz S. Agostinho; pede-lhe, pois, uma coisa de grande valor". Se se quisesse pedir a um rei uma pequena moeda, um vintém apenas, seria isso uma ofensa que se lhe faria. Honramos, porém, a Deus e glorificamos sua bondade e misericórdia pedindo-lhe grandes graças, apesar de nossa miséria e nossa indignidade, confiados na sua grande bondade e convencidos de que ele cumpre com suas promessas, concedendo a todo aquele que o invoca todas as graças desejadas.

S. Maria Madalena de Pazzi dizia que Nosso Senhor acha-se tão honrado com as nossas súplicas e compraz-se tanto nelas, que, de certo modo, nos agradece por elas, pois, por meio da oração, abrimos-lhe o caminho para chegar até nós com seus benefícios e satisfazemos-lhe o desejo de fazer bem a todos. Estejamos certos: se pedimos graças a Deus, ele nos concede mais do que pedimos. "Se alguém precisa de sabedoria, diz S. Tiago, peça-a a Deus, que dá a todos liberalmente e não impropera" (Tgo 1, 5). Com essas palavras dá-nos o Apóstolo a entender que Deus não é reservado com seus bens como os homens. Quando estes dão esmola, mesmo quando são ricos, piedosos e liberais, são sempre mui discretos e o mais das vezes dão menos do que se lhes pede, porque sua riqueza, por maior que seja, tem sempre seus limites, e eles tornam-se mais pobres à proporção que dão. Deus, porém, quando rogado, distribui seus benefícios em abundância, isto é, a mãos cheias; ele dá sempre mais do que se lhe pede, porque sua riqueza é ilimitada; por mais que ele distribua, sempre lhe resta mais para dar. Vós, ó meu Deus, sois imensamente liberal e carinhoso para com todos que a vós recorrem; a misericórdia que lhes testemunhais é tão grande, que ela sobrepuja as suas súplicas. "Vós sois, ó Senhor, bondoso e misericordioso e rico em compaixão para com todos" (Sl 85, 5).

Inteiramente compenetrados da verdade de que a oração nos pode abrir todos os tesouros do céu, devemos empregar todos os esforços para rezar com confiança. "Façamos isso com todo o zelo, diz S. Crisóstomo (in Act hom., 36), e o céu se nos abrirá". A oração é uma fonte de riquezas; quanto mais rezamos, tanto mais recebemos. Segundo S. Boaventura, todas as vezes que o homem se volta para Deus em devota oração, recebe bens mais preciosos do que o mundo inteiro. "Por meio de uma piedosa oração, diz o Senhor, ganha o homem em um dia mais do que vale o mundo inteiro" (De perf. vit., c. 5).

Alguns devotos empregam muito tempo em ler e meditar e pouco cuidam em pedir. Sem dúvida alguma a leitura espiritual e a meditação das verdades eternas é de suma utilidade; muito mais proveitoso, porém, é a prece, diz S. Agostinho, pois, pela leitura e meditação, ficamos conhecendo as nossas obrigações; pela prece, porém, alcançamos a graça de as pôr em prática. Conhecer nossas obrigações e não cumpri-las torna-nos mais culpáveis ainda diante de Deus. Podemos ler e meditar quanto quisermos, nunca cumpriremos com nossos deveres se não pedirmos a Deus que nos auxilie nisso. S. Isidoro nota aqui que o demônio nunca se esforça tanto em preocupar-nos em pensamentos das coisas terrenas que

quando nos vê rezando e pedindo a Deus suas graças (Lib. sent., c. 7). E por isso? Justamente porque sabe que nunca nos enriquecemos tanto com tesouros celestes como no momento da oração.

O mais excelente fruto da meditação consiste em que se peçam a Deus as graças de que se precisa para se perseverar no bem até ao fim, e, assim, se salvar. E se a oração mental é moralmente necessária para que uma alma se conserve na graça de Deus, isso provém principalmente de que o homem, se não se resolve, durante a meditação, a pedir a Deus as graças necessárias à perseverança, não o fará jamais, porque, se ele não medita, nem sequer pensará em pedi-las e nem mesmo terá consciência da necessidade de pedi-las a Deus. Aquele, porém, que faz todos os dias a sua meditação, conhecerá bem as necessidades de sua alma e os perigos em que se acha e se persuadirá da necessidade da oração, e, por isso, rezará em realidade e alcançará assim as graças que lhe trarão a perseverança e a bem-aventurança eterna. O Pe. Ségneri confessa que ele mesmo, no princípio, se ocupava mais com afetos do que com súplicas; mais tarde, porém, tendo reconhecido mais claramente a necessidade e a imensa utilidade da prece, empregava a maior parte do tempo considerável que dedicava às suas meditações no exercício da prece.

Os Padres do deserto, nossos primeiros mestres na vida espiritual, reuniram-se uma vez, como narra o Pe. Rodríguez, para examinar qual o exercício mais útil e necessário para a vida espiritual. Chegaram à conclusão de que é a repetição contínua da breve súplica de Davi: "Senhor, dai-vos pressa em vir em meu auxílio" (Sl 69, 2). Esse exercício, escreve Cassiano, deve ser praticado por todos que querem se salvar; devemos exclamar sem cessar: Senhor, ajudai-me! Senhor, ajudai-me! Já de manhã, ao despertar, devemos dirigir esse brado de socorro a Deus e repeti-lo sempre em todas as nossas necessidades e ocupações, tanto espirituais como corporais, mas especialmente quando uma tentação ou má inclinação nos ataca. S. Boaventura diz que às vezes se alcança mais depressa, com uma curta oração, uma graça, do que com muitas outras boas obras (De prof. rel., l. 2, c. 65). Segundo S. Ambrósio, mesmo durante a oração já se recebe o que se pede; pedir e receber, segundo ele, é uma e a mesma coisa.

§ III. Propriedades da oração

"Em verdade, em verdade vos digo, tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, ele vo-lo dará" (Jo 16, 23). Nosso Senhor nos deu a certeza de que toda a súplica que dirigirmos a seu Pai, em seu nome, será atendida. Essa promessa foi, porém, feita na suposição de que nossa oração possua as condições necessárias. Muitos não alcançam o que pedem, diz S. Tiago, porque não pedem como devem: "Vós pedis e não recebeis, porque pedis mal" (Tgo 4, 3).

Para que nossa oração possa ser atendida, deve ter três propriedades especiais: ela deve ser humilde, cheia de confiança e perseverante.

I. Humildade na oração

O Senhor ouve com prazer os rogos de seus servos, contanto que eles sejam humildes. "Ele atende às orações dos humildes", diz o Salmista (Sl 101, 18). Em caso contrário, nem sequer ouve a oração, antes até a repele. "Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes" (Tgo 4, 6). As súplicas dos espíritos orgulhosos, que confiam nas suas próprias forças não são atendidas por Deus; ele os abandona à sua própria miséria e, privados da assistência divina, se perdem indubitàvelmente. "Antes de ser humilhado, eu delinqui" (Sl 118, 67), exclama o rei David; ele queria dizer: porque eu não tinha humildade, por isso caí em pecado.

Estejamos fortemente persuadidos de que nos achamos sobre um alto monte; a nossos pés abre-se o abismo insondável de todos os pecados; só o fio da graça nos segura; arrebenta-se esse fio caímos e submergimo-nos no lamaçal dos mais hediondos vícios. "Se não fosse o Senhor que me valeu, quase que houvera caído no inferno a minha alma" (Sl 93, 17). Se o Senhor não me tivesse assistido, deve dizer cada um de nós com o Salmista, teria caído em mil pecados e me acharia agora no fundo do inferno. Nesse mesmo sentido dizia S. Francisco de Assis que ele era o maior pecador que existia no mundo. "Mas o que dizeis, Pai, não é verdade; não há dúvida que existem muitos no mundo que são piores que vós". "O que eu digo, respondeu o Santo, é pura verdade; pois se Deus não tivesse sempre estendida sobre mim sua mão protetora, teria eu cometido todos os pecados imagináveis".

E' um dogma que nós, sem o auxílio da graça, não podemos praticar nenhuma boa obra e nem sequer ter um bom pensamento. "Sem a graça os homens não praticam nenhum bem, nem por pensamentos, nem por obras", diz S. Agostinho (De corr. et grat., c. 2). Como o olho não pode ver sem luz, assim também o homem nada pode fazer sem a graça, nota o mesmo Santo (De sp. et an., c. 13). S. Paulo ensinara a mesma coisa, escrevendo: "Não somos capazes de ter algum pensamento como de nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus" (2 Cor 3, 5). E muito antes do Apóstolo, já dissera David: "Se o Senhor não edificar a casa, debalde trabalham os seus construtores" (Sl 126, 1); debalde se esforça o homem em santificar-se se Deus não lhe estender sua auxiliadora mão. "Se o Senhor não guardar a cidade, debalde vigia o seu guarda" (Id. it.); se Deus não preservar a alma do pecado, em vão se esforçará ela em precaver-se contra ele com suas próprias forças. Por isso o real profeta tomou sua resolução: "Não confiarei no meu arco (Sl 43, 7), mas em Deus, que é o único que me pode salvar"

Se temos, pois, praticado algum bem e evitado maiores pecados do que aqueles que cometemos, devemos dizer com S. Paulo: "Pela graça de Deus sou o que sou" (1 Cor 15, 10). Além disso, devemos temer incessantemente por nós mesmos, principalmente nas ocasiões perigosas. "Quem julga estar em pé, se acautele para não cair", nos admoesta o Apóstolo (1 Cor 10, 12); ele quer dizer que todo aquele que se julga seguro contra a queda, justamente então se acha no maior perigo. E ele dá, em outro lugar, a razão disso,

dizendo: "Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, se engana a si mesmo" (Gál 6, 3). Por isso S. Agostinho tem razão quando escreve: "Muitos não têm força só por isso que se reputam fortes. Ninguém possuirá tanta força como aquele que está compenetrado do sentimento de sua própria fraqueza" (Sermo 76). Se alguém disser que não tem medo, prova com isso que confia em si mesmo e sem seus propósitos; essa confiança própria, porém, o desviará e perderá, pois, firmando-se sobre suas próprias forças, porá de parte todo o cuidado e, não temendo mais, deixará de pedir a Deus e então, seguramente, cairá.

Por isso cada um deve se abster de comprazer-se em si mesmo ao ver que outros pecam; deverá antes, em tais casos, se julgar pior que os outros e dizer consigo: "Se vós, Senhor, não me tivésseis preservado, teria eu feito coisa ainda pior"; em caso contrário, permitirá Deus, em castigo de seu orgulho, que caia em pecados maiores e mais repugnantes. Por isso nos admoesta o Apóstolo (Filip 2, 12): "Operai vossa salvação com temor e tremor". Quem está tomado de medo de cair, desconfia de suas próprias forças e, por isso, porá em Deus sua confiança e recorrerá a ele em todos os perigos; Deus, de sua parte, lhe prestará sua assistência, com a qual poderá superar as tentações e salvar-se.

Transitando uma vez pelas vias de Roma, não cessava S. Filipe Néri de repetir: Estou desesperado, estou desesperado. Um religioso, ouvindo isso, repreendeu-o; o Santo, porém, respondeu-lhe: "Ah! pai, eu desespero de mim mesmo, mas ponho em Deus toda a minha esperança" E' esse sentimento que nós devemos também ter, se quisermos salvar-nos; a desconfiança em nossas próprias forças deve se apoderar por inteiro de nós, então poderemos imitar o mesmo Santo em um outro ponto: todas as manhãs, ao despertar, pedia ele a Deus: Senhor, estendei hoje vossa mão sobre Filipe, porque, em caso contrário, Filipe vos será infiel.

De tudo isso se segue que S. Agostinho tinha razão em afirmar que toda a santidade do cristão consiste no conhecimento de que nada é e nada pode (in ps. 70, c. 1), pois, com esse conhecimento, procurará sem cessar alcançar de Deus aquela força que ele mesmo não possui e que é, contudo, indispensável para vencer as tentações, e assim praticará tudo auxiliado por aquele Senhor que não pode negar nada a quem lhe pede com humildade. "A oração do humilde atravessa as nuvens, diz a Sagrada Escritura... (Ecli 35, 21) e não se retirará até que o Altíssimo ponha nela os olhos", e isso até no caso que quem reza esteja carregado de todos os pecados possíveis, porque Deus "não desprezará um coração contrito e humilhado" (Sl 50, 19). Assim como Deus se mostra severo e inexorável para com os orgulhosos, do mesmo modo se mostra amável e liberal para com os humildes. Nosso Senhor mesmo esclareceu S. Catarina de Sena sobre esse ponto, dizendo-lhe, uma vez: Minha filha, todo aquele que pedir graças com humildade e perseverança, se enriquecerá com todas as virtudes.

Aqui vem a propósito um belo ensino que, em uma nota à décima oitava carta de S. Teresa, dá o piedoso e sábio Bispo de

Osma, Palafox, a todos os cristãos que aspiram à santidade. A carta é dirigida ao confessor da serva de Deus e lhe expõe os diversos graus da oração sobrenatural, com a qual Deus agracia os santos. O sobredito prelado nota que esses dons sobrenaturais, com que Deus favoreceu S. Teresa e outros santos, não são, de forma alguma, necessários para a perfeição, pois muitos tornaram-se perfeitos sem eles e outros com eles se perderam. Por isso é inútil e até ousado pôr sua mira em tais dons sobrenaturais, porque o único caminho reto para se santificar é o exercício das virtudes e do amor de Deus; a isso, porém, se chega pela oração e pelo aproveitamento das luzes e auxílios de Deus, que nada mais deseja do que a nossa santificação. "Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação" (1 Tess 4, 3).

II. Confiança na oração

1. *Necessidade e eficácia da confiança.* — Para que nossa oração faça descer sobre nós as graças de Deus, devemos, antes de tudo, segundo o conselho de S. Tiago, nos esforçar em rezar com firme confiança, sem duvidar de forma alguma que seremos atendidos. "Peça com fé, sem hesitação alguma" (Tgo 1, 6). S. Tomás ensina que assim como a oração tira seu merecimento da caridade, assim também é à fé e à confiança que ela deve a eficácia de alcançar graças (II-II, q. 83, a. 15). S. Bernardo afirma igualmente que as concessões de Deus em nosso favor são devidas ùnicamente à nossa confiança (De annunt., s. 3).

Nossa confiança na misericórdia divina é sumamente agradável a Deus, porque assim nós honramos e glorificamos sua infinita bondade, cuja revelação foi a última razão de nossa criação. O rei-profeta exclama, por isso: "Todos que em vós esperam, alegram-se e exultam eternamente; e vós habitareis neles" (Sl 5, 12); e noutro lugar: "O Senhor é o protetor de todos aqueles que nele esperam" (Sl 17, 31).

Grandiosas são as promessas feitas na Sagrada Escritura àqueles que põem em Deus sua esperança: "Todos os que esperam no Senhor não pecarão" (Sl 33, 23), diz o Salmista, pois "Eis que os olhos do Senhor pairam sobre os que o temem e sobre aqueles que esperam na sua misericórdia para livrar da morte (do pecado) as suas almas" (Sl 32, 18). Deus mesmo diz, em outro lugar: "Porque esperou em mim, eu o livrarei e protegerei... com ele estou na tribulação, livrá-lo-ei e glorificá-lo-ei" (Sl 90, 14).

Consideremos bem aqui o motivo das benevolências divinas: Porque esperou em mim, diz o Senhor, eu o protegerei, livrá-lo-ei das mãos dos seus inimigos e conceder-lhe-ei, finalmente, a glória eterna. Isaías (40, 31) diz daqueles que põem no Senhor sua esperança: "Os que esperam no Senhor terão sempre novas forças, terão asas como as da águia, correrão e não se fatigarão, andarão e não desfalecerão"; com outras palavras: eles deporão sua fraqueza natural e se revestirão da força prodigiosa, que Deus lhes dará; não cairão nunca desfalecidos por terra, nem mesmo se sentirão cansados no caminho da salvação; pelo contrário, correm e voam como as águias.

Toda a nossa força, segundo o mesmo profeta, consiste no silêncio e na confiança em Deus, isto é, em lançarmo-nos tranquilos nos braços da misericórdia divina, sem confiança no nosso esforço próprio ou em auxílio humano de espécie alguma. "No silêncio e na esperança está a vossa força" (Is 30, 15).

A confiança em Deus nunca será confundida. Quem jamais se perdeu tendo posto em Deus sua confiança? "Nenhum esperou no Senhor e foi confundido", diz o Sábio (Ecli 2, 11). David tinha, como a prova mais segura de que não havia de perder-se, a sua confiança em Deus: "Em vós, Senhor, esperei, e jamais serei confundido" (Sl 30, 2). E, de fato, como poderia Deus enganar-nos? pergunta S. Agostinho, como poderia ele oferecer-se para proteger-nos nos perigos quando a ele nos dirigimos e, depois, retirar-se, quando lhe pedimos socorro? O rei profeta exalta como feliz todo aquele que confia no Senhor: "Feliz o homem que põe no Senhor sua confiança" (Sl 83, 13). Por que, porém, esse louvor? Ouçamos a resposta que ele mesmo nos dá: "Quem espera no Senhor será circundado de misericórdia" (Sl 31, 10). Deus circundará e protegerá tanto uma tal pessoa, que ela estará segura contra todos os assaltos de seus inimigos e todo o perigo de dano eterno. S. Paulo nos exorta encarecidamente a conservarmos sempre a confiança em Deus e nos adverte, ao mesmo tempo, que ela nos trará uma grande recompensa do Senhor: "Não percais, pois, a vossa confiança que tem uma grande recompensa" (Heb 10, 35).

As graças divinas andam de igual passo com a nossa confiança. "Quando a confiança é grande, diz S. Bernardo (in Cant., s. 32), as graças também são grandes" "Vós, ó Senhor, derramais o óleo de vossa misericórdia só nos vasos de confiança", exclama o mesmo Santo em outro lugar (De Ann., s. 3). Ele compara a misericórdia divina com uma fonte inesgotável; quem se aproxima com o maior vaso, isto é, com a maior confiança, levará mais consigo. Já antes se exprimira o profeta de modo semelhante, dizendo: "Faça-se, Senhor, sobre nós a vossa misericórdia à medida que em vós temos esperado" (Sl 32, 22). Isso se deu exatamente com o centurião do Evangelho; o Senhor louvou sua confiança e disse: "Vai e faça-se segundo creste" (Mt 8, 13). Nosso Senhor disse uma vez a S. Gertrudes que, com a oração, quase o forçamos a tal forma que não pode deixar de conceder tudo o que se lhe pede. S. João Clímaco também afirma que a oração causa a Deus uma doce violência, uma violência que lhe é cara e desejável (Scal. gr. 28).

Cheguemo-nos, pois, confiadamente ao trono da graça, exorta-nos S. Paulo, "a fim de alcançarmos misericórdia e de acharmos graça no tempo oportuno" O trono da graça é Jesus Cristo, que está sentado à direita do Padre, não em um trono de justiça, mas em um trono de graça, para nos conceder perdão, quando estamos em pecado, e meios de perseverança, quando estamos em sua amizade.

Para esse trono devemos correr sempre com confiança, animados daquela esperança que nos concede a fé na bondade e fidelidade de nosso Deus, daquele Deus que prometeu ouvir todos que

lhe suplicarem com firme e inabalável confiança. "Quem alimenta desconfiança na oração não deve esperar alcançar alguma coisa, porque aquele que duvida é semelhante à onda do mar que é agitada e levada duma parte para outra pela violência do vento; não cuide, pois, um tal que alcançará alguma coisa do Senhor" (Tgo 1, 6-7), diz S. Tiago. Ele voltará vazio, porque sua desconfiança impede à misericórdia divina atender os seus rogos: "Não rezaste como devias, porque oraste com sentimento de desconfiança", diz S. Basílio (Const. mon., c. 1); não recebeste graça, porque teus rogos não foram acompanhados de confiança.

Nossa confiança em Deus deve ser firme como uma montanha, segundo a expressão do Salmista, que não pode ser abalada por nenhum vendaval. "Quem confia no Senhor é semelhante ao monte Sião; ele não vacilará jamais" (Sl 124, 1). O próprio divino Salvador nos dá a entender que a concessão de nossas súplicas depende de uma tal confiança. Ele diz (Mc 11, 24): "Tudo o que pedirdes na oração, crede que recebereis, e assim vos sucederá".

Mas, dirá talvez um ou outro, em que se baseará a minha firme confiança de que Deus ouvirá minhas súplicas, se eu sou um homem tão miserável? Respondo: Na promessa de Jesus Cristo: "Pedi e recebereis" (Jo 16, 24). Como poderá alguém temer ser enganado, se a Verdade mesma faz uma promessa? pergunta S. Agostinho (Conf., l. 12, c. 1). Como poderemos duvidar que seremos atendidos, se Deus, que é a verdade mesma, promete dar-nos tudo que lhe pedirmos? Ele não nos convidaria a pedir graças, diz o mesmo Santo (Sermo 105), se ele não tivesse a intenção de no-las conceder. Ora, é justamente esse o convite que ele nos dirige tão insistentemente e tão a miúdo na Sagrada Escritura: "Orai, pedi, buscai e tudo o que desejardes vos será concedido" (Jo 15, 2). O divino Salvador mesmo nos ensinou uma oração na qual pedimos a Deus todas as graças necessárias à nossa salvação; para nos mover a recitá-la com a devida confiança quis ele que nela chamássemos a Deus nosso "Pai", e não "Senhor": "Padre Nosso", porque sua vontade é que nós lhe peçamos graças com a mesma confiança com que um filho pede a seu pai, em caso de pobreza ou doença, auxílio ou remédio. Se um filho estivesse na contingência de morrer de fome, seria certamente suficiente comunicar isso a seu pai para receber imediatamente o alimento de que necessita, e se ele fosse mordido por uma serpente venenosa, bastaria mostrar ao pai a ferida para que ele aplicasse incontinenti o remédio que já tem pronto.

Por isso rezemos sempre com firme, animosa e inabalável confiança nas promessas divinas: "Conservemos firme a profissão de nossa esperança, nos diz S. Paulo (Heb 10, 23), porque fiel é o que fez a promessa" Assim como é certo que Deus é fiel às suas promessas, também é certo que devemos confiar firmemente que ele ouvirá os nossos rogos.

2. *A oração do pecador.* Mas eu sou um pecador, dirá alguém, e se diz na Sagrada Escritura que "Deus não ouve os pecadores" (Jo 9, 31). Ao que responde S. Tomás, com S. Agostinho, que essas palavras foram ditas pelo cego de nascimento, que as pro-

nunciou antes de estar perfeitamente esclarecido (II-II, q. 83, a. 16). Essas palavras, contudo, não deixam de ser verdadeiras, segundo S. Tomás, se dizem respeito a um pecador que reza justamente na sua propriedade de pecador, isto é, se sua oração nasce da intenção de cometer mais pecados. Isso se daria, por exemplo, com aquele que quisesse procurar auxílio de Deus para se vingar de seus inimigos ou pôr em prática qualquer outro mau intento. O mesmo vale daqueles pecadores que pedem a Deus a eterna bem-aventurança, não tendo, porém, nenhum desejo de deixar o estado de pecado.

Há infelizes que amam as cadeias com que o demônio os retém na escravidão. Deus não ouve as orações de tais homens, porque são orações temerárias e detestáveis. Ou não é, talvez, a maior ousadia pedir favores a um príncipe a quem não só se ofendeu muitas vezes, mas ainda se pretende ofender de novo? Por isso é fácil de se compreender por que o Espírito Santo diz que Deus odeia e detesta a oração dos homens "que voltam seus ouvidos e não ouvem seus preceitos" (Prov 28, 9). A esses fala o Senhor: "Não precisais me invocar porque eu volto meus olhos e não presto ouvidos a vossos rogos". "Enquanto estenderdes as vossas mãos, apartarei de vós os meus olhos, e quando multiplicardes as vossas orações, não as atenderei" (Is 1, 15). Tal foi a oração do ímpio rei Antíoco; rogou ao Senhor e prometeu-lhe grandes coisas, mas tudo sem firme propósito e com um coração endurecido pelo pecado; ele orava só para escapar ao castigo que o esperava. Por essa razão Deus não atendeu a suas súplicas, mas deixou-o morrer devorado pelos vermes. "Esse malvado orava ao Senhor, do qual não havia de conseguir misericórdia" (2 Mac 9, 13).

Outros, porém, pecam por fraqueza ou arrastados por uma paixão veemente; suspiram sob o jugo do inimigo; desejam ardentemente romper as cadeias da morte e escapar a seu mísero cativeiro e, para isso, pedem auxílio ao Senhor. Uma tal oração, sendo perseverante, será indubitàvelmente atendida pelo Senhor, que disse: "Todo aquele que pede, recebe, e todo aquele que busca, acha" (Mt 7, 8). O autor do "Opus imperfectum" nota aqui que a palavra "todo aquele" compreende não só os justos, como também os pecadores (Hom. 18). O divino Redentor, no evangelho de S. Lucas, nos põe diante dos olhos o exemplo de um homem que dá a seu amigo todos os seus pães, por causa da insistência dele, e não por causa da amizade. "Portanto, eu vos digo: Pedi e dar-se-vos-á" (Lc 11, 9).

A oração perseverante, portanto, alcança a misericórdia de Deus também para aqueles que não são amigos de Deus. Por isso S. Crisóstomo afirma que a oração pode mais junto de Deus do que a amizade. "O que a amizade não consegue, alcança a oração", diz o Santo (Hom. Non vis. desp). S. Basílio também diz que está fóra de dúvida que os pecadores serão atendidos, se forem perseverantes na oração (Const. mon., c. 1). S. Gregório concorda com ele, quando diz: "Suplique também o pecador, que sua oração chegará até Deus" (In ps. 6, poen.). S. Jerônimo é da mesma opinião; ele diz que o pecador também pode chamar a Deus seu pai, se lhe pede que o receba novamente por seu filho. O filho pródigo empregou esse

mesmo nome para com seu pai, antes de alcançar o perdão de sua parte: "Pai, pequei" (Lc 15, 21). Se Deus não atendesse aos pecadores, diz S. Agostinho (in Jo trat. 44), debalde teria suplicado o publicano: "Senhor, sede propício a mim, pecador"; o Evangelho, contudo, afirma que, em razão de sua oração, alcançou o perdão: "E voltou justificado para casa" (Lc 18, 14). O Doutor Angélico trata mais largamente desse ponto do que todos os outros. Ele não duvida em afirmar que a oração do pecador é atendida; se ela não é meritória, não deixa, contudo, de ter a eficácia de alcançar graças, visto que essa eficácia não se baseia na justiça, mas na bondade de Deus. O Santo diz: "O mérito se funda na justiça; a eficácia, porém, para alcançar alguma coisa se funda na graça" (II-II, q. 83, a. 16).

Com esse sentimento pedia o profeta Daniel ao Senhor: "Prestai, Senhor, atenção e ouvi.. não apresentamos nossas orações diante de vós confiados na vossa justiça, mas sim na vossa grande misericórdia" (Dan 9, 18). Por isso, quando rezamos, diz S. Tomás, não precisamos ser já seus amigos para alcançarmos de Deus as graças que desejamos, porque a oração mesma nos faz amigos de Deus (Comp. theol., p. 2, c. 2). S. Bernardo dá uma outra razão mui bela dessa doutrina, dizendo que, quando o pecador pede a graça de sair de seu estado de pecado, essa oração nasce do desejo de voltar à amizade de Deus. Mas por que dará Deus ao pecador esse salutar desejo, senão porque quer atendê-lo?

A Sagrada Escritura nos oferece muitos exemplos de pecadores que, em consequência de suas orações, ficaram livres de seus pecados. Entre outros, alcançaram essa graça os reis Acab (3 Rs 21, 27), Manassés (2 Par 33, 12), Nabucodonosor (Dan 4, 31) e o bom ladrão (Lc 23, 42). Oh! admirável eficácia da oração! Dois pecadores morrem no monte Calvário ao lado de Jesus Cristo: um se salva porque reza ("lembrai-vos de mim"); o outro se perde porque deixa de rezar. S. João Crisóstomo diz, em breves palavras: "Ninguém ainda pediu a Deus graças com sentimentos de contrição e sem ter alcançado o que desejava" (Hom. de Moyse).

Mas, por que querer provar esta verdade com mais razões intrínsecas e extrínsecas? Não diz o próprio Jesus: "Vinde todos a mim, que vos achais carregados, que eu vos aliviarei?" (Mt 11, 28). A palavra "carregados", segundo S. Jerônimo, S. Agostinho e outros, designa os pecadores que gemem sob o peso de suas culpas; esses, conforme a promessa, serão erigidos e salvos pela graça de Deus, se recorrerem a ele. "Nós nos esforçamos menos por alcançar o perdão, diz S. Crisóstomo (in Act. Hom. 36), do que Deus em no-lo conceder".

Não há graça que não possa ser alcançada pela oração, continua ele, contanto que ela seja perseverante, mesmo quando aquele que reza é o mais depravado pecador. Atendamos igualmente no que diz S. Tiago (1, 5): "Se alguém necessita de sabedoria, peça-a ao Senhor, que a todos dá liberalmente e não impropera" Quem, pois, recorre a Deus na oração, será por ele atendido e cumulado de graças, visto que se diz: "Que a todos dá liberalmente". São em especial dignas de nota as seguintes palavras: "Sem lhes fazer im-

propério". Deus não procede como os homens. Quando uma pessoa, que nos ofendeu uma vez, nos pede algum favor, imediatamente lhe lançamos em rosto a ofensa recebida. Deus, porém, não trata assim aquele que o invoca, ainda que seja o maior pecador do mundo. Quando ele lhe pede uma graça necessária à sua salvação, Deus não lhe lança em rosto as ofensas que lhe foram feitas, mas recebe-o imediatamente, como se nunca o tivesse ofendido; consola-o, ouve seus pedidos e derrama em abundância seus benefícios sobre ele.

De maneira especial nos anima o divino Redentor à oração, dizendo: "Em verdade, em verdade vos digo: Se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-la dará" (Jo 16, 23). Parece querer dizer com isso: Não percais a coragem, ó pecadores, não deixeis de recorrer a meu Pai por causa de vossos pecados e de esperar dele vossa eterna salvação, se a tendes em conta. E' verdade que não tendes merecido as graças que pedis, mais sim castigos. Fazei, porém, o que vos digo: ide a meu Pai, em meu nome, e pedi-lhe, por meus merecimentos, as graças que desejais, e meu Pai vos concederá tudo o que pedirdes; isso eu vos prometo e juro. (As palavras: Em verdade, em verdade eu vos digo, são uma espécie de juramento, diz S. Agostinho). Que poderá haver de mais consolador para o pecador, depois de sua queda, do que a certeza de alcançar tudo o que pedir a Deus, em nome de Jesus Cristo?

3. *A oração pelos pecadores.* — Muitos teólogos são de opinião que a oração, em virtude das promessas divinas, produz seu resultado infalivelmente, também quando é feita em favor de outros, contanto que estes não lhes ponham um impedimento. Eles se apóiam na Sagrada Escritura, que diz: "Orai uns pelos outros para que vos salveis, porque muito pode a oração perseverante do justo" (Tgo 5, 16). "Orai pelos que vos perseguem e caluniam" (Lc 6, 28), e, em especial; na passagem de S. João: "O que sabe que seu irmão comete um pecado que não é para a morte, peça e lhe será dada a vida, se não, peca para a morte" (Jo 5, 16). Segundo S. Agostinho, o venerável Beda e outros, pelas palavras "que não peca para a morte", são excetuados aqueles pecadores que querem viver até à morte em seu endurecimento, pois esses necessitam de uma graça extraordinária. Quanto aos demais pecadores, que não são réus de uma malícia tão grande, o Apóstolo promete a sua conversão àquele que por eles interceder: "Peça e a vida será dada ao pecador".

Afinal, ninguém põe em dúvida que a oração pelos pecadores lhes é muito proveitosa e muito agradável a Deus. Deus mesmo se queixa de seus servos fiéis que não lhe recomendam os pecadores. Assim falou uma vez o Senhor a S. Madalena de Pazzi: Vê, minha filha, como o demônio tem os cristãos em seu poder; se meus escolhidos não os socorrerem com suas orações, esses infelizes se perderão necessàriamente. Deus espera essa obra de caridade em especial dos sacerdotes e dos religiosos. Minhas irmãs, Deus não nos separou do mundo, dizia ela às suas religiosas, ùnicamente para que nós levemos uma vida virtuosa para nossa sal-

vação, mas também para que aplaquemos sua ira contra os pecadores. A Santa foi uma vez esclarecida pelo próprio Deus, que lhe disse: "Eu vos preparei, minhas queridas esposas, um refúgio na paixão de Jesus Cristo, para que saibais onde achareis socorro para minhas criaturas. Correi, pois, para esse lugar, e daí prestai vosso auxílio àqueles que se acham em perigo de se perder; dai mesmo a vossa vida por eles". Por esse motivo a Santa oferecia, cheia de zelo, cinquenta vezes por dia, o sangue de Jesus Cristo a Deus, em favor dos pecadores e, devorada pelo ardente zelo de sua salvação, exclamava: O' Senhor, que dor não me causa saber que o sacrifício de nossa vida poderia auxiliar às vossas criaturas e, contudo, não poder fazer-vos esse sacrifício. Não deixava de recomendar a Deus os pecadores em nenhum de seus exercícios de piedade; nem sequer passava uma só hora do dia, como se conta na sua vida, em que não rezasse por eles. Repetidas vezes se levantava durante a noite e se dirigia à capela do SS. Sacramento, para suplicar pelos pecadores. Apesar de tudo isso, foi vista um dia banhada em lágrimas e, perguntada pelo motivo de suas lágrimas, respondeu: Ah! parece-me que nada faço pela salvação dos pobres pecadores. Chegou até a oferecer-se a sofrer os tormentos do inferno pela conversão dos pecadores, com a condição de que aí não tivesse de odiar a Deus. O Senhor concedeu-lhe mais vezes a consolação de ser visitada, pela salvação dos pecadores, por atrozes dores e graves enfermidades. A Santa rezava, antes de tudo, pelos sacerdotes, porque sabia muito bem que eles, por uma vida edificante, servem à salvação dos outros, ao passo que uma vida desregrada torna-se a causa da perdição de muitos. Por isso pedia ao Senhor que castigasse nela os pecados dos sacerdotes: "O' Senhor, exclamava, fazei que eu morra e torne novamente a voltar à vida, tantas vezes quantas for necessário para reparar a vossa justiça". As orações dessa Santa tiveram, de fato, por consequência a libertação de muitas almas do poder do inimigo.

Propositadamente me estendi um pouco sobre o ardente zelo dessa Santa. Mas, afinal, todos aqueles que amam verdadeiramente a Deus, nunca se cansam de rezar pelos pobres pecadores. E como poderá, de fato, uma pessoa que ama a Deus ver tantas desgraçadas almas viverem longe dele e como escravas do inferno, sem se sentir intimamente movida à compaixão e sem instar com o Senhor, por meio de repetidas e ardentes súplicas, para que ele se digne conceder a esses infelizes luz e força para despertarem do sono do pecado e acabarem com a vida desregrada? Como poderá mostrar ela indiferença, sabendo quanto Deus ama as almas e quanto Jesus Cristo fez e padeceu por sua salvação e quanto ele deseja que nós rezemos pelos pecadores? E' verdade que Deus não prometeu atender às nossas súplicas quando aqueles por quem rezamos põem um impedimento à sua salvação; mas, apesar disso, já se dignou muitas vezes, em sua bondade, conceder, em vista das súplicas de seus servos, graças extraordinárias aos mais obcecados e empedernidos pecadores e reconduzi-los ao caminho da salvação.

Por isso, nunca deixemos de recomendar a Deus os pobres pecadores, quer celebremos, quer ouçamos a santa missa; ao receber a santa comunhão, na meditação, na visita ao SS. Sacramento. "Quem reza pelos outros será mais depressa atendido quando rezar por si mesmo", nota um sábio escritor.

4. *A oração para alcançar bens temporais.* — A promessa feita por Deus à oração não se refere aos bens temporais que não são necessários à salvação da alma. A respeito das palavras do Evangelho: "Tudo o que pedirdes a meu Pai, em meu nome, vos será concedido", nota S. Agostinho (*in Jo tract.* 102) que tudo que se pede em contrário à nossa salvação não é pedido em nome do Salvador. "Quem pede a Nosso Senhor, com confiança, bens temporais, diz o mesmo Santo (Ap. S. Prosp., sent. 212), é algumas vezes atendido por misericórdia, e às vezes não é ouvido igualmente por misericórdia; pois o médico sabe melhor que o doente o que serve para seu restabelecimento". Um médico que ama o doente não lhe permite o que lhe pode fazer mal. Oh! quantos ricos e sãos não existem, que não cometeriam os pecados que fazem, se fossem pobres e doentes. Por isso, é só por amor que Deus não atende aos rogos de alguns pedindo-lhe a saúde do corpo e bens de fortuna; ele prevê muito bem que esses bens seriam o motivo para perderem sua graça ou, ao menos, se tornarem tíbios na vida espiritual. Com isso, porém, não pretendo afirmar que não se podem pedir a Deus bens temporais, principalmente quando são úteis para a salvação eterna, pois o Sábio (Prov 30, 8) mesmo suplicava ao Senhor: "Dai-me tudo quanto necessito para a vida". Conforme S. Tomás (II-II, q. 83, a. 6), não é ainda uma falta empregar esforços moderados para a aquisição de tais bens. Só então se cometeria um pecado se se dirigissem todos os pensamentos, se empregassem todos os esforços e se cuidasse de tal forma das coisas temporais como se elas fossem e nelas consistisse a nossa única felicidade. Por isso, quando pedimos a Deus bens temporais, devemos fazê-lo sempre com resignação e só sob a condição que sirvam para nossa salvação. Se Deus no-los negar, estejamos convencidos que ele o faz só por amor, sabendo que são prejudiciais à nossa salvação.

5. *A oração para alcançar bens espirituais.* A promessa de Deus de atender a nossos pedidos quanto aos bens espirituais não está ligada a nenhuma condição, mas foi dada sem nenhuma restrição. Por isso diz S. Agostinho que devemos pedir tais coisas com a firme confiança de sermos atendidos, visto que temos uma promessa incondicional de Deus quanto a elas. "Pedi com confiança aquilo que Deus promete" (Sermo 354). De fato, é impossível que Deus deixe de atender a uma alma que lhe pede coisas que são inteiramente conformes a seu beneplácito.

Como poderia recusar-se a atender quem o implora, dizendo: Senhor, eu não vos peço bens deste mundo, nem riquezas, nem honras, nem prazeres; só vos peço vossa graça; livrai-me do pecado; fazei que eu tenha uma morte feliz; dai-me a eterna bem-aventurança; dai-me vosso amor (uma graça que se deve pedir antes de to-

das as outras, diz S. Francisco de Sales); dai-me uma conformidade perfeita com vossa santa vontade. "Que súplicas ouvireis então, ó Deus, exclama S. Agostinho (De civ. Dei, l. 22, c. 8), se não atenderdes a estas, que são inteiramente conformes ao vosso coração?"

Quando pedimos bens espirituais, nos devem animar, antes de tudo, aquelas palavras de Jesus Cristo: "Se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais dará vosso Pai celeste seu bom espírito àqueles que lho pedirem" (Lc 11, 13). Quer o Salvador dizer: Se vós, que estais cheios de amor-próprio e, por isso, tanto cuidais de vosso próprio proveito, não podeis desatender a vossos filhos, quanto mais então vosso Pai celeste estará pronto a conceder bens espirituais aos que lhe pedirem, pois que ele vos ama muito mais ternamente que qualquer pai terrestre a seus filhos.

6. *A oração para ver-se livre de tentações.* — Acontece, não raras vezes, que pedimos a Deus que nos livre de uma tentação perigosa e não somos atendidos. Nem então devemos duvidar que Deus tem em vista nosso maior bem. Não são as tentações, nem os maus pensamentos, que nos privam da graça de Deus, mas unicamente o consentimento nelas. Grande é o progresso que a alma faz na perfeição e mui intimamente se prende ela a Deus, recorrendo a ele na tentação e saindo dela vitoriosa com seu auxílio. E' justamente o motivo por que Deus deixa de atender a seus rogos. S. Paulo pedia instantemente ao Senhor que o livrasse das tentações impuras: "Foi-me dado sentir em minha carne um estímulo, que é o anjo de satanás, que me esbofeteasse. Por cuja causa roguei três vezes ao Senhor que ele se apartasse de mim". O Senhor, porém, respondeu-lhe: "Basta-te a minha graça" (2 Cor 12, 7).

Por isso nossa oração, mesmo no tempo das tentações, deve ser feita com toda a resignação, dizendo, por exemplo: Senhor, livrai-me desta tribulação, se isto é proveitoso à minha salvação: se não, ajudai-me ao menos a vencê-la! S. Bernardo nota aqui que Deus, quando lhe pedimos alguma graça, nos dá o que desejamos, ou, então, alguma coisa melhor ainda. Ele permite muitas vezes que padeçamos sob a veemência do assalto para provar a nossa fidelidade e promover nosso bem. Parece então surdo aos nossos rogos, o que, contudo, nem por sombra se dá. Estejamos convencidos que ele nos ouve, nos auxilia, ocultamente, nos dá, com sua graça, a força de resistirmos vitoriosamente a todos os ataques do inimigo. Ele mesmo nos assegura disso pela boca do Salmista (Sl 80, 8): "Na tribulação me invocaste e eu te livrei, eu te ouvi no escondido da tempestade; provei-te junto à água da contradição".

III. Da perseverança na oração

1. A oração perseverante é necessária para nossa salvação

Nossa oração, conforme acima dissemos, deve ser acompanhada de humildade e confiança. Entretanto, isso não basta para nos alcançar a perseverança até ao fim e, com ela, a bem-aventurança eterna. As orações isoladas nos alcançam graças particulares que

pedimos ao Senhor; elas, porém, se não forem continuadas com perseverança, não nos trarão a perseverança final, porque esta abrange uma série contínua de graças e requer, por isso, orações contínuas e repetidas incessantemente até à morte.

A graça da perseverança não é um dom único de Deus, mas uma cadeia de graças, as quais, todas juntas, constituem a graça da perseverança. A essa cadeia de graças deve corresponder, de nossa parte, uma cadeia de orações. Se essa cadeia de orações se rompe por nossa negligência, rompe-se igualmente a cadeia de graças que deveriam conduzir-nos à salvação, e nós nos perdemos.

A perseverança até ao fim é, de fato, uma graça que nós não podemos pròpriamente merecer, como se exprime o santo Concílio de Trento (Sess. 6, c. 13). "Ela só pode ser concedida por aquele que tem o poder de fortalecer quem está em pé, de tal forma que ele fique em pé até ao fim". Contudo, segundo S. Agostinho, podemos merecê-la em certo sentido por meio da oração, isto é, podemos no-la arranjar por meio da oração. "Esse dom, diz o Santo (De don. persev., c. 6), pode ser merecido por meio de súplicas, isto é, alcançado pela prece". E Suárez acrescenta que quem reza a alcançará infalìvelmente. Mas, como nota S. Tomás, requer-se uma oração contínua e perseverante para consegui-la e chegar à bem-aventurança. "Depois do batismo é preciso que o homem reze contìnuamente para alcançar o céu", diz o Santo (III, q. 39, a. 5).

O divino Salvador mesmo afirmou por diversas vezes: "E' preciso orar sempre e não cessar" (Lc 18, 1). "Vigiai, pois, orando em todo o tempo, a fim de que vos façais dignos de evitar todos esses males que têm de suceder e de vos apresentardes diante do Filho do Homem". (Lc 21, 36). No Antigo Testamento: "Nenhuma coisa te embarace de orar sempre" (Ecli 18, 22). "Louvai a Deus sempre e pedi-lhe que se digne dirigir os vossos passos" (Tob 4, 20).

Por essa razão recomendava o Apóstolo tão instantemente aos fiéis que nunca deixassem a oração. Ele escreve, entre outras coisas: "Orai sem interrupção" (1 Tess 5, 17). "Sede perseverantes na oração, velando nela com ações de graças" (Col 4, 2). "Quero que os homens orem em toda a parte" (1 Tim 2, 8). Nosso Senhor certamente quer conceder-nos a perseverança, diz S. Nilo (De orat., c. 32). Muitos pecadores conseguem converter-se com o auxílio da graça e alcançar o perdão de Deus; mas, porque deixam de pedir a graça da perseverança, recaem no pecado e perdem tudo o que tinham.

Para se alcançar a graça da perseverança não basta, segundo S. Belarmino, pedi-la uma ou outra vez; devemos pedi-la continuamente, todos os dias da nossa vida. Quem a pede hoje, recebe-a para o dia de hoje: se amanhã deixar de pedi-la, cairá seguramente amanhã. Isso nos queria o Salvador dar a entender pela parábola do homem que só depois de muitas e instantes súplicas se deixou levar a conceder a seu amigo os pães que desejava: "Digo-vos que no caso que ele não se levantar e lhe der por ser seu amigo, não deixará, contudo, de levantar-se por sua importunação e lhe dará quantos pães houver mister" (Lc 11, 8). Se, pois, um tal amigo, só para se livrar da importunação do outro, lhe dá os pães que dese-

ja, quanto mais Nosso Senhor (digo com S. Agostinho) (Sermo 61), que é infinitamente bondoso e deseja ardentemente conceder-nos favores, estará pronto a conceder-nos suas graças, se lhas pedirmos; ele o fará tanto mais que é ele mesmo quem nos exorta a pedir-lhe, e se desgosta se o deixamos de o fazer.

Deus, pois, tem a séria vontade de nos conceder a bem-aventurança eterna e todas as graças necessárias para esse fim; contudo, ele exige, como diz Cornélio a Lápide (in Lc 11, 8), que nós o supliquemos sem cessar e até com importunação; Deus então não só nos suporta, mas até deseja que o assaltemos com pedidos de graças, principalmente da santa perseverança. S. Gregório diz que Deus quer que se lhe faça violência, por meio de súplicas; uma tal violência não o irrita de nenhuma forma, antes o aplaca. Ouçamos as palavras do Santo: "Deus quer ser invocado, obrigado e, até, vencido por importunação. De fato, uma salutar violência, que não ofende a Deus, mas o aplaca" (In ps. 6 poen.).

Devemos, pois, pedir incessantemente a Deus que nos conceda a graça da perseverança. Devemos rezar de manhã e à noite, na meditação, na santa missa, na comunhão, em uma palavra, em todo o tempo. Mas, especialmente, na ocasião da tentação. Não devemos então nos cansar de repetir: Senhor, ajudai-me; Senhor, assisti-me; estendei vossa mão sobre mim; não me abandoneis, tende compaixão de mim. Que coisa há mais fácil do que dizer: Senhor, ajudai-me! Senhor, assisti-me! A glossa nota o seguinte à oração do Salmista: "Dentro de mim orei ao Deus de minha vida" (Sl 41, 9).

Quando se trata de jejuns ou de esmolas, poderá alguém dizer: isso não posso fazer. Quando, porém, se trata da oração, ninguém poderá apresentar essa desculpa, pois não há coisa mais fácil do que a oração. Por isso nunca a devemos deixar; devemos assaltar incessantemente a Deus, obrigá-lo, por assim dizer, a que nos assista em todo o tempo. Essa violência agrada-lhe, diz Tertuliano (Apol., c. 39); e S. Jerônimo afirma que nossas orações são tanto mais agradáveis a Deus quanto mais perseverantes e insistentes elas forem (Hom. in Mt).

"Feliz o homem que me ouve e vigia todos os dias à entrada de minha casa" (Prov 8, 34). O Senhor louva aquele que lhe presta ouvido e assedia continuamente a porta de sua misericórdia com santas súplicas. Isaías (Is 30, 18) exclama: "Felizes os que esperam nele", isto é, aqueles que, com uma oração que dura a vida inteira, esperam sua salvação do Senhor. "Pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á" (Lc 11, 9); são as palavras com que o Salvador nos excita à oração. Com a palavra "pedi" já não estava tudo dito? Por que então a repetida exortação: "buscai, batei"? Isso não era de nenhuma forma supérfluo. O Salvador queria nos ensinar assim a imitar aqueles pobres que vão esmolar. Estes não deixam de pedir, mesmo quando seus pedidos não são atendidos, mas recomeçam suas súplicas, e se o senhor da casa não se deixa mais ver, batem à porta e tornam-se muito importunos e incômodos. Deus deseja de nós procedimento semelhante; devemos rezar e novamente rezar e não cessar de suplicar que nos assista, cor-

ra em nosso auxílio, nos dê luz e força e não nos deixe perder jamais a sua graça.

2. A oração perseverante é necessária para se alcançar a perfeição

Grande é a misericórdia que Deus mostra a uma alma quando a ilumina e a move à oração, pois a oração, como ensina S. Agostinho, é o único meio para se alcançar a ciência dos santos. S. Tiago escreve: "Se alguém necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que dá a todos com largueza, sem improperar" (Tgo 1, 5). S. Carlos Borromeu diz que o princípio, o crescimento e a perfeição de todas as virtudes depende da oração (Lit. past. de or. in comm.). Para se chegar à perfeição, precisamos, segundo S. Bernardo, da meditação e da prece; pela primeira ficamos conhecendo o que nos falta, pela segunda remediamos a essa falta (De Sto And., S. 1).

Cristãos fervorosos empregam alguns meios muito bons para se conservarem na graça de Deus e progredirem na virtude: a fugida das ocasiões, a recepção frequente dos SS. Sacramentos, a audição da palavra divina, a meditação das verdades eternas, etc.

Para que servem, pergunto, sermões, meditações e tudo o mais, se não praticamos a oração? Não afirmou o próprio Salvador que só concederá suas graças àquele que lhe pedir: "Pedi e recebereis"? (Jo 16, 24). Sem a oração, segundo o curso ordinário da divina Providência, não nos adiantam as meditações, resoluções e propósitos. Se não rezamos, deixamos de aproveitar as inspirações divinas e de cumprir nossos propósitos, pois as luzes que recebemos, as considerações que fazemos não nos põem por si mesmas em estado de praticar realmente o bem, de vencer as tentações, de praticar as virtudes, numa palavra, de guardar perfeitamente os mandamentos; para isso se requer no momento decisivo ainda um auxílio especial de Deus, o qual Ele concede ùnicamente àqueles que rezam, e rezam com perseverança. As luzes, reflexões e bons propósitos só servem para nos mover a rezar nas tentações e perigos. Por meio da oração alcançamos o auxílio divino, que nos preserva do pecado; se deixamos, porém, a oração, nossa queda é inevitável.

Por isso, digo-te ainda uma vez, alma cristã: Reza, reza, se queres te salvar e santificar. Para a santidade se requerem todas as virtudes: a mortificação, a humildade, a obediência e principalmente o amor; para alcançá-la, além da oração, devemos empregar outros meios ainda, por exemplo: a meditação, a santa comunhão e os bons propósitos; se porém, não rezamos, não seremos mortificados, nem humildes, nem obedientes, apesar de todas as meditações, comunhões e bons propósitos. Sem a oração nunca chegaremos a amar a Deus, a resistir às tentações, numa palavra, a fazer coisa alguma verdadeiramente boa. Por isso o apóstolo S. Paulo, depois de enumerar as virtudes necessárias ao cristão, nos exorta especialmente à perseverança na oração: "Perseverai na oração" (Rom 12, 12). Com isso nos mostra, como nota S. Tomás, que devemos incessantemente rezar para alcançar essa virtude, visto que sem a oração nos falta o auxílio de Deus, de que precisamos absolutamente.

Devemos, portanto, pedir a Deus o espírito da oração, isto é, a graça de rezarmos sem cessar. Essa graça prometeu o Senhor, noutro tempo, à família de David, dizendo: "Derramarei sobre a casa de David e sobre os habitantes de Jerusalém o espírito da graça e das preces" (Zac 12, 10). Notemos as palavras "da graça e das preces"; elas denotam que a oração está sempre unida com a graça que desejamos.

Se seguirmos à risca a exortação de rezar com perseverança, estaremos seguros contra as ciladas de nossos inimigos. "Debalde se lança a rede diante dos olhos dos pássaros", diz o Sábio (Prov 1, 17), porque, logo que a vêem levantam voo. Da mesma forma as tentações não atingem aquele que reza, porque, pela oração, voa ele imediatamente para Deus e Deus o salva.

Se, pois, queres te salvar e santificar, alma cristã, deves te recomendar incessantemente a Jesus Cristo, à sua SS. Mãe, a teu Anjo da Guarda, a teu Santo Padroeiro. Teu coração deve estar sempre pronto a exclamar: Meu Deus, ajudai-me! Ajudai-me, Virgem Santíssima! Meu Santo Anjo da Guarda, meus Santos Padroeiros, vinde em meu socorro!

Recita também muitas vezes a seguinte oração: O' Deus de meu coração, para que servirão todos os meus propósitos e promessas, se não me concederdes a graça de pô-los em prática, isto é, de recorrer a vós em todos os perigos? O' Padre Eterno, concedei-me esta graça, por amor de Jesus Cristo; fazei que eu nunca deixe de me recomendar a vós todas as vezes que as tentações me assaltarem. Se orar a vós, estou certo do vosso auxílio; só temo deixar a oração no momento do perigo e, assim, por minha própria negligência, ser causa da maior desgraça que me pode acontecer, da perda de vossa graça. Concedei-me, por isso, pelos méritos de Jesus Cristo, a graça da oração, mas uma graça poderosa e eficaz que me leve a rezar sempre e do modo requerido. O' Maria, vós alcançais de Deus tudo o que lhe pedis; alcançai-me, pois, por vosso amor a Jesus Cristo, a graça de rezar sempre e de não cessar de rezar até à hora de minha morte.

CAPÍTULO SEGUNDO

Da santa comunhão

§ I. Valor e efeitos da santa comunhão

O SS. Sacramento do Altar é o mais precioso de todos os sacramentos; os demais contêm únicamente os dons de Deus; este, porém, contém a Deus mesmo. Conforme a doutrina de S. Tomás (III, q. 65, a. 3), Jesus Cristo instituiu os outros sacramentos para habilitar os homens para a recepção ou administração do SS. Sacramento do Altar; este, segundo a expressão do Santo, é o complemento da vida espiritual, pois a perfeição toda de nossa alma nasce desse sacramento. A perfeição consiste na união com Deus; ora, não temos melhor meio de nos unir com Deus, do que a recepção

deste sacramento, pelo qual nossa alma torna-se como que uma só coisa com Jesus Cristo. "Quem come a minha carne, diz o divino Salvador (Jo 6, 57), fica em mim e eu nele". Quem comunga está, portanto, em Jesus e Jesus nele; e não é essa uma simples união de afeição, mas uma união real e verdadeira. S. Cirilo de Alexandria diz (in Jo l. 10, c. 13): "Como se misturam dois pedaços de cera derretidos e formam um só, assim também quem comunga torna-se um com Cristo". Isso levou S. Francisco de Sales (Philot. l. 2, c. 21) a dizer: "Em nenhuma outra coisa mostrou-se o Senhor mais amoroso e terno do que no SS. Sacramento, no qual ele se aniquila, por assim dizer, e torna-se uma comida para penetrar nossa alma e para se unir o mais intimamente possível com o coração dos fiéis". Porque Jesus Cristo nos amava ardentemente, diz S. Crisóstomo (Hom. 61 ad pop. Ant.), queria dar-se a nós na Sagrada Eucaristia na forma de uma comida, para que nos tornássemos como ele. Por isso, exclama S. Lourenço Justiniano: "O' Deus de amor, vós quisestes que o nosso coração e o vosso formassem um só coração" (De Inc. div. am., c. 5).

O divino Salvador instituiu este sacramento debaixo das espécies de pão, para nos mostrar que esse pão celeste torna-se um conosco, como se dá com a comida corporal, que se transforma em nosso sangue; há, porém, a diferença de que o alimento corporal se muda em nossa natureza, enquanto que nós, em consequência desse alimento divino, tomamos a natureza de Jesus Cristo. O efeito principal do SS. Sacramento do Altar consiste nisso, que alimenta a alma que o recebe e lhe dá uma grande força para tender à perfeição e resistir aos inimigos que trabalham na sua perdição. E' por isso que Jesus Cristo se chama, nesse divino sacramento, "o pão vivo que desceu do céu" (Jo 6, 51). Como o pão material conserva a vida do corpo, assim também esse pão celeste conserva a vida da alma, fazendo que ela persevere na graça de Deus.

O SS. Sacramento do Altar, segundo o Concílio de Trento (Sess. 13, c. 2), é igualmente um "antídoto, pelo qual nos livramos das faltas cotidianas e ficamos preservados dos pecados mortais" Como uma fonte de água viva, esse sacramento extingue em nós o fogo devorador das paixões. Quem, pois, se sente abrasado em tal fogo, dirija-se à santa comunhão, e brevemente desaparecerá por completo sua paixão ou será, ao menos, sufocada. "Se algum de vós não se sente mais tão fortemente assaltado ou então só raras vezes pela ira, pela inveja, pela luxúria ou outro qualquer vício, renda graças ao corpo e sangue do Senhor, porque é a virtude do sacramento que opera em vós", diz S. Bernardo (Sermo de bap. in coen. Dom. 1).

Além disso, ensina S. Tomás que a santa comunhão nos dá a força para vencermos todos os assaltos do demônio (III, q. 79, a. 6). Segundo S. João Crisóstomo, a sagrada Eucaristia é um fogo que nos inflama de tal modo que as chamas do amor que se expandem de nosso coração, depois da comunhão, nos tornam um objeto de terror para os maus espíritos (Hom. 61, ad pop. Ant.). O mesmo Santo assegura que, quando comungamos, não só fogem os demônios, como também descem os anjos e se acercam de nós. Além disso, es-

te sacramento causa uma grande paz interior, como uma grande inclinação e aptidão para a prática das virtudes e nos torna fácil o adiantamento no caminho da perfeição.

Tudo isso, porém, é sobrepujado pelo amor de Deus, que a santa comunhão difunde em nossos corações, como ensina S. Tomás (III, q. 79, a. 1). A esposa dos Cânticos diz: "Introduziu-me na cela vinária e ordenou em mim a caridade" (Cânt 2, 4). Segundo S. Gregório de Nissa, a santa comunhão é essa adega misteriosa em que a alma se inebria tanto do divino amor, que se esquece de si mesma e perde de vista todas as coisas terrenas. Jesus Cristo nos assegura que veio trazer à terra o fogo do amor divino e que não quer outra coisa senão que ele se acenda (Lc 12, 49).

Em nenhum outro mistério, porém, o Salvador nos abrasa tanto em seu divino amor, como no SS. Sacramento do Altar, em que nos comunica todo o ardor de seu amor pelo completo sacrifício de si mesmo a nós, diz o venerável Pe. Francisco Olímpio, teatino. Por isso S. João, falando da instituição deste sacramento, diz: "Sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora... tendo amado os seus que estavam no mundo, até ao fim os amou". Os intérpretes explicam estas últimas palavras "até ao fim", como significando que, pela instituição do SS. Sacramento do Altar, o Salvador nos quis dar a prova maior possível de seu amor. E por isso o Concílio de Trento (Sess. 13, c. 2) ensina que Jesus Cristo, com esse sacramento, como que exauriu os tesouros de seu amor para com os homens. Pelo mesmo motivo S. Tomás (De sacr. alt., c. 5) chama esse divino mistério "sacramento e penhor de amor"; sacramento de amor, porque só o amor podia mover o divino Salvador a dar-se-nos nele; penhor de amor, porque, caso pudéssemos duvidar de seu amor, teríamos neste sacramento uma prova evidente do contrário.

Parece até que o divino Salvador, ao instituir este sacramento, nos queria dizer: Almas queridas, se alguma vez chegardes a duvidar de meu amor, considerai este sacramento, no qual me entrego inteiramente a vós; com tal penhor nas mãos não podereis jamais duvidar que eu vos amo e até que vos amo ternamente.

Ainda mais. S. Bernardo (in Coen. Dom., s. 2) chama a este sacramento "amor dos amores" porque ele é um dom que em si contém todos os outros dons que o Senhor nos concedeu: a criação, a redenção, a predestinação para a bem-aventurança eterna. E, de fato, a sagrada Eucaristia não é só um penhor do amor de Jesus Cristo, mas ela encerra em si o reino dos céus, como se exprime a Igreja em suas orações. Por isso S. Filipe Néri não dava a Jesus Cristo no SS. Sacramento outro nome senão seu amor. Quando lhe levaram o Sagrado Viático, exclamou: "Eis aí o meu Amor! Dai-me o meu Amor!"

Quando Jesus entra em uma alma pela santa comunhão, concede-lhe imensos tesouros de graças, e podemos dizer, com toda a razão, depois da santa comunhão: "Todos os bens me vieram juntamente com ela" (Sab 7, 11). S. Dionísio ensina que o sacramento da Eucaristia é o meio mais poderoso para santificar as almas; e S. Vicente Ferrer diz que é de maior utilidade comungar uma só

vez do que jejuar oito dias a pão e água. S. Teresa diz: Não há meio melhor para chegar à perfeição do que a santa comunhão. Ela nos livra das faltas cotidianas, subjuga nossas más inclinações, frustra as tentações do demônio e nos inspira um zelo ardente para o exercício das virtudes; traz-nos, ao mesmo tempo, uma grande paz e torna-nos assim fácil e agradável o caminho da perfeição. Mais que tudo, porém, inflama nossas almas com o amor divino, visto que nela Jesus Cristo se nos dá inteiramente, para unir-nos intimamente a si por meio de seu santo amor.

Disse um dia a Santíssima Virgem a uma alma piedosa: Foi por disposição especial de Deus que em Belém não se achou uma habitação nem para mim, nem para meu filho; as almas que amam a Jesus Cristo deveriam oferecer-se a recebê-lo e convidá-lo amorosamente a estabelecer sua morada em seus corações. O' gruta feliz, que tiveste a dita de contemplar o nascimento do Filho de Deus! O' feliz presépio, que tiveste a honra de receber o Senhor do universo! O' palha feliz, que serviste de leito Àquele que descansa sobre as asas dos Serafins! Mais felizes, porém, são os corações que amam com ardor e ternura esse amoroso e amante Senhor e o recebem, inflamados de amor, na santa comunhão. Com que ardor, com que satisfação não repousa Jesus em um coração que o ama!

§ II. Opinião da Igreja sobre a comunhão frequente

Que coisa devemos desejar com maior ardor, depois das considerações acima, do que receber a Jesus Cristo na sagrada comunhão o mais frequentemente possível? E' sabido que nos primeiros séculos os fiéis comungavam cotidianamente. S. Lucas o afirma, escrevendo: "E todos os dias perseveravam unânimemente no templo, partindo o pão pelas casas" (At 2, 46). Por esse pão os comentadores entendem a Sagrada Eucaristia. S. Tomás (III, q. 80, a. 10) não receia afirmar que então todos os cristãos que assistiam à santa missa recebiam a sagrada comunhão. Dizem o mesmo S. Dionísio Areopagita (De hier. eccl., c. 3) e S. Jerônimo (Ep. ad Lucin.), falecido em 420, que afirma que esse piedoso costume ainda estava em voga no seu tempo, em Roma e na Espanha.

Nas ordenações episcopais, aprovadas por Carlos Magno, todos os fiés eram obrigados a comungar todos os domingos, a não ser que fossem impedidos por uma proibição expressa (ign. tom 97, p. 746, c. 334).

Pouco a pouco, porém, diminuiu tanto a piedade por parte dos fiéis, que o Papa Fabiano, no começo do terceiro século, deveu obrigá-los a comungar ao menos três vezes por ano, a saber, na Páscoa, Pentecostes e Natal (Cap. Etsi de Cons., d. 2). Tornando-se, mais tarde, maior ainda a tibieza dos cristãos, prescreveu Inocêncio III, em 1215, a todos os cristãos, sob pena de excomunhão, que comungassem ao menos uma vez por ano, e isso no tempo da Páscoa, e essa ordenação foi depois confirmada pelo Concílio de Trento (Sess. 13, cân. 9).

Desses fatos nem por sombra se deve deduzir que a comunhão frequente não é muito louvável; provam ùnicamente que o zelo

que havia no princípio, na Igreja, diminuiu no correr dos séculos em um grande número de seus filhos.

Os testemunhos dos Santos Padres, que poderia citar a favor da comunhão frequente, passo em silêncio: ùnicamente relato um, o de S. Basílio Magno, Bispo de Cesaréia, que diz que lhe causava grande consolação ver que todos os fiéis de seu bispado recebiam ao menos quatro vezes na semana a sagrada Eucaristia (Ep. 13). S. Agostinho nos exorta à comunhão frequente, dizendo: "Este é o nosso pão cotidiano; recebe-o, pois, todos os dias, para que te aproveite todos os dias" (Sermo 84).

Lemos nas resoluções do sagrado Concílio de Trento (Sess. 22, c. 1) que ele deseja ardentemente que todos os fiéis comunguem ao menos todas as vezes que assistirem à missa. Além disso, um decreto geral da Congregatio Concilii, de 22 de Fevereiro de 1679, confirmado por Inocêncio XI, prova que a comunhão frequente e até cotidiana foi sempre louvada na santa Igreja pelos Santos Padres. No mesmo decreto se exortam os Bispos a agradecerem a Deus se encontrarem em qualquer parte esse piedoso costume e a cuidarem em conservá-lo de pé. Finalmente, proíbe-se, tanto aos Bispos como aos párocos, restringir a recepção da sagrada comunhão a todos os seus súditos a certos dias da semana, pois que isso deve depender ùnicamente do parecer dos confessores.

Com esses ensinos concordam igualmente os seguintes fatos: Na vida de S. Margarida de Cortona lemos que o Senhor lhe revelou que ele havia de recompensar generosamente a seu confessor por lhe haver aconselhado a comunhão frequente. Narra-se do venerável P. Antônio Torres que apareceu depois de sua morte, revestido de celestial beleza, a certa pessoa e disse-lhe que Deus havia aumentado sua glória no céu por ter ele permitido a seus penitentes a comunhão frequente. Blósio (Concl. anim. fid., p. 2, c. 6) escreve que Jesus Cristo se queixou uma vez a S. Gertrudes a respeito daqueles que dissuadiam os fiéis da comunhão frequente. "Porque minha satisfação é estar com os filhos dos homens, disse-lhe, e, para esse fim, instituí o SS. Sacramento do Altar, aquele que dissuade as almas de me receberem, rouba-me, de algum modo, as minhas delícias". Por isso o Beato João d'Ávila costumava dizer que aqueles que reprovam a comunhão frequente exercem o ofício do demônio, que odeia profundamente este sacramento, porque dele auferem as almas um ardente zelo para progredir na perfeição.

Nota. Finalmente, toda a dúvida a respeito da comunhão frequente foi resolvida e removida pelo memorável decreto "Sacra Tridentina Synodus", de 16 de Dezembro de 1905, que pôs termo a esta questão, como a respeito das condições necessárias para a comunhão frequente e cotidiana.

§ III. Preparação para a santa comunhão

Donde provém, pergunta Cardeal Bona, que tantas almas tiram tão pouco proveito da comunhão frequente e caem sempre nas mesmas faltas? Ele mesmo responde: "Isso não provém da falta de força na comida, mas do estado daquele que a recebe" (De sac. miss.,

c. 6, § 6). "Poderá alguém esconder o fogo em seu seio sem queimar as suas vestes?" pergunta Salomão (Prov 6, 27). "Deus é um fogo devorador" (Deut 4, 24). Ele mesmo vem na sagrada comunhão para abrasar as almas com esse divino fogo. Como é possível, exclama Guilherme de Paris, que as almas permaneçam gélidas no meio do fogo e não sintam amor por Deus? Isso provém da falta de preparação em especial e da disposição geral da alma. Lenha seca pega fàcilmente fogo, ao passo que a verde só com dificuldade, porque não é bastante sensível ao fogo. Se os santos tiraram tão grande fruto de suas comunhões, foi porque se preparavam cuidadosamente para ela. Requer-se uma dupla preparação para a santa comunhão: uma remota, outra próxima.

A preparação remota consiste no desprendimento das criaturas: "Se uma alta personagem tivesse de vir à tua casa, diz S. Agostinho (in ps. 131) e tu soubesses que ela detesta certas coisas, não as retirarias tu? Da mesma forma, quando quiseres receber a Jesus Cristo, deverás retirar de teu coração todas as inclinações terrenas que lhe desagradam. Quem quiser comungar a miúdo deverá remover de seu coração tudo o que é terreno. Isso revelou um dia o Senhor a S. Gertrudes, que lhe perguntou que preparação ele desejava dela: "Nenhuma outra a não ser que venhas receber-me vazia de ti mesmo", respondeu-lhe Jesus.

Quanto à preparação próxima, alma cristã, deves começá-la já na véspera do dia da comunhão, fazendo atos de amor e de desejo. E ao despertares, de manhã, pondera que irás receber nesse mesmo dia a Jesus Cristo e convida a teu divino Salvador, com ardentes suspiros de amor, a vir estabelecer-se logo em teu coração.

Imediatamente antes da santa comunhão, deves avivar em ti a fé, a humildade e o desejo.

1. *A fé.* — Considera quem é aquele que vais receber. Quem jamais julgaria possível que Deus quisesse tornar-se o alimento de suas criaturas, se a fé não nos certificasse disso? A Santa Igreja, porém, nos assegura em tantos Concílios e, principalmente, no Concílio de Trento, que Jesus Cristo está verdadeira, real e substancialmente presente na hóstia consagrada (Sess. 13, c. 1). Sendo uma vez S. Luís, rei de França, chamado à sua capela, para ver o divino Salvador, que tinha aparecido na hóstia consagrada, sob a forma de um menino, deu a seguinte resposta: "Quem não tiver fé, que vá vê-lo; quanto a mim, creio mais firmemente nesse santo mistério do que vendo-o com meus próprios olhos".

2. *A humildade.* Considera quem és tu, que vais receber um Deus em teu coração. O Pe. Ségneri diz que o sentimento mais próprio a um cristão que vai comungar é o de admiração, que lhe devem causar estas palavras: Um Deus virá a mim!

Que diria um pobre pastor, se visse o rei entrar em sua choupana para estar com ele? E que dizes tu ao ver o rei do céu vir a teu coração na santa comunhão? Dize-lhe então, com verdadeira humildade: Senhor, eu não sou digno que vós entreis na minha morada (Mt 8, 8). Ao ato de humildade ajunta outro de arrependimen-

to e esperança, confiando seguramente que Jesus Cristo te enriquecerá de graças logo que se achar em teu coração.

3. *O desejo.* — Devemos ter uma verdadeira fome espiritual deste pão celeste. Quem o recebe com grande desejo, recebe também maiores graças. S. Francisco de Sales diz (Philot. p. II, c. 21) que se deve receber ùnicamente por amor aquele que só por amor se deu a nós. Disse uma vez o Senhor a S. Mechtildes (Blos. Conclus. an. fid., c. 6, n. 6): "Quando comungares, deves desejar-te o maior amor que os santos me consagraram; em consideração a esse desejo, receberei então o teu amor como desejarias que ele fosse". Chegando uma vez S. Catarina de Sena um pouco tarde à igreja para comungar, apareceu-lhe Jesus com o rosto tão pálido como se estivesse para ter um desmaio. A Santa perguntou-lhe qual era a razão disso e Jesus respondeu-lhe: Queria dar-te a conhecer quão grande é o meu desejo de ser recebido por ti; por isso aproxima-te depressa. Almas devotas, desejais receber a Jesus Cristo na santa comunhão? sabei, porém, que o divino Salvador deseja muito mais ainda vir a vós.

§ IV. Da ação de graças depois da comunhão

Depois de teres comungado, alma cristã, deves te entreter todo o tempo que te for possível com Jesus Cristo. O Beato João d'Ávila dizia que se deve apreciar sumamente o tempo depois da comunhão, porque é o tempo mais favorável para alcançar graças. S. Maria Madalena de Pazzi (Cepari, c. 43) se exprime do mesmo modo: O tempo depois da comunhão é o mais precioso da nossa vida; é o mais próprio para nos entretermos com Deus e inflamarmo-nos em seu santo amor; não precisamos então nem de mestres, nem de livros, porque Jesus Cristo mesmo nos ensina como devemos amá-lo. S. Teresa diz (Cam. da perf., c. 35): "Não deixemos passar a ocasião... Deus costuma pagar generosamente a hospedagem que lhe damos em nosso coração, quando lhe fazemos um bom acolhimento". Em outro lugar nos assegura a mesma Santa que Jesus Cristo, depois da comunhão, está em nossa alma como que assentado sobre um trono de graças e diz-lhe, como outrora ao cego de nascimento: "Que queres que eu te faça?" (Mc 10, 51). Dize-me, alma cristã, o que desejas de mim, pois eu vim expressamente para te conceder as graças que desejas.

Muitos e célebres teólogos afirmam que os frutos da santa comunhão e, em especial, o amor divino aumentam, naquele que comunga, tanto mais quanto mais intimamente ele se unir a Jesus Cristo durante a permanência das sagradas espécies e mais atos de virtude ele fizer; pois este alimento celeste produz na alma o mesmo que o alimento terreno opera no corpo: quanto mais ele dura tanto mais ele alimenta e fortalece. Muitos cristãos comungam muitas vezes, mas tiram pouco resultado, porque pouco se entretêm com Jesus Cristo.

Um dia disse o Senhor a S. Margarida de Cortona: Eu trato os homens como eles me tratam. Se não fores, pois, obrigado, depois da comunhão, a fazer qualquer outra coisa para cumprir uma obri-

gação de obediência ou caridade, emprega então ao menos uma meia hora em entretenimento com Jesus Cristo. Digo "ao menos", porque seria conveniente que se dedicasse a isso uma hora inteira. Não deixes então de fazer fervorosos atos de agradecimento, de amor, de arrependimento, de consagração de ti mesmo e de tudo que te pertence; antes de tudo, porém, deves pedir graças a Jesus Cristo; em especial a graça da perseverança e de seu santo amor; nisso consiste o "grande lucro" de que fala S. Teresa.

Se te achares, porém, em aridez e distraído, serve-te de um livro, que te sugira piedosos afetos. O dia inteiro da comunhão deves passar em íntima união com Deus. S. Luís Gonzaga empregava os três primeiros dias da comunhão em agradecer a Jesus Cristo. Se comungares repetidas vezes, por isso não deves viver menos recolhido; pelo contrário, quanto mais te visita o Senhor, tanto mais intimamente unido a Ele deves te conservar.

§ V. Desculpas com as quais se procura fugir à comunhão frequente

1. "Não comungo a miúdo porque não me acho digno disso". Se esta razão fosse plausível devia-se concluir, alma cristã, que nunca poderias comungar. Quem jamais será digno de comungar? Só Jesus Cristo, o Homem-Deus, comungou dignamente, porque só um Deus é digno de receber um Deus. Dizes que não te achas digno; mas não sabes que quanto mais te privares da comunhão, mais indigno dela te tornas? Pois quanto mais o adiares, tanto mais crescerão as faltas, porque te faltará o auxílio que a santa comunhão te presta.

Uma piedosa irmã dominicana costumava dizer: Justamente porque conheço minha indignidade, desejaria comungar três vezes por dia, porque, se comungasse mais vezes, poderia esperar tornar-me mais digna. "Quem é mais humilde, pergunta Cassiano (Collat. 23, c. 21), uma pessoa que comunga muitas vezes ou uma outra que só raramente o faz?" E responde: "E' aquela que recebe muitas vezes a Jesus Cristo, porque toma o remédio justamente por se julgar mais doente". No mesmo sentido escreve o Doutor Angélico que, ainda que agrade a Deus o privar-se da comunhão por humildade e respeito, contudo, muito mais agradável lhe é o amor e a confiança que uma alma lhe testemunha pela sua comunhão frequente (III, q. 80, a. 10).

2. "Não sei se estou no estado de graça". Dize-me, porém, alma cristã, com que contas para conhecer se te encontras na graça de Deus e para poder comungar? Esperas talvez que um anjo do céu to venha revelar? Não te basta a palavra de teu confessor? E, afinal, o que te diz o servo do Senhor deveria inspirar-te maior certeza do que tudo o que te pudessem revelar todos os anjos do céu; porque, ouvindo aos anjos, poder-te-ás enganar; atendendo, porém, ao que te diz teu confessor, que ocupa o lugar de Deus, nada tens a temer. Toda a vez, portanto, que teu confessor te permitir a comunhão, não cedas ao demônio, omitindo a comunhão por causa de teus escrúpulos e temores. Fica também sabendo que a desobediência nesse ponto é muito perigosa, pois que ela procede da

falta de humildade, porque se julga entender a coisa melhor que o confessor.

3. "Não ouso comungar a miúdo, porque caio sempre de novo nas mesmas faltas e não percebo nenhuma emenda em mim". A isso já se deu resposta acima, afirmando-se que, se cometes essas faltas com perfeita deliberação e não te esforças por emendar-te, nem eu, nem ninguém te aconselhará a comunhão frequente. Se, pelo contrário, não tiveres apego ao pecado venial, nem o costume de cometê-lo com deliberação plena, e se, além disso, amares a oração mental e desejares adiantar-te na perfeição, obedece então a teu confessor e não faças dificuldade alguma.

Quanto mais enfermo te sentires, tanto mais te deves servir, segundo S. Ambrósio (De sac., l. 4, c. 6), do remédio que te é oferecido na santa comunhão. Se uma parede pende para o lado, empregam-se esteios para que ela não caia, e não para que ela retorne ao prumo. Tu dizes que não notas nenhuma emenda em ti mesmo; tornar-te-ás, porém, melhor, se não comungares? O Pe. Luís de Granada diz, no seu tratado sobre a santa comunhão: "Quem quiser curar-se de suas enfermidades, não se deve privar deste poderoso remédio".

O único pensamento: esta manhã eu comunguei, ou amanhã eu vou comungar, torna-nos mais cautelosos e cuidadosos em evitar as faltas. Além disso este sacramento nos dá mais luz e força, pela eficácia que lhe é própria. Os teólogos afirmam comumente que a santa comunhão nos alcança mais graças que todos os outros sacramentos, porque nela recebemos o autor da graça, Jesus Cristo. Se um príncipe dá com suas próprias mãos um presente a alguém, será ele em todo o caso mais precioso do que os outros que ele faz por mãos alheias.

4. "Mas sou tão distraído, frio e sem devoção". Pergunto-te: Que entendes por verdadeira devoção? Talvez a que se percebe pelo sentimento? Não, essa não é necessária; basta que estejas firmemente resolvido a fazer tudo que sabes ser agradável a Deus; nisso consiste a verdadeira devoção e zelo que Deus exige de ti. E se não sentes essa vontade resoluta de agradar a Deus, deves, não obstante, comungar, para alcançá-la por meio do sacramento; pois quem se abstém da santa comunhão por não sentir bastante zelo, diz Gerson (De praep. ad Miss., cons. 4), é semelhante a um homem que, sentindo frio, não quer chegar-se ao fogo, porque não sente calor. Além disso, escreve S. Lourenço Justiniano que este SS. Sacramento opera muitas vezes sem que se o perceba (De disc. mon., c. 19).

"Ainda que te sintas tíbio e sem devoção, diz S. Boaventura, chega-te, apesar disso, à mesa do Senhor, confiado em sua divina misericórdia; pois, quanto mais doente estiveres, tanto mais precisas de médico" (De prof, rel., p. 2, c. 76). Não julgues que terás maior devoção, se comungares mais raramente. Quem raramente come, come, sim, com maior apetite, mas também menos lhe aproveita; assim também, se comungares mais raramente, sentirás talvez um pouco mais de devoção, mas o lucro para tua alma será tam-

bém menor, porque lhe falta o alimento que lhe daria a força para evitar as faltas. Por isso não ligues tanta importância a maior ou menor devoção sensível, mas comunga para te unires mais intimamente com Deus e fica certo que cada vez tirarás grande proveito da santa comunhão, se a receberes com essa intenção.

5. "Deixo algumas vezes a comunhão, para que os outros, que conhecem minhas imperfeições, não me lancem, com razão, em rosto que eu comungo demais". Respondo: Todas as vezes que teu confessor te aconselhar a comungar e tu o fizeres com a reta intenção de cresceres no amor de Deus ou, ao menos, de evitares mais o pecado, obedece-lhe sem temor algum, e deixa os outros falarem o que quiserem. Ouve o que diz S. Francisco de Sales (Philot., p. II, c. 21): "Se te perguntarem, Filotéia, por que comungas tantas vezes, responde que duas classes de pessoas devem comungar a miúdo: os perfeitos, para se conservarem na perfeição, e os imperfeitos, para poderem tender à perfeição; os fortes, para não se tornarem fracos, e os fracos, para se tornarem fortes; os doentes, para se tornarem sãos, e os sãos, para não ficarem doentes. E acrescenta que deves comungar muitas vezes porque és imperfeita, fraca e doente".

Já citei as palavras do Beato João d'Ávila, que diz que aqueles que repreendem os outros, por causa da comunhão frequente, exercem o ofício de satanás. E queres, talvez, dar ouvido a tais? Querendo um dia S. Francisca Romana comungar, disse-lhe o demônio: Como ousas receber o Cordeiro Imaculado, estando repleta de manchas de pecados veniais? A Santa notou, porém, imediatamente que o demônio a queria retrair da comunhão e repeliu-o cuspindo-lhe no rosto. Apareceu-lhe então a Mãe de Deus, louvou-a pelo que praticara e ajuntou que nossas faltas não nos devem retrair nunca da comunhão, mas antes mover-nos a recebê-la, porque nesse sacramento encontramos o remédio para nossa miséria.

Isso combina com o ensino do Catecismo Romano, que diz que, pela comunhão, nos são perdoados os pecados veniais (P. 2, c. 4, q. 40). Segundo S. Tomás (III, q. 79, a. 4) e a maior parte dos teólogos, a santa comunhão excita na alma atos de amor divino, por meio dos quais são perdoados os pecados veniais.

6. "Não tenho tempo para preparar-me convenientemente à santa comunhão". A isso respondo: Se passas o tempo em ocupações inúteis ou em conversações vãs, então essa desculpa não tem valor; se as obrigações, porém, de teu estado não te deixam bastante tempo, fica sabendo que essas mesmas ocupações, praticadas com a intenção pura de agradares a Deus, são uma boa preparação para a santa comunhão.

Certamente já leste alhures o seguinte fato da vida de S. Maria Madalena de Pazzi: Estava ela uma vez ocupada em assar pão, quando ouviu bater a campainha para a comunhão; entrou em êxtase e, neste estado, com a massa na mão, correu para o banco da comunhão. A mesma Santa disse uma vez às suas irmãs: Oferecei a Deus todas as vossas ações como preparação à santa comunhão;

praticai-as todas com a intenção de agradar ao Senhor e ide à santa comunhão.

7. "Meu confessor não é inclinado a conceder-me licença para a comunhão frequente". Se teu confessor não quer que comungues a miúdo, deves obedecer. Deves então suprir a comunhão real pela espiritual, dizendo muitas vezes a Jesus: Senhor, desejo receber-vos muitas vezes; a obediência, porém, não mo permite. Vinde ao menos espiritualmente ao meu coração. E o Senhor aceitará com muito gosto o teu desejo e tua obediência.

Se teu confessor não te permite a comunhão frequente, por que não lhe pedes instantemente essa permissão? Isso não é, de forma alguma, contra a perfeita obediência, antes a favorece, pois na concessão da permissão para a santa comunhão os confessores, em geral, se dirigem pelo desejo que mostram seus penitentes em recebê-la.

Para que esse alimento divino opere eficazmente, deve ser tomado, como acima se disse, com fome espiritual, porque pouco aproveita àqueles que não o desejam. Se não pedires instantemente a permissão de comungar a miúdo, dás a conhecer que pouco a desejas e, por isso, o confessor não ousa permitir-te a comunhão frequente. Por que não fazes como S. Catarina de Sena, que repetia muitas vezes, quando o confessor lhe proibia a comunhão: Pai, dai à minha alma o seu sustento! Se mostrasses, com humildade e resignação, essa mesma fome, certamente o teu confessor procederia doutra forma contigo; como, porém, ele percebe e vê tua tibieza e como fàcilmente concorda com sua recusa, julga melhor não te permitir a comunhão frequente.

§ VI. Exortação à comunhão frequente

A experiência mostra que fazem grandes e incoercíveis progressos no amor divino aqueles que se chegam muitas vezes à mesa do Senhor, com permissão de seu confessor, e recebem a sagrada Eucaristia com grande desejo. O Senhor atrai-os de um modo admirável a seu santo amor, ainda que muitas vezes não lhes dê a conhecer esse resultado. Mas justamente para essas palavras desoladas não há melhor apoio, segundo S. Teresa, que a comunhão frequente. Diga-se o que quiser: o certo é que comumente as paróquias em que a comunhão frequente está em voga são as melhores e que os cristãos mais fervorosos são os que comungam mais vezes.

Meu Deus, por que tantos pretextos vãos? Quem raramente comunga deveria dizer a verdade e confessar que só por isso não se aproxima muitas vezes da comunhão, para não se ver obrigado a entregar-se a uma vida mais recolhida e desprender-se mais das criaturas e de suas inclinações próprias. Sabe-se perfeitamente que à comunhão frequente não é compatível com os passatempos inúteis, com as amizades mundanas, com a vaidade, com o apego imoderado à própria honra, com as satisfações da mesa e outras imperfeições e, por isso, deixa-se de comungar. Tais cristãos temem as exprobrações que Jesus Cristo lhes faz interiormente, quando o recebem no

seu sacramento de amor; numa palavra, comungam tão raramente porque eles querem viver com mais liberdade.

Que dizes a isso, alma cristã? não se dá talvez a mesma coisa contigo? Se é o caso, digo-te também a ti que não convém que recebas muitas vezes a Jesus Cristo, pois que tão pouco o amas e tão pouco desejas amá-lo. Toma, porém, cuidado para que essa obstinada tibieza, da qual te podias livrar e não queres, não te lance um dia num abismo. Eia, pois! levanta-te de um estado tão miserável; consagra a Deus o resto de teus dias, que talvez não sejam muitos; emenda-te o mais que puderes e procura comungar mais a miúdo.

Finalmente, deves saber que não podes ter devoção que mais agrade a Jesus Cristo do que a comunhão frequente, e a razão é que toda a perfeição de uma alma consiste na união perfeita com Deus e a santa comunhão é que une a alma o mais intimamente possível com ele.

§ VII. Da comunhão espiritual

A comunhão espiritual, segundo S. Tomás (III, q. 80, a. 1) consiste no desejo ardente de receber a Jesus Cristo no SS. Sacramento do Altar. O Concílio de Trento (Sess. 13, c. 8) fala com grande encômio da comunhão espiritual e a recomenda instantemente a todos os fiéis. Deus mesmo revelou várias vazes a almas piedosas o agrado que tem em ser recebido espiritualmente. Apareceu uma vez Jesus Cristo à Irmã Paula Maresca, fundadora do convento de S. Catarina de Sena, em Nápoles, e mostrou-lhe dois preciosos vasos, um de ouro, outro de prata; disse-lhe então que no vaso de ouro conservava as suas comunhões sacramentais e no vaso de prata as suas comunhões espirituais. Disse também o Senhor à venerável Joana da Cruz que todas as vezes que ela comungava espiritualmente lhe concedia uma graça semelhante àquela que recebia na comunhão sacramental.

O Pe. Fabro, da Companhia de Jesus, dizia que a comunhão espiritual é um meio excelente para se receber, depois, com grande proveito, a comunhão sacramental. Por isso os santos tinham por costume comungar muitas vezes espiritualmente. A beata Ângela da Cruz, dominicana, chegava até a dizer: Julgo que eu não poderia viver se meu confessor não me tivesse ensinado a comunhão espiritual: Ela a fazia cem vezes durante o dia e cem vezes durante a noite.

"Mas, para que tantas comunhões?" perguntarás. S. Agostinho responde: "Uma alma que nada mais ama senão a Jesus Cristo, não se admirará disso" (In Jo tract. 26). A prática da comunhão espiritual é também muito fácil: não se precisa estar em jejum, nem se requer um sacerdote, e muito tempo; pode ser repetida cada dia tantas vezes quantas se desejar. Isso levava S. Joana da Cruz a dizer: Meu Deus, quão belo é esse modo de comungar: não se é visto, não se precisa dizer nenhuma palavra ao confessor, não se está dependente de ninguém a não ser de vós, que alimentais minha alma e conversais familiarmente com ela.

Esforça-te também, alma cristã, para comungar muitas vezes espiritualmente, em especial durante a oração mental e a visita ao

SS. Sacramento, e na santa missa, quando o sacerdote comunga; aviva então a tua fé, crendo firmemente que Jesus Cristo está presente no sacramento do altar; faze um ato de amor e de contrição de teus pecados, como também um ato de desejo, convidando a Jesus Cristo a vir a teu coração e a tomar inteira posse dele. Agradece-lhe então como se o tivesses recebido realmente. Podes, por exemplo, assim dizer: Creio, meu Jesus, que estais real e verdadeiramente presente no SS. Sacramento. Amo-vos de todo o meu coração, e porque vos amo, arrependo-me de vos haver ofendido. Vinde ao meu coração, que por vós suspira. Abraço-vos, ó meu Amor, e entrego-me inteiramente a vós; não permitais que me separe jamais de vós.

CAPÍTULO TERCEIRO

Do santo sacrifício da missa

§ I. Grandeza do santo sacrifício da missa

I. Na Santa Missa é Jesus Cristo a vítima

O Concílio de Trento diz da santa missa (Sess. 22): Devemos reconhecer que nenhum outro ato pode ser praticado pelos fiéis que seja tão santo como a celebração deste tremendo mistério. O próprio Deus todo-poderoso não pode fazer que exista uma ação mais sublime e santa do que o santo sacrifício da missa. Este sacrifício de nossos altares sobrepassa imensamente todos os sacrifícios do Antigo Testamento, pois que não são mais bois e cordeiros que são sacrificados, mas é o próprio Filho de Deus que se oferece em sacrifício. "O judeu tinha o animal para o sacrifício, o cristão tem Cristo, escreve o venerável Pedro de Clugny; seu sacrifício é, pois, tanto mais precioso, quanto mais acima de todos os sacrifícios dos judeus está Jesus Cristo". E acrescenta que, para os servos (isto é, para os judeus, no Antigo Testamento), não convinham outros animais senão aqueles que eram destinados ao serviço do homem; para os amigos e filhos foi Jesus Cristo reservado "como cordeiro que nos livra do pecado e da morte eterna" (Ep. cont. Petrobr.). Tem, portanto, razão S. Lourenço Justiniano, dizendo que não há sacrifício maior, mais portentoso e mais agradável a Deus do que o santo sacrifício da missa (Sermo de Euch.).

S. João Crisóstomo diz que durante a santa missa o altar está circundado de anjos que aí se reúnem para adorar a Jesus Cristo que, nesse sacrifício sublime, é oferecido ao Pai celeste (De sac., l. 6). Que cristão poderá duvidar, escreve S. Gregório (Dial. 4, c. 58), que os céus se abram à voz do sacerdote, durante esse santo sacrifício, e que coros de anjos assistam a esse sublime mistério de Jesus Cristo. S. Agostinho chega até a dizer que os anjos se colocam ao lado do sacerdote para servi-lo como ajudantes.

II. Na Santa Missa é Jesus Cristo o oferente principal

O Concílio de Trento (Sess. 22, c. 2) ensina-nos também que neste sacrifício do corpo e sangue de Jesus Cristo é o próprio Salvador que oferece em primeiro lugar esse sacrifício, mas que o faz pelas mãos do sacerdote que ele escolheu para seu ministro e representante. Já antes dissera S. Cipriano: "O sacerdote exerce realmente o ofício de Jesus Cristo" (Ep. 62). Por isso o sacerdote diz, na elevação: "Isto é o meu corpo; este é o cálice de meu sangue".

Belarmino (De Euch., l. 6, c. 4) escreve que o santo sacrifício da missa é oferecido por Jesus Cristo, pela Igreja e pelo sacerdote; não, porém, do mesmo modo por todos: Jesus Cristo oferece como o sacerdote principal, ou como o oferente próprio, contudo, por intermédio de um homem, que é, no mesmo tempo sacerdote e ministro de Cristo; a Igreja não oferece como sacerdotisa, por meio de seu ministro, mas como povo, por intermédio do sacerdote; o sacerdote, finalmente, oferece como ministro de Jesus Cristo e como medianeiro de todo o povo.

Jesus Cristo, contudo, é sempre o sacerdote principal na santa missa, onde ele se oferece continuamente e sob as espécies de pão e de vinho por intermédio dos sacerdotes, seus ministros, que representam a pessoa de Jesus Cristo, quando celebram os santos mistérios. Por isso diz o quarto Concílio de Latrão (Cap. Firmatur, de sum. Trinit.) que Jesus Cristo é ao mesmo tempo o sacerdote e o sacrifício. De fato, convém à dignidade deste sacrifício que ele não seja oferecido, em primeiro lugar, por homens pecadores, mas por um sumo sacerdote que não esteja sujeito ao pecado, mas que seja santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e mais elevado que os céus (Heb 7, 26).

III. A Santa Missa é uma representação e renovação do sacrifício da cruz

Segundo S. Tomás (Off. Ss. Sac., I. 4), o Salvador nos deixou o SS. Sacramento para conservar viva entre nós a lembrança dos bens que nos adquiriu e do amor que nos testemunhou com sua morte. Por isso o mesmo Doutor chama a Sagrada Eucaristia "um manancial perene da paixão".

Ao assistires, pois, à santa missa, alma cristã, pondera que a hóstia que o sacerdote oferece é o próprio Salvador que por ti sacrificou seu sangue e sua vida. Entretanto, a santa missa não é sòmente uma representação do sacrifício da cruz, mas também uma renovação do mesmo, porque em ambos é o mesmo sacerdote e a mesma vítima, a saber, o Filho de Deus Humanado. Só no modo de oferecer há uma diferença: o sacrifício da cruz foi oferecido com derramamento de sangue; o sacrifício da missa é incruento; na cruz, Jesus morreu realmente; aqui, morre só misticamente (Conc. Trid., Sess. 22, c. 2).

Representa-te, durante a santa missa, te achares no monte Calvário, para ofereceres a Deus o sangue e a vida de seu adorável Filho, e, ao receberes a santa comunhão, representa-te beberes seu

precioso sangue das chagas do Salvador. Pondera também que em cada missa se renova a obra da redenção, de maneira que, se Jesus Cristo não tivesse morrido na cruz, o mundo receberia, com a celebração de uma só missa, os mesmos benefícios que a morte do Salvador lhe trouxe. Cada missa que é celebrada encerra em si todos os grandes bens que a morte na cruz nos trouxe, diz S. Tomás (In Jo 6, lect. 6). Pelo sacrifício do altar nos é aplicado o sacrifício da cruz. A paixão de Jesus Cristo nos habilitou à redenção; a santa missa nos faz entrar na posse dela e comunica-nos os merecimentos de Jesus Cristo.

IV. A Santa Missa é o maior presente de Deus

Na santa missa Jesus Cristo mesmo dá-se-nos a nós. E' uma verdade de fé que o Verbo Encarnado se obrigou a obedecer ao sacerdote, quando ele pronuncia as palavras da consagração e a vir às suas mãos sob as espécies de pão e de vinho. Fica-se estupefato por Deus ter obedecido outrora a Josué e mandado ao sol que parasse, quando ele disse: "Sol, não te movas de Gabaon, e tu, ó lua, do vale de Ajalon" (Jos 10, 12). Entretanto, muito mais admirável é que Deus mesmo desce ao altar ou a qualquer outro lugar a que o Padre o chama com umas poucas palavras, e isso tantas vezes quantas é chamado pelo sacerdote, mesmo que este seja seu inimigo. E, tendo vindo, se põe o Senhor à inteira disposição do sacerdote; este o leva, à vontade, de um lugar para o outro, coloca-o sobre o altar, fecha-o no tabernáculo, tira-o da igreja, toma-o na santa comunhão, e o dá em alimento a outros. S. Boaventura diz que o Senhor, em cada missa, faz ao mundo um benefício igual àquele que lhe fez outrora pela encarnação (De inst. Novit., p. 1, c. 11). Se Jesus Cristo não tivesse vindo ao mundo, o sacerdote, pronunciando as palavras da consagração, o introduziria nele. "O' dignidade sublime a do sacerdote, exclama por isso S. Agostinho (Mol. Instr. Sach., t. 1, c. 5), em cujas mãos o Filho de Deus se reveste de carne, como no seio da Virgem Mãe"

Numa palavra, a santa missa, conforme a predição do profeta (Zac 9, 17), é a coisa mais preciosa e bela que possui a Igreja: "Qual é o seu bem e qual a sua formosura, senão o pão dos escolhidos e o vinho que gera virgens". S. Boaventura (De inst. Nov., l. c.) diz que a santa missa nos põe diante dos olhos todo o amor que Deus nos dedicou e que é, de certo modo, um compêndio de todos os benefícios que ele nos fez. Por isso o demônio se esforçou sempre para retirar do mundo a santa missa por meio dos hereges; estes se mostram assim como precursores do anticristo, que procurará, antes de tudo, impedir a celebração da santa missa, o que ele, de fato, conseguirá, conforme a profecia de Daniel (Dan 8, 12) "E lhe será dado o poder contra o sacrifício perene por causa dos pecados".

§ II. Quadrúplice fim do santo sacrifício da missa

I. A Santa Missa é um sacrifício latrêutico

No Antigo Testamento procuravam os homens honrar a Deus por toda a espécie de sacrifícios; no Novo Testamento, porém, presta-se maior honra a Deus com um só sacrifício da missa do que com todos os sacrifícios do Antigo Testamento, que eram só figuras e sombras da sagrada Eucaristia. Pela santa missa se presta a Deus a honra que lhe é devida, porque, por meio dela, recebe ele a mesma honra infinita, que Jesus Cristo lhe prestara sacrificando-se na cruz. Uma só missa presta a Deus maior honra que todas as orações e penitências dos santos, todos os trabalhos dos apóstolos, todos os sofrimentos dos mártires, todo o amor dos serafins e mesmo da Mãe de Deus, porque todas as honras dos homens são de natureza infinita, enquanto a honra que Deus recebe pelo santo sacrifício da missa é infinita, visto que lhe é prestada por uma pessoa divina.

Devemos por isso reconhecer, com o santo Concílio de Trento, que a santa missa é a mais santa e divina de todas as obras (Sess. 22). Nosso Senhor morreu especialmente para esse fim, para poder criar sacerdotes do Novo Testamento. Não era necessário que o Salvador morresse para remir o mundo; uma só gota de seu sangue, uma lágrima, uma só oração teria bastado para operar a salvação de todos, porque, sendo essa oração de valor infinito, seria suficiente para remir não só um mundo, mas também mil mundos. Para criar, porém, um sacerdote devia Jesus Cristo morrer, pois, do contrário, donde se tiraria esse sacrifício que agora oferecem a Deus os sacerdotes do Novo Testamento, esse santo e imaculado sacrifício que, por si só, basta para dar a Deus a honra que lhe é devida? Ainda que se sacrificasse a vida de todos os anjos e santos, mesmo assim, esse sacrifício não prestaria a Deus essa honra infinita, que lhe dá uma única santa missa.

II. A Santa Missa é um sacrifício propiciatório

Que a santa missa é verdadeiramente um sacrifício propiciatório, que inclina Deus a nos perdoar não só a pena, como também a culpa dos pecados, pode-se deduzir já da instituição da sagrada Eucaristia, que foi feita especialmente para a remissão dos pecados: "Este é o meu sangue, que será derramado por muitos, para remissão dos pecados", disse Jesus Cristo (Mt 26, 28). A Santa Missa perdoa até os maiores pecados, não imediatamente, mas só mediatamente, como afirmam os teólogos, isto é, Deus, em consideração ao sacrifício do altar, concede a graça que leva o homem a detestar seus pecados e a purificar-se deles no sacramento da penitência. Quanto às penas temporais, que devem ser expiadas depois da destruição da culpa, são elas perdoadas por virtude da santa missa, ao menos parcialmente, quando não de todo. Numa palavra, a santa missa abre os tesouros da divina misericórdia em favor dos pecadores.

Desgraçados de nós se não houvesse esse grande sacrifício, que impede à justiça divina de nos enviar os castigos que merecemos por nossos pecados. E' certo que todos os sacrifícios do Antigo Testamento não podiam aplacar a ira de Deus contra os pecadores. Se se sacrificasse a vida de todos os homens e anjos, a justiça divina não seria satisfeita devidamente nem sequer por uma única falta que a criatura tivesse cometido contra seu Criador. Só Jesus Cristo podia satisfazer por nossos pecados: "Ele é a propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo 2, 2). Por isso o Padre Eterno enviou seu Filho ao mundo, para que se fizesse homem mortal e, pelo sacrifício de sua vida, o reconciliasse com os pecadores. Esse sacrifício é renovado em cada missa. Não há dúvida: o sangue inocente do Redentor clama muito mais fortemente por misericórdia em nosso favor, que o sangue de Abel por vingança contra Caim.

Mas também pelos defuntos pode ser oferecido este sacrifício. Por isso o sacerdote, na santa missa, pede ao Senhor que se recorde de seus servos que partiram para a outra vida e dormem o sono da paz e que lhes conceda, pelos merecimentos de Jesus Cristo, o lugar de repouso, da luz e da paz. Se o amor de Deus que possuem as almas ao saírem desta vida não basta para purificá-las, essa falta fica reparada pelo fogo do purgatório; muito melhor, porém, a repara o amor de Jesus Cristo por meio do sacrifício eucarístico, que traz às almas grande alívio e, muitas vezes, até a libertação completa de seus sofrimentos. O Concílio de Trento declara que as almas que sofrem no purgatório, pela intercessão dos fiéis, mas em especial pelo santo sacrifício da missa, podem ser muito auxiliadas. E acrescenta (Sess. 22, c. 2) que isso é uma tradição apostólica. S. Agostinho exorta-nos a oferecer o sacrifício da santa missa por todos os defuntos, caso que não possa aproveitar às almas pelas quais pedimos.

III. A Santa Missa é um sacrifício eucarístico

E' justo e razoável que agradeçamos a Deus pelos benefícios que nos fez em sua infinita bondade. Mas que digno agradecimento podemos dar-lhe nós, miseráveis? Se Deus nos tivesse dado uma única vez um sinal de sua afeição, estaríamos obrigados a um agradecimento infinito, porque esse sinal de amor seria o favor e dom de um Deus infinito. Mas eis que o Senhor nos deu esse meio de cumprir com nossa obrigação e de agradecer-lhe dignamente. E como? Tornando-nos possível oferecer-lhe na santa missa a Jesus Cristo. Dessa maneira dá-se a Deus o mais perfeito agradecimento e satisfação; pois, quando o sacerdote celebra a santa missa, dá-lhe um digno agradecimento por todas as graças, mesmo por aquelas que foram concedidas aos santos no céu; uma tal ação de graças, porém, não podem prestar a Deus todos os santos juntos, de maneira que também nesse respeito a dignidade sacerdotal sobrepuja todas as dignidades, não exceituadas as do céu.

A vítima que é oferecida ao Eterno Pai na santa missa é seu próprio Filho, em quem pôs toda a sua complacência. Por isso dirigia David suas vistas a este sacrifício, quando excogitava um meio de agradecer a Nosso Senhor pelas graças recebidas: "Que darei ao Senhor por tudo que ele me tem feito?" pergunta ele, e responde: "Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor" (Sl 115, 12). O próprio Jesus Cristo agradeceu a seu Pai celeste todos os benefícios que tinha feito aos homens, por meio deste sacrifício: "E, tomando o cálice, deu graças e disse: Tomai-o e distribuí-o entre vós" (Lc 22, 17).

IV. A Santa Missa é um sacrifício impetratório

Se já temos a segura promessa de alcançar tudo que pedimos a Deus em nome de Jesus Cristo (Jo 16, 23), muito maior deve ser a nossa confiança se oferecemos a Deus seu próprio Filho. Este nosso amante Salvador roga por nós sem cessar lá no céu (Rom 8, 34), mas, de modo todo especial, durante a santa missa, onde se sacrifica a seu Eterno Pai, pelas mãos do sacerdote, para nos alcançar suas graças. Se soubéssemos que todos os santos e a Santíssima Virgem estão rezando por nós, com que confiança não esperaríamos de Deus os maiores favores e graças. Está, porém, fora de dúvida que um só rogo de Jesus Cristo pode infinitamente mais que todas as súplicas dos santos.

No Antigo Testamento era permitido ùnicamente ao sumo sacerdote, e isso uma só vez no ano, entrar no santo dos santos; hoje, porém, todos os sacerdotes podem sacrificar todos os dias ao Eterno Pai o cordeiro divino, para álcançar de Deus graças para si e para todo o povo.

O sacerdote sobe ao altar para ser o intercessor de todos os pecadores. "Ele exerce o ofício de um medianeiro, diz S. Lourenço Justiniano (Sermo de Euchar.), e por isso deve ser um intercessor para todos que pecam". "Dessa maneira, diz S. Crisóstomo, está o Padre no altar, no meio, entre Deus e o homem; oferece a Deus as súplicas dos homens e alcança-lhes as graças de que precisam" (Hom. 5 in Jo). Deus distribui a todo tempo, sempre que é rogado em nome de Jesus Cristo, suas graças, mas ele as distribui com mais largueza durante a santa missa, atendendo às súplicas do sacerdote, diz S. Crisóstomo; pois essas súplicas são então acompanhadas e secundadas pela oração de Jesus Cristo, que é o sacerdote principal, visto que é ele mesmo que se oferece neste sacrifício para nos alcançar graças de seu Eterno Pai.

Segundo o Concílio de Trento (Sess. 22, c. 2), é especialmente durante a santa missa que o Senhor "está sentado naquele trono de graças", ao qual devemos nos chegar, diz o Apóstolo, "para alcançarmos misericórdia e encontrarmos graças no momento oportuno" (Heb 4, 16). Até os anjos esperam o tempo da santa missa, diz S. Crisóstomo (Hom. 13. De incomp. Dei nat.), para pedirem com mais resultado por nós, e ele acrescenta que dificilmente se alcançará aquilo que não se consegue durante a santa missa.

A Santíssima Virgem, depondo uma vez o Menino Jesus nos braços de S. Francisca Farnese, disse-lhe: Eis aqui o meu Filho; aprende a torná-lo favorável a ti, oferecendo-o muitas vezes a Deus. Dize, por isso, a Deus, quando vires presente no altar o divino Cordeiro: O' Pai Eterno, ofereço-vos hoje todas as virtudes, todos os atos e todos os afetos de vosso mui amado Filho. Recebei-os por mim, e por seus merecimentos, que ele mos deu e, por isso, são meus, dai-me as graças que Jesus Cristo pedir por mim. Ofereço-vos esses merecimentos para vos agradecer por todas as misericórdias que tendes usado comigo e para satisfazer por meus pecados. Pelos merecimentos de Jesus Cristo espero alcançar de vós todas as graças, o perdão, a perseverança, o céu, mas especialmente o mais precioso de todos os dons, o vosso puro e santo amor.

CAPÍTULO QUARTO

Da visita ao SS. Sacramento

E' certo que, depois da recepção dos santos sacramentos, a adoração de Jesus, presente em nossos altares, ocupa o primeiro lugar entre todas as práticas de devoção, e que é a mais agradável a Deus e proveitosa ao homem. Por isso empenha-te, alma cristã, em dedicar-te com grande zelo a essa devoção. Desprende-te da conversação com os homens e, de hoje em diante, demora-te cotidianamente algum tempo, pelo menos uma meia hora ou um quarto de hora com Jesus Cristo no SS. Sacramento. "Gostai e vede quão suave é o Senhor", diz o Salmista (Sl 33, 9). Experimenta e logo verás de que grande utilidade te será essa devoção. Fica certa de que o tempo que passares devotamente diante do SS. Sacramento te trará imensas vantagens para a vida e a mais completa consolação na hora da morte e para toda a eternidade.

Aproveitarás mais com um quarto de hora de oração mental diante do SS. Sacramento do que talvez com todos os teus exercícios de piedade o dia inteiro. Visita, portanto, muitas vezes o SS. Sacramento; é esta uma devoção eminentemente santa, extraordinàriamente proveitosa, sumamente consoladora, e, finalmente, facílima.

§ I. Uma devoção eminentemente santa

A fé nos ensina, e não podemos duvidar disso, que a hóstia consagrada contém realmente a Jesus Cristo sob a espécie de pão. O Senhor do céu, o Rei dos reis, mora entre nós no SS. Sacramento do altar e declara que encontra "suas delícias em estar com os filhos dos homens" (Prov 8, 31). Não quis deixar-nos sós, depois de completa a obra da redenção do mundo, neste vale de lágrimas. Nas vésperas de sua paixão dirigiu as seguintes palavras a seus discípulos: Meus filhos, eu vou morrer por vós, para mostrar-vos o amor que eu vos tenho; mesmo morrendo, porém, não quero vos deixar sós; enquanto estiverdes na terra, estarei convosco no

SS. Sacramento do Altar. Deixo-vos o meu corpo, a minha alma, a minha divindade, todo o meu ser; enquanto viverdes na terra, não me separarei de vós. "Eis que estarei convosco até à consumação do mundo" (Mt 28, 20). O divino Esposo não queria deixar só sua esposa durante uma tão longa ausência, diz S. Pedro de Alcântara; por isso instituiu este divino sacramento, no qual ele mesmo habita; era essa a melhor companhia que ele lhe poderia deixar. Quando os pagãos ouviam falar das maravilhas de amor que Deus operara em nosso favor, exclamavam: Oh! como é bom o Deus dos cristãos! Que devemos então nós dizer, vendo que o amor fez o divino Salvador nosso prisioneiro? O' amante Salvador, só essa prova de amor deveria levar todos os homens a ficar contìnuamente diante de vossos altares, de forma que só à força pudessem ser removidos daí. E mesmo quando fossem arrastados a viva força, deveriam deixar seus corações e seus afetos junto desse Deus humanado, que permanece inteiramente só em um pequeno tabernáculo, e é como que todo olhos, para ver as nossas necessidades e provê-las, e todo coração para nos amar e esperar a visita das almas que lhe são caras.

Visitemos, pois, muitas vezes a Jesus Cristo no SS. Sacramento do Altar e, primeiramente, para agradecer-lhe pelo grande dom que nos fez deixando-se ficar na SS. Eucaristia; segundo, para reparar a indiferença daqueles que não o visitam e não o adoram no seu sacramento; terceiro, para satisfazer pelas ofensas que lhe são feitas nesse SS. Sacramento.

1. E' primeiramente um dever de gratidão visitar muitas vezes a Jesus Cristo no SS. Sacramento. Se um rei, para provar a um pastor o seu amor, fosse morar na aldeia do pastor, quão ingrato seria este, se só raras vezes fosse visitar a seu rei, apesar de saber que ele deseja ardentemente vê-lo e que só para isso foi que veio estabelecer-se junto dele. O' Jesus, sabemos que foi por nosso amor que escolhestes o SS. Sacramento do Altar para vossa habitação. Oh! se nos fosse dado ficar dia e noite ao pé de Vós. Se os anjos vos cercam contìnuamente, é certamente justo e reto que nós também, que vos vemos no altar por nosso amor, vos demos essa alegria de chegarmos a vós e de admirarmos vosso amor e bondade por nós.

2. Devemos, em segundo lugar, visitar muitas vezes a Jesus Cristo no SS. Sacramento, para oferecermos-lhe, com nosso amor, uma pequena reparação pela indiferença que mostram tantos cristãos para com este adorável sacramento. O' Deus, que alegria não deveríamos experimentar, que confiança, que amor não nos devia animar, ao pensarmos que, no meio de nossa pátria, nas nossas igrejas, junto a nossas casas, habita e vive o Santo dos Santos, o verdadeiro Deus, aquele que constitui por sua presença a felicidade dos santos no céu e que é o amor mesmo. Com toda a razão, porém, se queixa o Salvador que ele, descendo à terra, para morar no meio de nós neste sacramento, para nos fazer bem, não encontrou acolhimento (Jo 1, 11).

O Pe. Baltasar Álvarez não podia deixar de chorar, vendo os palácios dos príncipes tão repletos, enquanto que as igrejas, onde Jesus habita, estão desertas e abandonadas. Assim, porém, não procedem os que amam verdadeiramente a Jesus Cristo; eles procuram, tanto quanto possível, fazer companhia a esse Rei dos reis, nos altares, onde ele se encontra. S. Francisco Regis, encontrando, antes do romper do dia, fechadas as igrejas, ajoelhava-se ao relento, diante da porta, e ficava aí em oração até que a abrissem. S. Venceslau, rei da Boêmia, se dirigia, de noite, pela neve, àquelas igrejas em que se achava o SS. Sacramento. Mas mui longe de imitar os santos, a maior parte dos homens deixa só e abandonado seu Salvador no SS. Sacramento. Não pertencemos talvez a esses ingratos, que não o visitam? Em castigo, bem mereciamos ser privados de sua presença. Enviai-nos todo outro castigo, ó Jesus, só esse não! Queremos reparar nossa culpável indiferença para convosco. No futuro, não só vos visitaremos muitas vezes, mas também nos entreteremos convosco todo o tempo que nos for possível. O' bom Jesus, fazei que vos permaneçamos fiéis e, por nosso exemplo, excitemos também outros a vos fazerem companhia no SS. Sacramento.

3. Em terceiro lugar, devemos satisfazer a Jesus Cristo pelas ofensas que lhe são feitas no SS. Sacramento. Os homens não se contentam com a indiferença para com Jesus no SS. Sacramento; sua malícia vai muito mais longe. Quantos desprezos não tem de suportar o Filho de Deus da parte dos infiéis, dos hereges e pecadores, para poder ficar conosco neste sacramento de amor. Calcaram-no aos pés, deram-no a comer aos animais, lançaram-no até em lugares imundos. Jesus tinha previsto tudo isso e, apesar de tudo, quis ficar conosco no SS. Sacramento para não nos privar de sua amável presença. S. Teresa, quando ouvia falar das injúrias que os hereges faziam a este sacramento de amor, derramava lágrimas e exclamava: Como é possível, ó meu Criador, que vosso Coração tão amoroso permita que o SS. Sacramento, que vosso Filho divino instituiu com tão grande amor para convosco e para conosco, seja tão pouco apreciado e tão pouco venerado? (Vida, c. 13). Nosso Senhor mesmo se queixou disso à sua querida serva, S. Margarida Alacoque. Achando-se ela uma vez diante do SS. Sacramento, mostrou-lhe Jesus seu Coração sobre um trono de chamas, cercado de espinhos, encimado com uma cruz, e disse-lhe: "Eis aqui o Coração que tanto tem amado os homens, que nada poupou, até exaurir-se e consumir-se para lhes provar o seu amor. O reconhecimento que encontro na maior parte deles são as ingratidões, os desprezos, as irreverências, os sacrilégios e a frieza que têm *por mim neste sacramento de amor. O que, porém, mais me con*trista ainda é que corações, que me são consagrados, me tratam desta forma".

Se quisermos, pois, reparar de alguma forma as ofensas que sofre Jesus Cristo no SS. Sacramento, tomemos a resolução de visitá-lo muitas vezes neste sacramento e tenhamos o desejo necessário de lavar com nossas lágrimas e até com nosso sangue aque-

les desgraçados lugares onde seu amoroso Coração sofreu tantas injúrias.

§ II. Uma devoção extraordinàriamente proveitosa

Deus atende em todo o lugar aos que o invocam, conforme sua promessa: "Pedi e recebereis" (Jo 16, 24); contudo, Jesus Cristo distribui mais largamente suas graças a quem o visita no SS. Sacramento. O Beato Henrique Suso diz que neste sacramento Jesus Cristo atende muito mais depressa à oração dos fiéis do que em qualquer outra parte. E, de fato, onde mais, senão aos pés do altar, as almas piedosas tomaram as suas mais belas resoluções? Talvez te resolvas também tu, querido leitor, aos pés do tabernáculo, a te dares sem reserva a Deus.

Se, pois, desejamos alcançar alguma graça, devemos nos dirigir confiadamente a Jesus Cristo no SS. Sacramento. Nosso divino Salvador é a fonte de todos os bens, o remédio para todos os males, o tesouro de todos os pobres.

Com que amor não nos convida a chegarmo-nos a ele para saciarmos nossa sede: "Quem tem sede, venha a mim e beba", diz ele (Jo 7, 37). Quantas graças já nos vieram do SS. Sacramento, dessa fonte de amor, pela qual Nosso Senhor nos comunica todos os merecimentos de sua paixão, segundo a palavra do Profeta: "Vós tirareis com gosto águas das fontes do Salvador" (Is 12, 3). Aí mesmo ele exerce por nós, sem interrupção, o ofício de intercessor, oferecendo-se ao Eterno Pai em sacrifício para nos alcançar misericórdia e inúmeras outras graças.

Realmente, se os homens, em todos os seus sofrimentos, recorressem ao SS. Sacramento, não seriam tão miseráveis como são.

Se caímos, por exemplo, numa falta, nada podemos fazer de melhor do que prostrarmo-nos diante do tabernáculo. Jesus alegra-se sumamente ouvindo de nós as palavras que lhe dirigira a irmã de Lázaro: "Senhor, aquele que amais está enfermo" (Jo 11, 3); eu sou o miserável que amais; minha alma está sofrendo das muitas chagas que lhe fiz pelos pecados que cometi; mas chego-me a vós, meu divino Médico, para que me cureis; podeis curar-me, se quiserdes.

O profeta Zacarias diz: "E haverá uma fonte aberta para a casa de David e para os habitantes de Jerusalém, para a ablução dos pecadores" (Zac 13, 1). Jesus, no SS. Sacramento, é essa fonte predita pelo profeta, aberta a todos e na qual, quantas vezes quisermos, podemos lavar nossas almas de todas as manchas do pecado, que contraímos todos os dias.

Se nos ocorrer qualquer contrariedade, devemos imitar S. Francisco de Assis, que comunicava imediatamente a seu Salvador escondido no SS. Sacramento todo o sofrimento que tinha a suportar.

Quando nos sentimos frios para com Deus e atraídos pelas criaturas, corramos a Jesus na sagrada Eucaristia e digamos-lhe: Meu Senhor e meu Deus, expulsai de meu coração todo o amor que não tem a vós por objeto; só vós mereceis todo o meu coração;

dai-me a graça de vos amar, ó meu Deus, a vós, que sois digno de um infinito amor.

O venerável Pe. Francisco Olímpio, teatino, dizia que nada existe na terra mais próprio para acender o fogo do divino amor nos corações dos homens do que o SS. Sacramento do Altar. O Senhor mesmo o deu a entender certa vez a S. Catarina de Sena, aparecendo-lhe na hóstia sob a forma de um braseiro do que partiam chamas de amor que se espalhavam por toda a terra. A Santa ficou cheia de admiração, por ver que os homens, apesar de um tão grande amor para com eles, podiam viver sem se abrasar em amor.

Numa palavra, quando precisamos de qualquer graça, dirijamo-nos a Jesus na sagrada Eucaristia. "Procuremos não nos afastar de Jesus e nunca perder de vista nosso muito amado pastor, dizia S. Teresa (Med. sob. o Pad. Nos.), porque as ovelhas que permanecem junto ao pastor recebem mais vezes as suas carícias e favores; não deixa nunca de dar-lhes um pedacinho de sua própria refeição. Se o pastor adormece, a ovelha fiel permanece ao pé dele até que desperte ou ela mesma o acorde e então recebe dele novas carícias".

§ III. Uma devoção sumamente consoladora

As almas que amam de coração a Jesus Cristo não se podem imaginar aqui na terra um mais belo céu do que a residência de Jesus no SS. Sacramento, onde o divino Redentor está continuamente presente por amor de cada um que o procura. Os mundanos, que só conhecem alegrias terrestres, não compreendem que alegria se pode achar em demorar-se longas horas ao pé do altar em que se conserva a hóstia consagrada. Coisa mui diversa se dá com as almas que amam a Deus; horas e mesmo dias inteiros, que passam diante desse sacramento de amor, parecem-lhe curtos instantes, por causa das celestiais consolações que o Senhor as faz experimentar.

Se se ama pouco a Jesus Cristo, sente-se enfado junto dele; se, porém, uma alma se entregou inteiramente a Jesus Cristo, então encontra na Eucaristia todo o seu tesouro, sua paz, seu céu; em tal caso está ela continuamente ocupada em prestar suas homenagens a seu Deus presente no altar, a visitá-lo muitas vezes, a ficar com ele todo o tempo possível e a depor a seus pés tudo o que é terreno, todas as suas inclinações, todos os seus sofrimentos, como também todo o seu desejo de o amar, de contemplá-lo uma vez face a face e a agradar-lhe entretanto em tudo.

E' tão doce estar com um amigo querido, e nós não deveríamos achar nossa alegria em estar neste vale de lágrimas como o melhor amigo que nós temos? com um amigo que nos pode dar todos os bens e que nos ama tão ternamente, que quer estar continuamente ao pé de nós? Oh! soubéssemos gozar da sua presença como a esposa dos Cânticos, que dizia: "Assentei-me à sombra daquele que eu desejava" (Cânt 2, 3).

Feliz é aquele que se entrega inteiramente a este bom Senhor que, sem reserva, se deu a nós; feliz não só na eternidade, mas já nesta vida. Festas, teatros, conversações e divertimentos, são as

alegrias que nos oferece o mundo, alegrias cheias de amargura e de espinhos; ao passo que Jesus Cristo dá maior consolação a uma alma que se conserva algum tanto recolhida diante do SS. Sacramento do que o mundo pode oferecer-lhe com todas as suas festas e divertimentos.

Que pura alegria não nos deverá causar o ajoelharmo-nos com viva fé e profunda devoção diante do altar, para conversarmos familiarmente com Jesus, que só espera que o invoquemos para atender a nossa oração. Que consolação não devemos achar em pedir-lhe perdão pelas ofensas que lhe fizemos, em comunicarmos-lhe como um amigo a seu amigo, no qual se tem toda a confiança, todas as nossas necessidades, em pedirmos-lhe todas as graças, seu santo amor e o céu. Que doçura entreter-nos com esse amável Senhor em colóquios amorosos, que no altar pede por nós ao Eterno Pai, e está tão abrasado em amor por nós que aí quer ficar presente, oculto, desconhecido e até desprezado pelos ingratos. Por que, porém, mais palavras? "Gostai e vede" (Sl 33, 9).

§ IV. Uma devoção facílima

Jesus Cristo, na sagrada Eucaristia, está à disposição de todos, a qualquer hora do dia. Para poder ser visitado por todos, permanece nos nossos altares como em outras tantas prisões de amor; aí está presente dia e noite.

Mas por que, meu Salvador, quereis ficar em tantas igrejas, até durante a noite, quando se fecham as portas e vos deixam absolutamente só? Bastaria que aí ficásseis só durante o dia. Não, mesmo durante a noite, apesar de ficar só, quer ele permanecer entre nós para que, de manhã, todo aquele que o procurar o encontre imediatamente. Quando, pois, uma alma quer falar com Jesus Cristo, basta que se dirija à igreja e aí achará certamente seu Bem Amado, que já espera por ela.

Não existe uma só aldeia que não possua o SS. Sacramento. Se o Senhor tivesse determinado ficar em uma só igreja da terra, por exemplo, na igreja de S. Pedro de Roma, isso em um único dia do ano, quantos peregrinos, quantos nobres, quantos príncipes e reis não procurariam ter a dita de lá estar nessa ocasião, para prestar suas homenagens ao Rei dos céus, novamente descido à terra. Que precioso tabernáculo de ouro e pedras preciosas não lhe seria preparado! Que pompa se ostentaria então! quantas luzes não ornariam, nesse dia, a habitação de Jesus Cristo! Não, diz o Salvador, não quero restringir minha presença a uma igreja e a um dia; também não exijo tanta pompa e uma iluminação tão grandiosa; quero estar presente a todo o tempo e em todos os lugares onde estiverem meus fiéis servos, para que todos me possam achar fàcilmente e tantas vezes quantas quiserem.

Jesus Cristo, na Sagrada Eucaristia, concede a todos audiência. Como nota S. Teresa, nem todos podem falar com os reis da terra; os pobres mal podem falar por meio de uma terceira pessoa e apresentar-lhes suas súplicas. Para com o Rei do céu não se precisa de

um intermediário; cada um, seja nobre ou plebeu, pode falar-lhe familiarmente neste sacramento. Além disso, os príncipes da terra nem sempre concedem audiência; quando os procuramos para lhes falar, muitas vezes somos despedidos pelos guardas, sob o pretexto de que não é então hora de audiência e que devemos vir depois; nosso divino Salvador atende a todos e a todas as horas. Além disso, quer ele que lhe falemos com toda a confiança e, por isso, ficou entre nós debaixo das espécies de pão.

Se o Senhor aparecesse num trono brilhante, como no dia do juízo, quem ousaria aproximar-se dele? Mas, como ele deseja que nos aproximemos dele com confiança e lhe falemos sem temor, pedindo suas graças, diz S. Teresa, ocultou sua majestade sob as espécies de pão. Ele quer que tratemos com ele como um àmigo com seu amigo, diz Tomás de Kempis.

Mas, que devo fazer diante do SS. Sacramento? — perguntas. Perguntando-se um dia à Condessa de Féria o que fazia durante as longas horas que passava diante do SS. Sacramento, respondeu: "Desejaria ficar ali por toda a eternidade. Perguntais o que se faz diante do SS. Sacramento? Agradece-se, ama-se, pede-se". E' esta uma bela lição para todos que desejam tirar grande proveito da visita ao SS. Sacramento.

1. *Agradece-se.* — Que gratidão não mostramos a um parente que vem de longe para nos visitar! E não deveríamos então agradecer a Jesus Cristo que desce do céu não só para nos visitar, como também para ficar conosco? Aviva, portanto, na visita ao SS. Sacramento, a tua fé; adora a teu divino Salvador em seu sacramento e dá-lhe graças pela imensa bondade com que quis escolher nossos altares para sua morada, em seu amor para contigo.

2. *Ama-se.* — Quando levaram o Sagrado Viático a S. Filipe Néri, em sua última enfermidade, exclamou, abrasado em amor: Eis aí o meu amor! eis aí o meu amor! Dize também o mesmo, quando estiveres ajoelhado diante do SS. Sacramento; pondera então que teu divino Salvador, que aí se acha como numa prisão de amor, está abrasado em amor por ti; alegra-te de sua glória e do amor que tantas almas têm ao Deus escondido no SS. Sacramento; deseja que todos os homens o amem e lhe consagrem seus corações. Consagra-lhe ao menos tu todas as tuas inclinações; ele deve ser todo o teu amor, o objeto de teus desejos todos. Por isso, quando te acharas diante do SS. Sacramento, faze muitos atos de amor, se quiseres agradar a teu Salvador; antes de tudo, porém, oferece-te a ti mesmo a ele.

3. *Pede-se.* — O venerável Pe. Baltasar Álvarez viu um dia a Jesus no SS. Sacramento com as mãos cheias de graças, mas sem encontrar a quem as distribuir, porque ninguém lhas pedia. Dizes que não podes permanecer por muito tempo na presença do SS. Sacramento porque não sabes o que deves fazer e o que dizer. Oh! por que não pedes a Jesus Cristo as graças de que precisas? Suplica-lhe que te dê a força de vencer as tuas tentações, de deixar aquelas faltas nas quais sempre recais, de te livrar daquela paixão que

te prende e te impede de pertenceres inteiramente a Deus. Volta-te muitas vezes para o Sacratíssimo Coração de Jesus e dize-lhe: Permiti, ó amante Coração de meu Salvador, donde saíram todos os sacramentos, em especial este sacramento de amor, que eu fale convosco. Desejaria honrar-vos tanto quanto vós honrais, em nossas igrejas, a vosso Eterno Pai. Sei que nesse altar me amais com o mesmo amor com que me amastes ao morrer por mim na cruz em um mar de dores. Iluminai, ó adorável Coração, os que vos não conhecem, e fazei que eles vos conheçam. Livrai, por vossos merecimentos, ou, ao menos, consolai as almas do purgatório, que são vossas esposas para sempre.

Se todas as almas devotas assim procedessem e soubessem aproveitar da companhia de Jesus Cristo, todas se santificariam. Procura santificar-te por esse meio, querido leitor, e não deixes passar um dia sem te utilizares do mesmo. Imita o venerável Irmão Francisco do Menino Jesus, que, ao passar por uma igreja em que se conservava o SS. Sacramento, não podia deixar de o visitar, dizendo que não convém que um amigo, ao passar pela casa de seu amigo, deixe de o saudar e de dirigir-lhe ao menos algumas palavras.

Se não puderes ir à igreja, faze como o Pe. Álvarez que, por mais ocupado que estivesse, não deixava de dirigir suas vistas para o lugar em que se achava o SS. Sacramento.

Finalmente, não te esqueças destas palavras, que saíram da pena de uma pessoa a quem Deus concedera um grande amor para com a sagrada Eucaristia: "Conheci que todo o bem que possuo o devo ao SS. Sacramento. Vejo inumeráveis graças, que não são distribuídas, porque não se recorre a este sacramento. Vejo que o divino Salvador tem um grande desejo de distribuir suas graças no SS. Sacramento"

CAPÍTULO QUINTO

Da devoção à sagrada paixão

§ I. A meditação da paixão de Cristo esclarece nosso entendimento

Sabendo os santos quão agradável é a Jesus Cristo a recordação constante de sua paixão, estavam sempre ocupados em meditar contìnuamente nas dores e ultrajes que esse amável Salvador sofreu durante toda a sua vida, mas, em especial, no fim da mesma. Oh! quanta luz nos traz a meditação de um Deus que padece por nós!

I. A paixão de Cristo faz-nos conhecer a justiça e a misericórdia de Deus

Segundo S. João Crisóstomo, não é tanto o inferno com o qual Deus castiga o pecador, como a vista de Jesus Cristo na cruz que nos dá uma idéia do rigor da divina justiça, pois no inferno são as criaturas que são castigadas por seus pecados: na cruz, porém, padece um Deus para expiar os pecados dos homens. Estava Jesus

Cristo talvez obrigado a morrer por nós? De nenhuma forma, responde Isaías, "foi sacrificado porque ele mesmo o quis" (Is 53, 7). Ele podia, com toda justiça, abandonar o homem à sua ruína livremente escolhida; seu amor, porém, não lhe permitiu entregar-nos à perdição eterna e, por isso, quis submeter-se a uma morte tão dolorosa para obter-nos a salvação. "Ele nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Ef 5, 2).

Deus amou o homem desde toda a eternidade. "Com amor eterno amei-te eu" (Jer 31, 3). Vendo-se, porém, sua justiça obrigada a condenar o homem e a lançá-lo eternamente no inferno, sentiu-se levado por sua misericórdia a inventar um meio de o salvar. E que meio foi esse? Devia em pessoa satisfazer à justiça divina por meio de sua morte. O Senhor quis por isso que o decreto que condenava o homem à morte eterna fosse pregado na cruz e apagado com seu sangue.

Por esse mesmo motivo Jesus Cristo, ao morrer na cruz em satisfação de nossos pecados, só tinha palavras de compaixão para conosco. Ele pediu a seu Pai que usasse de misericórdia não só com os judeus que desejavam a sua morte, como também com os verdugos que o executaram: "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23, 34). Em vez de castigar os dois ladrões que blasfemavam, o divino Salvador prometeu a um deles, que lhe pedia misericórdia, no excesso de sua compaixão, que lhe daria o paraíso naquele mesmo dia: "Em verdade, eu te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23, 43). Do alto da cruz Jesus Cristo nos deu a todos, na pessoa de S. João, a Santíssima Virgem por mãe: "Ele disse ao discípulo: Eis aí tua mãe" (Jo 19, 27). Na cruz deu-se ele por feliz por ter feito tudo o que exigia a nossa salvação e terminou o seu sacrifício dando sua vida por nós.

Assim, pela morte de Jesus Cristo, o homem foi libertado do pecado e do poder do demônio; foi integrado na graça de Deus e, mesmo, em maior graça do que a que perdera pela queda de Adão. "Quando abundou o pecado, superabundou a graça" (Rom 5, 20).

II. A paixão de Cristo nos mostra o amor do Eterno Pai para com os homens

"Assim amou Deus ao mundo, diz Nosso Senhor, que lhe deu seu Filho unigênito" (Jo 3, 16).

Devemos considerar, nessa dádiva, primeiramente, quem é que no-la faz; segundo, o que nos é dado, e terceiro, com que amor é ela feita.

1. Quanto mais nobre é aquele que nos presenteia, tanto mais valiosa é dádiva. Se alguém recebe uma flor da mão de um rei, ele a preza mais do que um presente valioso recebido de outra pessoa. Em que consideração, pois, não devemos ter uma dádiva que nos vem das mãos do próprio Deus!

2. E qual é o presente que Deus nos fez? E' o seu próprio Filho. Para o amor que Deus nos tinha, pareciam pouco todos os outros bens que ele nos tinha dado; queria dar-nos a si mesmo na pessoa de

seu Filho Humanado. "Ele não nos deu nenhum servo, nenhum anjo, mas seu próprio Filho unigênito", diz S. Crisóstomo (Hom. 26 in Jo).

3. E por que fez ele isso? Por nenhum outro motivo senão por amor. Pilatos entregou Jesus aos judeus por temor; o Padre Eterno, porém, deu-nos seu Filho unigênito por amor. Se alguém nos dá alguma coisa, o primeiro benefício que recebemos, segundo S. Tomás (I, q. 38, a. 2), consiste no amor que o doador patenteia pelo presente, pois que a causa única de um verdadeiro presente é o amor; o presente perde o caráter de um verdadeiro presente, quando é dado por um outro motivo fora do amor.

O presente, porém, que o Padre Eterno nos fez de seu divino Filho, foi um verdadeiro presente que ele nos deu sem que tivéssemos o mínimo direito a ele. E por isso foi que a encarnação, como nota o mesmo Santo Doutor, foi operada pelo Espírito Santo, isto é, pelo amor (III, q. 32, a. 1).

Deus, porém, não só nos deu seu único Filho por puro amor; ele no-lo deu também com amor infinito. Foi justamente isso o que Nosso Senhor queria significar quando disse: "Tanto assim amou Deus ao mundo". A palavra "tanto assim", diz S. Crisóstomo (Hom. 26, in Jo), significa a grandeza do amor com que Deus nos fez esse inefável presente. Que maior amor poderia Deus nos mostrar do que condenar à morte seu Filho inocente para nos remir a nós, miseráveis pecadores? "Não poupou a seu próprio Filho, mas entregou-o por todos nós" (Rom 8, 32).

Que dor não deveria sentir o Padre Eterno, se ele estivesse sujeito à dor, vendo-se obrigado, de certo modo, por sua justiça, a condenar a uma morte tão cruel e degradante esse seu Filho, que ele amava tanto como a si mesmo! O Senhor queria vê-lo consumido pelas dores (Is 53, 10).

À vista da grandeza desse amor de Deus para conosco, exclama S. Paulo: "Deus, que é rico em misericórdia, pela extremada caridade com que nos amou, ainda quando estávamos mortos pelo pecado, nos deu vida justamente em Cristo" (Ef 2, 4). O Apóstolo diz: Pelo excessivo amor com que nos amou. Mas como poderá existir em Deus um excesso? O Apóstolo assim se exprime, para nos mostrar que Deus fez pelo homem coisas que não seriam acreditadas por ninguém, se a fé não nos convencesse delas. Por isso a Igreja exclama, fora de si de admiração: O' admirável condescendência de vosso amor para conosco! O' infinito amor de nosso Deus que, para libertar o servo, entregou seu próprio Filho!

III. Por sua paixão Jesus Cristo dá a conhecer quanto ele nos ama

E' um dogma que Jesus Cristo nos amou e que, por nosso amor, se entregou à morte. Quem poderia matar a um Deus onipotente, se ele mesmo, por livre vontade, não quisesse morrer por nós? "Eu dou minha vida; e ninguém a tira de mim, mas eu mesmo a entrego" (Jo 10, 17), diz o Salvador. E, por isso, diz S. João que Jesus Cristo, com sua morte, nos deu a prova mais evidente possí-

vel de seu amor. Com sua morte Jesus Cristo nos deu uma prova tão clara de seu amor, nota um piedoso escritor, que não lhe ficou mais nada para nos convencer da grandeza de seu amor.

Na consideração da palavra: Tenho sede, pronunciada por Jesus agonizante na cruz, diz S. Lourenço Justiniano (De Tr. chr. Ag., c. 19) que essa sede não provinha da necessidade de beber, mas da ardente chama de seu amor para conosco. Com essas palavras o divino Salvador não queria tanto dar a conhecer sua sede corporal, como seu desejo de sofrer por nós, do mesmo modo como quis ele mostrar por suas dores todas o seu amor para conosco e o ardente desejo de ser amado por nós. S. Basílio de Seleucia acrescenta que Jesus disse que tinha sede, para nos dar a conhecer que ele morria por amor de nós com o desejo de padecer ainda mais por nós, de tal modo que esse seu desejo foi o maior de todos os sofrimentos que padeceu realmente.

Quem compreenderá jamais o amor que o Verbo divino tem a cada um de nós? pergunta S. Lourenço Justiniano. Ele sobrepuja imensamente o amor de um filho para com sua mãe e o de uma mãe para com seu filho. Ele é tão grande que Nosso Senhor revelou a S. Brígida (Rev. l. 7, c. 14) que ele estaria pronto a padecer a morte tantas vezes quantas são as almas que se acham no inferno, se elas ainda fossem capazes de redenção. Segundo S. Tomás (III, q. 47, a. 4), o divino Redentor, justamente para nos mostrar seu amor imenso, pediu a Deus perdão para seus algozes (Lc 23, 34). Ele pediu o perdão e foi atendido, de forma que eles, depois de o verem morto, se arrependeram de seus pecados.

"E que vos importava, ó bom Jesus, digo eu com S. Bernardo, que vos importava se nos perdêssemos e fôssemos castigados como merecíamos? Por que quisestes sofrer em vosso corpo inocente os castigos devidos a nossos pecados? Por que quisestes morrer, ó divino Mestre, para nos livrar da morte? Oh! maravilha, que jamais se deu igual e nunca mais se repetirá! Oh! graça, que nunca podíamos merecer! Oh! amor, que jamais poderemos compreender! Oh! meu amadíssimo Salvador! exclama, suspirando, S. Bernardo, que crime cometestes para que fôsseis condenado à morte e à morte da cruz! Ah! bem sei, continua o Santo, conheço a causa de vossa morte; sei que pecados cometestes: Vosso crime é vosso excessivo amor pelos homens; foi ele e não Pilatos que vos condenou à morte. Não, eu não vejo outra causa de vossa morte do que vosso excessivo amor por nós, exclama S. Boaventura (Stim. div. am., p. l. c. 2). Em verdade, conclui S. Bernardo, um tal excesso de amor obriga-nos a consagrar-vos, ó amável Redentor, todos os afetos de nosso coração" (Sermo 20, in Cant.).

Além disso, devemos pensar que o divino Salvador padeceu em especial por cada um de nós tudo o que ele sofreu durante a sua paixão: "Vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim" diz S. Paulo (Gál 2, 20). O que diz o Apóstolo deve também dizer cada um de nós. Por isso escreve S. Agostinho (De dilig. D., c. 6) que o homem foi resgatado por um tão grande preço que ele parece valer muito mais do que o próprio

Deus. E o Santo ousa até acrescentar: Senhor, vós não só me amastes como a vós mesmo, mas até mais que a vós, porque quisestes sofrer a morte para dela me livrardes (Sol. an. ad S., c. 13).

§ II. A meditação da paixão de Cristo nos enche de consolação

I. Nas nossas angústias

Quem nos poderá consolar tão eficazmente neste vale de lágrimas como o nosso Salvador crucificado? Quem nos poderá tranquilizar quando nos sentirmos atormentados pelos remorsos de nossos pecados? O que mais, senão o pensamento de que Jesus Cristo se deu a si mesmo pelos nossos pecados? (Gál 1, 4). "Meus filhinhos, eu vos escrevo isto para que não pequeis, diz S. João na sua primeira epístola (1 Jo 2, 1). Se alguém, porém, pecar, temos junto do Pai a Jesus Cristo por nosso advogado, e este é a propiciação pelos nossos pecados".

Jesus Cristo não cessa de pedir por nós ao Eterno Pai, apesar de sua morte; ainda agora é ele nosso intercessor e, segundo S. Paulo, parece que ele nada mais tem a fazer no céu senão pedir ao Pai misericordioso para nós. O Apóstolo chega até a dizer que Jesus Cristo subiu ao céu justamente "para interceder continuamente por nós diante do Pai" (Heb 9, 24). Assim como os rebeldes são expulsos da presença de seu rei, deveríamos também nós, como pecadores, ser repelidos da presença de Deus e nem sequer ser admitidos para pedir perdão; Jesus, porém, se colocou como nosso Salvador diante de Deus e alcançou-nos novamente a graça que tínhamos perdido.

Muito mais fortemente clama por misericórdia em nosso favor o sangue de nosso divino Salvador do que o sangue de Abel por vingança contra Caim. "Depois que eu me vinguei no corpo inocente de Jesus Cristo, disse um dia Nosso Senhor a S. Maria Madalena de Pazzi, minha justiça transformou-se em benignidade. O sangue de meu Filho não pede vingança, como o sangue de Abel, mas a misericórdia e compaixão; e, a tal brado, minha justiça fica apaziguada".

Esse sangue prende, de certo modo, as mãos do Senhor, de forma que ele não as pode mais levantar para castigar os pecadores. "Que tens a temer, ó pecador, pergunta S. Tomás de Vilanova (Trat. de Adv. Dom.), se pretendes deixar o pecado? Como te poderá condenar esse amante Salvador, que morreu para te não condenar? Como poderá repelir-te quando te voltas para ele, se ele, quando fugias de sua presença desceu do céu em busca de ti?"

II. Nas nossas tribulações

Onde encontraremos força para suportar com paciência e resignação todas as perseguições, calúnias, humilhações, perda de bens e honras, senão na meditação de nosso Salvador pobre, desprezado, e caluniado, que morre despido e abandonado por todos em uma cruz? Quando vemos as grandes tribulações de nosso Salvador crucificado, diz S. Bernardo (Sermo 43, in Cant.), devemos menosprezar as nossas. "Que coisa não te parecerá doce, pergunta o mes-

mo Santo em outro lugar (Sermo 33, de div.), se pensares na amargura de teu Salvador?" Perguntado uma vez S. Elzeário por sua esposa Delfina como podia suportar tantas injúrias com tão grande calma, respondeu: Quando me injuriam, penso no que sofreu o Salvador crucificado, e retenho esse pensamento até que volte por inteiro a calma.

Quando, pois, nos sentimos interiormente abandonados e privados da presença sensível de Deus, unamos o nosso desamparo ao que Jesus Cristo sofreu na sua morte. Às vezes o Salvador se esconde às suas almas mais queridas; nunca, porém, se afasta de seus corações e continua a auxiliá-las internamente com sua graça. Não se dá ele por ofendido quando, em circunstâncias tais, lhe dizemos o que ele disse a seu Eterno Pai, no jardim das Oliveiras: "Meu Pai, se for possível, afastai de mim este cálice" (Mt 26, 39). Mas devemos também ajuntar imediatamente: "Não se faça como eu quero, mas como vós quereis". E se o desamparo continua, devemos também prosseguir na repetição desse ato de resignação, como o fez Jesus Cristo nas três horas de sua agonia.

À Irmã Madalena Orsini, que por muito tempo se achava em grandes tribulações, apareceu uma vez o Salvador crucificado e exortou-a a sofrer com paciência. A serva de Deus respondeu-lhe: Mas, Senhor, vós padecestes só três horas na cruz, ao passo que eu já sofro este tormento há vários anos. Jesus repreendeu-a então, dizendo: O' ignorante, que dizes? Desde o primeiro instante de minha existência no ventre de minha mãe, experimentei em meu coração tudo o que sofri mais tarde na cruz.

III. Nas nossas enfermidades

Que coisa nos poderá consolar mais em nossas doenças do que a vista de Jesus crucificado? Quando estamos doentes, temos ao menos um leito: Jesus, porém, em sua morte dolorosíssima, em vez de um leito, tinha o duro madeiro da cruz ao qual estava pregado com três cravos; em vez de um travesseiro, tinha, para repousar sua dorida cabeça, aquela coroa de espinhos que o atormentou até o seu último suspiro. Como quisessem atar com cordas ao santo capuchinho José de Leonissa, para sujeitá-lo a uma dolorosa operação, tomou ele o seu crucifixo e exclamou: Para que cordas? eis aqui as minhas cordas; meu Senhor e Salvador, que foi pregado na cruz por amor de mim, é quem me ata; por suas dores ele me obriga a suportar pacientemente, por amor dele, toda e qualquer dor. E, à vista de Jesus, que na sua paixão "não abriu a boca, como um cordeiro diante do que o tosquia", sofreu ele a operação sem proferir uma palavra de queixa.

Quando estamos doentes, amigos compassivos e parentes estão ao redor de nós, procurando minorar as nossas penas; Jesus, porém, morreu no meio de seus inimigos, que não cessaram, mesmo na sua agonia e até ao seu último suspiro, de o injuriar e de tratá-lo como um criminoso e sedutor do povo. Certamente nada é tão próprio para consolar a um doente, especialmente se ele se vê aban-

donado pelos homens, do que a vista de Jesus crucificado. Oh! sim, a maior consolação que o doente pode então sentir consiste em poder ele unir seus sofrimentos com os de Jesus Cristo.

IV. Na hora da nossa morte

Quando começa o último combate de um moribundo e os ataques do inferno, a lembrança dos pecados cometidos e das contas que brevemente terá de dar diante do tribunal de Deus, lhe ocasionam agonias mortais, a única consolação que lhe fica é abraçar a cruz e dizer: O' meu Jesus e meu Salvador, vós sois o meu amor e a minha esperança.

Achando-se uma vez enfermo, S. Bernardo foi transportado, em uma visão, diante do tribunal de Deus e, aí, acusado de seus pecados pelo demônio, que lhe afirmava que ele não merecia o céu. Respondeu então o Santo: Sim, eu não mereço o céu, mas Jesus tem um duplo direito a ele: primeiro, porque ele é o verdadeiro Filho de Deus; segundo, porque adquiriu o céu por sua morte. Ele contenta-se com o primeiro título e deixa-me o segundo; por isso peço o céu e espero alcançá-lo.

Assim podemos também falar, pois S. Paulo diz que Jesus Cristo quis morrer consumido pelas dores para abrir o céu a todos os pecadores arrependidos, que estão decididos a não pecar mais. A vista do Salvador morrendo na cruz dava aos mártires a coragem e força de suportar com paciência os mais horrendos tormentos que a crueldade dos tiranos podia imaginar; e isso os fazia não só suportar com paciência, mas até com alegria e com o desejo de sofrer ainda mais por amor de Jesus Cristo.

Eis a célebre carta que S. Inácio Mártir escreveu aos cristãos, quando ele foi condenado a ser lançado aos animais bravios: "Meus filhos, eu sou o trigo de Deus; deixai que eu seja moído pelos dentes dos animais bravios, para que eu me torne um pão delicioso a meu Salvador. Eu procuro sòmente aquele que morreu por nós. Deixai-me imitar a paixão de meu Salvador. Ele, que é o único objeto de meu amor, quis ser crucificado por mim, e o amor que lhe tenho excita em mim o desejo de ser também crucificado por ele".

§ III. A meditação da paixão de Cristo nos conduz à perfeição

I. A meditação da paixão de Cristo constitui a ciência dos santos

O Apóstolo dizia que não queria saber outra coisa "senão Jesus Cristo e este crucificado" (1 Cor 2, 2). E, realmente, em que livros poderíamos aprender melhor a ciência dos santos, que consiste em saber amar a Deus, do que em Jesus Crucificado? Os confrades do Beato Bernardo de Corlione, irmão capuchinho, queriam ensinar-lhe a ler, visto que não o sabia. Ele se aconselhou com seu crucifixo e Jesus respondeu-lhe da cruz: Para que livros? Para que aprender a ler? Eu sou o teu livro, no qual poderás constantemente ler o amor que te votei" Oh! que importante objeto de medita-

ção para a vida inteira e para a eternidade não é este: um Deus morreu por amor de nós... um Deus morto por amor de nós...

Visitando um dia S. Tomás de Aquino a S. Boaventura, perguntou-lhe de que livro mais se servia para escrever tão belas coisas em suas obras. S. Boaventura mostrou-lhe o crucifixo, que já estava enegrecido pelos muitos ósculos, e disse-lhe: Este é o livro do qual tiro tudo o que escrevo; nele aprendi o pouco que sei.

II. A meditação da paixão de Cristo inflama-nos no fogo do amor divino

Quem poderá amar outra coisa fora de Jesus, vendo como ele morre com tantas dores e tão desprezado, para alcançar o nosso amor? Um devoto eremita pediu certa vez ao Senhor que lhe dissesse o que deveria fazer para amá-lo perfeitamente. O Senhor revelou-lhe então que, para se chegar ao amor perfeito de Deus, nada há mais próprio do que a meditação frequente de sua paixão. Oh! se todos os homens meditassem na paixão e morte de Jesus Cristo, não existiria mais nem um só que não amasse esse Deus amoroso. "Cristo morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu por eles", diz S. Paulo (2 Cor 5, 15).

A maior parte dos homens, porém, vive só para o pecado e para o demônio, não para Jesus Cristo, apesar de um Deus ter morrido por eles. Platão dizia que o amor inspira amor e Sêneca repetia a miúdo: "Se quiseres ser amado, ama" (Epist. 9).

Ora, Jesus Cristo, morrendo por nós, nos amou quase que até à loucura, como nota S. Gregório (Hom. 6 in evang.). Como é, pois, possível que, apesar de tantas provas de amor, não pôde ganhar os nossos corações? Como é possível que ele não consiga ser correspondido por nós, depois de tanto nos ter amado? Todos os santos aprenderam a arte de amar a Deus pela meditação do Crucificado. Todas as vezes que o Irmão João do Alverne contemplava seu Salvador coberto de chagas, não podia reprimir suas lágrimas. O Irmão Jacopone, ao ouvir ler a paixão de Cristo, não só derramava lágrimas, mas também rompia em altos soluços, subjugado pelo amor que lhe acendia a recordação de seu amado Salvador. Numa palavra, que cristão, meditando a miúdo a paixão de Jesus Cristo, poderá viver sem amar a seu Salvador?

As chagas de Jesus Cristo, diz S. Boaventura (Stim. div. am., p. 1, c. 1), são outras tantas chagas de amor, são setas e chamas, que ferem os corações mais duros e as almas mais frias. O Beato Henrique Suso, para imprimir mais profundamente em seu coração o amor a seu Salvador Crucificado, tomou certa vez um ferro cortante e com ele feriu-se no peito, escrevendo ali o santíssimo nome de seu amado Senhor, e escorrendo sangue, dirigiu-se à igreja, prostrou-se aos pés do Crucifixo e disse-lhe: Senhor, ó único amor de meu coração, eu quereria imprimir-vos mais profundamente ainda em meu coração; mas isso me é impossível; vós, porém, que tudo podeis, supri o que me falta em forças e imprimi vosso adorável nome tão

profundamente em meu coração, que nem vosso nome, nem vosso amor possa jamais ser nele apagado.

Imitemos a Esposa dos Cânticos, que diz: "Assentei-me à sombra daquele a quem eu desejava" (Cânt 2, 3). Detenhamo-nos muitas vezes aos pés de nosso amável Redentor; representemo-lo morrendo na cruz; meditemos sua paixão e o amor que nos mostrou lutando com a morte nesse leito de dores. Oh! pudéssemos todos dizer de nós mesmos: Descansaremos sempre à sombra da cruz.

Que doce paz não gozam as almas que amam a Deus no meio do reboliço do mundo, das tentações do demônio, do temor dos juízos de Deus, quando sós, aos pés de seu amante Salvador, meditam em silêncio como ele luta na cruz com a morte e como seu sangue divino corre de todos os seus membros rasgados pelos açoites, espinhos e cravos.

Em verdade, à vista de Jesus Crucificado, desaparecem de nossa alma todos os desejos de honras mundanas e bens terrenos. Então sopra da cruz uma aragem suave e celestial, que nos desprende brandamente das coisas terrenas e acende em nós um santo desejo de padecer e morrer por amor daquele que quis padecer, por amor de nós, tantos tormentos e a mesma morte.

III. A meditação da paixão de Cristo excita-nos à prática de todas as virtudes

Isaías prometeu (Is 30, 20) aos homens que haviam de ver a seu divino Mestre com seus próprios olhos para poderem imitá-lo. A vida inteira de Jesus foi um exemplo permanente para nós e uma escola de perfeição; em nenhum outro lugar, porém, nos deu ele uma lição mais perfeita e prática das virtudes do que na cátedra da cruz. Com que perfeição não nos ensina daí a paciência, principalmente nas enfermidades, visto que suportou na cruz, com a maior paciência, as dores de sua dolorosa paixão. Do alto da cruz nos ensina, com seu exemplo, a mais perfeita obediência aos preceitos de Deus, a inteira submissão à sua santa vontade e, acima de tudo, a maneira de como devemos amar a Deus. O Pe. Paulo Ségneri, o Jovem, aconselhou a um penitente seu que escrevesse as seguintes palavras aos pés de seu crucifixo: Vede aqui como se ama. Parece que o Salvador nos dirige as mesmas palavras do alto da cruz, quando nós, para não termos de suportar um pequeno incômodo, deixamos a prática da virtude e até renunciamos à sua graça e ao seu amor. Ele nos amou até à morte, e não desceu da cruz antes de dar sua vida por nós.

Nessa escola do Salvador Crucificado aprenderam os santos a praticar todas as virtudes. Fortificados pela vista de Jesus desprezado na cruz, amam o desprezo mais do que os mundanos as honras do mundo. Eles vêem a Jesus morrer nu na cruz e procuram privar-se de todos os bens da terra. Eles o vêem todo coberto de chagas e derramando sangue de todos os membros, e uma profunda aversão a todos os prazeres sensuais se apodera deles; só pensam então em martirizar, de todo modo possível, a sua carne para se unirem, por meio de suas dores, a seu Salvador crucificado. Eles, vendo Jesus

obediente em todos os passos e conformado à vontade de Deus, e esforçam em subjugar todas as suas inclinações que não são conformes à vontade de Deus. Eles vêem a paciência com que Jesus se submeteu, por amor de nós, a tantas penas e ultrajes, e suportam com resignação e até com alegria as injúrias, doenças, perseguições e maus tratos dos tiranos. Eles vêem, finalmente, o amor que Jesus Cristo nos mostra, sacrificando na cruz sua vida por nós, e oferecem a Deus em sacrifício tudo o que possuem: bens, satisfações, honras e a própria vida.

Donde, porém, provém que, apesar de tantos outros cristãos saberem e crerem que Jesus Cristo morreu por eles, em vez de se consagrarem inteiramente ao seu serviço e seu amor, parece que só cuidam em ofendê-lo e desprezá-lo por miseráveis e transitórias satisfações? Donde provém uma tal ingratidão? Do esquecimento da paixão e morte de Jesus Cristo. Horríveis, porém, serão, no dia do juízo, o remorso e a vergonha dos pecadores, quando o Senhor lhes lançar em rosto tudo o que fez e padeceu por eles.

§ IV. Avisos práticos

1. Não deixemos passar um só dia sem refletir na paixão de Jesus Cristo, tomando-a por objeto de nossa meditação ou então rezando a via-sacra. Segundo S. Agostinho (Sermo 32, ad fr. in cr.), nada existe que, com maior eficácia, nos possa auxiliar na aquisição da perfeição, do que a recordação cotidiana dos sofrimentos que Jesus Cristo suportou por nosso amor. Por isso dizia o Pe. Baltasar Álvarez que a perdição de tantos cristãos provém da sua ignorância a respeito dos tesouros espirituais que encontramos em nosso Salvador crucificado. Costumava, por esse motivo, dizer a seus penitentes que não deviam crer ter feito algum progresso na vida espiritual, enquanto não tivessem conseguido trazer em seus corações constantemente a Jesus Crucificado. Já Orígenes (Lib. 6 in Rom 6) dizia que o pecado não pode reinar em uma alma que reflete muitas vezes na morte de Jesus Cristo. Além disso, diz S. Agostinho que uma única lágrima que se derrame por causa da paixão de Cristo vale mais do que uma peregrinação a Jerusalém e um ano de jejum a pão e água. O divino Salvador quis padecer tanto para que nos lembrássemos sempre de sua paixão, visto ser impossível refletir nela e não se abrasar em amor de Deus, pois "o amor de Cristo nos constrange", diz S. Paulo (2 Cor 5, 14). Jesus é amado por poucos, porque só poucos meditam nos sofrimentos a que ele quis se sujeitar por nossa causa; quem os medita a miúdo, não pode viver sem o amor, porque se sentirá constrangido por seu amor de tal forma, que se lhe tornará impossível não retribuir o amor de um Deus tão amoroso, que padeceu tanto para ser amado por nós.

2. Veneremos também devotamente a imagem de Jesus Crucificado. S. Gertrudes viu, em uma visão, como escreve Blósio, que Jesus contempla amorosamente todo aquele que olha devotamente um crucifixo. Muitos cristãos têm em casa um belo crucifixo, mas infelizmente só como ornato. Admiram sua perfeição, assim como a

expressão da dor que reproduz; seus corações, porém, não se comovem ou só muito pouco, como se não fosse a imagem do Filho de Deus Humanado, mas sim de um homem que lhes é inteiramente desconhecido.

3. Consideremo-nos como propriedade absoluta de Jesus Cristo, pois não nos pertencemos mais depois de têrmos sido comprados pelo sangue de Jesus Cristo, como escreve o Apóstolo: "Ou vivamos ou morramos, somos do Senhor" (Rom 14, 8). S. Crisóstomo dá uma bela explicação destas palavras de S. Paulo: "Deus se ocupa mais de nós, do que nós mesmos; ele considera nossa vida como um bem seu e nossa morte como um mal próprio; se, pois, morremos espiritualmente, nossa morte não é ùnicamente uma perda para nós, mas também para Deus. Que honra, que consolação para nós podermos dizer neste vale de lágrimas, no meio de tantos inimigos e perigos que nos cercam: Nós somos do Senhor; pertencemos a Jesus Cristo; somos bem seu, ele cuidará em nos conservar aqui em sua graça e em unir-nos eternamente consigo na outra vida".

4. Pensemos também na paixão de Jesus Cristo quando visitamos o SS. Sacramento ou recebemos a santa comunhão, pois Jesus Cristo instituiu o SS. Sacramento para que a recordação do amor que nos mostrou, por sua morte na cruz, ficasse sempre viva no meio de nós. Sabemos que nos deu este sacramento de amor na noite anterior à sua morte e que ele, depois de dar seu corpo aos discípulos, disse-lhes, e, por meio deles, a nós também, que ao receber a sagrada comunhão deveríamos nos lembrar de quanto ele padeceu por nós. "Para conservar sempre viva no meio de nós a lembrança do grande benefício da redenção, diz S. Tomás, deixou-nos Jesus Cristo seu corpo por comida".

5. Mais: quando assistimos à santa missa, devemos também pensar na paixão de Cristo, pois que ela nada mais é senão a renovação do sacrifício da cruz, pelo que diz S. Agostinho que a santa missa não é menos eficaz, hoje em dia, diante de Deus, do que o sangue e água que saíram outrora de seu lado aberto.

6. Finalmente, tenhamos um grande zelo pela salvação das almas, que custaram tanto ao divino Salvador. O Bispo S. Carpo teve um dia uma visão, na qual pareceu-lhe ver diante de si um certo homem que, por causa de seu mau exemplo, seduzira um inocente ao pecado. O santo deixou-se levar por seu zelo e queria precipitar aquele sedutor em um abismo, a cuja borda se achava. Mas, eis que Jesus Cristo lhe aparece e, segurando o pecador com sua mão, lhe diz: Dirigi a mim o vosso ataque, pois estou pronto a morrer novamente pelos pecadores. Parecia querer, com isso, dizer: Alto lá: volta antes tua mão contra mim; já dei uma vez minha vida por esse pecador e estou novamente pronto a morrer uma segunda vez por ele, para que não se perca.

CAPITULO SEXTO

Da devoção ao Sagrado Coração de Jesus

§ I. Fim e objeto desta devoção

Amar a Jesus Cristo é, dentre todas as devoções, a mais excelente. Muitos que se dedicam a diversas práticas de devoção, negligenciam o exercício do amor de Deus, apesar de dever ser esta a principal e, de certo modo, a única devoção de todo o cristão. Esse descuido tem consequências muito tristes, pois, se as almas fazem pouco progresso na virtude e cometem sempre as mesmas faltas e até caem muitas vezes em pecados mortais, provém isso do pouco desejo que têm de amar a Jesus Cristo, cujo amor é uma cadeia de ouro que une as almas com Deus e a ele as prende.

O Verbo eterno desceu à terra ùnicamente para ser amado por nós. "Eu vim trazer o fogo à terra e que desejo senão que ele se acenda?" (Lc 12, 49). O Padre Eterno quer que amemos a Jesus Cristo, enviou-o à terra para dar-nos uma prova de seu grande amor e ganhar o nosso. Ele assegura que nos amará à medida de nosso amor para com seu divino Filho: "O Pai mesmo vos ama porque vós me amais" (Jo 16, 27). Além disso, ele só nos concede suas graças se as pedirmos em nome de seu Filho: "Se pedirdes a meu Pai alguma coisa em meu nome, ele vo-la dará" (Jo 16, 23). Finalmente, admite-nos à felicidade eterna só sob a condição de que nossa vida seja conforme à de seu Filho: "Os que ele conheceu na sua presciência também destinou-os para serem conforme a imagem de seu Filho" (Rom 8, 29). Nunca, porém, atingiremos essa conformidade, nem mesmo sentiremos desejo dela, se não refletirmos muitas vezes no amor que Jesus Cristo nos votou.

Para esse mesmo fim, isto é, para obter nosso amor, o divino Salvador apareceu a S. Margarida Alacoque, da Ordem da Visitação, e revelou-lhe que, nestes últimos tempos, será introduzida na Santa Igreja a festa e espalhada a devoção a seu SS. Coração, para que as almas piedosas pudessem, por suas homenagens e adoração, reparar as ofensas que seu divino Coração recebe dos homens ingratos no SS. Sacramento do Altar. E' do teor seguinte o que se encontra na sua vida: Estando ela uma vez em oração diante do SS. Sacramento, mostrou-lhe Jesus Cristo seu Coração em um trono de chamas, circundado de espinhos e encimado por uma cruz, e disse-lhe: "Eis aqui este Coração que tanto amou os homens, que nada poupou até exaurir-se e consumir-se, para lhes provar o seu amor. O reconhecimento que encontro na maior parte deles é ingratidões, desprezos, irreverências, sacrilégios e a frieza que têm por mim neste sacramento de amor. O que mais me magoa ainda é que corações que me são consagrados me tratam dessa forma". Em seguida mandou-lhe que empregasse todos os seus esforços para que fosse celebrada na primeira sexta-feira depois da oitava da festa do Corpo de Deus uma festa em honra de seu divino Coração, para um tríplice fim: primeiro, para que os fiéis lhe agradecessem pela grande

dádiva que lhes fez dando-lhes a sagrada Eucaristia; segundo, para que as almas que o amam reparassem por sua ardente devoção os agravos e desprezos que recebeu e continua a receber de tantos pecadores neste sacramento; terceiro, finalmente, para que elas satisfizessem pelo pouco que é adorado e reverenciado em muitas igrejas. Prometeu também que derramaria em abundância as riquezas de seu sagrado Coração sobre todos aqueles que lhe prestassem essa homenagem, não só no dia próprio da festa, mas também em todos os outros dias que o visitassem no SS. Sacramento do Altar. Donde se segue que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus nada mais é senão um exercício de amor a nosso amabilíssimo Salvador.

Quanto ao objeto desta devoção, é ele duplo: um espiritual, outro material ou sensível. O objeto espiritual consiste no amor em que o Coração de Jesus Cristo está inflamado para com os homens; o amor geralmente é atribuído ao coração, como se deduz também da Sagrada Escritura, onde se diz (Prov 23, 26): "Dá-me, meu filho, o teu coração". "O meu coração e a minha alma se regozijaram no Deus vivo" (Sl 83, 3). "Deus de meu coração e minha porção, Deus para sempre" (Sl 72, 26). "O amor de Deus foi difundido em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado" (Rom 5, 5).

O objeto material ou sensível é o Coração de Jesus, não tomado por si só, mas unido à sua santíssima humanidade e, consequentemente, à pessoa divina do Verbo Eterno.

Mesmo que o coração (o que é, afinal, possível) não seja a sede de nossos afetos e princípio da vida, o certo é que ele foi sempre considerado, tanto pelos antigos como pelos filósofos modernos, como uma das fontes principais e um dos primeiros órgãos da vida humana.

Visto que o coração está em união com todas as veias, ensinam hoje os fisiólogos que ele é a fonte e o princípio da circulação do sangue e, por isso, não se pode pôr em dúvida que as restantes partes do corpo recebem dele seu movimento.

Ora, sendo o coração uma das fontes principais da vida humana, não há dúvida alguma de que ele tem uma parte saliente em nossos sentimentos e afetos. E, realmente, a experiência mostra que os sentimentos de dor interna e de amor causam maior impressão no coração que em qualquer outra parte do corpo humano.

A respeito do amor, lemos, na vida de S. Filipe Néri, que seu coração, em razão de seu ardente amor de Deus, espalhava um tal calor, que se fazia notar mesmo fora do peito, e batia com tanta veemência que, quando alguém encostava a cabeça em seu peito, era ela fortemente repelida. Sabemos, além disso, que o Senhor, por um milagre, alargou as costelas do Santo acima de seu coração, visto que este requeria maior espaço para poder mover-se, em consequência do ardor de seu amor.

Nosso Senhor enviou, várias vezes, a S. Teresa um anjo que lhe feria o coração, inflamando-a no amor de Deus de tal forma, que a veemência desse amor a abrasava sensìvelmente, caindo ela desfalecida por terra.

Esses fatos são dignos de nota, pois nos mostram que Deus faz sentir a seus santos, principalmente em seus corações, os efeitos do amor. Por isso a Igreja não fez dificuldade em conceder aos Carmelitas Descalços uma missa própria da transfixão do coração de S. Teresa. A Santa Igreja achou igualmente bom prestar um culto especial à lança, aos cravos e à coroa de espinhos do Salvador, porque eles tocaram os membros do Senhor que tiveram de suportar um martírio especial durante sua paixão. Não é muito justo prestar um culto especial ao Santíssimo Coração de Jesus, a esse Coração que teve uma grande parte nos santos afetos e imensas dores que afligiram a alma do Salvador, quando ele pensava nos tormentos que lhe preparavam e na ingratidão que lhe mostrariam os homens? O suor de sangue do Senhor, no jardim das Oliveiras, só se pode explicar por uma veemente contração de seu coração, pela qual o sangue foi impelido na sua circulação e obrigado a se derramar para fora. Essa contração do Coração de Jesus não provinha senão dos tormentos internos, do temor, da repugnância e da tristeza que o assaltaram, segundo a narração do Evangelista (Mc 14, 33): "Começou a ter pavor e a angustiar-se".

§ II. Dos efeitos admiráveis desta devoção

I. A devoção ao Sagrado Coração nos leva à pureza de coração

Que devoção será mais apropriada para nos incutir aversão à ofensa de Deus e dor dos pecados cometidos, do que a devoção ao Sagrado Coração? Certamente não podemos contemplar esse Coração encimado por uma cruz e cercado de espinhos, sem pensar que foram os nossos pecados que amarguraram tanto o coração de nosso amantíssimo Salvador. Nossos pecados ocasionaram ao divino Redentor uma agonia contínua. O Pe. Léssio afirma que a ingratidão dos homens por si só seria suficiente para tirar mil vezes a vida a Jesus Cristo.

Por causa dessa ingratidão ele chorou no Presepe de Belém, suou sangue no jardim de Getsêmani e morreu no mais completo desamparo e privado de toda a consolação na cruz. Nosso Senhor revelou à Beata Ágata da Cruz que nada o contristou tanto no seio de sua Mãe como a vista dos corações insensíveis que haveriam de desprezar, depois de concluída a redenção, as graças para cuja dispensação ele veio a este mundo. A mesma coisa já dissera o Senhor muito tempo antes, segundo a interpretação comum dos Santos Padres, pela boca do Profeta: "Que proveito haverá no meu sangue, se eu descer à corrupção?" (Sl 29, 10).

O pensamento no grande tormento que o pecado ocasionou ao Santíssimo Coração de Jesus encheu de dor a todos os santos penitentes. O Senhor deu uma vez a conhecer a S. Catarina de Gênova a fealdade de um só pecado venial, e a santa, a essa vista, se aterrorizou tanto e sentiu uma tão grande dor, que caiu desfalecida. Por isso protestou diante do Crucifixo que nunca mais queria cometer um pecado: Nenhum pecado mais, Senhor; nenhum pecado mais,

exclamou ela. Lemos que alguns penitentes, sendo por Deus iluminados sobre a malícia de seus pecados, morreram de dor.

De fato, como será possível deixar de chorar os próprios pecados, quando se pondera que eles foram o cruel lagar que, pela aflição e tristeza, espremeu tanto sangue do Coração de Jesus?

Se a devoção ao Coração de Jesus incute horror ao pecado, contudo, não tira ao pecador a esperança de obter o perdão; antes, mostra-lhe que tem de tratar com um coração infinitamente compassivo. Oh! como é grande a compaixão do Coração de Jesus para com o pecador. A misericórdia foi que o levou a descer do céu à terra; ela o fez dizer que ele é o bom Pastor que dá a sua vida para salvar as suas ovelhas. Para nos obter o perdão a nós, pecadores, não se poupou a si mesmo. Quis sacrificar-se na cruz, por nós, para satisfazer, por sua paixão, pelas penas que merecêramos. Por essa misericórdia e por essa compaixão diz ele, ainda agora: "Por que quereis morrer, ó casa de Israel?" (Ez 18, 21). O' homens, pobres filhos meus, por que quereis perder-vos, fugindo de mim? Não vedes que, separando-vos de mim, vos entregais à morte eterna? Não quero que vos percais; tende confiança; voltai atrás todas as vezes que quiserdes; recebereis sempre nova vida: "Convertei-vos e vivei" (Ezeq 18, 22). Foi também essa compaixão que o levou a comparar-se a um pai amoroso que, vendo-se desprezado por seu filho, contudo não o repele, quando se volta, arrependido, a ele, chegando até a abraçá-lo ternamente e a esquecer todas as injúrias que dele sofreu. "Não me recordarei mais de todas as suas iniquidades" (Ezeq 18, 22).

II. A devoção ao Sagrado Coração promove a prática de todas as virtudes

Primeiramente, esta devoção desperta em nós a caridade, que é a rainha das virtudes e constitui a essência da perfeição. Em seguida, põe-nos diante dos olhos o modelo e o protótipo de todas as virtudes. Finalmente, nos conduz à fonte de todas as graças.

1. A devoção ao Sagrado Coração inflama nosso coração com santo amor, pois ela nos coloca diante dos olhos o mais amável objeto que existe, um objeto que é sumamente próprio para inflamar em amor um coração que é vivificado pela fé. Quem é em tudo amável será necessàriamente amado. Mas encontrar-se-á entre todos os corações um que seja mais amável que o Coração de Jesus? O Coração de Jesus é sumamente santo, puro e cheio de amor para com Deus e para conosco, visto que todos os seus desejos e afetos só visam a glória de Deus e a nossa salvação.

Nesse coração acha Deus toda a sua alegria, toda a sua complacência. Nesse coração se encontram todas as virtudes e todas as perfeições.

Uns conquistam o amor de seus semelhantes por sua beleza; outros, por sua inocência; outros, por sua afabilidade; outros, por sua piedade; se, então, encontrássemos todas essas belas qualidades reunidas em uma pessoa, ser-nos-ia possível negar-lhe o nosso amor? Ora, em Jesus Cristo não só encontramos todas as virtudes em sua

maior perfeição, como também tudo o que podemos imaginar de mais amável. Oh! se nós cuidássemos em refletir nos muitos direitos que tem Jesus ao nosso amor, nos acharíamos certamente na doce necessidade de amá-lo.

O que, porém, nos deve principalmente inflamar no amor de Jesus Cristo e a circunstância de que ele mesmo deseja o nosso coração. "Oh! se soubesses que graças recebes de Deus e quem é aquele que te pede de beber", disse Jesus à Samaritana (Jo 4, 6). Oh! se a alma conhecesse que graça Nosso Senhor lhe concede quando lhe exige o seu amor, dizendo-lhe: "Amarás ao Senhor, teu Deus". Se um rei dissesse a um de seus súditos que ele o deveria amar, não bastaria esse só desejo para ganhá-lo? E Deus não deveria conquistar o nosso amor, quando ele no-lo pede dizendo: "Dá-me, meu filho, o teu coração?" (Prov 23, 26).

Deus, porém, não quer nosso coração repartido, mas inteiro e sem restrições; ele quer que "o amemos de todo o coração". Devemos saber que damos a Deus todo o nosso coração, se lhe entregarmos toda a nossa vontade e só quisermos o que ele quer. Deus deseja ardentemente encontrar corações que lhe pertençam por completo. Que grande amor não lhes tem! Quantas provas de sua ternura não dá Deus já aqui na terra a um coração que é todo seu! Quantos bens, quantos gozos, quanta glória não lhe prepara Deus lá no céu!

Procuremos por isso amar aqui na terra a Jesus Cristo tanto quanto pudermos, para nos unirmos por um grande amor a ele no céu, porque, no mesmo grau em que a alma ama a Deus aqui na terra, o amará também no céu. O venerável João Bernardo de Lettera, dominicano, viu um dia Jesus Cristo como um caçador, percorrendo a floresta deste mundo com uma seta na mão. Perguntando-lhe o servo de Deus o que fazia, respondeu-lhe que estava à caça de corações. Oh! prouvera a Deus que Jesus ferisse os nossos corações, atrás dos quais talvez já corra há tempo, não tendo podido até agora alcançá-los e ganhá-los para si, com uma seta do seu amor, tornando-os sua presa. Vamos, pois, a seu encontro; se Jesus nos ganhar para si, ganhá-lo-emos para nós, o que será certamente uma excelente permuta.

2. A devoção ao Sagrado coração nos põe diante dos olhos o mais belo modelo de todas as virtudes.

a) Primeiramente, nos oferece um modelo de humildade e mansidão. Como poderíamos praticar a devoção ao Sagrado Coração, sem nos recordarmos da instante exortação do divino Redentor: "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29). O Todo-poderoso, o rei do céu e da terra, apareceu no estado da mais profunda humilhação, como uma criança, pobre e humilde, para ensinar-nos, com seu exemplo, que devemos ser mansos e humildes de coração.

O primeiro e mais brilhante exemplo de humildade deu-nos o Filho de Deus, fazendo-se homem e revestindo-se da nossa miséria. Deu-nos outro exemplo de humildade querendo nascer em um estábulo da maneira mais humilhante. Realmente, que vergonha para um homem, por mais pobre que fosse, ver a luz do mundo em uma estrebaria! Quem nasce em um estábulo? Os pobres nascem em suas

cabanas; não, porém, em uma manjedoura. Só os animais nascem em um estábulo! Assim queria o Filho de Deus: "Eu sou um verme e não um homem". E toda a sua vida correspondeu a seu nascimento, sendo desprezado pela maior parte dos homens. Especialmente na ocasião de sua paixão nos deu Jesus um belo exemplo de humildade e mansidão, deixando-se vender por trinta dinheiros, arrastar como um malfeitor pelas ruas de Jerusalém, flagelar como um vil escravo, desprezar como um ingnorante mentecapto, escarnecer como um rei de teatro e querendo, finalmente, morrer de uma morte infame, na cruz.

Se Deus, porém, se humilhou tanto assim por amor dos homens, custará muito ao homem humilhar-se por amor de Deus? "Haja entre vós o mesmo sentimento que houve em Jesus Cristo" (Filip 2, 5), diz o Apóstolo. Quem não é humilde e não quer imitar a humildade de Jesus Cristo, não merece o nome de cristão, pois, como diz S. Agostinho (De symb. ad cat., l. 2, c. 5), Jesus Cristo veio humildemente a este mundo para destruir o orgulho.

b) Um modelo de paciência. Que belo modelo de paciência não nos deu Jesus Cristo por sua paixão, que não foi sòmente atrocíssima, mas também sem interrupção, pois devemos pensar que o divino Salvador sofreu desde o começo de sua existência todas as dores de sua paixão, a flagelação, a coroação de espinhos, e crucificação, a agonia na cruz, a morte e todos os outros martírios e atrocidades.

Desde o primeiro instante de sua vida estava diante de seus olhos o terrível espetáculo de todos os martírios que teria de sofrer na terra, como predisse pela boca de David: "Minha dor está sempre diante de mim" (Sl 37, 18). Por isso exclama Diogo de Óstia: "Não posso achar-vos em nenhuma outra parte, durante toda a vossa vida, a não ser na cruz, ó meu Salvador" (De sacr. dom. pass., s. 1). Se quisermos, pois, mostrar-nos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, diz S. Epifânio, devemos agradecer-lhe quando nos manda cruzes e sofrimentos, pois assim nos torna semelhantes a si.

c) Um modelo de pobreza e desprendimento. Jesus Cristo escolheu a pobreza como sua companheira de vida para levar-nos, por seu exemplo, a apreciá-la e desejá-la. "As raposas têm suas covas e os pássaros do céu seus ninhos: o Filho do homem, porém, não tem onde recostar sua cabeça" (Mt 8, 21). Queria Jesus com isso dizer o seguinte: Eu vim para ensinar a pobreza; por isso fiz-me mais pobre que as raposas e os pássaros, que têm suas covas e seus ninhos; eu não tenho neste mundo nem um palmo de terra onde possa recostar minha cabeça e eu quero que meus discípulos sejam semelhantes a mim neste ponto. "Os verdadeiros discípulos de Jesus Cristo nada possuem e nada também desejam, fora de Jesus Cristo", diz S. Jerônimo (Ep. ad Heliod.).

d) Um modelo de amor ao próximo. "Deus fez brilhar a sua caridade em nós, porque ainda quando éramos pecadores morreu Cristo por nós", diz o Apóstolo (Rom 5, 8). O amor heróico que mostrou S. Paulino, fazendo-se escravo para remir o filho de uma pobre viúva, causou a admiração do mundo. Mas que é esse amor, em comparação do amor de Jesus Cristo? Ele, que era Deus, fez-se escravo para livrar-nos da escravidão do demônio e da morte que nos competia, e

deixou-se ligar com cordas, pregar na cruz, na qual, finalmente, deu sua vida, num oceano de dores e opróbrios. "Mas, Senhor, quem é o homem, essa criatura tão desprezível e ingrata para convosco, para que vós o exalteis tanto, amando-o e honrando-o dessa maneira?" pergunta Job (7, 17). Dizei-me, continua ele, por que ligais tanta importância à salvação e felicidade do homem? Dizei-me "por que pondes sobre ele o vosso coração", parecendo que só cuidais em amá-lo? Oh! nós o sabemos, "ele foi sacrificado porque eu quis" (Is 53, 7), e sòmente para nos tornar felizes. Tomou sobre si todos os castigos que merecíamos.

O' almas remidas, nos diz a Santa Igreja, considerai vosso Redentor na cruz, onde tudo respira amor e convida a retribuir-lhe amor: sua cabeça inclinada, seus braços abertos, seu coração ferido. "Sua cabeça está inclinada para nos dar o ósculo da paz, diz S. Agostinho, seus braços estendidos para nos abraçar, seu coração aberto para nos amar. Isso, porém, não é ainda tudo: o amor de Jesus aos homens levou-o também a estabelecer-se entre nós no SS. Sacramento do Altar como em um trono de amor. Aí o encontramos sob as espécies de pão, fechado em um cibório, onde fica privado de sua divina Majestade, sem movimento, sem o uso de seus sentidos, parecendo preocupar-se ùnicamente com os homens. O amor faz que se deseje incessantemente a presença do objeto amado; esse amor, esse desejo é o motivo por que Jesus Cristo permanece no meio de nós no SS. Sacramento. Finalmente, seu amor inefável por nós compeliu-o a tornar-se o alimento de nossas almas para se unir a nós e fazer um só coração do nosso e do dele".

"Que pastor alimenta suas ovelhas com seu próprio sangue? pergunta S. Crisóstomo (Hom. 61 ad pop. Antioch.). Mas que digo? Mães há que entregam seus filhos a amas estranhas. Jesus, porém, procede mui diversamente conosco: ele alimenta-nos com seu próprio sangue". Numa palavra, "porque ele nos ama com um amor incendido, quis fazer-se nosso sustento para que nos tornássemos um com ele", conclui o Santo. "O' meu amado Redentor, exclama S. Lourenço Justiniano (De incit. div. amor., c. 5), como pudestes chegar a amar-nos tanto e a unir-nos tão intimamente convosco, que do nosso coração e do vosso se fizesse um só coração?"

Será possível haver um cristão que ouse dizer: Não posso amar esta ou aquela pessoa a quem Jesus Cristo tanto amou; não posso perdoar a este meu inimigo, por quem Jesus Cristo morreu, não posso suportar os defeitos deste homem, apesar de eu mesmo ter obtido muitas vezes misericórdia; não posso dar meus bens ao próximo, não obstante Jesus Cristo alimentar-me com seu corpo e com seu sangue; não posso auxiliar a meu próximo, ainda que saiba que os serviços que lhe prestar serão prestados a Jesus Cristo mesmo; não posso fazer nenhum sacrifício pela conversão dos pecadores, embora sejam mui caros ao Coração de Jesus, que estaria pronto a dar mil vezes a vida por ele?.

Oh! que escola de caridade, de tolerância mútua, de zelo pela glória de Deus, de sacrifício, de liberalidade não é o Coração de nosso Mestre!

Não nos contentemos com admirar as virtudes que nele brilham, mas sigamos a admoestação que o Salvador dirigiu a seus discípulos e a nós todos na última ceia: "Eu vos dei o exemplo para que façais como eu vos fiz" (Jo 13, 15).

III. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus conduz-nos à fonte de todas as graças

Os que têm um bom coração desejam tornar felizes todos os homens, particularmente os mais necessitados e atribulados. Onde, porém, poderemos achar um coração melhor que o de Jesus? Sendo o nosso Salvador a bondade infinita, tem um desejo indizível de comunicar-nos suas riquezas. "Comigo estão as riquezas e a glória... para enriquecer os que me amam" (Prov 8, 18, 21). Seu Eterno Pai "o constituiu herdeiro de tudo", como diz o Apóstolo (Heb 1, 2). Ele é, pois, herdeiro de tudo o que seu Pai possui, de todos os seus haveres, de todas as suas riquezas, de tudo o que pode sair do tesouro e da fonte inexaurível do poder e da sabedoria infinita de Deus.

Seu Pai entregou-lhe todos os seus tesouros, todas as suas riquezas, sem se reservar nada, e deixa tudo a seu dispor. Não só pertence tudo ao Filho, mas ele mesmo é o tesouro, a mina, a fonte de todos os bens que estão encerrados na divindade, de forma que não há nenhuma riqueza verdadeira que não venha dele e que só se pode ser miserável deixando de recorrer a ele.

Além disso, suas riquezas, por mais que ele as distribua, nunca diminuem, à maneira dos tesouros da terra; sem interrupção são elas distribuídas e sua medida permanece sempre cheia. Não as tem ele guardadas a chave, como costumam fazer os grandes do mundo, que mais são possuídos por suas riquezas do que as possuem, e são antes escravos que senhores delas.

Muitas vezes um pai de família guarda com tanto cuidado as chaves de seu cofre, que sua família e sua esposa têm de sofrer penúria por sua causa; e infeliz dessa pobre mulher se requerer ou tirar às escondidas uma parte desses tesouros para seu uso próprio. Nosso divino Esposo é, ao contrário, verdadeiramente o senhor de suas riquezas, e um senhor sumamente liberal. Ele deseja que sua esposa, isto é, nossa alma, seja senhora de tudo: seus tesouros estão sempre à sua disposição; quanto mais ela desejar, tanto mais disposto está ele a dar; quanto mais desejosa de receber e se enriquecer se mostrar, tanto mais pròdigamente distribuirá suas graças; ele alegra-se quando acha ocasião de dar com profusão e livremente.

Achamos, pois, no Coração de Jesus todos os bens e todas as graças que podemos desejar. "Nele fostes enriquecidos em todas as coisas... de maneira que nada vos falta em graça alguma" (1 Cor 1, 5). Devemos igualmente saber que devemos ao Coração de Jesus todas as graças que recebemos até agora; a graça da redenção, a graça da vocação ao cristianismo, as luzes que recebemos, o perdão de nossos pecados, a força de resistir às tentações, a paciência nas contrariedades, etc., pois, sem a sua assistência, não podemos praticar bem algum: "Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15, 5). "Se até agora não

tendes recebido mais graças, não vos queixeis de mim, mas antes de vós mesmos, por terdes deixado de me pedir favores: Até agora nada pedistes, pedi e recebereis" (Jo 16, 24).

Assim nos fala o divino Salvador. Rico e sumamente liberal é o Coração de Jesus para com aqueles que recorrem a ele. Com que misericórdia não trata o Senhor as almas que se empenham em invocá-lo: "Porque vós sois suave e brando, ó Senhor, e de muita misericórdia para todos que vos invocam" (Sl 85, 5).

Voltemo-nos, pois, muitas vezes para o Coração de Jesus e digamos-lhe: "O' amável Coração de meu Jesus, vós sois a sede de todas as virtudes, a fonte de todas as graças, a fornalha ardente em que se abrasam no divino amor todas as almas santas. Sois vós o objeto da complacência de Deus, o refúgio dos aflitos e a morada das almas que vos amam. O' Coração digno de reinar sobre todos os corações e de lhes possuir o amor. O' Coração que fostes ferido na cruz pela lança dos meus pecados e desde então presente nos altares no SS. Sacramento, por meu amor, não mais ferido, senão pela lança do amor que me tendes. O' Coração amante, que amais tão ternamente os homens e sois tão pouco amado deles; remediai vós mesmo a uma tão grande ingratidão, inflamando meu coração com um grande amor para convosco. Oh! pudesse eu percorrer todo o mundo e publicar por toda a parte as graças, as finezas e os tesouros que concedeis a todos que vos amam verdadeiramente. Aceitai o meu desejo de ver todos os corações inflamados de amor por vós. O' Coração divino, sede minha consolação nos sofrimentos, meu descanso no trabalho, meu alívio nas tribulações, meu porto nas tempestades. Consagro-vos meu corpo e minha alma, meu coração, minha vontade e tudo o que eu sou. Todos os meus pensamentos, todas as minhas afeições, todos os meus desejos uno-os aos vossos. Eu vos ofereço, ó Padre Eterno, os afetos puríssimos do Coração de Jesus; se os meus rejeitais, os de vosso Filho, que é a santidade mesma, não podeis rejeitar; possam eles suprir o que me falta e me tornar agradável aos vossos olhos.

CAPÍTULO SÉTIMO

Da devoção ao Espírito Santo

A devoção ao Espírito Santo já foi praticada no cenáculo de Jerusalém e acompanhada das maiores graças e milagres. Não obstante terem sido os Apóstolos instruídos na escola de Jesus Cristo, tinham ainda muitas imperfeições, conforme a narração dos Evangelistas: eram ainda ambiciosos, ciumentos, medrosos, etc.; mas, apenas receberam o Espírito Santo, mostraram-se como homens, interiores, desprendidos do mundo, superiores a todo egoísmo; como homens vazios de si mesmos e cheios do espírito de Deus. Como diz S. Crisóstomo, não eram eles mais aquele ouro bruto e sem forma, como sai do seio da terra, mas ouro puro, que suportara a prova do fogo. O fogo que os purificara fora o Espírito Santo que, pelo ardor

de seu amor, consumira tudo o que era impuro e terreno em seus eleitos.

Se quisermos, pois, chegar pouco a pouco àquela perfeição a que chegaram de uma só vez os Apóstolos por modo maravilhoso, pratiquemos a devoção ao Espírito Santo. Com seu auxílio poderemos começar, continuar e concluir a obra de nossa santificação.

§ I. O Espírito Santo dirige-nos no caminho da justiça e santidade

Todos os que são incorporados, pelo batismo, à comunhão dos cristãos, recebem o caráter de um filho de Deus, pelas palavras: Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. S. Atanásio escreve que o nome do Espírito Santo está tão intimamente ligado ao do Pai e do Filho que, se não se fizesse menção dele, o sacramento seria nulo (Ep. 1, ad Serap. n. 30).

E' fora de dúvida que a graça de Deus só é concedida por Deus mesmo: "O Senhor dará a graça e a glória" (Sl 83, 12), e que só "ele é que justifica" (Rom 8, 33). Ambas essas coisas, porém, são atribuídas de um modo especial ao Espírito Santo. "O amor de Deus foi difundido em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado", diz o Apóstolo (Rom 5, 5). Quanto à justificação, disse Jesus Cristo mesmo a seus Apóstolos: "Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados" (Jo 20, 22). Além disso, ensina o Apóstolo que o Espírito Santo opera em nós todo o bem (1 Cor 12, 11).

Sendo o Espírito Santo o amor que se consagram mùtuamente o Pai e o Filho, atribuimos-lhe, de um modo especial, a caridade, a maior dádiva que o Senhor concede à nossa alma. O divino Redentor mesmo declarou que veio ao mundo para abrasar nossos corações com esse santo amor e que nada mais deseja senão que ele arda, e, por isso, não se recordou das ingratidões e das inúmeras ofensas que recebeu aqui dos homens e enviou-nos, apenas subiu aos céus, o Espírito Santo, esse fogo divino e amor infinito. Este apareceu no cenáculo sob a forma de línguas de fogo, para mostrar-nos que ele abrasa nossas almas no fogo do divino amor. Donde nos ensina a Santa Igreja (Orat. in missa quat. temp. Pent.) a rogar ao Senhor que seu divino Espírito se digne abrasar-nos no fogo que Jesus Cristo veio trazer à terra e que ele ardentemente deseja ver aceso em nossos corações.

O Espírito Santo, porém, não se satisfaz em acender em nós esse fogo de amor, mas ele vem pessoalmente ao nosso coração: "Não sabeis que vossos membros são o templo do Espírito Santo, que habita em vós?", pergunta o Apóstolo (1 Cor 6, 19). Ele é chamado "o doce hóspede da alma", conforme aquela promessa que Jesus Cristo fez a todo aquele que o ama (Jo 14, 15): "Se vós me amais, observai os meus mandamentos e eu pedirei ao Pai e ele vos dará um outro consolador, que fique convosco para sempre"

Como o Concílio de Trento no-lo assegura, o Espírito Santo nunca abandona uma alma, se não for repelido por ela mesma. No batismo toma ele posse de nós; quando uma criança é batizada, o

sacerdote diz ao demônio: Aparta-te dela, espírito imundo, e dá lugar ao Espírito Santo Paráclito. S. Maria de Oignies viu um dia o demônio sair de uma criança que se batizava e o Espírito Santo entrar nela acompanhado de uma multidão de anjos.

§ II. O Espírito Santo promove o nosso adiantamento no caminho da virtude

Nosso Senhor ordenou no Levítico (Lev 6, 12): "Sempre no altar estará aceso o fogo". A isso nota S. Gregório: "Os altares de Deus são os nossos corações, onde quer o Senhor que esteja sempre aceso o fogo de seu amor. Por isso não bastou ao Eterno Pai dar-nos seu Filho Jesus Cristo para que ele nos remisse por sua morte; ele quis também enviar-nos o Espírito Santo, para que ele habitasse em nossas almas e as abrasasse continuamente em amor".

Segundo a expressão do Doutor Angélico, é a caridade a rainha das virtudes; onde ela reina se encontram todas as outras virtudes; elas constituem o seu séquito e a caridade serve-se delas para unir-nos mais estreitamente a Deus. Por isso quanto mais se ama a Deus, tanto mais virtuoso e santo se é. E' o motivo por que nos ensina a Santa Igreja a suplicar ao Espírito Santo que se digne purificar os nossos corações e frutificá-los com seu santo orvalho. O amor dá à alma a força de pruduzir bons desejos, santos propósitos e boas obras; são essas as flores e os frutos da graça do Espírito Santo.

Muitos, porém, são os impedimentos que obstam o nosso progresso na virtude; como poderemos suportá-los? Pela graça do Espírito Santo.

1. O primeiro impedimento provém das nossas paixões. Ora, o amor é chamado um orvalho que acalma o ardor das más inclinações e das tentações. Por isso também se diz do Espírito Santo, do distribuidor do amor, que ele refrigera em nós o calor das paixões. Esse orvalho cai em nossas almas durante a oração mental. Um quarto de hora de oração é suficiente para repelir todo e qualquer ódio ou amor desregrado, por mais impetuoso que seja. A oração mental é aquela adega misteriosa de que fala a Esposa dos Cânticos: "Introduziu-me na sua adega de vinho e ordenou em mim a caridade" (Cânt 2, 4). Na meditação Nosso Senhor nos ensina o amor, de forma que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos. Quem ama a Deus, gosta da oração mental, e quem não ama a oração mental será moralmente incapaz de vencer suas paixões.

2. O segundo impedimento é a cegueira de nossa razão, causada por nossas paixões! Oh! que miséria á de uma alma que se deixa dominar por uma paixão. A paixão é uma fumaça é um véu que impede ao homem conhecer a verdade. Como, porém, poderá evitar o mal aquele que não sabe mais o que é mau? E esse obscurecimento do nosso entendimento aumenta com o número de nossos pecados.

Mas o Espírito Santo, que é chamado luz benéfica, não só inflama os corações no amor com seus divinos raios, mas também expele as trevas; iluminados por ele, conhecemos a vaidade dos bens terrenos e o valor dos eternos, a importância da salvação, o

grande valor da graça, a bondade de Deus, o amor infinito que ele merece e o amor imenso que ele nos tem: "O homem animal, que se revolve no lamaçal dos prazeres sensuais, não compreende o que é do Espírito de Deus" (1 Cor 2, 14), e pouco sabe destas verdades, por isso o infeliz ama o que devia odiar e odeia o que devia amar.

S. Maria Madalena de Pazzi exclamava: "O' amor, não sois conhecido! O' amor, não sois amado!" S. Teresa dizia que Deus não é amado porque não é conhecido. Por isso os santos pediam incessantemente ao Senhor que lhes enviasse sua luz e expelisse suas trevas e lhes abrisse os olhos, porque sem luz não podemos escapar ao precipício nem encontrar Deus.

3. O terceiro impedimento do nosso progresso na virtude está na nossa inconstância. Quem nos poderá prender tão fortemente a Deus que não possamos mais desprender-nos dele? O Espírito Santo, por ser o amor incriado, constitui o vínculo indissolúvel que prende o Verbo ao Pai Eterno, assim também é ele que nos une a Deus. "A caridade é uma virtude que nos une a Deus", diz S. Agostinho (Lig. v. de char., c. 6). E S. Lourenço Justiniano exclama: O' amor, sois uma cadeia tão forte que podeis ligar a Deus mesmo e prendê-lo à nossa alma. Os laços do mundo são cadeias da morte; os vínculos de Deus, porém, "são uma ligadura de salvação" (Ecli 6, 31), porque os laços de Deus nos prendem pelo amor a Deus, nossa verdadeira e única vida.

Antes da vinda de Jesus Cristo os homens fugiam de Deus: estando presos ao que era terreno, não queriam unir-se a seu Criador. Nosso amável Salvador, porém, atraiu-os a si "com laços de amor", segundo a expressão do Profeta (Os 11, 4). Esses laços são as graças, as luzes, os convites a seu amor, as repetidas promessas de dar-nos o céu e, antes de tudo, as repetidas promessas de dar-nos Jesus Cristo na cruz e no SS. Sacramento e, finalmente, o Espírito Santo. À vista disso exclama o Profeta (Is 52, 2): O' alma que foste criada para o céu, rompe as cadeias da terra e une-te a teu Deus pelos laços de seu santo amor. A caridade abrange todas as virtudes e torna a alma perfeita, diz o Apóstolo (Col 3, 14).

4. Nosso Senhor depôs em nosso coração uma sede ardente de felicidade, pois ele quer que aspiremos só ao bem infinito. Mas quantas vezes não pomos a nossa felicidade nas criaturas. Nisso consiste o quarto impedimento do nosso adiantamento na virtude, um impedimento que só o Espírito Santo pode remover.

O amor de Deus é chamado uma fonte viva. "Quem beber da água que eu der, disse Jesus à Samaritana, não terá mais sede para sempre" (Jo 4, 13). O amor de Deus é, pois, uma água que apaga a sede. Quem ama verdadeiramente a Deus, não procura nem deseja mais coisa alguma, porque em Deus encontra todos os bens. Inteiramente satisfeito pela posse de Deus, diz sem cessar: Meu Deus e meu tudo.

Deus se queixa de tantas almas que mendigam algumas míseras e transitórias alegrias junto às criaturas e abandonam a ele, que é um bem infinito e a fonte de todas as alegrias: "Abandonaram a mim, fonte de água viva, e cavaram-se cisternas, cisternas rotas, que

não podem reter as águas" (Jer 2, 13). Mas porque Deus nos ama e nos quer ver felizes, diz-nos a todos: "Quem tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7, 37), para que eu lhe dê o Espírito Santo, que o tornará feliz nesta e na outra vida. "Quem crê em *mim*, diz ele ainda (Jo 7, 38), de seu ventre correrão rios de água viva". Quem, pois, crê em Jesus Cristo e o ama, será enriquecido de tantas graças, que de seu coração, isto é, de sua vontade, brotarão fontes de santas virtudes que não só o porão em estado de conservar em si mesmo a vida da graça, como também de comunicá-la a outros. Essa água misteriosa, de que fala o divino Redentor, é justamente o Espírito Santo, o amor essencial, que Jesus Cristo nos prometeu enviar depois de sua ascensão (Jo 7, 39)

A chave que *nos abre* os canais dessa água ditosa é a oração; pois, por meio da oração, alcançamos todos os bens, em virtude da promessa do Senhor: "Pedi e recebereis" (Jo 16, 24).

§ III. O Espírito Santo nos assegura a perseverança no bem

Se quisermos ter uma garantia de que não tornaremos mais a perder a Deus, devemos nos sacrificar em verdade inteiramente a ele. Quem não se dá a Deus sem restrição, está semper em perigo de voltar-lhe novamente as costas. Uma alma, porém, que se desprende resolutamente de tudo e se dá por completo a Deus, pode ter a firme confiança de não tornar a perdê-lo, porque Deus mesmo não permitirá que uma alma que se consagrou por inteiro a ele se torne novamente infiel e o perca de novo.

Essa inteira entrega de si mesmo a Deus é, porém, uma obra do Espírito Santo. E' ele que difunde em nosso coração o sagrado fogo do amor, segundo as palavras da Escritura: "O amor de Deus foi difundido em nossos corações pelo Espírito Santo" (Rom 5, 5). Ora, é justamente esse amor que nos torna irrevogàvelmente propriedade de Deus. Consideremos, para nos convencermos disso, as propriedades do amor que o Espírito Santo nos traz.

Esse amor é, primeiramente, timorato; ele teme desagradar a Deus. "Se alguém me ama, guardará as minhas palavras", diz Jesus Cristo (Jo 14, 24). Como poderá dizer alguém que ama a Deus de todo o seu coração, se não teme ofendê-lo voluntàriamente, ainda que seja só em coisas pequenas? O Senhor vos preserve de todo o pecado cometido deliberadamente, por menor que ele seja, dizia S. Teresa.

Esse amor, em segundo lugar, é generoso: cheio de confiança em Deus, não receia empreender tudo para sua glória. Foi esse santo amor que levou os santos a fazer grandes coisas por Deus, a amar seus inimigos, a aspirar ao desprezo, a renunciar a todos os bens deste mundo e até sofrer com alegria o martírio. O amor não pode estar inativo e nunca diz: basta: Quanto mais uma alma que ama a Deus faz por seu Amado, tanto mais deseja fazer por ele para agradar-lhe cada vez mais e obter o seu amor. Animada por esse amor generoso, exclamava S. Teresa: "Ou *sofrer ou morrer*", e S. Maria Madalena de Pazzi: "Sofrer e não morrer"; S. João da Cruz: "Sofrer e ser desprezado por Deus".

Esse amor é, em terceiro lugar, forte: ele vence todas as más inclinações, mesmo no meio das mais veementes tentações e do mais profundo desamparo. "Forte como a morte é o amor" (Cânt 8, 6). Assim como nenhuma força criada pode resistir à morte, do mesmo modo não há dificuldade que não tenha de ceder ao amor. Quando se trata de agradar ao Amado, o amor vence tudo: perdas terrenas, desprezos e dores. "Nada é tão duro que possa resistir ao fogo do amor", diz S. Agostinho (De mor. eccl. cath., c. 22). Os soldados demonstram sua fidelidade no combate e não no descanso: o mundo é um campo de batalha onde cada homem deve combater e vencer.

O sinal mais seguro para se conhecer se uma alma ama verdadeiramente a Deus é ver se ela se conserva fiel a seu amor tanto nas contrariedades, como no bem-estar. S. Francisco de Sales diz que Deus é tão amável quando nos envia castigos, como quando nos envia consolações, *porque faz tudo por amor*, antes até é maior o seu amor quando maiores são as adversidades que nos envia (Theot. l. 9, c. 2). S. João Crisóstomo considera S. Paulo mais feliz em ferros do que elevado ao terceiro céu (Hom. 8, *in* Eph.). Por isso se alegravam os santos mártires no meio de seus tormentos e consideravam como a maior graça poder padecer por amor de Deus. Os outros Santos que não encontraram tiranos para os atormentar, para agradar a Deus tornaram-se seus próprios carrascos por meio de suas penitências. "Quem ama não sofre, diz S. Agostinho (De bono vid., c. 21), ou se sofre ama o sofrimento.

Esse amor, em quarto lugar, é obediente: obedece sem demora à voz de Deus. S. Teresa diz que a obediência é o caminho mais curto para a perfeição. "O' virtude da obediência, tu podes tudo" (Vida, c. 18), exclama ela. S. Catarina de Bolonha se exprime de modo semelhante: a obediência, só, é mais agradável a Deus do que todas as outras boas obras.

Quem possui o verdadeiro amor de Deus, dirige-se em tudo o que respeita à sua alma, mesmo nas menores coisas, conforme a obediência devida a seus superiores ou a seu confessor; obedece, porém, depressa, com gosto e cegamente, sem mostrar repugnância e sem sofismar.

Esse amor, em quinto lugar, é puro: *ele ama únicamente a Deus*, e ama-o sòmente porque ele merece ser amado. Que belo espetáculo o de uma alma que pertence a Deus inteiramente, que só deseja a Deus, que ama a Deus só, que pensa só em Deus e que busca só a Deus em todas as coisas! Nosso Deus é sumamente amável e bondoso para quem o procura de todo o coração. Eia, pois, busquemos só a Deus, únicamente a Deus e nada mais.

Todo apego à criatura, por mais honesto que seja, quando é excessivo, impede o amor de Jesus Cristo. Devemos, pois, desprender o nosso coração de tudo, porque, de outro modo, nunca pertenceremos inteiramente a Deus. Quão grande não foi o amor dos Santos a Deus! S. Francisco Xavier rasgava algumas vezes suas vestes e prostrava-se por terra, não podendo resistir mais à veemência do amor divino. Subjugado pelo mesmo amor, S. Estanislau Kostka devia molhar o peito com água fria. S. Francisco de Sales dizia que,

se soubesse que a menor fibra de seu coração não estava toda consumida pelo amor de Deus, ele a arrancaria e lançaria para longe de si.

Nós não amamos muito a Deus ùnicamente porque mui pouco o conhecemos. Os santos amavam-no tão ardentemente porque melhor o conheciam. Procuremos, por isso, conhecer um pouco melhor a Deus. Consideremos, de tempos a tempos, as perfeições e atributos divinos; lancemos-lhe ao menos interiormente, de vez em quando, um olhar e seu amor abrasará também o nosso coração.

Esse amor, em sétimo lugar, é inebriante: ele arrebata a alma e a põe como que fora de si, parecendo ter perdido todos os sentidos, olhos, ouvidos, etc., para as coisas terrenas e cuidar ùnicamente em amar a Deus. Nos Cânticos se fala do amor sob a figura de uma adega de vinho (Cânt 2, 4). Nessa ditosa adega se embriagam com o vinho de seu santo amor as almas que, quais esposas, pertencem incondicionalmente a Jesus, de maneira que perdem o uso de seus sentidos para as coisas deste mundo e só vêem a Deus, e em todas as coisas só buscam a Deus e só falam de Deus e só querem ouvir falar de Deus.

Ouvindo, às vezes, os outros falarem de riquezas, dignidade e divertimentos, voltam-se imediatamente para Deus e dizem-lhe, com amorosos suspiros: O' meu Deus, que é o mundo, que são os divertimentos, que são as honras? Vós sois meu único bem, minha única felicidade.

S. Catarina de Sena, S. Teresa, S. Maria Madalena de Pazzi e outras almas fervorosas ficavam fora de si de amor. S. Maria Madalena de Pazzi não só amava a Deus com o maior ardor, mas também muitas vezes, extasiada em amor, corria pelos corredores de seu convento, exclamando em altas vozes: O amor não é amado! O amor não é amado!

Uma alma que ama ternamente a Deus não deveria cantar outro cântico senão "o novo cântico" de que fala David (Sl 95, 5): "Cantai ao Senhor um cântico novo" "Que significa esse novo cântico senão um novo amor?" diz S. Agostinho (Sermo 336).

Os cânticos antigos são o apego às criaturas e a si mesmo que trazemos em nós desde o nascimento, em consequência de nossa natureza inclinada ao mal pelo pecado, como diz o Espírito Santo: "O sentido e o pensamento do coração do homem são inclinados ao mal desde a sua adolescência" (Gn 8, 21). O novo cântico, porém, é o amor com que consagramos a Deus o nosso coração. Por isso acrescenta S. Agostinho: A voz de nosso coração, com a qual devemos louvar a Deus, deve ser o santo amor que nos leva a amar ao Senhor porque ele merece ser amado e a expulsar de nosso coração tudo o que não é Deus.

Esse amor, em oitavo lugar, tende à união e prende a vontade da criatura do modo mais íntimo à vontade de Deus. Porque Deus nos ama, quer ser amado por nós, e por isso deseja o nosso coração, isto é, a nossa vontade, dizendo: "Dá-me, meu filho, o teu coração" (Prov 23, 26).

Toda a nossa vida, toda a nossa salvação consiste em unirmos a nossa vontade com a vontade de Deus, que é a única norma do bem

e do perfeito. A aspiração das almas que amam a Deus visa sempre a conformidade com sua santa vontade. Esta é a graça que Jesus Cristo ensina a pedir no Padre-Nosso, a graça de cumprir tão perfeitamente sua vontade aqui na terra como a executam os santos lá no céu: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu". S. Teresa oferecia ao menos cinquenta vezes no dia sua vontade a Deus, dizendo, com o Salmista (Sl 107, 2): "Meu coração está pronto, ó Deus, meu coração está pronto".

Para que uma alma que ama a Deus se conforme em todas as ofensas, em todas as dores, em todas as perdas, basta que ela saiba que é a vontade de Deus que ela padeça. Basta dizer: Assim Deus quer, e ela acha consolo e alívio em todas as tribulações. E' esta aquela paz que sobrepuja todas as alegrias dos sentidos, segundo a expressão do Apóstolo (Filip 4, 7).

Bastava a S. Maria Madalena de Pazzi pronunciar as palávras vontade de Deus, para se sentir repleta de alegria.

Aqui no mundo todos têm de carregar sua cruz; conforme S. Teresa, porém, a cruz é pesada ùnicamente para aquele que a arrasta e não para quem a toma alegremente sobre seus ombros. Pois o Senhor sabe ferir e curar ao mesmo tempo, como diz Job (5, 18). Por meio de suas doces consolações faz ele que as próprias injúrias e martírios nos pareçam agradáveis e desejáveis.

Em nono lugar, finalmente, uma alma que ama verdadeiramente a Deus, deseja continuamente deixar a terra para se unir a Deus em sua pátria ditosa e aí amá-lo com todas as suas forças. Aqui na terra a alma acha-se no corpo como que em uma prisão que só pode abandonar para entrar no celeste palácio, e por isso suplicava David (Sl 141, 8): "Tirai do cárcere a minha alma para glorificar o vosso nome". E o santo velho Simeão, tendo nos braços o Menino Jesus, não sabia que graça pedir ao Senhor, a não ser a morte, para se ver livre da prisão desta vida: "Deixai agora ir em paz vosso servo, Senhor" (Lc 2, 29). "Ele pede que seja libertado, como se estivesse retido a força", nota S. Ambrósio (De bon. mort., c. 2). S. Paulo suspirava pela mesma graça, quando dizia: "Desejo ser desligado e estar com Cristo" (Filip 1, 21).

Dirijamos por isso muitas vezes a seguinte oração ao Espírito Santo: Espírito Santo, Pai dos pobres, Consolador dos aflitos, Luz dos corações, Santificador das almas, inflamai o meu coração com vosso santo amor. Sois o Espírito divino, dai-me força contra os maus espíritos. Sois um fogo, acendei em mim o fogo do vosso amor. Sois uma luz, iluminai-me e fazei que eu conheça as coisas eternas. Sois uma pomba, dai-me pureza de costumes. Sois um vento brando, afastai de mim as tempestades que suscitam minhas paixões. Sois uma língua, ensinai-me a louvar-vos sem interrupção. Sois uma nuvem, cobri-me com as asas de vossa proteção. Sois, finalmente, o dispensador de todos os dons divinos, vivificai-me com vossa graça, santificai-me com vosso amor, dirigi-me com vossa sabedoria, adotai-me por filho vosso, por vossa bondade, salvai-me por vossa in-

finita misericórdia, para que não cesse jamais de vos agradecer, de vos louvar e amar, durante minha vida aqui na terra e depois por toda a eternidade lá no céu. Amém.

CAPÍTULO OITAVO

Da devoção à SS. Virgem

S. Germano qualifica a devoção a Maria de respiração dos cristãos, e isso com toda a razão, pois, como o corpo não pode viver sem respirar, também a alma não pode conservar a vida sem a devoção a Maria. A Santa Igreja mesma põe na boca da Santíssima Virgem as palavras: "Feliz o homem que vigia à minha porta todos os dias" (Prov 8, 34), e que procura continuamente junto de mim luz e auxílio. Certamente a um tal concederá Maria luz e força para evitar o pecado e trilhar o caminho da virtude.

O Papa Inocêncio III (Sermo 2, in Ass.) chama a Santíssima Virgem lua da noite, aurora no romper do dia e sol no dia. Como lua, brilha para aqueles que andam nas trevas da inimizade de Deus, auxilia-os no conhecimento de sua vida de pecados. Como aurora que precede ao sol, aparece aos que conhecem seu miserável estado, alcança-lhes força para deixar o estado de pecado e voltar ao estado de graça. E', finalmente, um sol para os que gozam da amizade de Deus; ela cuida que eles não tornem a perdê-la.

S. Metódio (De Sim. et Anna) se exprime de modo semelhante, dizendo: "O' poderosa Mãe de nosso Salvador, vós sois o princípio, o meio e o fim de nossa salvação". Sois o princípio porque, por meio de vós, alcançamos o perdão de nossos pecados. Sois o meio porque, por vosso auxílio, perseveramos na graça de Deus. Sois o fim porque, por intermédio vosso, chegamos ao céu.

S. Maria Madalena de Pazzi, em um êxtase, viu um mar tempestuoso e uma barquinha no meio, na qual se achavam muitos devotos de Maria; ela mesma dirigia o leme, conduzindo a barquinha com segurança para o porto. A Santa compreendeu então que todos os que vivem debaixo da proteção de Maria escapam, apesar de todos os obstáculos, ao naufrágio do pecado, ficam preservados da condenação eterna e alcançam seguramente a eterna salvação. Procuremos, pois, nos acolher àquela feliz barquinha e assegurar nossa eterna salvação sob o manto protetor de Maria.

Se, porém, queremos que Maria nos preste a todo o tempo seu poderoso auxílio, devemos 1. prestar-lhe um culto especial; 2. invocá-la com confiança; 3. amá-la ternamente; 4. imitar as suas virtudes.

§ I. Devemos ter uma devoção especial a Maria

1. Para compreendermos quão sublime é a dignidade que Deus concedeu a Maria, deveríamos compreender a majestade e a grandeza de Deus mesmo. Ele, o Altíssimo, constituiu-a sua mãe; não pre-

cisamos de mais nada para entendermos que lhe era impossível elevá-la a uma dignidade mais alta. Com razão diz Arnoldo de Chartres (De laud. B. M.), que Deus elevou a Santíssima Virgem acima de todos os santos e anjos, fazendo-se seu filho. "O' Senhora minha, exclama S. Anselmo (De conc. B. M.), nada é comparável a vós, porque tudo o mais ou está acima ou abaixo de vós. Deus ùnicamente vos sobrepuja em grandeza e majestade; tudo o mais fica muito abaixo de vós". Numa palavra, a dignidade de Maria é tão sublime, diz S. Bernardino (Ser. 4, a. 3, d. 1, pro fest. B. M.), que só Deus o pode compreender.

Por isso não devemos nos admirar, nota S. Tomás de Vilanova, que os Evangelistas, que dão tantos pormenores a respeito de um S. João Batista e uma S. Madalena, falem tão pouco das prerrogativas de Maria; "bastava que dissessem de Maria que era aquela de quem nasceu Jesus", diz o Santo (Conc. 2, de nat. V.), porque com essas palavras declaravam sua mais sublime prerrogativa, aquilo em que consiste toda a sua glória e, por isso, não era preciso entrar em particularidades. Basta que chamemos Maria a Mãe de Deus, continua S. Anselmo (De excell. V., c. 2); isso só sobrepassa todas as grandezas que se podem imaginar e exprimir depois de Deus. Pedro de Celles diz (De pan., c. 20): "Podes chamá-la como quiseres, de rainha do céu, senhora dos anjos, ou dar-lhe qualquer outro título honroso, nunca a honrarás tanto como chamando-a Mãe de Deus".

A razão disso é muito clara, pois, quanto mais uma coisa se aproxima de sua origem, diz S. Tomás (III, q. 27, a. 5), tanto maior é a perfeição que dela recebe. Ora, Maria é, dentre as criaturas, a que mais perto está de Deus, e, por isso, recebe dele mais graças, mais perfeição e sublimidade. Por isso diz o Pe. Suarez que a dignidade de Mãe de Deus pertence a uma ordem superior a todas as outras dignidade (De inc., p. 2, d. 1, s. 2). Dionísio Cartusiano nota que, depois da união da natureza divina e humana em Jesus Cristo, não há união mais sublime do que a da Mãe de Deus e seu Filho (De laud. B. M., l. 1, c. 35). A união que áqui existe, diz Suárez, repetindo S. Tomás, é a mais íntima possível entre Deus e uma criatura (Loc. cit.); por isso não podia Maria estar mais unida com Deus do que o está realmente em consequência de sua divina maternidade; só se tornando Deus mesmo, o que é impossível. Segundo isso, ensina S. Tomás que Maria, ao tornar-se Mãe de Deus, recebeu, devido a essa união íntima com um bem infinito, uma dignidade infinita, de certo modo chamada por Suárez dignidade infinita em sua espécie.

Essa reflexão motivou a célebre sentença de S. Boaventura (Spec. B. V., lect. 9, 10), que Deus pode criar um mundo maior e um céu mais extenso, mas não pode elevar uma criatura a uma mais alta dignidade que a de Mãe de Deus.

2. Maria não foi só Mãe de Deus, mas também uma mui digna Mãe do Redentor. A Santa Igreja mesma ensina (Resp. 4, in nat. Dni.) que a SS. Virgem mereceu tornar-se Mãe de Deus. E' certo que ela não podia merecer a encarnação do Verbo divino, diz S. Tomás (III, q. 2, a. 11); mas com o auxílio da divina graça mereceu atingir um tal grau de pureza e santidade, que ela se tornou digna Mãe de

um Deus. Deus não quereria certamente fazer-se homem no ventre de uma S. Inês, de uma S. Gertrudes, de uma S. Teresa; pois, apesar de serem santas essas virgens, contudo, estiveram manchadas por algum tempo com a nódoa do pecado original. Não duvidou, porém, fazer-se homem no ventre de Maria, porque esta virgem, que ele mais amou que todas as outras, esteve sempre isenta de toda mancha do pecado e nunca esteve sujeita ao poder da serpente infernal. A Santíssima Virgem não só ficou livre do pecado original, mas também nunca cometeu um pecado pessoal, nem mesmo um venial, pois, contràriamente, não seria uma digna Mãe de Jesus, como nota S. Tomás. Além disso, a divina graça não desceu de gota em gota sobre Maria, como se dá com os outros Santos, mas, conforme predissera David (Sl 71, 6), "como chuva sobre o velo". A alma de Maria absorveu a chuva da graça divina sem perder uma só gota.

As graças que Maria recebeu já na sua conceição não só superavam as graças de cada um dos santos, mas também as de todos os santos juntos. Já no primeiro instante de sua vida recebeu Maria o perfeito uso da razão e uma grande luz celeste que estava em relação com as graças recebidas. Podemos, portanto, com razão, crer que Maria, desde o primeiro instante da união de sua bela alma com seu puríssimo corpo, foi invadida pelos raios de luz da sabedoria divina e que, por isso, possuía uma profunda idéia das verdades eternas, da beleza, da virtude, da infinita bondade de seu Deus, e conhecia claramente quanto Deus merecia ser amado de todos e, em especial, dela mesma. Por isso, desde esse primeiro instante começou Maria a praticar todo o bem que lhe era possível e a aproveitar-se daquele tesouro imenso de graças que lhe fora confiado. Sendo isenta de pecado original, estava também livre de todo o apego terreno, de toda a inclinação desregrada, de toda a revolta dos sentidos, nada havendo, pois, que a impedisse de progredir no divino amor. Livre, pois, de todo o impedimento, elevava-se sua bela alma a todo o instante mais alto, amava a Deus sem interrupção e crescia constantemente em seu amor. Plantada na casa de Deus e regada pelo Espírito Santo, essa bela oliveira tornou-se a sede de todas as virtudes e de toda a perfeição, diz S. João Damasceno (De fid. orthod., l. 4, c. 15).

3. A glória de Maria no céu corresponde à sua dignidade e à sua incomparável santidade. Se, na expressão do Apóstolo (1 Cor 2, 9), o entendimento humano não é capaz de compreender a glória inefável que alcançam os que amaram a Deus aqui na terra, quem então poderá compreender, pergunta S. Bernardo, a glória que Deus concedeu a Maria, sua amada Mãe, que durante sua vida mais o amou que todos os santos e anjos juntos? Com razão, pois, diz a Santa Igreja que Maria foi elevada acima de todos os anjos no céu, porque amou mais a Deus do que eles todos. Acima de si Maria vê unicamente seu Filho, que é o Filho Unigênito de Deus. Ao passo que os coros de anjos e santos são distribuídos em três jerarquias, Maria constitui uma jerarquia própria, que está acima de todas as outras e imediatamente abaixo de Deus.

Segundo S. Ildefonso (Sermo 2 de Assumpt.), é certo que as boas obras de Maria sobrepujam muito a todo bem que fizeram os

demais santos; por isso é impossível compreender a recompensa que ela alcançou. E se, conforme S. Paulo (Rom 2, 6), não resta dúvida de que Deus nos recompensa segundo os méritos, então devia a Santíssima Virgem, cujos merecimentos são maiores que os de todos os santos e anjos, ser elevada acima de todos os coros celestiais, diz S. Tomás (S. de Ass. ex Ep.).

Um sábio escritor, o Pe. La Colombière, nota que a glória de Maria é uma glória completa e inteira e, assim, se distingue da glória de todos os outros santos. Os santos gozam, no céu, de uma paz perfeita e uma imensa satisfação; mas, apesar disso, é certo que nenhum deles alcançou o grau de glória que poderia ter alcançado se tivesse servido a Deus com maior fidelidade e o tivesse amado mais intensamente. Maria, porém, não só nunca obscureceu nem por sombra a graça de Deus, mas também não deixou um só instante de aproveitar dela; não praticou nenhuma ação que não tivesse sido meritória; nunca disse uma palavra, nunca teve um pensamento, nunca deu um suspiro sem referir tudo isso à maior glória de Deus; seguiu sempre e com todas as suas forças o impulso da divina graça e amou a Deus tanto quanto ela podia amá-lo.

Os demais santos brilham todos por uma virtude especial: este se santificou por seus trabalhos em prol da salvação das almas; aquele, por sua vida penitente; este, pelos martírios suportados; aquele outro, pela contemplação. A Santíssima Virgem, porém, que estava cheia de todas as graças, passou todos os santos em todas as virtudes. Por isso se diz dela: "A rainha está à tua direita, em vestes de ouro, cercada de variedades" (Sl 44, 10), isto é, todas as graças, todos os dons e todos os merecimentos dos demais santos estão reunidos em Maria, de modo que, segundo S. Basílio (Sermo in Ann.), a glória da divina Mãe sobrepassa tanto a glória dos outros santos, quanto a luz do sol o brilho de todos os demais astros.

Dediquemo-nos, pois, inteiramente ao serviço de Maria; honremo-la e amemo-la de todas as forças. Digamos-lhe, com S. Boaventura: "O' Rainha minha, submeto-me por completo a vosso império, para que me dirijais e conduzais segundo o vosso beneplácito. Não me deixeis jamais entregue a mim mesmo, disponde de mim como vos aprouver".

§ II. Devemos recorrer com confiança a Maria

I. — Como nota S. Boaventura (Spec. B. V., lect. 6), Maria goza junto de seu divino Filho do insigne privilégio de alcançar tudo o que pede. Grande é o poder materno sobre os filhos; mesmo quando os filhos são monarcas e têm um poder ilimitado sobre os súditos de seu reino, as mães nunca são consideradas como súditas de seus filhos. E' verdade que Jesus Cristo, que agora está sentado à direita de seu Pai, exerce o supremo domínio sobre todas as criaturas e, por conseguinte, também sobre Maria; não obstante isso, é certo que o divino Salvador, quando peregrinava sobre a terra, quis se humilhar até se tornar súdito de Maria, como atesta S. Lucas, dizendo: "E ele estava sujeito a eles" (Lc 2, 51).

Ainda que no céu a Santíssima Virgem não possa mais dar ordens a seu Filho, seus rogos, contudo, são rogos de uma mãe e, por isso, muito eficazes, de forma que Maria consegue tudo o que pede. Ricardo de S. Lourenço diz até que Maria é onipotente, porque, segundo todas as leis, a rainha deve gozar dos mesmos privilégios que competem ao rei, e por isso o Filho todo-poderoso fez a Mãe onipotente (De laud. B. M. lect. 4). O Filho é onipotente por sua natureza; a Mãe, pela graça. S. Bernardo diz (Sermo de Aquaed.): "Deus colocou em Maria a plenitude de todo o bem e, por isso, devemos ficar convencidos que, se não estamos inteiramente privados da esperança da graça e da salvação, o devemos àquela que é um jardim de delícias repleto dos perfumes das graças celestiais que se expandem por toda a parte". O mesmo Santo atesta, em outro lugar, que a Santíssima Virgem, no momento em que se tornou Mãe de Deus, recebeu um certo direito de dispor de todas as graças que nos são concedidas. "Pela Santíssima Virgem passam todas as graças vivificantes da cabeça a seu corpo místico, diz ele; desde que a Virgem Mãe concebeu em seu ventre o Verbo de Deus, dispõe ela, por assim dizer, ilimitadamente sobre todas as operações do Espírito Santo *ad extra*, de modo que nenhuma criatura recebe uma graça se Maria não a requerer a Deus" (Sermo de Nat. M. V., c. 8). "Todas as graças, todos os dons e todas as virtudes passam por suas mãos àqueles a quem ela os quer comunicar". O mesmo ensina S. Boaventura, quando diz: "Visto que no seio da Santíssima Virgem habitou toda a essência divina, não duvido afirmar que a Santíssima Virgem, de cujo seio, como de um mar da divindade, correm todas as torrentes de graça, tem em seu poder, de certo modo, todas as graças". Baseados na autoridade dos Santos, muitos teólogos defenderam, como tanto direito como profunda piedade, a opinião de que não recebemos nenhuma graça a não ser por intermédio de Maria. S. Bernardo nos exorta, por isso, a recorrer em toda a ocasião a Maria, pois que seus rogos são sempre atendidos por seu Filho.

II. — Se, porém, existir alguém que, apesar de não duvidar de seu poder, desconfia de sua bondade, S. Boaventura o anima, dizendo: "Grande e único em si é o privilégio de Maria de alcançar de seu Filho tudo o que ela pede". Mas de que nos servirá esse poder, se Maria não cuida de nós? Oh! não duvidemos; agradeçamos incessantemente ao Senhor e à sua Santíssima Mãe, porque, assim como ela é uma advogada muito mais poderosa junto de Deus do que todos os Santos, do mesmo modo é mais amorosa e cuidadosa de nosso bem do que todos eles" (Spec. B. V. I. 6).

Maria é nossa Mãe, não segundo a carne, mas segundo o espírito: ela é a mãe de nossas almas e de nossa salvação. Segundo a doutrina dos Santos Padres, Maria tornou-se nossa mãe em duas ocasiões diferentes. Primeiramente, quando concebeu em seu seio virginal o Filho de Deus. Quando o Anjo do Senhor lhe anunciou que o Verbo Eterno esperava seu consentimento para tornar-se seu Filho, deu-lho ela e encomendou a Deus, com um amor indizível, a nossa eterna salvação, como diz S. Bernardino de Sena: ela se consagrou então de tal forma à obra de nossa salvação, que, desde aquele instante, como

a mais carinhosa das mães, nos trouxe sempre em seu coração (Pro fest. B. V. M., s. 8). A segunda vez foi quando nos regenerou para a graça, oferecendo ao Eterno Pai, pela nossa salvação, entre tantas dores, a vida de seu mui amado Filho.

S. Agostinho (De S. Virg., c. 6) ensina que Maria, cooperando então com seu amor, para que os fiéis renascessem para a vida da graça, tornou-se a mãe espiritual de todos os homens.

Se, porém, Maria é nossa Mãe, seu amor para conosco é sobremaneira grande. O amor dos pais para com seus filhos foi-lhes implantado no coração pela natureza. Maria, por isso, nos fala com as palavras da Sagrada Escritura: "Acaso pode uma mulher esquecer-se de seu filho, de sorte que não tenha compaixão do filho de suas entranhas?" E se acontecesse o impossível, que uma mãe se esquecesse de seu filho, "eu não me esquecerei de ti", porque é impossível que eu não me recorde de uma alma que adotei por minha filha.

A Santíssima Virgem já nos ama por isso que ela ama a Deus, pois o amor de Deus e o amor do próximo, segundo S. João (Jo 4, 21), são inseparáveis.

Além disso, ela nos ama porque lhe fomos recomendados por seu divino Filho quando, ao expirar, lhe dirigiu as palavras: "Mulher, eis aí teu filho" (Jo 19, 26).

Ama-nos também porque, por nossa causa, sofreu tão grandes dores; as mães geralmente amam mais aqueles filhos cuja vida pagaram com um maior número de sofrimentos e penas. Ora, nós somos aqueles filhos por cuja causa Maria se sujeitou ao mais penoso sacrifício de oferecer a Deus a vida de seu querido Jesus, visto que, para nos alcançar a vida da graça, se resignou a vê-lo morrer sob o peso de indizíveis dores.

Aí encontramos um novo motivo por que Maria nos ama tanto: ela vê em nós o preço do sangue de Jesus Cristo; como, pois, não nos amar ternamente, se seu Filho nos amou até sacrificar sua vida por nossa causa?

Maria, pois, consagra a nós todos um amor e compaixão de mãe. Ela deseja fazer-nos bem e conceder-nos graças muito mais ardentemente do que nós mesmos as desejamos receber. "Ela se antecipa aos que a desejam" (Sab 6, 14). Estas palavras da Sagrada Escritura Alberto Magno aplica-as a Maria, porque ela, de fato, antecipa aqueles que a ela recorrem, para que eles a encontrem já antes de começarem a procurá-la.

III. — Quão grande não deve ser, pois, a nossa confiança em Maria. Sabemos que ela é sumamente bondosa e misericordiosa, não havendo uma só alma na terra que não participe da benevolência e liberalidade de Maria. Com razão, pois, lhe diz S. Boaventura (Ct. p. Psalt.): "O' salvação dos que vos invocam, salvai-me". Quer com isso dizer que, para ser socorrido por Maria, basta invocar sòmente essa mãe amorosa. Ela tem o mais ardente desejo de consolar a todos; apenas é invocada por alguém, já atende com benevolência sua súplica e socorre-o. Passarão antes os céus e a terra do que Maria negar sua assistência àquele que a invocar com pura intenção e nela colo-

car sua confiança, diz S. Basílio (Par. an. fid., p. 1, c. 18). Quem, pois, invocar com confiança a Santíssima Virgem, pode esperar dela todas as graças e, em especial:

1. *Conversão sincera.* — Nosso Senhor constituiu Maria rainha de misericórdia, para que ela salve com seu auxílio até os maiores e mais abandonados pecadores, contanto que estes se recomendem a ela. Conforme a palavra do Espírito Santo, seu Esposo, os pecadores deverão formar sua corte no céu: "Vem do Líbano, minha esposa, vem e serás coroada, vem dos covis dos leões e dos montes dos leopardos" (Cânt 4, 8). Por esses animais ferozes se entendem os pecadores, cujas almas são os jazigos dos pecados, isto é, dos mais abomináveis monstros que existem. A salvação desses pobres pecadores, diz o Abade Ruperto (in Ct, l. 3), será a coroa de Maria no céu, coroa que quadra admiràvelmente à rainha de misericórdia.

Se, pois, tivemos a desgraça de perder a graça de Deus, procuremos readquiri-la e isso por meio de Maria, porque, se perdemos a graça, Maria achou-a. Isso nos deu a entender o Anjo, para nossa consolação, quando disse à Santíssima Virgem: "Não temas, Maria, pois que achaste graça diante de Deus" (Lc 1, 30). Só se encontra aquilo que antes não se tinha. A Santíssima Virgem, porém, esteve sempre unida a Deus e possuía sempre a sua graça; foi até sempre cheia de graça, como declarou o Arcanjo, ao saudá-la: "Ave, ó cheia de graça, o Senhor é contigo" (Lc 1, 28).

Maria, portanto, não achou a graça para si mesma. Para quem, então? Responde o Cardeal Hugo que foi para os pecadores que a tinham perdido. Recorram, pois, a Maria, continua esse piedoso escritor, os pecadores que perderam a graça, que certamente a encontrarão junto dela, e digam-lhe cheios de confiança: O' Virgem sublime, uma coisa achada deve ser entregue a quem a perdeu; por isso deveis dar-nos novamente a graça que perdemos. Oh! se todos os pecadores recorressem a essa mãe benigna, alcançariam todos, sem dúvida alguma, o perdão.

S. Bernardo diz: Se uma mãe soubesse que seus dois filhos se odeiam mùtuamente e que procuram dar cabo da vida um do outro, certamente empregaria todos os meios para reconciliá-los entre si. Ora, Maria é a mãe de Jesus e a mãe dos homens. Se ela, pois, vê um pecador que é inimigo de Jesus Cristo, emprega todos os esforços para reconciliá-lo com ele. Ela não exige dele senão que se recomende a ela e tenha vontade de se emendar. Se vê a seus pés um pecador que suplica, não olha para a culpa que pesa sobre ele, mas para a intenção com que vem. Sendo boa sua intenção, recebe-o benignamente, mesmo que tenha cometido todos os pecados do mundo; procura então com todo o zelo curar todas as suas chagas, porque ela é mãe de misericórdia não só de nome, mas na realidade.

2. *Progresso nas virtudes.* — Diz-se dos devotos de Maria que estão vestidos com uma veste dupla: "Todos os seus domésticos trazem vestidos duplos" (Prov 31, 21). Maria reveste seus servos fiéis, como nota Cornélio a Lápide, com suas próprias virtudes e com as

de seu Filho. A Igreja aplica a Maria as palavras: "Na plenitude dos santos se acha a minha permanência" (Eclí 24, 16). Com isso quer dar-nos a entender, como diz S. Boaventura (Spec. B.V. lect. 7), que Maria conserva seus devotos na santidade e cuida que eles não voltem atrás. Segundo S. Antônio se podem aplicar a Maria aquelas palavras da Sagrada Escritura: "Vieram-me todos os bens juntamente com ela" (Sab 7, 11). Quem encontra Maria, acha nela todas as graças e todas as virtudes. Ela mesma nos assegura que possui todas as riquezas de Deus para comunicá-las a seus fiéis servos: "Comigo estão as riquezas e a glória, a magnífica opulência, para enriquecer aos que me amam" (Prov 8, 18-21). Por isso devemos dirigir continuamente nossas vistas para Maria, diz S. Boaventura (Spec. B. V., lect. 3), para que alcancemos, por seu intermédio, as virtudes que desejamos. Oh! quantos soberbos não se tornaram humildes pela devoção a Maria, e quantos coléricos, brandos e mansos.

3. *Vitória nas tentações.* A invocação de Maria é o meio mais seguro para superar todos os ataques do demônio, pois o poder da Santíssima Virgem faz tremer os espíritos maus. Maria é terrível ao demônio "como um exército em ordem de batalha" (Cânt 6, 3), desde que ela emprega engenhosamente seu poder, sua misericórdia e suas orações para confusão de seus inimigos e salvação de seus servos.

Foi revelado a S. Brígida (Sermo ang., c. 20) que Deus concedeu um tal poder a Maria sobre os maus espíritos, que eles, a um só gesto dela, fogem aterrorizados e quereriam antes ver duplicados seus tormentos que serem vencidos pelo poder de Maria. Seu nome só já basta para confundir todos os planos do inferno. Tomás de Kempis (Ad nov., s. 23) diz: "Assim como os homens aterrorizados caem por terra, quando o raio cai ao pé deles, do mesmo modo os demônios são esmagados, quando ouvem chamar o nome de Maria".

Oh! quantas vitórias gloriosas já alcançaram os devotos de Maria pela invocação desse santo nome. S. Antônio de Pádua, o beato Henrique Suso e muitos outros devotos de Maria deveram à invocação desse nome as vitórias sobre seus inimigos.

Em verdade, sobremaneira glorioso e admirável é o vosso excelso nome, ó Maria! Os que se recordam dele e o pronunciam, não temem o inferno inteiro, pois os demônios, ao ouvirem o nome de Maria, deixam em paz a alma. Nenhum exército aqui na terra teme tanto seu inimigo como os poderes infernais temem o nome de Maria. Oh! se os cristãos se esforçassem por invocar com confiança a Maria em todas as tentações, certamente nunca cairiam no pecado.

4. *Consolação nos sofrimentos.* — O piedoso Landsperg (Alloq. l. 1, p. 4, can. 12) faz o Senhor falar aos homens da seguinte forma: O' homens, ó pobres filhos de Adão, que viveis no meio de tantos inimigos e de tão grande miséria; venerai com especial amor a vossa e minha Mãe, porque eu vos dei Maria como protetora, para que nos vossos sofrimentos recorrais a ela. Criei essa minha Filha de tal maneira que ninguém a pode temer nem sentir repugnância em invo-

cá-la; dei-lhe um coração sumamente bondoso e compassivo, para que não despreze ninguém que recorrer a ela e não recuse graça alguma a quem lha pedir.

Por isso tem razão S. Germano, quando diz a Maria, cheio de confiança: "O' minha Soberana, vós sois a única consolação que Deus me deu; sois minha guia em minha peregrinação, minha fortaleza em minha fraqueza, minha riqueza em minha miséria, o remédio para minhas chagas, o alívio para minhas dores, a esperança de minha salvação. Ouvi, eu vos suplico, meus instantes rogos; compadecei-vos de meus gemidos, ó minha rainha, meu socorro, minha vida, meu auxílio, minha esperança, minha fortaleza" (Encom. in S. Deip.).

5. *Assistência na hora da morte.* — "Aquele que é amigo ama a todo o tempo e o irmão conhece-se nos transes apertados" (Prov 17, 17). Enquanto alguém vive na felicidade, é procurado por seus amigos terrenos; se, porém, lhe sucede alguma desgraça ou lhe advém a morte, seus amigos o abandonam. Maria, porém, não procede assim. Essa boa Mãe não abandona seus servos fiéis em seus sofrimentos; socorre-os em toda a necessidade e em especial na hora da morte, quando os sofrimentos são maiores. Como ela é nossa vida em nosso exílio na terra, também será nossa doçura no fim de nossa peregrinação terrestre, alcançando-nos uma morte plácida e feliz.

S. Jerônimo escreve a Eustoquium que Maria vem ao encontro de seus amados servos em caminho para a vida eterna, para animá-los e acompanhá-los ao tribunal de Deus. Isso confirma a própria Mãe de Deus, dizendo a S. Brígida: "Vou ao encontro de meus devotos no momento de sua morte, para que sejam consolados e aliviados" (Rev., l. 1, c. 20).

A sobredita Santa estava muito temerosa sobre a salvação eterna de seu filho, que morrera no perigoso estado de guerreiro. Maria lhe revelou, porém, que ele se salvara por causa da devoção que lhe consagrava; ela mesma o tinha assistido na morte e inspirado os atos necessários das virtudes cristãs.

Quão feliz serás também tu, alma cristã, se, por tua devoção a Maria, te assegurares de sua presença na hora de tua morte.

6. *Mitigação das penas do purgatório.* — Maria, entretanto, não se contenta com a assistência que presta a seus servos na vida e na morte; ela socorre-os também e os consola no purgatório. Justamente porque as almas do purgatório necessitam de maior consolação em vista de suas grandes penas e de sua impotência em se socorrerem a si mesmas, essa Mãe de misericórdia é tão solícita em auxiliá-las.

Segundo S. Bernardino de Sena (Pro fest. B. V., s. 3, a. 2, 3), possui Maria o especial privilégio não só de poder consolar essas esposas de Jesus Cristo em sua prisão, como também de as livrar de suas penas. Ela não desdenha descer de tempos a tempos a essa prisão para consolar, com sua presença, a esses seus filhos atribulados e mitigar suas penas. Em razão de seus merecimentos, não só são reduzidas as penas das almas do purgatório, como também encurtado o tempo da purificação.

Podemos esperar também para nós todas essas graças, se formos verdadeiros devotos de Maria. E até por que não poderíamos esperar, se a amarmos ternamente, que seremos recebidos imediatamente no céu, depois de nossa morte, sem passar pelo purgatório?

Agradeçamos, pois, a Deus por nos ter dado essa tão boa mãe e repitamos as belas e ternas palavras de S. Bernardo: "O' clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria. Sois clemente com aqueles que vivem na miséria; piedosa com aqueles que vos invocam; doce para aqueles que vos amam. Sois clemente para com os penitentes, piedosa com os devotos, doce com os perfeitos. Patenteais vossa clemência, apaziguando a cólera divina, vossa bondade, distribuindo preciosas graças, vossa doçura, consagrando-vos a todos que vos procuram" (Med. in Sal. Reg.).

"O' homem, diz a cada um de nós S. Bernardo, olha para Maria, invoca a Maria. Nos perigos de pecar, em atrozes tentações, em tuas indecisões, recorda-te que em Maria possuis uma poderosa protetora e apressa-te em recorrer a ela. Seu nome poderoso esteja sempre em teu coração pela confiança nela; esteja sempre em teus lábios pela constante invocação dela. Se seguires a Maria não te desviarás do caminho da salvação; se te recomendares a ela, não precisas temer; se ela te segurar, não cairás; se ela te proteger, nada tens a temer; se te defender, sem dúvida alguma chegarás ao reino da bem-aventurança" (De laud. V. M., hom. 2).

§ III. Devemos amar ternamente a Maria

Se no mundo inteiro se louvasse a Maria, se em todos os sermões se falasse só de Maria, se todos os homens dessem sua vida por Maria, tudo isso seria ainda muito pouco em comparação com a veneração e gratidão que lhe devemos pelo terno amor que ela consagra a todos os homens e que ela não nega nem mesmo aos mais miseráveis pecadores que ainda conservam em seus corações uma pequena devoção a ela.

A Santíssima Virgem declarou (nas palavras que a Santa Igreja lhe aplica) que não pode deixar de amar os que a amam (Prov 8, 17). Ela ama a todos os homens com um verdadeiro amor de mãe, mas dedica um amor mais terno àqueles que a amam. O' dulcíssima Mãe Maria, feliz de quem vos ama! S. João Berchmans costumava dizer: Se eu amar a Maria, estou seguro de minha perseverança e alcanço de Deus tudo o que desejo. Por isso o piedoso jovem não se cansava de exclamar: "Quero amar a Maria; quero amar a Maria!"

Esta generosa rainha não se deixa vencer em amor por seus devotos; segundo o exemplo de Jesus Cristo, nosso amantíssimo Redentor, paga ela duplamente o amor que se lhe dedica com seus benefícios e graças.

Por isso devemos ter muito a peito amar ternamente a Maria e provar-lhe com obras o nosso amor. Façamos isso principalmente: 1) saudando muitas vezes nossa Mãe celestial; 2) visitando-a a miúdo; 3) pronunciando sempre seu nome; 4) tomando parte nas suas dores; 5) promovendo, segundo nossas forças, a sua honra.

1. A saudação que Maria recebe com mais gosto de nossos lábios é a saudação angélica. Todas as vezes que lha dirigimos fazemos a Santíssima Virgem experimentar, de certo modo, aquela mesma alegria que sentiu quando o Arcanjo Gabriel lhe ofereceu a dignidade de Mãe de Deus. A resposta que Maria nos envia consiste todas as vezes numa graça especial. Ela mesma prometeu a S. Gertrudes que lhe concederia, na hora da morte, tanto mais graças quanto mais vezes ela a saudasse durante a vida com a Ave-Maria.

Por isso, será muito bom se acostumar aos seguintes exercícios: Primeiro, rezem-se, de manhã e à noite, três Ave-Marias e, depois de cada uma delas, diga-se: Por vossa santa e imaculada conceição, ó Maria, purificai meu corpo e santificai minha alma. Em segundo lugar, reze-se, de manhã, ao meio-dia e à tarde, o "Anjo do Senhor", com as três Ave-Marias de costume. Em terceiro lugar, saúde-se, todas as vezes que o relógio der horas, a Santíssima Virgem com uma Ave-Maria. Em quarto lugar, reze-se a saudação angélica todas as vezes que se sair ou entrar em casa. Em quinto lugar, recite-se no começo e no fim de cada ação uma Ave-Maria; faça-se o mesmo em todas as tentações, em todos os perigos, em todas as erupções de cólera e ocasiões semelhantes. Em sexto lugar, reze-se muitas vezes o rosário e, quanto possível, juntamente com outros. Oh! quantos não foram purificados de seus pecados pelo rosário; quantos, levados a uma vida santa! Quantos, que estão agora no céu, não devem a esta oração o terem tido uma boa morte!

2. Os devotos de Maria costumam visitar com especial devoção as imagens e igrejas que lhe são dedicadas. Esses lugares são, segundo S. João Damasceno, asilos que nos põem a seguro contra as tentações e os castigos que merecemos por nossos pecados. A primeira coisa que costumava fazer S. Henrique, imperador, quando chegava a uma cidade, consistia em visitar alguma igreja dedicada a Maria.

Procuremos também nós visitar todos os dias nossa rainha, em qualquer igreja ou capela, ou oferecer-lhe nossos obséquios em nossa própria habitação. Seria, por isso, muito para desejar que houvesse em cada casa uma bela imagem da Santíssima Virgem Maria, ornada de cortinas, flores, velas ou lâmpadas e diante da qual se rezassem cotidianamente as ladainhas da Mãe de Deus e o santo rosário.

3. As crianças têm sempre na boca o nome de sua mãe. Em todos os perigos e em tudo que as espanta, exclamam logo: Mãe, mãe! Assim também devemos proceder para com nossa amantíssima Mãe Maria. Em toda a necessidade devemos invocar, cheios de confiança, o seu santo nome. O nome de Maria, diz S. Antônio de Pádua, é como o nome de seu Filho, alegria para o coração, mel para a boca, melodia para os ouvidos de seus servos. Ele contém em si uma inefável plenitude de bens, como o mesmo divino Salvador o revelou a S. Brígida. Esta Santa ouviu uma vez o Senhor dizer a sua Mãe que quem invocar seu nome com confiança e com o propósito de se emendar, receberá três graças especiais: primeiro, uma contrição perfeita de seus pecados; segundo, a força e a vontade de fa-

zer penitência e chegar à perfeição; terceiro, a glória celeste (Rev. l. 1, c. 50).

4. As grandes dores que Maria sofreu por nossa causa lhe dão certamente direito à nossa compaixão e gratidão. Maria sentiu o mais atrozmente possível na sua alma tudo o que Jesus sofreu no seu corpo; a vista dos tormentos de seu Filho afligia mais o seu coração do que se ela mesma tivesse de sofrer tudo isso. O Salvador quis morrer sòzinho para nos remir; vendo, porém, Deus o ardente desejo de Maria de se sacrificar também pela salvação dos homens, permitiu que ela, pelo sacrifício e oferecimento da vida de seu Filho, concorresse para a nossa redenção e se tornasse assim a mãe de nossas almas. Deu-nos à luz para a vida eterna com grandes dores, de modo que todos nós podemos ser chamados filhos das dores de Maria.

Um tal amor da parte de nossa Mãe merece seguramente toda a nossa gratidão; que ela nos leve a considerar a miúdo suas dores e mostrar-lhe nossa compaixão.

5. O amor dos que se gloriam de ser devotos de Maria, mas que pouco se esforçam em falar dela e ganhar-lhe outros corações, é, em todo o caso, um amor muito fraco. Os verdadeiros devotos desta rainha sumamente amável procedem mui diversamente; desejariam anunciar por toda a parte os seus louvores e conquistar-lhe todos os corações. Por isso procuram acender nos corações dos outros as chamas do amor em que se abrasam seus próprios corações.

Conforme S. Boaventura, aqueles que se empenham em propagar o culto de Maria estão seguros de sua salvação. A divina Mãe mesma pronunciou estas consoladoras palavras a respeito dos que se esforçam por fazê-la conhecida e amada na terra: "Os que me esclarecem, terão a vida eterna" (Ecli 24, 31).

O' bondosíssima Virgem Maria, tivesse eu mil-línguas para publicar a todos os homens a vossa grandeza, a vossa glória e a vossa misericórdia. Possuísse eu riquezas, que as empregaria em honra vossa. Tivesse eu súditos, fá-los-ia todos devotos vossos. Desejaria sacrificar em honra vossa tudo, sim, tudo até a minha própria vida. Sim, minha dulcíssima Mãe, quero amar-vos ternamente e empregar todos os esforços para que sejais amada também dos outros. Aceitai benignamente meu desejo de amar-vos e auxiliai-me para que ele se realize.

§ IV. Devemos imitar as virtudes de Maria

S. Agostinho diz (Sermo 325): "Para nos assegurarmos da proteção dos santos e atrairmos em grandes proporções sobre nós os seus favores, devemos imitar suas virtudes". Quando eles vêem que nos esforçamos para entrar em suas pegadas, sentem-se mais dispostos a interpor em nosso favor suas valiosas súplicas. Por isso Maria, a Rainha dos Santos, felicita (com as palavras que a Igreja lhe aplica) aqueles que se empenham em segui-la. "Ouvi-me, filhos meus, felizes aqueles que não se afastam de meu caminho" (Prov. 8, 32). Ricardo de S. Lourenço (De laud. B. V., l. 2, p. 5) diz que só merece o belo nome de filho de Maria quem se esforça em viver do mes-

mo modo que ela viveu. Se alguém, pois, quiser alcançar suas graças, conclui S. Bernardo, deverá imitar suas virtudes, porque ele tratará como filho só aquele que a tratar como mãe (Sermo 1, in Salv. Reg.).

Pouco se acha nos Evangelhos sobre as virtudes de Maria; sendo, porém, chamada "cheia de graça" (Lc 1, 28), podemos sem medo afirmar que possuía todas as virtudes em alto grau. S. Tomás diz (Exp. in Salut. Ang.) que cada um dos demais santos se salientou em uma ou outra virtude; a Santíssima Virgem, porém, foi perfeita em toda a espécie de virtude. Por isso nos diz S. Ambrósio: "Considerai Maria como o modelo de vossa vida e aprendei dela o que deveis emendar, o que deveis evitar e como vos comportar" (De virgin., l. 2). Sigamos o conselho deste Santo e, para isso, lancemos um olhar ao menos para aquelas virtudes em que Maria se salientou em especial.

1. *Fé.* — S. Irineu diz: "Maria reparou, por sua fé, o mal que Eva causou por sua descrença (Adv. hær., l. 3, c. 33). Eva deu mais crédito à serpente do que a Deus e introduziu, assim, a morte no mundo; Maria creu no Anjo, que lhe anunciava que seria ela a Mãe do Salvador, permanecendo, entretanto, virgem, e trouxe assim a salvação ao mundo. Em razão dessa fé mereceu o louvor de Isabel: "Bem-aventurada és tu que creste, porque se cumprirá aquilo que te foi dito da parte do Senhor" (Lc 1, 45). S. Agostinho diz a esse respeito: "Maria é mais digna de louvor por ter recebido em seu coração o Senhor por sua fé, do que por tê-lo concebido em seu seio maternal" (De S. Virgin., c. 4).

Conforme a doutrina do Pe. Suárez, a Santíssima Virgem possuía a virtude da fé em um grau mais elevado que todos os anjos e homens juntos. Ela via seu Filho no presepe de Belém e cria que ele era o Criador do céu e da terra. Via-o fugir de Herodes e tinha-o em conta de Rei dos reis. Fora testemunha de seu nascimento temporal e cria que ele era eterno. Via-o necessitado e deitado sobre palha e adorava-o como Deus onipotente. Ouvia-o chorar e tinha-o por aquele que constitui as delícias do céu. Viu-o sujeito à morte infame da cruz e conservou-se firmemente persuadida de que ele era Deus, enquanto todos os outros vacilavam na fé.

"Debaixo da cruz de Jesus estava Maria, sua Mãe" (Jo 19, 25). Nota S. Antonino a estas palavras: "Maria estava em pé debaixo da cruz, fortalecida pela fé na divindade de seu Filho" (P. 4, t. 15, c. 41, § 1). "Deu uma brilhante prova de sua fé, diz S. Alberto Magno, permanecendo inabalável, enquanto que os discípulos começavam a vacilar" (Sermo 1, in Lc).

Em vista dessa sua fé inabalável S. Metódio (De Sim. et An.) a chama "a luz dos fiéis" e S. Cirilo de Alexandria "a rainha da verdadeira fé" (Hom. 4 int. div.). A Santa Igreja, porém, lhe atribui a vitória sobre todas as heresias e saúda-a com as palavras: "Alegrai-vos, ó Virgem Maria, porque vós só aniquilastes todas as heresias no mundo universo". "Imitai, portanto, imitai a Maria, exorta-nos S. Ildefonso (Sermo 1, de Assumpt.), que está diante de vós como um modelo perfeito de fé". O Apóstolo diz (Heb 10, 38): "Meu

justo vive da fé". Maria levava uma tal vida de fé, e nisso se distingue daqueles cuja vida não está em harmonia com a fé e cuja fé é morta, segundo a expressão do Apóstolo (Tgo 2, 26).

Peçamos, pois, à Santíssima Virgem que nos alcance pelos merecimentos de sua fé uma fé viva e firme.

2. *Esperança.* — Da fé nasce a esperança. Tendo Maria possuído a virtude da fé em sumo grau, também se distinguiu pela grandeza de sua esperança. Ela podia, em verdade, dizer com o Salmista (Sl 72, 28): "Para mim é bom unir-me a Deus e pôr no Senhor minha esperança". A Santíssima Virgem deu uma prova de sua grande confiança em Deus, quando percebeu às dúvidas de seu esposo S. José que, ignorando os mistérios de sua maternidade divina, tencionava abandoná-la. Parecia de todo necessário revelar a S. José o mistério; Maria, porém, não queria descobrir pessoalmente a graça recebida, e preferiu entregar-se inteiramente à divina Providência, na firme confiança de que Nosso Senhor haveria de proteger sua inocência e boa fama.

Além disso, demonstrou Maria sua confiança em Deus quando, próxima a dar à luz, foi rejeitada das estalagens dos pobres e se viu obrigada a dar à luz seu Filho em um estábulo. "Colocou-o em um presépio, porque não havia para eles lugar nas estalagens" Lc 2, 7). Não pronunciou então nenhuma queixa, porque tinha confiança de que Deus não a abandonaria nesse estado de necessidade.

Mais tarde, quando S. José lhe anunciou que deveria fugir para o Egito, patenteou novamente uma grande confiança na divina Providência, pois, na mesma noite, encetou prontamente a viagem para aquele país estranho e desconhecido e até sem meios de subsistência, sem dinheiro, sem outra companhia além de uma criança desvalida e de seu pobre esposo.

Em mais viva luz ainda brilha sua confiança quando, nas núpcias de Caná, pediu vinho para os convidados. À sua advertência de que não havia mais vinho, deu o divino Salvador a seguinte resposta: "Mulher, que me vai a mim e a ti nisso? ainda não é chegada a minha hora" (Jo 2, 4). Apesar dessa resposta aparentemente negativa, Maria não deixou de esperar na bondade de Deus e significou aos criados da casa que deveriam fazer tudo que seu Filho lhes dissesse; pois ela esperava firmemente que ele lhe concederia a graça exorada. De fato, mandou Jesus que enchessem as talhas com água e transformou-a em vinho.

Aprendamos de Maria a ter uma confiança inabalável em Deus, principalmente em tudo que se relaciona com nossa salvação eterna.

3. *Amor de Deus.* — Como nota S. Bernardo (Sermo 29, in Cant.), o amor divino ferira tão profundamente o coração de Maria, de modo que até a mínima partezinha dela estava repleta de amor. Maria podia exclamar, com toda a razão: "Meu Amado é meu e eu sou dele" (Cânt 2, 16), e os próprios Serafins poderiam descer do céu, diz Ricardo de S. Vítor, para aprenderem dela a amar. Deus, que é o amor (1 Jo 4, 16), veio à terra para acender em todos os corações o fogo do divino amor. Seu coração era todo "fogo e chamas", co-

mo se diz nos Cânticos (Cânt 8, 6); fogo, porque o ardor do amor o penetrava internamente; chama, porque o amor se patenteava também externamente pelo exercício de todas as virtudes. S. Boaventura afirma que Maria nunca foi tentada pelo inferno justamente em razão da grandeza de seu amor (Sermo 4, a. 3, c. 2, pro fest. V. M.), porque, como as moscas fogem de um grande fogo, diz ele, assim os demônios fugiam do coração de Maria, que era um braseiro de amor, e não ousavam aproximar-se dela.

A Santíssima Virgem não tinha aqui na terra outro objeto para seus pensamentos e desejos além de Deus, como ela mesma o revelou a S. Brígida (Rev. l. 1, c. 10). Ela vivia em uma constante meditação de seu Deus e fazia continuamente atos de amor, diz Suárez (De Inc., p. 2, d. 18, s. 4). Mais ainda me agrada o que diz S. Bernardino, a saber, que Maria não praticou o amor de Deus como os demais Santos, por meio de repetidos atos, mas sua vida inteira, por um especial privilégio, que Deus lhe concedera, foi um ininterrupto ato de amor. O próprio sono não impedia Maria de amar a Deus. Enquanto seu corpo descansava, sua alma vigiava, e, assim, cumpriam-se nela as palavras da Escritura: "Sua lâmpada não se extinguirá de noite" (Prov 31, 18). Com a Esposa dos Cânticos, podia dizer: "Eu durmo, mas meu coração vela" (Cânt 5, 2).

Segundo S. Alberto Magno, Maria estava tão repleta do amor de Deus, que uma pura criatura não a poderia sobrepujar nesse ponto (Sup. M., q. 61, § 2). Por causa desse seu amor tornou-se tão agradável a Deus, que ele quis tomar a natureza humana no seu seio.

Porque Maria consagra a Deus um amor tão grande, o que ela mais ardentemente deseja de seus devotos é que eles amem a Deus com todas as suas forças. Se quisermos que a chama do amor que devorava seu coração se apodere também do nosso, devemos simplesmente dirigir-nos a ela com ardentes rogos e seremos atendidos.

4. *Amor do próximo.* — S. Catarina de Gênova disse um dia ao Senhor: "Senhor, quereis que ame a meu próximo e eu não posso amar nada fora de vós". O Senhor, porém, respondeu-lhe: "Quem me ama, ama também todos aqueles que eu amo". Ora, não tendo existido jamais, nem havendo de existir uma criatura que possuísse em mais alto grau o amor de Deus do que Maria, também não existirá ninguém que ame mais a seu próximo do que ela. À passagem dos Cânticos: "O rei Salomão fez uma cadeirinha de madeira do Líbano... e o meio ornou-o ele da caridade em atenção às filhas de Jerusalém" (Cânt 3, 9-10), nota Cornélio a Lápide que aquela cadeirinha significa o seio de Maria, no qual morou o Filho de Deus humanado; ele encheu sua Mãe de amor para que ela auxiliasse a todos que recorressem a ela.

Maria, durante sua peregrinação na terra, socorreu aos necessitados, mesmo sem ser rogada, como o fez, por exemplo, nas núpcias de Caná. Quando se tratava de auxiliar ao próximo, estava imediatamente pronta. Para prestar um auxílio à sua prima Isabel dirigiu-se a toda pressa, como diz o evangelista (Lc 1, 39), à montanha.

Antes de tudo, porém, mostrou a grandeza de sua caridade ao sacrificar a vida de seu divino Filho por nossa salvação. Maria amou tanto ao mundo, diz S. Boaventura, que ela sacrificou seu unigênito Filho. "O' bendita entre as mulheres, exclama S. Anselmo (Orat. 49), como venceis os anjos em pureza, assim superais os santos em amor compassivo".

O amor para conosco não diminuiu em Maria depois de ela subir aos céus; ao contrário, tornou-se ainda maior, porque agora Maria conhece melhor que antes as necessidades dos homens. Sua bondade é tão grande, disse um anjo a S. Brígida (Rev. l. 3, c. 30), que todo aquele que recorrer a ela sentirá seu valioso auxílio. Felizes aqueles que procuram imitar a Maria em sua caridade.

Segundo S. Gregório Nazianzeno, não há coisa pela qual possamos granjear as graças de Maria mais seguramente do que pelo exercício desta virtude.

5. *Pobreza.* — Como nota S. Pedro Canísio (De V. M., l. 1, c. 4), Maria poderia viver muito cômodamente com a herança de seus pais. Ela preferiu, porém, permanecer pobre e, por isso, deu ao templo e aos pobres a maior parte de seus bens. Muitos escritores afirmam que Maria fez voto de pobreza. Ela mesma disse uma vez a S. Brígida (Rev. l. 1, c. 10): "Desde o princípio prometi em meu coração nada possuir aqui na terra como propriedade". Os presentes que ela recebeu dos Reis Magos eram, certamente, de valor; ela, porém, fê-los passar brevemente às mãos dos pobres, diz S. Bernardo (S. 4, l. 15, c. 32, § 2). Isso já se pôde concluir de não ter oferecido no templo um cordeiro, o sacrifício dos ricos, mas um par de rolas, o sacrifício dos pobres (Lc 2, 24). "Tudo o que eu possuía, disse ela a S. Brígida, dava aos pobres e conservava só o mais necessário para o sustento e vestuário".

Por amor à pobreza, não duvidou Maria desposar S. José, um pobre artífice; não desdenhava também procurar seu sustento com fiar e coser, como atesta S. Boaventura (Med. vit. Chr., c. 12).

Todas as riquezas deste mundo ela as desprezava como lama, que se calca aos pés. Morreu pobre como ela viveu, pois não se sabe ter ela deixado outra coisa, ao morrer, além de dois pobres vestidos que, segundo Metafrastes (Hom. de vita B. V.) e Nicéforo (Hist. l. 2, c. 21), foram dados como recompensa a duas piedosas mulheres, que prestavam serviços à Santíssima Virgem.

Digamos muitas vezes, com S. Inácio: Dai-me, Senhor, ùnicamente vosso amor e vossa graça, e serei muito rico. E se a pobreza nos oprime, consolemo-nos com o pensamento de que o divino Salvador e a Santíssima Virgem foram pobres como nós.

6. *Castidade.* — Em consequência do pecado de Adão, os sentidos do homem se rebelaram contra a razão e, por isso, é coisa sumamente difícil ao homem guardar a castidade. Devemos por isso agradecer constantemente á Deus por nos ter dado em Maria um tão belo exemplo desta virtude. S. Alberto Magno chama a Maria a Virgem das virgens (Sup. Miss., q. 147) e isso com razão, porque ela foi a primeira que consagrou a Deus sua virgindade sem que

ninguém a aconselhasse ou a animasse com seu exemplo e, assim, tornou-se ela a porta-bandeira de todas aquelas virgens que consagraram a Deus o lírio de sua virgindade. Já aludiam a isso as palavras do Salmista: "Serão apresentadas ao rei virgens após ela, serão conduzidas ao templo do rei" (Sl 44, 15-16).

Em atenção à sua pureza a Santíssima Virgem é comparada pelo Espírito Santo a uma rola: "Belas como as da rola são as tuas faces" (Cânt 1, 9). Pela mesma razão é ela chamada lírio: "Como o lírio entre os espinhos, assim a minha amada entre as filhas" (Cânt 2, 2). Ao que nota Dionísio Cartusiano: "Todas as outras virgens eram espinhos, quer para si, quer para o próximo; isso, porém, não se deu com Maria; quem a visse sentia-se levado à virtude da santa pureza". Segundo S. Gregório de Nissa (Hom. de Nat. Dom.), Maria estimava tanto essa virtude, que estava pronta a renunciar à dignidade de Mãe de Deus para poder conservá-la. Isso demonstrou da maneira a mais clara, quando perguntou ao Anjo: "Como se dará isso, se eu não conheço varão?" (Lc 1, 34), e, depois: "Faça-se em mim segundo a vossa palavra". Dessa pergunta e resposta se vê que ela só deu seu consentimento ao oferecimento da maternidade divina pelo motivo de se tornar mãe pela obumbração do Espírito Santo e não de outra maneira.

7. *Obediência.* — Na anunciação do Anjo Maria se denominou "uma escrava do Senhor" (Lc 1, 38) e patenteou assim seu grande amor à obediência. Em verdade, exclama S. Tomás de Vilanova, uma fiel serva era aquela que nunca contrariou ao Senhor nem em pensamento, nem em obras, mas, isenta de toda a vontade própria, se submeteu a todo o tempo e em todas as coisas à vontade de Deus. Ela mesma confessa no Magnificat que o Senhor olhou para sua humildade, isto é, comprazeu-se em sua obediência; pois a humildade de uma criada consiste justamente nisso: que ela esteja sempre pronta a obedecer a seu senhor.

A obediência de Maria foi muito mais perfeita que a de todos os santos, porque, em consequência do pecado original, todos os homens têm em si inclinação para o mal e só com custo se resolvem a praticar o bem. Maria, porém, foi isenta do pecado original e não sentia em si a mínima repugnância em obedecer a Deus; ela se esforçava em executar imediatamente tudo o que Deus exigia dela, porque só disso cuidava, diz S. Bernardino de Sena (Sermo 12, pro fest. V. M., a. 1, c. 1). Por isso dela valem as palavras dos Cânticos: "Minha alma derreteu-se ao falar a meu Amado" (Cânt 5, 6); seu coração assemelhava-se a um metal em fusão e estava sempre pronto a tomar a forma que Deus lhe queria dar.

Maria mostrou quão perfeita era sua obediência quando, por amor de Deus, se submeteu às ordens do imperador romano e empreendeu a longa viagem a Belém, e isso no meio do inverno, em estado de gravidez e em tanta indigência que teve de dar à luz em um estábulo. Com a mesma prontidão obedeceu a S. José, quando ele a convidou, em plena noite, a empreender a viagem, ainda muito mais longa e penosa, para o Egito. Mostrou, porém, especialmente sua heróica obediência, quando, para cumprir com a vontade de

Deus, fez o sacrifício de seu próprio Filho, e com uma tal fortaleza que estaria pronta a pregá-lo na cruz com suas próprias mãos, caso faltassem os carrascos. Justamente em vista de sua obediência alcançou um tal poder sobre o coração de Deus, que ele perdoa até os maiores pecadores, contanto que se dirijam a Maria com coração contrito e com o propósito de emenda; foi o que ela mesma revelou a S. Brígida (Rev. l. 1, c. 42).

8. *Humildade.* — "Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29), disse o divino Salvador. Maria foi a primeira e a mais perfeita discípula de Jesus Cristo em todas as virtudes, mas principalmente na humildade, pela qual foi elevada acima de todas as criaturas. Ela tinha uma opinião muito baixa de si mesma, como foi revelado uma vez a S. Mechtildes, e ainda que soubesse perfeitamente que sobrepujava a todos em riquezas da graça, não se preferia a ninguém. Quanto mais se via enriquecida de graças, mais se humilhava, pensando que tudo só era um presente de Deus. Por humildade não quis revelar a S. José o mistério de sua maternidade divina, de modo que ele pensou em abandoná-la, o que certamente teria feito, se um anjo não o tivesse esclarecido sobre a admirável conceição do Filho de Deus.

Por humildade repelia de si todo o louvor e atribuía-o todo a Deus. Quando Isabel lhe disse: "Bendita és tu entre as mulheres. Donde me vem esta graça, que a mãe de meu Senhor me venha visitar! Bem-aventurada és, porque creste". Maria respondeu com o humilde cântico: "Minha alma engrandece ao Senhor... porque olhou para a humildade de sua serva".

Por humildade dignou-se servir três meses a S. Isabel. Isabel se admirou que Maria a fosse visitar; mais atônita, porém, ficou, vendo que viera para servir e não para ser servida, diz S. Bernardo (De Aquaed.).

Por humildade escolheu Maria o último lugar no cenáculo, como se vê das palavras de S. Lucas: Todos perseveraram unânimes na oração com as mulheres e Maria, Mãe de Jesus. Não se deve pensar que S. Lucas desconhecia a grande dignidade de Mãe de Deus, nomeando-a em último lugar (At 1, 14); isso ele o fez porque, de fato, escolheu seu lugar depois dos apóstolos e das santas mulheres.

O verdadeiro humilde gosta de ser desprezado. Não se lê que Maria fosse vista em Jerusalém, no dia de ramos, quando seu Filho recebeu tantas homenagens. Ao ser, porém, ele crucificado, no Calvário, estava ela presente e se expôs voluntàriamente à vergonha de passar por mãe de um criminoso que devia suportar a mais infame das mortes.

Sem a humildade não podemos ser verdadeiros filhos de Maria. Ela aborrece os orgulhosos e só convida os humildes a si.

9. *Mortificação.* Maria possuía a virtude da mortificação em grau muito elevado. Por isso aplicam-se-lhes as palavras dos cânticos: "Minhas mãos destilaram mirra" (Cânt 5, 5). Apesar de repleta da graça de Deus, praticava a mortificação dos olhos tão cuidadosamente, que os tinha contìnuamente baixos e nunca os fixava

em alguém. S. Epifânio e S. João Damasceno, que nos relatam isso, ajuntam que Maria, por sua grande modéstia, desde a mais tenra idade fazia pasmar a todos. Quanto à mortificação do paladar, foi revelado a um eremita, chamado Félix, que Maria, sendo criança, só uma vez por dia se nutria de leite. Segundo S. Gregório de Tours (Ap. Novar. Umb. Virg., exc. 38), durante sua vida inteira guardou rigoroso jejum. S. Boaventura afirma (Spec. B. V., lect. 4) que a Santíssima Virgem nunca teria recebido tão grandes graças se não tivesse sido tão sóbria a respeito de comida e bebida, pois as graças de Deus e a satisfação do paladar não se toleram juntas, diz ele.

10. *Recolhimento de espírito.* — A Santíssima Virgem levou uma vida ativa; suas ações exteriores, porém, não prejudicavam sua união com Deus. Sem negligenciar seus negócios temporais, dava-se à meditação e guardava o recolhimento interior. Tinha uma especial predileção pela solidão e renunciou por isso, durante sua estada no templo, por inteiro, ao trato com seus pais, como ela revelou a S. Brígida (Rev. l. 1, c. 2).

S. Jerônimo nota às palavras do profeta: "Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho e seu nome será Emanuel" (Is 7, 14), que a palavra "virgem" significa aqui, segundo o texto hebraico, "virgem recolhida", e, conforme isso, já o Profeta aludira ao amor de Maria à solidão. Segundo Ricardo de S. Lourenço (De laud. B. V., l. c. 6), Maria, justamente em atenção ao seu amor à solidão, foi saudada pelo Anjo com as palavras: "O Senhor é contigo". S. Vicente Ferrer afirma (In vig. nat. Chr.) que a Santíssima Virgem só saía de casa para ir ao templo e então era no mais profundo recolhimento e com os olhos baixos que atravessava as ruas. Lemos na Sagrada Escritura que Maria atravessou às pressas as montanhas para visitar Isabel.

Pelo seu amor à oração e ao recolhimento empenhava-se sempre em evitar o trato com o mundo. A Santa Igreja lhe aplica as palavras do Espírito Santo: "Belas são as tuas faces como as da rola" pois a rola gosta da solidão e, por isso, é um símbolo do recolhimento do espírito, diz um intérprete. Maria viveu na terra como em um deserto: "Quem é essa que sobe pelo deserto como uma varinha de fumo, com o aroma de mirra e de incenso?" (Cânt 1, 9). O Abade Ruperto exclama, visando esse texto: "Vós sois, ó Maria, aquela que assim sobe, porque com vosso coração vivíeis na solidão".

11. *Espírito de oração.* — A Santíssima Virgem revelou a S. Isabel, beneditina, que ela não adquiriu nenhuma virtude sem grandes esforços e oração constante (S. Boav., med. vit. chr., c. 3). Pessoa alguma do mundo cumpriu mais à risca do que Maria a admoestação do divino Salvador: "E' preciso orar sempre e não cessar" (Lc 18, 1). Ninguém nos deu um exemplo mais perfeito, diz S. Boaventura, de ninguém podemos aprender melhor do que de Maria quão necessária é a oração perseverante. S. Alberto Magno afirma também que depois do divino Salvador, pessoa alguma das que viveram ou hão de viver ainda, praticou melhor a oração do que Maria (Spec. B. V., l. 4).

Sua oração era ininterrupta e perseverante; ela já começou com o primeiro instante de sua vida, visto que desde a sua conceição tinha o uso perfeito de sua razão. Na idade de três anos dirigiu-se ao templo, para ali poder praticar melhor a oração. Como ela mesma revelou a S. Isabel (S. Boav. med. vit. chr. c. 3), no templo não só rezava durante o dia, mas levantava-se também de noite para se dar a esse santo exercício diante do altar do Senhor. Mas tarde, para rezar e meditar visitava ela a miúdo os lugares do nascimento, da paixão e sepultura de Jesus Cristo.

Na oração estava sempre em profundo recolhimento; nunca uma distração, um apego desregrado, ou qualquer ocupação externa pôde desviar sua alma da meditação das coisas divinas, diz Dionísio Cartusiano (De laud. V., l. 2, a. 8).

12. *Paciência.* — Nosso Senhor enviou à Santíssima Virgem, durante sua vida, toda a espécie de dores e tribulações, para que nós tivéssemos ocasião de admirar e imitar sua heróica paciência. S. Francisco de Sales afirma que o divino Salvador deu a sua Mãe aquela resposta aparentemente repulsiva, nas núpcias de Caná: "Mulher, que tem isso comigo e contigo", com a única intenção de nos dar em Maria um modelo de paciência. Seria, porém, em vão querer provar que Maria possuía em alto grau esta virtude, pois sua vida inteira não foi mais que um exercício ininterrupto desta virtude. A Santíssima Virgem podia exclamar, com o real Profeta: "Minha vida se extinguiu com a dor, e os meus anos com os gemidos" (Sl 30, 11). "Minha dor está sempre diante de meus olhos" (Sl 37, 18).

Foi uma vez revelado a S. Brígida que, como a rosa entre os espinhos, assim Maria cresceu entre os sofrimentos, e assim como os espinhos se tornam maiores à medida que a rosa se desenvolve, assim as tribulações e dores atormentaram mais a Maria à razão que ela mais se adiantava em anos (Sermo Ang., c. 16).

Maria é chamada pela Igreja rainha dos mártires, e com razão se aplicam a ela as palavras do profeta. "Ele te coroará com uma coroa de tribulação" (Is 22, 18). Ela tornou-se uma mártir não pela espada do carrasco, diz S. Bernardo (Sermo 4, de serm. D. in coen.), mas pela indizível dor de sua alma, essa dor, causada pela paixão de seu divino Filho, teria bastado para tirar-lhe a vida não só uma vez, mas mil vezes.

As dores de Maria nos devem animar a suportar com paciência todas as cruzes que Deus nos enviar. A B.ª Verônica de Binasco recebeu uma vez a graça de acompanhar a Santíssima Virgem com o Menino Jesus na fugida para o Egito. Chegados ao fim da viagem, disse-lhe a Santíssima Virgem: Vês agora, minha filha, com quantas dores e dificuldades chegamos a esta terra; deves, pois, saber que só no caminho do sofrimento é que se encontra a graça de Deus.

Se quisermos minorar os sofrimentos desta vida, não devemos perder de vista Jesus e Maria. Quem traz sempre no coração o divino Salvador e sua bendita Mãe, achará doces e agradáveis todas as tribulações e adversidades da vida.

O' piedosa Mãe Maria, eu vos amo, mas quão diferente sou eu de vós! Vós sois pura e eu sou impuro; vós sois humilde e eu orgu-

lhoso; vós sois santa e eu pecador. Fazei que eu me torne semelhante a vós. Tendes um poder absoluto para transformar os corações; apoderai-vos, pois, de meu coração e mudai-o em outro. Fazei o mundo ver o que podeis fazer àqueles que vos amam. Fazei-me santo; mudai-me em um digno servo e filho vosso. Assim eu o espero; assim seja.

CAPITULO NONO

Da devoção aos Anjos e aos Santos

§ I. Importância da devoção aos Anjos e aos Santos

O grande amor que Deus nos tem levou-o a dar-nos diversos meios para nosso aperfeiçoamento espiritual. Um desses meios é a devoção ao Anjos e aos Santos. Como amigos de Deus, eles interpõem sua intercessão em nosso favor e nos alcançam, por seus merecimentos e orações, muitas graças que, doutro modo, não receberíamos. No Concílio de Trento foi expressamente declarado como doutrina da Igreja que é lícito e proveitoso escolher os Santos por intercessores, para que eles, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, nos alcancem o que nós não merecemos obter, em vista de nossos pecados. Na sessão 25ª foi estabelecida a seguinte tese: "E' bom e útil invocar instantemente os Santos, procurar socorro e auxílio junto deles, para que recebamos os benefícios de Deus por Jesus Cristo, seu Filho" (Sess. 25, de inv. Sanct.).

O ímpio Calvino rejeitou essa invocação, mas sem motivo algum. Pois é certamente útil e lícito recorrer a Santos que ainda vivem e suplicar-lhes que nos auxiliem com suas orações. Assim procedeu o profeta Baruc, dizendo: "Rogai também por nós ao Senhor" (Bar 1, 13), e S. Paulo, escrevendo: "Irmãos, orai por nós" (1 Tes 5, 25). O próprio Deus mandou que os amigos de Job se encomendassem às suas orações, querendo usar de misericórdia com eles, em razão dos merecimentos desse santo homem: "Ide a meu servo Job. Job, meu servo, rogará por vós e eu o atenderei benignamente" (Job 42, 8).

Se, porém, é lícito pedir as orações dos vivos, por que deveria ser proibido invocar os Santos do céu, que estão muito mais próximos de Deus? A honra que devemos a Deus não fica lesada com isso, mas antes aumentada, do mesmo modo como se honra duplamente a um rei, honrando-o não só pessoalmente, mas também em seus servos. S. Tomás aconselha-nos a invocar diversos Santos juntamente, porque o que, às vezes, não consegue a oração de um só, obtém a intercessão de vários juntos.

Se alguém objetar que orar aos Santos parece desnecessário, porque eles já rogam de per si por todos que o merecem, responde o mesmo Santo Doutor que, pela invocação dos Santos, também aqueles que, aliás, não o mereceriam, se tornam dignos da intercessão deles.

Alguns hereges afirmam que, mesmo que se conceda que os Anjos e Santos rogam por nós, está fora de dúvida que eles só pedem pelos homens em geral e não em particular, por este ou aquele. Essa asserção, porém, é contrária à Sagrada Escritura, pois que lemos em Tobias (12, 12), em Daniel (10, 10), no evangelho de S. Mateus (18, 10), no Apocalipse (8, 3-4), que os Anjos e Santos rogaram por pessoas determinadas. Com isso concorda também a doutrina dos Santos Padres. Por exemplo, nas meditações de S. Agostinho se encontra a seguinte oração: "Santa e imaculada Mãe de Deus, S. Miguel, S. Gabriel, santos coros dos Anjos, dos Apóstolos, dos Mártires... rogai por mim" (Medit. c. 40). Semelhantes súplicas encontramos em S. Atanásio (Sermo de Annunc.), S. Cipriano (Ep. 57 de disc. et hab. virg.), S. Hilário (in Mt c. 18), S. Epifânio (De Laud. S. Mar.) e em outros escritores eclesiásticos.

Entretanto, segundo S. Tomás, a invocação dos santos não é só lícita e útil, mas mesmo necessária. O que prova o Santo Doutor da seguinte maneira: Conforme a ordem estabelecida por Deus, todas as criaturas inferiores devem ser levadas a Deus por meio das superioras, como ensina Dionísio. Ora, os Santos, que já entraram na pátria celeste, acham-se na vizinhança imediata de Deus, ao passo que nós, habitando ainda nossos corpos, estamos peregrinando longe de Deus e, por isso, aquela disposição divina exige que sejamos conduzidos a Deus por intermédio dos Santos. Isso se faz servindo-se Deus deles para fazer chegar a nós seus favores. Devendo, porém, nosso recurso a Deus corresponder à distribuição de suas graças a nós, é nossa obrigação dirigirmo-nos a Ele por intermédio dos Santos para recebermos novos favores, do mesmo modo como Deus, por meio deles, faz chegar a nós as suas graças. E por esse motivo os escolhemos para nossos intercessores, ou como que para nossos agentes, encarregando-os de orar por nós" (In 4 sent. dist. 45, q. 3, a. 2).

Notem-se bem as palavras: "a ordem estabelecida por Deus exige", e a frase final: "como chegam a nós os favores de Deus pela intercessão dos Santos, assim também devemos nos dirigir a Ele por intermédio deles, para alcançarmos novas graças".

Segundo S. Tomás, está, portanto, na ordem estabelecida por Deus que nós, mortais, só nos salvemos com o auxílio dos Santos do céu, procurando as graças necessárias à salvação por meio de sua intercessão. O Doutor Angélico se objeta a si mesmo, que parece supérfluo recorrer aos Santos, sendo Deus infinitamente mais misericordioso que eles e estando pronto a ouvir-nos com grande satisfação. Ele mesmo responde, porém, que Deus assim o quis, não porque lhe falte a bondade, mas para que essa ordem que governa o mundo inteiro e é sumamente razoável seja conservada, segundo a qual ele se serve de suas criaturas em suas operações *ad extra*.

§ II. O culto dos *santos Anjos*

Deus criou todos os Anjos em estado de graça. Sendo ordenado a Lúcifer que adorasse o Filho de Deus, que se devia fazer homem,

não quis, em seu orgulho, obedecer e arrastou a terceira parte dos Anjos em sua rebelião. Esses espíritos rebeldes foram logo depois expulsos do céu por S. Miguel e condenados ao inferno. São os demônios, que nos tentam ao pecado, para nos tornar seus companheiros nos tormentos. Os Anjos, porém, que permaneceram fiéis a Deus, foram admitidos ao gozo da glória eterna no céu, e desses Anjos bons Nosso Senhor escolheu os que deviam ser nossos guardas.

Segundo S. Bernardo, devemos a nossos Anjos da guarda respeito, amor e confiança.

1. *Reverência.* — Esses espíritos puros e príncipes do céu acham-se perto de nós e ao nosso lado em todas as nossas ações. Por isso, em respeito a eles, devemos evitar tudo o que pode ser-lhes desagradável. S. Francisca Romana teve a especial graça de ver sempre seu Anjo da guarda em forma humana, a seu lado, e ela notou que ele velava sua face todas as vezes que alguém dizia alguma coisa inconveniente.

2. *Amor.* — O amor de um pai para com seus filhos, de um irmão para com seus irmãos, de um amigo para com seu amigo não pode ser maior do que o amor que nossos Anjos custódios têm para conosco. Os homens, muitas vezes, nos amam por proveito próprio e, por isso, fàcilmente se esquecem de nós, quando estamos em necessidade, principalmente se os ofendemos alguma vez. Nosso Anjo da guarda, porém, ama-nos sem nenhum interesse próprio e por isso nos auxilia, especialmente em nossas angústias, e mesmo quando ofendemos a Nosso Senhor pelo pecado não desdenha auxiliar-nos. Nesse caso só procura iluminar-nos e conduzir-nos a Deus por um verdadeiro arrependimento.

3. *Confiança.* — O amor de nosso Deus não se contentou com dar-nos seu Filho Jesus por Salvador e a Santíssima Virgem por intercessora; constituiu também seus Anjos para nossos defensores e mandou-lhes que estivessem a nosso lado toda a nossa vida. "Mandou a seus Anjos acerca de ti que te guardem em todos os teus caminhos" (Sl 30, 11). Por isso devemos ter uma grande confiança na assistência de nosso Anjo da guarda.

Agradeçamos por isso todos os dias a nosso Anjo custódio e peçamos-lhe que sempre nos assista e nunca nos abandone.

§ III. O culto do Arcanjo S. Miguel

Tendo S. Miguel vencido ao rebelde Lúcifer, o príncipe dos Anjos, o Senhor o colocou em seu lugar e o constituiu príncipe das milícias celestes. Ao mesmo tempo tornou-se esse Arcanjo o defensor principal da Santa Igreja e, como tal, já protegia, no Antigo Testamento, a Sinagoga, para conservar nela, em face dos adoradores dos deuses, a fé em um só Deus e a esperança no Messias futuro.

Quando Jesus Cristo veio ao mundo e os judeus não quiseram reconhecê-lo por seu Redentor, Nosso Senhor repudiou a Sinagoga e constituiu S. Miguel patrono principal da nova Igreja dos cristãos. Isso ensina a mesma Santa Igreja, dizendo que ela agora honra a esse poderoso Arcanjo por seu especial protetor e padroeiro, como an-

tigamente a Sinagoga (Offic. 8 Maii). Como protetor da Igreja, intercede junto de Deus pelos cristãos e alcança-lhes os auxílios necessários; está igualmente ao lado do Papa e dos Bispos na direção do rebanho que lhes foi confiado e trata com grande empenho da defesa dos fiéis.

A Igreja nos assegura, no ofício de S. Miguel, que este santo Arcanjo socorre a todos que o invocam. Em especial assiste àqueles que são tentados pelo demônio. O diácono Pantaleão (Encom. in glor. Michael), piedoso escritor do século VII, afirma que S. Miguel nos avisa das ciladas do demônio e frustra seus planos. Muitas vezes o inimigo procura representar-nos uma ação má como lícita e até meritória, para nos lançar assim na perdição. S. Miguel, porém, nos avisa do perigo e nos desvia da desgraça. Ele não só dá ânimo e força a seus fiéis devotos para resistirem às tentações do inferno, mas também entra pessoalmente no combate, quando vê uma alma fortemente atacada pelo demônio.

S. Bruno, Bispo de Segni (Sent. l. 6, c. 3, s. 5), que viveu no século XI e XII, afirma que esse santo Arcanjo ama tanto os homens, que ele, em companhia dos Anjos que lhe estão sujeitos, combate, dia e noite, por nós, contra o infernal dragão, para que não sejamos vencidos por nossos implacáveis inimigos.

S. Miguel socorre também seus fiéis devotos depois de terem caído no pecado, alcançando-lhes a graça de reconhecer a fealdade de suas faltas e detestá-las. Por isso a Igreja quer que nós, para alcançarmos perdão de nossos pecados, nos reconheçamos culpados primeiro diante de Deus, depois da Santíssima Virgem e então de S. Miguel também. "Eu, pecador, me confesso a Deus todo-poderoso, à Bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado S. Miguel Arcanjo... que pequei muitas vezes". S. Sofrônio (Orat. de Ang. excel.), patriarca de Jerusalém, chama S. Miguel o guia dos transviados, pois ele conduz ao bom caminho os pecadores que vivem longe de Deus e procura alcançar-lhes o perdão. O mesmo Santo dá também a S. Miguel o nome de despertador dos caídos, porque ele move os pecadores a erguer-se de seu mísero estado.

Esse sublime Arcanjo vai tão longe em sua bondade, diz o diácono Pantaleão (Encom. in glor. Mich.), que ele presta fiança pelos pecadores. Quando ele vê um dos seus fiéis servos na desgraça de Deus, suplica ao Senhor que espere com paciência a conversão dele e promete-lhe que esse pecador não o ofenderá mais, visto que ele mesmo estará a seu lado, logo que um perigo o ameace.

Segundo S. Bruno de Segni (Sent. l. 6, c. 3, s. 5), pertence a S. Miguel, como príncipe de todas as milícias celestes, determinar um Anjo custódio para cada homem. Pensemos, por isso, quanto direito ele tem à nossa veneração. Sendo esse príncipe celeste a luz e o comandante de todos os Anjos, preside também a nosso Anjo da guarda e mostra-lhe o modo competente de nos dirigir e defender-nos contra nossos inimigos. Da mesma maneira procede ele com relação aos Anjos custódios de nosso próximo. Quando vemos, pois, alguém que se deixa arrastar à perdição por suas paixões ou nos persegue, devemos suplicar a S. Miguel que avise ao Anjo custódio des-

se homem e lhe mostre como deverá guiar seu protegido para que se converta ou cesse de perseguir-nos.

Deus encarregou a S. Miguel de nos assistir de modo especial na hora de nossa morte. Os ataques do demônio são então formidáveis, enquanto que nossas forças corporais diminuem e nosso espírito sente-se oprimido pelas maiores angústias. Por isso a Santa Igreja nos exorta a recorrer a S. Miguel, para que le nos auxilie nesse grande combate que temos de travar com o demônio em nossa morte: "O' S. Miguel, defendei-nos no combate, para que não nos percamos no juízo tremendo" (Missa 8 Maii). Além disso, quer ela que nas orações da agonia todos os presentes supliquem a S. Miguel que tome sob sua proteção a alma que está a ponto de deixar este mundo. No ofício de S. Miguel põe ela na boca de Deus estas palavras: "Miguel, meu Arcanjo, constituí-te príncipe sobre todas as almas que serão admitidas no meu reino" (Off. 8 Maii).

Finalmente, compete a S. Miguel consolar as almas no purgatório. No seu ofício se diz que Deus lhe confia todas as almas que se salvam, para que as conduza ao céu. E na missa dos defuntos pede a Igreja a S. Miguel que apresente a Deus as almas dos falecidos.

Certamente S. Miguel cuida com amor especial daquelas almas que lhe são assim confiadas e recomendadas. Se ele já aqui na terra consola seus devotos em suas tribulações, quanto mais se apressará em auxiliá-las no purgatório, onde seus sofrimentos são muito maiores do que as penas da vida presente.

§ IV. Devoção a São José

Depois da Santíssima Virgem Maria, não há Santo que fosse tão amado por Deus e tanto valha diante dele, como S. José. Consideremos sua dignidade sublime e sua grande santidade, para nos convencermos que ele merece de nossa parte uma grande veneração e ilimitada confiança.

I. S. José foi favorecido com a grande honra de ser chamado pai do Filho de Deus. Esse título lhe dá S. Lucas, quando diz, no seu evangelho, a respeito do Menino Jesus: "Seu pai e sua mãe se admiravam das coisas que se diziam dele" (Lc 2, 33). A mesma Santíssima Virgem dava a S. José esse nome: "Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de dor" (Lc 2, 48).

Que Santo ou que Anjo teve jamais a felicidade de ser chamado pai do Filho de Deus? pergunta S. Basílio. Por isso podemos aplicar a S. José as palavras de S. Paulo (Heb 1, 4): "Ele foi feito tanto mais excelente que os Anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles". Por esse nome S. José foi mais honrado por Deus do que todos os patriarcas, profetas e Bispos, pois que estes são chamados simplesmente servos ou amigos de Deus, ao passo que S. José recebeu o nome de pai. Como pai de Jesus, era ele a cabeça da Sagrada Família que, apesar de mui pequena em número, era sumamente grande, em atenção às pessoas que a compunham. "O Senhor

constituiu-o senhor de sua casa" (Sl 104, 21). Nessa casa era S. José que dava ordens; "o Filho de Deus, porém, era-lhes sujeito" (Lc 2, 51).

Essa submissão de Jesus Cristo mostra-nos, de um lado, a humildade do Salvador, e, de outro, a alta dignidade de S. José, diz Gerson (S. de Nat. B. V., Cons. 3). Jesus Cristo honrou a S. José enquanto viveu, como seu Pai, e por isso lhe esteve sujeito em tudo. Durante trinta anos a ocupação do divino Salvador consistia em obedecer a seu Pai putativo. Em todos os seus atos, em todos os seus passos cumpria ele a vontade de S. José e só cuidava em receber e executar os preceitos dele.

Como nota S. Bernardo (Hom. 2 de laud. V. M.), S. José, entretanto, não foi só o pai de Jesus Cristo, mas também, de certo modo, cooperou na execução do grande decreto das três pessoas divinas, da redenção do mundo. Deus Pai lhe deu a incumbência de defender seu Filho Unigênito contra os ataques de seus inimigos. Dirigiu-se-lhe nos termos do Salmista: "A teu cuidado foi entregue o pobre" (Sl 10, 14). Eis que fiz meu Filho descer à terra em pobreza e humilhação. Serás seu defensor em meu lugar; entrego-o a tuas mãos; protege-o, pois, cuidadosamente e permanece sempre fiel a mim.

Tendo Deus escolhido a S. José para seu auxiliar na obra da redenção, determinou que ele estivesse presente ao nascimento de Jesus, para ser um testemunho fiel da honra que os Anjos prestavam a Deus pelo nascimento de seu Filho. José devia estar presente também à chegada dos reis magos, que, como eles mesmos afirmavam, conduzidos por uma estrela, vieram de uma terra distante para render suas homenagens ao divino Menino: "Vimos sua estrela no oriente e viemos adorá-lo" (Mt 2, 2).

Quis Deus também que José fosse com Maria a Jerusalém, para apresentar o Menino recém-nascido (Lc 2, 22). Aí ofereceram-no à morte pela salvação do mundo, pois conheciam as palavras da Sagrada Escritura, em que se predizia a paixão de Jesus Cristo.

Avisado por um Anjo, da parte de Deus, que Herodes procurava matar o Menino Jesus, tomou José o Menino e sua Mãe e fugiu para o Egito. Tendo Jesus ficado no templo, sem conhecimento de seus pais, chorou José três dias e não se cansou de procurá-lo, como Maria mesma o atesta, dizendo a seu divino Filho: "Eis que teu pai e eu cheios de dor te procurávamos" (Lc 2, 48). S. José continuou até à sua morte a cuidar do Filho de Deus humanado, e teve enfim a felicidade de entregar seu espírito nos braços de Jesus e Maria.

II. Quanto à santidade desse glorioso patriarca, basta, para termos uma justa noção dela, recordar-nos que Nosso Senhor o escolheu para ocupar o lugar de pai junto de seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. Quando Deus destina alguém para um cargo, diz S. Tomás (III. q. 27, a. 4), concede-lhe também todas as graças necessárias para desempenhar dignamente esse cargo. Ora, tendo Deus designado S. José para ocupar o lugar de pai junto do Verbo humanado, deve-se ter por certo que o dotou com toda a sabedoria e santidade, que convinha a um cargo tão elevado.

Não se pode, pois, duvidar que a S. José foram concedidas todas as graças e prerrogativas outorgadas a todos os demais Santos. Segundo Gerson (S. de Nat. B. V.), S. José recebeu, entre outras graças especiais: primeiramente, como o profeta Jeremias e S. João Batista, foi santificado no ventre materno. segundo, foi ele ao mesmo tempo confirmado em graça; terceiro, foi preservado dos movimentos da concupiscência, graça esta que ele costuma comunicar a seus fiéis devotos.

No Evangelho S. José é chamado "justo". Que se entende por um homem justo? Essa palavra, segundo S. Pedro Crisólogo, designa um homem perfeito, que possui todas as virtudes.

S. José já era santo antes de seus desposórios com Maria Santíssima, mas depois de seus esponsais com ela, sua santidade tornou-se muito maior, pois só o exemplo de sua santa esposa bastava para torná-lo santo. Além disso, Maria, como distribuidora de todas as graças que Deus concede aos homens, não deixaria de conceder em abundância as riquezas da graça a seu esposo, a quem tanto amava e de quem era tão amada.

E como não deveria ter aumentado a santidade de S. José pelo contínuo e confidencial convívio com Jesus! Se os discípulos de Emaús, nas poucas horas que estiveram com Jesus e ouvindo-o falar, se sentiram tão inflamados em amor que diziam entre si: "Não é verdade que se nos abrasava o coração quando ele nos falava pelo caminho e nos expunha as escrituras?" (Lc 24, 32), que chamas de amor não deviam se elevar no coração de S. José, que gozou por trinta anos do trato com Jesus Cristo, ouvindo de sua boca palavras de vida eterna, tendo os mais perfeitos exemplos de humildade, de paciência, e vendo como Jesus estava sempre pronto a auxiliá-lo em seus trabalhos e secundá-lo em todos os serviços domésticos! Seguramente, durante o longo tempo que José viveu na intimidade de Jesus, sua santidade cresceu de tal forma, que ela sobrepujou a de todos os outros Santos.

Disso pode-se avaliar a glória que Nosso Senhor terá concedido no céu a S. José, que tanto o amou aqui na terra e tantos serviços lhe prestou. S. Paulo diz (Rom 2, 6) "Deus recompensará a cada um segundo suas obras". No dia do Juízo o Redentor dirá aos escolhidos: "Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; estive nu e me vestistes" (Mt 25, 35). E, afinal, os escolhidos alimentaram, agasalharam e vestiram a Jesus Cristo só na pessoa dos pobres. S. José, porém, alimentou, acolheu e vestiu a Jesus Cristo em pessoa.

Mais: o divino Salvador prometeu que todos os que derem alguma coisa aos pobres em seu nome, mesmo que seja um copo d'água, receberão uma recompensa correspondente. Que recompensa então não terá recebido S. José, que podia dizer a Jesus: Eu não só vos dei alimento, habitação e vestuário, mas vos salvei até a vida, colocando-vos em segurança contra as ciladas de Herodes.

III. Nossa confiança em S. José deve, pois, ser sumamente grande, porque podemos crer com razão que Deus não recusará graça alguma a este Santo, em atenção a seus grandes merecimentos. S. Bernar-

dino de Sena diz (Sermo de S. Jos., a. 3): Se o divino Redentor honrou aqui na terra S. José como seu pai, certamente não rejeitará nenhum pedido seu lá no céu. Se S. José não foi pai do Verbo encarnado em sentido próprio, contudo, como esposo da Santíssima Virgem, tinha um certo poder sobre seu divino Filho, pois quem possui uma árvore, possui igualmente os frutos que ela produz. Por isso Jesus considerava a S. José como seu superior aqui na terra e obedecia-lhe em tudo. Pela mesma razão os pedidos de S. José agora no céu são outros tantos preceitos para o divino Redentor, pois, como diz Gerson (Sermo de Nat. B. V.), quando um pai pede alguma coisa a seu filho, esse pedido tem a força de um preceito.

S. Bernardo diz que S. José se avantaja a todos os outros Santos, porque ele pode auxiliar em toda espécie de necessidade aos que a ele recorrem. Essa afirmação é confirmada pela experiência. Assim o atesta, por exemplo, S. Teresa: "Eu não me recordo de jamais ter suplicado alguma graça a S. José e que ele ma tivesse negado. As inúmeras graças que Deus me concedeu por meio dele e os perigos de corpo e de alma de que ele me livrou causariam a admiração de todo aquele a quem eu o narrasse. Quanto aos demais Santos, parece que Deus só lhes deu o poder de auxiliar-nos em uma ou outra necessidade; a experiência, porém, ensina que S. José auxilia em toda a espécie de necessidade. O divino Salvador quer mostrar-nos, com isso, que ele, com a mesma prontidão com que obedeceu na terra a esse grande Santo, faz também no céu tudo o que ele deseja. Isso me atestaram também diversas pessoas às quais eu aconselhei que se dirigissem a ele. Sabendo de longa experiência quanto S. José pode junto de Deus, desejaria excitar a todos a testemunhar-lhe uma devoção especial. Descobri sempre que aqueles que lhe têm uma grande devoção fazem progressos consideráveis na virtude... Desde muitos anos peço-lhe na sua festa cada vez uma graça especial, e sou sempre atendida. Os que não quiserem crer nas minhas palavras, suplico, por amor de Deus, que o experimentem ao menos uma vez" (Vida, c. 6).

Suponhamos, pois, que Nosso Senhor, quando nos vê abatidos pelas misérias da presente vida, nos dirige aquelas palavras que Faraó repetia ao povo na grande fome do Egito: "Ide a José" (Gn 41, 55), se quiserdes ser socorridos.

Felizmente, não existirá atualmente, no mundo inteiro, um só cristão que não venere a S. José. Dentre os seus devotos, porém, recebem as maiores graças os que o invocam mais a miúdo e com maior confiança. Procuremos, por isso, nos recomendar todos os dias, repetidas vezes, a S. José que, depois da Santíssima Virgem, goza de maior poder junto de Deus. Rezemos muito especialmente na novena que precede a sua festa. Peçamos-lhe muitas e grandes graças; ele certamente no-las alcançará, se forem úteis à nossa salvação. Três graças devemos particularmente pedir a Deus por intercessão de S. José: o perdão de nossos pecados, o amor de Jesus Cristo e uma boa morte.

Peçamos, primeiramente, a S. José o perdão de nossos pecados. Se, quando Jesus vivia na casa de José, um pecador tivesse desejado

alcançar do Senhor o perdão de seus pecados, poderia haver para ele um meio melhor para ser atendido do que a intercessão de S. José? Do mesmo modo, se quisermos que Deus nos perdoe, recorramos a este glorioso Santo, a quem o divino Salvador ama agora, no céu, ainda mais do que quando estava na terra.

Peçamos-lhe então um grande amor a Jesus Cristo. Tenho por certo que a graça mais preciosa que S. José alcança a seus devotos é um grande amor ao Verbo encarnado. O privilégio de alcançar-lhes esta graça ele o possui em razão do sumo amor que tinha a Jesus aqui na terra.

Peçamos-lhe, finalmente, uma boa morte. Toda a cristandade o venera como protetor especial dos moribundos, e isso pelas razões seguintes: 1) porque Jesus o amava, não só como seu amigo, mas como seu pai, e, por isso, suas súplicas são muito mais poderosas que as dos outros Santos; 2) porque S. José tem um poder especial sobre os maus espíritos, que nos tentam no fim de nossa vida — uma prerrogativa que lhe foi concedida porque ele protegeu o divino Salvador contra a perseguição de Herodes; 3) porque ele teve a felicidade de morrer nos braços de Jesus e Maria.

Aqueles, pois, que veneram assìduamente a S. José, podem esperar que ele os virá assistir nos últimos momentos, em companhia de Jesus e Maria.

CAPÍTULO DÉCIMO

Da leitura espiritual

§ I. Grande utilidade da leitura espiritual

A leitura espiritual é-nos talvez tão útil na tendência à perfeição como a oração, porque ela nos conduz tanto à oração como à virtude, diz S. Bernardo (De modo bene viv., c. 59). "A meditação e a leitura espiritual, diz o mesmo Santo, são excelentes meios para se vencer o demônio e conquistar o céu". Não podemos ter sempre nosso diretor espiritual junto de nós para pedir-lhe conselho em todas as nossas ações e, especialmente, em nossas dúvidas; a leitura espiritual, porém, supre o seu lugar, dando-nos as luzes de que necessitamos e os meios de evitar os enganos do demônio e do amor-próprio, e de viver segundo a vontade de Deus. E por isso, segundo afirma S. Atanásio, não se encontrará um fervoroso servo de Deus que não seja dado à leitura de livros espirituais.

Do mesmo modo, e tanto quanto é perniciosa a leitura de maus livros, é útil a leitura dos bons. Como aquela precipita tantas vezes a mocidade na perdição, assim esta é muitas vezes a causa da conversão de muitos pecadores.

O autor de bons livros é, em última razão, o Espírito de Deus, ao passo que o demônio é pròpriamente o inspirador dos maus. Este sabe esconder a muitos o veneno de que estão impregnados esses livros, pretextando que, pela leitura deles, se apropria um bom es-

tilo ou uma reta norma de vida ou que, pelo menos, assim se aproveita convenientemente o tempo. Eu afirmo, de minha parte, que não há coisa mais prejudicial que a leitura de maus livros, particularmente para aqueles que desejam levar uma vida devota.

Por maus livros entendo não só os que a Santa Sé proibiu em razão de sua matéria herética ou imoral, mas também todos os que tratam de amores profanos. Que piedade poderá ter um cristão que se ocupa com a leitura de romances ou de novelas amorosas? Que recolhimento de espírito terá ele na meditação ou na santa comunhão? Mas que mal poderão causar os romances e poesias mundanas, que nada têm de indecoroso? perguntará alguém. Causam um mal imenso: excitam a sensualidade; inflamam as paixões, que fàcilmente arrastam consigo a vontade, ou, ao menos, a enfraquecem tanto que o demônio já encontra o coração preparado para uma queda desastrosa no abismo do pecado, quando sobrevém uma ocasião para um amor impuro.

Um douto escritor diz que a heresia se alastrou tanto e ainda se espalha cotidianamente justamente em consequência da leitura de tais livros, porque essa leitura favorece a imoralidade, que aplaina o caminho para o erro. O veneno de tais livros penetra pouco a pouco na alma, apodera-se do entendimento, corrompe e perverte a vontade e traz a morte à alma. Em verdade, o demônio não possui talvez um meio mais seguro e poderoso para perder os jovens do que a leitura de livros tão venenosos. Um só livro dessa espécie pode chegar para perder toda uma família.

Por isso, querido leitor, se chegar às tuas mãos um tal livro, lança-o imediatamente no fogo, para que não apareça mais; e, se és pai de família, faze o que estiver em tuas forças para afastar de tua casa uma tal peste, se não quiseres dar um dia rigorosas contas a Deus.

Nota do tradutor. O mesmo vale dos divertimentos atuais: teatros, cinemas, bailes, etc., e, particularmente, dos jornais.

Além disso deves notar bem, alma cristã, que alguns livros não são em si mesmos maus, mas, em todo caso, não podem concorrer para teu bem espiritual, e, por isso, a leitura desses livros é prejudicial em si, porque te rouba muito tempo, que poderias empregar em coisas úteis à tua salvação. S. Jerônimo, no retiro de Belém, lia com grande gosto os escritos de Cícero, como ele conta à sua discípula Eustoquium, enquanto que achava certa repugnância na leitura da Sagrada Escritura, cujo estilo lhe parecia muito simples. Sobreveio-lhe então uma grave enfermidade, na qual pareceu-lhe estar diante do tribunal de Jesus Cristo. À pergunta do Senhor quem ele era, respondeu o Santo: Eu sou um cristão. Mentes, respondeu-lhe o divino Salvador, és um ciceroniano, e não um cristão. E Jerônimo, por mandado do divino Juiz, foi castigado por um Anjo. Ele prometeu emendar-se e, voltando a si, percebeu que suas costas estavam todas pisadas pelos açoites que recebera nessa visão. Desde então deixou o Santo as obras de Cícero e dedicou-se à leitura da Sagrada Escritura.

Não resta dúvida que, às vezes, se encontra nos livros mundanos um ou outro pensamento que é proveitoso para a vida

espiritual, mas, como escreve S. Jerônimo a uma de suas discípulas, "por que procuras alguns grãos de ouro em tão grande imundície?" (Epist. ad Fur.). Lê livros piedosos, onde encontrarás ouro puro, sem mistura alguma impura.

Regularmente é coisa inútil para pessoas piedosas e, às vezes, até prejudicial ler obras sobre a teologia moral, porque ficam fàcilmente perturbadas com essa leitura ou aprendem certas coisas que de forma alguma deveriam saber. Para alguns que desejam chegar a uma oração mais sublime, a leitura de livros sobre a teologia mística poderá ser prejudicial, pois, para chegar a uma tal oração, se exporiam ao perigo de negligenciar a oração comum, que consiste na meditação e no exercício de afetos, e assim, por fim, não terão nem uma nem outra, pois ninguém deve querer se elevar à contemplação sem que Deus mesmo o conduza evidentemente a isso.

Voltemos, entretanto, a nosso assunto e consideremos os preciosos frutos que produz a leitura de bons livros.

Primeiramente, os bons livros enriquecem o nosso coração de bons pensamentos e santos desejos, ao passo que os maus livros enchem nossa alma de pensamentos mundanos e sumamente prejudiciais. Quem emprega seu tempo na leitura de livros vãos, pelos quais nascem em sua alma uma multidão de pensamentos mundanos e inclinações terrenas, não poderá de forma alguma permanecer recolhido. Como poderá se ocupar com pensamentos piedosos? como se conservar na presença de Deus e fazer repetidos atos de virtude? O moinho mói o que nele se põe; como se poderá então esperar uma fina farinha quando se põe um fruto deteriorado?

Se alguém, que passou a maior parte do dia na leitura de um livro profano, quer se entregar à oração ou receber a comunhão, em vez de pensar em Deus e fazer atos de amor e confiança, estará sempre distraído, porque todas aquelas coisas vãs que pouco antes leu, vêm-lhe novamente à lembrança. Pelo contrário, quem imprime, por exemplo, as máximas e exemplos dos Santos, estará ocupado com santos pensamentos não só durante a oração, mas também em toda a ocasião, e estes o conservam quase ininterruptamente unido a Deus.

Em segundo lugar, uma alma que está como que embebida em bons pensamentos pela leitura espiritual, está mais aparelhada para repelir as tentações do demônio. S. Jerônimo deu o seguinte conselho a Sabina, sua filha espiritual: Procura ter sempre um bom livro às mãos, para que te possas defender com esse escudo contra os maus pensamentos.

Em terceiro lugar, a leitura espiritual facilita-nos o conhecimento das manchas de nossa alma e a purificação das mesmas. S. Jerônimo escreve a Demétrias que ela devia servir-se da leitura espiritual como "de um espelho"; pois, como o espelho mostra as manchas no rosto, assim também a leitura de livros espirituais nos aponta as manchas de nossa consciência.

Em quarto lugar, pela leitura espiritual, obtêm-se muitas luzes e inspirações divinas. "Quando rezamos, falamos com Deus, quando lemos é Deus que nos fala", diz S. Jerônimo (Ep. ad Eust.). E' o que

diz também S. Ambrósio (De offic., l. 1, c. 30): "Falamos a Deus quando rezamos; ouvimo-lo quando lemos". Como já acima notamos, não podemos ter sempre à nossa disposição o nosso confessor, ou ouvir um pregador zeloso que nos sirva de guia, por meio de suas instruções, no caminho para o céu; os livros espirituais, porém, nos oferecem uma compensação por isso.

Conforme S. Agostinho (Enarr. in ps. 30, ser. 2), são eles outras tantas cartas de Nosso Senhor, por meio das quais nos avisa de iminentes perigos, nos mostra o caminho da salvação, nos ensina a suportar as adversidades, ilumina-nos e inflama-nos em seu santo amor. Quem, pois, desejar salvar-se e alcançar um alto grau de amor divino, deve ler a miúdo essas cartas do céu.

Quantos santos não foram levados, pela leitura de um bom livro, a abandonar o mundo e a se consagrar a Deus! E' notório que S. Agostinho, que viveu por muitos anos preso nos laços dos vícios e paixões, ao ler uma epístola de S. Paulo, abriu os olhos à luz divina e começou a tender à santidade. Igualmente S. Inácio de Loiola encetou uma vida perfeita em consequência da leitura da vida dos Santos. Por acaso tomou-a nas mãos para distrair-se no seu leito de enfermo, a que estava condenado por ter sido ferido no ataque a Pamplona; com isso converteu-se e tornou-se o fundador da Companhia de Jesus, que é uma Ordem sumamente benemérita da Santa Igreja. S. João Colombini, ao ler, quase que contra sua vontade, um livro espiritual, tomou a resolução de abandonar o mundo, começou uma santa vida e tornou-se o fundador de uma Ordem religiosa. Nos anais das Carmelitas se narra que uma nobre dama de Viena, que pretendia tomar parte em uma diversão mundana, ao ficar sabendo que ela não se realizava, cheia de raiva, começou a ler um livro espiritual, que, por acaso, lhe caiu nas mãos. Esse livro lhe inspirou um tal desprezo pelo mundo, que renunciou a todas as suas vaidades e fez-se carmelita.

A leitura de bons livros não foi proveitosa aos Santos unicamente em sua conversão, mas em toda a sua vida, para se manterem firmes no caminho da perfeição e fazerem cada vez maiores progressos nele. S. Domingos beijava seus livros espirituais e apertava-os amorosamente ao coração, dizendo: "Estes livros dão-me o leite que me sustenta". O grande servo de Deus, Tomás de Kempis, não conhecia maior consolação do que esconder-se em um canto de seu quarto, com um livro que tratasse de coisas espirituais. S. Filipe Néri empregava todo o tempo livre na leitura de livros espirituais, principalmente da vida dos santos.

Oh! como é útil tomar a vida dos Santos por objeto de nossa leitura espiritual! Os livros que tratam das virtudes ensinam-nos o que devemos fazer; na história dos Santos vemos, porém, o que de fato fizeram tantos homens e mulheres, mancebos e donzelas, que eram homens como nós. Mesmo que a meditação do exemplo dos Santos não nos trouxesse outro proveito, nos obrigaria a humilhar-nos profundamente, porque, lendo as grandes coisas que os Santos praticaram, devemos certamente nos envergonhar de ter feito e de fazer ainda tão pouco por Deus. S. Agostinho dizia de si mesmo:

"O' meu Deus, quando eu considerava os exemplos de vossos servos, envergonhava-me de minha preguiça e sentia arder em mim o fogo de vosso santo amor" (Conf., I. 9, c. 2). S. Francisco, ao pensar nos Santos e em suas virtudes, sentia-se abrasar em chamas de amor divino (S. Boav., Vita S. Franc., c. 9).

S. Gregório conta que, em seu tempo, vivia em Roma um homem chamado Sérvulo, que era muito doentio e devia esmolar a sua subsistência. Dava uma parte das esmolas que recebia aos outros pobres e a outra a empregava na compra de bons livros. Ele não sabia ler e, por isso, pedia àqueles que ele abrigava em sua choupana, durante a noite, que lhos lessem. Dessa maneira alcançou uma grande paciência nos sofrimentos, diz S. Gregório, e uma admirável sabedoria nas coisas celestes. Ao morrer, pediu a seus amigos que lhe lessem alguma coisa; antes, porém, de expirar, interrompeu-os, dizendo: Calai-vos, calai-vos; não ouvis como todo o céu ressoa com cânticos e aprazível música? Logo depois expirou. Apenas deu o último suspiro, espalhou-se em seu quarto um cheiro celestial, que testemunhava a santidade desse mendigo que, pobre em bens terrenos, porém rico em virtudes e merecimentos, deixara este mundo.

§ II. Maneira de se fazer a leitura espiritual

Para tirar grande proveito da leitura espiritual, devemos observar as seguintes regras:

1. Antes de começar a ler, devemos pedir a Deus que nos ilumine a respeito do que vamos ler. Já se disse acima que Nosso Senhor mesmo se digna falar conosco na leitura espiritual, por isso devemos dizer-lhe, tomando o livro nas mãos: "Falai, Senhor, que vosso servo escuta". Fazei-me conhecer a vossa vontade, pois vos quero obedécer em tudo.

2. Na leitura espiritual não devemos ter a intenção de contentar o nosso desejo de saber ou até a nossa curiosidade, mas ùnicamente procurar crescer no amor de Deus. Quando se lê para aumentar seus conhecimentos, não é isso leitura espiritual, mas um simples estudo. E' coisa pior, porém, ler-se por pura curiosidade, como fazem alguns que, por assim dizer, devoram os livros e nada mais têm em vista do que a satisfação de sua curiosidade. Que proveito poderão tirar de tal leitura? Todo o tempo que empregam nisso é perdido. Muitos lêem e lêem muito, diz S. Gregório (Hom. in Ezeq), e, apesar disso, seu espírito não fica saciado, porque lêem só por curiosidade.

3. Para tirar proveito dos livros espirituais devemos lê-los com vagar e ponderação. "Pela leitura espiritual tua alma deve ser alimentada", diz S. Agostinho. Ora, querendo alimentar-se convenientemente, não se deve engolir a comida, mas antes, mastigá-la bem. Pondera, pois, bem o que lês e procura aplicá-lo a ti mesmo. E se o que leste te causou uma forte impressão, segue o conselho de S. Efrém (De patient. et cons. saec.) e torna a ler repetidas vezes.

4. Se recebermos uma luz especial durante a leitura, ao se nos deparar um belo pensamento ou uma ação virtuosa que comove o nosso coração, devemos parar um pouco, para elevar a nossa mente a Deus, fazer um propósito, um ato de piedoso afeto e uma fervorosa suplica a Deus. Não faz nenhum mal se, entretanto, se escoa todo o tempo determinado para a leitura, pois um proveito maior do que o sobredito não podemos tirar da leitura espiritual. Muitas vezes a leitura de algumas linhas é mais proveitosa do que a de uma página inteira.

5. Finalmente, antes de fechar o livro, alma cristã, deves reter na memória algum pensamento piedoso que encontraste, para te ocupares com ele durante o dia, à semelhança do que se costuma fazer quando se passa por um jardim, apanhando-se uma flor para levá-la consigo.

CAPÍTULO UNDÉCIMO

Da boa intenção

§ I. Noção da boa intenção

Podemos ter diversas intenções nas nossas ações virtuosas, todas elas mais ou menos boas. Primeiramente, podemos praticá-las com a intenção de alcançarmos de Deus bens temporais; podemos, por exemplo, dar esmolas, mandar celebrar missas, jejuar para nos vermos livres de uma doença, de uma calúnia ou de outros males temporais. Essa intenção é boa, suposto que estejamos conformados com a santíssima vontade de Deus, porém menos perfeita, porque seu objeto é ainda todo terreno.

Podemos então praticar uma boa obra para satisfazer a justiça divina pelas penas merecidas por nossos pecados, ou para obtermos de Deus bens espirituais, como virtudes, merecimentos ou uma maior glória no céu. Esta intenção já é muito mais perfeita que a primeira.

Podemos, também, nas nossas obras, ter a única intenção de agradar a Deus e cumprir com sua santa vontade. Esta intenção é geralmente chamada a boa ou pura intenção; ela é a mais perfeita e, ao mesmo tempo, a mais meritória, porque, quanto mais nos esquecemos de nós mesmos, no bem que praticamos, mais Deus pensa em nós e nos cumula de graças. Ele mesmo o revelou certa vez a S. Catarina de Sena: "Pensa em mim, minha filha, e eu pensarei em ti". Com isso queria ele dizer: Procura ùnicamente agradar-me e eu cuidarei de teu progresso na virtude, da vitória sobre teus inimigos, de tua perfeição e glória eterna.

Quem só tem em vista, em todas as suas ações, o beneplácito de Deus, imita em verdade o amor dos Santos no céu, pois estes nada mais desejam senão o que agrada a Deus e mais se alegram com felicidade de Deus que com a própria, segundo S. Tomás (De beatit., c. 7). Conforme isso, a alma que se esquece de si de

tal forma que age, não para que Deus esteja satisfeito com ela, mas ùnicamente para que sua ação agrade a Deus, age da maneira mais perfeita possível, diz S. Bernardino (De divers., s. 103).

Aqui deve-se notar que é melhor e mais seguro praticar suas obras com a intenção de cumprir com a vontade de Deus do que com o fito de promover a glória de Deus, porque, assim, se evitam todos os enganos do amor-próprio. Sob o pretexto do zelo pela glória de Deus, não raramente se satisfaz o amor-próprio; procurando-se, porém, ùnicamente cumprir com a vontade de Deus e fazer só aquilo que lhe é mais agradável, nunca se pode errar.

Devemos também estar convencidos de que não podemos prestar maior honra a Deus do que fazendo sua santa vontade. Por esse motivo, o divino Salvador tinha sempre a intenção de realizar a vontade de Deus, seu Pai, em tudo que fazia, como ele mesmo o declarou, dizendo (Jo 5, 30): "Não busco a minha vontade, mas a daquele que me enviou".

§ II. Suma importância da boa intenção

Devemos ter sempre em vista que a boa ou má intenção com que se faz uma ação torna-se boa ou má diante de Deus. "Se teu olhar for simples, teu corpo inteiro será lúcido, diz o Salvador (Mt 6, 22); se teu olho for mau, todo o teu corpo será tenebroso". Os Santos Padres, por esse olho, entendem a boa intenção, e pelo corpo a ação. Jesus Cristo quer, pois, dizer: Se nossa intenção é simples; isto é, se não visamos outra coisa senão o beneplácito de Deus, toda a nossa ação é boa e brilha em pureza celestial; sendo, porém, má a nossa intenção, isto é, tendo em vista um outro fim menos bom, toda a ação é má. A boa intenção é, pois, a alma de nossas ações; ela dá-lhes a vida e seu verdadeiro valor.

O cristão devoto, aqui na terra, aspira ùnicamente a agradar a Deus. Essa aspiração alegra o coração de Deus e abrasa-o em amor por tal alma, que lhe faz dizer: "Feriste o meu coração, minha irmã, minha esposa, feriste meu coração com um de teus olhos" (Cânt 4, 9). Esse olho da santa Esposa, isto é, da alma que ama a Deus, significa o único fim que ela tem em todas as suas ações e pensamentos, a saber, o agrado de Deus.

Os mundanos consideram as coisas com diversos olhos, isto é, têm em seus atos diversos fins desregrados, como: agradar aos homens, conquistar um nome, ajuntar riquezas ou, ao menos, satisfazer sua vontade própria. Os Santos, ao contrário, têm um só olho para, em todas as coisas, só verem o agrado de Deus; sem interrupção dizem, com David (Sl 72, 25) "Que tenho eu no céu? e, fora de vós, que desejo eu na terra?. Deus de meu coração, e minha partilha é Deus para sempre". Por isso não basta praticar boas obras; devemos praticá-las bem.

Nossas obras só então serão perfeitas e santas, quando praticadas com a intenção de agradarmos a Deus. Assim procedia o divino Salvador de quem diz o Evangelista: "Ele fez tudo bem" (Mc 7, 37).

Aos olhos dos homens uma obra sobe em valor à medida do trabalho que custou: diante de Deus, porém, o valor de uma ação

é tanto maior quanto mais perfeita é a intenção que se teve em vista porque, como diz a Escritura, o homem olha para a obra exterior, "Deus, porém, vê o coração" (1 Rs 16, 7), a saber, a vontade com que foi feita a obra. Haverá coisa mais bela do que sofrer o martírio e oferecer a Deus o sacrifício de sua própria vida pela verdadeira fé? E, contudo, diz o Apóstolo (1 Cor 13, 3): "Se desse meu corpo para ser queimado e não tivesse a caridade, nada me aproveitaria". "Não são os tormentos e a morte que constituem o martírio, diz S. Agostinho (In ps. 31, en. 2), mas a intenção e o fim pelo qual se padece". O real Profeta exclama (Sl 65, 15): "Oferecer-vos-ei holocaustos com medula". Alguns fazem a Deus sacrifícios, mas sem medula, isto é, sem a intenção de agradar-lhe: tais sacrifícios Deus não aceita. "Deus recompensa nossas ações conforme o grau de pureza de nossa intenção", diz S. Madalena de Pazzi.

Vendo o Salvador uma pobre viúva lançar dois reais no gazofilácio, disse a seus discípulos: "Na verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais que todos os outros" (Mc 12, 43). Segundo S. Cipriano, Nosso Senhor disse isso para nos mostrar que ele não olha tanto para a obra, como para o amor e a intenção com que é ela feita.

Nunca te tenhas em vista em qualquer de tuas ações, alma cristã. Queres saber o que faz aquele que, em suas ações, se busca a si mesmo, fazendo-as para ser louvado ou para encontrar nisso qualquer satisfação? Ele procede, segundo o profeta Ageu (1, 6), como um que lança a recompensa recebida por seu trabalho em um saco furado, isto é, ele perde todo o seu merecimento.

Por isso nos recomenda o divino Salvador (Mt 6, 1): "Guardai-vos de fazer vossas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles", porque, se assim procederdes, vos responderei, quando uma vez me pedirdes vossa recompensa: Já recebestes o louvor que procuráveis, que mais quereis?

Devemos renunciar a tudo, mesmo aos exercícios espirituais, quando Deus quer que nos dediquemos a outras ocupações. Diz-se isso visando especialmente os que se perturbam quando têm de deixar suas devoções por causa da obediência ou da caridade. Uma tal perturbação não vem certamente de Deus, mas, ou do demônio ou do amor-próprio. Agradar a Deus, mesmo que nos custe a vida, esta é a suprema máxima dos Santos.

Se, portanto, estiveres à mão com trabalhos que te foram impostos pela caridade, obediência ou decoro, não te queixes de que não podes empregar na oração esse tempo, como era teu desejo.

Estando uma vez o Pe. Baltasar Álvarez muito ocupado e desejando ver-se livre para se dar à oração, ouviu o Senhor dizer-lhe: "Desde que não podes estar perto de mim, deves te contentar que eu me sirva de ti".

§ III. Caracteres da boa intenção

Adverte agora alguns sinais, alma cristã, dos quais poderás deduzir se tuas obras procedem realmente de uma intenção pura.

O primeiro sinal da boa intenção consiste em não te inquietares quando a obra começada não dá o resultado esperado, mas em conservares a paz como se tivesses alcançado o teu fim. Gozarás certamente dessa paz de coração se em tuas ações só tiveres a Deus em vista, porque, nesse caso, logo que vires que Deus não quer a tua obra, também tu não a quererás mais, sabendo que ele não examina se ela deu resultado, mas ùnicamente se a empreendeste com o fito de agradar-lhe.

O segundo sinal da boa intenção consiste em te alegrares do que os outros fazem, como se tu o tiveras executado, pois, para quem busca ùnicamente a glória de Deus é inteiramente igual se ela é promovida por outro ou por ele mesmo.

O terceiro sinal consiste em não procurares em tuas obras nem aplauso nem agradecimento e em não perderes a paz, mesmo quando fores repreendido e maltratado por causa delas, na certeza de que alcançaste teu fim único, isto é, agradar a Deus.

Quando, porém, fores louvado por outros por qualquer coisa e te sentires tentado a te comprazeres nesse louvor, não precisas te esforçar muito em combater essa tentação com atos contrários; é melhor que a desprezes simplesmente e digas com o Beato João d'Ávila a teu amor-próprio: "Chegas mui tarde, já ofereci minha obra a Nosso Senhor". Além disso, quando praticares uma boa ação, como orar assiduamente, levar uma vida recolhida, praticar a mortificação, dar um bom exemplo aos demais, e o fizeres ùnicamente por Deus, o temor de ser visto ou louvado não deve te impedir de a levar a cabo. Nosso Senhor mesmo quer que os outros vejam nossas boas obras, para que elas os excitem à imitação e dêem honra a Deus. Isso atesta o divino Salvador, dizendo: "Brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5, 16).

Cuidemos, pois, ùnicamente de fazer tudo com uma boa intenção, e, se a vaidade desperta, imitemos a S. Bernardo, que, sentindo-se, durante uma prática, tentado à vaidade, expeliu-a de si, dizendo: "Não comecei a pregar por tua causa e, por isso, também não concluirei por tua causa; não tenho outra intenção senão agradar a Deus". "Se procurarmos agradar ùnicamente a Deus, diz S. Teresa, ele nos dará a força para vencermos qualquer tentação de vaidade" (Vit c. 10).

§ IV. Grande merecimento das menores obras feitas por Deus

E' coisa certa que Deus não exige grandes coisas de nós; ele só quer que o pouco que lhe damos seja dado com a devida disposição. Se tua caixa é pobre para poder dar alguma coisa a Deus, diz S. Agostinho (in ps 103), possuis em tua vontade um tesouro que te põe em estado de oferecer alguns presentes a Deus; basta que faças o que tens de fazer, com a intenção de agradar-lhe. Ouçamos as amáveis palavras que o Senhor dirige a cada um de nós: "Põe-me como um selo sobre teu braço e como um selo sobre teu coração" (Cânt 8, 6), isto é, se quiseres agradar-me, faze de mim

o único objeto de todos os teus desejos e ações. Donde nos aconselha o Apóstolo: "Ou comais ou bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus".

A venerável Beatriz da Encarnação, primeira filha espiritual de S. Teresa, dizia: Não se pode pagar com todos os tesouros do mundo a menor obra que se faz por Deus. E isso é inteiramente verdade, porque todas as obras feitas pela glória de Deus são atos de amor, aos quais está prometida uma recompensa eterna. Compenetrado disso, dizia o Pe. Rodríguez que a boa intenção é uma arte celeste de fabricar ouro, que transforma o ferro em ouro, pois as mais simples ações, como comer, dormir, trabalhar, divertir-se, etc., transformam-se no ouro da santa caridade, quando são executadas por Deus. Por isso S. Maria Madalena de Pazzi dizia que quem fizer tudo com pura intenção, se dirige diretamente para o céu, sem passar antes pelo purgatório.

Esforça-te, pois, alma cristã, em referir, todas as manhãs, ao despertares, todas as ações do dia a Deus e a oferecer-lhas em união com tudo o que o divino Salvador praticou aqui na terra, porque assim tornam-se sumamente agradáveis a Deus. Deves também renovar essa boa intenção no começo de cada ação ou, ao menos, de cada obra importante, como quando te queres dar à oração ou à meditação, receber a santa comunhão, ouvir a santa missa, começar tuas ocupações, pôr-te à mesa e recrear-te, etc. Dize então, ao menos interiormente: Senhor, não quero com isto buscar minha satisfação própria, mas cumprir ùnicamente com vossa santa vontade.

Narra o Pe. Saint-Jure que um piedoso eremita tinha o costume de levantar os olhos para o céu antes de qualquer trabalho e permanecer assim por algum tempo. Perguntaram-lhe um dia o que fazia em tais momentos, e ele respondeu: "Procuro assegurar-me de um bom tiro". Queria dizer que, assim como o atirador visa bem o alvo para dar à seta a direção conveniente, assim também devemos dirigir, antes de nossas ações, nossa vista para Deus, para lhes assegurar seu valor sobrenatural.

Aqueles que fazem por Deus tudo o que fazem, "enchem uma longa carreira", conforme a expressão do Sábio (Sab 4, 13). Por uma longa carreira cheia se entende a que foi toda consumada de um modo agradável a Deus; pelo contrário, vazia é a existência daqueles que não empregam seus dias no serviço de Nosso Senhor. Por isso diz o Salmista: "Os pecadores não chegarão à metade de seus dias" (Sl 54, 24).

Examina, pois, todas as tuas ações, alma cristã, e vê se foram verdadeiramente puras, isto é, sem mistura de amor-próprio e feitas ùnicamente por Deus. Se achares que teu modo de agir não procedeu da intenção de agradar a Deus, cuida para que ao menos no futuro o seja. Assim terás a dita de ouvir, da boca do Senhor, na hora da morte: "Eia, servo bom e fiel, porque foste fiel no pouco", praticando todas as tuas ações com a intenção de me agradar, "te constituirei sobre o muito", recompensando-te com bens infinitos e eternos.

CAPÍTULO DUODÉCIMO

Da vocação

§ I. Da vocação em geral

1. Deus quer que todos os homens se salvem; mas ele não quer que todos atinjam esse fim pelo mesmo caminho. Como ele estabeleceu no céu diversos graus de glória, assim também instituiu na terra diversos estados de vida, que são outros tantos caminhos para o céu. Para nos consagrarmos, porém, a qualquer estado, devemos, necessàriamente, ser chamados por Deus a ele, pois, em caso contrário, é-nos impossível ou, ao menos, muito difícil cumprir com os deveres desse estado e operar a nossa salvação. A razão disso é evidente, pois é Deus *mesmo* que, segundo sua sábia ordenação, destina cada um para um estado e lhe concede os auxílios e graças próprias a esse estado.

Se quisermos, portanto, assegurar nossa salvação, devemos escolher aquele estado para o qual Deus nos chamou, porque só nele encontramos os auxílios eficazes para atingir nosso fim, pois a virtude do Espírito Santo nos é concedida segundo a ordenação da divina Providência e não segundo a nossa vontade, diz S. Cipriano (De sing. cler.). "Cada um tem seu próprio dom de Deus", escreve S. Paulo (1 Cor 7, 7), o que significa, segundo Cornélio a Lápide, que Deus concede a cada um sua vocação e o escolhe para o estado no qual o quer salvar. Concorda com isso o que ele escreve aos Romanos (Rom 8, 30), dizendo que Deus chama os homens conforme ele os predestinou; se seguem a sua vocação, ele os santifica com sua graça e os conduz finalmente à eterna glória.

2. Geralmente, a importância da vocação não é dignamente apreciada. Considera-se como coisa indiferente viver no estado que Deus chamou ou em outro de livre escolha. Daí provém que tantos homens levam uma vida tão má e perdem-se finalmente. E' indubitável que nossa salvação eterna depende, na maior parte, da escolha de estado. À vocação se prende a justificação, à justificação, porém, a glorificação, isto é, a vida eterna, nota o Apóstolo (Rom 8, 30).

Quem destrói essa ordem, quem rompe essa cadeia de salvação, não se salvará. Por maiores esforços que faça, por mais meios que empregue, será sempre verdade o que diz S. Agostinho (in ps. 31, 4): "Corres bem, mas fora do caminho", isto é, fora do caminho que Deus te apontou para que, por ele, chegues à bem-aventurança eterna. Nosso Senhor não aceita aqueles sacrifícios que lhe oferecemos inspirados por nosso amor-próprio: chega até a ameaçar com terríveis castigos aqueles que desprezam seus conselhos e seguem sua inclinação: "Ai de vós, filhos desertores, diz o Senhor, que fizestes vossos planos, mas sem mim, e urdistes uma teia, mas não pelo meu espírito" (Is 30, 1).

3. Na escolha do estado, pois, só a vontade de Deus deve ser consultada e não nossa vontade *própria* ou a vontade de nossos pais.

Segundo S. Tomás (II-II. q. 104, a. 5), é certo que na escolha de estado não estamos obrigados a obedecer a nossos pais. Quando, por exemplo, um jovem se sente chamado para a vida claustral, e os pais se opõem a isso, deve ele antepor a vontade de Deus à de seus pais, que, muitas vezes, por egoísmo e razões pessoais, se opõem ao bem espiritual de seus filhos, diz S. Tomás. "Os pais preferem que seus filhos se percam eternamente com eles, a que se salvem separados deles", é palavra de S. Bernardo (Ep. 111).

Existem pais e mães que levam, aliás, uma vida temente a Deus, mas que, cegos pela paixão, não há meio que não empreguem para demover seus filhos de entrar no estado religioso. Um tal procedimento, entretanto, com poucas exceções, não pode ser escusado de pecado mortal. E' verdade que se objeta: Então é só no estado religioso que se poderá salvar-se? Perdem-se então todos os que vivem no mundo? Respondo: Os que não são chamados ao estado religioso, operam no mundo sua salvação, se cumprirem com as obrigações de seu estado; os que, porém, são chamados ao estado religioso e não seguem a voz de Deus, podem, afinal, se salvar, mas só com grandes esforços, porque se privaram da assistência especial a eles destinada no estado religioso. Quem não segue sua vocação, diz Habert, é na Igreja como um membro deslocado, e só com grande esforço poderá cumprir com seus deveres e salvar-se.

Luís de Granada compara a vocação com a roda principal de um relógio. Assim como todas as outras rodas ficam impedidas na sua rotação se essa roda estiver estragada, do mesmo modo toda nossa vida fica desordenada a respeito de nossa salvação eterna, se desacertarmos nossa vocação. Quantos desgraçados jovens que, por amor de seus pais, não seguiram sua vocação, tiveram um mau fim e lançaram na perdição não só a si mesmos, mas a toda sua família.

4. Se queres então fazer uma boa escolha de estado, alma cristã, aconselho-te a passar, enquanto possível, alguns dias na solidão para refletir, diante de Deus, sobre esse importante negócio. Deves, então, observar o seguinte:

a) Todo o teu empenho deve ser conhecer o que Deus deseja de ti. Para isso deves dizer muitas vezes contigo mesma: "Ouvirei o que o Senhor me disser" (Sl 84, 9) e o que de mim exige.

b) Deves estar resolvida a obedecer a Deus e a seguir sem restrição a vocação que ele te fizer conhecer como a tua.

c) Deves suplicar incessantemente ao Senhor que te faça conhecer sua santa vontade, qualquer que seja o estado a que te chame. Ao mesmo tempo deves cuidar em conservar uma santa indiferença a respeito das determinações divinas.

Quem pede a Deus luzes para a escolha de estado sem se achar nessa disposição de santa indiferença; quem, em vez de se conformar com a vontade divina, quer até impor a Deus como norma sua própria vontade, assemelha-se a um piloto que parece querer atravessar o mar com seu navio, quando, na realidade, não o quer, visto ter antes descido a âncora e, depois, desfraldado as velas.

Quem alimenta tais sentimentos, não receberá as luzes e inspirações divinas. Se, pelo contrário, pedires a Deus luzes com san-

ta indiferença e com firme resolução de seguir sua vontade, certamente te fará conhecer que estado é o melhor para ti. Se, porém, sentires repugnância em seguir o chamamento de Deus, representa-te no instante de tua morte, e faze então a escolha que desejarias ter feito nesse momento decisivo.

§ II. Da vocação ao estado sacerdotal

1. Para cada um que quer assumir a dignidade do sacerdócio é de todo necessária uma vocação especial de Deus. Isso explica S. Paulo, citando o exemplo do sumo sacerdote Aarão e do divino Salvador Jesus Cristo: "E ninguém se usurpa esta honra, mas só aquele que é chamado por Deus como Aarão. Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo para se fazer pontífice, mas Aquele que lhe disse: *Tu és meu Filho, eu hoje te gerei*" (Heb 5, 4-5).

Logo, ninguém, por mais santo e sábio que seja, se deve intrometer no santuário; o sacerdote deve ser chamado por Deus e por ele aí introduzido. Nosso Senhor mesmo escolhe os trabalhadores que devem cultivar a sua vinha: "Eu vos elegi e encarreguei-vos que vades e deis fruto" (Jo 15, 16). Por esse motivo o divino Salvador não disse: Pedi aos homens que recolham o trigo, mas: "Pedi ao Senhor da colheita que envie operários à sua seara" (Mt 9, 38). Em outro lugar diz: "Como o Pai me enviou, eu vos envio".

2. Se Deus, porém, nos chama a qualquer cargo, concede também o auxílio necessário para ele. "O autor da honra a mim conferida será meu auxiliador no desempenho dela, diz S. Leão, porque quem concedeu a dignidade dará também a força" (In die ass. suae s. 1). O divino Salvador exprime o mesmo pensamento, quando diz: "Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, será salvo; ele entrará e sairá e encontrará pastagens" (Jo 10, 9). Ele entrará, isto é, tudo o que empreende um sacerdote chamado por Deus, executará sem pecado e até com merecimento; e sairá, isto é, se achará no meio de ocasiões perigosas, mas, com o auxílio de Deus, sairá vitorioso disso tudo; ele achará pastagens, isto é, receberá graças especiais no exercício de seu cargo, em virtude das quais fará grandes progressos no caminho da perfeição e justamente por estar ele no estado a que foi chamado por Deus, pode exclamar, confiadamente: "O Senhor me governa e nada me faltará; colocou-me em um lugar de pastos" (Sl 22, 1).

3. Quais são, porém, os sinais mais seguros de vocação sacerdotal? São principalmente estes:

a) A pura intenção. No santuário, só pela porta se deve entrar e esta porta é Jesus Cristo. Ele mesmo disse: "Eu sou a porta... quem entrar por mim, será salvo". A legítima entrada para o santuário não é, pois, o desejo de agradar aos pais, de elevar sua família, de se procurar vantagens temporais, ou satisfazer ao amor-próprio, mas sim a pura intenção de servir a Deus e trabalhar para sua glória, na salvação das almas.

b) A ciência requerida e os dotes necessários para poder exercer devidamente as funções sacerdotais.

c) Conduta irrepreensível de vida. Quem aspira a honra de servir ao altar, não só deve estar livre de pecados, mas ser realmente piedoso, isto é, já deve trilhar o caminho da perfeição e possuir uma certa presteza no exercício da virtude.

Esta especial piedade é requerida por dois motivos, segundo S. Tomás (Suppl. q. 35, a. 1): primeiro, porque quem recebe as santas ordens, por sua santidade, deve estar tão acima do povo quanto por sua dignidade o sobrepuja; segundo, porque ele recebe, pelas santas ordens, o encargo de administrar os mais sublimes mistérios, o qual requer uma perfeição ainda maior do que a do próprio estado religioso.

§ III. Da vocação para o estado religioso

A vocação para uma vida perfeita no estado religioso é uma graça especialíssima e sumamente preciosa, que Deus concede só a poucos. Com razão, pois, se irrita o Senhor com aqueles que fazem pouco caso de um tal favor e não dão ouvido ao chamamento de Deus. Como não se sentiria ofendido um rei, se um súdito seu, chamado a ser seu favorito, desprezasse essa honra! E Deus não há de sentir uma tal injúria? Oh! sim, ele a sente e muito e, por isso, exclama, ameaçando (Is 45, 9): "Ai de quem resiste a seu Criador!"

O castigo de um tal ingrato começa já nesta terra, porque nunca mais achará paz, diz o piedoso Job (9, 4): "Quem lhe resistiu e achou paz?" Além disso, privou-se ele dos múltiplos e eficazes auxílios com os quais fàcilmente poderia levar uma vida devota. E se o infeliz, rigorosamente falando, ainda pode operar sua salvação, contudo, dificilmente empregará os meios necessários para isso, como nota o douto teólogo Habert (De ord., p. 3, c. 1, § 2). O mesmo ensinam S. Bernardo (De vit. cler., c. 5) e S. Leão (Epist. 87).

Tendo o imperador Maurício proibido aos soldados a entrada nos claustros, S. Gregório, em uma carta ao imperador, declarou injusta essa lei, porque assim ficava o céu fechado para muitos cristãos que, no estado religioso, se salvariam e, ficando no mundo, se perderiam (Epist. l. 2, c. 100).

Quantos infelizes não serão condenados no dia do juízo porque não seguiram sua vocação! "Foram rebeldes à luz, não conheceram os caminhos dele", diz o Espírito Santo pela boca de Job (24, 13). Porque não quiseram seguir o caminho que o Senhor lhes mostrou, trilharão sem luz aquele que eles mesmos escolheram, e se perderão.

No livro dos Provérbios o Senhor se exprime em termos mais fortes: "Eis que vos revelarei o meu espírito, isto é, vos darei a graça da vocação.. mas, porque vos chamei e não quisestes ouvir-me... porque despresastes todos os meus conselhos... também eu me rirei na vossa perdição e zombarei de vós quando vos suceder o que temíeis" (Prov 1, 23-26).

Quando, no meio dos escolhos e perigos do mundo, as tentações atacam tais pessoas infiéis, quando os horrores e angústias da morte lhes sobrevierem, "então me invocarão, diz o Senhor, mas eu não os ouvirei; levantar-se-ão de madrugada, e não me acharão, pois que eles não aquiesceram ao meu conselho. comerão, por

isso, os frutos do seu caminho e fartar-se-ão dos seus conselhos" (Prov 1, 27-31); o menor impedimento, a menor tentação os fará cair; mesmo a felicidade os perderá.

Os sinais ordinários de vocação para o estado religioso são a aptidão e a inclinação.

A aptidão é o complexo de todas aquelas qualidades que habilitam alguém para a observância das regras e prescrições de uma Ordem determinada. Essas qualidades são principalmente as seguintes: um juízo reto, um caráter bom, um coração dócil, os conhecimentos necessários, a isenção de defeitos corporais ou espirituais que são contrários a tal modo de vida.

A inclinação existe quando julgamos que uma Ordem corresponde a nosso caráter pessoal e está em estado de nos tornar felizes e inteiramente satisfeitos. Essa inclinação deve ser constante, isto é, não deve estar sujeita a contínuas variações. Contudo, tais oscilações podem provir de tentações do demônio ou de uma certa repugnância da natureza e, por isso, não são sempre prova de falta de vocação.

Não é de forma alguma requerido que se sinta levado por um impulso espontâneo para o estado religioso; a inclinação pode ser o resultado de uma reflexão séria e é muito compatível com certas tentações e oscilações. Em todo o caso, porém, a inclinação para o estado religioso deve ser sincera, isto é, deve provir de um motivo puro. Seria uma boa intenção, por exemplo, o desejo de se salvar com maior facilidade, de promover a glória de Deus, de trabalhar na salvação das almas, de se tornar semelhante a Jesus Cristo, de cumprir em tudo a vontade de Deus, de fazer penitência pelos pecados da vida passada, de gozar da felicidade de uma alma que está livre das inquietações mundanas e que pertence totalmente a Deus, etc.

Ao lado desses sinais ordinários de devoção existem outros extraordinários. Por exemplo, quando alguém recebe uma revelação do céu chamando-o para esta ou aquela Ordem, como se deu com S. Luís Gonzaga, S. Estanislau Kostka e outros; ou quando alguém em virtude de uma inspiração interna, sente-se violentamente atraído para a vida religiosa.

Se alguém, apesar de rigoroso exame próprio, apesar de séria reflexão e minuciosa consultação com um esclarecido confessor, não alcança certeza e permanece na dúvida a respeito de sua vocação, pode ficar sossegadamente no mundo, porque ninguém está obrigado a subir a um estado mais alto, sem estar moralmente certo de que Deus o chama para esse estado.

Quem julga ter vocação para o estado religioso, deve empregar o maior empenho em conservá-la como a mais preciosa jóia da terra. Para isso deve empregar os seguintes meios:

Primeiramente, deve obedecer, o mais cedo possível, à voz de Deus e seguir, nesse ponto, o conselho de seu confessor como do superior que o deve receber na Ordem.

Segundo. Deve guardar um prudente segredo a esse respeito, porque os mundanos não sentem escrúpulos em demover alguém de entrar no estado religioso.

Terceiro. Deve guardar o recolhimento de espírito e, para isso, evitar as conversações mundanas. Um dia de distração, uma palavra de um amigo, um simples apego basta para desviar alguém de sua vocação.

Quarto. Deve se dar muito à oração, porque, do contrário, perde certamente a vocação. Tome a miúdo, por objeto de sua meditação, a vocação e reflita na grande graça que Deus lhe fez concedendo-lha e como está seguro de sua eterna salvação, seguindo a sua vocação, e como é grande o perigo de sua condenação eterna, se não corresponder a essa graça. Será também muito útil representar-se a hora de sua morte e ponderar que alegria causará, no leito mortuário, o pensamento de ter obedecido a Deus, e que tormento, que temores de consciência o cruciarão se permanecer no mundo, apesar de sua vocação para o estado religioso.

CAPITULO DÉCIMO TERCEIRO

Dos retiros ou exercícios espirituais

§ I. Grande utilidade dos retiros espirituais.

Fazer retiro ou exercícios espirituais não é outra coisa senão interromper por algum tempo o trato com os homens para se entreter, na solidão, simples e únicamente com Deus. Durante esse tempo de recolhimento Nosso Senhor fala ao homem por meio de suas inspirações, e o homem, de sua parte, fala a Deus pela oração e meditação; deplora todas as ofensas que cometeu contra seu Senhor e Criador, e promete-lhe consagrar-se a seu serviço com todas as suas forças; suplica-lhe igualmente a graça de conhecer a santa vontade de Deus e a força de cumpri-la fielmente.

E' muito certo que os exercícios espirituais são muito úteis. Antes de tudo esclarecem-nos sobre as verdades tão importantes da vida eterna, sobre o grande negócio de nossa salvação, sobre o valor do tempo que Deus nos dá para adquirirmos merecimentos para o céu, sobre a obrigação de amarmos a Deus por ser ele a bondade infinita e consagrar-nos um amor imenso; cóisas essas que só se podem perceber com olhos espirituais.

Os mundanos não têm compreensão dessas verdades, andam nas trevas e não conhecem o valor dos bens eternos, nem a desgraça que está preparada para o pecador, na outra vida. Alucinados pela embriaguez dos sentidos, entregam-se aos prazeres proibidos e se perdem miseràvelmente. "Oxalá tivessem eles sabedoria e inteligência e previssem os fins" (Dt 32, 29). Por essas palavras da Escritura dá-nos Deus a entender que, se os homens tomassem em consideração as verdades eternas, certamente todos cuidariam de sua santificação e não se exporiam ao perigo de levar uma vida desgraçada por toda a eternidade.

Os mais, porém, fecham os olhos à luz e lançam-se cegamente na perdição. Por isso pediam os Santos incessantemente ao Senhor

que os iluminasse e lhes mostrasse o caminho que deviam trilhar, seguindo sua santa vontade. Com o real profeta exclamavam: "O Senhor faça resplandecer seu rosto sobre nós" (Sl 66, 2). "Fazei-me conhecer o caminho que hei de andar" (Sl 142, 8). "Iluminai os meus olhos, para que não durma o sono da morte" (Sl 12, 4). "Dai-me inteligência e aprenderei os vossos mandamentos" (Sl 118, 72).

Para se receberem essas luzes divinas é preciso se aproximar de Deus: "Chegai-vos a ele e sereis iluminados" (Sl 33, 6). Isso se dá justamente nos exercícios espirituais ou retiros; por meio deles a alma aproxima-se de Deus e é por ele iluminada com luzes sobrenaturais. Durante esses dias de recolhimento conhece-se mais claramente que de costume a verdade das máximas cristãs, a importância da salvação eterna, a fealdade do pecado, o grande valor da graça, a grandeza do amor de Deus aos homens, a vaidade das coisas terrenas, a loucura dos que, por causa dos prazeres transitórios, se descuidam dos bens celestes e se preparam uma eternidade desgraçada.

Em consequência da consideração dessas verdades, empregam-se os mais eficazes meios para se assegurar a salvação própria. O homem como que se eleva sobre si mesmo, segundo as palavras do Profeta (Jer 3, 28). (O texto: *quia levavit super se scl. jugum*, e não — *se super se* — como têm alguns exemplares): "Assentar-se-á solitário e ficará em silêncio, porque se elevou acima de si mesmo". Despe-se do apego às coisas terrenas e une-se a Deus por meio de orações fervorosas, pelo desejo de pertencer-lhe inteiramente, pelo oferecimento total de si mesmo, com repetidos atos de contrição, de amor e de conformidade ou resignação. Calca-se aos pés tudo o que é terreno e olha-se com compaixão para os que apreciam os bens deste mundo, bens que são sumamente miseráveis e não merecem ser amados por um coração que foi criado para o amor de Deus.

E' também certo que dos retiros se leva um grande acréscimo de virtudes. Por isso S. Crisóstomo os indica como um meio excelente para elevar-se ao cume da perfeição. "A solidão espiritual, diz ele, ajuda-nos muito a atingir a perfeição". "Feliz o homem, exclama um outro devoto escritor, que Nosso Senhor conduz do barulho do mundo à solidão dos retiros, regada com orvalho do céu".

Não há dúvida de que os sermões que se costumam pregar nas igrejas são muito úteis; se, porém, aqueles que a eles assistem não refletem sobre o que ouviram, pouco fruto tirarão deles. Só das reflexões piedosas nascem as santas resoluções. Essas reflexões, porém, geralmente não são feitas do modo requerido, se não forem feitas na solidão. A concha, depois de receber o orvalho do céu, fecha-se logo e baixa ao fundo do mar e, dessa maneira, forma-se nela a pérola. Assim também as verdades que se ouviram em um sermão ou se leram em algum livro, devem ser refletidas na solidão. Por esse motivo S. Vicente de Paulo costumava, em seus sermões de missão, aconselhar os ouvintes a se retirarem, enquanto possível, a um lugar solitário, e aí fazerem os exercícios espirituais.

Deus, é verdade, fala a cada um que o busca sinceramente. Não o faz, porém, no tumulto do mundo. "Deus não está na agitação" (3 Rs 19, 11), foi dito a Elias, quando foi conduzido, pelo Senhor, à solidão. A voz do Senhor, diz-se aí mesmo, é "como sopro de uma branda aragem", é apenas perceptível, em todo o caso não com os ouvidos corporais, mas só com os do espírito e só em completa tranquilidade. Por isso, quando Deus quer falar à alma, condu-la à solidão; aí, longe de toda a agitação mundana, fá-la ouvir suas "palavras de fogo" (Sl 118, 140), palavras que fazem derreter a alma, como se exprime a Esposa dos Cânticos: "Minha alma derreteu-se ao falar o meu Amado" (Cânt 5, 6).

Também contigo quer falar Nosso Senhor, alma cristã; mas quer fazê-lo durante o retiro, quando estiveres a sós com ele, porque, enquanto te achares no meio de tua família, teus parentes e conhecidos não deixarão de te estorvar, de maneira que não poderás ouvir a voz de Deus.

Para te convenceres da grande utilidade dos retiros, basta que leias algum livro que trata desse assunto, e acharás estupendos exemplos da eficácia desse piedoso exercício. Narrar-te-ei só alguns deles.

Uma religiosa chamada Maria Boaventura levava uma vida muito tíbia e distraída, no convento de Torre-degli-Specchi, onde se achava contra sua vontade. Pregando-se uma vez nesse convento os Santos exercícios, tomou ela parte neles, mas com grande desgosto. Já depois da primeira meditação, porém, lançou-se aos pés do Pe. Lancício, que dirigia os exercícios, e exclamou, com uma torrente de lágrimas: "Meu pai, fiquei conhecendo o que Deus exige de mim; quero tornar-me uma santa e quanto antes". Em seguida, fechou-se em sua cela e, aos pés do Crucifixo, escreveu a seguinte protestação: "Eu, Maria Boaventura, sacrifico-me inteiramente a vós, Senhor, hoje, no começo do santo retiro. Prometo-vos, Jesus, não amar a mais ninguém fora de vós. Aceitai, meu amado Salvador, este escrito regado com minhas lágrimas, como um penhor de meu amor; coloco-o na chaga de vosso lado sagrado, para que vós, pelos méritos desse sangue, me perdoeis e me firmeis tanto no vosso amor, que não pertença mais a mim mesma, mas ùnicamente a vós". Maria Boaventura alcançou, em breve tempo, um alto grau de santidade; sobreviveu apenas um ano à sua conversão e se ocupou, durante esse tempo, sòmente com oração e penitências. Rica em merecimentos, entregou seu espírito a Deus com os olhos dirigidos para o céu e os nomes santíssimos de Jesus e Maria nos lábios. Conta-se que, logo depois de sua morte, mostraram-se nela os mais evidentes sinais da glória que lhe foi concedida no céu.

O Pe. Bártoli narra que um pobre alemão, que se dera a todos os vícios, entregara finalmente sua alma ao demônio por um escrito assinado com seu sangue. Fazendo, mais tarde, os exercícios espirituais, concebeu uma tal dor de seus pecados que várias vezes caiu desfalecido. Desde então, levou uma vida penitente e nela perseverou até à sua morte.

O Pe. Rossignoli conta o seguinte: Um nobre siciliano tinha um filho que levava uma vida dissoluta. Depois de ter empregado inùtilmente muitos meios na correção de seu filho, o infeliz pai viu-se obrigado a mandá-lo a uma galera, à qual foi acorrentado como um escravo. Um religioso, que se apiedara do pobre moço, visitou-o e conseguiu, por seus modos afáveis, que ele fizesse algumas meditações sobre as verdades eternas. O moço pediu então para fazer uma confissão geral e mudou tão completamente de vida, que seu pai o recebeu novamente em sua casa e o estimava como dantes.

Um moço de Flandres, que levava uma vida licenciosa, pôs fim à sua escandalosa conduta depois de fazer os exercícios espirituais. Admirando-se seus amigos dessa mudança, disse-lhes: Admirais-vos de minha conversão; afirmo-vos, porém, que o próprio demônio, se fizesse os exercícios espirituais, faria penitência.

Diversos moços, vendo que vários de seus amigos iam fazer exercícios espirituais, acompanharam-nos para se divertirem à sua custa e não para participarem sèriamente deles. Que aconteceu, porém? Esses moços ficaram tão comovidos, durante o retiro, que romperam em soluços e lágrimas, confessaram-se e mudaram de vida.

S. Carlos Borromeu, logo depois de ter feito, pela primeira vez, os exercícios espirituais, dedicou-se a uma vida perfeita. S. Francisco de Sales atribuiu aos exercícios espirituais o começo de sua vida angélica. O Pe. Luís de Granada, homem de grandes virtudes, costumava dizer que sua vida inteira não seria suficiente, se quisesse escrever as luzes que recebera durante os santos exercícios sobre as verdades eternas. O Beato Pe. Ávila chamava os exercícios espirituais escola de sabedoria celeste e exigia que se submetessem a eles todos os seus penitentes. O piedoso Abade Blósio afirma que os exercícios espirituais são um tesouro precioso que Deus revelou à sua Igreja nestes últimos tempos e pelo qual lhe devemos ser sumamente gratos.

De grande utilidade são os santos exercícios, particularmente para os que estão tratando da escolha de estado. Acho até, em alguns escritores, que o fim primário que se tinha em vista na introdução dos santos exercícios, foi acertar com a vocação, porque disso depende a nossa bem-aventurança eterna. Não devemos esperar que um anjo do céu venha mostrar-nos o estado a que devemos nos consagrar, segundo a vontade de Deus. Para conhecermos nossa vocação devemos pôr diante dos olhos o estado que pensamos seguir, examinar as intenções que temos nessa escolha e as circunstâncias particulares em que nos achamos.

Experimenta uma vez, alma cristã, este grande meio de salvação e de perfeição, e Nosso Senhor te concederá uma tal abundância de consolações celestiais, durante esses dias, que te afeiçoarás extraordinàriamente a esses santos exercícios, e os repetirás muitas vezes. E isso trará sumo proveito à tua alma, seja qual for o estado a que pertenceres, porque as diversas ocupações, embaraços e distrações, que a vida traz necessàriamente consigo, secam o espírito e, por isso, é preciso revigorá-lo e renová-lo, segundo o con-

selho de S. Paulo (Ef 4, 23): "Renovai-vos no espírito de vosso entendimento".

Não repliques: Os outros também não fazem êsses exercícios. Que te importa isso? Se eles não se incomodam com isso, faze-o tu, e dando-te aos exercícios espirituais, conseguirás talvez que outros também os façam. Mesmo que te alcunhem de homem singular: Deus preza essa singularidade. S. Bernardo diz que ninguém pode chegar à santidade sem distinguir-se dos mais pela prática da virtude.

Os amigos do mundo, que estão acostumados a distrair-se com conversações, banquetes e jogos, supõem que na solidão, onde faltam esses divertimentos, se é atacado de um enfado insuportável. Isso, porém, não se dá nem por sombra; quem busca a Deus, não sente aborrecimento na solidão, porque "sua conversação nada tem de amargo, nem a sua companhia nada de fastidioso, mas satisfação e alegria", diz o Sábio (Sab 8, 16).

O Cardeal Belarmino costumava retirar-se no verão, enquanto os outros Cardeais se dirigiam às suas casas de campo, a uma casa solitária e fazer aí, durante um mês, os exercícios espirituais; a isso dava o nome de férias e encontrava nisso alegrias internas que mereciam ser, de fato, antepostas a todos os prazeres dos outros. S. Carlos Borromeu experimentava igualmente delícias celestiais durante os exercícios espirituais que ele fazia duas vezes no ano.

§ II. Instruções para o tempo do retiro

1. Se os exercícios espirituais forem dirigidos por um sacerdote, é dever teu assistir conscienciosamente a todas as suas instruções. Depois de cada alocução reflete sobre o que ouviste, e se alguma coisa te impressionou de modo particular, procura grava-la profundamente na tua mente.

2. Se fizeres sòzinho os exercícios espirituais, serve-te de um livro que contenha as meditações usadas nos retiros; a leitura de tal livro pode suprir as alocuções. Procura-te também, para êsses dias, a biografia de algum santo ou um outro qualquer livro espiritual.

3. Para recebêres as desejadas luzes e ouvires claramente a voz de Deus, deves remover também as causas das distrações. Os remédios não aproveitam a um doente se ele não emprega a precaução requerida, por ex., se não evita o ar frio, comidas nocivas, excessiva aplicação de espírito, etc. Do mesmo modo, para os exercícios muito te aproveitarem, deves procurar remover tudo o que impede o recolhimento de espírito, como visitas de teus amigos, recados, cartas, etc.

S. Francisco de Sales, quando fazia retiro, punha de parte as cartas que recebia e só findos os exercícios é que as lia. Durante o retiro também não se devem ler livros puramente científicos ou de recreio; então deve-se estudar ùnicamente o Crucificado. Por isso, nesse tempo, só livros espirituais devem estar no teu quarto e, quando os leres, não o deves fazer para satisfazer tua curiosidade.

4. Não basta removeres as distrações que vêm de fora; deves repelir também as internas; pois quem se ocupasse voluntàriamente com seus negócios temporais, com seus estudos e coisas semelhantes, tiraria pouco fruto de seus exercícios espirituais. Pedro Ortiz, administrador do imperador Carlos V, recolhendo-se ao convento de Monte Cassino, para fazer seus exercícios espirituais, disse a seus pensamentos, ao chegar à porta do convento: "Assentai-vos aqui, enquanto eu vou acolá a fazer oração" (Mt 26, 36), palavras ditas por Nosso Senhor a seus discípulos, isto é: Ficai-vos aqui fora, ó pensamentos do mundo; quando terminar meu retiro, voltarei para vós, e nos encontraremos então.

O tempo do retiro deve ser todo empregado na salvação da própria alma, sem se perder um instante sequer desse tempo precioso.

5. Entra nos santos exercícios com o *sincero* desejo de conhecer e executar fielmente as doçuras de uma devoção sensível. Se fizeres o retiro com essa intenção pura, Nosso Senhor não deixará de iluminar-te e abrasar-te em seu santo amor, ainda que sintas secura e enfado; quanto mais fiel te mostrares durante a desconsolação interna, tanto maiores e mais preciosas serão as graças que receberás durante o retiro.

6. Quanto ao horário dos exercícios, durante o retiro, podes te servir do seguinte como norma:

De manhã, logo depois de te levantares, uma meditação de meia hora. — Recitação do ofício. — Preparação de meia hora, à santa comunhão. — Ação de graças, pela santa comunhão, por uma hora, ouvindo-se então uma ou mais missas. — Trabalho manual por meia hora. Leitura espiritual durante meia hora. — Segunda meditação. — Exame particular. — Almoço.

Depois do meio-dia: Recitação do ofício. — Meia hora de leitura espiritual da vida dos Santos. — Terceira meditação. — Trabalho manual por meia hora. — visita do SS. Sacramento e da Santíssima Virgem.

De tarde: Quarta meditação. — Notar os bons propósitos. — Terço. — Jantar. — Exame de consciência. — Ladainha de Nossa Senhora e outras orações vocais.

Afinal, a respeito do horário, cada um deve acomodar-se às circunstâncias em que se achar.

7. Finalmente, não deixes de recitar a miúdo a seguinte oração, durante o retiro: O' meu Deus, eu sou um pobre pecador que já tantas vezes vos desprezou. Mas agora prefiro-vos e amo-vos mais que tudo; sim, não quero mais amar coisa alguma fora de vós. Quereis que vos pertença inteiramente e eu também o desejo de todo o coração. Falai, Senhor, que vosso servo vos escuta. Fazei-me conhecer o que quereis de mim; estou resolvido a dirigir-me em tudo conforme à vossa santa vontade.

Recomenda-te de um modo especialíssimo à Santíssima Virgem e pede-lhe que te alcance a graça de cumprires, do modo mais perfeito, a vontade de seu divino Filho.

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

Da preparação para a morte

Devemos estar convencidos que a hora da morte não é própria para ajustar nossas contas e pôr em ordem o grande negócio de nossa salvação eterna. Os prudentes filhos do mundo tomam a tempo as medidas necessárias para ganhar este ou aquele negócio, para chegar a um certo emprego e conseguir um pretendido casamento; quando se trata da saúde do corpo, não adiam por um instante o emprego dos remédios prescritos. Que dirias de um homem que, devendo sujeitar-se a um exame para obter uma cadeira, só no momento decisivo se desse ao estudo? Não seria insensato o comandante que quisesse esperar com o aprovisionamento de víveres e armas até que a fortaleza estivesse cercada? Não seria louco o piloto que quisesse esperar o começo da tempestade para se munir de âncoras e amarras?

Assim também são insensatos os cristãos que esperam chegar a morte para pôr em ordem sua consciência. Não basta então receber os santos sacramentos; deve-se ter também uma verdadeira aversão ao pecado e amor a Deus sobre todas as coisas; devem-se aceitar então todos os sofrimentos e até a morte, com resignação e amor.

Aquele, porém, que, durante sua vida, não se exercitou em tais sentimentos, não os terá também na morte. Por isso cristãos piedosos costumam renovar com grande proveito espiritual, cada mês, "a proteção para uma boa morte", isto é, recebem os santos sacramentos da penitência e comunhão e fazem os atos dos moribundos, como se estivessem no leito mortuário e no momento de se apartarem deste mundo.

Para se fazer com muito fruto este exercício devemos: 1) fazer algumas considerações sobre a morte; 2) bons propósitos em relação à hora da morte; 3) excitar os mesmos afetos piedosos que devemos então ter.

§ I. Considerações sobre a morte e as circunstâncias que a devem acompanhar

1. Pondera, em primeiro lugar, que a morte é certa. A sentença de morte foi dada para todos os homens; és um homem, logo, hás de morrer. S. Agostinho diz (Sermo 97) "Tudo o que nos há de suceder, nossa boa ou má sorte, é uma coisa incerta; só a morte é certa". Se chegares a viver todos os anos que te prometes, querido leitor, ainda assim chegará um dia que será o teu último dia. Já está marcado o dia e o momento, tanto para mim, que escrevo este livro, como para ti que o lês, em que eu não mais escreverei e tu não lerás mais. Nossa sentença já foi proferida.

Certamente nunca existiu um homem tão louco que tivesse afagado o pensamento de não haver de morrer. O que aconteceu a teus antepassados se dará também contigo. "E quando a morte chega, não existe força que lhe possa resistir, diz S. Agostinho (in ps.

121); resiste-se ao fogo, à água, ferro, resiste-se ao poder dos reis; à morte, porém, ninguém pode resistir".

Vicente de Beauvais narra que um rei de França disse, ao morrer: "Ah! apesar de todo o meu poder, não posso conseguir que a morte se apodere de mim uma hora sequer mais tarde". Chegado o fim de nossa vida, não se pode mais adiá-la nem sequer por um instante.

Por isso não devemos aspirar àquela felicidade que findará, mas à que dura eternamente, porque nossa alma viverá eternamente. Que te aproveitará ser feliz aqui na terra — no caso que uma alma pudesse ser verdadeiramente feliz separada de Deus — se tiveres de ser infeliz depois por toda a eternidade?

2. Pondera, em segundo lugar, que é incerto quando teremos de morrer. Alma cristã, Deus já marcou o ano, o mês, o dia, a hora e o momento em que tu e eu devemos deixar a terra para entrar na eternidade; esse tempo, porém, nos é desconhecido. Para que estejamos continuamente preparados para ele, o Espírito Santo nos põe essa verdade de diversos modos diante dos olhos; ora diz que a morte vem como um ladrão de noite (1 Tess 5, 2); ora nos exorta a vigiarmos porque nosso divino juiz virá quando menos pensarmos (Lc 12, 40).

Como a morte nos pode sobrevir a qualquer hora e em qualquer lugar, devemos esperá-la em qualquer ocasião e lugar, se quisermos morrer bem e salvar-nos, diz S. Bernardo (Med. c. 3). Quantos dos que viveram conosco já não morreram, um estando sentado, outro andando, outro deitado em sua cama. Oh! quantos pobres pecadores não foram colhidos pela morte e precipitados no inferno, quando se saciavam com uma comida envenenada! Como os peixes são apanhados pelo anzol, assim os homens serão presos no tempo da desgraça (Ecli 9, 13). O tempo da desgraça de que se fala aqui é o tempo em que os pecadores ofendem a Deus. O demônio talvez te segrede que uma tal desgraça não te atingirá. Deves, porém, responder-lhe: E se me atingisse, que seria então de mim por toda a eternidade?

3. Representa-te, em terceiro lugar, tua morte como iminente. Que é nossa vida? Assemelha-se à fumaça, que desaparece com um leve vento. Todos os homens sabem que hão de morrer; muitos, porém, enganam-se representando a morte como muito distante, como se nunca tivesse de se aproximar deles. Entretanto, ensina-nos Job que a vida é muito curta: "O homem... vive breve tempo... Como a flor, nasce e é pisado". Isaías, por mandado do Senhor, devia pregar essas mesmas verdades: "Clama!... Toda a carne é feno e toda a sua glória é como a flor do campo. Secou-se o feno e caiu a flor" (Is 40, 6).

A morte chega, a vida finda-se, cai a flor das grandezas terrenas e prazeres temporais. A morte corre "mais que um cursor" (Job 9, 25), ao nosso encontro e nós ao seu; em cada passo, em cada respiração nos aproximamos mais da morte. Vês como aquele regato corre para o mar? suas águas velozes não voltam atrás! Assim passam também os teus dias, alma cristã, e te aproximas mais da morte.

Prazeres, divertimentos, luxo, elogios, aplausos, tudo passa, e o que resta de tudo isso? Nada resta, a não ser o sepulcro.

4. Representa-te, em quarto lugar, tua morte como presente, ou julga-te ao lado de um doente que tem só algumas horas de vida. O moribundo é atormentado por dores atrozes, sofre falta de ar e está coberto de suor frio; sua cabeça está tão fraca que só pouco ouve, apenas entende uma ou outra coisa e quase não pode mais falar. O pior de tudo é que, tão próximo da morte, em vez de pensar em sua alma e de pôr em ordem para a eternidade suas contas, só cuida talvez dos remédios e médicos, para se ver livre das dores que o acabrunham. Mesmo que se suponha que o doente não esteja avisado da proximidade da morte, entra em grande inquietação e aflição em consequência da excitação de sua família, das consultas repetidas dos médicos, dos remédios redobrados e fortes; no meio de contínuos acessos de temor e remorsos de consciência, diz a si mesmo: Ah! quem sabe se já não chegou o fim de meus dias?

Mas que sentirá o enfermo quando receber, finalmente, a notícia de sua morte próxima? quando se lhe disser: "Dispõe de tua casa, porque morrerás e não terás vida"? (Is 38, 1). Que dor não sentirá quando se lhe disser: Não há mais salvação para ti; é tempo de receberes os santos sacramentos e de te reconciliares com Deus e de te despedires do mundo.

Despedir-se do mundo? Como? Devo então abandonar tudo: esta casa, esta fazenda, estes parentes, estes amigos, estas companhias, estes jogos, estes divertimentos?

Sim, tudo isso é preciso deixar; eis que já aí vem o tabelião para consignar essa renúncia absoluta: Eu deixo... Eu lego...

E o que leva o moribundo consigo? Nada, afora uma miserável mortalha!

Que tristeza e que aflição não sentirá um mundano ao ver as lágrimas de seus domésticos, o silêncio de seus amigos, que não ousam mais pronunciar palavra em sua presença! O seu maior tormento, porém, é o remorso de consciência que o atormenta nesse momento supremo, do mais terrível modo, porque levou talvez, até esse momento, uma vida desregrada, apesar de tantos convites e luzes divinas, apesar de tantas admoestações de seu diretor espiritual, apesar de tantos propósitos feitos e nunca cumpridos, ou negligenciados mais tarde. O' infeliz de mim, exclamará então; recebi tantas luzes de Deus, tive tanto tempo para pôr em ordem minha consciência, e não o fiz! Oh! tivesse eu cumprido aquela resolução que tomei; tivesse continuado como começara, quão feliz estaria agora! Louco que fui! Poderia ser um santo, com o auxílio de tantas luzes e boas ocasiões que Deus me concedeu; poderia ter levado uma vida feliz na graça, e agora? Que me resta, de tantos anos que vivi, senão temor e tormento, remorso e terríveis contas diante de Deus? Não ouso esperar salvar-me!

Quando, porém, falará assim o infeliz? Quando já falta o óleo de sua lâmpada e termina para ele o drama deste mundo. Que não dará ele então para ter ainda um ano, um mês ou ao menos uma semana em pleno uso de seu entendimento!

Que terror não o assaltará ao pensar: Esta manhã estou ainda vivo; hoje de tarde já estarei talvez morto! Hoje estou ainda neste quarto; amanhã estará meu corpo na sepultura! E minha alma, onde estará?

Que espanto se apoderará dele ao ver que se lhe traz a vela! quando sentir o suor frio em sua fronte; quando ouvir que se diz aos parentes que saiam do quarto e não voltem mais! quando sua vista se obscurecer e, pouco a pouco, tornar-se escuro ao redor de si! Que assombro quando se acender a vela, por estar já próxima a morte. O' vela, quantas verdades revelarás naquela hora! quão diferentes d'agora hão de aparecer à tua luz as coisas. Quão claramente farás o moribundo ver que todos os bens deste mundo são só vaidade, loucura e mentira. Mas que adiantará conhecer essas verdades quando não houver mais tempo de se aproveitar delas?

5. Representa-te, em quinto lugar, a morte como já realizada há algum tempo. "Dirige-te ao sepulcro e chora, à vista do que lá se te oferece", diz S. João Crisóstomo (Ad Theod. paraen. 1). Primeiramente, torna-se o cadáver amarelo, em seguida preto. Depois irrompe dele um nojento humor mucoso e corre pela terra. A podridão gera em breve uma multidão de vermes. As diversas partes do corpo, as faces, os lábios, os cabelos, desprendem-se e caem. Primeiro ficam as costelas descarnadas, depois os braços e as pernas. Finalmente, nada mais resta do corpo do que um horrível esqueleto que, com o tempo, se decompõe, separando-se os ossos uns dos outros e a cabeça do tronco. Eis o que é o homem: um pouco de pó em uma eira que o vento dissipa.

Como fostes prudentes, ó santos, que soubestes mortificar vossos corpos por amor de Deus a quem amastes ùnicamente aqui na terra. Agora vossos ossos são conservados e venerados como santas relíquias, em relicários de ouro, enquanto que vossas almas gozam de Deus e esperam pelo dia do juízo, em que vossos corpos participarão da glória eterna, como aqui na terra participaram dos vossos sofrimentos. Sim, nisso consiste o verdadeiro amor ao corpo, em carregá-lo com a cruz neste mundo, para que se torne eternamente feliz, em negar-lhe aqueles prazeres que o tornarão eternamente infeliz na eternidade.

6. Considera, em sexto lugar, que a morte é aquele momento que decide da eternidade. Oh! quão importante é esse último instante, essa última respiração, esse último cair do pano no palco deste mundo! Trata-se de uma vida eternamente feliz ou eternamente desgraçada.

Ponderemos que Jesus Cristo quis padecer uma morte tão amarga e ignominiosa para nos preparar uma boa morte. Se Jesus Cristo nos convida tantas vezes, tantas vezes nos envia sua luz, nos ameaça com tantos castigos, é ùnicamente para que procuremos nos achar na graça de Deus nesse último momento.

Se crês, alma cristã, que todos devem morrer, que há uma eternidade, que se morre um única vez e que, errando-se esse passo, não existe mais esperança de reparar a falta — certamente farás o firme propósito de fazer tudo o que puderes para te assegurar uma

boa morte. E' para admirar o temor que incutia aos Santos o pensamento da eternidade. O Pe. Paulo Ségneri tremia a esse pensamento e perguntava, todo angustiado, a seu confessor: "Que pensais, meu Padre, salvar-me-ei?" S. André Avelino dizia também, com muitas lágrimas: "Quem sabe se eu me salvarei?" S. Luís Bertrand era tão atormentado por esse pensamento que, uma vez, saltou, de noite, da cama e exclamou, chorando: "Ah! quem sabe se eu não me perderei?"

§ II. Resoluções que se devem tomar em relação à morte

I. Primeira resolução. Quero fazer agora o que dificilmente poderei fazer na hora de minha morte, isto é, quero converter-me, fazer penitência e pôr em ordem minha consciência.

Foi um ato meritório de Abraão ter esperado em Deus contra toda esperança, crendo nas promessas divinas. Os pecadores, ao contrário, tornam-se réus de uma grande culpa e enganam-se miseràvelmente, esperando não só contra a esperança, mas também contra a fé, chegando até a desprezar as ameaças que Nosso Senhor pronunciou contra os obstinados. Não querem ter uma morte má, mas não têm escrúpulos de levar uma vida má. Quem lhes dá a certeza de que um raio, um ataque de apoplexia ou uma hemorragia ponha termo a seus dias? E se, afinal, ainda tiverem tempo de se converterem na hora da morte, quem lhes assegura que, de fato, se converterão? S. Agostinho teve de combater doze anos para vencer seus maus hábitos. Como se converterá então verdadeiramente um moribundo que sempre teve a consciência manchada, no meio das dores, da perturbação da cabeça e das angústias da agonia? Digo: verdadeiramente, porque não basta então fazer protestos e propósitos, mas é preciso fazê-los de coração.

Indo um cortesão de Carlos V despedir-se dele para viver ùnicamente para Deus, perguntou-lhe o imperador por que abandonava a corte. O cortesão respondeu: Porque, necessàriamente, deve haver um intervalo, um tempo de penitência, entre a vida desregrada e a morte. S. Antônio tremia, na sua morte, e, perguntado pela razão, respondeu a seus discípulos: "Meus filhos, este tremor não é novo para mim; durante toda a minha vida eu o tive incessantemente". Mais que todos tremia Job (31, 14), que dizia: "Que farei quando Deus se erguer para julgar-me; e quando ele interrogar, que hei de responder?"

Por que tremiam os Santos? Porque temiam não ter satisfeito aqui na terra a justiça divina. Esse temor fez o Beato Pe. João d'Ávila exclamar, quando se lhe anunciou sua próxima morte: "Ah! tivesse eu ainda um pouco de tempo para preparar-me à morte".

Nosso Senhor não diz que devemos nos preparar quando vier a morte, mas devemos então estar preparados. Na hora da morte, nesse tempo de inquietação e perturbação, é quase impossível pôr em ordem a consciência.

Desde que é certo que hás de morrer, lança-te aos pés de Jesus Crucificado, e agradece-lhe o tempo que te concede, em sua mise-

ricórdia, para que trates da salvação de tua alma. Percorre então todos os erros de tua vida inteira, particularmente de tua mocidade. Lança um olhar nos mandamentos da lei de Deus e considera como cumpriste com teus deveres; escreve tuas faltas e faze uma confissão geral de toda a tua vida, caso não a tenhas ainda feito. Oh! como a confissão geral é própria para pôr em ordem a vida de um cristão. Considera-a como um balanço para a eternidade e faze-a tão bem como se tivesses de declarar teus pecados diante do tribunal de Jesus Cristo. Purifica teu coração de todo o sentimento malévolo e de todo o rancor; apressa-te, já agora, a reparar tudo, até a menor falta que cometeste contra a propriedade alheia, a fama e honra do próximo, os escândalos que deste, etc., de tal modo, que não tenhas, mais tarde, a menor inquietação a esse respeito. Resolve-te também a evitar cuidadosamente todas as ocasiões perigosas, em que poderias perder a graça de Deus. Pondera que aquilo que te parece agora difícil, no momento da morte te parecerá impossível.

II, Segunda resolução. Quero fazer agora o que desejarei ter feito na hora da minha morte, isto é, quero aproveitar-me de todo o meu tempo para assegurar-me um tesouro no céu e procurar-me alegrias lá em cima.

1. "Faze com presteza tudo o que pode fazer a tua mão", diz o Espírito Santo (Ecli 9, 10). Não adies para amanhã o que puderes fazer hoje, porque o dia de hoje passa e não torna mais; amanhã, porém, poderá vir a morte, que te impedirá toda e qualquer atividade. Oh! como é precioso o tempo! S. Bernardino de Sena diz que cada momento do tempo vale tanto como Deus mesmo, porque o homem, em cada instante, por um ato de amor ou contrição perfeita, pode alcançar a graça de Deus e a bem-aventurança eterna.

O tempo é um tesouro que só na vida presente está à nossa disposição; não o encontramos na outra vida, nem no céu nem no inferno. No inferno os condenados clamam: "Oh! se eu tivesse uma só hora de tempo!" Estariam prontos a comprar por qualquer preço uma só hora, na qual se pudessem livrar da perdição eterna; essa hora, porém, nunca mais lhes será concedida.

No céu não há mais lágrimas, mas se os Santos pudessem chorar, o fariam por terem perdido algum tempo nesta vida, no qual poderiam ter alcançado uma glória muito maior, ao passo que agora não têm mais tempo para isso.

E tu, alma cristã, em que empregas teu tempo? Por que deixas sempre para amanhã o que podes fazer hoje? A venerável Irmã Joana da SS. Trindade, carmelita, costumava dizer que na vida dos Santos não há amanhã: um dia de amanhã só há na vida dos pecadores, que dizem sempre: Mais tarde, mais tarde. Se, pois, empregaste teu tempo para tua infelicidade em ofender a Deus, procura, durante os dias que te restam de vida, reparar tudo isso. Deus deixa-te a vida para que "redimas o tempo perdido" (Ef 5, 16). E isso se faz, segundo S. Anselmo, praticando o que até agora deixaste de praticar.

Se não tivéssemos outro motivo para aproveitar bem o tempo, já bastaria para isso o pensamento de que poderemos aumentar, em cada momento, a nossa felicidade eterna. Oh! com que alegria não es-

pera a morte quem se acha na graça de Deus e pode esperar ver em breve a Jesus Cristo e ouvir de sua boca as palavras: "Eia, servo bom e fiel, porque foste fiel no pouco constituir-te-ei sobre o muito" (Mt 25, 21). Que consolação imensa experimentará então o moribundo, por ter praticado a penitência, a oração, o desapego dos bens terrenos. Por todas as suas boas obras será imensamente recompensado. "Dizei ao justo que ele está bem porque comerá o fruto de suas obras" (Is 3, 10).

2. Procuremos igualmente arranjar-nos amigos no céu, que nos assistam à hora de nossa morte. Tenhamos, para esse fim, uma devoção especial a S. Miguel, a S. José e à Santíssima Virgem. S. Miguel foi encarregado por Deus de auxiliar às almas que passam desta vida para a eternidade. A Igreja nos exorta, por isso, a suplicar-lhe que venha em nosso socorro no grande combate que devemos travar com o demônio, na hora da morte. S. José teve a felicidade de morrer nos braços de Jesus e Maria. Os que o veneram podem esperar que ele os venha assistir na última hora, em companhia de Jesus e Maria. E a Santíssima Virgem! Que consolação não trará ela ao moribundo. Com razão ela é chamada: Virgem fiel. Com que fidelidade não vem ela consolar seus devotos na sua última hora.

O Pe. Binetti narra que um devoto servo de Maria disse-lhe, ao morrer: Se soubesses que contentamento se experimenta na morte por se ter esforçado a bem servir, durante a vida, a Santíssima Virgem, ficarias cheio de admiração e inundado de consolação. Não te posso dizer que alegria sinto eu agora em meu coração.

Finalmente, se alguém ama ternamente a Jesus Cristo, se o visita a miúdo no SS. Sacramento e o recebe na santa comunhão, que alegria não há de sentir ao ver que seu Senhor e Salvador vem a ele em viático para acompanhá-lo na viagem para a eternidade. Feliz de quem puder exclamar então com S. Filipe Néri: "Eis aí o amor de meu coração. Eis aí o meu amor. Dai-me o meu amor".

III. Terceira resolução: Quero fazer já agora o que há de dar-se necessàriamente na minha morte, isto é, quero desprender-me de tudo, resistir às tentações e receber a morte com toda a resignação.

1. "Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor", diz-se no Apocalipse (14, 13). Segundo S. Ambrósio, morrem no Senhor os que, à hora da morte, já morreram ao mundo, isto é, que estão desapegados de todos os bens que a morte lhes há de arrancar, queiram eles ou não. Para morrer em paz é muito útil que se ponham em ordem, nos dias de saúde, seus negócios temporais, diz S. Agostinho, dispondo dos bens que se tem de deixar, porque na morte pode-se então ocupar-se ùnicamente em unir-se estreitamente a Deus. Quanto seria para desejar que, naquela hora, só se falasse de Deus e do céu. Esses últimos momentos são por demais preciosos para os desperdiçarmos com pensamentos mundanos. Na morte se conclui a coroa dos escolhidos, porque então se colhem os maiores merecimentos, recebendo com resignação e amor os sofrimentos e a própria morte.

2. Além disso, devemos nos empenhar, a todo o tempo, a combater as tentações, para que, na nossa morte, as vençamos completamente.

Grandes angústias nos esperam no leito mortuário: os remorsos por causa de nossos pecados, o temor do próximo juízo, a incerteza de nossa salvação eterna, tudo isso se une para nos atormentar. Nesse momento decisivo o inferno emprega todos os esforços para se apoderar da alma que deve entrar na eternidade, pois ele sabe que pouco tempo lhe resta e que, perdendo a alma nesse momento, nunca mais se apoderará dela. Por isso não vem só aquele demônio que a costumava tentar durante a vida, mas muitos outros em sua companhia e auxílio e "a casa ficará cheia de dragões" (Is. 13, 21), que coligarão seus esforços para precipitar a alma na perdição.

Ora, se as tentações, na hora da morte, são tão fortes, como poderá resistir-lhes aquêle que estava acostumado a ceder sempre a elas e a deixar-se vencer? O que não se faz quando se tem saúde, dificilmente se poderá praticar na morte. Estando para morrer a grande serva de Deus, Catarina de S. Alberto, suspirou e disse: Minhas irmãs, não suspiro por medo da morte, porque já a espero há vinte e cinco anos; suspiro porque vejo tantos homens obcecados, que passam sua vida no pecado e esperam pelo momento da morte para se reconciliarem com Deus, enquanto que eu só com custo posso pronunciar, neste momento, o santo nome de Jesus. Feliz daquele que tem o costume de rezar logo que vem a tentação. Para esse a morte será o fim das tribulações, o complemento da vitória e a porta do paraíso, pois "Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima do que podeis", diz o Apóstolo (1 Cor 10, 13).

3. Finalmente, devemos receber já agora, com inteira resignação, das mãos de Deus, nossa morte futura. O piedoso Abade Blósio afirma (Dial., l. 3, c. 16) que quem, na morte, faz um ato de resignação perfeita na vontade de Deus, será preservado não só do inferno, mas até do purgatório, mesmo que tenha cometido todos os pecados possíveis. Segundo S. Tomás (II-II, q. 124, a. 5), quem sofre a morte para praticar um ato de virtude, é um mártir. Donde se segue que se tem o merecimento do martírio não só quando se sacrifica a vida pela fé, às mãos do carrasco, mas também quando se recebe de boa mente a morte para cumprir com a vontade de Deus e agradar ao Senhor. E' este um ato de virtude sumamente grande, porque então dá-se a si mesmo a Deus sem reserva.

Pois que todos nós devemos pagar a dívida da morte, procuremos na oração submeter-nos à vontade de Deus e receber de boa vontade a morte quando aprouver ao Senhor chamar-nos deste mundo. Todas as vezes que fizermos esse ato de resignação, com sinceridade, alcançaremos um merecimento semelhante ao dos mártires, que sacrificaram sua vida por Jesus Cristo.

Quem morrer com perfeita resignação na vontade de Deus, será salvo com toda a certeza. Essa resignação na morte, porém, só a terá aquele que se empenhou, durante a vida, em estar sempre unido à vontade de Deus. Procuremos, por isso, guardar sempre a conformidade com a vontade de Deus e repitamos muitas vezes as palavras que nos ensinou o divino Salvador: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu"

De resto, como poderá um cristão, que ama a Deus e tem a certeza moral de se achar na sua graça, ter o desejo de viver mais tempo neste vale de lágrimas, onde encontra continuamente tribulações, angústias de consciência e perigos para a sua salvação? Como é possível que um tal não deseje ardentemente unir-se a Deus na bem-aventurança eterna, onde não correrá mais perigo de separar-se de seu sumo bem? Almas que amam a Deus suspiram incessantemente pelo céu enquanto aqui vivem e exclamam com David (Sl 119, 1): "Ai de mim, que tanto se prolonga o meu desterro!" "Venha a nós o vosso reino". "Apressai-vos, Senhor, apressai-vos em receber-nos em vosso reino".

E' certo que, sem uma revelação divina, ninguém pode afirmar com absoluta certeza que se acha na amizade de Deus; porém, de diversos sinais se pode deduzir isso com certeza moral. Conforme as palavras de um Santo Padre, podemos estar certos do perdão de nossos pecados quando podemos dizer em verdade: "Tenho aborrecido e abominado a iniquidade" (Sl 118, 163).

Uma prova também segura da amizade de Deus é se alguém, depois do pecado, leva por longo tempo uma vida devota. Como um sinal todo especial do estado de graça se deve considerar a firme resolução de querer antes morrer que perder a amizade de Deus; o ardente desejo de amar a Deus e de vê-lo amado por outros, como a dor que se sente quando Deus é ofendido.

Um certo temor da morte é, apesar disso, comum a todos; enquanto, porém, que nos pecadores o temor se transforma em desespero, nos santos se transforma em confiança. Assim temia também, no princípio, S. Hilarião; mas logo depois exclamou, alegremente: "Parte, minha alma, que temes? serviste a Jesus Cristo quase setenta anos e temes a morte?" Ele queria dizer: Minha alma, que tens a temer, depois de teres servido a um Deus que é fiel e não pode abandonar os que o serviram fielmente durante sua vida?

§ III. Afetos piedosos em vista da hora da morte

Um Anjo revelou a S. Liduína que a coroa que a esperava no céu, em vista de seus merecimentos, seria concluída pelos sofrimentos que tinha de suportar nos últimos dias de sua vida. O mesmo se dá com todas as outras almas devotas. Todos os bons atos dos que morrem na amizade de Deus são certamente muito meritórios; contudo, são particularmente meritórios aqueles com que se recebe com inteira resignação das mãos de Deus a morte e todos os sofrimentos que a acompanharem.

Por esse motivo porei aqui alguns pios afetos, cuja recitação será muito agradável a Deus na hora da morte e que, por isso, são muito recomendáveis como preparação para a morte.

1. Protestação para a hora da morte

Meu Deus, prostrado diante de vossa face, eu vos adoro e faço a seguinte protestação, como se agora tivesse de deixar esta vida para entrar na eternidade.

Meu Deus, porque vós sois a Verdade infalível e pela Santa Igreja me falastes, eu creio na Santíssima Trindade; eu creio que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus em três pessoas, que recompensa na eternidade os justos com o céu, e castiga os pecadores com o inferno. Creio que a segunda Pessoa, o Filho de Deus, se fez homem e morreu numa cruz para salvar os homens; creio tudo o mais que ensina a Santa Igreja a crer.

Meu Deus, confiado em vossas promessas, espero de vossa misericórdia, não por meus merecimentos próprios, mas pelos méritos de Jesus Cristo, meu divino Salvador, o perdão de meus pecados, a perseverança na vossa graça e a glória eterna no paraíso, depois desta vida meserável. E se o demônio, na hora de minha morte, procurar lançar-me na desesperação, por causa de meus pecados, protesto que quero sempre esperar em vós, Senhor, e que quero morrer lançando-me nos braços de vossa amorosa bondade.

O' Deus, digno de um infinito amor, amo-vos mais que a mim mesmo e protesto que quero morrer em um ato de amor para continuar a amar-vos eternamente no céu. Só para esse fim, para poder amar-vos por toda a eternidade, peço-vos o céu e o desejo. E se antes, em vez de vos amar, desprezei vossa bondade infinita, arrependo-me de todo o coração e protesto que quero morrer com lágrimas de contrição e nunca mais deixarei de chorar as ofensas que vos fiz. Proponho, no futuro, antes morrer do que tornar novamente a pecar. Por amor de vós perdoo também a todos que me ofenderam alguma vez.

De vossas mãos, Senhor, aceito a morte com todas as dores que a devem acompanhar. Uno-a às dores e morte de Jesus Cristo e vo-la ofereço para reconhecer vosso supremo domínio e prestar uma satisfação pelos meus pecados. Aceitai este sacrifício, que vos ofereço de boa vontade e que eu uno àquele grande sacrifício que vosso Filho divino vos ofereceu em própria pessoa na ara da cruz. Já agora entrego-me completamente a respeito de minha morte à vossa santa vontade e protesto que quero morrer com as palavras: Senhor, faça-se sempre a vossa vontade!

Santíssima Virgem Maria, minha Protetora e Mãe, depois de Deus, sois vós e sereis sempre vós minha esperança e minha consolação na hora de minha morte; já agora recorro a vós e suplico-vos que me assistais na minha viagem para a eternidade. O' minha amada Rainha, não me abandoneis naquele último instante; vinde, então, para tomar convosco minha alma e apresentá-la a vosso divino Filho. Já vos espero de antemão e quero morrer debaixo de vosso manto e prostrado a vossos pés.

S. José, S. Miguel Arcanjo, Santo Anjo de minha guarda, Santos Padroeiros meus, vinde em meu auxílio naquele último combate com o inferno.

E vós, meu Amor crucificado, meu Jesus, vós que, para me livrardes de uma morte desgraçada, quisestes ter uma morte tão amarga, lembrai-vos então que eu sou uma daquelas ovelhas que resgatastes com vosso precioso sangue. Quando todos os homens do mundo me abandonarem e ninguém puder mais auxiliar-me, só vós me podereis então consolar e salvar. Fazei-me então digno de receber-

vos em viático. Não permitais que vos perca para sempre e seja lançado eternamente longe de vós, no inferno. Não, meu amado Salvador, recebei-me então em vossas santas chagas; abraço-vos já agora e quero exalar minha alma e dar meu último suspiro na amorosa chaga de vosso lado, dizendo já agora, com vistas àquele momento:

Jesus, Maria, José, eu vos dou meu coração e minha alma!

Jesus, Maria, José, recebei, na minha morte, a minha pobre alma!

2. Atos de resignação na morte

O' meu Jesus, eu vos ofereço minha vida e estou pronto a morrer quando vos aprouver. Seja feita a vossa vontade.

Senhor, se vos aprouver deixar-me ainda algum tempo aqui na terra, seja bendito o vosso nome. Não desejo, porém, que minha vida se prolongue se eu a não empregar toda em vos agradar e amar. Se for vossa vontade que eu morra desta ou daquela enfermidade, que seja vosso nome igualmente louvado. Aceito a morte para cumprir a minha hora derradeira. "Tende compaixão de mim, ó Deus, segundo a vossa grande misericórdia".

Se quereis, pois, que eu deixe a terra, protesto que quero morrer, porque essa é a vossa vontade.

Quero também morrer para satisfazer, por meio das angústias e amarguras de minha morte, a vossa divina justiça, pelos muitos pecados com que vos ofendi e mereci o inferno.

Quero igualmente morrer para que não possa mais ofender-vos e desagradar-vos.

Quero morrer para vos mostrar minha gratidão pelos muitos benefícios e provas de amor que me tendes dado, apesar de minha indignidade.

Quero morrer para mostrar que, mais que a minha vida, amo a vossa vontade.

Quero, se vos aprouver, morrer agora; sim, agora, que espero achar-me em vossa graça; desejo isso para estar seguro de vos louvar e honrar por toda a eternidade.

Quero, antes de tudo, morrer para vos amar eternamente e com todas as forças, lá no céu, onde espero chegar em virtude de vosso sangue, ó meu Salvador, e onde estarei seguro de sempre vos amar.

Meu Jesus, por amor de mim quisestes sofrer a morte na cruz; vede, eu também aceito a morte, com todos os sofrimentos que me esperam na minha última hora, por amor de vós, e digo, com S. Francisco: "Morrerei, Senhor, por amor de vós, que quisestes morrer por amor de mim".

O' meu Redentor, meu Amor, meu único Bem, eu vos suplico por vossas santas chagas e por vossa morte dolorosa: Fazei-me morrer na vossa graça e no vosso amor.

O' Jesus, meu Salvador, eu vos suplico em especial, pelas dores que sentistes quando vossa alma santíssima se separou de vosso corpo adorável: recebei minha alma benèvolamente quando ela deixar meu corpo.

O' Mãe de Deus, Santíssima Virgem Maria, rogai a Jesus por mim; no momento da morte necessito, de um modo especial, de vosso auxílio.

O' Maria, Mãe da graça, Mãe de misericórdia, protegei-nos contra o inimigo e recebei-nos na hora da morte. Sob o vosso patrocínio nos acolhemos, ó Santa Mãe de Deus! Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores.

O' S. José, meu Pai amoroso, assisti-me nesse momento decisivo.

S. Miguel Arcanjo, livrai-me dos maus espíritos, que armam ciladas à minha alma.

Meus Santos Padroeiros e todos os Santos do céu, rogai a Deus por mim. — Amém.

Viva Jesus, meu amor, e Maria, minha esperança!

Omnia ex Amore Jesu et Mariæ.

ÍNDICE

Prólogo 5

INTRODUÇÃO

Cap. I. **Essência da perfeição**

§ I. A perfeição consiste no amor de Deus 9
§ II. A perfeição do amor divino consiste na conformidade com a vontade de Deus 11

Cap. II. **Felicidade que nos procura a perfeição**

§ I. A perfeição nos torna verdadeiramente felizes 16
§ II. A perfeição nos torna felizes na morte 19
§ III. A perfeição nos torna felizes na vida futura 22

Cap. III. **Tendência à perfeição**

§ I. Utilidade e necessidade dos santos desejos 26
§ II. Alguns conselhos a respeito da tendência à perfeição 30

I. PARTE

PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO

Cap. I. **Do pecado mortal**

§ I. O pecado mortal e a perfeição 35
§ II. A malícia do pecado mortal 35
§ III. Desgraça do pecador 39
§ IV. Avisos práticos 43

Cap. II. **Da fugida da ocasião próxima**

§ I. Da obrigação de evitar as ocasiões perigosas 44
§ II. De algumas ocasiões que devemos evitar cuidadosamente 46
§ III. Fúteis objeções contra as sobreditas verdades 47

Cap. III. **Do ódio ao mundo**

§ I. O amor do mundo torna os homens insensatos 49
§ II. O amor do mundo faz os homens perseguidores de Jesus Cristo 53
§ III. O amor do mundo torna os homens infelizes 56
§ IV. Consequências práticas 59

Cap. IV. **Do pecado venial e da tibieza**

§ I. Malícia do pecado venial 60
§ II. Consequências do pecado venial 62
§ III. Estado de tibieza 66
§ IV. Meios contra a tibieza 66

Cap. V. Do combate às paixões

§ I. Da necessidade de combater as paixões 72
§ II. Meios para refrear nossas paixões 74

Cap. VI. Das tentações

§ I. Razões por que Deus permite que sejamos tentados 77
§ II. Meios para vencer as tentações 80
§ III. Outras regras para o tempo das tentações 81

Cap. VII. Dos escrúpulos e perturbações de consciência

§ I. Natureza e importância dos escrúpulos. Seus caracteres 84
§ II. Remédios contra os escrúpulos 85
§ III. Dos escrúpulos mais comuns 88
§ IV. Dos privilégios especiais dos escrupulosos 90
§ V. Avisos práticos 90

Cap. VIII. Do sacramento da penitência

§ I. Da utilidade da confissão frequente 92
§ II. Do exame de consciência, da contrição e do propósito 93
§ III. Da confissão 97
§ IV. Das dúvidas a respeito da confissão 103
§ V. Da satisfação 104

II. PARTE

DO EXERCÍCIO DAS VIRTUDES

Cap. I. Da fé

§ I. Da natureza e do grande valor da fé 107
§ II. Do sacrifício do entendimento que a fé exige 109
§ III. Como é razoável essa submissão do entendimento 110
§ IV. Da vida conforme os preceitos da fé 113
§ V. Máximas da fé dignas de frequente ponderação 116
§ VI. Avisos práticos para o exercício de uma fé viva 117

Cap. II. Da esperança

§ I. Dos objetos da esperança 118
1. Objeto principal: a bem-aventurança eterna ou posse de Deus 118
2. Dos objetos secundários: as graças necessárias para aquisição da salvação 119
a) Perdão dos nossos pecados 120
b) Vitória sobre as nossas tentações 122
c) A graça de uma boa morte 123
§ II. Dos motivos da nossa esperança 124
Primeiro motivo: as promessas de Deus 124
Segundo motivo: a vontade de Deus de salvar todos os homens 124
Terceiro motivo: os merecimentos de Jesus Cristo ... 125
Quarto motivo: a intercessão de nossa Mãe, Maria SS. 127

§ III. Das propriedades de nossa esperança 128
1) Nossa esperança deve ser firme e certa 128
2) Nossa esperança deve apoiar-se em Deus 129
3) Nossa esperança deve ser operosa 129
4) Nossa esperança deve ser animada pela caridade 131
§ IV. Dos efeitos da esperança 131
1) A esperança nos obtém tudo 131
2) A esperança vence tudo 132
3) A esperança conduz à perfeição 132
4) A esperança dulcifica tudo 133

Cap. III. **Do amor de Deus**

§ I. Da natureza e importância do amor de Deus 134
§ II. Da obrigação de amar a Deus 134
§ III. Meios para alcançar o amor de Deus 140
§ IV. Da maneira de exercer o amor de Deus 144
§ V. Sinais certos do amor de Deus 146
§ VI. Aspiração amorosa 151

Cap. IV. **Do amor do próximo**

§ I. Necessidade e excelência do amor do próximo 152
§ II. Da prática da caridade em pensamentos 153
§ III. Da prática da caridade em palavras 155
§ IV. Prática da caridade em obras 159
a) Do amor aos parentes 159
b) Da caridade para com os pobres 163
c) Da caridade para com os inimigos 164
d) Da caridade para com os pecadores 166
e) Da caridade para com os doentes 168
f) Da caridade para com os moribundos 169
g) Da caridade para com as almas do purgatório .. 173

Cap. V. **Da pobreza de espírito ou do desapego de tudo o que é criado**

§ I. Do desapego dos bens da terra 176
§ II. Do desapego das honras do mundo 180
§ III. Do desapego dos homens 182
§ IV. Do desapego de si mesmo 184

Cap. VI. **Da castidade**

§ I. Excelência da castidade 186
§ II. Da vigilância sobre os pensamentos 187
§ III. Da modéstia dos olhos 190
§ IV. Da guarda do coração 193
§ V. Da virgindade 199

Cap. VII. **Da obediência**

§ I. Do mérito da obediência 204
§ II. Da obediência dos filhos a seus pais 206
§ III. Da obediência dos criados a seus amos 207
§ IV. Da obediência ao diretor espiritual 208

Cap. VIII. **Da humildade e mansidão**

I. **Da humildade**

§ I. Da grande importância da humildade 212
§ II. Da humildade do entendimento 215
§ III. Da humildade da vontade 220

II. Da mansidão

§ I. Da grande importância da mansidão 228
§ II. Do exercício da mansidão 229
§ III. Meios contra a raiva 232

Cap. IX. Da mortificação

I. Da mortificação externa

§ I. Necessidade da mortificação externa 233
§ II. Salutares efeitos da mortificação externa 236
§ III. Prática da mortificação externa 238
I. Mortificação da vista 238
II. Mortificação do ouvido 238
III. Mortificação do olfato 239
IV. Mortificação do tato 239
V. Mortificação do paladar 239

II. Da mortificação interna

§ I. Da mortificação do amor-próprio 243
§ II. Da mortificação da vontade própria 247

Cap. X. Do recolhimento do espírito

§ I. Do amor à solidão 251
§ II. Do silêncio 256
§ III. Do andar na presença de Deus 259
a) Benéficos efeitos do andar na presença de Deus .. 259
b) Diversos modos de se pôr na presença de Deus .. 261

Cap. XI. Da oração

I. Da oração vocal

§ I. Excelência da oração vocal. Seus requisitos 267
§ II. Das fórmulas mais usuais da oração vocal 270
§ III. Das orações jaculatórias 273

II. Da oração mental

§ I. Necessidade da oração mental para alcançarmos a salvação 276
§ II. Da importância da oração mental para alcançarmos a perfeição 279
§ III. Dos diversos fins da oração mental 281
§ IV. Dos assuntos principais de meditação. Lugar e tempo da mesma 283
§ V. Método para fazer meditação 284
I. Preparação 284
II. Meditação 285
III. Conclusão 287
§ IV. Das provações na oração mental 287
I. Distrações 287
II. Secura de espírito 288

Cap. XII. Da paciência

§ I. Da paciência em geral 290
1) Os sofrimentos são um meio excelente de expiarmos os nossos pecados 291

2) Os sofrimentos são uma fonte de merecimentos .. 292
3) Os sofrimentos são um sinal de predestinação .. 292
4) Os sofrimentos nos desprendem das coisas terrenas 293
5) Os sofrimentos são a pedra de toque de nosso amor 293
6) Os sofrimentos fizeram a delícia dos santos 295
§ II. Da paciência nas enfermidades 296
§ III. Da paciência nas injúrias e perseguições 299
§ IV. Da paciência na desolação espiritual 300
§ V. Alguns ovisos a respeito do exercício da paciência ... 305

Cap. XIII. **Curto resumo das principais virtudes**

1) Fé 307
2) Esperança 307
3) Amor de Deus 308
4) Amor do próximo 309
5) Pobreza 310
6) Castidade 310
7) Obediência 311
8) Humildade e mansidão 312
9) Mortificação 313
10) Recolhimento de espírito 314
11) Oração 314
12) Paciência 315

III. PARTE

DOS CONSELHOS EVANGÉLICOS

Advertência 317

Cap. I. **Das prerrogativas do estado religioso** 318

Cap. II. **Da perfeição que se exige dos religiosos** 327

Cap. III. **Do voto de pobreza**

§ I. Noção e importância do voto de pobreza 332
§ II. Grande valor da santa pobreza 333
§ III. Caracteres da verdadeira pobreza 334
§ IV. Diferentes graus de pobreza perfeita 335

Cap. IV. **Do voto de castidade**

§ I. Excelência do voto de castidade 338
§ II. Da entrega incondicional de si que almas consagradas a Deus devem a seu Esposo 340

Cap. V. **Do voto de obediência**

§ I. Mérito do voto de obediência 343
§ II. Obediência aos superiores 344
§ III. Da obediência às Regras 346
§ IV. Dos quatro graus da obediência perfeita 350

Cap. VI. **Da perseverança no estado religioso** 355

IV. PARTE

DOS MEIOS E SUBSÍDIOS DA GRAÇA

Cap. I. Da prece

§ I. Necessidade da prece 363
§ II. Eficácia da prece 368
§ III. Propriedades da oração 373
I) Humildade na oração 374
II) Confiança na oração 376
1) Necessidade e eficácia da confiança 376
2) A oração do pecador 378
3) A oração pelos pecadores 381
4) A oração para alcançar bens temporais 383
5) A oração para alcançar bens espirituais 383
6) A oração para ver-se livre de tentações 384
III) Da perseverança na oração 384
1) A oração perseverante é necessária para nossa salvação 384
2) A oração perseverante é necessária para alcançar a perfeição 387

Cap. II. Da santa comunhão

§ I. Valor e efeitos da santa comunhão 388
§ II. Opinião da Igreja sobre a comunhão frequente 391
§ III. Preparação para a santa comunhão 392
§ IV. Da ação de graças depois da comunhão 394
§ V. Desculpas com as quais se procura fugir à comunhão frequente 395
§ VI. Exortação à comunhão frequente 398
§ VII. Da comunhão espiritual 399

Cap. III. Do santo sacrifício da missa

§ I. Grandeza do santo sacrifício da missa 400
I) Na santa missa é Jesus Cristo a vítima 400
II) Na santa missa é Jesus Cristo o oferente principal 401
III) A santa missa é uma representação e renovação do sacrifício da cruz 401
IV) A santa missa é o maior presente de Deus 402
§ II. Quadrúplice fim do santo sacrifício da missa 403
I) A santa missa é um sacrifício latrêutico 403
II) A santa missa é um sacrifício propiciatório 403
III) A santa missa é um sacrifício eucarístico 404
IV) A santa missa é um sacrifício impetratório 405

Cap. IV. Da visita ao SS. Sacramento

§ I. Uma devoção eminentemente santa 406
§ II. Uma devoção extraordinàriamente proveitosa 409
§ III. Uma devoção sumamente consoladora 410
§ IV. Uma devoção facílima 411

Cap. V. Da devoção à sagrada paixão

§ I. A meditação da paixão de Cristo esclarece nosso entendimento 413

I) A paixão de Cristo faz-nos conhecer a justiça e a misericórdia de Deus ... 413
II) A paixão de Cristo nos mostra o amor do Eterno Pai para com os homens ... 414
III) Por sua paixão Jesus Cristo dá a conhecer quanto ele nos ama ... 415
§ II. A meditação da paixão de Cristo nos enche de consolação ... 417
I) Nas nossas angústias ... 417
II) Nas nossas tribulações ... 417
III) Nas nossas enfermidades ... 418
IV) Na hora da nossa morte ... 419
§ III. A meditação da paixão de Cristo nos conduz à perfeição ... 419
I) A meditação da paixão de Cristo constitui a ciência dos santos ... 419
II) A meditação da paixão de Cristo inflama-nos no fogo do amor divino ... 420
III) A meditação da paixão de Cristo excita-nos à prática de todas as virtudes ... 421
§ IV. Avisos práticos ... 422

Cap. VI. **Da devoção ao Sagrado Coração de Jesus**

§ I. Fim e objeto desta devoção ... 424
§ II. Dos efeitos admiráveis desta devoção ... 426
I) A devoção ao Sagrado Coração nos leva à pureza de coração ... 426
II) A devoção ao Sagrado Coração promove a prática de todas as virtudes ... 427
I. Ela inflama nosso coração com santo amor 427
II. Ela nos oferece o mais belo modelo de todas as virtudes ... 428
a) Modelo de humildade e mansidão ... 428
b) Modelo de paciência ... 429
c) Modelo de pobreza e desapego ... 429
d) Modelo de amor ao próximo ... 429
III. Ela nos conduz à fonte de todas as graças 431

Cap. VII. **Da devoção ao Espírito Santo**

§ I. O Espírito Santo dirige-nos no caminho da justiça e santidade ... 433
§ II. O Espírito Santo promove o nosso adiantamento no caminho da virtude ... 434
§ III. O Espírito Santo nos assegura a perseverança no bem 436

Cap. VIII. **Da devoção à SS. Virgem**

§ I. Devemos ter uma devoção especial a Maria ... 440
§ II. Devemos recorrer com confiança a Maria ... 443
§ III. Devemos amar ternamente a Maria ... 449
§ IV. Devemos imitar as virtudes de Maria ... 451

Cap. IX. **Da devoção aos Anjos e aos Santos**

§ I. Importância da devoção aos Anjos e aos Santos ... 460
§ II. O culto dos santos Anjos ... 461
§ III. O culto do Arcanjo S. Miguel ... 462
§ IV. Devoção a S. José ... 464

Cap. X. Da leitura espiritual

§ I. Grande utilidade da leitura espiritual 468
§ II. Maneira de se fazer a leitura espiritual 472

Cap. XI. Da boa intenção

§ I. Noção da boa intenção 473
§ II. Suma importância da boa intenção 474
§ III. Caracteres da boa intenção 475
§ IV. Grande merecimento das menores obras feitas por Deus 476

Cap. XII. Da vocação

§ I. Da vocação em geral 478
§ II. Da vocação ao estado sacerdotal 480
§ III. Da vocação para o estado religioso 481

Cap. XIII. Dos retiros ou exercícios espirituais

§ I. Grande utilidade dos retiros espirituais 483
§ II. Instruções para o tempo do retiro 487

Cap. XIV. Da preparação para a morte

§ I. Considerações sobre a morte e as circunstâncias que a devem acompanhar 489
§ II. Resoluções que se devem tomar em relação à morte 493
§ III. Afetos piedosos em vista da hora da morte 497
1) Protestação para a hora da morte 497
2) Atos de resignação na morte 499